

COLETÂNEAS DA REPAM

VOLUME III



COLETÂNEAS DA REPAM - VOLUME 3

Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM-Brasil

Presidente

Dom Evaristo Pascoal Spengler

Vice-presidente

Dom Pedro Brito Guimarães

Secretário

Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira

Secretária Executiva

Irmã Maria Irene Lopes dos Santos

Coordenação e elaboração

Ir. Maria Irene Lopes dos Santos
Elisângela Barbosa

Projeto Gráfico e Diagramação

Raul Benevides

Imagens

Arquivos da REPAM-Brasil

Contato

www.repam.org.br

repambrasil@repam.org.br

ISBN 978-65-988024-1-7

SUMÁRIO

Informe Processo de consulta sinodal da Rede Eclesial Pan-Amazônica: Relatório das Escutas do Sínodo (2019)	4
Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral: Documento de Trabalho (Versão Popular)	18
Tríduo do Sínodo – Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral (2019)	78
Encontro dos Bispos da Amazônia Legal 2021	96
Revista Ecoteologia - Rios da Amazônia (2017)	134
Revista Ecoteologia - Ecoteologia e sinodalidade (2021)	210
Revista Ecoteologia - Ecoteologia Amazônica entre conflitos e resistências (2022) ..	291
Revista Ecoteologia - Ecoteologia Amazônica: ecos da esperança (2023)	333
Revista Ecoteologia - Ecoteologia Amazônica: ecos da vida (2024)	392
IV encontro da Igreja Católica na Amazônia Legal: 50 anos do encontro de Santarém 1972 – Memorial (2022)	428
Documento de Santarém 50 anos: Gratidão e Profecia (2022)	463
Prelazia de Itacoatiara - Decreto nº 006/2022: Dispõe sobre recebimento de recursos de terceiros (2022)	475
Banquete Guia Orientativo - Por uma Amazônia sem fome (2023)	476
Igreja que se fez carne, alarga sua tenda na Amazônia: Memória e Esperança	480

INFORME

PROCESSO DE CONSULTA SINODAL DA REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA – REPAM



Introducción

“O Sínodo dos Bispos também deve converter-se cada vez mais em um meio preferido de escuta do Povo de Deus: Peçamos primeiramente ao Espírito Santo o dom da escuta para os padres sinodais: escuta a Deus, até escutar com Ele o clamor do povo; escuta ao povo, até respirar nele a vontade para a qual Deus nos chama”. (EPISCOPALIS COMMUNIO – No. 6)

Asamblea Lethem - Guyana



Conforme o anúncio do Papa Francisco, no dia 15 de outubro de 2017 é convocada a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para refletir sobre o tema “Amazônia, Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”, a realizar-se em outubro de 2019. O principal objetivo deste Sínodo é “encontrar novos caminhos para a evangelização deste Povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também devido à crise da Floresta Amazônica, pulmão de importância capital para nosso planeta”. Para isso precisamos estar mais próximos. Queremos saber: Como imaginam seu “futuro sereno” e o “bem viver” das futuras gerações? Como podemos colaborar na construção de um mundo que deve romper com as estruturas que tiram a vida e com as mentalidades de colonização para então construir redes de solidariedade e interculturalidade? E, sobretudo, qual é a missão particular da Igreja hoje, diante desta realidade?

À REPAM foi confiado formalmente o apoio à Secretaria do Sínodo e ao Conselho Pré-Sinodal, presidido pelo Papa Francisco, no processo de escuta ativa e direta em toda a extensão do território Pan-Amazônico, no levantamento adequado da informação para ajudar na elaboração do Documento Preparatório (Lineamenta) e do Documento de Trabalho (Instrumentum Laboris), que foi elaborado considerando as diversas contribuições recebidas durante o processo de escuta, e para animar a maior participação possível dos diversos atores da Amazônia.

Por meio deste documento e da Secretaria Executiva da REPAM, ***queremos agradecer profundamente a cada uma das mãos das REPAMs Nacionais, Eixos e outras instâncias e grupos eclesiais e afins, que representam tantas pessoas em toda a Pan-Amazônia***, por assumir o chamado à consulta sinodal territorial. Sobretudo, às pessoas que formaram as equipes locais nas jurisdições eclesiais e REPAMs Nacionais, aos/as sistematizadores/as, aos Bispos, às instituições animadoras em cada um dos países e a todos/as os/as participantes que, com seu testemunho de vida, sentimentos e sonhos, expressaram suas esperanças e expectativas e puseram-nas na mesa da comunhão neste processo de escuta sinodal.

“A cada um/a de vocês que colaboraram neste processo que aspira a alcançar um sonho maior, àqueles/as que assumiram bravamente a missão de gerar todos os espaços de escuta sinodal solicitados, lhes expressamos um agradecimento profundo”

O presente informe recolhe os detalhes sobre como se desenvolveu o processo de consulta sinodal animado pela REPAM nos 9 países da Pan-Amazônia e, sobretudo, apresenta os próximos passos que consideramos essenciais para continuar tecendo rede como Igreja na Pan-Amazônia.

1. CAMINHO PERCORRIDO

1.1. Fases que já realizamos:

Nós estamos
AQUI

FASE PREPARATÓRIA

**Dez/2017 –
Abril/2018**

- Constituição da Comissão Pré-Sinodal e Assessores Especializados.
- Elaboração do Documento Preparatório/Questionário.
- Aval do Processo de Consulta da REPAM como canal oficial com a Secretaria do Sínodo.

FASE DE CONSULTA SINODAL

**Junho/2018 –
Abril/2019**

- Dois canais: 1) As 7 Conferências Episcopais correspondentes aos 9 países e 2) Estratégia de consulta territorial a partir da REPAM.
- Fevereiro: Sistematização de todas as contribuições da REPAM e das Conferências Episcopais e entrega à Secretaria do Sínodo.
- Elaboração do Instrumentum Laboris.

SÍNODO

**Outubro/2019, no
Vaticano**

- Espaço formal no qual os Padres Sinodais (sobretudo os Bispos), Auditores e convidados revisam e refletem o Instrumentum Laboris e votam as conclusões finais.
- Elaboração do Documento Final do Sínodo.

POS-SÍNODO

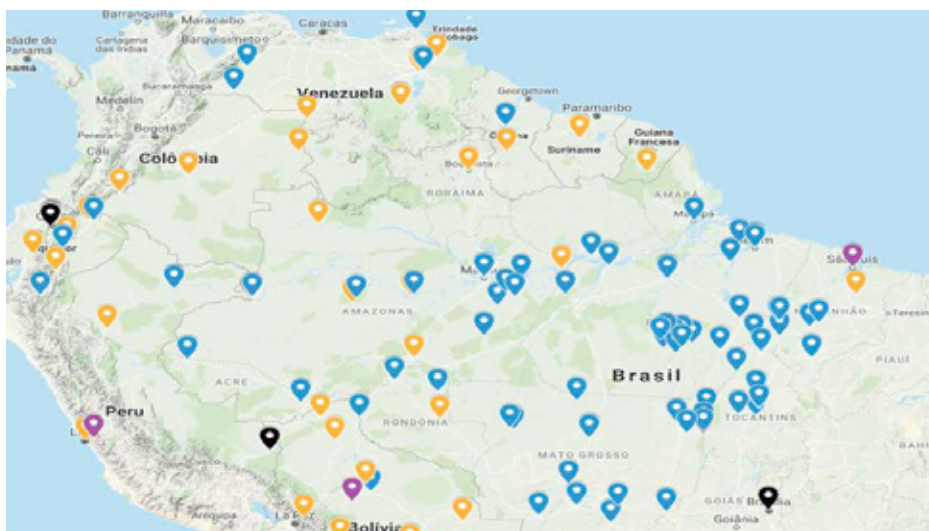
Novembro/2019

- Ações de continuidade e apropriação da possível Exortação Apostólica sobre o Sínodo da Amazônia.

2. PROCESSO DE CONSULTA SINODAL: QUEM PARTICIPOU?

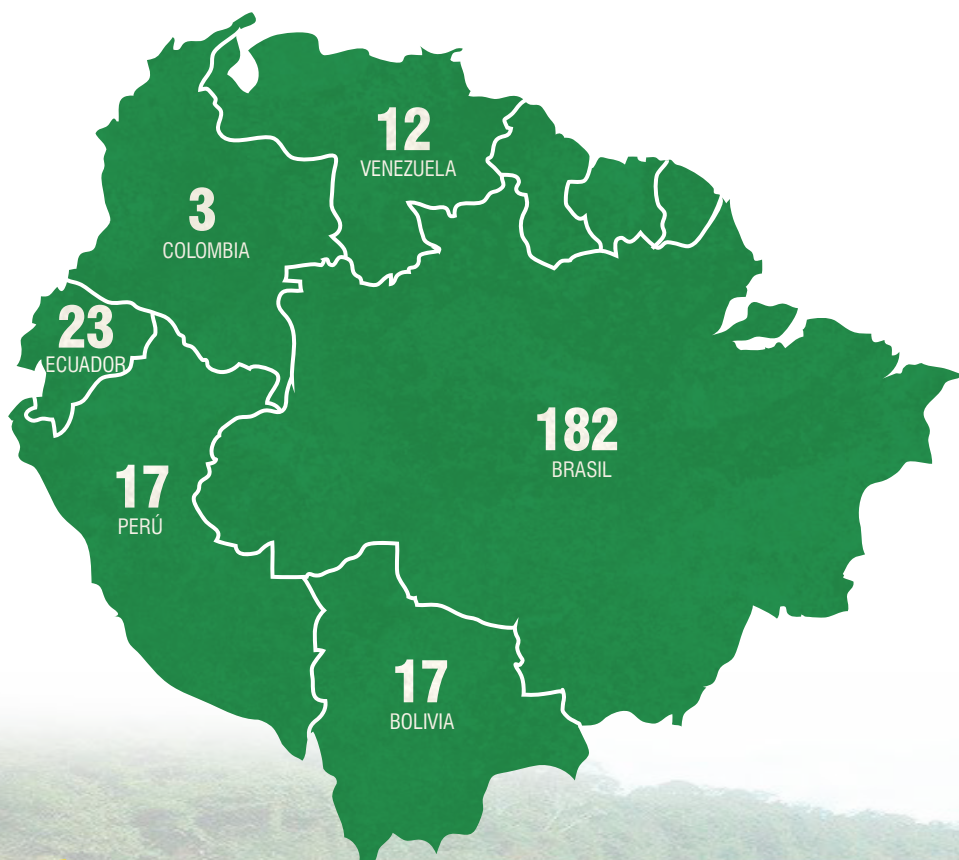
Desenvolvemos como REPAM uma estratégia com os membros dos eixos de trabalho e as redes nacionais para identificar três níveis de consulta sinodal. No planejamento inicial foram definidos 50 encontros: 40 Assembleias Territoriais Sinodais, 8 Fóruns Temáticos Pan-Amazônicos e 2 Fóruns Internacionais. No entanto, o processo desencadeou a realização de quase o quádruplo de atividades planejadas. Inicialmente haviam sido definidas Assembleias Territoriais Sinodais e Fóruns Temáticos; entretanto, as considerações dos países levaram à criação de dois outros espaços de escuta: Fóruns Temáticos Nacionais e Rodas de conversa.

2.1. Atividades realizadas por países:



ASSEMBLEIAS	6	24	8	12	-	1	3	3	1
FÓRUNS	-	7	1	2	-	-	3	-	-
RODAS DE CONVERSA	6	151	8	9	1	2	11	-	-

2.2. Informes recebidos



2.3. Colaborando para uma Igreja mais sinodal no mundo

O processo de consulta sinodal conduzido pela REPAM superou as fronteiras geográficas do bioma Pan-Amazônico e realizou eventos nos quais se recolheram contribuições e reflexões regionais da América Latina em Honduras (Assembleia da Cáritas), Alemanha, Estados Unidos e Roma. Estas atividades confirmam que o Sínodo Amazônico convida a um diálogo em nível mundial para a corresponsabilidade no cuidado da casa comum e para a busca de novos caminhos para a Igreja.

Lugares onde
foram realizadas as
atividades de
Escuta Sinodal
organizadas pela
REPAM





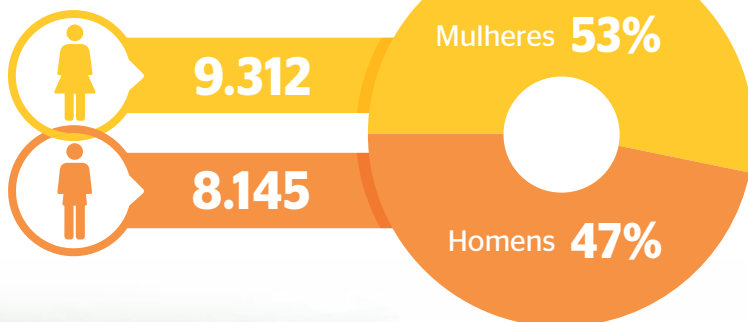
Assembleia Zamora – Equador

2.4. Quem participou da Consulta Sinodal animada pela REPAM?¹



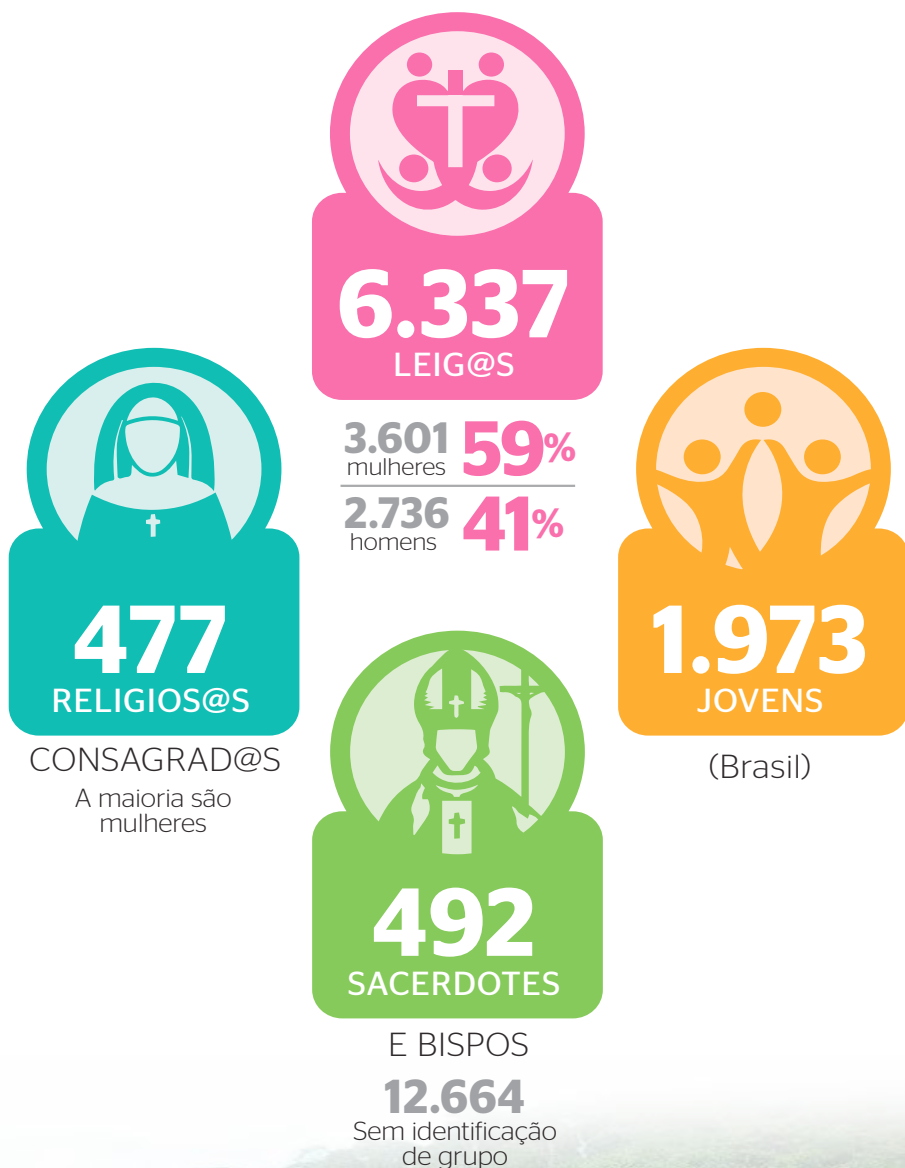
21.943

participantes de
266 informes



1- O número foi calculado considerando os 266 informes enviados, nos quais se indicava a descrição da população participante da atividade de consulta. Nem todos os informes continham a informação sobre o sexo, por isso o número somado de homens e mulheres não corresponde ao total de participantes registrados.

Foi possível identificar as seguintes características no grupo total de participantes:²



2 - Esta caracterização foi possível graças aos informes enviados com informações sobre o perfil dos participantes, mas nem todos os 266 informes recebidos incluíram esta informação. O total deste infográfico é baseado no número total de leigos e leigas: 6.337 participantes.

Entretanto, foi possível fazer uma estimativa de todas as pessoas que, mesmo não tendo participado dos espaços formais de escuta, participaram dos espaços preparatórios em suas comunidades, aldeias ou paróquias e que, segundo registro dos bispos, chegou pelo menos a

65.000

Outras pessoas

86.943

Total aproximado
de participantes



Assembleia Territorial do Maranhão – São Luís/MA



Trabalho em grupo na Paróquia Mojos,
Reyes – Bolívia



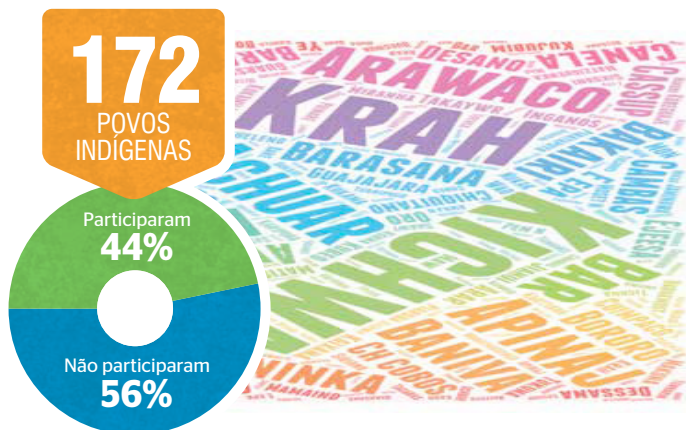
Assembleia em Florencia – Colômbia



Assembleia em Iquitos – Peru

2.5. Participação dos representantes dos Povos Indígenas

A partir dos informes recebidos, registrou-se a participação de lideranças dos povos originários que representaram 172 povos diferentes da região Pan-Amazônica. Isso representa 44% do total de povos indígenas da região, tendo em vista a informação do documento preparatório do Sínodo, que menciona a existência de 390 povos na Pan-Amazônia.

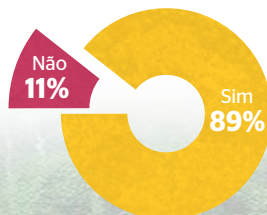


2.6. Participação de outras populações da Pan-Amazônia:

- Moradores de centros urbanos e periferias
- Povos Indígenas
- Grupos de migrantes
- Ribeirinhos e ribeirinhas
- Camponeses e camponesas
- Quilombolas – Brasil
- Afrodescendentes: todos os países
- Quebradeiras de Coco
- Umbandistas
- Pescadores e pescadoras
- Famílias
- Jovens e Adolescentes
- Coletivos de mulheres
- Religiosos e religiosas
- Presbíteros – Sacerdotes
- Bispos
- Seringueiros/Seringueiras, Extrativistas

2.7. Participação do Episcopado da Pan-Amazônia:

Por meio dos informes apresentados, identificou-se que 89% dos membros do episcopado da Pan-Amazônia participou da realização do processo de consulta animado pela REPAM.



3. SISTEMATIZAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DA CONSULTA SINODAL

Em 14 de fevereiro de 2019 encerrou-se o recebimento dos informes e documentos da consulta sinodal e teve início o exercício de sistematização de todas as contribuições. Para isso foram realizadas as seguintes atividades:



Montou-se uma base de dados com as informações de 266 informes/contribuições.



Formou-se uma equipe interdisciplinar da REPAM e com especialistas para a Sistematização.



A Equipe se encontrou em Brasília e trabalhou durante 3 dias elaborando o primeiro informe com a síntese de todos os informes enviados.



Os especialistas da segunda etapa revisam todas as contribuições enviadas pela REPAM e Conferências Episcopais e começam a trabalhar no Instrumentum Laboris.



Em 28 de fevereiro foi entregue a Síntese de 200 páginas e cerca de 800 anexos à Secretaria Geral do Sínodo, em Roma.



O Conselho Pré-Sinodal e o grupo de especialistas se reúnem presencialmente em Roma, nos dias 13 e 14 de maio, para revisar a versão final do Instrumentum Laboris.



Finaliza-se o Instrumentum Laboris, documento sobre o qual os Padres Sinodais, Auditores, Especialistas e convidados trabalharão durante a fase final do Sínodo, no mês de outubro de 2019, na cidade de Roma.

4. CAMINHO ATÉ OUTUBRO DE 2019

Mesmo tendo terminado a fase de Consulta Sinodal, continuamos avançando com os seguintes passos:



5. O MAIS IMPORTANTE: O PÓS-SÍNODO

É aqui que acontecem as verdadeiras transformações e o caminho para nossa Igreja com Rosto Amazônico



Depois de tantos encontros, fóruns, eventos, sistematizações, equipes... O que vem agora?

Trabalharemos com as definições que virão da fase final do Sínodo, cuidaremos das sementes plantadas antes e durante o Sínodo, nas quais nos reconhecemos como uma Igreja mais sinodal, aberta e dialogante, buscando garantir um caminho compartilhado com todos os povos em sua grande diversidade, para responder às suas necessidades e gritos de maneira mais próxima e articulada, e apoiar as propostas dos povos e comunidades amazônicas, para continuar tecendo uma IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO.

Depois da Assembleia de outubro, é bastante provável que o Papa elabore uma carta (Exortação Pastoral) que estabeleça as orientações prioritárias e retome tudo o que foi vivido no processo sinodal, confirmando como Papa que nossa missão no território tem sido cheia de vida, e agora tem as forças renovadas e mais clareza.

Mas, em nós, em cada uma das pessoas que sentem o desejo de transformar sua realidade, de fortalecer uma Igreja profética na Amazônia, estará a possibilidade de colaborar para tornar realidade todas as propostas que apresentamos na fase de consulta sinodal, e assim poderemos assumir como Igreja Pan-Amazônica e como REPAM a tarefa de acompanhar os caminhos novos e necessários na Pan-Amazônia.

SÍNODO DOS BISPOS

**ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA
A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA**

AMAZÔNIA

**NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA
E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL**

**DOCUMENTO
DE TRABALHO**







Seguindo a proposta da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), o documento se estrutura com base nas três conversões às quais o Papa Francisco nos convida: a conversão pastoral, à qual nos chama por meio da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (ver-ouvir); a conversão ecológica, por meio da Encíclica *Laudato si'*, que orienta o rumo (julgar-agir); e a conversão à sinodalidade eclesial, mediante a Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*, que estrutura o caminhar juntos (julgar-agir).





*Instrumentum Laboris é fruto de um longo processo
que inclui a redação do Documento Preparatório
para o Sínodo, em junho de 2018, e uma ampla escuta
às comunidades amazônicas.*

A evangelização na América Latina foi um dom.

Apesar da conquista militar e política,
e para além da ganância e ambição dos conquistadores,
houve muitos missionários que partilharam sua vida
para transmitir o Evangelho.

Frequentemente o anúncio de Cristo se realizou em convivência
com os poderes que exploravam os recursos e oprimiam as populações.

Hoje em dia, a Igreja tem a oportunidade histórica
de diferenciar-se claramente das novas potências colonizadoras
escutando os povos amazônicos
para exercer com transparência seu papel profético.





*Pidamos ante todo al Espíritu Santo para los padres sinodales
el don de la escucha, escucha de Dios,
hasta escuchar con Él el clamor del pueblo, escucha del pueblo,
hasta respirar en él la voluntad a la que Dios nos llama.*

Constitución Apostólica Episcopalis Communio, Francisco, 2018.

I: A VOZ DA AMAZÔNIA	5
II: ECOLOGIA INTEGRAL, O clamor da terra e dos pobres	15
III: IGREJA PROFÉTICA NA AMAZÔNIA: Desafios e esperança	37





A VOZ DA AMAZÔNIA

*O rio não nos separa, nos une,
nos ajuda a conviver entre diferentes culturas e línguas*

1 - VIDA.....	8
2 - TERRITÓRIO.....	11
3 - TEMPO KAIRÓS	13
4 - DIÁLOGO.....	14

VIDA

“(Hoje se) exige que anunciemos Jesus Cristo e a Boa Nova do Reino de Deus, denunciemos as situações de pecado, as estruturas de morte, a violência e as injustiças internas e externas e fomentemos o diálogo intercultural, inter-religioso e ecumênico.”

(Dap, 95)..

O Rio Amazonas é como uma artéria do continente e do mundo, flui como veias da flora e da fauna do território, como manancial de seus povos, de suas culturas e de suas expressões espirituais.

A bacia do Rio Amazonas e os bosques tropicais que a circundam nutrem os solos e regulam, por meio da reciclagem de precipitação, os ciclos da água, energia e carbono em nível planetário. O Rio Amazonas joga a cada ano no Oceano Atlântico 15% do total de água doce do planeta. A Amazônia é essencial para a distribuição das chuvas em outras regiões remotas da América do Sul e contribui com os grandes movimentos de ar ao redor do planeta. Mas, segundo alguns especialistas internacionais, a Amazônia é a segunda área mais vulnerável do planeta em relação à mudança climática provocada pelos seres humanos.

O território da Amazônia compreende parte do Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa em uma extensão de 7,8 milhões de quilômetros quadrados. Os bosques amazônicos cobrem 5,3 milhões de quilômetros quadrados, 40% do bosque tropical global. A Amazônia abriga entre 10 e 15% da biodiversidade terrestre.



O Bem Viver

A busca dos povos indígenas amazônicos pela vida em abundância se concretiza no que eles chamam de Bem Viver. É viver em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o ser supremo. Esta compreensão da vida se caracteriza pela harmonia de relações entre a água, o território e a natureza, a vida comunitária e a cultura, Deus e as diversas forças espirituais. Estes povos falam da vida como um caminho rumo à Terra Sem Males ou em busca do Monte Santo.

Na Amazônia se sofre pela violação dos direitos dos povos originários, como o direito ao território, à autodeterminação, à demarcação dos territórios e à consulta e consentimento prévios.

A ameaça a este Bem Viver provém de interesses econômicos e políticos de setores dominantes de empresas extrativistas, com a permissividade – e muitas vezes a conivência – dos governos locais e nacionais. Na atualidade, desmatamento, incêndios, mudanças no uso do solo e contaminação estão levando a Amazônia a um ponto sem retorno. Aquecimento em torno de 4 graus centígrados e 40% de desmatamento conduzirão à desertificação da Amazônia, e é preocupante que hoje em dia já estejamos entre 15 e 20% de desmatamento.

Apropriam-se de nossos territórios para megaprojetos hidrelétricos, concessões florestais, monoculturas, rodovias e ferrovias...

Poluem nossas águas com indústrias extrativistas, projetos de mineração e de petrolíferas...

Narcotráfico, alcoolismo, violência contra as mulheres, prostituição, tráfico de pessoas...

Criminalizam e assassinam nossos líderes e defensores...



Defender a vida

Vida implica a defesa do território, de seus recursos ou bens naturais, a cultura dos povos e suas organizações, seus direitos e a possibilidade de serem escutados.

O Bem Viver implica uma comunhão com a natureza e uma integração com a história e o futuro. A destruição da Bacia Pan-Amazônica gera um desequilíbrio do território local e global. Isso afeta a reprodução da fauna e da flora e a produção, o acesso e a qualidade dos alimentos.

O cuidado com a vida supõe confrontar uma visão insaciável do crescimento sem limites, a idolatria do dinheiro, uma cultura de morte. A defesa da megadiversidade cultural da Amazônia é algo que não está resolvido no âmbito pastoral.

*Somos parte da natureza.
Somos água, ar e terra, vida criada por Deus.
A Mãe Terra tem sangue e está sangrando,
muitas multinacionais cortaram-lhe as veias.*



TERRITÓRIO

O território amazônico é um lugar teológico a partir do qual se vive a fé, uma fonte de revelação de Deus, um lugar de sabedoria para o planeta, de onde Deus fala. Na Amazônia se manifestam as carícias do Deus que se encarna na história.

Um olhar contemplativo, atento e respeitoso para os irmãos e irmãs, e também para a natureza, a irmã árvore, a irmã flor, as irmãs aves, os irmãos peixes e até para as irmãs pequenas como as formigas, as larvas, os fungos ou os insetos permite às comunidades amazônicas descobrir como tudo está conectado, valorizar cada criatura e ver a beleza de Deus revelando-se em todas elas.

O Papa Francisco, em Porto Maldonado, nos convida a defender esta região ameaçada, para preservá-la e restaurá-la para o bem de todos; ele nos dá esperança em nossas capacidades de construir o bem comum e a Casa Comum.

A Amazônia também é lugar de dor e violência. Há destruição ambiental, enfermidades e poluição de rios e terras, derrubada e queimada de árvores, perda massiva da biodiversidade, morte de espécies; tudo isso constitui uma crua realidade que nos interpela a todos e todas. O grito de dor da Amazônia é um eco do grito do povo escravizado no Egito e a quem Deus não abandona.

*Este território não é nosso, não é meu, não é seu,
é da geração que vem depois.*

Maritza Naforo, povo Huitoto



Território de esperança e do Bem Viver

A vida na Amazônia está integrada e unida ao território. Esta unidade compreende toda a existência: o trabalho, o descanso, as relações humanas, os ritos e as celebrações. Tudo é compartilhado os espaços privados típicos da modernidade são mínimos.

A vida das comunidades amazônicas ainda não afetadas pela influência da civilização ocidental se reflete na crença e nos ritos sobre o agir dos espíritos da divindade, chamada de múltiplas maneiras, com e no território, com e em relação à natureza. Esta cosmovisão se encontra no mantra de Francisco: Tudo está conectado.

Abusar da natureza é abusar dos antepassados, dos irmãos e irmãs, da criação e do Criador, hipotecando o futuro. Tanto a cosmovisão amazônica como a cristã se encontram em crise pela imposição do mercantilismo, da secularização, da cultura do descarte e da idolatria do dinheiro. Esta crise afeta sobretudo os jovens e os contextos urbanos, que perdem as sólidas raízes da tradição.

***O viver bem depende de nossa harmonia não apenas com a natureza,
mas também com os seres humanos, como pessoas, como povos,
cada um respeitando sua maneira de ser.
A Terra não nos pertence, nós somos a Terra.***

Marcelo Munduruku



TEMPO KAIRÓS

A Amazônia está vivendo um momento de graça, um Kairós. O Sínodo da Amazônia é um sinal dos tempos em que o Espírito Santo abre novos caminhos que discernimos por meio de um diálogo recíproco entre todo o Povo de Deus. Há milhares de anos os povos amazônicos cuidam de sua terra, da água e da floresta, e as preservaram até hoje. Os novos caminhos de evangelização serão construídos em diálogo como estas sabedorias ancestrais que são sementes do Verbo.

A Igreja da Amazônia marcou sua presença com experiências significativas e de maneira original, criativa e inculturada. Seu programa evangelizador não corresponde a uma mera estratégia frente aos apelos da realidade: é a expressão de um caminho que responde ao Kairós que impulsiona o Povo de Deus a acolher seu Reino.

O Sínodo da Amazônia é um sinal de esperança para o povo amazônico, uma grande oportunidade para que a Igreja descubra a presença encarnada e ativa de Deus na espiritualidade dos povos originários, nas expressões da religiosidade popular, nas organizações populares que resistem aos grandes projetos e na proposta de uma economia sustentável e solidária.

A diversidade original – biológica, religiosa e cultural – que a região amazônica oferece evoca um novo Pentecostes.

***Hemos tenido una violencia estructural y una violencia simbólica.
Los gobiernos, los dueños de las empresas no están aquí,
viven muy bien en las grandes ciudades, en otros continentes,
no le importan que los indígenas, los campesinos se estén muriendo.***

Washington Tiwi



DIÁLOGO

O Papa Francisco nos apresenta a necessidade de um novo olhar, que abra caminhos de diálogo que nos ajudem a sair da trilha de autodestruição da crise socioambiental atual. É imprescindível realizar um diálogo intercultural no qual os povos indígenas sejam os principais interlocutores, sobretudo na hora de avançar em grandes projetos que afetam seus espaços. Este será o melhor caminho para transformar as históricas relações de exclusão e discriminação.

O diálogo busca a troca, o consenso e a comunicação, os acordos e as alianças, mas sem perder a preocupação com uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusão. O diálogo tem sempre uma opção preferencial pelos pobres, marginalizados e excluídos. As grandes questões da humanidade que surgem na Amazônia não encontrarão soluções na violência ou na imposição, mas por meio do diálogo e da comunicação.

São os povos da Amazônia, especialmente os pobres e os culturalmente diferentes, os principais interlocutores e protagonistas do diálogo. Eles nos confrontam com a memória do passado e com as feridas causadas durante longos períodos de colonização.

***Peço humildemente perdão,
não apenas pelas ofensas da própria Igreja
mas pelos crimes contra os povos originários
durante a conquista da América.***



Diálogo e aprendizagem

Existe um amplo e necessário campo de diálogo entre as espiritualidades, crenças e religiões amazônicas. O respeito a este espaço não significa relativizar as próprias convicções, mas reconhecer outros caminhos que buscam desentranhar o mistério inesgotável de Deus. A abertura não sincera ao outro, assim como uma atitude corporativista, que reserva a salvação exclusivamente para o próprio credo, são destrutivas para este mesmo credo. Assim Jesus explicou ao Doutor da Lei na parábola do Bom Samaritano. O amor vivido em qualquer religião agrada a Deus. Um diálogo em favor da vida está a serviço do futuro do planeta, da transformação de mentalidades estreitas, da conversão de corações endurecidos e da partilha de verdade com toda a humanidade.

Frequentemente a disposição para dialogar encontra resistências. Os interesses econômicos impedem toda tentativa de mudança e se impõem pela força. Nesses casos, as possibilidades de diálogo e de encontro são muito reduzidas, e em algumas situações até desaparecem.

Uma Igreja profética na Amazônia é aquela que dialoga, que sabe negociar e que, a partir da opção pelos pobres, busca propostas concretas em favor da ecologia integral. Uma Igreja com capacidade de discernimento e audácia diante dos abusos dos povos e da destruição de seus territórios, e que responde sem demora ao clamor da terra e dos pobres.

***Como reagir a isso? Com indignação profética.
E depois negociar, como o próprio Jesus sugere.***





ECOLOGIA INTEGRAL

O CLAMOR DA TERRA E DOS POBRES

*Hoje o pecado se manifesta com toda sua força de destruição
nas diversas formas de violência e maus-tratos,
no abandono dos mais frágeis, nos ataques à natureza*

Laudato si', 66

1 - DESTRUIÇÃO EXTRATIVISTA	18
2 - POVOS INDÍGENAS EM ISOLAMENTO VOLUNTÁRIO: AMEAÇAS E PROTEÇÃO.....	22
3 - MIGRAÇÃO	24
4 - URBANIZAÇÃO	26
5 - FAMÍLIA E COMUNIDADE.....	28
6 - CORRUPÇÃO.....	30
7 - A QUESTÃO DA SAÚDE INTEGRAL	32
8 - EDUCAÇÃO INTEGRAL	34
9 - A CONVERSÃO ECOLÓGICA	36
.	

DESTRUIÇÃO EXTRATIVISTA

Provavelmente os povos originários amazônicos nunca estiveram tão ameaçados em seus territórios como estão agora, como disse o Papa Francisco em Porto Maldonado. O extrativismo está destruindo este território, que corre o risco de tornar-se uma savana.

A Amazônia está sendo disputada por várias frentes. Uma responde aos grandes interesses econômicos, ávidos por petróleo, gás, madeira, ouro, monoculturas agroindustriais. Outra é o conservacionismo ecológico que se preocupa com a natureza, mas ignora os povos amazônicos. Ambas produzem feridas na terra e em seus povos. Os clamores amazônicos refletem três grandes causas de dor:

Falta de reconhecimento, de demarcação e de titulação dos territórios indígenas

Hidrelétricas, mineração legal e ilegal, hidrovias, monocultura, agroindústrias são projetos destrutivos, muitos deles apoiados pelos governos locais, nacionais e estrangeiros.

Poluição de rios, solos e ar, desmatamento e deterioração da qualidade de vida, culturas e espiritualidades.



Ecologia integral

Os seres humanos somos parte dos ecossistemas que facilitam as relações geradoras de vida para nosso planeta, por isso é essencial o cuidado com estes ecossistemas. E é fundamental para promover a dignidade da pessoa humana, o bem comum da humanidade e o cuidado ambiental. Uma verdadeira abordagem ecológica se converte sempre em abordagem social, que deve integrar a justiça nas discussões sobre o ambiente, para escutar tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres. Isto é a Ecologia Integral.

As comunidades originárias são interlocutores indispensáveis, são quem cuida de seus territórios, as que melhor compartilham esta perspectiva de integralidade ecológica. Toda a atividade da igreja na Amazônia deve partir da integralidade do ser humano: vida, território e cultura. É preciso compreender também a transmissão da experiência ancestral dos povos indígenas, tanto de suas cosmologias como de suas espiritualidades e teologias em torno do cuidado com a Casa Comum.

***Nossos antepassados lutaram por estes rios e
por estes territórios para poder deixar um mundo melhor
para nossos filhos e nossas filhas.
Nesta luta devemos confiar na força de Deus.***



Não à destruição da Amazônia

Um atentado contra os direitos humanos é a penalização dos protestos contra a destruição do território e de suas comunidades, já que algumas leis da região as qualificam como ilegais. Outro abuso é a recusa generalizada dos estados em implementar o direito de consulta prévia aos grupos indígenas e locais antes de estabelecer concessões e contratos de exploração territorial, ainda que este direito esteja explicitamente reconhecido pela Organização Internacional do Trabalho, Convênio 169.

O drama dos habitantes da Amazônia não se manifesta apenas na perda de suas terras por causa do deslocamento forçado, mas também em ser vítimas da redução do dinheiro, os subornos e a corrupção dos agentes do modelo tecnocrômico da cultura do descarte, especialmente nos jovens.

A derrubada massiva de árvores, o extermínio da floresta tropical por incêndios florestais deliberados e a expansão da fronteira agrícola são causa dos atuais desequilíbrios regionais do clima, com efeitos evidentes no clima global, com dimensões planetárias tais como as grandes secas e inundações cada vez mais frequentes.

***Não podemos crescer sem floresta, não vivemos,
não vamos acabar com a natureza.
Ela dá vida para todos.***

Tudá Kanamary, povo Kanamary



Sugestões



- * *Ter presente que devemos aos povos originários, há milhares de anos, o cuidado e o cultivo da Amazônia.*
- * *Assumir como parte da missão da Igreja o cuidado com a Casa Comum, propondo linhas de ação institucionais para o respeito com o ambiente.*
- * *Projetar programas de formação formais e informais sobre o cuidado com a Casa Comum para seus agentes pastorais e abertos para toda a comunidade.*
- * *Denunciar a violação dos direitos humanos e a destruição extrativista*



POVOS INDÍGENAS EM ISOLAMENTO VOLUNTÁRIO

Os Povos Indígenas em Isolamento Voluntário são os mais vulneráveis entre os vulneráveis. Na Amazônia existem entre 110 e 130 distintos Povos Indígenas em Isolamento Voluntário ou Povos Livres, vivendo à margem da sociedade ou em contato esporádico com ela. Não conhecemos seus nomes próprios, idiomas ou culturas. Escolheram isolar-se por terem sofrido traumas anteriores; outros foram violentamente forçados a isso pela exploração econômica da Amazônia.

Os Povos em Isolamento Voluntário são vulneráveis diante das ameaças provenientes dos setores da agroindústria e aqueles que exploram clandestinamente minerais, madeiras e outros recursos naturais. São vítimas do narcotráfico, dos megaprojetos de infraestrutura, como as hidrelétricas e rodovias internacionais, e das atividades ilegais vinculadas ao modelo de desenvolvimento extrativista.

A violência contra as mulheres destes povos aumentou por causa dos colonos, madeireiros, soldados e funcionários das empresas extrativistas – homens, em sua maioria.

90% dos indígenas assassinados nas populações isoladas foram mulheres.



Sugestões



Exigir dos respectivos governos a garantia dos recursos necessários para a proteção efetiva dos povos indígenas isolados e de seus territórios.



Reivindicar a aplicação do direito internacional, das Recomendações específicas da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA e aquelas contidas no último capítulo do Informe dos Povos Indígenas em Isolamento Voluntário e em Contato Inicial nas Américas.



Reivindicar o censo, a demarcação e a proteção das áreas/reservas naturais onde eles vivem, para prevenir a invasão de seus territórios.



Formar equipes específicas nas dioceses e paróquias para planejar uma pastoral de conjunto nas regiões de fronteira, informando os povos indígenas e cidadãos sobre sua situação e direitos.



MIGRAÇÃO

Na Amazônia, o fenômeno migratório em busca de uma vida melhor tem sido uma constante histórica. Há migração pendular – vão e vêm –, deslocamento forçado dentro do mesmo país e para o exterior, migração voluntária de áreas rurais para as cidades e migração internacional, geralmente voluntária.

A Amazônia figura entre as regiões da América Latina com maior mobilidade interna e internacional. Existem causas sociopolíticas, climáticas, de perseguição étnica e econômicas. Estas últimas são induzidas, em sua maioria, pelos megaprojetos e empresas extrativistas. Devido a estas causas, a região se converteu de fato em um corredor migratório.

O movimento migratório, desassistido política e pastoralmente, contribuiu para a desestabilização social das comunidades amazônicas. As cidades da região, que recebem permanentemente um grande número de pessoas migrantes, não conseguem proporcionar os serviços básicos de que os migrantes necessitam. Isso tem levado muitas pessoas a vagar e dormir em centros urbanos sem trabalho, sem comida e sem teto.

***Nós jovens nos deslocamos em busca de emprego
para ajudar a manter o que resta da família,
Abandonamos os estudos e suportamos todo tipo de abuso e exploração,
E somos vítimas do tráfico de drogas, tráfico de pessoas ou prostituição***



Sugestões



- * *Compreender os mecanismos que levaram ao crescimento desproporcional dos centros urbanos e ao esvaziamento do interior.*
- * *Trabalhar em equipe, cultivando uma mística missionária, coordenada por pessoas com competências diversas e complementares, para uma ação eficaz.*
- * *Articular um serviço de acolhida em cada comunidade urbana para as necessidades urgentes dos migrantes e oferecer proteção frente ao perigo das máfias.*
- * *Promover projetos de agricultura familiar nas comunidades rurais.*
- * *Pressionar, como comunidade eclesial, os poderes públicos, para que respondam às necessidades e direitos dos migrantes.*
- * *Promover a integração entre migrantes e comunidades locais, respeitando a identidade cultural própria.*



URBANIZAÇÃO

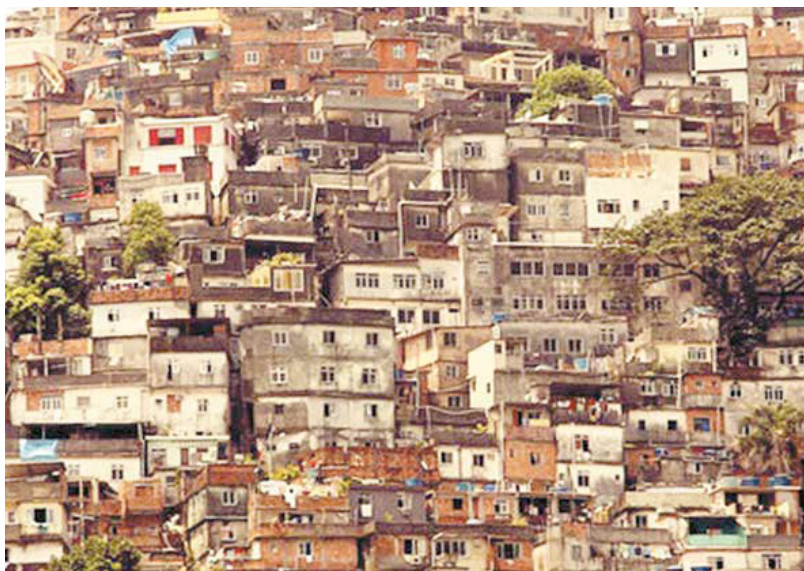
A Amazônia é o pulmão do planeta, mas a devastação da região provocou um grande deslocamento da população em busca de uma vida melhor. Segundo as estatísticas, a população urbana da Amazônia aumentou exponencialmente. Atualmente, entre 70 e 80% da população mora nas cidades, carecendo de infraestrutura e recursos públicos necessários para atender às necessidades da vida urbana.

A urbanização modifica hábitos, costumes e formas tradicionais de viver. A cultura, a religião, a família, a educação, o emprego e outros aspectos da vida mudam rapidamente para responder aos novos apelos da cidade. O projeto de introduzir a Amazônia no mercado globalizado produziu mais exclusão, bem como a urbanização da pobreza.

- *Aumento da violência em todos os sentidos, abuso e exploração sexual.*
 - *Tráfico de armas e consumo de drogas.*
 - *Desestruturação familiar.*
 - *Conflitos culturais e falta de sentido da vida.*
- *Ineficiência dos serviços de saúde, educação e abandono escolar.*
- *Falta de respeito ao direito à autodeterminação e à autonomia das populações.*
- *Falta de resposta do poder público sobre infraestrutura e promoção do emprego.*
 - *Corrupção administrativa.*



Sugestões



- * *Promover um entorno urbano onde se revitalizem os espaços públicos, com praças e centros culturais bem distribuídos.*
- * *Promover o acesso universal à educação e à cultura.*
- * *Promover a conscientização ambiental e a reciclagem do lixo, evitando queimá-lo.*
- * *Promover um sistema de saneamento do ambiente e de acesso universal à saúde.*
- * *Discernir como ajudar a valorizar mais a vida rural, com alternativas de sobrevivência como a agricultura familiar.*
- * *Gerar espaços de interação entre a sabedoria dos povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas inseridos na cidade e a sabedoria da população urbana, para conseguir diálogo e integração em torno do cuidado com a vida.*

FAMÍLIA E COMUNIDADE

As famílias têm conhecimentos e práticas milenares em distintos campos, como agricultura, medicina, caça e pesca, em harmonia com Deus, com a natureza e com a comunidade. Nelas se transmite o amor pela terra, a reciprocidade, a solidariedade, a simplicidade, o trabalho comunitário, a medicina e a educação ancestral. As cores, vestimentas, alimentação, línguas e ritos fazem parte desta herança transmitida em família.

A família na Amazônia tem sido vítima do colonialismo do passado e do neocolonialismo no presente. A imposição de um modelo cultural ocidental inculcou um certo desprezo pelo povo e pelos costumes do território amazônico, inclusive qualificando-os como selvagens ou primitivos. O modelo econômico ocidental extrativista afeta as famílias amazônicas quando destrói seu entorno, forçando-as a migrar para as cidades e suas periferias.

As mulheres, no seio familiar, suportamos a violência intrafamiliar, há crianças com pais ausentes e cresce o número de gravidezes de adolescentes e de abortos. Na cidade muitas famílias sofrem pobreza, precariedade da moradia, falta de trabalho consumo de drogas e de álcool, discriminação e suicídio juvenil. Na vida familiar perdemos o diálogo entre as gerações, as tradições e a linguagem.



Sugestões



* *Respeitar o modo próprio de organização comunitária, acompanhando processos que partam do clã familiar para promover o bem comum.*

* *Escutar o canto que se aprende em família como modo de expressar a profecia no mundo amazônico.*

* *Promover o papel da mulher, reconhecendo seu lugar fundamental na continuidade das culturas, na espiritualidade, nas comunidades e famílias. É necessário repensar o papel da liderança feminina dentro da Igreja.*

* *Articular uma pastoral familiar que siga as indicações da Exortação Apostólica Amoris laetitia. Uma pastoral sacramental que fortaleça todos e todas, sem excluir ninguém, na qual a família seja sujeito e protagonista.*



CORRUPÇÃO

Há dois tipos de corrupção na Amazônia: a que existe fora da lei e a que se ampara em uma legislação que atraiçoa o bem comum. Nas últimas décadas se acelerou a exploração das riquezas da Amazônia pelas grandes companhias. Estas buscam o lucro a qualquer custo, sem se importarem com o dano socioambiental que provocam. Os governos autorizam tais práticas e nem sempre cumprem seu dever de resguardar o ambiente e os direitos de suas populações.

Assim, a corrupção atinge as autoridades políticas, jurídicas, legislativas, sociais e religiosas que recebem benefícios para permitir a ação destas companhias. Cria-se, assim, uma cultura que envenena o Estado e suas instituições, permeando todos os estratos sociais, inclusive as comunidades indígenas. Trata-se de um verdadeiro flagelo moral, que faz perder a confiança nas instituições e em seus representantes, o que desprestigia totalmente a política e as organizações sociais. Os povos amazônicos não são alheios à corrupção, mas se convertem em suas principais vítimas.

***Três palavras: não roubar, não mentir e não vagabundar,
com isso nos deram força como indígenas
para termos forças e avançar.***

Carmen Nango, povo kicwha



Sugestões



* *Dar atenção especial à procedência de doações ou outro tipo de benefícios, assim como aos investimentos feitos pelas instituições eclesiais ou pelos cristãos.*

* *As Conferências Episcopais devem oferecer assessoria frente à corrupção generalizada.*

* *Faz-se necessária uma análise atenta sobre a ação do narcotráfico.*

* *Implementar uma preparação adequada do clero para enfrentar a complexidade dos problemas urgentes vinculados à corrupção.*

* *Formar leigos e leigas para uma presença pública significativa na política, na economia, na vida acadêmica e em toda forma de liderança.*

* *Acompanhar os povos em suas lutas pelo cuidado com seus territórios e pelo respeito aos seus direitos.*

* *Discernir como se gera e se investe o dinheiro na Igreja, superando posturas ingênuas por meio de um sistema de administração e auditoria comunitárias, respeitando a normativa eclesial vigente.*

* *Acompanhar as iniciativas da Igreja com outras instâncias, para exigir das empresas que assumam responsabilidades sobre os impactos socioeconômicos de suas ações, segundo os parâmetros jurídicos de cada Estado.*



A QUESTÃO DA SAÚDE INTEGRAL

A Amazônia é um território saudável em sua longa e frutífera história. As enfermidades foram chegando pela mobilidade das pessoas, pela invasão de indústrias poluidoras sem controle e diante da total indiferença das autoridades da saúde pública, e pelos efeitos das mudanças climáticas. O modelo de desenvolvimento que se limita somente a explorar economicamente a riqueza florestal, mineral e hidrocarbonífera da Pan-Amazônia afeta a saúde dos territórios amazônicos, de suas comunidades e de todo o planeta.

Os povos amazônicos têm direito à saúde e à vida saudável, o que supõe harmonia com o que a Mãe Terra nos oferece.

A poluição ambiental danificou tanto a natureza como os habitantes da Amazônia. O contato com novos elementos tóxicos provoca a aparição de novas enfermidades desconhecidas até agora pelos curandeiros anciãos. Tudo isso põe em risco aquela sabedoria ancestral. A riqueza da flora e da fauna da selva contém verdadeiras bibliotecas vivas e princípios genéticos inexplorados. O desmatamento amazônico impedirá que contemos com estas riquezas, empobrecendo as próximas gerações.

- As indústrias farmacêuticas patenteiam nossas plantas amazônicas e produzem medicamentos com elas, e depois os vendem muito caro para nós



Sugestões



- * *Propõe-se ajudar os povos da Amazônia a manter, recuperar, sistematizar e divulgar seu saber ancestral para promover a saúde integral.*
- * *Promover o acesso aos medicamentos que curam as novas enfermidades.*
- * *Exigir dos governos uma estrita regulamentação das indústrias e denunciar aquelas que poluem o ambiente.*
- * *Sugere-se gerar espaços de trocas e acompanhamento educativo para recuperar os hábitos do “bem viver”, gerando assim uma cultura do cuidado e da prevenção.*
- * *Avaliar os hospitais e centros de saúde da Igreja, para que sejam acessíveis para todos os habitantes, incorporando a medicina popular em seus programas de saúde.*



EDUCAÇÃO INTEGRAL

A educação na Amazônia não significa impor aos povos amazônicos os nossos parâmetros culturais, filosofias, teologias, liturgias e costumes alheios a eles. Hoje, algumas pessoas se deleitam culpando os pobres e os países pobres pelos seus próprios males, com generalizações indevidas, e pretendem encontrar soluções em uma educação que os acalme e converta em seres domesticados e inofensivos.

Torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento em valores. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo. Uma educação baseada somente em soluções técnicas para problemas ambientais complexos esconde os verdadeiros e mais profundos problemas do sistema mundial. É, então, uma educação para a solidariedade, nascida da “consciência de uma origem comum” e de “um futuro compartilhado por todos”.

Os povos indígenas têm um método de ensino-aprendizagem baseado na tradição oral e na vivência prática. O desafio é integrar este método no diálogo com outras propostas educativas, com vistas a promover uma cidadania ecológica. Esta educação une o compromisso de cuidado com a terra e o compromisso com os pobres, e suscita atitudes de sobriedade e respeito vividas por meio de uma austeridade responsável.

Bem Viver, Bem Conviver ... e Bem Fazer



Sugestões



* *Incluir nas escolas programas educativos que respeitem as línguas nativas próprias e uma educação integral que combata a deserção escolar e o analfabetismo, sobretudo o feminino.*

* *Promover nas universidades o enfoque da Ecologia Integral.*

* *Evitar a mentalidade clerical na formação dos agentes pastorais.*

* *Integrar os candidatos ao sacerdócio nas comunidades, reformando a estrutura e a disciplina dos seminários que favorecem o clericalismo. Para isso, se sugere integrar a teologia indígena e a ecoteologia, de forma a prepará-los para a escuta e o diálogo aberto lá onde acontece a evangelização.*

* *Pede-se o ensino da teologia indígena pan-amazônica em todas as instituições educativas, para uma maior e melhor compreensão da espiritualidade indígena a partir de seus mitos, tradições, símbolos, saberes, ritos e celebrações, de maneira a evitar cometer os erros históricos que atropelaram muitas culturas originárias.*



A CONVERSÃO ECOLÓGICA

A conversão ecológica implica reconhecer a cumplicidade pessoal e social nas estruturas de pecado, desmascarando as ideologias que justificam um estilo de vida que agride a criação. Requer de nós um olhar crítico e autocrítico que nos permita identificar aquilo que danifica a criação. Precisamos fazer um caminho interior para reconhecer as atitudes que impedem nossa conexão com nós mesmos, com os demais e com a natureza.

Para a Igreja, este apelo implica desaprender, aprender e reaprender. Este caminho requer um olhar crítico e autocrítico que nos permita identificar aquilo que danifica a Casa Comum e seus povos.

Este processo continua deixando-se surpreender pela sabedoria dos povos indígenas. Sua vida cotidiana é um testemunho de contemplação, cuidado e relação com a natureza. Nosso olhar para a realidade amazônica nos fez apreciar a obra de Deus na criação e em seus povos, mas também a presença do mal em diversos níveis:

- Uma mentalidade colonialista que persiste até os dias de hoje.
- Uma economia baseada no lucro que atropela os mais frágeis e a natureza.
- Uma mentalidade utilitarista que concebe a Natureza como recurso e os seres humanos como produtores-consumidores.
- Um individualismo que debilita os vínculos comunitários, eclipsando a responsabilidade para com o próximo, a comunidade e a natureza.
- O desenvolvimento tecnológico que manipula a natureza e despersonaliza os seres humanos. O Papa Francisco chama isso de paradigma tecnocrático, que produz uma “cultura do descarte”.



Sugestões



- * *Desmascarar as novas formas de colonialismo presentes na Amazônia.*
- * *Identificar e analisar criticamente as novas ideologias que justificam o ecocídio amazônico.*
- * *Identificar e analisar criticamente as razões pelas quais justificamos nossa participação como Igreja nas estruturas de pecado.*
- * *Promover o consumo justo e a feliz sobriedade, que respeite a natureza e os direitos dos trabalhadores. Comprar é sempre um ato moral, e não apenas econômico.*
- * *Promover hábitos de comportamento, de produção e consumo, de reciclagem e reutilização de resíduos.*
- * *Recuperar e atualizar mitos, ritos e celebrações comunitárias que contribuam significativamente com o processo de conversão ecológica.*
- * *Criar itinerários pastorais orgânicos para a proteção da Casa Comum, a partir da ecologia integral e tendo como guia os capítulos 5 e 6 da Encíclica Laudato sí'.*
- * *Reconhecimento formal, pela Igreja particular, do ministério especial exercido pelo agente pastoral que promove o cuidado com a Casa Comum.*





IGREJA PROFÉTICA NA AMAZÔNIA

DESAFIOS E ESPERANÇA

*Não esqueçamos que frequentemente a tarefa da Igreja
se assemelha a um hospital de campanha.*

Amoris Laetitia, 291

1 - IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO E MISSIONÁRIO	40
2 - DESAFIOS DA INCULTURAÇÃO E DA INTERCULTURALIDADE	42
3 - A CELEBRAÇÃO DA FÉ: UMA LITURGIA INCULTURADA	46
4 - A ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES	48
5 - A EVANGELIZAÇÃO NAS CIDADES	50
6 - DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO	52
7 - MISSÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	54
8 - O PAPEL PROFÉTICO DA IGREJA E DA PROMOÇÃO HUMANA INTEGRAL	56

IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO E MISSIONÁRIO

O rosto amazônico da Igreja encontra sua expressão na pluralidade de seus povos, culturas e ecossistemas. Esta diversidade necessita da opção por uma Igreja missionária, em saída, encarnada em todas as suas atividades, expressões e linguagens. O Papa Francisco expressa claramente esta necessidade de uma Igreja inculturada e intercultural.

Necessitamos que os povos originários moldem culturalmente as Igrejas amazônicas locais. O rosto amazônico é o de uma Igreja com clara opção pelos pobres e com os pobres e pelo cuidado com a criação. A partir dos pobres e da atitude de cuidado com os bens de Deus, são abertos novos caminhos para a Igreja local, que seguem em direção à Igreja universal.

Uma Igreja com rosto amazônico deixa para trás uma tradição colonial, monocultural, clerical e impositiva, e sabe discernir e assumir sem medo as diversas expressões culturais dos povos. Este rosto nos adverte sobre o risco de pronunciar uma palavra única ou propor uma solução com valor universal.

Uma Igreja com rosto amazônico possui uma dimensão eclesial e política, de desenvolvimento social, ecológico e pastoral, muitas vezes conflitiva.

Uma Igreja participativa se faz presente na vida social, política, econômica, cultural e ecológica de seus habitantes.

Uma Igreja criativa acompanha com seu povo a construção de novas respostas às necessidades urgentes.



Um rosto inculturado e missionário

Os impulsos e inspirações importantes para essa desejada inculturação encontram-se no magistério da Igreja e no caminho eclesial latino-americano, na caminhada de suas Conferências Episcopais (Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida), de suas comunidades, da teologia latino-americana, em especial a Teologia Indígena, e de seus santos e mártires.

A vida na Amazônia, entretecida pela água, o território e as identidades e espiritualidades de seus povos, convida ao diálogo e ao aprendizado de sua diversidade biológica e cultural. A Igreja participa e gera processos de aprendizagem que abrem caminhos para uma formação permanente sobre o sentido da vida, integrada a seu território e enriquecida por sabedorias e experiências ancestrais.

Estes processos convidam a responder, com honradez e estilo profético, ao clamor pela vida dos povos e da terra amazônica. Isto implica um renovado sentido da missão da Igreja na Amazônia, que, partindo do encontro com Cristo, abre espaços para recriar ministérios adequados a este momento histórico. É o momento de escutar a voz da Amazônia e responder como Igreja profética e samaritana.

A cultura, a língua e o território são as três coisas de que um povo indígena necessita.

Queremos que a Igreja nos acompanhe em algo essencial para podermos sobreviver e manter nossas culturas: a formação de líderes, no compromisso e empoderamento de nossas comunidades.

Jeremias Oliveira, povo Mura



DESAFIOS DA INCULTURAÇÃO E DA INTERCULTURALIDADE

A missão da Igreja é anunciar o Evangelho de Jesus de Nazaré, o Bom Samaritano, que se compadece da humanidade ferida e abandonada. A Igreja tentou cumprir este mandato missionário encarnando e traduzindo a mensagem do Evangelho nas diferentes culturas, em meio a dificuldades políticas, culturais e geográficas de todo tipo.

Missionários e missionárias têm uma história de profunda relação com esta região. Deixaram pegadas profundas na alma do povo católico da Amazônia. A Igreja percorreu um longo caminho que deve ser aprofundado e atualizado até chegar a ser uma Igreja com rosto indígena e amazônico. No entanto, como emerge dos encontros territoriais, existe uma ferida ainda aberta causada por posturas de dominação. Por seu silêncio, a Igreja foi percebida como cúmplice. O episcopado latino-americano em Puebla aceitou a existência de um enorme processo de dominação cheio de contradições e dilaceramentos. Em Aparecida os bispos pediram para descolonizar as mentes. Como ainda persiste uma mentalidade eclesial colonial e patriarcal, é necessário aprofundar um processo de conversão e reconciliação.

*Vamos trabalhar junto com o povo,
reconhecer Deus no meio do povo,
esse Deus que é Pai e Mãe para todos,
e que nos chama a uma missão:
defender a vida, também a das futuras gerações.
Às vezes nossa concepção na formação
é ter uma paróquia, prestígio.
Se Jesus estivesse aqui, lutaria para defender a água,
o território, o que produz vida.*

Jesús Benavides – Diácono



Sugestões



* *As comunidades consultadas esperam que a Igreja se comprometa com o cuidado com a Casa Comum e seus habitantes, “[...] defenda os territórios, que ajude os povos indígenas a denunciar o que provoca morte e ameaça os territórios. Isso supõe um processo de conversão pastoral e missionária.*

* *Da homogeneização cultural colonizadora para o reconhecimento do valor das culturas amazônicas e sua promoção.*

* *Da aliança com a cultura dominante e o poder político e econômico para a promoção das culturas e dos direitos dos indígenas, dos pobres e do território.*

* *Do clericalismo para uma Igreja onde se viva a fraternidade e o serviço como valores evangélicos que determinam a relação entre a autoridade e os membros da comunidade.*

* *De regras que às vezes não levam suficientemente em conta a vida concreta das pessoas e a realidade pastoral, para um hospital de campanha que vá ao encontro das necessidades reais dos povos e culturas indígenas.*

A evangelização nas culturas

Temos que captar o que o Espírito do Senhor tem ensinado a estes povos ao longo dos séculos: a fé em Deus Pai-Mãe Criador, o sentido de comunhão e harmonia com a terra, o sentido de solidariedade com seus companheiros, o projeto do bem viver, a sabedoria das civilizações milenares que os anciãos possuem e influencia na saúde, na convivência, na educação, no cultivo da terra, na relação viva com a natureza e a Mãe Terra, na capacidade de resistência e resiliência, em especial das mulheres, nos ritos e expressões religiosas, nas relações com os antepassados, na atitude contemplativa, no sentido de gratuidade, celebração e festa e no sentido sagrado do território.

A inculturação da fé não é um processo de cima para baixo nem uma imposição exterior, mas sim um mútuo enriquecimento das culturas em diálogo intercultural. O sujeito ativo da inculturação são os próprios povos indígenas.

O problema é que a Igreja não conhece nossa cultura, se nos conhecesse, saberia que lutamos pela mesma coisa, que reconhecemos Deus, Pai e Mãe Criador, que não apenas nos deu tudo, mas nos pede que todos vivamos bem e em harmonia.

Santiago Yahuarcani



Sugestões



- * *Reconhecer a espiritualidade indígena como fonte de riqueza para a experiência cristã, a partir do Cristo vivo, morto e ressuscitado.*
- * *Praticar uma catequese que assuma a linguagem narrativa dos povos originários, em sintonia com as narrativas bíblicas.*
- * *Fomentar uma pregação homilética em estilo narrativo, que responda às experiências vitais e à realidade socioambiental, considerando a própria cosmovisão integral indígena.*
- * *Tornar os povos indígenas presentes nos meios de comunicação de massa, com suas próprias línguas e conteúdos alternativos.*
- * *Criar novas emissoras radiofônicas da Igreja, que sejam promotoras do Evangelho e das culturas, tradições e línguas originárias.*

A CELEBRAÇÃO DA FÉ, UMA LITURGIA INCULTURADA

Propõe-se a inculturação da liturgia nos povos indígenas. É necessário atrever-se a encontrar novos sinais, novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza valorizadas em diferentes âmbitos culturais. Sem esta inculturação, a liturgia pode ser reduzida a uma peça de museu ou uma propriedade de poucos.

A celebração da fé deve realizar-se de maneira inculturada para que seja expressão da própria experiência religiosa e vínculo de comunhão da comunidade que celebra. Uma liturgia inculturada será também caixa de ressonância das lutas e aspirações das comunidades e impulso transformador rumo à Terra Sem Males.

*Vocês têm Deus, nós temos Omama,
ela criou a vida, criou os ianomâmis, permite tudo o que acontece.
Nós nos comunicamos com ela permanentemente.*

Miguel Xapuri – Ianomâmi



Sugestões



- * *Assumir no ritual litúrgico e sacramental, especialmente no batismo e matrimônio, os ritos, símbolos e estilos celebrativos das culturas indígenas em contato com a natureza.*
- * *Realizar celebrações festivas com música e dança próprias, em línguas e vestimentas autóctones, em comunhão com a natureza e com a comunidade.*
- * *Mudar os critérios para selecionar e preparar os ministros autorizados a celebrar a eucaristia, para assim poder celebrá-la com maior frequência.*
- * *Adaptar o ritual eucarístico às culturas, em função de uma saudável descentralização da Igreja.*
- * *Acompanhar a fé do povo simples que se expressa em orações, imagens, símbolos, tradições, peregrinações, visitas a santuários, procissões e festas patronais.*

A ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES

A Igreja deve se encarnar nas culturas amazônicas que possuem um alto sentido de comunidade, igualdade e solidariedade, razões pelas quais não aceitam o clericalismo em suas diversas manifestações. Os povos originários possuem uma rica tradição de organização social na qual a autoridade é rotativa e com um profundo sentido de serviço.

As distâncias geográficas manifestam também distâncias culturais e pastorais que, por isso, exigem a passagem de uma “pastoral de visita” para uma “pastoral de presença”, para reconfigurar a Igreja local em todas as suas expressões: ministérios, liturgia, sacramentos, teologia e serviços sociais.

Sugestões

- * *Promover vocações autóctones de homens e mulheres como resposta às necessidades de atenção pastoral e sacramental, ou seja, indígenas que puguem para indígenas a partir de um profundo conhecimento de sua cultura e língua.*
- * *Estudar a possibilidade de ordenação sacerdotal de pessoas mais velhas respeitadas e aceitas pela sua comunidade, preferencialmente indígenas, mesmo que tenham família constituída, de maneira a garantir os sacramentos que acompanham a vida cristã.*
- * *Identificar o tipo de ministério oficial que pode ser conferido às mulheres, dado o papel central que desempenham hoje na Igreja amazônica.*
- * *Valorizar o protagonismo dos cristãos leigos e leigas e oferecer-lhes caminhos de formação integral para assumirem seu papel de animadores de comunidades, com credibilidade e corresponsabilidade.*
- * *Criar itinerários formativos com enfoque amazônico, à luz da Doutrina Social da Igreja, em especial nos âmbitos de cidadania e política.*
- * *Abrir novas formas de processos sinodais, com a participação de todos os fiéis, com vistas à organização da comunidade cristã para viver a fé.*

* *Valorizar a presença feminina nas comunidades e reconhecer as mulheres a partir de seus carismas e talentos, garantindo sua liderança e espaços cada vez mais amplos e relevantes na área formativa: teologia, catequese, liturgia, escolas de fé e política. Escutar a voz das mulheres, que elas sejam consultadas e participem na tomada de decisões, e possam assim contribuir com sua sensibilidade para a sinodalidade eclesial. Que a Igreja acolha cada vez mais o estilo feminino de agir e de compreender os acontecimentos.*

* *Promover uma vida consagrada alternativa e profética, intercongregacional, interinstitucional, com um sentido de disposição para estar onde ninguém quer estar e com quem ninguém quer estar. Os religiosos e religiosas que vêm de fora devem partilhar da vida local com o coração, cabeça e mãos, para desaprender modelos, receitas, esquemas e estruturas preestabelecidas, e assim aprender línguas, culturas e tradições de sabedorias, cosmologias e mitologias autóctones.*

* *Recomenda-se que a formação para a vida religiosa inclua processos formativos focados na interculturalidade, inculturação e diálogo entre espiritualidades e cosmovisões amazônicas.*

* *Dialogar com os jovens para escutar suas necessidades. Acompanhar processos de transmissão e recepção da herança cultural e linguística nas famílias, para superar as dificuldades na comunicação intergeracional. Promover programas para fortalecer sua identidade cultural frente à perda de valores, idiomas e relação com a natureza, e programas para ajudá-los a dialogar com a cultura urbana moderna.*

* *Coordenar o trabalho das dioceses que se encontram nas fronteiras dos países amazônicos, uma ação pastoral conjunta entre as Igrejas fronteiriças para enfrentar problemas comuns, como a exploração do território, a delinquência, o narcotráfico, o tráfico de pessoas, a prostituição.*

* *Incentivar e fortalecer o trabalho em redes como caminho de ação pastoral, social e ecológica mais eficaz, dando continuidade ao serviço da REPAM. Criar um fundo econômico de apoio à evangelização, promoção humana e ecologia integral, sobretudo para a implementação das propostas do Sínodo.*

* *Considerar a necessidade de uma estrutura episcopal amazônica que efetive a aplicação do Sínodo*

A EVANGELIZAÇÃO NAS CIDADES

A Igreja necessita estar em diálogo com a realidade urbana, que exige respostas diferentes e criativas. É necessário que os sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos e leigas dos diferentes ministérios, movimentos, comunidades e grupos de uma mesma cidade ou diocese estejam unidos na realização de uma ação missionária conjunta, inteligente e capaz de unir forças.

O indígena na cidade é um migrante, um ser humano sem-terra, um sobrevivente de uma batalha histórica pela demarcação de sua terra, com sua identidade cultural em crise. Nos centros urbanos, os organismos governamentais frequentemente fogem à responsabilidade de garantir-lhes seus direitos, negando sua identidade e condenando-os à invisibilidade. As paróquias, por sua vez, ainda não assumiram sua plena responsabilidade no mundo multicultural que espera uma pastoral específica, missionária e profética.

Um fenômeno importante a considerar é o vertiginoso crescimento das recentes igrejas evangélicas de origem pentecostal, especialmente nas periferias. Tudo isso nos leva a perguntar: Que estrutura paroquial pode responder melhor ao mundo urbano, no qual o anonimato, a influência dos meios de comunicação e a evidente desigualdade social reinam de maneira suprema? Que tipo de educação formal e informal as instituições católicas podem promover?

***Cada vez mais os sacerdotes nos seminários recebem menos formação social.
Cada vez mais há acomodação.
Se não muda a visão nos seminários, a Igreja não mudará.***



Sugestões



- * *Promover, nas diferentes atividades pastorais da paróquia, uma pastoral específica para os indígenas que vivem na cidade, com acompanhamento e formação, valorizando mais sua contribuição.*
- * *Projetar uma estratégia de trabalho pastoral comum nas cidades.*
- * *Repensar as estruturas eclesiais, superando as formas culturais desatualizadas que temos adquirido ao longo dos séculos.*
- * *Sensibilizar a comunidade sobre as lutas sociais, apoiando os distintos movimentos sociais para promover uma cidadania ecológica e defender os direitos humanos.*
- * *Impulsionar uma Igreja missionária e evangelizadora, visitando e escutando a realidade presente nos novos bairros.*
- * *Atualizar a opção pelos jovens, procurando uma pastoral da qual eles mesmos sejam protagonistas.*
- * *Fazer-se presente nos meios de comunicação para evangelizar e promover as culturas originárias.*

DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO

O diálogo ecumênico é um diálogo entre pessoas que acreditam em Cristo, que partilham suas vidas, lutas, preocupações e experiências de Deus, fazendo de suas diferenças um estímulo para crescer e aprofundar a própria fé.

Alguns grupos propagam uma teologia do progresso, do bem-estar e da prosperidade, baseados em uma leitura fundamentalista da Bíblia. Há tendências fatalistas que buscam inquietar e, com uma visão negativa do mundo, oferecem uma tábua de salvação segura. Uns pela via do medo e outros pela busca do êxito impactam negativamente os grupos amazônicos.

Em compensação, outros grupos estão presentes no meio da selva amazônica, junto aos mais pobres, realizando um trabalho de evangelização e educação; são muito atraentes para os povos, apesar de não valorizarem positivamente suas culturas. Sua presença tem permitido que ensinem e divulguem a Bíblia traduzida para as línguas originárias.

Estes movimentos se expandiram, em grande parte, pela falta da presença de ministros católicos. Seus pastores formaram pequenas comunidades com rosto humano, nas quais o povo se sente pessoalmente valorizado.

Outro fator positivo é a presença local, próxima e concreta dos pastores que visitam, acompanham, consolam, conhecem e oram pelas necessidades concretas das famílias. São pessoas como as outras, fáceis de encontrar, que vivem os mesmos problemas e se tornam “mais próximas” e menos “diferentes” do resto da comunidade.



Sugestões



- * *Buscar, por meio de encontros periódicos, elementos comuns para trabalhar juntos pelo cuidado com a Casa Comum e para lutar de maneira articulada contra as agressões externas e pelo bem comum.*
- * *Considerar quais aspectos do ser Igreja nos apontam novos caminhos para a Igreja amazônica e quais precisam ser incorporados.*
- * *Incentivar a tradução da Bíblia para as línguas originais.*
- * *Promover encontros com teólogos cristãos evangélicos.*



MISSÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Um dos grandes desafios da Igreja é pensar sobre como situar-se neste mundo interconectado. Os meios de comunicação social de massa transmitem padrões de conduta, estilos de vida, valores e mentalidades influentes, veiculando uma cultura que tende a se impor e uniformizar nosso mundo interconectado.

É o problema da sedução ideológica da mentalidade consumista, que afeta sobretudo a juventude. Em muitos casos, os jovens são levados a não valorizar ou mesmo rejeitar sua própria cultura e tradições, aceitando de maneira acrítica o modelo cultural predominante. Isso provoca o desenraizamento e a perda da identidade.

A Igreja tem uma infraestrutura de mídia, sobretudo emissoras de rádio, que são o meio de comunicação principal. Os meios de comunicação podem ser um instrumento muito importante para transmitir o estilo de vida evangélico, seus valores e critérios. Também são espaço para informar o que ocorre na Amazônia, sobretudo a respeito das consequências de um estilo de vida que destrói e que é ocultado pelos meios de comunicação pertencentes a grandes corporações.

O mundo indígena mostra valores que o mundo moderno não tem. Por isso é importante que o empoderamento dos meios de comunicação chegue aos próprios nativos. Sua contribuição pode ter ressonância e ajudar na conversão ecológica da Igreja e do planeta. Trata-se de fazer com que a realidade amazônica saia da Amazônia e tenha repercussão planetária.



Sugestões



Já existem alguns centros de comunicação social com gestão dos próprios indígenas, que experimentam a alegria de poder expressar suas próprias palavras, sua própria voz, não somente para suas comunidades, mas também para fora.

- * *Formação integral de comunicadores indígenas.*
- * *Maior presença de agentes pastorais nos meios de comunicação de massa.*
- * *Criação de novas emissoras de rádio.*
- * *Aumentar a presença da Igreja na internet para que o mundo conheça a realidade amazônica.*
- * *Articulação dos diversos meios de comunicação da Igreja e dos que trabalham em outras mídias, em um plano pastoral específico.*

O PAPEL PROFÉTICO DA IGREJA E DA PROMOÇÃO HUMANA INTEGRAL

A Igreja tem a missão de evangelizar, a qual implica ao mesmo tempo comprometer-se com a promoção e garantia dos direitos dos povos indígenas, esforçando-se para entender o que eles realmente necessitam. Na voz dos pobres está o Espírito; por isso, a Igreja deve escutá-los: são um lugar teológico. Ao escutar a dor, o silêncio é necessário para escutar a voz do Espírito de Deus. A voz profética implica silêncios profundos. Junto ao povo amazônico, a Igreja recria sua profecia, a partir da tradição indígena e cristã. O mundo amazônico pede à Igreja que seja sua aliada.

Ser Igreja profética significa também ver com consciência crítica uma série de condutas e realidades dos povos indígenas que vão contra o Evangelho, como os maus-tratos às mulheres e o abuso de poder dos líderes indígenas em algumas comunidades.

*A Igreja com rosto amazônico
não diz que há somente uma forma de acreditar em Deus,
de celebrar em Deus, mas que Ele é múltiplo,
porque múltiplas são as culturas.
Devemos encontrar essa semente de Deus semeada aí.*

Peggy Vivas – Missionária Maristas – Venezuela 54



Sugestões



- * *Escutar o grito da Mãe Terra gravemente ferida pelo modelo econômico de desenvolvimento predatório e ecocida, denunciando os modelos extrativistas que prejudicam o território e violam os direitos das comunidades.*
- * *Aliar-se aos movimentos sociais de base, para anunciar profeticamente uma agenda de justiça agrária que promova uma reforma agrária profunda, apoiando a agricultura orgânica e agroflorestal.*
- * *Promover a defesa e exigibilidade dos direitos humanos dos povos da Amazônia, das outras populações e da natureza, defendendo em especial as minorias mais vulneráveis.*
- * *Promover a dignidade e igualdade da mulher na esfera pública, privada e eclesial, combatendo a violência física, doméstica e psicológica, o feminicídio, o aborto, a exploração sexual e o tráfico, e lutar para garantir seus direitos e superar qualquer forma de estereótipo.*
- * *Promover uma nova consciência ecológica, que nos leve a mudar nossos hábitos de consumo e impulsionar o uso de energias renováveis, evitando materiais nocivos.*
- * *Assumir sem medo a implementação da opção preferencial pelos pobres na luta dos povos indígenas, comunidades tradicionais, migrantes e jovens, para configurar a fisionomia da Igreja amazônica.*
- * *Criar redes de colaboração nos espaços de incidência regional, global e internacional dos quais a Igreja participa organicamente, para que os próprios povos possam expressar suas denúncias à violação de seus direitos humanos.*

CONCLUSÃO

Nesta longa jornada do Instrumentum Laboris, escutamos a voz da Amazônia à luz da fé e tentamos responder ao clamor do povo e do território amazônico por uma ecologia integral e pelos novos caminhos para uma Igreja profética na Amazônia. Estas vozes amazônicas nos interpelam a dar uma nova resposta às diversas situações e a buscar caminhos que possibilitam um Kairós para a Igreja e o mundo, a serviço da vida plena e abundante para todos. Concluímos esta etapa sob a proteção de Maria, venerada e invocada de diversas maneiras em toda a Amazônia, para que este Sínodo seja expressão concreta da sinodalidade de uma Igreja em saída, a serviço dos pobres e da vida que Jesus veio trazer ao mundo.

*Cerremos el pasado que nos ha dolido.
Estamos en un nuevo tiempo, para eso estamos juntos,
para defender la tierra, los derechos, la vida.
Para eso estamos juntos
los pueblos amazónicos y la Iglesia.*

Anitalia Pijachi, pueblo Huitoto



Este DOCUMENTO DE TRABALHO (INSTRUMENTUM LABORIS) é o resultado de um longo caminho, de um esforço enorme de muitas mãos e corações; por isso, aqueles que fazem parte da missão cotidiana da Igreja na Pan-Amazônia e seus fraternos companheiros/as devem senti-lo como algo seu. É um documento oficial da Igreja, e isso nos permite aproveitá-lo para animar o mais importante: as possibilidades de mudança, de resposta mais profética e plausível, e de presença e acompanhamento à Pan-Amazônia e seus povos. Acreditamos firmemente que este documento, sabendo que não é algo finalizado, traz as sementes para que haja novos sinais e novas possibilidades diante da realidade que grita e expressa esperança. Convidamos você a usar esta versão simplificada do Documento de Trabalho com todos os seus grupos, comunidades, organizações, paróquias, povos e com quem quer que tenha um coração desejoso de servir a Pan-Amazônia. Não importa se você não vive neste território: este é um Sínodo com foco na Amazônia, mas para toda a nossa Igreja e para o mundo, confrontados por esta crise ambiental tão séria. Sugerimos algumas perguntas muito simples para trabalhar este documento:

1. Depois de ler este documento, quais elementos, conteúdos ou propostas têm mais eco em sua vida, seu coração e suas esperanças no trabalho na Amazônia? E quais coisas são absolutamente imprescindíveis para o futuro da Amazônia e de seus povos, mas não estão presentes no documento ou você acredita que deveriam estar?

2. Depois de refletir e discutir em grupo este documento, imagine que você está com todos que participarão com o Papa Francisco da fase final do Sínodo, em Roma. O que você lhes diria que é mais importante e urgente, e que não podem esquecer nem deixar de fora quando estiverem tomando decisões neste momento tão importante, para o qual levam nossas esperanças e vozes para a discussão em Roma?

Se quiser escrever as respostas para estas questões, sugerimos que priorize uma resposta para cada pergunta e envie para a Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM, e nós a faremos chegar aos participantes deste momento de conclusão do Sínodo. É importante que nos envie a resposta ANTES DE 30 DE AGOSTO, para este e-mail:

sinododelamazonia@redamazonica.org



Dá-nos, Deus Pai e Mãe da vida, a graça de tirarmos nossas sandálias, porque esta terra da Amazônia e seus povos, e tudo que nela expressa vida e possibilidade de plenitude comunitária, é terra sagrada onde Deus habita, e desde onde nos fala no Espírito Santo, na Ruah divina, que se faz vento doador de vida incessante.



TRÍDUO DO SÍNODO



NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA
E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL

APRESENTAÇÃO

A REPAM Brasil oferece este subsídio para que as comunidades da Amazônia estejam em comunhão com o Papa Francisco e os bispos reunidos no Sínodo para a Pan-Amazônia, de 06 a 27 de outubro de 2019.

São três encontros iluminados pelos eixos temáticos do *Instrumentum Laboris* e podem ser rezados como Ofício Divino das Comunidades:

Primeira Semana [06 a 12/10] – A voz da Amazônia

Segunda Semana [13 a 19/10] - Ecologia Integral: o clamor da terra e dos pobres

Terceira Semana [20 a 27/10] - Igreja profética na Amazônia: desafios e esperanças

Para cada semana do Sínodo, a comunidade pode escolher o melhor dia para celebrar. É importante que antes dos encontros as pessoas responsáveis preparem o ambiente com os materiais sugeridos e outros do território, organizem o local para a celebração e convidem as comunidades, pastorais, grupos.

Que este tempo sinodal inspire em nossas comunidades a cultura do encontro para o cuidado com a terra e com os povos amazônicos!

Acompanhe-nos, Nossa Senhora de Nazaré, Rainha da Amazônia, com ternura e coragem para encontrar novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral!

Brasília – DF, julho de 2019.



TRÍDUO

AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Primeira Semana A VOZ DA AMAZÔNIA

Preparar o ambiente: cartaz ou banner do Sínodo; mapa ou papel grande com o desenho dos rios da Amazônia ou apenas da região. Preparar a mesa da Palaura e da partilha com tecidos, redes, cestos e outros símbolos da região. Antes da celebração, ao convidar as pessoas, pedir que levem frutos da terra, alimentos, bebidas e outras coisas para oferta e partilha, cópias do roteiro ou pelo menos das músicas para todas as pessoas.

CHEGADA

Tudo está, interligado.
Como se fôssemos um.
Tudo está, interligado.
Nesta casa comum.

ABERTURA

- Venham, ó nações, ao Senhor cantar!

Ao Deus do universo venham festejar!

- Seu amor por nós, firme para sempre!

Sua fidelidade dura eternamente! (acendem-se as velas)

- Para ti, Senhor, toda noite é dia!

A escuridão mais densa logo se alumia!

- És a luz do mundo, és a luz da vida!

Cristo Jesus resplende, és nossa alegria! (oferta-se incenso ou ervas cheirosas)

- Suba nosso incenso a ti, ó Senhor!

Oferta sinodal, oferta de amor!

- Glória ao Pai, ao Filho, e ao Santo Espírito.

Glória a Trindade Santa, glória ao Deus bendito!

- Aleluia irmãs, aleluia irmãos!

Com toda Amazônia, a Deus louvação!



Animador/a: Bem vindas e bem vindos! Estamos vivendo um tempo de graça na Igreja da Amazônia e de todo o mundo. O Sínodo dos Bispos que tem como tema: Amazônia – novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral, é um sopro do Espírito Santo para fazer com que o Evangelho seja experimentado com mais intensidade nestes territórios, ousando escutar o clamor da floresta, das cidades e de seus povos. É também um chamado para que todo o povo de Deus se coloque em caminhada junto com o Papa Francisco numa Igreja que sai ao encontro dos que estão nas margens, descartados, explorados. Ouvir, aprender e defender a vida que pulsa na Amazônia!

RECORDAÇÃO DA VIDA

Leitor/a: “Jesus oferece uma vida em abundância (cf. Jo 10, 10), uma vida repleta de Deus, uma vida salvífica (zōē), que começa na criação e se manifesta já no mais elementar da vida (bios). Na Amazônia, ela se reflete em sua abundante biodiversidade e em suas culturas. Isto é, uma vida plena e íntegra, uma vida que anta, um hino à vida, como o canto dos rios. É uma vida que dança e que representa a divindade e nossa relação com ela.” (*Trecho do Instrumentum Laboris*, p.9)

Quais são as recordações de vida plena que queremos celebrar neste encontro?
Quais as belezas das cidades, da floresta e seus povos queremos ecoar?

Leitor/a: “No entanto, a vida na Amazônia está ameaçada pela destruição e exploração ambiental, pela violação sistemática dos direitos humanos elementares da população amazônica. De modo especial a violação dos direitos dos povos originários, como o direito ao território, à autodeterminação, à demarcação dos territórios e à consulta e ao consentimento prévios. Segundo as comunidades participantes nesta escuta sinodal, a ameaça à vida deriva de interesses econômicos e políticos dos setores dominantes da sociedade atual, de maneira especial de empresas extrativistas, muitas vezes em conivência, ou com a permissividade dos governos locais, nacionais e das autoridades tradicionais (dos próprios indígenas). Como afirma o Papa Francisco, quem persegue tais interesses pareceria estar desligado, ou ser indiferente aos clamores dos pobres e da terra (cf. LS, 49 e 91).” (*Trecho do Instrumentum Laboris*, p.10).

Quais são as ameaças que a Amazônia e seus povos estão sofrendo?
Quais clamores queremos ecoar?



HINO

Seja o verde o sinal da esperança
Na Amazônia, rincão da aliança
Sem os males que gera a cobiça;
Com o Cristo que tudo renova,
Haveremos de ver terra nova
Nova terra onde reina a justiça!

Rios, lagos, florestas e povos,
Bendizei ao Senhor na canção,
Bendizei ao Senhor na canção,
É canção que constrói tempos novos
Nossa vida e missão neste chão!
Nossa vida e missão neste chão!

Os apelos de Deus pela vida
Vêm na voz de Jesus que convida
Ao convívio na diversidade.
Pelo pobre que se há de acolher
A Amazônia vai se converter
Na planície da fraternidade.

Amazônia, levamos ao mundo,
O clamor que se faz tão profundo
Por justiça, trabalho e pão,
Pela vida de que se manifesta,
Pelos nossos irmãos da floresta
Pela paz e evangelização.

Amazônia, Amazônia, este canto
Nos ajude a enxugar todo pranto
Deste solo tão forte e tão terno!
E que a vida dos mártires seja
Novo sopro de vida na Igreja
E esperança de um mundo fraterno.

SALMO 119

LEITURA BÍBLICA

Gn, 1, 1-26

(Silêncio, meditação, partilha).

PRECES

Nossa resposta será: **Senhor da vida, convertei-nos!**

Por toda Igreja caminhante e navegante no chão sagrado da Amazônia: para que seja testemunha da Páscoa de Cristo, a Testemunha fiel, e tenha coragem e ousadia para defender a vida dos povos e da floresta, te pedimos!

Pelo Papa Francisco e por toda Igreja: para que este caminho Sinodal seja uma oportunidade de conversão ecológica que nos faça mais sensíveis aos clamores e aos sinais dos tempos, te pedimos!

Por nossas comunidades e lideranças: para que a realização do Sínodo nos coloque em comunhão com todos os povos amazônicos e suas crenças, celebrações, costumes. Inspirai práticas de respeito, diálogo e cuidado que enriqueçam nosso jeito de ser e fazer pastoral neste território, te pedimos!

(Preces espontâneas)



ORAÇÃO PELO SÍNODO PARA A AMAZÔNIA

Deus Pai, Filho e Espírito Santo,
iluminai com a vossa graça a Igreja que está na Amazônia.
Ajudai-nos a preparar com alegria,
fé e esperança o Sínodo Pan-Amazônico:
“Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”.
Abri nossos olhos, nossa mente e coração
para acolhermos o que vosso Espírito diz à Igreja na Amazônia.
Suscitai discípulas e discípulos missionários, que,
pela palavra e o testemunho de vida,
anunciem o Evangelho aos povos da Amazônia,
e assumam a defesa da terra, das florestas
e dos rios da região, contra a destruição, poluição e morte.
Nossa Senhora de Nazaré, Rainha da Amazônia,
intercedei por nós, para que nunca nos faltem coragem e paixão,
lado a lado com vosso filho Jesus.
Amém!

OFERTÓRIO

Animador/a: Celebrar a vida que Deus nos confiou, ofertar os frutos da criação, partilhar a mesa. Cantando, vamos colocando em comum aquilo que temos e somos, fruto de nossos quintais, dos rios, praças, feiras.

Refrão

Uma só será a mesa,
Terra-mãe será o altar.
O sustento, a natureza,
Em milagres, vai nos dar!

(pode-se repetir, enquanto as pessoas colocam as ofertas numa mesa ou em algum tecido/esteira no chão).

Benção das oferendas

Louvado Sejas, Senhor, por estes frutos da terra e do trabalho de mulheres e homens. Louvados Sejas, Senhor, pelo sol e pela terra, pela água e pelo vento que



espalha sementes. Louvado Sejas pelo trabalho coletivo das mãos que colhem e preparam os alimentos. Seja Louvado pela fartura de tua criação que nos alimenta e nos sustenta!

Amém, Axé, Awiri!

(Pode ser aspergido água perfumada com ervas nos alimentos).

PAI NOSSO

BENÇÃO

Deus da vida, Tu que nos conecta com todos os seres do universo, concede-nos a graça da harmonia e da convivência fraterna com toda a Casa Comum. Que nosso caminho de anúncio de Vosso Reino seja trilhado na ousadia do Bem Viver, com solidariedade e compaixão com todos os que sofrem e com o desejo de vida plena para todos os povos e para a floresta.

Amém, Axé, Awiri!

Caminha conosco, Deus da Vida, e nos abençoe:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

Amém!

SAIDEIRA E PARTILHA (Canto)

As mesmas mãos que plantaram a semente

Aqui estão

O mesmo pão que a mulher preparou

Aqui está

O vinho novo que a uva sangrou jorrará

No nosso altar

A liberdade haverá, a igualdade haverá

E nessa festa, onde a gente é irmão

O Deus da vida se faz comunhão

Na flor do altar o sonho da paz mundial. A luz

Acesa é a fé que palpita hoje em nós. Do livro

Aberto o amor se derrama total no nosso altar

Bendito sejam os frutos da terra de Deus

Bendito sejam o trabalho e a nossa união

Bendito seja Jesus, que conosco estará além

Do altar



TRÍDUO

AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Segunda Semana

ECOLOGIA INTEGRAL: O CLAMOR DA TERRA DOS POBRES

Preparar o ambiente: cartaz ou banner do Sínodo; banner, estandarte ou fotografias de Mártires da região; Caderno de conflitos e/ou notícias sobre conflitos e ameaça aos Direitos Humanos e da natureza na região Amazônica; cópias do roteiro ou pelo menos das músicas para todas as pessoas.

Preparar a mesa da Palavra e da partilha com tecidos, redes, cestos e outros símbolos da região. Antes da celebração, ao convidar as pessoas, pedir que levem frutos da terra, alimentos, bebidas e outras coisas para oferta e partilha.

CHEGADA

Do tronco da vida, mesmo ferida.

Nasce uma flor, rindo da dor.

Ôôô ôôô, ôôô!

ABERTURA

- Venham, ó nações, ao Senhor cantar!

Ao Deus do universo venham festejar!

- Seu amor por nós, firme para sempre!

Sua fidelidade dura eternamente! (*acendem-se as velas*)

- Para ti, Senhor, toda noite é dia!

A escuridão mais densa logo se alumia!

- És a luz do mundo, és a luz da vida!

Cristo Jesus resplende, és nossa alegria! (*oferta-se incenso ou ervas cheirosas*)

- Povos da Amazônia, tempo de missão!

Igreja em Saída, que busca conversão!

- Glória ao Pai, ao Filho, e ao Santo Espírito.

Glória a Trindade Santa, glória ao Deus bendito!

- Aleluia irmãs, aleluia irmãos!

Com toda Amazônia, a Deus louvação!

Animador/a: Bem vindas e bem vindos! Iniciamos o segundo encontro do caminho de comunhão com o Papa Francisco, com os bispos da Pan-Amazônia



e de todo o mundo que estão reunidos em Roma para o Sínodo. Recordamos nesta celebração os clamores dos povos e da Terra, as lutas de tantas pessoas e grupos que defendem os territórios e seus povos, as realidades de injustiças e violações de direitos. Celebramos para cantar que novos caminhos são possíveis, e inspirados no testemunho de Jesus Cristo, a vida triunfará e a conversão pela qual somos chamados por Ele há de nos guiar por caminhos de justiça e solidariedade.

RECORDAÇÃO DA VIDA

Leitor/a: “A Amazônia está sendo disputada a partir de várias frentes. Uma responde aos grandes interesses econômicos, ávidos de petróleo, gás, madeira, ouro, monoculturas agroindustriais, etc. Ameaçados por agentes econômicos que implementam um modelo alheio em nossos territórios. As empresas madeireiras entram no território para explorar a floresta, nós cuidamos da floresta para nossos filhos, dispomos de carne, pesca, remédios vegetais, árvores frutíferas [...] A construção de hidrelétricas e o projeto de hidrovias têm impacto sobre o rio e sobre os territórios [...] Somos uma região de territórios roubados” (*Trecho do Instrumentum Laboris*, p.21)

Recordar nomes, histórias e testemunhos de mártires. Se o estandarte ou foto estiver no ambiente, pode ser segurado enquanto se fala.

Leitor/a: “Na Amazônia, o fenômeno migratório em busca de uma vida melhor tem sido uma constante histórica [...]

Existem causas sociopolíticas, climáticas, de perseguição étnica e econômicas. Estas últimas são induzidas em sua maioria pelos projetos políticos, os megaprojetos e as empresas extrativistas, que atraem trabalhadores mas que, ao mesmo tempo, expulsam os habitantes dos territórios afetados. A agressão contra o meio ambiente, em nome do “desenvolvimento”,²⁸ piorou dramaticamente a qualidade de vida dos povos amazônicos, tanto das populações urbanas como rurais, devido à contaminação e perda de fertilidade do território.” (*Trecho do Instrumentum Laboris*, p.26).

Conhecemos histórias de pessoas migrantes em nossa comunidade?
Quem são elas? Como estamos acolhendo esses irmãos e irmãs?

Leitor/a: “Nas últimas décadas aumentou o investimento na exploração das riquezas da Amazônia por parte de grandes companhias. Muitas delas perseguem o lucro custe o que custar, sem se importar com o dano socioambiental que provocam. Os governos que autorizam tais práticas, necessitados de capital para promover suas políticas públicas, nem sempre cumprem seu dever de preservar o meio ambiente e os direitos de suas populações [...]

Trata-se de um verdadeiro flagelo moral; como resultado, perde-se confiança nas instituições e em seus representantes, o que desacredita totalmente a política e as organizações sociais. Os povos amazônicos não são alheios à corrupção, e se transformam em suas principais vítimas.” (*Trecho do Instrumentum Laboris*, p. 32).



Quais são os sinais de que nossos povos e a terra estão
sofrendo com o flagelo da corrupção?

HINO

É tempo ainda de amar sem fronteira,
do amor ser a bandeira de união do mundo inteiro.
Ainda creio que essas cores separadas
Serão flores perfumadas em um só canteiro.
É tempo ainda de ver que a esperança,
não é só uma dança de fumaça pelo ar.
Ainda sonho que o sol da nova era,
coroando a grande espera
seja a luz de um novo olhar.
Eu canto forte esta canção que encerra,
A comunhão da terra pela soma dos quintais.
Mas pergunto ao criador que fez a gente,
Porque assim tão diferentes para sermos iguais.

LEITURA BÍBLICA

Ex, 3, 7-12

(Silêncio, meditação, partilha).

PRECES

Nossa resposta será cantada: **Ouvi o grito, que sai do chão. Dos oprimidos em oração!**

Pela Igreja, para que assuma sua missão de cuidar da casa comum, promovendo a integração de todos os seres humanos com a natureza, constituindo assim novos paradigmas para a ecologia integral. Ouvi-nos, Senhor!

Para que todos os povos da Amazônia tenham seus territórios garantidos e preservados. Que sejam espaços de reprodução da vida e de cuidado com a criação. Ouvi-nos, Senhor!

Para que as cidades da Amazônia sejam territórios onde floresçam a consciência ambiental e a integração fraterna nos espaços públicos para o cuidado da vida. Ouvi-nos, Senhor!

Por todas as famílias amazônicas. Que nosso Testemunho cristão acompanhe,

integre e acolha a todos, sem excluir ninguém e considere as realidades familiares da Amazônia. Ouvi-nos, Senhor!

Por nossas comunidades e lideranças: para que a realização do Sínodo nos coloque em comunhão com todos os povos e suas crenças, celebrações, costumes. Inspirai práticas de respeito, diálogo e cuidado que enriqueçam nosso jeito de ser e fazer pastoral neste território, te pedimos!

(Preces espontâneas)

ORAÇÃO PELO SÍNODO PARA A AMAZÔNIA

Deus Pai, Filho e Espírito Santo,
iluminai com a vossa graça a Igreja que está na Amazônia.
Ajudai-nos a preparar com alegria,
fé e esperança o Sínodo Pan-Amazônico:
“Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”.
Abri nossos olhos, nossa mente e coração
para acolhermos o que vosso Espírito diz à Igreja na Amazônia.
Suscitai discípulas e discípulos missionários, que,
pela palavra e o testemunho de vida,
anunciem o Evangelho aos povos da Amazônia,
e assumam a defesa da terra, das florestas
e dos rios da região, contra a destruição, poluição e morte.
Nossa Senhora de Nazaré, Rainha da Amazônia,
intercedei por nós, para que nunca nos faltem coragem e paixão,
lado a lado com vosso filho Jesus.
Amém!

OFERTÓRIO

Animador/a: O clamor da terra e dos pobres é grito de justiça. Brota como brotam as sementes, potência guardada. Justiça porque a terra é sagrada e não queremos que seja usurpada para fins mercantis, que não respeitam seus tempos, suas histórias, suas potencialidades. Ofertamos hoje os alimentos concedidos pelas águas e pela terra de nossos quintais e roças, fruto da terra e do trabalho das mulheres e homens da Amazônia.



Canto

(Enquanto se canta, duas pessoas podem preparar a mesa/esteira com os alimentos)

Plantar

É muito mais profundo

Engrandece o mundo

É uma prece à natureza

Quem planta espera

No milagre do chão

O pequenino grão

Inundando a mesa.

Por isso estou

Cantando assim o meu plantio

Comparando a um grande rio

Que subindo transbordou.

De alma cheia

Meu olhar é uma canoa

Meu cantar de popa à proa

O pão que a terra germinou.

(Pode ser aspergido água perfumada com ervas nos alimentos).

PAI NOSSO

BENÇÃO

Ó Deus da criação e da justiça, que tua voz ouvida no assuio do vento e teu cheiro presente nas matas molhadas da nossa Amazônia, iluminem nosso painedo da vida e guie os caminhos da Tua Igreja que faz o caminho sinodal. Que ela encontre força e esperança em suas remadas, de modo que as correntezas da morte não nos tirem a coragem de construir uma Igreja em saída que promova a ecologia integral.

Amém, Axé, Awiri!

Caminha conosco, Deus da Vida, e nos abençoe: **Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!**

Amém!

PREPARAR PARA O PRÓXIMO ENCONTRO: pedir que as pessoas levem ervas de cheiro e alimentos para a partilha.



SAIDEIRA E PARTILHA (Canto)

Nesses campos, nessas matas, nesses lagos e igarapés; Nesses rios, planaltos e serras, planícies e vales, vão anunciar; No lombo de um belo cavalo, de barco, ou canoa, de remo na proa atender Teu chamar.

Sou missionário, sou povo de Deus. Sou índio, caboclo, mestiço fazendo da vida a missão; aqui nesta grande tapera da Igreja Amazônica sou mensageiro de um Deus que é irmão.(bis) ô, ô, ô, ô, ô, ê, ê de um Deus que é irmão.(bis)

Jesus Cristo, nosso guia anima o nosso caminhar; nos aponta o caminho certo e de braços abertos vem nos ensinar, que é preciso fazer opção pelo irmão peregrino que foi esquecido e por ele lutar.

Somos filhos da Igreja do norte; missionários desta região. Formamos a comunidade nesta geografia que temos nas mãos; Aprendemos a ouvir a mensagem de um Deus que nos fala na brisa, nas águas nas flores no chão.

TRÍDUO

AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Terceira Semana

IGREJA PROFÉTICA NA AMAZÔNIA: DESAFIOS E ESPERANÇAS

Preparar o ambiente: Duas ou três uasilhas de barro com água; incenso; vestimentas, cestos e objetos dos povos da região; mesa da Palavra com o Evangelho; mesa ou esteira para partilha; imagem de Nossa Senhora; Pedir anteriormente que as pessoas levem ervas de cheiro.

CHEGADA

Nós somos parte da Terra.
A Terra é parte de nós.
Um é a extensão do outro,
Nós não vivemos a sós.

Animador/a: As ervas que trazemos conosco vão perfumar estas águas e nosso espaço. Elas são sinal de nossa ligação com toda vida que pulsa na Amazônia e nos recordam memórias de nossas famílias, da infância, da espiritualidade e da sabedoria do povo. Cantemos enquanto mergulhamos as ervas nas águas e deixamos que misturem seu frescor e perfume.

ABERTURA

Seja o verde o sinal da esperança
Na Amazônia, rincão da aliança
Sem os males que gera a cobiça;
Com o Cristo que tudo renova,
Haveremos de ver terra nova
Nova terra onde reina a justiça!

Rios, lagos, florestas e povos,
Bendizei ao Senhor na canção,
Bendizei ao Senhor na canção,
É canção que constrói tempos novos
Nossa vida e missão neste chão!
Nossa vida e missão neste chão!

Os apelos de Deus pela vida
Vêm na voz de Jesus que convida
Ao convívio na diversidade.

Pelo pobre que se há de acolher
A Amazônia vai se converter
Na planície da fraternidade.

Amazônia, levamos ao mundo,
O clamor que se faz tão profundo
Por justiça, trabalho e pão,
Pela vida de que se manifesta,
Pelos nossos irmãos da floresta
Pela paz e evangelização.

Amazônia, Amazônia, este canto
Nos ajude a enxugar todo pranto
Deste solo tão forte e tão terno!
E que a vida dos mártires seja
Novo sopro de vida na Igreja
E esperança de um mundo fraterno.

ACOLHIDA

Animador/a: Bem vindas e bem vindos! Nossa celebração de hoje é a memória dos desafios e esperanças no caminho para uma Igreja com rosto amazônico e indígena. Acolher e respeitar as diferentes culturas e tradições, assumir as trilhas da missão que dialoga e aprende com as experiências dos povos. Hoje também queremos pedir ao Espírito que sopra os ventos de Pentecostes e nos dê a graça de escutar os sinais dos tempos para atualizar o mistério Pascal de Cristo e o anúncio da sua Palavra nos rincões da Amazônia.

RECORDAÇÃO DA VIDA

Leitor/a: “Desde há séculos, a Igreja procura partilhar o Evangelho com os povos amazônicos, muitos dos quais integram a comunidade eclesial. Os missionários e as missionárias têm uma história de profunda relação com esta região. Deixaram marcas profundas na alma do povo católico da Amazônia. [...] No encontro com os povos da Amazônia, em Puerto Maldonado, o Papa Francisco recordou as palavras de Santo Toríbio de Mogrovejo: “Não só nos tempos passados se fizeram a estes pobres tantos agravos e violências com tantos excessos, mas ainda hoje muitos continuam a fazer as mesmas coisas. Dado que ainda persiste uma mentalidade colonial e patriarcal, é necessário aprofundar um processo de conversão e reconciliação” (*Trecho do Instrumentum Laboris*, p. 45)

Pedimos o Teu perdão, Senhor da acolhida, por todas as vezes que o anúncio do Evangelho negligenciou as formas de ser e viver dos povos da Amazônia!

Todos/as: Senhor, Tende piedade de nós!

Leitor/a: “No campo eclesial, a presença feminina no seio das comunidades nem sempre é valorizada. Reclama-se o reconhecimento das mulheres a partir de seus carismas e talentos. Elas pedem para recuperar o espaço que Jesus reservou às mulheres, “onde todos/todas cabemos. [...] Os jovens se encontram entre dois mundos, entre a mentalidade indígena e a atração da mentalidade moderna, sobretudo quando migram para as cidades. Por um lado, são necessários programas para fortalecer sua identidade cultural face à perda de seus valores, idiomas e relação com a natureza; por outro lado, programas para ajudá-los a entrar em diálogo com a cultura urbana moderna.” (*Trecho do Instrumentum Laboris*, p. 51 e 52)

Pedimos o Teu perdão, Senhor da novidade, pelas práticas de machismo, opressão e negação da violência contra as mulheres e por negar aos jovens o direito de se formarem integralmente e serem protagonistas da Igreja e de suas vidas.

Todos/as: Cristo, Tende piedade de nós!

Leitor/a: “O diálogo ecumênico se realiza entre pessoas que compartilham a fé em Jesus Cristo como Filho de Deus e Salvador e, a partir das Sagradas Escrituras,

procuram oferecer um testemunho comum. O diálogo inter-religioso se realiza entre crentes que compartilham suas vidas, suas lutas, suas preocupações e suas experiências de Deus, fazendo de suas diferenças um estímulo para crescer e aprofundar a própria fé” (*Trecho do Instrumentum Laboris*, p. 55).

Pedimos Teu perdão, Deus do diálogo que liberta, por todas as vezes que alimentamos o conflito e a perseguição às nossas Igrejas e crenças irmãs, negando suas experiências de fé e propagando o medo para negar a beleza dos diferentes dons e carismas.

Todos/as: Senhor, Tende piedade de nós!

HINO (*aspersão de águas perfumadas nas pessoas enquanto se canta o hino*)

Glória a Deus, nosso Pai.

Pai de todas as criaturas.

Glória ao Filho, o redentor. (bis)

Glória demos ao Espírito Santo,

A trindade de Deus sempre, amém.

Todo o verde da imensa floresta

Glorifica a Deus uno também.

As trombetas dos anjos tocando,

Passarinhos se põe a cantar.

Glória a Deus no esplendor das alturas,

Gloriei e torno a gloriar.

Ao Deus Pai, e ao Deus Filho e ao Espírito,
Santo seja o nosso louvor.

Que de todas as barrancas cantemos,
Gloriando o grande criador.

Que esta glória se espalhe na Terra

Todos juntos possamos cantar.

Glória ao Pai que mandou o seu Filho,

Para o homem poder libertar.

LEITURA BÍBLICA (*incensar a Palavra*).

At 2, 1-11

(Pedir antecipadamente que duas ou três pessoas façam a meditação da Palavra. Se possível, que sejam de diferentes gerações –adultos, jovens, idosos –, ou ainda povos indígenas e também mulheres, ribeirinhos, agricultores).

COMPROMISSO

Animador/a: O caminho que percorremos nesse tempo sinodal, em comunhão com toda Igreja, nos convoca para assumir com mais ousadia o anúncio do Evangelho. Por isso, vamos agora renovar os compromissos para nós, para a Igreja e para uma Ecologia Integral.

- Você se compromete com a defesa incondicional da Amazônia, defendendo-a de práticas predatórias que exploram seus recursos e seus povos?

Comprometemos!



- Vocês se comprometem a cuidar dos territórios, sinais de vida e revelação de Deus para que toda a criação permaneça interligada?

Comprometemos!

- Vocês se comprometem em caminhar junto aos povos amazônicos, escutando e ecoando seus clamores e a promover práticas de educação popular para a sua formação?

Comprometemos!

- Vocês se comprometem a respeitar as diferentes culturas amazônicas, reconhecer os desafios urbanos e evangelizar a partir das realidades de cada território?

Comprometemos!

- Ó Senhor, tu que firmastes aliança com Teu povo, fazei com que este compromisso seja recordado continuamente por nós e por toda Igreja, para que fiéis ao mandamento do amor, sigamos construindo a sociedade do Bem Viver!

Amém!

BENÇÃO E PARTILHA

(Enquanto se canta, duas pessoas podem abençoar os alimentos aspergindo água perfumada). Após a benção, partilhar tapioca, farinha, castanhas e etc).

Quando os pés o chão tocarem
Para a dança começar;
Quando as mãos se entrelaçarem
Vida nova há de brotar.

Toma, ó Pai, o amor perfeito
Pelo rio, a mata, a flor...
Que o índio traz no peito:
É louvor ao Criador!

Uma só será a mesa,
Terra-mãe será o altar.
O sustento, a natureza,
Em milagres, vai nos dar!

Eis aqui, Senhor, as dores
Deste Cristo-Povo-Irmão.
Sejam hinos seus clamores
Na defesa de seu chão.

Nova Terra nós sonhamos



Onde todos têm lugar.
Os direitos nós buscamos:
Vida, pão, respeito, lar...

Povos todos, terra inteira
Te pertencem, ó Senhor!
Que os males e as fronteiras
Dêem lugar ao Pleno Amor.

ORAÇÃO FINAL

Deus Pai, Filho e Espírito Santo,
iluminai com a vossa graça a Igreja que está na Amazônia.
Ajudai-nos a preparar com alegria,
fé e esperança o Sínodo Pan-Amazônico:
“Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”.
Abri nossos olhos, nossa mente e coração
para acolhermos o que vosso Espírito diz à Igreja na Amazônia.
Suscitai discípulas e discípulos missionários, que,
pela palavra e o testemunho de vida,
anunciem o Evangelho aos povos da Amazônia,
e assumam a defesa da terra, das florestas
e dos rios da região, contra a destruição, poluição e morte.
Nossa Senhora de Nazaré, Rainha da Amazônia,
intercedei por nós, para que nunca nos faltem coragem e paixão,
lado a lado com vosso filho Jesus.
Amém!

BENÇÃO

O Senhor da luz nos abençoe e nos guarde!

Amém!

O Senhor brilhe em nós coragem e ousadia para as remadas sinodais!

Amém!

O Senhor que sempre fez a opção pelos empobrecidos e empobrecidas ilumine
nossos caminhos na defesa dos povos e de toda a Amazônia. Amém!

Caminha conosco, Deus da Vida, e nos abençoe: **Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!**

ENCONTRO DOS BISPOS DA AMAZÔNIA LEGAL 2021



Comissão Episcopal para a
Amazônia





ENCONTRO DOS BISPOS DA AMAZÔNIA LEGAL 2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - CARDEAL CLÁUDIO HUMMES 5

APRESENTAÇÃO - DOM ERWIN KRÄUTLER 8

A CONJUNTURA DA IGREJA NA AMAZÔNIA 11

**SÍNODO PARA A AMAZÔNIA PANORAMA
DO CAMINHO DEPOIS DA ASSEMBLEIA SINODAL 19**

**CARTA ABERTA DO ENCONTRO DOS
BISPOS DA AMAZÔNIA LEGAL AO POVO BRASILEIRO 31**



APRESENTAÇÃO

CARDEAL CLÁUDIO HUMMES

Caríssimos irmãos, caríssimas irmãs.

Esses nossos encontros que vêm vindo ao longo da história, desta vez de uma forma não como gostaríamos, de estar juntos presencialmente, estamos aqui de uma forma virtual nessa grande e importante reunião. Quero saudar a todos e todas presentes.

Estamos nos preparando para a festa de Pentecoste, isso significa que, de forma muito particular, invocamos o Espírito Santo para que nos ilumine e sobretudo nos encoraje. Para que tenhamos coragem e inspiração em nosso trabalho na Amazônia.

Diante de tudo isso, nesse tempo difícil da pandemia da Covid-19, em que tanta gente está perdendo a vida em nossas comunidades, não só nas cidades, na área urbana, mas também na floresta profunda, surgem ainda outras necessidades, como a fome. Todos nós nos sentimos, portanto, muito

interpelados de como agir, estar juntos, viver esse momento como Igreja na Amazônia.

Por isso, em primeiro lugar peço ao Espírito Santo que nos una, ele que é o Espírito da unidade e ao mesmo tempo da diversidade. Sabemos que nossa região tem uma grande necessidade disto: a unidade, mas respeitando as diversidades legítimas que temos em todos os lados. Isso nos lembra todo o trabalho ecumênico da Igreja por todo mundo. Como estamos também nós buscando construir essa unidade com nossos irmãos de outras Igrejas nessa região?

Faz quase dois anos que nós realizamos o Sínodo para a Amazônia. Ele é fundamental para nós, pois marca, e deve continuar marcando, todo o nosso processo histórico daqui pra frente. Caminho que já começou, claro, antes mesmo da Assembleia Sinodal, com toda a preparação, todo o processo de escuta e aprendizagem de estar junto do povo, de escutá-lo e, junto com ele, dizer como podemos construir novos caminhos para a Igreja, para todo o território, para toda a ecologia do território.

É bom para nós, bispos da Amazonia, que nos reunimos nesse encontro sermos abertos ao processo que o sínodo nos coloca. E é aí que vem o nosso encontro, aqui realizado, que deve nos interpelar: como está a nossa pastoral? Houve de fato alguma mudança? Ou tudo permanece do mesmo jeito e os documentos estão apenas em nossa biblioteca? O que realmente está acontecendo em nossa comunidade, em nossa diocese? O que conseguimos fazer de mais correspondente a toda essa interpelação que o Sínodo e esse processo nos colocam, mesmo a reforma que o papa Francisco está colocando em curso? Você, sendo sincero consigo mesmo, sobretudo você sendo bispo, agente de pastoral, você deve dizer: “ainda não aconteceu nada de muito importante, de diferente”. É



uma questão que temos que nos colocar e não deixar passar o tempo. Como está a nossa atividade como Igreja junto aos indígenas? Toda a questão de defesas: da floresta, dos rios, das águas, da biodiversidade... houve alguma diferença da parte da Igreja, das nossas dioceses, nós mudamos algo, mudamos nossas atitudes?

Todas essas questões nós devemos colocar muito sinceramente no nosso coração, em primeiro lugar. É uma questão de conversão, como diz o papa. Isso significa que nós mesmos precisamos ser diferentes e deixar-nos transformar pelo Espírito Santo que nós invocamos nessa semana. Essa são questões que deixo aqui como interpelações para todos nós.

Um excelente encontro para todos.

Cardeal Cláudio Hummes

Presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia

APRESENTAÇÃO

DOM ERWIN KRÄUTLER

Estimados irmãos, estimadas irmãs,

É com grande alegria que aqui, desde as margens do Xingu, acolho a cada um e cada uma neste nosso IV Encontro dos bispos da Amazônia Legal desta vez de forma virtual por causa da pandemia. Em clima sinodal e de fraternidade, mesmo que à distância, podemos nos reunir, partilhar a vida, sonhar juntos e construir novos caminhos para a nossa Querida Amazônia.

Juntamente com a Comissão Episcopal para a Amazônia, nós, da Rede Eclesial Pan-Amazônica/REPAM-Brasil, pensamos com muito carinho esse encontro. Seguindo o espírito de Santarém, queremos ser Igreja profética e comprometida com o nosso povo da Amazônia.

Criada em 2014, a REPAM tem como missão “potencializar, de maneira articulada, a ação que realiza a Igreja no território Pan-Amazônico, atualizando e concretizando opções

apostólicas conjuntas, integrais e multiescalares, no quadro da doutrina e das orientações da Igreja”.

Ou seja, estamos a serviço da Igreja no Brasil para os povos da Amazônia, para a defesa dos direitos humanos de mulheres e homens, ribeirinhos, indígenas, acampados e assentados, pescadores, e tantas outras expressões e trajetórias de vida emersas na Amazônia.

Apostamos no protagonismo dos povos amazônicos na defesa e cuidado da casa comum através de um serviço de interconexão e articulação de ações, que se dinamizam a partir de eixos prioritários.

Somos REDE. Não somos mais uma organização ou pastoral, mas contribuímos para que as pastorais, movimentos, articulações que existem nas Igrejas locais possam se interconectar, criar sinergia, ser pastoral de conjunto.

Lembro aqui o papa Francisco no número 97 da Querida Amazônia quando diz: “Encorajo o aprofundamento do serviço conjunto que se realiza através da REPAM e outras associações com o objetivo de consolidar aquilo que solicitava Aparecida: «estabelecer, entre as Igrejas locais de diversos países sul-americanos que estão na bacia amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas»[138]. Essa é a nossa identidade, ser rede e contribuir para a pastoral de conjunto.

Como REPAM, contribuímos no processo de construção e realização do Sínodo para a Amazônia. Mobilizamos e motivamos as escutas nos territórios, num movimento bonito de presença da Igreja junto aos povos da Amazônia. Agora, portanto, nesse momento pós-assembly sinodal é nossa missão contribuir para o enraizamento do Sínodo. Assim, estamos proporcionando formações, materiais, assessorias, criando sinergias para que o Sínodo para a Amazônia seja vida na vida das nossas comunidades.



A triste realidade de pandemia que estamos vivendo nos últimos tempos tem exigido de nós criatividade e ousadia no cuidado com as pessoas e exercício da nossa missão. A partir da secretaria executiva de Brasília, ampliamos nosso contato com os territórios e conseguimos, com o apoio de inúmeros parceiros, contribuir com ajudas emergenciais, possibilitando a chegada de alimentos, materiais de higiene e limpeza e máscaras nos territórios. Neste momento, estamos apoiando mais de 40 iniciativas nas dioceses e prelazias que favorecem a autossustentação das comunidades. Projetos de agroecologia, de economia solidária... um movimento bonito de resiliência e resistência do nosso povo.

Desde o final de 2020, após um processo de discernimento e mudança na secretaria da REPAM, enquanto Brasil, acolhemos a Secretaria Executiva Pan-Amazônica. Em Brasília concentramos os processos administrativos, junto com a REPAM-Brasil, e em Manaus está o escritório que cuida do processo pastoral, articulação dos eixos e relação com as REPAMs Nacionais.

Agradecemos imensamente aos senhores o apoio, acolhida e presença junto a REPAM-Brasil. Somos Rede e cada nó, cada Igreja particular, cada pessoa é importante para nos fortalecermos juntos.

Que tenhamos um encontro de muito frutos para a nossa Igreja na Amazônia, possibilitando que novos caminhos se tornem reais.

Meu abraço fraterno.

Altamira – PA, 18 de maio de 2021

Dom Erwin Kräutler

Presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica/REPAM-Brasil



A CONJUNTURA DA IGREJA NA AMAZÔNIA¹

Pe. Agenor Brighenti

- É importante manter o hábito de resituar continuamente os processos pastorais no contexto sócio-ecclesial, que está sempre em movimento (*Medellín: “todo compromisso pastoral brota de um discernimento da realidade”*). Com a mediação das ciências e a luz da Palavra revelada, trata-se de ler os “sinais dos tempos”, que se manifestam “no” tempo, na história e contribuem para fazer a Palavra de Deus “salvação para nós hoje” (DV 11).

1. A PROFECIA DE PAULO VI SE CUMPRIU

- “*Cristo aponta para a Amazônia*” (célebre expressão de Paulo VI, em mensagem aos Bispos da Amazônia, reunidos

1 Análise realizada no Encontro dos Bispos da Amazônia em 18 de maio de 2021.



em Santarém, em 1972; a primeira reunião deu-se em 1954; a CNBB nasceu em 1952).

- A profecia se cumpriu. Mesmo em meio à gravidade de uma pandemia, que dura mais de um ano, praticamente o mundo inteiro olha para a Amazônia, assim como o olhar da Igreja em geral também está focado na Amazônia.

- Os motivos:

- *alguns são para se alegrar* – a exuberância do bioma amazônico e sua contribuição para a humanidade; a grande biodiversidade e a pluralidade de povos e culturas; a presença de uma Igreja defensora da vida, com seus profetas e mártires; a Igreja atuando pela capilaridade de comunidades, dinamizadas pelo laicato, distantes, mas não isoladas; o transcendente Sínodo da Amazônia e seu promissor processo de recepção, etc.;
- *outros são para se indignar*: a intensificação de uma política de depredação da natureza na região pelo desmatamento, as queimadas, o garimpo ilegal, fruto do apoio a um modelo de desenvolvimento insustentável; o descaso com os indígenas, quilombolas, ribeirinhos e os jogados nas periferias das cidades, que põe em risco sua sobrevivência, incluídas suas culturas e religiões;

- Ter os olhos do mundo inteiro e da Igreja em geral voltados para a Amazônia, por um lado, é *alentador*, pois se sabe que se pode contar com muitos aliados na realização dos quatro sonhos vislumbrados pelo Papa Francisco, a partir do Sínodo da Amazônia: os sonhos social, cultural, ecológico, eclesial; mas, por outro lado, *aumenta a responsabilidade* do país e da sociedade como um



todo, assim como da Igreja, diante de tantos desafios (e aumenta a expectativa em relação aos Bispos da Região, às Dioceses e Congregações Religiosas, ao CIMI, à CPT, à REPAM e à Comissão Episcopal para a Amazônia junto à CNBB, à CEAMA e ao CELAM).

- Será que a Igreja na Amazônia terá condições de responder às exigências do momento? Tem dado provas que sim, mas precisa da colaboração e o apoio de todos os comprometidos com a vida na Região.

2. A PANDEMIA IMPACTA SERIAMENTE O PAÍS E A IGREJA NA AMAZÔNIA

- A *pandemia* também fez o mundo e a Igreja voltar seu olhar para a Amazônia. Em meio aos problemas da Região, que não são poucos, a pandemia é um sério agravante. Foi dramático o que se viveu, sobretudo, em Manaus, e o que acontece com os povos indígenas, inclusive com a criminalização de suas lideranças. No país, é escandaloso o número de mortos e infectados, com grande impacto também sobre a Igreja, sobre seus quadros de agentes nas comunidades, sobre os processos pastorais em curso.

- A CRISE DA PANDEMIA SE DESDOBRA EM UMA CRISE:

- *sanitária* (agravada pelo negacionismo da ciência e da gravidade do vírus, também com gente de Igreja contra o isolamento, os protocolos de higiene e até da vacina);
- *crise econômico-social* (agravada por “uma economia que mata”– “trabalhadores, arrisquem a vida para salvar a economia”/*necro-economia*; em contrapartida tantos gestos de solidariedade e



partilha em nossas comunidades, diante da fome e do desemprego);

- *crise política* (agravada por um plano nacional de não combate à pandemia/*necro-política*, em meio a uma forte polarização de extrema-direita, também de segmentos da Igreja, respaldada em uma ideologia que cega);
- crises apoiadas em uma *instrumentalização da religião* (atrelando igrejas a um projeto de poder, expondo a vida das pessoas – Ministro da Justiça: “os fieis estão dispostos a dar a vida para manter os templos abertos”/*necro-religião*; segmentos da Igreja católica que convergem com segmentos do neopentecostalismo).

- Como e quando sairemos desta pandemia e em que situação sairá a Igreja? Que novos desafios lhe esperam? A *Fratelli Tutti* oferece luzes e uma agenda muito concreta, também para a Amazônia.

3. A IRRUPÇÃO DA AMAZÔNIA COMO NOVO SUJEITO E NOVO PARADIGMA

- O mundo e a Igreja olham para a Amazônia, pois ela irrompe no contexto mundial como um *novo sujeito* e um *novo paradigma*. E o Papa Francisco tem feito irromper a Amazônia como novo sujeito e novo paradigma na Igreja como um todo, assim como tem feito igualmente o Sínodo da Amazônia.

A AMAZÔNIA COMO NOVO SUJEITO:

- a) primeiro, pela *questão ecológica* – tornou-se uma questão primeira, por sobrevivência, que



condiciona o futuro da humanidade; sabe-se da importância da Amazônia para a vida no planeta; a natureza é sujeito de direitos e muito mais quando concebida como obra do Criador - lembra o Papa que cada criatura “tem seu valor em si mesma; e, por nossa causa, milhares de espécies já não dão glória a Deus com sua existência; não temos esse direito” (*QAm* 54); “tudo está interligado”, o cuidado é uma questão de proteção da vida humana e seus ecossistemas.

- b) segundo, pelo direito de existir dos povos originários – é a irrupção dos invisibilizados, do “outro” como diferente; é a legitimidade e o direito dos diferentes e o reconhecimento da riqueza das diferenças; os povos invisibilizados, são portadores de uma sabedoria ainda não conhecida, recebida ou acolhida e que faz toda a diferença nestes tempos de encruzilhada no projeto civilizacional moderno ocidental; é o direito à autodeterminação dos povos e do reconhecimento de que não existe povo ou cultura superior.

A AMAZÔNIA COMO NOVO PARADIGMA:

- a) *a ecologia como paradigma* – o “outro” enquanto natureza, quando olhado com espírito de dominação, leva a posturas predatórias e destruidoras, mas, quando visto como parte de si mesmo e dom do Criador, torna-se instância de admiração e cuidado, de inter-relação respeitosa, de responsabilidade, mediação de Deus; a viabilidade da vida exige uma relação de cuidado, não utilitarista e consumista ou predatória; não é uma ideologia de esquerda, do comunismo para combater o



capitalismo, mas uma questão de responsabilidade para com as gerações futuras; a ecologia é uma agenda obrigatória para a economia, a política, a cultura, as religiões...

- b) os povos originários como paradigma – é assumir uma postura decolonial, descolonizadora do poder, do saber e do ser; os povos invisibilizados, não são povos atrasados, não-civilizados, mas que tem sua própria civilização, no mosaico de civilizações e culturas diferentes; é reconhecer o “outro” como diferente, não como ameaça; diferença a ser acolhida e que enriquece.

4. IMPACTO SOBRE A IGREJA NA AMAZÔNIA NO PRESENTE E PARA O FUTURO

COM RELAÇÃO À ECOLOGIA COMO SUJEITO E PARADIGMA NA AÇÃO EVANGELIZADORA:

- a) A Igreja, a evangelização, a pastoral já não pode ignorar a questão ecológica, pois ela é também evangélica, teológica, pastoral é precisa ser integrada no cotidiano da ação evangelizadora.
- b) Isso já é uma tradição na Igreja da Amazônia. Ela tem seus profetas e mártires, que levantaram sua voz contra a destruição da floresta, da biodiversidade, a monocultura, os mega-projetos invasivos, o envenenamento do solo e das águas...
- c) A *Laudato Si'* desafia fazer da ecologia uma dimensão da pastoral como um todo. Na Amazônia, a ecologia já está e pode estar ainda mais presente na espiritualidade, na educação da fé, na celebração

da fé, nas ações concretas, também através de um serviço de pastoral da ecologia em cada comunidade eclesial.

- d) Em uma pastoral da ecologia, frisa o Sínodo da Amazônia que temos muito a aprender dos povos indígenas, que com sua visão integradora da realidade, habitam a região há milhares de anos e são exemplo de um convívio respeitoso e harmônico com ela. Ninguém melhor que eles para nos ensinar a cuidar da Casa Comum.

COM RELAÇÃO AOS POVOS ORIGINÁRIOS

COMO SUJEITOS E PARADIGMA NA AÇÃO EVANGELIZADORA:

- a) É a superação de toda postura colonizadora na evangelização: “frequentemente o anúncio de Cristo se realizou em convivência com os poderes que exploravam recursos e oprimiam as populações” (Sínodo, Documento Final, n. 15).
- b) *Aparecida* frisa a necessidade de “descolonizar as mentes, fazer cessar a lógica colonialista de rechaço e de assimilação do outro, uma lógica que não vem de fora, mas que está dentro de nós” (cf. *DAp* 96).
- c) É “uma Igreja em saída missionária às periferias, com o cuidado de não domesticar as fronteiras” (Papa Francisco), fazendo da periferia o centro da Igreja. O que leva a Igreja a inserir-se particularmente nos meios populares e a trabalhar estreitamente com os movimentos populares (apelo do Papa Francisco).
- d) A defesa e proteção da identidade cultural dos povos da Amazônia e a edificação de “uma Igreja



com rosto amazônico” (Igreja autóctone) é uma marca da Igreja na Região, particularmente desde “Encontro de Santarém”, em 1972 (carteira de identidade da Igreja da Amazônia/Dom M. Grechi; “um rosto local com dimensão universal”/Sínodo da Amazônia).

- e) Daí decorrem consequências como: a inculturação da liturgia (criação de um Rito Amazônico); a inculturação dos ministérios: padres casados (aceso à Eucaristia), diaconato para as mulheres, ministério do Acolitamento e Leitorado para mulheres, ministério de dirigente de comunidade, ministério de catequista (“uma cultura eclesial marcadamente laical”/QAm).
- f) Leva também a uma inculturação das estruturas da Igreja, mais sinodais, flexíveis, participativas, a exemplo de Frutos do Sínodo da Amazônia como a CEAMA e a Assembleia Eclesial Latino-americana y Caribeña; uma Igreja gerida por organismos de comunhão e participação como equipes, conselhos e assembleias de pastoral, antídotos do clericalismo, a partir das CEBs, a “célula inicial de estruturação eclesial” (DAP 178).



SÍNODO PARA A AMAZÔNIA PANORAMA DO CAMINHO DEPOIS DA ASSEMBLEIA SINODAL

Cardeal Michael Czerny S.J.

Seção Migrantes e Refugiados

Dou graças a Deus pela oportunidade de participar deste Encontro dos Bispos da Amazônia brasileira, sempre buscando, como tem feito o Sínodo de 2019, e trilhando novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral.

Me solicitaram para acompanhá-los na reflexão sobre o processo do caminho pré-sinodal, sinodal e pós-sinodal. Mesmo um pouco distante, é com prazer que compartilho o que estamos aprendendo. O que vou oferecer são reflexões sobre vosso caminho que, de forma semelhante e *mutatis mutandis*, queremos viver em outras partes da Igreja e do mundo, sobretudo no que se refere à sensibilidade para com o território e seu povo, numa relação orgânico-espiritual com a Mãe Terra, como o fator

mais primário, mais significativo que outros aspectos: funcional, instrumental e institucional. Oxalá que tudo isto ilumine o que vocês estão experimentando nos últimos anos e esperando para o futuro.

A história começa com a chegada do homem à Amazônia e, mais adiante, com a chegada dos missionários, mas isso não é assunto de reflexão para hoje. Também começa com o Vaticano II, Medellín e Puebla, mas também não vou me aprofundar nisso. Esta história começa com Aparecida, em 2007, há quase quinze anos, e com o Sínodo Pan-Amazônico há quase dois anos, e desde então, o caminho pós-sinodal de breves 20 meses. Quantas coisas, pela graça de Deus, já aconteceram!

Antes de examinarmos os marcos mais importantes, permitam-me perguntar: por que estou retomando isso com vocês? Porque fora da Amazônia, fora do Brasil, fora da América Latina, é muito importante para todos nós ouvirmos a história da maravilhosa providência de Deus, de sua mão poderosa, e seu braço estendido, porque seu amor é eterno (cf Sl 136,12), para entender como, em nosso tempo, Deus guia seu povo na história da salvação. E penso que para vocês esta retomada não é apenas um motivo de gratidão, mas constitui também um “novo apelo”: lembrar é também redescobrir como Deus continua repetindo o chamado. Portanto, desde a visão panorâmica que vocês me pediram para apresentar, é muito importante relemburar os muitos passos já dados ao longo dessa caminhada, para dar graças a Deus pela sua admirável providência e para ouvir seu chamado.

APARECIDA - 2007

Abrimos o Documento de Aparecida. Tendo descrito (“ver”) em particular “a biodiversidade, ecologia, Amazônia e Antártida” (Dap, n. 83-87) e analisado (“julgar”) a situação da Amazônia, Aparecida oferece algumas propostas e orientações para uma pastoral unitária no n. 474:



- a) Evangelizar nossos povos para que descubram o dom da criação, aprendam a contemplá-la e cuidar dela como casa de todos os seres vivos e matriz/origem da vida do planeta, a fim de exercer com responsabilidade o senhorio humano sobre a terra e os recursos, para que possa produzir todos os seus frutos em sua destinação universal, educando para um estilo de vida de sobriedade e austeridade solidárias. Esta evangelização deve ser apoiada, com competência e honestidade, pela autoridade pública nacional e internacional, por exemplo, por meio de medidas de monitoramento e controle social sobre a aplicação dos padrões ambientais internacionais em nível nacional (DAP n. 474).
- b) Fortalecer a presença pastoral junto às populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório, e apoiá-las em seus esforços para conseguir uma distribuição equitativa da terra, da água e dos espaços urbanos (DAP, n. 474).
- c) Com base na *Populorum Progressio*, “[O verdadeiro Desenvolvimento] é a forma de passagem, para todos e cada um, de condições de vida menos humanas para condições mais humanas” (PP, n. 20): Buscar um modelo de desenvolvimento alternativo, abrangente e solidário, baseado numa ética que inclua a responsabilidade por uma autêntica ecologia natural e humana, que se fundamenta no evangelho da justiça, da solidariedade e do destino universal dos bens, e que supere a lógica utilitarista e individualista que não submete os poderes econômicos e tecnológicos a critérios éticos. Portanto, que estimule nossos camponeses a se organizarem de forma que possam alcançar sua justa reivindicação (DAP, n. 474).



- d) Antecipando o capítulo cinco de *Fratelli Tutti*, A Melhor Política, Empenhar nossos esforços para estabelecer / promulgar políticas públicas e a participação cidadã que garantam a proteção, conservação e renstauração da natureza (DAP, n. 474).
- e) Nas Américas criar consciência sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade. Estabelecer entre as Igrejas locais de vários países sul-americanos da Bacia Amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas, para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum.
- f) Apoiar, com os recursos humanos e financeiros necessários, a Igreja na Amazônia, para que continue anunciando o Evangelho da vida e desenvolva seu trabalho pastoral na formação de leigos e sacerdotes, por meio de seminários, cursos, intercâmbios, visitas às comunidades e material educativo (DAP, n. 475).

Nestes breves parágrafos, Aparecida nos oferece, por sua vez, um planejamento pastoral abrangente e um plano de ação concreto. Vale a pena voltar a estas indicações precisas e proféticas.

Em quase quinze anos de Aparecida, houve muitos momentos fortes. Do lado de fora/distantes, só podemos lamentar: por que não ouvimos isso alguma vez na Igreja e na sociedade como um todo? Se o tivéssemos conhecido e cumprido, talvez os últimos quinze anos não tivessem sido tão desperdiçados pastoral, ambiental e holisticamente.

Internamente, agradecemos por quanto o Senhor generosamente ajudou a colocar em prática esses parágrafos centrais de Aparecida. Ao mesmo tempo, não podemos



deixar de nos questionar: se estivéssemos próximos/unidos, organizados e articulados na Pan-Amazônia, tanto mais profundamente unido e animado teria ficado o povo de Deus na Amazônia brasileira e no Brasil em geral. Tanto mais tivesse sido incentivado e auxiliado, e por sua vez vocês contribuindo para a missão na Pan-Amazônia.

ENCONTRO DE 2013

Nossa breve história, que supõe também um profundo exame de consciência, agora salta para 27 de julho de 2013 e ao inesquecível encontro do recém-eleito Papa Francisco com o Episcopado brasileiro. Quantos de vocês estavam presentes? Seria muito interessante intercambiar lembranças, graças, desafios e arrependimentos.

Refiro-me claramente à seção “A Amazônia como teste decisivo, banco de prova para a Igreja e a sociedade brasileiras”. O Papa começou expressando a convicção de que muitos aprenderam a compartilhar desde então, ou seja, que a Amazônia é crucial, e decididamente relevante para o caminho atual e futuro, não apenas da Igreja no Brasil, mas também do conjunto da sociedade.

Historicamente, “A Igreja não está na Amazônia como quem fez as malas para partir depois de explorá-la ao máximo. A Igreja está presente na Amazônia desde o início com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos e ainda hoje continua presente e é decisiva para o futuro da região”.

O Papa convidou a todos a refletir sobre o que Aparecida afirmou sobre a Amazônia (como já o fizemos brevemente) e também sobre o vigoroso apelo ao respeito e cuidado de toda a criação, que Deus confiou ao homem, não para explorá-la com selvageria, mas para transformá-la em um jardim (PF, 2013).



Dois anos depois veio a referência à Amazônia e ao Congo em *Laudato Si'* (LS, n. 38).

Assim, o Santo Padre fez um apelo a uma maior e melhor formação: o trabalho da Igreja deve ser mais encorajado e relançado. Instrutores qualificados, especialmente formadores e professores de teologia, são necessários para consolidar os resultados alcançados no campo da formação de um clero indígena, para ter também padres adaptados às condições locais e fortalecer, por assim dizer, o “rosto amazônico” da Igreja. Nisso, ele pediu a vocês “para serem corajosos, e que tenham confiança. Na linguagem de Buenos Aires, lhes diria para serem corajosos” (PF, 2013).

REPAM-2014

Apenas um ano depois, em setembro de 2014, de forma silenciosa/misteriosa e providencial, nasceu a REPAM!

SÍNODO - 2019

Mais tarde, em outubro de 2019, iniciou o Sínodo propriamente dito. Vários de vocês participaram dele e perceberam como foi difícil para muitos – seja próximo de Roma ou distante – ter uma visão clara e positiva do processo sinodal. Isso se deveu em parte ao “barulho” da mídia, mas também mais profundamente ao fato de que, de fora, é difícil perceber o grande significado da Amazônia para o mundo e para o conjunto da Igreja. Isso os desafia a viver o processo da maneira mais profunda e completa possível, não apenas para o bem de seu próprio povo e de todo o povo da Amazônia, mas para toda a Igreja e o mundo como um todo. Uma das grandes graças do Sínodo está implícita em seu título ou tema: “novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. À primeira vista, parece haver dois elementos talvez vagamente conectados.



Mas o próprio Sínodo foi um processo de conversão que nos faz descobrir como um tema único e indissociável nos espera, não só para ser compreendido, mas, mais importante que isso, para ser vivido. O importante Documento Final foi concebido e desenvolvido com este espírito e tem o mesmo e único título em duas dimensões. Poucos meses depois, o Papa Francisco voltou a tratar do tema dessa forma na Exortação *Querida Amazônia*: “Tudo o que a Igreja oferece deve se encarnar de maneira original em todas as partes do mundo” (QA, n. 6), e depois desenvolveu toda a Exortação na forma de quatro sonhos (QA, n. 7):

- **Sonho social** - Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos originários, dos últimos, de modo que sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida (QA, n. 7).
- **Sonho cultural** - Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza, e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana (QA, n. 7).
- **Sonho ecológico** - Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a beleza sedutora que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas (QA, n. 7).
- **Sonho eclesial** - Sonho com comunidades cristãs capazes de entregar-se e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos (QA n. 7).

Caros irmãos, se alguém de nós (na Amazônia e especialmente fora dela) acha difícil apreciar a força unitária e integral do tema dos novos caminhos do Sínodo em duas dimensões, talvez os quatro sonhos sejam ainda mais difíceis de



entender. Cada um de nós, participantes deste encontro, pode perguntar-se: Experimento espiritual e pastoralmente, posso expressar verbalmente e na ação, a integridade dos novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral, e também a integridade dos quatro sonhos?

Cresce a compreensão de uma maior eclesialidade, abrindo horizontes. O que chama a atenção é como o fator dinâmico não se limita às nossas circunscrições habituais: minha diocese, meu estado, meu local, mas que vem desta Amazônia maior e mais plural, mais vulnerável e sempre mais essencial para a saúde do mundo. Como o próprio Jesus veio, não da Judeia, mas da Galileia; não de Jerusalém, mas de Nazaré; não dos fariseus e sacerdotes, mas dos camponeses e trabalhadores. E quanto às pessoas que rodeavam Jesus – por exemplo Natanael, “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (Jo 1,46) – foi difícil para o povo reconhecer e aceitar aquele profeta desconhecido, da mesma forma é difícil para nós reconhecer as periferias que carregam uma mensagem importante, uma oportunidade importante, uma graça e uma providência importantes.

PASTORAL DE CONJUNTO

Se tivéssemos que identificar a matriz/ a primeira de todas as prioridades, seria esta: “estabelecer, entre as Igrejas locais de vários países sul-americanos, que estão na Bacia Amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas [...] apoiar, com os recursos humanos e financeiros necessários, a Igreja que vive na Amazônia, para que continue anunciando o Evangelho da vida e desenvolva seu trabalho pastoral na formação de leigos e sacerdotes [e] comunidades” (Dap, n. 475).

O desafio, portanto, é formular um plano de pastoral de conjunto para a Igreja amazônica, com foco na missão.



Para concretizá-lo, o Sínodo apresenta-nos algumas pistas, especialmente na busca desse rosto amazônico, de uma Igreja inculturada e em diálogo intercultural, uma Igreja tão próxima dos povos amazônicos para identificar-se com eles. Todas as instâncias eclesiais devem estar envolvidas, mas também comunidades, religiosos/as, territórios, povos em geral e especialmente do local, todas as jurisdições eclesiásticas, que na Amazônia são mais de cem.

Creio, sem sombra de dúvida, que o Sínodo Amazônico e o processo da REPAM vinculado ao Sínodo têm deixado e continuam deixando uma marca muito importante na Igreja latino-americana e universal ligada a todo o magistério do Papa Francisco: *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si'*, *Querida Amazônia e Fratelli Tutti*.

EXEMPLOS

Continuemos a alimentar, com o Espírito Santo, este grande dinamismo eclesial renovador e transformador. Aqui estão alguns exemplos que, oxalá, animem nossa discussão:

- Igreja em saída, de presença e com necessidade de repensar as estruturas eclesiais e neste marco repensar a formação dos nossos diáconos e seminaristas. Por exemplo, algumas faculdades de teologia têm incorporado a novidade do Sínodo em sua reflexão teológica e pastoral.
- Igreja sinodal que caminha, compartilha, abre espaços de escuta, propõe novos caminhos de diálogo, discerne seus processos e não simplesmente planeja, mas cria instituições eclesiais (CEAMA), pensa e propõe uma renovação e reestruturação do CELAM, avança nos espaços compartilhados e intercongregacionais da CLAR. Sinodalidade que



supõe sinergias e articulação entre as diferentes entidades, órgãos ou espaços eclesiais: CELAM, CEAMA, REPAM, CLAR, CARITAS, Conferências Episcopais. É interessante como, em ritmos distintos e com identidades e missões diferentes, há uma dinâmica eclesial múltipla de uma Assembleia eclesial para a América Latina (tomo como estrutura os sonhos de QA), a criação de redes além da REPAM em nível de América Latina, a formulação e execução de um Plano de Pastoral de Conjunto para a Amazônia.

- Insistir na vocação de uma Igreja samaritana que esteja a serviço da realidade que as pessoas vivem no seu dia a dia, de todas as enfermidades e contágios que existem, das mortes, dos problemas de saúde. A epidemia limita muito e cria muita instabilidade e incerteza, bem como a dificuldade de chegar a determinados territórios para promover novas ações. A Covid-19 nos força a repensar os sistemas de saúde e a contribuição da Igreja. As jurisdições eclesiásticas tiveram que se adaptar às condições impostas pela Covid, e com grande dificuldade se tem conseguido fazer o que se sonhava e o que se esperava. Como trabalhar esses problemas concretos, por exemplo, o fato de que muitos indígenas não querem ser vacinados. As consequências desta pandemia são horríveis e isso será levado muito em consideração nas opções, nas prioridades pastorais que a Igreja amazônica deve ter.
- Inculturação e interculturalidade (respeito, diálogo, cultura do encontro) e rejeição das práticas colonialistas, o esforço de uma Igreja que não se



limita apenas a inculturar-se, mas deve entrar em um intenso diálogo intercultural com os povos amazônicos. Novos espaços ecumênicos e inter-religiosos estão sendo abertos a partir de uma perspectiva ampla, desde os problemas e desafios socioeconômicos, políticos, culturais e socioambientais, e não estritamente religiosos ou doutrinários.

- Educação de qualidade para todos e todas: um pacto pela educação no qual a Igreja está comprometida. Por exemplo, a Rede Amazônica de Educação Intercultural Bilíngue (REIBA). REIBA é um projeto educacional da Igreja Católica que visa fortalecer a formação de alunos de centros educacionais em comunidades indígenas da região amazônica, com a ajuda de educadores voluntários. Eles não substituem mestres ou professores efetivos. São colaboradores e auxiliam na formação de alunos dentro e fora do centro educativo.
- Tomada de consciência da necessidade de uma conversão integral (aporte do Sínodo) e de processos que nos sensibilizem frente à realidade que vivemos, assim como da importância dos processos de reconciliação (um exemplo é o pecado ecológico e a maneira de reconciliar-nos com a destruição da casa comum).

Entre os limites e desafios que continuamos tendo, está a dificuldade de alcançar a perspectiva para além do Brasil, tanto na Amazônia quanto na América Latina, como experiência de crescimento mútuo, comunhão e de plena sinodalidade.

Quais são os desafios que continuamos tendo? Se pode assim resumir: que nossa Igreja amazônica e brasileira seja



sempre mais missionária e evangelizadora na (re)construção da casa comum na Amazônia. Entre os diversos entes eclesiais, tais como os representados neste encontro, necessitamos de processos de articulação e sinergia, e a abertura para opções, planejamentos e resultados que acolhemos com a graça da novidade do Espírito Santo.

CARTA ABERTA DO ENCONTRO DOS BISPOS DA AMAZÔNIA LEGAL AO POVO BRASILEIRO

*“Vi, então, um novo céu e uma nova terra, morada de Deus com sua gente (...).
Nunca mais haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor.
Sim! As coisas antigas passaram! Eis que faço novas todas as coisas”
(cf Ap 21, 1- 5).*

“CRISTO APONTA PARA AMAZÔNIA”.

A convocação de São Paulo VI, que repetidas vezes nos inspirou como interpelação, se configura agora como profecia: os olhares se voltam para Amazônia, pela riqueza da sua biodiversidade e de seus povos, e isto nos alegra; mas também olhares ambiciosos, que lançam sobre a região um avanço de depredação e ameaça à vida, e isto nos causa indignação. Como Igreja Católica, também nós, lançamos nosso olhar vigilante, nossa escuta contemplativa e esperançosa, nosso comprometimento inequívoco; levantamos nossa voz,



renovamos os apelos à ecologia integral, ao cuidado com a casa comum, à proteção e preservação da região e renovamos nosso empenho como aliados dos povos desta *Querida Amazônia*.

Nós, bispos da Amazônia, presbíteros e diáconos, religiosos e religiosas, cristãos leigos e leigas em profunda sintonia com o Sínodo Pan-Amazônico, reunidos nos dias 18 e 19 de maio de 2021, desta vez nos servindo das tecnologias de comunicação, de distantes nos fizemos próximos, como nos fazemos próximos do nosso povo como uma Igreja que se põe à escuta e acolhe as culturas e tradições amazônicas, expressão do Espírito de Deus. No exercício de nossa missão evangelizadora dirigimos esta mensagem a toda sociedade, aos povos da Amazônia, aos homens e mulheres comprometidos com a defesa da vida. E o fazemos profundamente sensibilizados pela situação de vulnerabilidade e ameaças que sofre toda casa comum, agravada pela pandemia da Covid-19, e pelo acirramento das disputas territoriais com expansão das atividades minerais e do agronegócio em terras de populações tradicionais. A consequência desse cenário de morte tem sido as inúmeras e incontáveis vítimas da pandemia. Chegamos aos quase 440.000 mortos, além dos que sucumbiram diante de processos de violência no campo e na cidade. Nos solidarizamos com todos os que tombaram vítimas do descaso e dos projetos de morte. Como o salmista, reconhecemos a preciosidade da vida de cada homem e de cada mulher que partiu: *“É de alto preço, aos olhos do Senhor, a morte dos seus fiéis”* (Sl 116,15).

Nosso OLHAR VIGILANTE

Acompanhamos estarecidos, mas não inertes, o desenrolar de um arquitetado projeto genocida que, por sua vez, revela o devastador agravamento de uma crise que escancara



a pobreza diante da escandalosa concentração de riquezas. Este é o sinal evidente da perversidade de uma economia de mercado, embasada no capital especulativo, que se alimenta das necessidades dos estados nacionais, fazendo destes seus novos consumidores. Assim, o capital sequestra a autonomia dos Estados, exige e dita os novos rumos da política, rompe com as históricas conquistas sociais, desmonta as instituições e políticas de seguridade, alimenta-se das posturas extremistas, que por sua vez buscam na religião sua legitimidade de expressão. Essa perversidade busca revestir-se de um maquiado desejo de liberdade e de autonomia diante da lei, derruba os marcos legais que garantem o equilíbrio das relações e a salvaguarda do bem comum. As lutas das populações da Amazônia têm diante de si o escandaloso desafio da pretensiosa legalidade do ilícito. Ou apelamos para a garantia legal da vida e dos territórios, ou nos defendemos quando o extermínio se torna lei!

Este dinamismo é escancaradamente presente diante da questão das lutas dos povos indígenas. O cenário político indigenista vivido no Brasil é de retrocesso, com o agravamento das violações dos direitos destes povos, principalmente no que se refere à regularização dos seus territórios. Eles enfrentam invasões de suas terras, incentivadas por estratégias políticas que favorecem a exploração, por garimpeiros, mineradoras, madeireiros, desmatadores, agentes do agronegócio, entre tantos outros, gerando toda espécie de violências e violações de direitos humanos e da natureza. Somam-se os incêndios, poluição das águas dos rios, contaminação de peixes, contaminação das pessoas e dos animais; assassinatos, violência sexual, pandemia, desassistência.

Percebemos, também, que a crise socioambiental, denunciada em 2019 durante o Sínodo, acentuou-se durante a



pandemia e revela os limites de um sistema que está sendo rapidamente destruído e que tende a perecer se a crise não for detida. Preocupa-nos a cadeia de iniciativas em vista do desmonte e fragilização da legislação socioambiental e fundiária: O PL 3729/2004 que desmonta o sistema de licenciamento ambiental; o PL 2633/2020 e PL 510/2021 que abrem as “porteiras” para a grilagem de terras; o PL 191/2020 permitindo a mineração e atividades econômicas em terras indígenas; o PL 6299/2002 que flexibiliza fabricação e uso de agrotóxicos. A profecia não silencia diante destas práticas: *“Ai dos que inventam leis injustas, dos escribas que referendam a injustiça para oprimirem os pobres no julgamento”* (Is 10,1-2).

Enquanto escrevemos estas linhas, populações que há mais de 30 anos estavam presentes em seu chão, são despejadas no Assentamento Jacutinga em Porto Nacional – Tocantins, contrariando a recomendação do Conselho Nacional de Justiça de não executar decisões desse tipo em tempo de pandemia.

Outra série de agressões vão se acumulando neste cenário que não escapa aos nossos olhos: as ameaças às unidades de conservação, o acirramento da violência no campo e na cidade, a crise migratória, o feminicídio, a exploração sexual, o trabalho escravo, o tráfico de pessoas, entre tantos. Como se não bastassem essas crises provocadas pela intervenção humana, o fenômeno das enchentes, que pode ser agravado pelas mudanças climáticas, castiga nossas populações ribeirinhas. De olho nas águas, percebemos uma iminente crise hídrica como pauta de um próximo embate.

Somos sabedores que os governantes têm o dever constitucional de agir para evitar a destruição das riquezas naturais e implementar políticas públicas que amenizem a situação de desigualdade e pobreza, porém, na Amazônia isso não



vem acontecendo. Assistimos um governo que vira as costas a esses clamores, opta pela militarização em seus quadros, semeia estratégias de criminalização de lideranças e provoca conflito entre os pequenos. Dói em nossos corações de pastores as imagens de escárnio e zombaria das dores de nossa gente: *“Nossa alma está farta, em extremo, da zombaria dos satisfeitos e do desprezo dos soberbos”* (Sl 123,4).

Não obstante este cenário, mantemos viva e acesa nossa esperança no Ressuscitado: *“No mundo tereis aflições, mas tende coragem! Eu venci o mundo”*. (Jo 16,33)

NOSSA ESCUTA CONTEMPLATIVA E ESPERANÇOSA

Aprendemos da experiência do Sínodo da Amazônia um olhar esperançoso. A Amazônia é também resposta! Ela irrompe como novo sujeito e como novo paradigma pela questão ecológica e pelos seus povos originários. A partir da Amazônia fomos desafiados a assumir esses novos paradigmas em nossa ação evangelizadora. Os caminhos traçados pelo Sínodo da Amazônia, catalogados em forma de compromisso no novo *Pacto das Catacumbas pela Casa Comum*, deixaram evidente a necessidade de superar uma lógica colonizadora, de escolher a periferia como centro da Igreja, de assumir o caminho da inculturação e interculturalidade, seja no campo dos ministérios como das estruturas: uma Igreja com o rosto Amazônico.

Constatamos com alegria a atuação de uma infinidade de comunidades constituídas e milhares de lideranças de cristãos leigos, na sua maioria mulheres, que atuam no campo da evangelização e educação socioambiental. A partir dos relatórios dos Regionais da CNBB na Amazônia, verificamos que estamos a passos lentos, mas progressivos, tornando concretos os caminhos de conversão propostos no Documento Final do Sínodo



e os quatro Sonhos do Papa Francisco na Exortação Apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*. Foi justamente para retomarmos o ardor do Sínodo da Amazônia e apreciar os passos dados que fomos convocados para este encontro. Perguntamo-nos: “Que mudanças efetivamente têm ocorrido em nossa ação evangelizadora desde as indicações do Sínodo?”

NOSSO COMPROMETIMENTO INEQUÍVOCO

A Igreja na Amazônia já tem um caminho. Somos uma Igreja que age sob a força e inspiração do Espírito de Deus. A liberdade e ousadia do Evangelho são mais fortes que as amarras e os desgastes das estruturas. A conversão pastoral, desde a Conferência de Aparecida (2007), nos interpela, a conversão integral, desde o Sínodo da Amazônia, nos inquieta. Somos sabedores dos desafios de manter a unidade em tempos de conflitos, do nosso papel mediador. Não somos ingênuos de pautar nosso agir em polarizações agressivas, como insistem até mesmo alguns que dizem professar a fé em Jesus Cristo, mas não haja dúvidas de que lado nós estamos: por causa do Evangelho e do Reino reafirmamos nossa incondicional escolha por estas populações, por estes territórios, por estas vidas ameaçadas. Em nada nos fascina qualquer aproximação com esses sistemas perversos, mas também aos que neles se envolvem, anunciamos a Boa Nova de Jesus: “*Cumpriu-se o tempo, e está próximo o Reino de Deus. Arrependei-vos e crede no Evangelho*” (Mc 1,15)!

Não estamos sozinhos, há outros interlocutores da fé cristã, de outras expressões religiosas, de organizações populares, novos sujeitos emergentes; a partir dos pequeninos nos sentimos irmanados neste compromisso. “*Tudo isso nos une. Como não lutar juntos? Como não rezar juntos e trabalhar lado a lado para defender os pobres da Amazônia, mostrar o rosto santo do Senhor e cuidar de sua obra criadora?*” (Querida Amazônia 110).



Sentimo-nos impulsionados e animados a reafirmar alguns compromissos:

- Prosseguir e avançar em nossa pauta pastoral as reflexões e indicações ousadas do Sínodo em torno dos ministérios, como apresenta o Documento Final do Sínodo nos números 103 e 111, e da formação inculturada dos nossos agentes;
- Elaborar um plano estratégico com diretrizes pastorais, que encarne o sonho social, ecológico, cultural e eclesial para a Pan Amazônia;
- Incentivar a questão da segurança alimentar como estratégia de cuidado pela vida;
- Reafirmar nosso envolvimento efetivo com o Pacto pela Vida e pelo Brasil, unindo-nos ao “coro dos lúcidos” fazendo nossas as suas pautas: a vacina para todos, a defesa do SUS, o auxílio emergencial digno, pelo tempo que se fizer necessário e a investigação da responsabilidade pela má gestão do sistema de saúde em meio à pandemia do coronavírus. Da mesma forma tornar vivo o Pacto Educativo Global, proposto Papa Francisco, em todas as regiões da Amazônia. Conclamamos todas as instâncias eclesiais e a sociedade como um todo a unir-se neste engajamento;

“O que vos é sussurrado ao ouvido, proclamai-o sobre os telhados” (Mc 10,27). Tendo descoberto a capilaridade das novas dinâmicas de comunicação, das quais nos servimos para chegar junto às nossas comunidades em tempos de distanciamento social, igualmente queremos por meio destes recursos fazer chegar a todos e todas estas nossas inquietações, esperanças e compromissos.



Exortamos, às mais variadas lideranças de cristãos leigos e leigas, que não desanimem da luta, que renovem continuamente o senso de comunhão eclesial, que a paixão pelo Reino de Deus seja sempre alimentada, e que a sensibilidade para com os mais pobres seja permanente.

Não nos faltem a intercessão de nossos mártires, companheiros de caminhada, e o olhar benevolente da Senhora de Nazaré, Mãe da Amazônia: “esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei”! A Mãe de Deus está conosco. Sigamos em frente!

Amazônia, 19 de maio de 2021.



Comissão Episcopal para a
Amazônia



Revista

ECOTEOLOGIA

Abril de 2017 | 1ª edição



Rios da Amazônia, povos originários e
populações tradicionais: tudo interligado



Rede Eclesial Pan-Amazônica REPAM-Brasil

Presidente da REPAM-Brasil: Dom Erwin Kräutler

Diretora Executiva: Ir. Maria Irene Lopes

Analistas de Projetos: Arlete Gomes e Jéssica P. de Castro

Assistentes Administrativa/Financeira: Denyse Leite e Teuélia Emelengídio

Analista de Comunicação: Ana Caroline Lira

Projeto Gráfico e Diagramação: Vilma Baldin

Organização: Moema Miranda

Revisão: Renato Thiel

Imagem de capa: BW Press / Shutterstock.com

Comitê Científico

Ari Antônio Dos Reis

Daniel Seidel

Dário Giuliano Bossi

Francisco Andrade

Felício Pontes

Ima Vieira

Márcia Maria De Oliveira

Ricardo Castro

Roberto Malvezzi

Moema Maria Marques

Brasília-DF, abril de 2017

1ª edição

Publicação Digital Anual

Contato

www.repam.org.br

comunicacao@repam.org.br

(61) 3447-4117 ou (61) 98595-5278



ÍNDICE

EDITORIAL

- 4** Encontro de Ecoteologia

ARTIGOS

- 6** **Laudato Si** e a ecologia integral
- 14** **Ecoteologia** na Amazônia à luz da Laudato Si na trilha dos povos ameríndios
- 20** **Laudato Si** – Ecofeminismo
- 30** **A Comissão Pastoral** da Terra e a Laudato Si'
- 36** **Ecoteologia** na Amazônia
- 44** **Gênero** e ecoteologia na Amazônia
- 48** De qual ecoteologia falamos?
- 56** **Igreja, mineração** e espiritualidade libertadora
- 59** **Tecendo** raízes
- 68** **A fraternidade universal** como horizonte ecoteológico

Encontro de Ecoteologia

Já avançados na segunda década do século XXI, o planeta Terra experimenta uma crise sistêmica de complexidade crescente. Pela primeira vez na história deste lindo planeta, “casa comum” da humanidade e de todas as formas de vida por ela conhecidas, são reais os riscos de extermínio, de “fim do mundo”. Não precisamos lembrar aqui as métricas, parâmetros e indicadores elaborados por cientistas, indígenas, camponeses e comunidades tradicionais de todos os continentes, para dar conta da crise ecológica. Diante desta dor, o papa Francisco reconhece com tristeza, na Encíclica *Laudato Si*, que a “violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos.” [LS, parágrafo 2] As mesmas dinâmicas de super-exploração que fazem a Terra clamar de dor, afetam a enorme maioria da humanidade. Os índices de desigualdade demonstram que poucos enriquecem, enquanto um número cada vez maior de pessoas vive em situação de pobreza e miséria. Crises combinadas ou, como diz o Papa: “uma complexa crise socioambiental,” [LS, parágrafo 139].

A Amazônia, um dos pulmões do planeta, se torna neste contexto, palco de uma luta renhida! Como afirmou o papa Francisco em Porto Maldonado, durante o encontro com os povos indígenas: “você nunca estiveram tão ameaçados”. Sim, na Amazônia povos in-

dígenas, ribeirinhos, quilombolas, religiosas e religiosos, jovens moradores das cidades, ambientalistas, lutam e resistem. O martírio de tantas pessoas testemunha a força da resistência dos povos ao avanço de um modelo de morte e injustiça.

Nesta, como em todas as situações extremas pelas quais passou, o povo de Deus se pergunta: “Senhor, onde estás?” A resposta a esta pergunta se transforma em canto de resistência, em hino nas romarias, em poesia nas celebrações. É o fermento que aumenta a fé e dá força para a caminhada, ao ser compartilhado em comunhão. Se transforma, também, em teologia, em uma forma de falar sobre Deus, a partir da experiência de busca e de encontro.

Por isto, nestes tempos em que o grito da Terra e o grito dos pobres são um e o mesmo, para muitos e muitas de nós, fazer teologia é, fazer ecoteologia! Estamos convencidos, com o papa Francisco “que nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde,” [LS, Parágrafo 89]. Assim, além de lutar, celebramos a maravilha da vida e do viver! Afinal, “o mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor”, [LS, parágrafo 12].

A REPAM, Rede Eclesial da Pan-Amazônica,



Participantes do Encontro sobre Ecoteologia realizado em Brasília [DF], 16 e 17 de setembro de 2017

Foto: Osnila Lima/REPAM/Brasil

sensível a esta dinâmica da vida pastoral das comunidades amazônicas, acolhe, fortalece e favorece o diálogo sobre “as espiritualidades que dão força à caminhada”. Foi assim que nasceu o encontro, berço da presente publicação: com a humildade e o compromisso de ser momento de partilha, alimento para a jornada. Durante dois dias, no mês de agosto, com apoio da Comissão Episcopal para a Amazônia [CEA] da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil [CNBB], do Grupo de Trabalho Igreja e Mineração da CNBB e da Rede Iglesias y Minería, homens e mulheres, leigos e religiosos, de vários estados da Amazônia e de fora dela, conversaram, compartilharam, refletiram e celebraram o dom da vida e da luta por justiça e paz. Paz entre nós e paz com a Terra. Hoje, sabemos, é uma e a mesma paz: pois tudo está interligado!

A publicação dos textos apresentados por assessores e assessoras pretende contribuir para fortalecer nosso caminhar! São textos profundos e simples, falam de ecoteologia a partir do lugar das mulheres, dos que lutam pela terra, dos que atuam com os povos indígenas, dos que resistem ao avanço da mineração. Falam, também, a partir do lugar dos que estudam e ensinam. Falam, ainda, como teólogos e teólogas. A Encíclica Laudato Si, este “documento extraordinário” oferecido ao mundo pelo Papa Francisco¹, nos inspirou e iluminou nos debates. Ao divulgar este material, desejamos contribuir para mais e muitos encontros, celebrações e luta em defesa da Amazônia: de suas terras, seus rios, suas matas e seus povos. Tudo está interligado!

1 MURAD, Afonso. “Laudato Si e a Ecologia Integral”, nesta publicação

Laudato Sí e a ecologia integral

Foto: Paulo Maia/REPAM/Brasil



Laudato Si² – Afonso Murad³

O Papa Francisco ofereceu ao mundo um documento extraordinário, que extrapola a adjetivação de “encíclica verde”. A Laudato Si, marco necessário neste momento

histórico da humanidade, realiza o intento de “nos ajudar a reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente”: cuidar da casa comum, a Terra [LS 15].

Há muitas formas de apresentar a originalidade dessa Encíclica, que é parte integrante da Doutrina Social da Igreja [LS 15]. Escolhemos aqui a chave da “Ecologia Integral”, pois ela se relaciona com outros temas da Laudato Si e amplia os horizontes da Igreja e da sociedade

“A Ecologia integral abarca: ecologia ambiental, econômica e social [LS 138-142], ecologia cultural [LS 143-146] e ecologia da vida cotidiana [LS 147-155]. Relaciona-se com o Bem

2 Este artigo se baseia em dois trabalhos sobre “Ecologia Integral na Laudato Si”, apresentados respectivamente no Congresso Internacional da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião) em Belo Horizonte (Brasil) e no Congresso Internacional de Teologia promovido pela Universidad Javeriana, ambos em 2016. [Versão reduzida do artigo publicado na Revista Medellín, nº 168, ano 2017]

3 Afonso Murad - Ecoteólogo. Faculdade Jesuíta – Belo Horizonte (Brasil)





Comum, clássico princípio da Doutrina Social da Igreja, e a opção preferencial pelos pobres [LS 156-158]. Inclui ainda um princípio emergente consensual: a justiça intergeracional, compromisso para com as futuras gerações”, [LS 159-162].

O capítulo IV da Laudato Si, acerca da Ecologia Integral, descortina um horizonte articulado, extenso e desafiador. Confirma que o cuidado com a Casa Comum não é somente uma questão ambiental. A ecologia constitui um mosaico vivo. As pedras principais são a manutenção do ciclo da vida no planeta e a justiça social. A elas se associam as culturas vivas dos povos e a qualidade de vida humana, especialmente no crescente contexto da cultura urbana. Tudo isso tem estreitos laços com a questão central da Doutrina Social da Igreja: o Bem Comum. Por fim, tal busca se estende para além de situações imediatas, pois exige a solidariedade intergeracional.

O adjetivo “integral”, nas nossas línguas latinas comporta uma constelação de significados, intimamente relacionados. O adjetivo, como os termos próximos “integrar”, “integrar-se”, “íntegro” e “integrado” apresenta essa gama de significações: completo, inteiro, saudável, eticamente bom, comunitário, plural e aglutinador. Opõe-se ao que é parcial, restrito,

unidi-mensional e eticamente deficiente.

Para evitar uma compreensão idealizada e totalitária, sustenta-se que a qualificação de “integral” considera tanto o processo quanto os resultados. Por isso, exige o diálogo e a construção coletiva. Consiste em equilíbrio dinâmico, belo e frágil, propício à constante [auto] superação. Assim, o integral é inteiro, mas sem pretensão de ser total. Avalia-se, reconstrói-se. Incorpora e integra, sem destruir ou negar as tensões contextuais. Mantém a singularidade dos elementos que a constituem, embora acentue a interdependência entre eles.

Muitas pessoas identificam “ecologia” com “preservação da natureza” ou “zelar pelo verde”. Tal compreensão tem duas limitações. O empenho ecológico não se limita a manter intacta as florestas, os manguezais e outras áreas de conservação. E sim, trata de es-

tabelecer processos sustentáveis, que respeitem os ciclos de matéria e energia no planeta. Além disso, a ecologia não diz respeito somente à natureza, compreendida numa visão idealizada e fora de nós. A grande novidade da ecologia contemporânea é a interdependência. Nós, humanos, estamos em constante relação, entre nós mesmos e com os ecossistemas, comunidades de vida do planeta. Fazemos parte da Terra, mas ao mesmo tempo



A grande novidade da ecologia contemporânea é a interdependência.



somos diferentes dos outros seres.

A ecologia busca ser integral enquanto estreita os laços do ambiental com o social. Considera o meio ambiente por inteiro, incluindo o humano. “Quando falamos de meio ambiente, fazemos referência também à relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos [LS 139]”.

A qualificação de “integral” compreende também a maneira de abordar os problemas e encontrar as melhores soluções para a humanidade e o planeta. Ou seja, conjuga teoria e prática, no único e complexo âmbito socioambiental.

A pós-modernidade ocasionou o rompimento da ética com a estética, dando primazia à primeira. De um lado, a modernidade se caracterizou pela crescente utilização da razão instrumental, provocando um “desencanto” em relação aos seres não humanos. Esses foram reduzidos a coisas, a “recursos” [hídricos, minerais, energéticos], utilizados a bel prazer da humanidade. Coisificados, perderam sua alteridade e força simbólica. E a beleza real da natureza e das pessoas foi encoberta ou substituída por diversos recursos paisagísticos e “cosméticos”. De outro lado, a

estética se tornou a grande arma de sedução para o consumo. A aparência, o simulacro, tomou o lugar do real.

Ora, a ecologia integral propõe o reencontro da estética com a ética. A palavra “beleza” ou termo correlato aparece 32 vezes no documento⁴. Em vários pontos da *Laudato Si*, Francisco chama a atenção para a beleza dos ecossistemas e de cada ser, para suscitar o encantamento e o respeito. Devemos

nos aproximar da natureza e do meio ambiente com esta abertura para a admiração e o encanto, e deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo [LS 11].

O encantamento diante da beleza não diz respeito somente ao mundo criado por Deus.

Bela também é a criação humana. A tecnologia nos fascina e deve ser utilizada para o bem. O belo não se reduz ao estético. Eleva-se a ponto de se tornar correlato do “eticamente bom”. Revela também aspectos inusitados do humano, quando se abre à transcendência.

A união da ética com a estética ajuda a superar a visão utilitarista, que reduziu os seres



A ecologia busca ser integral enquanto estreita os laços do ambiental com o social.

⁴ Explicitarei este tema no artigo: *Contemplar la belleza, garantizar la casa común. Una llamada a la vida consagrada en Laudato Si*. Revista CLAR, año LIV, nº4, oct-dic 2016, pp.44-57.



a meros objetos. A ecologia integral resgata assim esse precioso valor para a humanidade. Pois “não se deve descurar a relação que existe entre uma educação estética apropriada e a preservação de um ambiente sadio. Prestar atenção à beleza e amá-la ajuda-nos a sair do pragmatismo utilitarista” (LS 215).

Francisco dialoga com a visão contemporânea da física, que sustenta que os processos de evolução do cosmos não terminaram e constituem sistemas abertos. Aí também ele exercita este olhar encantado. Mostra que a visão integral da ecologia dá conta de articular os avanços da ciência com uma fé adulta.

Por fim, a ecologia é integral, pois compromete, ao mesmo tempo, indivíduos, grupos, movimentos sociais, povos e nações e religiões. Cada um e todos são chamados a integrar-se nesta causa fascinante. Conjugam-se múltiplas abordagens, levando em conta não somente a ciência, mas também a sabedoria dos povos e o patrimônio espiritual das religiões.

Conceito plural de Ecologia na Laudato Si

“Ecologia” é um conceito abrangente e plural. Trata-se de um “pluriverso” que abarca ao menos três componentes interdependentes: ciência, prática ético-social e paradigma. Todos eles são considerados na Laudato Si.

Enquanto ciência, a ecologia surgiu da biologia. Inicialmente, era compreendida como o estudo dos seres vivos em relação com o seu habitat. Daí evoluiu para estudar as condições de existência dos seres bióticos e as in-

terações entre estes e o seu meio. Segundo F. Capra [2003], a ecologia é o estudo de como a Terra funciona, ou seja, as relações que interligam todos os moradores da nossa Casa Comum⁵, os seres abióticos [solo, água, ar, energia do sol] e bióticos [microorganismos, plantas, animais e humanos. Portanto, a ciência da interdependência.

A Laudato Si assume a visão de ecologia como ciência da interdependência, amplamente aceito na comunidade científica. Repete-se, como um refrão: “tudo está interligado” (LS 16, 91,117,138,240). Tal perspectiva liga-se à consciência planetária. Ou seja: cada vez mais o mundo se torna uno, para além das fronteiras geográficas, étnicas ou políticas. Os problemas são globais e as soluções também. As ações locais e regionais ganham importância, num contexto crescente de colaboração mútua e busca de alternativas comuns.

Enquanto ética e prática social, a ecologia abarca um amplo movimento constituído por cidadãos comuns, ambientalistas, ONGs, grupos religiosos, pesquisadores e empreendedores. Eles se unem pelo bem do planeta. O movimento ecológico organiza-se como uma rede em torno a causas comuns, de diferentes amplitudes. Desde a ação local pela defesa de um rio, da biodiversidade de determinado bioma ou da mobilidade urbana, até os protocolos intergovernamentais de abrangência mundial.

5 Cf. F. CAPRA, “Educação”, in A. TRIGUEIRO (org.), *Meio Ambiente no século XXI*, Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 20.



A ecologia não propõe uma ética abstrata, restrita a conselhos generalizados. Um de seus elementos originais reside na simultaneidade de atitudes individuais, ações comunitárias e políticas institucionais em âmbito local, regional, nacional e planetário.

Leonardo Boff afirma que a singularidade da ecologia reside na transversalidade, isto é, “relacionar pelos lados [comunidade ecológica], para a frente [futuro], para trás [passado] e para dentro [complexidade] todas as experiências e todas as formas de compreensão como complementares e úteis no conhecimento do universo, na funcionalidade dentro dele e na solidariedade cósmica”⁶. Hoje a ecologia se configura como um macro modelo de compreensão do ser humano e de sua relação com os outros seres, denominado “paradigma” por Thomas Kuhn. Ajuda assim a superar os equívocos da globalização do modelo tecnocrático (LS 106-109), apontado pelo Papa no capítulo III da Laudato Si como “a raiz da crise ecológica”. Não nos deteremos aqui na análise deste tema⁷. Apontaremos so-

mente como a ecologia integral, entendida como um modelo de compreensão da interdependência e da relacionalidade, enfrenta tal “paradigma homogêneo e unidimensional” (LS 87), relacionado ao antropocentrismo moderno, despótico (LS 68) e desordenado (LS 69,118,119,122).

A visão ecológica do ser humano corrige e aperfeiçoa o antropocentrismo. Aí reside uma contribuição singular da Laudato Si para o debate contemporâneo sobre este tema candente. Para o papa, não se trata de substituir o antropocentrismo despótico e desordenado por um biocentrismo radical (LS 118). E sim, reencontrar o nosso lugar no mundo numa nova forma de nos relacionar com as criaturas, inspirado Francisco de Assis (LS 10-12). O

planeta não é um conjunto de recursos naturais à nossa disposição. Temos como ela uma relação de pertença profunda: “a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços (LS 1)”. Nós mesmos somos a Terra (LS 2). Aprendemos de Francisco de Assis que “são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior” (LS 10). Mais ainda, testemunha que uma ecologia integral requer



Reencontrar o nosso lugar no mundo numa nova forma de nos relacionar com as criaturas. O planeta não é um conjunto de recursos naturais à nossa disposição.

6 L. BOFF, Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres, Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 25.

7 Ver: M.A. OLIVEIRA, O paradigma tecnocrático in: Cuidar da Casa Comum, São Paulo: Paulinas, 2016, pp. 129-145.





abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano [LS 11]. Podemos dizer que a Laudato Si se soma a um movimento planetário, que assume a ecologia como nova racionalidade para salvaguardar a vida na Terra⁸. Parâmetro para a ética, a política e a economia. Redescoberta de um estilo de vida saudável, equilibrado, feliz e solidário.

A Laudato Si, como um novo capítulo da Doutrina Social da Igreja, propõe a simultaneidade de atitudes e ações, em todos os níveis. Aqui reside mais um aspecto original e inconfundível. Ao situar-se como uma ética integral, supera os extremos tanto do subjetivismo quanto das macrovisões que subestimam os indivíduos e as realidades locais.

Uma atitude essencial tem a ver com o padrão de consumo e a postura de vida. Segundo o Papa, a espiritualidade cristã nos leva a viver com o necessário e se alegrar com pouco. Regressa à simplicidade que nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece. Sem nos apegarmos ao que temos nem ficar tristes por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres, [LS 222].

Assim, “uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o

nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia”, [LS 225].

O papa Francisco dedica o Capítulo V à política, delineando o que ele denomina “grandes percursos de diálogo que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição onde estamos afundando” [LS 163]. O cuidado com o planeta exige políticas públicas e uma governança global!

A gravidade da crise ecológica obriga-nos a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade.

A palavra-chave, presente em cada sessão deste capítulo, é clara: diálogo sobre o meio ambiente na política internacional [LS 164-175], diálogo para novas políticas nacionais e locais [LS 176-181], diálogo e transparência nos processos decisórios que envolvem empreendimentos de alto impacto ambiental [LS 182-188], política e economia em diálogo a serviço da vida [LS 189-198], diálogo das religiões entre si e com as ciências [LS 199-201]. Desta forma, pode-se afirmar que a ecologia integral é necessariamente dialogal. “A gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade” [LS 201].

A título de conclusão: balanço e perspectivas

Com a Laudato Si, à luz da fé Francisco abre caminhos inusitados para a humanidade. Sem

8 Ver: M. MAÇANEIRO, A ecologia como parâmetro para a ética, a política e a economia. Um novo capítulo do Ensino Social da Igreja, in: Cuidar da Casa Comum, op.cit., pp. 73-89.





dúvida, é um novo capítulo da Doutrina Social da Igreja. Como um documento situado no tempo e com prioridades necessárias, a Laudato Si não abordou todos os aspectos que o tema merece. Vale destacar algumas lacunas, que necessitam ser assumidas na reflexão e na prática da Igreja. A encíclica não faz referência à importância das mulheres no cuidado com o planeta e nem incorpora a originalidade da reflexão ecofeminista. Além disso, Francisco não tratou da contribuição das outras religiões para o cuidado com o planeta. Tal tarefa é imprescindível para a ecoteologia latino-americana, levando em conta não somente as grandes tradições religiosas do oriente, mas também as religiões de matriz indígena e africanas no nosso continente. Por fim, temas emergentes específicos, como a relação dos humanos com os animais na sociedade contemporânea, não contemplados na encíclica, constituem tarefa para a teologia e a pastoral.

A Laudato Si assume grande parte da terminologia do movimento ecológico e das ciências ambientais, como: interdependência, impacto ambiental, ecossistemas, uso sustentável, capacidade regenerativa, culturas homogeneizadas, ecologia humana, grandes projetos extrativistas, paisagem urbana, tecnociência, antropocentrismo e biocentrismo,

solidariedade intergeracional, modelos de desenvolvimento, produção e consumo... Tal opção, além de favorecer o diálogo com pessoas e grupos que não professam a fé cristã, confere um indiscutível grau de respeitabilidade ao documento papal. Mostra ainda que é necessário recorrer às Mediações Hermenêuticas pré-teológicas, como as ciências ambientais, como faz explicitamente a teologia latino-americana. Assim, Francisco faz uma aplicação concreta e bem-sucedida da relação fé e razão, ou

religião e ciência. Realiza de forma admirável, o que seus antecessores, João Paulo II e Bento XVI, preconizavam.

Enfim, Francisco nos ensina que o olhar encantado sobre o conjunto da criação nos aproxima de Deus e nos conduz ao seu mistério. O Papa como "servo dos servidores de Deus", nos estimula à oração de louvor e à ação transformadora. Convoca para o respeito reverente à todas as criaturas e o compromisso pessoal, comunitário e institucional no cuidado de nossa Casa Comum.



No cuidado do planeta, a Encíclica não faz referência às mulheres.

A tarefa é imprescindível para a ecoteologia latino-americana levando em conta as grandes tradições e religiosas do oriente, de religiões de matriz indígena e africanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BÁSICAS

BOFF, L. Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004

CAPRA, F., "Educação", in TRIGUEIRO. A. [org.],



- Meio Ambiente no século XXI. Rio de Janeiro: Sextante, 2003
- CRUZ, E.R. [org.], Teologia e ciências naturais. Teologia da criação, Ciências e Tecnologia em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FREIRE DIAS, G. Ecopercepção, São Paulo: Gaia, 2003
- JUNGES, J.R. [Bio]Ética ambiental. São Leopoldo: Unisinos, 2010.
- KERBER, G., O ecológico e a teologia latino-americana. Porto Alegre: Sulina, 2006
- MOLTMANN, J. Dios en la creación. Doctrina ecológica de la creación. Sígueme: Salamanca, 1987.
- MORAES, M.C. Ecologia dos saberes. Complexidade, transdisciplinaridade e educação. São Paulo: Antakarana/WHH, 2008.
- MURAD, A [org]. Ecoteologia: um mosaico. São Paulo: Paulus, 2016 [cap. 1, cap.6].
- MURAD, A. Contemplar la belleza, garantizar la casa común. Una llamada a la vida consagrada en Laudato Si. Revista CLAR, año LIV, nº4, oct-dic 2016, pp.44-57
- MURAD, A; TAVARES, S. [orgs]. Cuidar da Casa Comum. Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si. São Paulo: Paulinas, 2016. [Vários artigos citados nas notas].
- OLIVEIRA, P.A.R.; SOUZA, J.C.A. [Org.]. Consciência planetária e religião: desafios para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2009.
- PANIKAR, R. Ecosofía. Para una espiritualidade de la tierra. Madrid: San Pablo, 1994
- Papa FRANCISCO. Carta Encíclica Laudato Si. Sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- PASSOS, J.D [org]. Diálogos no interior da Casa Comum. Recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si. São Paulo: Paulus, 2016. [Vários artigos citados nas notas]
- RIECHMANN, J. Un mundo vulnerable. Ensayos sobre ecología, ética y tecnociencia. Madrid: Catarata, 2 ed, 2005.



Ecoteologia na amazônia à luz da Laudato Si na trilha dos povos ameríndios

Foto: Pietro Mario Bulciolu/Flickr



Alcances e limites da Laudato Si à luz da ecoteologia no Brasil

Márcia Maria de Oliveira⁹

Introdução

Neste breve ensaio a temática da ecoteologia é abordada na perspectiva dos povos Ameríndios sob a condução dos princí-

pios da Encíclica Laudato Si - sobre o cuidado da casa comum, do Papa Francisco. Aborda em breves recortes, os alcances e limites da Laudato Si à luz da ecoteologia no Brasil.

Na parte introdutória da sua Encíclica Laudato Si' [2015, p. 3] o Papa Francisco afirma que "esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos". Nessa exortação o Papa Francisco chama a atenção de toda a sociedade para a "comunhão universal" acenando para a interligação entre tudo e todos na grande casa comum.

⁹ Socióloga, com formação em Teologia Pastoral, mestre e doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia, mestre também em Gênero, Identidade e Cidadania. Professora da Universidade Federal de Rondônia. Contato: marcia.oliveira@unir.br.





Para cuidar da casa comum, primeiramente temos que cuidar de nós mesmos. Enquanto permitirmos que permaneçam as desigualdades, as injustiças e a violação aos direitos humanos uns dos outros, não teremos condições de lutar e defender os outros seres universais a nós interligados. Nessa perspectiva, aliança entre os seres humanos e a convivência planetária começa por cada um, cada uma. Parte de uma atitude pessoal e, ao mesmo tempo coletiva que estabeleça alianças entre nós e, simultaneamente, entre todos os outros seres ao nosso redor.

Princípios ecoteológicos da Terra Sem Males

A experiência milenar dos Povos Ameríndios representa um caminho possível de convivência e inter-relação na casa comum. Os elementos e princípios dessa convivência são apresentados na letra da música Cuidar da Terra do grupo Imbaúba, composição dos músicos amazonenses Celdo Braga e Candinho. A letra da música diz assim:

*Nós somos parte da terra, a terra é parte de nós.
Um é a extensão do outro, nós não vivemos a sós
O que falta para entender, coisa tão simples assim
Quando eu cuido do que é meu, estou
cuidando de mim
Quando eu cuido do que é meu,
estou cuidando de mim.
E preservar é tão simples, não requer tanta ciência
Basta respeito e cuidado,
e um pouco de consciência*

*Aí, tudo se resolve. Aí, a vida floresce
Cada rio que eu deixo limpo, a natureza agradece
Cada rio que eu deixo limpo, a natureza agradece*

*Com muita sabedoria diziam nossos avós:
Se nós cuidarmos da terra, a terra cuida de nós.*

A questão central apresentada no texto musical é o desafio do cuidado. Cuidar da casa comum implica em cuidar primeiramente uns dos outros numa atitude de respeito pela vida e pela dignidade de cada um(a) e de todos(as) simultaneamente. Este parece ser um princípio ancestral dos Povos Ameríndios: “Nós somos parte da terra, a terra é parte de nós. Um é a extensão do outro, nós não vivemos a sós”. A consciência da convivência na interdependência é o princípio do respeito e do cuidado: “se nós cuidarmos da terra, a terra cuida de nós”.

Uma das questões centrais no princípio do cuidado, apresentado na experiência dos povos ameríndios é a atitude de respeito para com todos os seres planetários. Respeito não é sinônimo de temor. Não se respeita por medo. Se respeita por amor. Este princípio universal do cuidado por amor estabelece as bases da relação proporcional entre humanos e natureza, ambos criados como extensão do amor de Deus Criador. O cuidado da terra pelo homem/mulher é proporcional ao cuidado do homem/mulher pela terra. Estabelece-se então o princípio da inter-relação que é a base da convivência na casa comum. na prática da “ecologia integral vivida com alegria e autenticidade” invocada pela Laudato Si’ (2015, p. 10) como grande legado de São Francisco..





Mediante os impactos negativos do modo de vida da economia capitalista muitas pessoas, grupos e instituições se empenham na busca por meios e possibilidades de uma convivência que retorne e dê novos significados às relações humanas baseadas em práticas de cooperação e de partilha que não interfiram negativamente no meio ambiente.

As alternativas¹⁰ ao desenvolvimento econômico capitalista são amplamente compartilhadas por grupos e comunidades inteiras que mantêm uma vivência pautada na partilha e na solidariedade, nas relações de convivência, respeito e cuidado com a terra, as águas e as florestas. Este é o preceito da Terra Sem Males (mito do Povo Guarani) presente na espiritualidade de praticamente todos os povos ameríndios que denominam esse modo de vida de Bem Viver. Refere-se a outro modo de vida que se contrapõe ao entendimento do significado do progresso técnico e industrial desenvolvido pelos grandes empreendimentos empresariais que vêm provocando imensuráveis processos de destruição da natureza e da biosfera que tem como referencial a mundialização do mercado econômico, sem regulação externa que cria pequenas ilhas de riquezas, mas também zonas crescentes de miséria, pobreza e exclusão social e econômica.

O antigo preceito dos povos Ameríndios antes da chegada dos colonizadores expressava uma inter-relação de equilíbrio e interde-

pendência entre os seres humanos e a natureza numa permanente atitude de responsabilidade, de cuidado e proteção da sócio-biodiversidade, em função de uma civilização justa, solidária e sustentável. Princípio escatológico “O reino de Deus não tem significado estritamente temporal. Ele expressa dinamicidade, atividade e está sempre orientado teocraticamente” (NEUTZLING, 1986, p. 50).

De acordo com os preceitos do Bem Viver, ou destruímos a natureza e nos afundamos com ela, ou nos salvamos através de uma nova forma de relação em que a vida dos seres humanos e de toda a natureza esteja em primeiro lugar. O Papa Francisco alerta que

A destruição do ambiente humano é um fato muito grave, porque, por um lado, Deus confiou o mundo ao ser humano e, por outro, a própria vida humana é um dom que deve ser protegido de várias formas de degradação. Toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas nos estilos de vida [Laudato Si', 2015, p. 4].

O que se constata é que a intensa exploração da natureza vem acarretando diversas catástrofes naturais, não podendo mais esconder a estreita ligação entre estas e a destruição do meio ambiente pela ação humana. Percebe-se com isso que os problemas ambientais são sistêmicos, interligados. Nesse sentido, qualquer projeto ou experiência de modos de vida não capitalistas, encontram-se na contramão do desenvolvimento da ciência, da técnica, da indústria e da economia a serviço da exploração desmedida dos recursos naturais, da concentração da riqueza e da produção crescente da miséria. Nessa pers-

10 Na prática não seriam alternativas e sim contrapontos. Um modo de vida não capitalista não é uma alternativa ao capitalismo porque antecede o projeto capitalista.





pectiva concordamos com o Papa Francisco que afirma que “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar” (*Laudato Si*, 2015, p. 12).

No paradigma do Bem Viver encontra-se um importante paradoxo entre o conceito de progresso para os Povos Ameríndios e para as elites econômicas. Enquanto, para os primeiros, o progresso significa a garantia da sobrevivência em condições plenas e o alcance de uma convivência baseada numa relação de respeito e interdependência com a natureza sem prejuízos para nenhuma das partes, para outros, o progresso significa tão somente o avanço da economia, a dominação e o controle da exploração comercial dos recursos naturais. Enquanto para os primeiros, progresso significa Bem Viver, para os outros, significa viver bem, ou seja, adquirir coisas, competir no mercado, ter poder de compra, possuir posses e propriedades¹¹.

Atualmente na Amazônia, muitos são os focos de resistência aos projetos desenvolvimentistas pautados na exploração desmedida e na destruição dos recursos naturais que, no entendimento dos Povos da Amazônia, seriam recursos de uso coletivo compartilhado, num modo de vida não capitalista adotado e assimilado milenarmente por esses povos. Nesse entendimento, o Bem Viver não significa ausência do progresso e nem atraso proposital.

Pelo contrário. Significa alternativa ao desenvolvimento baseado na lógica desenvolvimentista neoliberal ou neocolonial. É a comprovação de outro mundo possível. Não se trata de rechaço à ciência e às novas tecnologias. As alternativas à sociedade neoliberal, ao mercado e ao consumo exacerbado podem contar com as inovações tecnológicas de ponta, desde que estejam a serviço da vida com qualidade e dignidade para todos os seres vivos sobre a terra.

Os preceitos da Terra sem Males representados na letra da música Guaranis, expressam um pouco da utopia da sociedade justa e fraterna:

*Ah, quero ouvir as serenatas,
ver crescer as nossas matas
E tocar um violão.*

*Ah, meu amigo, vem cantar, pois o dia vai raiar,
E morar nesta canção.*

*Ah, que saudades do poeta, do artista, do profeta,
Que o tempo eternizou.*

*Ah, como eu falei das flores, liberdade, beija-flores,
Que meu coração sonhou.*

*Ah, ver crianças pelas praças, paz e pipa,
pão de graça,*

Como o cheiro de hortelã.

*Ah, água pura ali na fonte e a
gente olhar os montes,*

Sem ter medo do amanhã.

*Ah, o meu lindo continente
que fez do sangue a semente*

Para ver o sol nascer.

*Ah, nossas matas tão bonitas,
verdes mares, canto a vida
Quando o dia amanhecer.*

¹¹ Partes desta reflexão ou uma versão aproximada foi publicada na Revista Família Cristã, em meados de setembro de 2017.



Ah, quanta luta na fronteira, tanta dor na cordilheira
Que o condor não voou.
Ah, dança e terra guaranis, de uma raça tão feliz
Que o homem dizimou.
Ah, vou nos passos de um menino,
no meu coração latino
A esperança tem lugar.
Ah, quando bate a saudade, abre as asas liberdade
Que não paro de cantar¹².

Nesse sentido, a relação de convivência com a casa comum representa um conflito de paradigmas civilizatórios [MORIN, 2004: 118]. Enquanto para o paradigma ocidental civilizar significa homogeneizar todos os povos e sociedades ao modelo de vida capitalista, para os povos Ameríndios significa Sumak kawsay, de origem quíchua, que revela um paradigma civilizatório de equilíbrio com o ciclo da Pachamama, nossa Mãe Terra [GUDYNAS, 2011: 8], ou a Terra sem Males. Paradigma este incompatível com o modo de vida capitalista. Bem por isso, a insistência no paradigma do Bem Viver tem provocado a fúria das elites econômicas que não aceitam outro modo de vida que não seja o modelo capitalista ocidental [GUDYNAS, 2011, p. 470]. E uma das maneiras de se arrefecer o avanço das resistências organizadas, é a criminalização das estratégias de organização dos movimentos sociais camponeses, indígenas, ribeirinhos, seringueiros. Esses povos têm em comum a consciência de que o projeto político e econômico dominante possui características pós-coloniais que dão continuidade

à destruição da casa comum iniciada com os colonizadores. Não leva em conta as potencialidades e limites do bioma. Pelo contrário, promove a sua destruição paulatinamente. Saiba-se, porém, que não é possível ecologizar o capitalismo. Há muito, Engels já alertava a sociedade para o risco da exploração sem limites da natureza afirmando que “não devemos vangloriar-nos demais com as vitórias humanas sobre a natureza, pois a cada uma destas vitórias, a natureza vingava-se às nossas custas”¹³.

A ecoteologia na experiência política dos Povos Ameríndios da Amazônia

Frequentemente acusados pelos tecnocratas do capitalismo como um estorvo ao desenvolvimento, a experiência do bem viver dos povos ameríndios da Amazônia revela que é possível viver com pouco, com muito pouco mesmo. Talvez por isso sejam tão odiados pela elite capitalista. E viver com dignidade, com parcimônia, com partilha e solidariedade permanente. Por outro lado, é preciso reconhecer que esses povos dominam técnicas ancestrais de produção de alimentos, de pesca, de cultivo do solo e da diversidade das espécies. São portadores de conhecimentos de altíssimo valor humano, social, político e numa outra lógica de economia baseada no paradigma do despojamento ou da providência divina como aquela anunciada em Mateus 6,25: “Observem as aves do céu: não semeiam

12 Campanha da Fraternidade 2006 – Fraternidade e Povos Indígenas. Composição do Padre Gildásio Mendes.

13 Engels, F. *Dialética da Natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 [pág. 452].





nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas?”.

Graças à insistência dos povos ameríndios, camponeses e ribeirinhos da Amazônia, ainda podemos falar de sociobiodiversidade, de respeito às diferenças, de um modo de vida estreitamente relacionado com a floresta, com os rios, com a várzea e com o movimento das águas.

Nesse outro modo de vida possível as mulheres têm conquistado mais espaço e ampliado sua participação na luta pela terra e em defesa dos recursos das águas e das florestas (OLIVEIRA, 2016). As pessoas idosas são respeitadas e reconhecidas por sua sabedoria e experiência de vida. As crianças aprendem brincando, saltitando, participando dos trabalhos e ouvindo os mais velhos. Os jovens têm saído para conhecer o mundo, falar outras línguas, estudar novas ciências e, contudo, têm retornado para suas famílias buscando a reafirmação de suas comunidades e suas identidades na casa comum.

À guisa de conclusão

Essas e milhares de outras experiências demonstram que outro modo de vida, de organização social e política e outras economias são possíveis e necessárias na atual conjuntura.

A ecoteologia acena para um projeto políti-

co de resistência baseada na experiência dos antepassados, daqueles que lutaram de forma organizada e resistiram a todos os processos de genocídio e etnocídio.

Insistir numa vivência pautada na ecoteologia é reafirmar a coragem de povos inteiros capazes de lutar até a morte por seus direitos, por sua terra e territórios. Isso dá sustentação à decisão coletiva de grupos indígenas organizados e em permanente marcha de resistência, com a coragem de gritar: “lutaremos até o último índio”!

REFERÊNCIAS

- BERGÓLIO, Papa Francisco. Encíclica *Laudato Si* - sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, Tipografia Vaticana, 2015.
- ENGELS, F. *Dialética da Natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 [pág. 452]
- GUDYNAS, Eduardo. *Buen vivir: Germinando alternativas al desarrollo*. Quito: ALAI – America Latina en Movimiento, N. 462, 1-20; febrero 2011, p. 461-481.
- MORIN, Edgar. *Em busca dos fundamentos perdidos – textos sobre o marxismo*. Tradução Maria Lucia Rodrigues, Salma Tannus. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- NEUTZLING, Inácio S. J. *O Reino de Deus e os pobres*. Loyola, São Paulo, 1986
- OLIVEIRA, Márcia Maria de. *Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea*. São Carlos: Editora Scienza, 2016.



Laudato Sí – Ecofeminismo



Reflexões a partir do Texto Sagrado na Hermenêutica Feminista Libertadora

Tea Frigerio¹⁴

Introdução

Na carta convite ao seminário da REPAM – Ecoteologia minha atenção fixou nesta frase: “lamentavelmente destaca-se a falta

de reconhecimento da ecoteologia feminista e do papel das mulheres em todos os temas tratados” e ao ser convidada para partilhar e ao mesmo tempo oferecer elementos para encarnar a Laudato Si na Amazônia, senti-me provocada a revisitar as reflexões feitas em outras oportunidades, e percebi que elas foram sempre ocasionais, a partir de contextos: Campanha da Fraternidade – Formação e Fórum da CRB – Encontros de Catequese indígena – Escritos para Texto base dos Intereclesiais das CEBs.

¹⁴ Missionaria de Maria -Xaveriana





Reflexões que tem como pano de fundo o nosso Texto Sagrado na Hermenêutica Feminista Libertadora. Então, minha reflexão vai ser tecida com os fios desse caminho de revisitação:

Silenciar

Silenciar: no silêncio, criar as condições para aguçar a vista e perceber a cor-vida que do Texto Sagrado nos acena e nos convida a sermos tecelãs, tecelões. No silêncio, apurar os ouvidos para os sons que vão orientar nossas mãos no padrão antigo que se torna novo. No silêncio, purificar nosso sentir e, assim, perceber os cheiros que se desprendem e nos convidam a sair em busca, a nos tornar ousadas, ousados.

- Silenciar e sentir a brisa que sopra da floresta, o frescor que vem das águas, a pluriforme beleza que brota do ecossistema: Que mensagem nos é anunciada que chega até nós na brisa, na água, na beleza do ecossistema?
- No seu parecer qual o potencial da região amazônica? E qual sua fragilidade?
- No se parecer qual o potencial do povo amazônico? Qual sua fragilidade?

Estas duas interrogações referem-se à essência que é a região amazônica, à essência que é o povo amazônico? despedaçado, dividido, vendido e comprado.

A hermenêutica feminista nos oferece uma categoria que é fundamental: o que fazer teológico deve ser contextualizado, a partir dos corpos, da história, da cotidianidade, enfim da vida. A Amazônia é um corpo ecológico e seu



corpo esta sendo ferido, despedaçado, dividido, vendido e comprado.

O povo amazônico, seus corpos de homens e mulheres, etnias, culturas, religiosidade, seu corpo social está sendo ferido, despedaçado, dividido, vendido e comprado. Aguçamos nosso olhar, nosso ouvir, vamos além, em profundidade. A potencialidade e fragilidade do corpo Amazônico em seu corpo, em seus corpos reside na sua profunda 'sexualidade' - 'sensualidade' - 'corporeidade'.

Entendo aqui 'sexualidade' - 'sensualidade' - 'corporeidade' como potencial de relação. A Amazônia segundo o pensamento ecológico é uma rede de relações. A riqueza dos biomas existe pela rede de relações de todas as expressões de vida. Não vou me adentrar nisso não sou uma esperta vos remando ao pensamento quântico e holístico. 'sexualidade' - 'sensualidade' - 'corporeidade' estão escritos no DNA da Amazônia e do Povo amazônico. Façamos um exercício: desfilarmos em nossa mente como se dão as relações entre o povo e a natureza no cotidiano...





TERRAS SEM MALES	GÊNESIS 6,5 – 9,17
O grande pai quer acabar com a terra a causa da maldade: quando nhanderuvuçu [nosso grande pai] resolveu acabar com a terra, devido à maldade dos homens...	Deus tem uma atitude semelhante vendo a maldade humana: lahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra... farei desaparecer... Gn 6,5-7
Alguém merece ser avisado do que vai acontecer: avisou antecipadamente Guiraypoty, o grande pajé, e mandou que dançasse. Este obedeceu-lhe, passando toda noite em danças rituais. E quando Guiraypoty terminou de dançar, Nhanderuvuçu retirou um dos esteios que sustenta a terra, provocando um incêndio devastador.	Noé encontra graça e Deus lhe comunica seu propósito: Mas Noé encontrou graça aos olhos de lahweh... Deus disse a Noé: "chegou o fim de toda carne, eu o decidi, pois a terra está cheia de violência por causa do homem, e eu os farei desaparecer...." Gn 6,8-13
Guiraypoty se coloca a salvo com a família: Guiraypoty, para fugir do perigo, partiu com sua família, para o Leste, em direção ao mar. Tão rápida foi a fuga, que não teve tempo de plantar e nem de colher mandioca. Todos teriam morrido de fome, se não fosse seu grande poder que fez com que o alimento surgisse durante a viagem.	Da mesma forma Noé coloca-se em salvo com sua família: Noé, com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, entraram na arca para escapar das águas do dilúvio. Passados sete dias chegaram as águas do dilúvio sobre a terra... Quanto a ti reúne todo tipo de alimento e armazena-o; isto servirá de alimento para ti e para eles. Gn 7,1-9; 6,21
Guiraypoty constrói uma casa para resistir às águas: Quando alcançaram o litoral, seu primeiro cuidado foi construir uma casa de tábuas, para que quando viessem as águas ela pudesse resistir. Terminada a construção, retomaram a dança e o canto.	Deus ordena a Noé de construir a arca, dando a maquete: Fazer uma arca de madeira resinosa; tu a farás de caniços e a calafetarás com betume por dentro e por fora... Mas estabelecerei minha aliança contigo e entrarás na arca, tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos. Gn 6,14-16
Há uma grande inundação: O perigo tornava-se cada vez mais iminente, pois o mar, como que para apagar o grande incêndio, ia engolindo toda a terra. Quando mais subiam as águas, mais Guiraypoty e sua família dançavam.	Conhecemos este acontecimento com o nome de dilúvio: Passados sete dias chegaram as águas do dilúvio a terra... Nesse dia, jorraram todas as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas do céu. A chuva caiu sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites. Gn 7,10-24





TERRAS SEM MALES	GÊNESIS 6,5 – 9,17
Guiraypoty tem medo, a mulher o incentiva à esperança: E para não serem tragados pela água, subiram no telhado da casa. Guiraypoty chorou, pois teve medo, mas sua mulher lhe falou: - Se tens medo, meu pai, abre teus braços para que os pássaros que estão passando possam pousar. Se eles sentarem em teu corpo, pede para nos levar para o alto. E mesmo em cima da casa, a mulher continuou batendo a taquara, ritmadamente, contra o esteio da casa, enquanto as águas subiam.	Gênesis No relato do Gênesis não tem correspondente
A casa flutua: Guiraypoty entooou então, o canto solene guarani. Quando iam ser tragados pela água, a casa se moveu, girou, flutuou, subiu...	A arca flutua: Durante quarenta dias houve o dilúvio sobre a terra; cresceram as águas e ergueram a arca, que ficou elevada acima da terra. As águas subiram muito sobre a terra e a arca flutuava sobre as águas. Gn 7,17-24
Nasce dessa experiência o mito da terra sem males: ...subiu até chegar à porta do céu, onde ficaram morando. Esse lugar para onde foram chama-se Yvy marã ei [a "terra sem males"]. Aí as plantas nascem por si próprias, a mandioca já vem transformada em farinha e a caça chega morta aos pés dos caçadores. As pessoas nesse lugar não envelhecem e nem morrem e aí não há sofrimento.	Uma nova aliança é vivenciada no sinal do arco-íris: Deus lembrou-se então de Noé e de todas as feras e de todos os animais domésticos que estavam com ele na arca. Deus fez passar um vento sobre a terra e as águas baixaram... Então assim Deus falou a Noé: "Sai da arca... Enquanto durar a terra, sementeira e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite não hão de faltar... Eis o sinal de aliança que instituo entre mim e vós e todos os seres vivo que estão convosco, para todas as gerações futuras: porei o meu arco na nuvem e ele se tornará um sinal de aliança entre mim e a terra. Quando o arco estiver na nuvem, eu o verei e me lembrarei da aliança eterna que há entre Deus e os seres vivos com toda carne que existe sobre a terra". Gn 8,1.15-16.22; 9,9-16

Então me pergunto, [aqui me falo à vida religiosa consagrada] podemos pensar na vida religiosa com sua estrutura de vida de votos e comunitária, na sua dimensão profética prescindindo disso? Podemos pensar sem sentir profundamente a qualidade de nossas relações?

✓ **Silenciar e ouvir o canto dos povos amazônicos, povos remanescentes, povos resurgentes: O que estes povos estão cantando?**

"Os povos Tupi, em geral, e os Guarani, em particular, têm como elemento forte de sua teologia a superação do sofrimento pela con-





quista da “terra sem males”. Entre os vários mitos, destaca-se este, dos Guaranis Apapocuva, recolhido por Curt Nimuendaju, no início do século XX” (Texto base C.F.2002).

No livro do Gênesis, encontramos também relatos que nos falam de um jardim de harmonia plena, de águas que tudo submergem e de um sinal no céu como memória de uma aliança entre Deus e os seres vivos que habitam a terra.

Vamos ousar lê-los em paralelo, percebendo os pontos de encontro e as peculiaridades de cada relato.

✓ Silenciar e escutar a voz do povo amazônica, povo nascido de uma história sofrida, povo da terra, povo dos rios: O que o povo amazônica está nos falando?

“Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós. Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu – na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo. Pois nossa salvação é objeto de esperança; e ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que? E se esperamos o que não vemos, é na esperança que aguardamos.

Assim também o Espírito socorre nossa fraqueza. Pois não sabemos o que pedir como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis, e aquele que perscruta os corações sabe qual é o desejo do Espírito; pois, é segundo Deus que ele intercede pelos santos.” Romanos 8,18-27

Pergunto-me: que imagens povoavam o universo de Paulo, o que visualizava, o que o inspirava quando escreveu esta carta e em particular estas palavras? Que imagens o perturbavam? O que vislumbrava? O que ouvia? Visões povoavam seu sono? Gemidos perturbavam seu silêncio? O que o assombrava ao pensar na sua viagem para Roma? Conseguiria desafiar esta comunidade cristã que não conhecia como desafiou a comunidade de Corinto que o acolhia? Conseguiria apaixoná-la para seu projeto de comunidades de relações alternativas como havia apaixonado a comunidade de Corinto?

Podemos vislumbrar algumas respostas a estas perguntas, mas acredito que alcançar a vida que elas encerram é mistério como mistério é a vida, por isso sagrada, por isso hoje para nós estas palavras são Palavra Sagrada, Palavras de Vida.

Mistério que nos alcança hoje, em Belém do Pará, porta de entrada da Amazônia. Mistério colorido da realidade que provocou Paulo. Mistério com as cores de nossa realidade. Mistério que é a vida de ontem, que é a vida de hoje.

Palavra que vou tentar escutar tendo nos meus olhos e dentro de mim a visão da Piedade Amazônica, o que ela me fala, o que ela me





interroga, o que ela me desafia. Suas cores são gemidos. Suas cores são desafio. Suas cores falam-me de esperança. Cores carregadas de sombra e luz.

Hoje as palavras de Paulo se trançam com a pintura de irmã Eleanor e se tornam vida.

✓ **Silenciar e perceber os cheiros que emanam das cidades antigas e novas, das periferias: Estes cheiros o que revelam?**

A realidade amazônica não é mais somente floresta, rio, hoje é cidade, é urbana. As cidades, com suas periferias são para as comunidades cristãs, hoje o grande desafio. Sempre mais escutamos vozes afirmar que no futuro viveremos num mundo urbanizado.

As CEBs nasceram e desabrocharam no mundo rural. Ainda estamos num processo doloroso de busca: como enxertar esta experiência na pastoral urbana?

Esta tarefa não é somente nossa, dos/das exegetas é da comunidade cristã como um todo, pois o futuro aponta para uma sociedade urbanizada.

✓ **Silenciar, tirar as sandálias, pois estamos pisando em terra sagrada, o chão da religiosidade popular, povo místico que resiste e resiste: Que fé este povo místico nos transmite?**

Quem sabe aqui na Amazônia conseguimos realizar o impossível: a convivência da ritualidade oficial com a ritualidade diversificada do povo amazônico.

Revisitando encontrei este texto, Terra mãe: recuperando a dimensão feminina, hoje talvez

mudaria o título, fere meus ouvidos de ecofeministas, mas decidi deixar pois parece-me vai ao cerne da questão que a Laudato Si não toca, acredito nem podia tocar, precisa mudar de paradigma de registro. A reflexão nasce de um acontecimento do século passado e da reflexão que Vandana Shiva faz em seu livro "Mantendo-nos vivos: Mulher – Ecologia – Desenvolvimento". Shiva, feminista e física hindu, apresentava uma dura crítica à ciência moderna e ao desenvolvimento econômico como os motores chaves do progresso da humanidade. Ao contrário, segundo ela, estes constituem o fruto do Patriarcado Ocidental e é o princípio da destruição da vida sobre a terra. Sua reflexão nasceu do acontecido em dezembro de 1987, foram dados dois prêmios em Estocolmo:

- O Prêmio Nobel da Economia foi dado a Robert Solow por sua teoria do crescimento baseada na dispensabilidade do meio ambiente. Escutamos nas palavras de Solow: "o mundo pode, em efeito, seguir sem recursos naturais, então o esgotamento é só um evento, não uma catástrofe".
- O Prêmio Nobel Alternativo, foi dado "pela visão e pelo trabalho que contribui a tornar a vida mais plena sarando nosso planeta e melhorando a humanidade", honrou as mulheres do movimento de Chipko que, como líderes e ativistas, colocaram a vida dos bosques como centro de suas atividades e assim declararam que o meio ambiente é indispensável para sobrevivência.





Duas visões contrárias do mundo

Os dois prêmios apresentam dramaticamente duas visões contrárias do mundo que estão em jogo hoje em dia. Estas visões de mundo contêm pressupostos contrários sobre o valor do trabalho e da existência em si. Na visão personificada no trabalho do professor, somente o conhecimento produzido pelos expertos [os homens do Ocidente] tem valor – e só o que este pensamento produz constitui riqueza. O crescimento econômico que vendeu o modelo patriarcal do progresso foi o crescimento do dinheiro e do capital baseado na destruição de outros tipos de riquezas como os que o ambiente e as mulheres produzem.

Nesta visão, o ambiente não tem valor em si mesmo salvo quando é explorado e controlado pela ciência ocidental masculina; do mesmo modo, as mulheres e os não-ocidentais não têm nem produzem valor, porque eles como o ambiente, não tem valor intelectual e econômico intrínseco: eles são os portadores da ignorância e da passividade enquanto o homem ocidental é o portador do conhecimento e do progresso.

Na visão de mundo personificada pelas mulheres de Chipko, toda natureza é parte do Pachamama, Ele/Elá Criador/a e fonte de toda riqueza; as mulheres rurais – camponesa e indí-

gena – que vivem e se alimentam da natureza, tem um profundo e sistemático conhecimento dos processos de reprodução das riquezas da natureza. O ambiente e as mulheres não adquirem valor pela dominação do homem moderno ocidental; ao contrário, ambas perdem a causa deste processo de subjugação. A dominação do ambiente pela cultura industrializada ocidental e a dominação das mulheres pelo homem ocidental industrializado são parte do mesmo processo de esgotamento e destruição.



As mulheres partilham o rio em comum para satisfazer as necessidades de suas famílias e de sua comunidade.

A marginalização das mulheres e de sua atividade produtiva foi o resultado da expansão do “desenvolvimento”. Este desenvolvimento se baseou, sobretudo nos de projetos de desenvolvimento que se apropriaram e destruíram os recursos naturais a partir dos quais as mulheres sobreviviam. Estes projetos destruíram a produtividade das mulheres porque tem explorado a terra, a água e a floresta sob seu controle; também hão destruído o solo, a água e o ecossistema da vegetação de tal maneira que a produtividade e a renovabilidade do meio ambiente foram severamente deterioradas.

Sabemos que a subordinação de gênero – resultado do patriarcado – é a opressão mais antiga; porém hoje em dia tem desenvolvido novas e mais violentas formas de opressão





através dos projetos de desenvolvimento. As categorias patriarcais que definem a destruição como produção, e denunciam a regeneração da vida como passividades geraram uma crise de sobrevivência. A passividade como uma categoria de natureza e das mulheres nega a atividade tanto da natureza como da vida. A fragmentação e uniformidade como categorias do progresso e do desenvolvimento destroem as forças da vida. Também destroem a diversidade que nasce das relações que existe no tecido da vida.

As suposições são evidentes: o meio ambiente é improdutivo; a agricultura baseada nos ciclos de renovação da natureza é sinônimo de pobreza; as mulheres, as comunidades indígenas e camponesas com a natureza são similarmente improdutivos, não porque tem demonstrado que em cooperação produzem menos bens e serviços que satisfaçam suas necessidades, mas porque se supõe que a produção se produz somente quando se utilizam tecnologias para produção dos bens do mercado – não importa que estas tecnologias estejam destruindo a vida.

Um rio limpo e estável em seu curso não é produtivo desde este ponto de vista: necessita ser desenvolvido com represas para sê-lo. As mulheres partilham o rio em comum para satisfazer as necessidades de suas famílias e de sua comunidade não são consideradas dentro do trabalho produtivo; porém quando são substituídas por um engenheiro a manutenção e o curso das águas se transformam em atividade produtiva. Os bosques nativos que são improdutivos quando transformados em plantação

de monocultura produzem produtos para venda comercial. Este desenvolvimento equivale e má-desenvolvimento, enquanto o desenvolvimento feminino privado de conservação tem uma dimensão ecológica. O descuido do processo de renovação da natureza e das mulheres na produção de bens de necessidades básicas e vitais constitui o paradigma essencial da má-desenvolvimento, que vê todo trabalho que não produz ganância e capital improdutivo.

Má-desenvolvimento

Os modos dominantes de percepção baseados no reducionismo, no dualismo e no pensamento estreitamente linear não podem manejar a igualdade na diversidade onde as formas de ser e as atividades são significativas e válidas, porém também diferente. A mente reducionista super empoe os papeis e as formas de poder dos conceitos do homem ocidental sobre as mulheres, sobre as pessoas não-ocidental e sobre o ambiente, definindo os três como deficientes, e precisando de desenvolvimento. A diversidade – a união e harmonia dentro da diversidade – neste contexto de desenvolvimento torna-se epistemologicamente impossível de obter. Ainda mais: para os má-desenvolvemntistas é sinônimo de subdesenvolvimento. O número dos produtos tem crescido, porém a natureza em si, tem diminuído. A crise de pobreza no Sul nasceu da crescente falta de água, comida, pastos, combustível, associada ao crescente má-desenvolvimento e a destruição ecológica. Esta crise de pobreza toca mais as mulheres, primeiro



porque são as mais pobres entre os pobres e também, porque, como a natureza são as sustentadoras primárias da sociedade.

O má-desenvolvimento é a violação da integridade dos sistemas orgânicos, interconectados e independentes que colocam em marcha um processo de exploração, desigualdade, injustiça e violência. É absurdo não reconhecer que a harmonia da natureza e a necessidade de mantê-la são pré-condições para uma verdadeira justiça. Por isso Mahatma Gandhi disse: no mundo tem suficiente para satisfazer a todos/as, porém não pela cobiça de alguns.”

O má-desenvolvimento rompe a unidade cooperativa entre o masculino e o feminino e despoja o homem de sua dimensão feminina e ao mesmo tempo sua dominação sobre a natureza e a mulher o separa dos dois. A violência das mulheres, sua subjugação e sua exploração, surgem da subjugação da dimensão feminina.

Quero reiterar que o que hoje se chama desenvolvimento é essencialmente má-desenvolvimento, baseado na introdução e acentuação da dominação do homem sobre o ambiente e as mulheres. Segundo o má-desenvolvimento, os dois são vistos como o “outro passivo”. A atividade, a criatividade, a produtividade que esteve associada com a dimensão feminina, são apropriadas como qualidades dos homens. Tornam as mulheres e o ambiente em objetos passivos para serem utilizados e explorados pelos incontrolados e incontroláveis anseios dos homens já separados de sua dimensão feminina. Desde ser criadoras e sustentadoras da vida, a natureza e a mulher são reduzidas a ser recursos no fragmentado modelo anti-vida da má-desenvolvimento.

Precisamente porque mais crescimento na má-desenvolvimento significou menos sustentação da vida e a destruição dos sistemas que mantém a vida que agora é imprescindível recuperar a dimensão feminina como base do desenvolvimento que conserva e que é ecológico. O feminismo como a ecologia como o reviver da Pachamama, a fonte de toda vida, se transforma em poder descentralizado de transformação política e econômica.

Não obstante continue vigente nos centros do poder patriarcal, a velha suposição que com o processo de desenvolvimento, os bens e os serviços se incrementariam automaticamente e a pobreza acabaria esta ideia hoje está sendo desafiada pelos movimentos ecológicos das mulheres do Terceiro Mundo. A sobrevivência se apoia no assumir a santidade da vida; o má-desenvolvimento se apoia na suposição da santidade do desenvolvimento.

Recuperando a dimensão feminina

A recuperação da dimensão feminina permite uma transcendência e uma transformação dos fundamentos patriarcais e do desenvolvimento. Permite uma redefinição do crescimento e da produtividade como categorias ligadas à produção, não à destruição da vida. Este é ao mesmo tempo um projeto político, feminista e ecológico, dando legitimidade a formas de pensar e ser que criem riquezas por meio da diversidade e do embelezamento da vida. Ao mesmo tempo deslegitima a maneira de pensar e a prática de uma cultura de morte que tem na base o acúmulo do capital.



As lutas contemporâneas das mulheres preocupadas com a destruição do ambiente tem a intenção de mostrar que na estabilidade ecológica não há estancamento. Ao contrário uma harmonia nos processos ecológicos da natureza não são um retrocesso tecnológico e sim uma sofisticação tecnológica. Hoje em dia quando um quarto da população é ameaçada pela fome como resultado da erosão do solo, escassez de água e a manipulação da diversidade genética, a insistência em apostar no crescimento através das tecnologias de destruição de recurso se transforma em genocídio, ecocídio. A morte de seres humanos através da morte da natureza é uma forma invisível de violência que hoje em dia é a maior ameaça da justiça e da paz.

Começar

A Amazônia é mais falada que conhecida, mais discutida do que vivida. Mais mito que realidade. Faz-se necessário buscar o significado mítico das águas, florestas, herança da cultura regional e fonte de vida. Estabelecer uma relação amorosa, afetiva que transmita nosso desejo que ela continue existindo através de ações concretas no nosso cotidiano. Convocando outras pessoas para que se juntem a nós na defesa da Amazônia. Interpretar a na-

tureza amazônica agradecendo sua generosa e exuberante beleza e todos os recursos que ela nos oferece: remédios, folhas, raízes, frutas, madeiras, alimentos, beleza a ser mantida, cultura a ser preservada.

Confessar nossa ignorância perante esta explosão de vida e a sua complexidade. Enxergar a Amazônia como fonte de prazer, vida, felicidade, alegria. Encarar a

Amazônia como herança verdadeira, viva. Você pode não estar interessado/a na Amazônia, mas ela está interessada em você. A trágica realidade que vive a Amazônia hoje desafia cada um/uma de nós a intervir na realidade social, a criar novas relações de cura pessoal, entre as pessoas, a natureza e todo o cosmos.

Ser humildes, pedir perdão por tanto desconhecimento, ingratidão e maldade. Ser humildes é estar de mente e coração abertos para se aproximar e conhecer de perto. E, depois, querer mudar.

Ter um novo olhar para a Amazônia. Adotar uma atitude de reconhecimento, gratidão e compromisso com a manutenção com o fio da vida, protestando contra os verdes que estão sendo mortos, contra os criminosos que ateiam fogo nas selvas, poluem os rios e lagos, exterminam a fauna e matam seus legítimos filhos e filhas.



“Enxergar a Amazônia como fonte de prazer, vida, felicidade, alegria. Encarar a Amazônia como herança verdadeira, viva”

A Comissão Pastoral da Terra e a Laudato Si'

Foto: Paulo Henrique/Flickr



A superação do paradigma da civilização capitalista e a abertura ao paradigma ecológico¹⁵

Ruben Siqueira¹⁶

O presidente da Comissão Pastoral da Terra [CPT], dom Enemésio Lazzaris, entregou ao papa Francisco, em 13 de julho de 2013, uma carta em nome das pastorais sociais do campo. Nela,

chamando-o de “irmão”, diziam elas se sentirem confirmadas por seu ministério a serviço dos pobres da terra. Respondeu o papa que confirmação e “mais trabalho” teriam com a encíclica que estava preparando. Depois, em setembro, a V Semana Social Brasileira solicitou a ele um documento sobre a terra. Em 18 de junho de 2015 veio a Laudato Si' [LS].

Os encontros com os movimentos sociais (Vaticano, 2013 e 2016 e Santa Cruz de la Sierra, 2015) nos ajudaram muito ao dar uma chave de leitura da encíclica bem acolhida mundo afora, na linha do que poderíamos chamar “justiça ambiental”¹⁷. Aí ficou mais evidente que o “Cuidado da Casa

¹⁵ Reflexão baseada na fala proferida no Encontro sobre Ecoteologia, promovido pela REPAM – Rede Eclesial Pan-Amazônica, em Brasília, 16-17 de agosto de 2017. Foi subsidiada por conversa sobre o assunto na reunião Coordenação Nacional Executiva da CPT.

¹⁶ Agente da CPT na Bahia desde 1981, atualmente membro da Coordenação Nacional Executiva. É graduado em Filosofia e Pedagogia e MSc em Ciências Sociais.

¹⁷ LEROY, Jean Pierre. Justiça ambiental. Disponível em: http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/TAMC-LEROY_Jean-Pierre_-_Justi%C3%A7a_Ambiental.pdf. Acessado em: 09 out 2017.



Comum”, sendo uma ecologia integral (“somos terra”, “terra mãe e irmã”), como diz a LS, tem opção pelos pobres: “Nenhuma família sem Casa, nenhum camponês sem Terra, nenhum trabalhador sem Direitos”.

Antes de mais, é preciso considerar o que diz Ivone Gebara: “uma Encíclica é apenas uma carta e que são os fiéis que aderem ou não a ela se suas vidas já estão de certa forma pautadas nesses valores ou em outros”¹⁸. Daí

que a alvissareira confirmação e o alento que nos traz a LS – “pautados nesses valores”

–, não nos impeça de compreender, além das aberturas e avanços até revolucionários, as várias outras dimensões, limites e contradições da carta e de suas recepções, no contexto da realidade eclesial local, nacional e global que vivemos.

Uma questão que a ecologia já vinha trazendo para nosso trabalho é a do limiar entre o humano e o além-humano. Talvez o maior mérito da LS, muito além dos círculos eclesiais, incorporando os avanços atuais da ciência, amplamente reconhecidos, seja o questio-

namento e a proposta de superação do paradigma da civilização capitalista e a abertura para uma incorporação do paradigma ecológico, necessária e urgente, para salvação do planeta e da humanidade, enquanto ainda há tempo. A ideia de uma ecologia integral nunca tinha sido defendida com tanto respaldo e contundência. Se “o todo é maior que as partes” [LS 141], põe-se uma pista eficiente

de enfrentamento do dilema antropocentrismo x ecocentrismo, tensão que existe, pelo menos, desde o Gênesis. No dizer da própria LS [139], “isto [a relação entre natureza e sociedade] nos impede de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos. [...] É fundamental buscar

soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental”.

Na CPT, a temática ecológica, se não está em evidência desde os seus primórdios nos meados dos anos 1970, foi devagar penetrando em sua ação e reflexão, primeiro pelos próprios camponeses/as e suas lidas e demandas, pouco depois também designadas agroecológicas, no que a CPT teve e tem grande empenho. Consta-



É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais.

18 GEBARA, Ivone. ‘Laudato Si’: alguns desafios teológicos em vista de uma melhor convivência no planeta. http://www.biodiversidadla.org/Principal/Secciones/Documentos/Laudato_Si_algunos_desafios_teologicos_para_una_mejor_convivencia_en_el_planeta.





tamos hoje passos importantes na incorporação das territorialidades e identidades territoriais e socioambientais na luta pela/na terra. Não demorou, os próprios agentes pastorais e camponeses/as se viram cada vez mais instigados pela questão ambiental e as crescentes crises alimentar, hídrica, energética, climática etc., que muito dizem respeito a eles indireta e diretamente. E hoje vem a [LS 23] nos dizer que “o clima é um bem comum, um bem de todos e para todos”.

Uma expressão deste avanço está nas temáticas das Romarias da Terra – das faces mais conhecidas da CPT – incorporando a ecologia. Estas romarias, a partir de 1978, se espalharam por todo o Brasil e não param de se multiplicar, expressando a ligação entre fé e vida e a comunhão entre a Igreja e o povo do campo na busca de justiça e paz na terra. Já estão ultrapassando 50 [só na Bahia em 2017 foram nove] e chegam a congregar bem mais de um milhão de pessoas anualmente. Os temas, renovados a cada ano, refletem as urgências da vida e da luta no campo. Como exemplo, citamos a talvez a mais tradicional destas romarias, a da Terra e das Águas ao Bom Jesus da Lapa – BA, neste ano na 40ª edição. A partir de 1997, incorporou a água ao título e aos temas. E desde 2002 tem tido temática ecológica. Em 2011 estampou: “Mudar o sistema, não o clima”.

A 39ª, em 2016, propôs com a LS: “Cuidar da Casa Comum, conversão ecológica”. E a deste ano, jubilar: “Com o Bom Jesus, reconstruir a esperança a partir dos pobres”. A carta final da romaria repercutia: “O apelo do papa Francisco ecoa em nossos corações e nos convida à urgente unidade da luta: ‘o tempo para encontrar soluções globais está acabando. Só podemos encontrar soluções adequadas se agirmos juntos e de comum acordo. Portanto existe um claro, definitivo e improrrogável imperativo ético de agir”.



É Só podemos encontrar soluções adequadas se agirmos juntos e de comum acordo.

Outra referência importante para as conexões CPT/LS são os Congressos da CPT, de participação numerosa e majoritária de camponeses/as, definidora de rumos da ação pastoral. O primeiro, em 2001, em Bom Jesus da Lapa – BA, agregou à terra, então vista como “espaço de vida, resistência e identidade”, os desafios da água e dos direitos, que a CPT já vinha trabalhando mas precisava aprofundar e ampliar. Dele saiu a proposta de uma Campanha da Fraternidade sobre a água, o que se concretizou em 2004. O II Congresso, em 2005, na cidade de Goiás – histórica por vários motivos, inclusive para a CPT, com D. Tomás Balduino, um de seus pilares –, teve como lema “Fidelidade ao Deus dos Pobres, a serviço dos povos da Terra”, lema definitivo, segundo





D. Pedro Casaldáliga, outro de seus pilares. O III, em Montes Claros – MG, 2010, versou sobre “Biomás, territórios e diversidade camponesa”. O IV, em Porto Velho, 2015, com tema “Faz escuro, mas eu canto – Memória, Rebeldia e Esperança dos pobres da Terra”, em celebração de 40 anos, finalmente conseguiu ser na Amazônia, onde nasceu a CPT, donde trouxe com os posseiros, a diversidade das formas de relação com a terra diversa, muito além da reprodução material da vida.

Para a humanidade e para o conjunto da vida planetária, o capitalismo devastador tornou-se sentença de morte. Nunca na Igreja houve uma condenação tão explícita como na LS deste sistema de inexorável lógica concentracionista e excludente, a pôr em risco a Casa Comum e todos que a habitam. Na CPT, em especial, vivemos junto aos pobres do campo uma das faces mais tenebrosas deste sistema constituído histórica e contemporaneamente no Brasil, que são os conflitos, a violência, os assassinatos de camponeses e aliados. A permanência da terra como eixo fundamental de poder, ainda hoje, no Brasil impede que ela seja partilhada, não só como terra de agricultar, mas também como lugar de con-viver. E ao contrário de uma reforma agrária verdadeira, as políticas governamentais para o setor acabam reconcentrando a terra, ao invés de democratizá-la. A violência e os assassinatos de camponeses, indígenas, quilombolas, trabalhadores rurais sem-terra, têm sido sua consequência mais trágica. Nos últimos anos os números desta violência sistemática vem crescendo assustadoramente. Neste ano, até se-

tembro, computamos 63 assassinatos, sendo 25 em três massacres (três ou mais mortos na mesma ocasião). A impunidade destes crimes os alimenta. Desafio enorme para a fé, a luta e a esperança do povo do campo e da Igreja, uma de seus poucos aliados.

O Papa Francisco o reconheceu no Encontro com os Movimentos Sociais em 2013: “a reforma agrária é, além de uma necessidade política, uma obrigação moral”. [...] “essa dolorosa separação [do camponês de sua terra], que não é só física, mas também existencial e espiritual, porque há uma relação com a terra que está pondo a comunidade rural e seu modo de vida peculiar em notória decadência e até em risco de extinção”. Já em 2009, a CPT procurou rever os sentidos e urgências da reforma agrária: “Enten-demos a Reforma Agrária como a reconquista dos territórios camponeses e a conquista de novos territórios, respeitando a diversidade, a cultura, a religiosidade, as etnias dos povos dos diferentes biomas brasileiros. Defendemos que a terra seja de fato daqueles e daquelas que nela vivem e trabalham, para que eles e elas possam reapropriar-se da natureza e decidir, com autonomia e respeito, sobre os seus territórios. Hoje, os povos tradicionais (indígenas, quilombolas, ribeirinhos...), os camponeses e camponesas são os guardiões do rico patrimônio de conhecimentos da terra, da água, das sementes, dos alimentos, enfim de toda a biodiversidade reafirmando um outro projeto de vida: a terra sem males.”¹⁹.

¹⁹ CPT Nacional. Para outra Compreensão e Ressignificação da Reforma Agrária. Encontro Nacional de Formação da



Acreditamos na CPT que o Cuidado da Casa Comum não se fará sem a grande contribuição dos camponeses/as do mundo, se lhes deixarmos e eles conseguem continuar a produzir alimentos saudáveis, zelar das matas e águas, preservar a agrobiodiversidade e as tradições étnico-culturais, aliviar as tensões urbanas e, no conjunto, “esfriar o planeta”. Como disseram eles, na VII Conferência Internacional da Via Campesina, no País Basco, em 24 de julho de 2017, com representantes de cerca de 450 movimentos camponeses de 70 países dos cinco continentes, “alimentamos nosso povo e construímos movimento para mudar o mundo”.

Outro reforço importante trazido pela LS é a abertura para o amplo leque de alianças, entre cristãos e não cristãos, crentes e ateus, cidadãos e autoridades, que requer o Cuidado com a Casa Comum. Identificamo-nos, como CPT e Igreja, com este reconhecimento e incentivo de nosso lugar no mundo, a serviço da Vida, em humilde colaboração com outras forças responsáveis por Ela.

Neste sentido, a LS também se torna sinal de contradição em nossa própria Igreja. Uma vez que, por exemplo, há entre nós quem defenda condicional ou incondicionalmente o agronegócio, sem considerar seu custo econômico, social e ambiental para a sociedade e o Estado. O que recorda-nos, mais uma vez, a pouca incidência que teve nas bases eclesiais e sociais o documento da CNBB “Igreja e ques-

tão agrária no século XXI” [2013], comemorativo e atualizador do histórico e muito incidente “Igreja e problemas da terra” [1980]. Desejamos e nos empenhamos para que a LS possa ter melhor sorte entre nós, Igreja, já que parece ter além de nós.

A LS nos alenta também na espiritualidade que, não sem dificuldades, temos procurado cultivar na CPT. Uma espiritualidade solidária e ecológica que, alimentada na fé em Jesus em suas expressões individuais e coletivas, informe nosso modo de pensar, sentir, viver, atuar em meio aos pobres do campo, na Igreja, na sociedade. Uma espiritualidade profunda o suficiente “para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo” (LS 216). E dos pobres, que no horizonte da CPT – e do Papa Francisco também – iniciam um processo transformador que os converte de objetos de assistência caritativa em sujeitos de sua libertação e uma teologia, um discurso sobre Deus, nos moldes de João 4,8 “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor”.

Por fim, procuramos crer com o papa Francisco que a ecologia integral é o novo nome da justiça e um paradigma em construção e um compromisso ético anti-consumista: “A cultura ecológica não pode se reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático”, (LS 111). A esta construção entregamo-nos.

CPT, Luziânia, 2009. Disponível em: <https://www.cptnet2.org.br/index.php/publicacoes/noticias/noticias/1481-para-outra-compreensao-e-ressignificacao-da-reforma-agraria>. Acessado em 09out2017.





Desmatamento em região próxima ao local onde os deputados decidiram reduzir a área de proteção, em Novo Progresso, Pará

"A cultura ecológica não pode se reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático",
[LS 111].



Ecoteologia na Amazônia

Foto: Guilherme Gomes/Flickr



Criança se diverte na comunidade Cunuri, no Rio Uaupés, no estado Amazonas

Princípios contextuais, de gênero, interculturais e pós-coloniais pajelança, bem-viver e sincretismo religioso

Ricardo Gonçalves Castro²⁰

Neste breve ensaio de ecoteologia, mais que elaborar ou dissertar sobre uma perspectiva já definida no âmbito da teologia, o que pretendemos é um diálogo com as perspectiva

teóricas e os contextos próprios da Amazônia. Faremos este percurso trabalhando com algumas ferramentas teóricas e pinçando alguns elementos da cultura amazônica e de seus modos de viver e significar sua existência.

O paradigma ecológico

O paradigma ecológico reconhece que a natureza é sujeito, é um SER e que os seres humanos fazem parte dela. A criação possui um valor intrínseco que nos permite estabelecer um contato com o Deus criador. É neste âmbito que emerge a contribuição da ecoteologia, um sentir-pensar-agir sobre a relação de Deus com sua criação.

O paradigma ecológico deve gestar-se a partir de uma ECO-SOFIA que quer dizer: uma sabedoria [Sofia] que permita conhecer e compreender os ritmos da oikos e, assim facilitar a convivência nesta casa. Uma sabedoria

²⁰ Graduou-se em filosofia e teologia pelo Missionary Institute of London em 1990. É mestre em ciência da religião pela Universidade de Leuven. Foi professor de filosofia e Teologia no Seminário João XXIII e na Universidade Nacional Eduardo Mondlane em Moçambique (1991-1998). Na Faculdade Claretiana (São Paulo – 2002-2007) foi professor de teologia e ética aplicada. Fez um doutorado livre em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Nossa Senhora Assunção em São Paulo (2007). Atualmente é professor de filosofia e teologia no Instituto de Teologia, Pastoral e Ensino Superior da Amazônia e na Faculdade Salesiana D. Bosco (Mauaus).



que vai tecendo unidade a partir da diversidade da vida, para perdure. Eco-sofia bebe das fontes das tradições primeiras dos povos indígenas, cosmovisões orientais e se vislumbra nos estilos de vida que surgem dos grandes mestres espirituais. Eco-sofia é também uma mística baseada na austeridade e a não violência, a solenidade e o serviço, o cuidado e a compaixão, se constitui como pilar para buscar confluência e estabelecer plataformas de uma autêntica ética ecológica. Uma consciência ecológica radical nos levará às raízes, ajudando-nos a construir uma maneira nova de inter-relacionamento com tudo.

A Ecoteologia

O termo ecologia é compreendido em um sentido mais amplo do que sua definição científica estrita; significa compreender a nós mesmos e nosso ambiente como parte da natureza. O conceito da ecologia traz em si a necessidade encontrar nosso lugar no ecossistema. Ecoteologia é compreender-nos como parte da criação de Deus. Com ligações inseparáveis dos seres humanos com o planeta.

Um dos ingredientes essenciais da ecoteologia é a não-violência que é a abolição de toda opressão tanto pessoal como estrutural: os objetivos humanos não podem ser alcançados por meios desumanos. Os princípios da

teologia ecológica é um conjunto de convicções religiosas e ao mesmo tempo uma espiritualidade que afirma a importância do respeito pela a terra e de todos seus habitantes, usando-se somente os recursos que são necessários e apropriados, reconhecendo os direitos de todas as formas da vida, e reconhecendo que tudo que existe é parte de um todo. Deus é criador e salvador todas as suas criaturas.

Nas nossas expressões religiosas, espirituais, celebrativas e místicas é importante valorizar as formas mitológicas do povo, os rituais que ajudam a valorização do corpo e da terra, que lembrem constantemente o valor sagrado de todos os tipos de vida e de nossa dependência da terra e um dos outros. Vivemos numa teia de vida. Tornamo-nos humanos na medida em que descobrimos e nos ligamos a essa maravilhosa cadeia de vida que é o planeta terra, manifestado aqui na Amazônia.

Uma compreensão mais espiritual-teológica da amazônica nos leva a uma mudança de foco. Leva-nos a refletir acerca da sobrevivência das plantas, dos animais e dos seres humanos, conduzindo-nos à construção de "um modo de vida sustentável", com quatro dimensões: ambiental [preservação da vida], social [integração e convivência], mental [ética e espiritualidade] e integral [vida plena para



**Ecoteologia é compreender-nos
como parte
da criação de Deus, com ligações
inseparáveis dos seres humanos
com o planeta.**





cada um e para todos].

Na Amazônia não há como não lembrar que somos água, rios. Que nossa vida segue sob os ritmos das enchentes e vazantes. Que parte de nossa alimentação típica brota dos rios com uma variedade imensa de peixes e frutos das águas. Nosso sentido de estética, do belo está ligado às águas. Para nossos antepassados indígenas e negros os deuses, as divindades moram no fundo das águas – como para refletir de modo analógico o mais profundo de nosso interior – as forças das águas inconscientes. Navegando sobre os rios, o modo mais típico de viagens na Amazônia, aprendemos a ser contemplativos. Olhar por horas a imensidão dos rios, das águas. Somos água em nossa composição bioquímica e principalmente em nossa elaboração espiritual. Como princípio de maternidade, passamos nela nove meses mergulhados nas entranhas maternas para compreender fundamentalmente que água é vida. Somos banhados na fonte da vida eterna em nosso batismo para morrer e renascer em Cristo para a vida de filiação, dependentes agora do Deus Abbá-mãe-pai.

Ser amazônida é compreender a dimensão hídrica de nossa vida, adquirir as sabedorias e fertilidade dos rios que no seu caminho rumo ao mar, nos aponta para a meta fundamental de nossa vida – O mar infinito do amor de Deus. Ser amazônida é aprender navegar, descobrir o caminho a seguir, aprender a paciência da pesca, aprender a contemplação que se renova em cada fluxo de água do grande rio. É banhar-se, purificar-se constantemente do calor cansativo da vida, da sujeira material

e espiritual que se gruda em nós nas labutas e desmandos da vida.

Contextualizar a teologia na Amazônia

Contextualizar a teologia é como tirar as sandálias dos pés para tocar o chão e perceber sua sacralidade, ou seja, perceber as pegadas de Deus na realidade da vida. Na experiência de Moisés, Deus diz: “Não te aproximes daqui. Tira as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que te encontras é uma terra santa”, [Ex 3,5].

O que significa “contextualizar”? Em que sentido, podemos usar o termo? Como esta perspectiva pode se tornar o chão, a trilha através da qual nos inserimos na realidade Amazônica?

Aprofundar e contextualizar a teologia da criação, a partir do contexto amazônico, como uma resposta ao sofrimento ecológico, humano e a injustiça que prevalece neste bioma; Saborear, vivenciar os dons oferecidos pelas tradições indígenas, sincréticas e interculturais; Vivenciar a cura corpo e da terra nos rituais, celebrações, pajelanças e benzições, na luta pela libertação e reconciliação da humanidade com a terra; Aprender uma espiritualidade ecológica como um estilo de vida que correlacione o Bem-Viver com o Evangelho da Nova Criação em Cristo, que honre toda a criação, com todas as formas de vida.

A Teologia Amazônica é contextual porque se situa em um contexto tanto geográfico como histórico específico. Geograficamente situa-se num dos espaços mais ricos de biodi-





versidade e de diversidade de grupos indígenas. Historicamente se localiza em um tempo em que as questões sobre a destruição das florestas, paira sobre um grande número de criaturas e sobre os seres humanos que aqui vivem.

O pós-colonial e o intercultural da teologia amazônica

As teorias pós-coloniais analisam os efeitos da colonização nas culturas e nas sociedades. O termo foi usado primeiramente dentro do âmbito da história, depois usado pelos críticos da literatura para discutir os vários efeitos culturais da colonização. Pos-colonialismo é uma ferramenta teórica utilizada para interpretar, ler e criticar as práticas culturais do colonialismo. Como uma teoria centra-se sobre a questão da raça no contexto do colonialismo e demonstra como a ótica racial possibilitou as potências coloniais de representar, refletir, refratar e visualizar as culturas nativas de forma preconceituosa, considerando-as inferiores.

A colonização em suas várias formas criou sua própria representação desigual tanto da cultura como dos nativos. Pos-colonialism é, portanto, um termo dado para uma abordagem teórica crítica em estudos literários e culturais que designa uma política de resistência

transformacional para formas injustas e desiguais das práticas coloniais²¹.

O pós-colonialismo se articula a partir de alguns pressupostos básicos. Privilegia as diferenças mais que as semelhanças. A sua visão política é pluralista e anti-hegemônica (celebra abertamente a crioulicidade, a diáspora e o hibridismo e, ao mesmo tempo problematiza todas as formas de subalternidade e subjugação). Relaciona a representação com o poder²².

A partir dessa perspectiva as características religiosas dos povos da Amazônia são resultado da confluência, das releituras feitas nas práticas cotidianas, de ritmos, cores, danças, linguagens e experiências do transcendente. A sociedade, assim como a religiosidade na Amazônia é composta da contribuição de muitas tradições religiosas de origens diversas.

As tradições religiosas são como o cordão umbilical, caracterizado principalmente pelos seus mitos fundadores, por deuses ou semi-deuses, por seus santos e rezas. Contudo, são estes elementos constitutivos das tradições re-



A religiosidade na Amazônia é composta da contribuição de muitas tradições religiosas de origens diversas..

21 HALL, Stuart, Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 99-100

22 SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. v. 4. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 179-190





ligiosas que conferem sentidos e significados para a vivência do cotidiano e os confrontos com a história. As relações construídas com o colonizador europeu, o afrodescendente, o nordestino, o asiático ao longo das etapas da história exige produzir de novo uma nova visão da “Amazônia”, a partir da escuta das narrativas complexas da religiosidade de seus povos.

No âmbito religioso o ambiente amazônico é o lugar dos sincretismos, da mestiçagem e do hibridismo. Ainda estamos por desvendar, interpretar suas representações e significados traduzidos aqui pelas religiões, mitologias indígenas e africanas, pelas práticas de pajelança desenvolvidas pelas comunidades rurais e urbanas, pelas visões de santos e de visagens, pelos encantados e pelos círios e procissões dedicadas à Nossa Senhora, pela religião do Daime com sua beberagem, pelos cultos afro-amazônico e as experiências de possessão diabólica e do Espírito Santo nos cultos pentecostais²³.

A interculturalidade Amazônica

Na Amazônia é necessário compreender seu contexto sócio-histórico-religioso a partir de algumas ferramentas teóricas. A primeira ferramenta será da interculturalidade assumida como base para compreender no passado e na atualidade a interação entre culturas e tradições religiosas. Como este conceito nos ajuda a compreender a religiosidade dos povos da Amazônia?

Nossas sociedades na Ameríndia são resultado de um intenso processo histórico de convergência de culturas. Enquanto o conceito pluricultural é utilizado para caracterizar o contexto social, a interculturalidade descreve a relação entre as culturas dentro de um determinado contexto. O prefixo “inter” pode significar processo de interação, trocas simbólicas, interdependência; “culturalidade” se refere aos aspectos enriquecedores das culturas: valores, modos de vida, representação simbólica dos grupos e indivíduos. Interculturalidade²⁴ é parte integrante dos processos histórico do encontro entre culturas que as levam a interagir umas com as outras. O que se pensou foi que este processo teria como resultado uma homogeneização cultural, mas o que ocorreu foi um processo de interação e influência entre culturas, umas com as outras, em que as diferenças permanecem e ao mesmo tempo evoluem. Na Amazônia a convergência histórica da cultura indígena com a cultura ibérica, afro e nordestino fez nascer um contexto intercultural particular. Nela ocorreu ao longo de um processo histórico, influências recíprocas que ainda hoje geram convergências e divergências, porém sempre num dinamismo relacional. Aspectos e elementos culturais e religiosos indígenas estão presentes no cotidiano dos amazônidas. Assim como muitos elementos ocidentais passam a fazer parte da vida dos

23 QUIJANO, Anibal, Da Colonialidade à Descolonialidade. In: SANTOS, Boaventura de Souza e MENESES, Maria Paula (orgs), Epistemologias do sul, Rio de Janeiro: Cortez, 2013.

24 Cf. PANIKKAR, Raimon, El imperativo cultural. In: FORNET-BETANCOURT Raúl (ed.), Unterwegs zur interkulturellen Philosophie, Frankfurt/M. 1998, p. 20-42; FORNET-BETANCOURT, Raúl, Transformación intercultural de la filosofía, Bilbao, 2001.





povos da região, principalmente no aspecto linguístico.

O projeto colonizador procurou elaborar representações de inferiorização e demonização da cultura daqueles que foram colonizados, construindo formas de poder para o domínio colonial. Deste modo, as culturas e as sociedades locais foram dominadas e exploradas. Em todas as sociedades onde a colonização implicou a destruição da estrutura societal, a população colonizada foi despojada dos seus saberes intelectuais e dos seus meios de expressão exteriores ou objetivantes. Foram reduzidas à condição de indivíduos rurais e iletrados”²⁵

Os povos tradicionais da Amazônia, assim como escravos africanos são entendidos como não humanos ou semi-humanos, quase animais, sexualmente monstruosos e selvagens. O homem branco burguês ocidental se autoconsiderou o sujeito adequado para governar. Pensou-se um ser civilizado, heterossexual e cristão, capaz de raciocinar e agir adequadamente. A mulher no contexto colonizador é caracterizada principalmente como

aquela que reproduz o poder de dominação masculina e do capital. A mulher tem sua figura relacionada principalmente pela pureza e fidelidade matrimonial, passividade, dócil e confiada ao lar.

Em comparação com a racionalidade dos povos das terras amazônicas que possui uma raiz agrária, a natureza é sentida como matriz, útero de vida com a qual o ser humano está umbilicalmente conectado. Participar de sua vida exige outra lógica, distinta daquela da materialização e coisificação da natureza que leva a uma concepção de desenvolvimento depredador da oikos. A racionalidade científica de conhecimento da natureza não tem como finalidade afirmar a superioridade e o domínio humano sobre o mundo criado. Ao contrário, conhecer a natureza é um ato espiritual e embebido de uma compreensão ética do cuidado com aquela que é mãe e a base da igualdade entre todos os seres.²⁶

Só poderemos escutar os apelos que brotam da história na Amazônia, na medida em que estivermos disponíveis a aprender a resis-



Na Amazônia a convergência histórica da cultura indígena com a cultura ibérica, afro e nordestino fez nascer um contexto intercultural particular.

25 QUIJANO, Anibal, Da Colonialidade à Descolonialidade. In: SANTOS, Boaventura de Souza e MENESES, Maria Paula (orgs), Epistemologias do sul, Rio de Janeiro: Cortez, 2013.

26 Cf. KROEMER, Gunter, Cebos e as religiões indígenas. In: CORDEIRO, Luiz Valdecir (org), Do ventre da Terra o grito que vem da Amazônia, São Paulo: Paulus, 2008.





tência encarnada em seus povos e na sua dinâmica cósmica, ao mesmo tempo em que se busca nas tradições culturais, religiosas e comunitárias o que não foi totalmente desfigurado e destruído pela dominação colonizadora. Resistência como característica da missão na Amazônia significa contribuir para eliminação de tudo que nos leva a perpetuar a mecânica avassaladora do império que hoje chega nesta realidade com nomes de “desenvolvimento sustentável”, monoculturas, migrações forçadas, polos industriais e outros.

A compreensão da Amazônia antes de ser científica, biológica ou geológica, é indígena. É na compreensão mais profunda da relação entre seres humanos e natureza, captada e vivida pela sabedoria indígena, que se pode perceber a visão da Amazônia. Resgatar a relação humanidade e terra, corpo e terra, terra sagrada que somos todos, somos dom de Deus.

Com as comunidades diversas temos que aprender a nos tornarmos uma sociedade sustentável, ou seja, que produz o suficiente para si e para os seres vivos dos ecossistemas onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade generacional ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão.

Questões de gênero e a teologia Amazônica

O cristianismo como religião e sua elaboração teológica esteve sempre dominada pela perspectiva do masculino. Sua linguagem, símbolos e estruturas sócio religiosa foram marca-

dos pela compreensão patriarcal. A ausência de uma análise crítica principalmente da masculinidade hegemônica da teologia cristã, como categoria construída, reforçou a noção de que Deus é masculino²⁷. Masculinidade então se torna normativa ou um modo de ser essencial do humano. Uma categoria que está imune à análise crítica e de desconstrução. O uso da ótica de gênero não pretende ser uma ferramenta absoluta de análise.

A tarefa que se nos impõe é uma análise crítica do imaginário religioso de Deus como ser masculinizado que consequentemente posiciona o homem tanto na igreja como na sociedade, como um ser humano de privilégios. Estes privilégios de modo geral no contexto cristão se evidenciam na relação com o sagrado e no exercício da autoridade religiosa. Os ideais da masculinidade elaborados e engendrados pela teologia e pelo discurso religioso, nos desafia no contexto atual a descobrir uma trajetória alternativa para a vivência cristã no mundo, no campo da espiritualidade, formulação teológica e dogmática, relações de poder e expressões da sexualidade.

A destronização do teocentrismo cristão

27 O sistema patriarcal pretende apresentar um modelo homogêneo do pai, como parte essencial da construção hegemônica da dominação do varão sobre a mulher. Imagem que inclui papéis, competências, hábitos, valores, formas de pensar e inclusive formas institucionais como leis ou normas. Construção que o sistema patriarcal faz em oposição às imagens femininas-maternas. Uma oposição que vai servir de base para a dominação patriarcal e para todas as alienações que brotam dela, ao considerar as imagens paternas como as mais importantes. ARCHILA, Francisco Ryes, Meu pai e pai de vocês, Meu Deus e Deus de vocês. In: Ribla, n.56 -2007/1, p. 91-92.



deu espaço para formas de ateísmo e de pluralismos religiosos, mas não fez desaparecer a compreensão do homem como imagem de Deus e da masculinidade como divinizada. Além disso, o fascínio pelo divino não emerge somente no aspecto positivo, mas também no aspecto negativo – o demoníaco ou diabólico. Esta expressão religiosa do mal se manifesta nas formas violentas e destrutivas principalmente do masculino na sua força física e bélica.

A noção de masculinidade hegemônica presente na sociedade e legitimada por estruturas, dogmas e interpretações bíblicas, precisam ser desconstruídas. Isto significa perguntar-se sobre a possibilidade de outras representações presentes na teologia cristã e na leitura das Escrituras. Busca-se compreender como o patriarcalismo, nessa estrutura e se legitima na visão teológica de um Deus masculinizado. Qual sua relação com o poder, a dominação, a violência e a riqueza que marca a história do ocidente cristão? Como essa masculinidade se reproduz e se perpetua no contexto da religião? Como ela mantém relações sociais que geram a dominação da mulher e de outras expressões de masculinidade?

Uma espiritualidade ecológica para a Amazônia

Nas nossas expressões religiosas, espirituais, celebrativas e místicas é importante valorizar as formas mitológicas do povo, os rituais que ajudam a valorização do corpo e da terra, que lembrem constantemente o valor sagrado de todos os tipos de vida e de nossa dependência da terra e um dos outros. Vivemos numa teia de vida. Tornamo-nos humanos na medida em que descobrimos e nos ligamos a essa maravilhosa cadeia de vida que é o planeta terra, manifestado aqui na Amazônia.

Uma compreensão mais espiritual-teológica da amazônica nos leva a uma mudança de foco. Leva-nos a refletir acerca da sobrevivência das plantas, dos animais e dos seres humanos, conduzindo-nos à construção de “um modo de vida sustentável”, com quatro dimensões: ambiental [preservação da vida], social [integração e convivência], ética e inclusiva [vida plena para cada um e para todos].

Foto: Daiane Souza/Flickr



Celebração Kuarup, ritual de homenagem aos mortos ilustres, realizada pelos povos indígenas da região do Xingu, no Brasil



Gênero e ecoteologia na Amazônia

Foto: Michel Blanco/Flickr



Meninas dos povo Enawwê-Nawê, Juína (MT), no ritual Yaokwa para garantir a manutenção da ordem cósmica e da ordem social entre seus diferentes clãs

As práticas sociais das mulheres da floresta

Iraildes Caldas Torres²⁸

As pesquisas que tenho desenvolvido na Amazônia profunda nas últimas duas décadas, nas comunidades tradicionais indíge-

nas, têm sido articuladas à tríade natureza/cultura/sociedade. Tenho me preocupado com uma ética da solidariedade e do bem viver sob o manto das relações de gênero, conceito que dá baliza e consubstancia as discussões travadas com os etnosaberes da região, que envolvem as práticas sociais das mulheres da floresta e das águas.

As práticas sociais dessas mulheres se revestem de uma mística entrelaçada à natureza terra/água/floresta, que dá significado simbó-

²⁸ Doutora em Antropologia pela PUC-São Paulo. Professora da Universidade Federal do Amazonas.





lico e de gênero ao trabalho por elas realizado no âmbito da agricultura familiar, que explica a relação de afetividade e cumplicidade que elas estabelecem com a Mãe Terra e seu trato com o meio ambiente, numa pedagogia do cuidado que transcende os limites de sua pertença identitária pura e simples.

Essas asserções sugerem a construção de um sistema integrado e harmonioso entre mulheres, homens e o meio ambiente. Não se trata de uma defesa do primado da natureza sobre a vida humana, como supunham os naturalistas viajantes. Trata-se de uma relação de reciprocidade, afetividade e respeito para com a natureza que é a teia da vida [CAPRA, 2004], e tece a sociabilidade na Amazônia do ponto de vista material e imaterial, numa transcendentalidade mítica dos povos da floresta [TORRES, 2005].

As relações das mulheres com a natureza, especialmente com a Terra, possuem substrato simbólico vital de fecundidade e natalidade. A terra ou a Pachamama é vida, assim como a mulher, tem força geradora e criadora, ambas são fecundas e vitais. Pachamama é um conceito inspirado nas culturas andinas dos povos ameríndios, sobretudo dos indígenas bolivianos e peruanos situados no noroeste argentino, incluindo também indígenas do extremo

norte do Chile. É uma herança e um legado dos incas que sopra espiritualidade para outros países da América do Sul, chegando até às fronteiras amazônicas Brasil/Peru/Colômbia e Brasil/Venezuela.

As energias Pachamama engendram uma espiritualidade de bem viver e de pertença dos povos ameríndios com a terra. Pachamama é a Terra²⁹, equivalente à mãe, a mãe Terra. Está associado ao sentido da vida, envolvendo o nascimento e a maternidade. Há aqui uma atribuição de gênero nesta relação mística com a natureza, em que a Mãe Terra aparece como uma dádiva espiritual. Para Strathern [2006, p.22] “as dádivas são vistas como uma forma de sociabilidade e um modo de integração societária”.

Mama refere-se à maternidade e pacha articula conceitos como o tempo e o espaço, a terra, o divino e o sagrado. O cuidado que as mulheres amazônicas têm para com a terra, floresta e a água, guarda sutilezas de uma mística transcendental evocativa da Pachamama. Uma ética do cuidado e do bem viver em cujos princípios reside “a ética de um planeta sustentável” [BOFF, 1999, p.135]. De acordo com este próprio autor, “só



**As relações das mulheres
com a natureza,
especialmente com a Terra, possuem
substrato simbólico vital de
fecundidade e natalidade.**

²⁹ Ver <https://google.com> Acessado em 14/10/2017





essa ética do cuidado essencial poderá salvar-nos do pior. Só ela nos rasgará um horizonte de futuro e de esperança" [ibidem, p.135].

Esse é, pois, um olhar de subjetividade feminina que se põe sob os nexos de uma razão sensível, como sugere Maffesoli [2012], que estabelece uma relação de alteridade e reciprocidade com o outro que, neste caso, é a natureza. Longe de qualquer perspectiva essencialista e romântica associada ao aspecto da feminilidade, a ética do cuidado e do bem viver associada ao sopro Pachamama, é arraigada às práticas sociais das mulheres da floresta e das águas, ao seu cotidiano de trabalho na agricultura familiar, ao trato com os animais domésticos, com a água, com os resíduos sólidos produzidos na comunidade, enfim, o trato que elas têm para com as crianças e seu mundo educativo das brincadeiras com os elementos da natureza, na produção de suas infâncias.

É dentro de um conjunto de relações que se constrói o tecido sociopolítico, econômico e cultural que as práticas sociais das mulheres da floresta e das águas se expressam. Essas práticas são tecidas naquilo que Capra [2004] denomina de teia da vida. Práticas sociais aqui compreendidas dizem respeito às ações das mulheres na vida cotidiana, tais como o traba-

lho, a artesanaria, o ajuri ou puxirum, o associativismo e cooperativismo, a organização política da comunidade e da igreja, dentre outras.

Todas essas práticas estão arraigadas ao simbolismo ternário da Pachamama, como um fulgor que irradia generosidade e esperança às vidas dessas mulheres e de suas comunidades. No caso específico da Amazônia, a natureza fala com os humanos, assume função social, com leis que ajudam a

orientar o desenvolvimento do trabalho e seus desenvolvimentos na região. Para Tocantins [1961] o rio comanda a vida na Amazônia, possui um primado social. Torres [2012] chama a atenção para o fato de que o plantio da roça atende às leis da natureza concernentes ao posicionamento da lua, para não prejudicar o desenvolvi-

mento da mandioca, que poderá ficar empedernida e "mirrada" se a lua não estiver em posição adequada.

Há, também, uma relação de afetividade da mulher com a argila no fabrico de utensílios e louças domésticas, num simbolismo de feminilidade na terra presente na prática social da olaria e da artesanaria. Lévi-Strauss [1985, p.28] destaca que "é à índia que compete fabricar os recipientes de cerâmica e servir-se deles, porque a argila de que são feitos é feminina como a terra".



**No caso específico da Amazônia,
a natureza fala com os humanos, assume
função social, com leis que ajudam a
orientar o desenvolvimento do trabalho
e seus desenvolvimentos na região.**





Essa dimensão das práticas sociais das mulheres tecidas com o sopro inspirador Pachamama tem um caráter social de largo alcance conservacionista, na medida em que o trato que elas têm com a água nos serviços da casa, com os animais domésticos, com a horta caseira, enfim, o trato que elas têm com os resíduos sólidos e o lixo produzido na casa e na comunidade, evoca uma ética do cuidado e do bem viver.

As mulheres falam ao mundo, comunicam suas existências por meio de suas práticas, de procedimentos ético-políticos em torno do paradigma da casa comum, da pertença interplanetária, uma convivência saudável e solidária nessa Casa-Mundo que é comunitária (comum), cuja pertença transcende os nexos relacionais da aldeia e das localidades, para alcançar o Planeta.

Estamos diante de uma ecosofia, como sugere Guattari [1993], uma racionalidade (estudo) da casa, sua organização, envolvendo o enfrentamento da problemática socioambiental. A ecosofia, nos termos de Guattari [1993] envolve o meio ambiente, nas relações sociais e a subjetividade humana. Se dermos importância a essa tríade traçada por Guattari, vamos perceber que o mundo ou o planeta pode ser visto pelas relações de gênero. Tudo gira em torno das reflexões sociais que, em última análise, supõem relações entre mulheres e homens e destes com a comunidade, a sociedade, o mundo e a natureza.

Deve-se reconhecer, por fim, que as mulheres têm uma relação menos destrutiva com o meio ambiente do que os homens. Elas possuem uma racionalização estratégica conservacionista importante em relação ao solo, animais, plantas, água... Trata-se de uma racionalização intuitiva que tem como horizonte a continuidade da vida, a reprodução das espécies e a perenidade do planeta.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. A água e a galinha: uma metáfora da condição humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Traduzido por Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2004.
- GUATTARI, Félix. As três ecologias. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A oleira ciumenta. Traduzido por José Antônio Braga Fernandes Dias. Lisboa: Edições 70, 1985.
- STRATHERN, Marilyn. O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade Melanésia. Traduzido por André Villalobos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.
- TORRES, Iraídes Caldas. As novas amazônidas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2015.
- TORRES, Iraídes Caldas [org.] O ethos das mulheres da floresta. Manaus: Valer, 2012.



De qual ecoteologia falamos?

Foto: Sandra Crowther/Flickr



**Não podemos falar do quintal,
sem por em discussão a casa toda**

Sandro Gallazzi³⁰

A ECO-teologia vem com sabor de novidade, como a busca de uma teologia, de uma mística e de uma profunda espiritualidade que nos fortaleça, nos motive e nos impulse a cuidar da casa comum.

Não podemos, porém, cair no erro de reduzir a Ecoteologia somente ao falar de Deus a partir do nosso relacionamento com a natureza, com o meio ambiente. Não podemos nos limitar a falar do quintal, sem por em discussão a casa toda.

Creio que uma verdadeira contribuição trazida pela Laudato Si, foi falar da “ecologia integral”, ligando o cuidado com a casa comum ao cuidado com os mais pobres para que nossa casa seja um espaço de igualdade, de solidariedade e de justiça.

A teologia surge justamente da “casa comum”. O que entendemos por “casa comum”?

³⁰ Sandro Gallazzi é biblista





É o mundo no qual todas e todos habitamos, como diz o Salmo 24,1: “Do Senhor é a terra e tudo o que ela contém, a órbita terrestre e todos os que nela habitam”

Ou “casa comum” é, também e talvez, sobretudo, a casa, a sociedade, a igreja, na qual todas e todos queremos viver, do jeito que a pensamos [eco-logia] e a organizamos [eco-nomia]?

Concluo, assim, que, neste segundo sentido, a ecoteologia não é mais um novo ramo da teologia. Toda teologia é ECOteologia; sempre a teologia foi ECOteologia, pois não se pode falar de Deus a não ser a partir do projeto de “casa” que queremos construir e nela habitar e viver.

É “a” teologia: à eco [oikos/casa] corresponde o teo [theos/Deus], assim como corresponde a nomia [nomos/legge]: ecologia, economia e teologia são interligadas, interdependentes e interagem entre si, interpelando-se uma à outra.

Vamos a um exemplo: se acreditarmos, como nos dizem os políticos de turno, que é o mercado a determinar o funcionamento da nossa sociedade, teremos um projeto de casa do tipo “casa-grande/senzala”; a economia será determinada pelos interesses da casa-grande, dos grupos dominantes à custa da exploração dos grupos mais fracos e mais pobres que vivem na senzala da humanidade.

É o que está acontecendo hoje no Brasil onde o presidente golpista, abandonando ilegalmente os programas de campanha pelos quais se elegeu, está impondo à população uma pauta de desrespeito total aos direitos

constitucionais, entregando a terra e o povo do Brasil nas garras do capital financeiro, dos interesses do agronegócio, das empresas mineradoras e dos lucros incalculáveis da especulação, da corrupção e do desmando.

Importante é notar que, com poucas exceções, a “bancada da Bíblia” apoia esta política devastadora e geradora de tantas injustiças.

Qual a teologia que sai desta casa? É a ecoteologia da prosperidade, de um Deus mercadológico pronto a retribuir com milagres os pagamentos que fazemos em promessas, díizimos, sacrifícios: um verdadeiro sacronegócio que, como costuma acontecer desde os tempos antigos, transforma a casa do Pai em covil de ladrões.

O deus que é adorado neste tipo de casa é o deus juiz, premiador e castigador; um deus que precisa de poderosos mediadores que o representem e que, em nome dele, cobrem ofertas e sacrifícios, assim como ele exigiu o sangue do filho dele para perdoar nossos pecados.

É a famosa eco-teologia da salvação das almas que sempre foi veiculada por uma igreja que, por razões históricas, políticas, culturais e teo-ideológicas, continua se organizando como casa clerical, patriarcal, sacerdotal, hierárquica e machista. Uma igreja na qual o homem é “oikodespotes” [dono/patrão da casa] e a mulher é “oikorgous” [trabalhadora da casa].

“As mulheres idosas, semelhantemente, sejam sérias no seu viver, como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem; para que ensinem as mulheres novas a serem pru-





dentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas trabalhadoras da casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada”, [Tt 2,3-5].

Como vai ser lida a palavra de Deus numa casa deste tipo? É claro que a casa-grande nunca vai blasfemar uma eco-teologia tão adequada ao seu projeto de sociedade!

Para que isso seja assumido e vivido como normal e, assim, vire norma imutável, a casa do povo deve repetir o mesmo esquema e ser a célula de uma sociedade patriarcal, machista e hierarquizada (1Tm 2,8-15 e muitos outros).

O que está em discussão, então, não é o theos [Deus] mas a casa, a oikos, a eco. Lembremos que ao teólogo Boff foi imposto o silêncio obsequioso, não pela sua teologia, mas pelo livro “igreja carisma ou poder” no qual colocava em discussão o funcionamento da casa eclesial. Foi o mesmo com Lutero 500 anos atrás.

A eclesial de Paulo e dos evangelhos é construída a partir de relações igualitárias e não hierárquicas, ministeriais e não de poder, plebeias (laicas) e não elitistas. Neste modelo de casa a palavra hierarquia é uma blasfêmia em si mesma, uma vez que nenhum poder dominador, como o da casa-grande, é sagrado. Sagrado só é o serviço.

Se acreditarmos na proposta evangélica e paulina, nossa casa comum terá que por no centro real dela o pobre, o pequeno, o excluído, o último e seu centro sacramental, simbólico, será uma casa e não um templo, uma mesa

e não um altar, um pão repartido e não um sacrifício expiatório..

E a partir daí diremos e celebraremos quem é o nosso Deus, faremos teologia. Uma teologia completamente diferente daquela que sai de uma casa organizada no templo, cujo centro real seja o altar e os fiéis se organizarem em pirâmide a partir de sua maior proximidade ao altar, como na teocracia veterotestamentária que condenou Jesus à morte e que teima, desde o terceiro e quarto século, em se impor como única e verdadeira

Bastaria lembrar as atitudes de Jesus quando entrava numa casa e sentava a uma mesa. O que fazia na casa dos amigos? E na dos adversários? E na dos pecadores? E na sua casa com seus seguidores?

A partir desta memória e deste projeto nasce uma teologia muito diferente da teologia que nasce na casa dos poderosos mesmo que se digam sagrados.

Esta é a novidade da *Laudato sii* que, ao centro da casa comum e do quintal que a circunda, põe o pobre, a pobre, mesmo que ainda não consiga abrir mão de sua organização piramidal e machista. Uma casa em que a mulher não seja protagonista, produzirá sempre uma eco teologia fraca, contraditória, ambígua.

Efetivamente a *Laudato sii*, apesar de sua grande abertura e das suas novidades, não conseguiu incorporar o protagonismo essencial da mulher, na manutenção e na preservação da casa comum, da sua casa, do seu quintal, da Terra toda, de toda a criação.

Este antagonismo entre diferentes concei-





tos e projetos de casa e por isso, de diferentes e antagônicas teologias perpassa todas as páginas da bíblia e marca um conflito que culminará na condenação à morte de Jesus por parte dos homens do templo e do palácio, dos homens de uma casa de Deus asservida à casa de Cesar: “podem destruir este templo... o meu reino não é deste mundo...”

O mesmo acontece com Estevão que depois de relembrar toda a caminhada do povo conclui, falando do templo de Salomão: mas Deus não habita em casa feita por mão de homens [At 7,47-50].

Alias a Salomão é ligado o numero 666, o numero da Besta; a Salomão e ao ouro que todo ano chegava no seu palácio [1Rs 10,14-29].

Quando os sumos sacerdotes, os reis, os imperadores, os escribas e os doutores da lei falaram de casa, nunca acertaram, não sabiam o que diziam: a eles as coisas de Deus tinham sido escondidas.

A verdadeira teologia, a verdadeira ecoteologia, só nasce na casa dos simples e pequeninos, na casa das mulheres.

Não vamos esquecer que o sinal sacramental mais importante em nossas igrejas, o sinal do pão partido e repartido é gesto de mulher; é ela que prepara o pão para a mesa da comunidade quando põe o fermento em 40 li-

tros de farinha [Mt 13]; é a mãe que reparte o pão para que todos os filhos comam e não esquece nem mesmo dos cachorrinhos [Mt 17]. O sacrifício das vítimas era coisa de machos, a preparação do pão e do bolo era própria da casa da mulher [Jr 34,19].

.Depois de ter balbuciado algo de ecoteologia, depois de ter conversado [logos] sobre a casa [eco] e sobre Deus [theos], precisamos nos deter naquele elemento essencial da casa que é o jardim, o quintal que faz linda e bonita nossa casa: a criação como um todo.

**A verdadeira teologia, a verdadeira ecoteologia,
só nasce na casa dos simples e pequeninos,
na casa das mulheres.**

Temos duas maneiras de nos relacionarmos com a criação. A primeira, fruto da cultura greco-europeia, comum ao capitalismo e ao socialismo, é partir do princípio de que o ser humano - talvez seja até melhor dizer o homem - é a realidade mais importante, central da criação que a ele e para ele é destinada. Uma criação que o homem pode dominar e submeter, pois é inanimada e só adquire valor quando transformada e se torna mercadoria capaz de produzir riqueza. É como se costuma interpretar a benção do Deus criador ao adam.

Esta compreensão está presente também em várias páginas bíblicas [Dt 8,7ss]. Os frutos da terra e de suas vísceras são a benção que



Deus reserva ao seu povo. Uma benção que, para funcionar, precisa ser comunitária, para todas e todos, na certeza que a abundância é presente de Deus e não resultado orgulhoso de nossas mãos, na decisão de observar seus mandamentos. Caso contrário a benção vira morte “por não ter ouvido a voz de lahweh nosso Deus” [Dt 8,17-20].

Possuir, gozar, usufruir de tudo que a terra nos dá é o bem que Deus reservou a seus amigos [Qo 2,24; 3,22]. Acumular, concentrar riquezas e poder é “nada do nada” [Qo 1,4-12].

Papa Francisco, na *Laudato Si*, mesmo sem aceitar o “biocentrismo” [118], condena o antropocentrismo despótico [68], desordenado [69] e, sobretudo o antropocentrismo moderno: “um sonho prometeico de domínio sobre o mundo, que provocou a impressão de que o cuidado da natureza fosse atividade de fracos”, [116].

A segunda maneira de nos relacionar com a criação é aquela que provem do ambiente semita, comum também a muitas culturas afro-ameríndias.

Da terra nascemos, do pó do solo fomos formados pelo oleiro divino: homem e mulher somos o mesmo adam [Gn 5,1s] porque viemos da adama, o solo fértil, vivo. Por isso o Pai colocou o homem no jardim das delícias para que o servisse e obedecesse³¹ [Gn 2,15]. Os mesmos verbos que marcam nossa relação com Deus, devem marcar nossa relação com o jardim. Temos Pai e temos Mãe aos quais

servir e obedecer. É o que dizia São Francisco quando louvava a Deus pela nossa “irmã a mãe terra que nos sustenta e nos governa”.

Somos fruto, parte viva da terra nossa mãe que nos sustenta e que devemos respeitar, obedecer a seus ritmos, deixar que ela possa nos dar a vida sem que nós a roubemos dela com violência e desrespeito. Nela, no meio do jardim, está a “árvore das vidas”, de todas as vidas, de todos os seres vivos que respiram ou não. Desobedecer à terra, não nos deixar governar pela nossa mãe, é querer comer da árvore do conhecimento do bem e mal, é querer se colocar acima de tudo e de todos é deixar de ser servos obedientes para nos tornar donos e senhores. Para voltar a ter vida temos que voltar (shub/nos converter) à terra da qual fomos tirados, ao pó do qual fomos feitos: porque tu és pó e ao pó vai voltar. E Adam chamou sua mulher Eva [vida] porque é a mãe de todos os que vivem [Gn 3,19-20].

Esta consciência gera uma atitude de respeito e de amor com a mãe terra e tudo que nela habita.

Precisamos reler a primeira parábola da criação à luz desta segunda e descobrir que o Adam, homem e mulher, é criado à imagem de Deus. Não significa que ele pode fazer tudo o que quiser, mas que, como seu Pai e criador, deve assumir a responsabilidade libertadora de lutar contra todas as forças caóticas da morte, para que tudo, todas e todos tenham vida em abundância. Nosso referencial deverá ser a imagem definitiva de Deus que é seu filho e nosso irmão Jesus Cristo.

31 Esta é a tradução literal dos verbos hebraicos *`abad* e *shamar*.





Ele é a imagem de Deus invisível, o Primogênito de toda a criação.

Nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, dominações, principados, potestades: tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem nele [Cl 1,15-17].

É uma profunda visão holística: em toda a criação circula uma única vida, a vida que alcança a plenitude neste Cristo cósmico gerado pelo Pai e vivo em todas as criaturas.

A realidade, porém, é violentamente diferente: a criação é cobiçada, agredida, explorada até a exaustão pelos grandes projetos extrativistas que extraem da terra, das águas, das florestas e das vísceras da terra tudo que pode produzir riqueza para uns pouquíssimos à custa do empobrecimento e da destruição de uma multidão de pessoas e às custas do empobrecimento e da destruição da criação.

Quanta razão tem Papa Francisco ao afirmar que a destruição do planeta e do ambiente é a mesma destruição da humanidade como um todo e de todas as formas de vida, em troca do lucro que se transforma num ídolo sedento de sangue, um verdadeiro Moloc ao qual são sacrificadas inúmeras vidas.

Neste momento, porém, não quero me deter a analisar a depredação provocada pelos grandes projetos, sobre a qual já me debrucei várias vezes na minha prática pastoral em defesa da vida dos camponeses, ribeirinhos, pescadores da Amazônia, combatendo as inúmeras ilegalidades da mineração e do agro-negócio. Quero agora olhar por outro lado tão presente em nossas comunidades e tam-

bém nas pessoas de boa vontade.

Trata-se de um poderosíssimo mecanismo que está presente em cada um de nós e que os poderosos usam muito bem, para garantir sua riqueza e seu poder.

Cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência.

Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte, [Tg 1,14-15].

É o mecanismo do “desejo”, que quando nos domina vira cobiça, avareza, luxúria, gula, ira, inveja, orgulho: os pecados capitais que assim são chamados por ser apanágio de todas e todos nós. Ainda ninguém achou a vacina contra estes males.

As palavras da primeira carta a Timóteo nos alertam:

Nada trouxe ao mundo, tampouco



**Em toda a criação circula uma única vida,
a vida que alcança a plenitude no Cristo
c’ósmico gerado pelo Pai e vivo
em todas as criaturas.**





nada poderemos levar. Tendo alimento e vestuário, contentemo-nos com isto. Aqueles que ambicionam tornar-se ricos caem nas armadilhas do demônio e em muitos desejos insensatos e nocivos, que precipitam os homens no abismo da ruína e da perdição. Porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro. Acossados pela cobiça, alguns se desviaram da fé e se enredaram em muitas aflições, [1Tm 6,7-10].

A sedução das riquezas tem o poder de tornar infrutífera a palavra de Deus:

O terreno que recebeu a semente entre os espinhos representa aquele que ouviu bem a palavra, mas nele os cuidados do mundo e a sedução das riquezas a sufocam e a tornam infrutuosa, [Mt 13,22 Mc 4,19].

Epithumia = desejo, cobiça, ganância, concupiscência. Uma palavra que aparece inúmeras vezes nos textos bíblicos do primeiro e do segundo testamento e marca a atitude de quem se deixa seduzir pelas riquezas. O alerta de Jesus é exigente: Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom, [Mt 6,24].

É justamente sobre esta fragilidade comum a homens e mulheres que joga o poder sedutor do fetichismo capitalista, como nos alertava Marx. Como combater a mineração quando todos e todas nós vivemos circundados de inúmeras coisas às quais não queremos e nem sabemos renunciar. Coisas que, por muitos anos, nunca tivemos, mas que se tornaram “essenciais” e, indiscutivelmente, nos proporcionam uma melhor qua-

lidade de vida.

Quantas comunidades, movimento e ONGs dos países mais ricos lutam pela preservação do ambiente, se solidarizam na defesa da Amazônia, combatem o trabalho escravo, o uso dos agrotóxicos, a contaminação das águas, defendem os direitos dos índios e dos quilombolas, mas não querem mudar seu estilo de vida consumista e perdulário.

Chega-se ao absurdo antiético de pagar pelos créditos de carbono, para poder ter o direito de continuar a manter um nível dispendioso de vida, baseado nos gastos inúteis, no descarte, no luxo.

Esta é realmente a luta mais importante e a mais difícil que precisa ser travada por todas e todos que creem numa casa igualitária que se constrói no serviço aos mais pobres, para que entre nós não haja necessitados.

Precisamos nos encontrar com o Jesus, pobre, defensor de uma vida austera e ao mesmo tempo serena, assim como precisamos nos encontrar com Buda e muitos outros que anunciam a necessidade do desprendimento, da condi visão.

Haverá mineração, agronegócio, destruição da criação, haverá violência contra as pessoas, enquanto houver a cobiça a ganância, a nossa concupiscência, facilmente alimentada pelos interesses dos poderosos:

Ai dos maquinadores de iniquidade, dos que tramam o mal nos seus leitos, e o executam logo ao amanhecer do dia, porque têm o poder na mão! Cobiçam as terras e apoderam-se delas, cobiçam as casas e roubam-nas; fazem violência ao homem e à sua família, ao





dono e à sua herança, [Mq 2,1-2].

Mas todos estes males continuarão enquanto a mesma ganância, a mesma concupiscência invadir e dominar o coração de todos e todas nós:

Onde está o teu tesouro, lá também está teu coração... Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e à riqueza. Portanto, eis que vos digo: não vos angustieis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, pelo que vestireis... Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais que elas?... São os pagãos que se preocupam com tudo isso. Ora, vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso. Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo, [Mt 6,21-33].

A criação, os pássaros do céu e os lírios dos campos nos provocam, questionam a nossa cobiça, a nossa veneração das riquezas, causa prima de todos os males.

Papa Francisco nos desafia a combater o feitiço da riqueza para que a nossa casa seja salva.

Da sua encíclica *Laudato sii*, tirei as sete obras de misericórdia ambiental para que tudo, todas e todos tenhamos vida e vida em abundância.

- a) Viver a vocação de guardiões da obra de Deus [217]
- b) Procurar o bem comum, defendendo o meio ambiente natural e urbano [232]
- c) Tratar com desvelo todos os seres vivos [211]
- d) Crescer e viver na sobriedade [222 e 223]
- e) Evitar compras e gastos supérfluos [203]
- f) Reduzir o consumo de água e de energia elétrica [211]
- g) Diferenciar o lixo [211]

A *Laudato Sí* nos convida a “profetizar” contra os poderosos deste mundo que se erguem como deuses acima do bem e do mal, em nome dos interesses da casa-grande, mas no mesmo tempo nos convida e nos desafia a anunciar uma maneira diferente de viver e organizar nossa casa, sem cair nas tentações da cobiça e dos males que dela nascem.



Igreja, mineração e espiritualidade libertadora

Foto: Drone/RBA



Exploração bauxita e soda cáustica pela empresa Hydro em Barcarena, nordeste paraense

Se faz necessário profundar o que propomos como espiritualidade

Marcelo Barros³²

Começo por uma experiência que tive. Logo depois do Fórum Mundial de Teo-

logia e Libertação, em Nairóbi (janeiro de 2007), visitei uma comunidade africana tradicional. Ali conheci uma senhora, sacerdotisa de Tamobi, a deusa da água. Para provocá-la, perguntei:

- Como tendo aqui uma sacerdotisa da deusa da água, essa região é tão seca? A senhora não consegue que Tamobi faça chover?

Ela me respondeu francamente:

- Eu sou sacerdotisa da água e não dona da água.

Para mim, aquilo tinha sabor de lição a ser

³² Marcelo Barros é monge beneditino e teólogo. É assessor de movimentos sociais como o MST. Atualmente é coordenador latino-americano da Associação Latino-americana de Teólogos/as do Terceiro Mundo (ASETT). Tem publicado 52 livros no Brasil e em outros países. O mais recente é "Conversa com o Evangelho de Mateus", Ed. Santuário, 2017.





aprendida. Tinha sabido que ali perto, uma empresa tirava areia para levar à cidade e destruíu todo o leito do rio. Provoquei de novo:

- Como a sua espiritualidade poderia defender o rio que está ameaçado de secar?

Ela me respondeu:

- De fato, a empresa está com dificuldade de continuar o seu trabalho porque Tamobi avisou aos homens daqui que trabalhavam no transporte de areia do rio:

- Vocês estão destruindo a cama em que me deito com a natureza. Se vocês destroem o meu leito conjugal, eu vou tirar a potência sexual de qualquer um de vocês que continuar esse trabalho de transporte de areia.

Todos os empregados se demitiram. A empresa diminuiu muito e teve de buscar operários na cidade.

É claro que a realidade amazônica é muito diferente da África. No entanto, creio que uma grande energia de resistência para as comunidades poderia ser fruto de um diálogo de inserção nas espiritualidades indígenas. Desde o começo desse encontro, a palavra aqui mais escutada foi espiritualidade. No entanto, não fica muito claro o que queremos dizer quando usamos essa palavra. Às vezes, a usamos como sinônimo de religião e fé. Às vezes, no sentido de Ética amorosa e isso é um bom uso. Às vezes, no sentido em que o Movientos dos trabalhadores rurais (MST) usa quando fala em mística: motivação para a luta e para a continuação da caminhada. Seria bom aprofundar mais o que propomos como espiritualidade, principalmente como espiritualidade libertadora.

Não basta cantarmos “Eu vi Mamãe Oxum na cachoeira...” para estarmos em comunhão com o Candomblé de linha lorubá. O que realmente significam para nós os Orixás. Quando na década de 70, o padre François de l’Espinay chegou da França em Salvador (BA), e quis inserir-se no Candomblé, ele entrou mesmo na comunidade de Mãe Olga de Alaketu e ali se tornou Ogã de Xangô. E sempre declarou que a inserção dele no Candomblé nunca provocou qualquer problema para a espiritualidade cristã.

Quando digo que as espiritualidades indígenas e afrodescendentes podem ser uma força na luta, é claro que me refiro à espiritualidade original que assume a caminhada sociopolítica.

Atualmente, existe várias expressões de Xamanismo urbano, algumas mais autênticas e ligadas a uma eco-teologia ecumênica e feminista. Outras mais de classe média alta e de boutique. Isso tem sido denunciado até na Bolívia, entre os Quétchua e os Aymara. No entanto, cada vez mais os povos indígenas têm descoberto que ao recuperar as suas culturas originais, reencontram a força de suas tradições espirituais.

Nos anos mais recentes, um dos livros que mais fez sucesso na Inglaterra e agora no Brasil é “A queda do céu”, do Xamã Yanomami Davi Kopenawa, escrito junto com o antropólogo inglês Bruce Albert³³. Nesse livro, vemos justamente três momentos na vida do narrador

33 KOPENAWA, DAVI e ALBERT, A queda do céu, Palavras de um Xamã Yanomami, São Paulo, Companhia das Letras, 2015.



indígena: a visão cultural de criança na cosmo-
logia antiga. Depois, na juventude, certo afas-
tamento dessa tradição e entrada na cultura
ocidental. Uma terceira etapa mais madura foi
quando depois de ter conhecido bem a so-
ciedade dominante e ter mesmo tido ocasião
de ir a Europa e Estados Unidos, ele decidiu
voltar a viver na aldeia e retomar a tradição
espiritual antiga agora a partir de um
novo olhar e fazendo uma sín-
tese nova. Penso que seria
artificial ou mesmo cul-
turalmente impossível
propor que todas as
pessoas engajadas na
REPAM façam exata-
mente esse mesmo
caminho. O que estou
propondo é uma aten-
ção maior às tradições
originais e o esforço es-
piritual para descobrir o que
Deus tem a dizer a nós, como
cristãos/ãs, através das tradições es-
pirituais indígenas (não cristãs).

A REPAM poderia dedicar um encontro de
estudo para aprofundar essa dimensão da fé.
Poderíamos nos encontrar não somente para
estudar temas, mas para fazer um tempo de re-
tiro, isso é, de escuta do que Deus quer de nós
e como pede que cumpramos nossa missão.

Alguém contou que um pai de santo do

Candomblé quis participar da REPAM. E um bis-
po que coordenava a reunião decidiu: Quem
quiser entrar na nossa, venha.... Essa abertura já
é boa e espiritual. No entanto é ainda inclusiva
no sentido de que assume o outro se ele en-
trar na nossa... , isso é, no nosso modo de ser,
de pensar e agir. Essa postura precisa ainda ser
alargada espiritualmente. A espiritualidade da

REPAM deve ser buscar o que Deus
nos revela através do pai de
santo. Não para deixarmos
de ser cristãos, mas para
sermos melhores cris-
tãos como Jesus quis,
ele que, como diz o
evangelho desses
domingos, mandou
e forçou os discípu-
los a "passarem para
o outro lado do lago",
isso é, o lado dos pagãos,
dos estrangeiros, dos que
tinham outra religião e outra cul-

tura. Essa é a proposta do papa Fran-
cisco quando fala em uma "Igreja em saída". A
REPAM deve pertencer a essa Igreja em saída
e não compreender sua missão em uma pers-
pectiva aberta e solidária, mas sempre em uma
visão de Igreja neo cristandade, triunfante, au-
tossuficiente e autocentrada. Somente a partir
do outro é que podemos ouvir e obedecer ao
que "o Espírito diz, hoje, às Igrejas" (Ap 2, 5).



**Proponho uma atenção maior às tradições
originais e o esforço espiritual para
descobrir o que Deus tem a dizer a nós,
como cristãos/ãs, através das tradições
espirituais indígenas,
não cristãs.**

Tecendo raízes

Foto: Producciones y Milagros Archivo Feminista/Flicker



Após anos de perseguição e ameaças por causa da militância contra a instalação de uma barragem em território do povo indígena Lenca, a líder comunitária Berta Cáceres foi assassinada no dia 2 de março de 2016

A resistência e a mística da rede Iglesias y Minería no continente latino-americano

Dário Bossi³⁴

Rede Justiça nos Trilhos, REPAM, Iglesias y Minería e Articulación Internacional dos Atingidos e Atingidas pela Vale

“Despertemos, despertemos humanidad. Ya no hay tiempo. Somos seres surgidos de la tierra, del agua y el maíz, de los ríos somos custodios ancestrales. Dar la vida de múltiples

formas por la defensa de los ríos es dar la vida por el bien de la humanidad³⁵.”

Com essas palavras, Berta Cáceres eternizou os vínculos dos povos indígenas com a terra e os rios. Berta foi morta por homens armados no dia 3 de março de 2016, na tentativa de quebrar os laços com que as organizações indígenas de Honduras envolvem e protegem o fluir da vida, em particular do rio Gualcarque, frente à ameaça das barragens e da mineração.

³⁵ Discurso de Berta Cáceres na Casa de Ópera de São Francisco, Califórnia, ao receber o Prêmio Ambiental Goldman, em 20 de abril de 2015

³⁴ Missionário comboniano

Honduras é o país mais perigoso do mundo para as defensoras e defensores do meio ambiente. Vários deles, em diversas partes de nosso continente, são ameaçados, criminalizados ou até eliminados por sua opção em favor da vida.

Essa foi a motivação que fez amadurecer, em 2013, a lenta tessitura da rede Iglesias y Minería³⁶: uma opção ecumênica em defesa das comunidades e dos territórios.

Também a encíclica Laudato Sí³⁷ ressalta a importância dessa estratégia: “Os indivíduos isolados [...] acabam por sucumbir a um consumismo sem ética nem sentido social e ambiental. Aos problemas sociais responde-se [...] com redes comunitárias. [...] A conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária” [LS 219].

Junto à criminalização, a outra motivação de fundo que nos levou a articular as comunidades cristãs frente à mineração foi o processo crescente de sedução que as empresas mineiras estão organizando para tentar ‘conquistar’ as igrejas.

Esse artigo tenta aprofundar um pouco esses dois desafios e resgatar a espiritualidade que resiste ao ataque sistemático às entranhas da Mãe Terra.

*Los que tengan oídos
Que escuchen
Que se agachen*

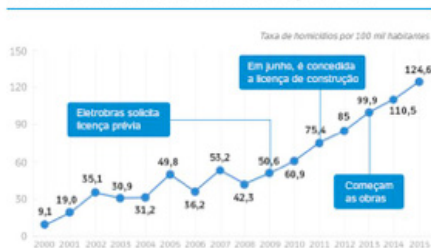
³⁶ www.iglesiasymineria.org

*Que coloquen
Su cabeza al lado del suelo
Para sentir los saltos
De la nueva vida
En la ternura torturada
Del viejo vientre³⁷.*

A doutrina da violência feita sistema

Em 2015, Global Witness documentou o assassinato de 50 lideranças no Brasil em defesa do direito ambiental (há dados de 185 no mun-

Aumento da violência em Altamira, no Pará



do inteiro, naquele ano).

Existe uma conexão direta entre o aumento da violência nos territórios e os investimentos do capital em grandes projetos (de mineração, hidroelétricas, infra-estrutura para a extração de bens comuns e seu escoamento para a exportação, etc).

Por exemplo, a taxa de homicídios por cada 100mil habitantes em Altamira (PA) evoluiu de maneira impressionante de 2000 até

³⁷ Pe. Gregory Kened, sj - A VISITAÇÃO: UM LONGO CAMINHO COM E PARA A TERRA, Revista CLAR. CONVERSÃO ECOLÓGICA. Bogotá: Editorial Kimpres. Ano LIV – Número 4/ Outubro – Dezembro, 2016, p. 36-43.

hoje³⁸, crescendo descontroladamente a cada etapa de licenciamento prévio e de construção da enorme barragem de Belo Monte, que os movimentos de resistência popular da região logo denominaram “Belo Monstro”.

O mesmo se pode afirmar, por exemplo, para a cidade de Marabá (PA) e a evolução do Programa Grande Carajás, para extração e escoamento do minério de ferro pela empresa Vale S.A.: essa cidade, a poucos quilômetros da maior mina de ferro do mundo, possui o pior índice de desenvolvimento humano para mulheres no Brasil³⁹.

O motivo desse aumento da violência não se deve simplesmente à acumulação desregulada de pessoas em regiões restritas e isoladas, utilizadas como mão de obra barata para a instalação de grandes projetos e imediatamente após abandonadas a si mesmas.

Há também uma crescente resistência direta das comunidades que se rebelam à invasão de seus territórios. Por isso, além da violência associada a desemprego, alcoolismo, drogas, exploração e trata de seres humanos, há também o conflito entre as grandes empresas e o Estado, de um lado, e defensores e defensoras de direitos humanos, do outro.

Várias comunidades não caem mais na ilusão barata do desenvolvimento prometido pelos investidores antes do início de qualquer

grande obra em seus territórios.

Aprenderam a conhecer a armadilha da gramática dos projetos “ganha-ganha”: soluções negociadas, amenização dos impactos, acordos de convivência não são mais expressões que as enganem. Quando é negada às comunidades a possibilidade de conhecer a fundo e realisticamente os planos e impactos de novos atores interessados a seus territórios, quando a liberdade delas se expressarem sobre seu futuro é silenciada, é claro que a única alternativa que sobra é o enfrentamento.

E as consequências desse enfrentamento são a divisão das comunidades a fim de enfraquecê-las, a agressão direta contra as lideranças que mais se destacam, sua criminalização, a calúnia ou a chantagem na negociação de direitos fundamentais. As famílias acabam tendo que escolher entre o direito ao trabalho e o direito à saúde, entre a sobrevivência imediata ou a manutenção do meio ambiente para a vida das gerações futuras, etc.

Se diz em muitos desses casos que o Estado é ausente, evidenciando a desproporção entre as graves violações e as poucas forças à disposição das autoridades públicas para monitorá-las, impedi-las ou repará-las. Na verdade, essa ausência na maior parte dos casos é proposital, entendendo-se como uma verdadeira cumplicidade, pois deriva de uma aliança prévia entre interesses políticos e econômicos que administram o poder de controle de inteiras regiões de expansão dos negócios.

Um dos pontos chave da Laudato Sí, nesse sentido, é a afirmação de Papa Francisco: “a corrupção, que esconde o verdadeiro impacto ambiental dum projeto em troca de favores, frequen-

38 <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/03/04/depois-de-belo-monte-altamira-pa-supera-taxa-de-homicidios-de-pais-mais-violento-do-mundo.htm>

39 <https://www.brasildefato.com.br/2017/05/13/marabá-tem-o-pior-índice-de-desenvolvimento-humano-para-as-mulheres-no-brasil/>

temente leva a acordos ambíguos que fogem ao dever de informar e a um debate profundo” [182]. “No debate, devem ter um lugar privilegiado os moradores locais, aqueles mesmos que se interrogam sobre o que desejam para si e para os seus filhos e podem ter em consideração as finalidades que transcendem o interesse econômico imediato” [183].

Em um certo sentido, o conflito é inversamente proporcional à existência de limites.

Até quando os interesses de uns não invadem o espaço de outros, há uma aparente convivência pacífica: a única vítima da violência expansionista é a Criação, que tem se mantido silenciosa até quando foi ultrapassada sua capacidade de autorregenerar-se, no ritmo intenso das agressões do sistema capitalista.

Em nosso país-continente esticamos ao máxi-

mo os confins do crescimento. A disputa de terras e recursos, assim como a busca de trabalho e sobrevivência, têm gerado as migrações dos pobres; a disponibilidade de capital e a ganância da acumulação têm incentivado

a expansão dos negócios e a transferência de tecnologias em investimentos de produção extensiva.

Em ambos os casos, os biomas recuaram feridos e muitas culturas tradicionais ficaram irremediavelmente afetadas, por não conseguirem se re-interpretar à luz dos novos tempos, impostos a ritmos insustentáveis.

O exemplo da mineração é emblemático da contínua necessidade de superar limites: não havendo mais conveniência para a extração nas minas até hoje em uso, as pesquisas são direcionadas para a mineração em



**A disputa de terras e recursos,
assim como a busca de trabalho e
sobrevivência,
têm gerado as migrações dos pobres**



Por mais segurança na travessia, comunidades bloqueiam a EFC

Manifesto das Comunidade atingidas pela Estrada de Ferro Carajás (EFC)



águas profundas, no meio dos oceanos, ou ainda no espaço, capturando meteoritos. Pela mesma lógica, as pressões do capital sufocam a política em vista da liberação da mineração em Unidades de Conservação ou em Terras Indígenas.

Não é um acaso que a palavra 'limite' seja repetida por bem 26 vezes na encíclica *Laudato Si'*, denunciando a voracidade desse modelo: "parece não ser possível, para uma pessoa, aceitar que a realidade lhe assinala limites" [204]; "o ser humano é excessivamente entusiasmado com a possibilidade de dominar tudo sem limite algum" [224]; "torna-se indispensável criar um sistema normativo que inclua limites invioláveis e assegure a proteção dos ecossistemas" [53], etc.

No final dos anos '80, um estudo da United Church of Christ demonstrou que todos os depósitos de lixo tóxico nos Estados Unidos estavam localizados em áreas habitadas por comunidades negras. Nasceu assim o conceito de "Racismo Ambiental", que associa as violações contra a Criação à discriminação social.

Um dos princípios do Racismo Ambiental, amplamente estudado no Brasil pela Rede Brasileira de Justiça Ambiental (RBJA), é a necessidade de "Zonas de Sacrifício" para a manutenção do modelo atual de desenvolvimento, agressivo, desequilibrado e insustentável. Essas zonas são as periferias mais pobres e escondidas, regiões que poderíamos definir "de baixa intensidade democrática" pelo fato que às populações locais não é facilitado o acesso à informação, não é permitido expressar-se nem exercer o poder de autodeterminação em seus territórios.

A lógica do sacrifício, profundamente co-

nectada à tradição e à linguagem religiosa, justifica a doutrina da violência ambiental e, o que mais preocupa, em muitos casos acaba sendo introjetada por suas próprias vítimas, que preferem adaptar-se às condições "inevitáveis" do desenvolvimento, esperando um dia poder ser beneficiadas tangencialmente por ele.

O desejo descontrolado e competitivo precisa de vítimas para não se transformar numa guerra de todos contra todos: se eu quero crescer e consumir e você também quer o mesmo, precisa que alguma vítima seja sacrificada para o bem coletivo e a paz social.

A mineração, em sua disputa exasperada por territórios, precisa de vítimas.

Aqui encontramos o coração da proposta alternativa que papa Francisco oferece na *Laudato Si'*, e que precisamos interpretar em chave religiosa, como perspectiva de desmonte da lógica sacrificial. Francisco sonha que as vítimas consigam controlar o poder de quem dispõe sobre elas, a partir do direito à autodeterminação: "enquanto a ordem local se revela impotente para assumir responsabilidades, a instância local pode fazer a diferença. Com efeito, aqui é possível gerar uma maior responsabilidade, um forte sentido de comunidade, uma especial capacidade de solicitude e uma criatividade mais generosas, um amor apaixonado pela própria terra, tal como se pensa naquilo que se deixa aos filhos e netos" [179, grifos nossos].

A relação visceral com nosso pequeno pedaço de chão e com as gerações que o habitarão depois de nós resgata a dignidade de cada comunidade e inverte a lógica do sacrifício, revelando a fecundidade do princípio do cuidado.





Siderúrgicas na comunidade Piquiá de Baixo, município de Açailândia[MA]

Sedução e captura de valores e símbolos cristãos

Em 27 de janeiro de 2012 a companhia de mineração Vale S.A. foi internacionalmente reconhecida como “a pior corporação do mundo”, pelo Public Eye Awards, por seu “desprezo dos direitos ambientais e humanos”⁴⁰.

No mesmo ano, realizou-se no Brasil uma reunião entre as maiores mineradoras do mundo tentando reposicionar esse setor frente às crescentes críticas da sociedade⁴¹.

O mundo precisa de mineração, comentam as empresas, mas o setor mineiro está ‘quebrado’ devido à diminuição da produtividade e do valor dos minérios, a maiores custos para abrir novas minas, à intervenção dos governos, à falta de apoio e confiança das comunidades e, com tudo isso, à instabilidade dos investimentos financeiros.

Por isso, concluem, “o mundo precisa que a mineração mude”. Um dos princípios dessa mudança é a integração de todos os atores interessados [stakeholders]: “As mineradoras, as comunidades mineiras, os povos indígenas, as empresas que dependem de produtos mineiros e todos que vivem nesse planeta devem trabalhar em conjunto para ajudar a criar pros-

⁴⁰ <https://www.theguardian.com/environment/2012/jan/27/public-eye-awards-vale-barclays>

⁴¹ <http://static1.squarespace.com/static/55ef2e62e4b03c55493aa901/55f6fa7be4b0148cfa590d0d/55f6facae4b0148cfa5914d2/1442249418297/clareo-mining-company-of-the-future-KIN-catalyst-brazil.pdf?format=original>



peridade e eliminar a pobreza”⁴².

O tema chave da prosperidade volta a conectar fortemente a visão empresarial a algumas teologias contemporâneas. A própria empresa Vale define a si mesma, em seu site institucional, como “uma mineradora global que transforma recursos naturais em prosperidade”⁴³.

A teoria da “maldição dos recursos”, porém, sustenta que as regiões onde as mineradoras instalaram suas atividades são aquelas que sofrem as maiores violações de direitos e se beneficiam muito pouco de seus negócios. Mesmo se criticada por alguns economistas que afirmam não haver dados consolidados a respeito, até só o nível de violência que se acumula nas regiões mais exploradas pela mineração desfaz o mito da prosperidade⁴⁴.

Percebendo essas contradições e a necessidade urgente de reconquistar a chamada “licença social” (em muitos casos mais difícil de se conseguir do que as licenças ambientais, pelo contexto de cumplicidade entre estados e empresas), as maiores mineradoras do mundo escolheram alguns atores relevantes que facilitassem seu diálogo com as comunidades.

O primeiro ator foram as igrejas. O processo de aproximação começou em setembro

de 2013, quando mais de 20 gerentes e altos funcionários das corporações mineiras se reuniram no Vaticano, junto ao presidente do Pontifício Conselho de Justiça e Paz, para um dia de retiro.

Em seguida, em outubro de 2014, um encontro parecido aconteceu junto ao Arcebispo de Canterbury, líder espiritual da Igreja Anglicana.

O movimento “Iniciativa de Reflexão sobre Mineração e Fé” [MFRI, sigla em inglês] se propõe a coordenar esses encontros, ampliando o diálogo entre os líderes das igrejas e os executivos das grandes companhias mineiras. Está também organizando visitas guiadas a sítios de mineração, em diversos países, para lideranças eclesiais.

Essas iniciativas são fortemente criticadas pelas comunidades afetadas por mineração, que destacam a falta de clareza quanto aos objetivos da MFRI, seus métodos de coletar e sistematizar informações, a falta de envolvimento das comunidades na organização dos encontros, a falta de oportunidade de conversas autônomas entre as comunidades e os representantes das igrejas, sem a presença das companhias de mineração envolvidas em violações de direitos humanos na região e num contexto seguro e livre do perigo de criminalização⁴⁵.

As grandes mineradoras buscam apoio das igrejas como atores relevantes na construção de valores e projetos de sociedade; enxergam

42 Kellogg Innovation Network, “Reinventing Mining: Creating Sustainable Value - Introducing the Development Partner Framework”, www.kinglobal.org/catalyst.php

43 www.vale.com

44 Em 2016, 51% dos conflitos ligados à água no Brasil deveriam-se à mineração [fonte: CPT]; entre 2012 e 2015 houve 53 manifestações populares contra o projeto S11D da Vale ao longo do Corredor de Carajás [fonte: Justiça nos Trilhos].

45 http://www.indepaz.org.co/wp-content/uploads/2017/03/Public-Statement-concerning-the-visit-of-the-delegation-of-the-MFRI-to-Colombia-from-Febr-19-%E2%80%9324-finaltext_def.pdf



nelas possíveis mediadoras de conflitos, agentes ‘apaziguadores’ através dos quais conseguir acordos de convivência entre interesses contrapostos, disputando os mesmos territórios.

Isso faz parte de uma estratégia mais ampla das corporações, utilizando programas sociais como ‘técnicas de manutenção’ e garantia de estabilidade política. Para controlar um território, se faz necessário controlar memórias, sensibilidades, significados e sentidos.

Eis um porquê da ‘conversão’ religiosa das grandes mineradoras: poderíamos dizer que depois do ‘greenwashing’⁴⁶ estamos assistindo a um verdadeiro ‘faithwashing’!

A resposta das igrejas

Até que ponto é justo que as igrejas se disponham a esse tipo de diálogo? A experiência demonstra que as empresas promovem um diálogo seletivo, descontextualizado e sem compromissos.

Alguns diriam que o tema do diálogo é insistentemente promovido pela *Laudato Si’* como instrumento de busca de novos modelos sociais. De fato, “grandes percursos de diálogo” são apontados em todo o capítulo 5 da encíclica.

Mas repare-se que os diálogos aos quais Papa Francisco faz referência frisam sempre a necessi-

dade de outras mediações, que não dependem da Igreja: “padrões reguladores globais” [173], “formas eficazes de gestão internacional” [164], “instituições internacionais mais fortes e eficazmente organizadas, com autoridades designadas de maneira imparcial por meio de acordos entre os governos nacionais e dotadas do poder de sancionar” [175], “o direito como moderador efetivo que estabelece as regras para as condutas permitidas à luz do bem comum” [177], etc.

Qual, então, o papel da Igreja? Ao meu ver, até que as mediações acima referidas não se consolidarem, cabe a nós cristãos, em todas as instâncias da igreja de base e nos cargos de coordenação, repetir o que Papa Francisco escreveu para as comunidades atingidas por mineração reunidas no Vaticano em julho de 2015: “Se escute o grito de muitas pessoas, famílias e comunidades que sofrem direta ou indiretamente, a causa das consequências muitas vezes negativas das atividades de mineração. Um grito pelas terras perdidas; um grito pela extração das riquezas do solo que, paradoxalmente, não produz nenhuma riqueza para a população local que permanece pobre; um grito de dor em reação às violências, às ameaças e à corrupção; um grito de indignação e de ajuda pelas violações dos direitos humanos, de forma discreta ou descaradamente pisoteados no que diz respeito à saúde das pessoas, condições de trabalho, às vezes pela escravidão e tráfico de seres humanos que alimenta o fenômeno trágico da prostituição; um grito de tristeza e de impotência pela poluição da água, do ar e do solo; um grito de incompreensão pela falta de processos inclusivos e de apoio por parte das autoridades civis, locais e nacionais, que têm o dever fundamental

⁴⁶ Do Inglês green, verde, a cor do movimento ambientalista, e whitewash, branquear ou encobrir; em Português, lavagem verde; é um anglicismo que indica a injustificada apropriação de virtudes ambientalistas por parte de organizações [empresas, governos, etc.] ou pessoas, mediante o uso de técnicas de marketing e relações públicas [Wikipedia].



de promover o bem comum⁴⁷.

Essa é a principal missão das igrejas hoje: “A Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças”⁴⁸. Como comenta a Evangelii Gaudium, urge “uma nova mentalidade, que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” [EG 188].

Estou profundamente convencido que uma Igreja com essa postura devolve uma enorme carga de esperança aos pobres, assim que se tornem protagonistas de sua própria história.

Da comunidade de Piquiá de Baixo (MA),

símbolo da resistência frente à mineração, o sr. Edvard Cardeal nos deixa o seguinte testemunho: “A beleza dessa luta é que a gente não cansa, e quando houver uma derrota, a gente reage com mais ânimo e convicção”⁴⁹.

Tenho a impressão que, no coração dos humildes e dos empobrecidos, o que vale não são só os frutos conquistados, mas uma vida inteira que faça sentido, a busca teimosa por dignidade, uma caminhada de cabeça erguida e o orgulho de revivê-la, um dia, quando a contarão para seus filhos e netos.

“A beleza dessa luta é que a gente não cansa, e quando houver uma derrota, a gente reage com mais ânimo e convicção”

47 http://es.radiovaticana.va/news/2015/07/17/el_papa_escribe_a_los_participantes_por_el_encuentro_sobre_l/1159131

48 Congregação pela Doutrina da Fé, Instr. Libertatis Nuntius [1984].

49 <http://piquiadebaixo.justicanostrilhos.org/Carta-de-Edvar>

Foto: Salva Vidas Amazônia/Flicker



Pescadora aguarda silenciosamente a chegada do peixe para preparar a refeição da família. “O Rio é a nossa despensa, o nosso grande freezer”

A fraternidade universal como horizonte ecoteológico

Foto: REPAM Brasil



A fraternidade universal como horizonte ecoteológico

Frei Luiz Carlos Susin⁵⁰

Quando nos preocupamos e nos debruçamos sobre o meio ambiente ou, mais especificamente, sobre os ecossistemas, há duas grandes categorias às quais prestamos atenção: a

flora e a fauna. Ou seja, o conjunto de plantas que compõem um determinado ecossistema e o conjunto de animais que o habitam. O que nos ocorre normalmente é abordar os animais – a fauna – como espécies. Nós os colocamos do lado de lá, como parte da paisagem, e não do lado de cá, como nossos companheiros de vida animal. Pior ainda, nossa abordagem está viciada pelo antropocentrismo que, marcando a diferença entre os seres humanos e os animais, define os humanos pela sua dimensão metafísica, espiritual e racional, e os animais por seu enquadramento ecológico, na linha

⁵⁰ Frei capuchinho, professor de teologia, autor do livro *A vida dos outros: Ética e Teologia da Libertação Animal*. São Paulo: paulinas, 2015.



das afirmações de Max Scheler: os animais se relacionam com o ambiente, os humanos se relacionam com a totalidade do mundo [ou do universo, nessa mesma linha]. Finalmente, segundo o filósofo pai do iluminismo e da razão crítica moderna, Immanuel Kant, os animais tem preço, os humanos tem dignidade. Portanto, os animais tem equivalências que os tornam mercadoria, e só os humanos são um fim em si mesmo com a dignidade típica do sagrado: não intercambiável, sem finalidades extrínsecas. No Catecismo da Igreja Católica [n. 2415-2418], citado pela Laudato Si' do papa Francisco, graças à teologia bíblica da criação, se afirma o valor "intrínseco" dos animais, simplesmente por serem criaturas, mas ao mesmo tempo se afirma a tradicional convicção de que eles estão ao nosso serviço e uso. Ali se lembra o que já era ensinamento do teólogo Santo Tomás, de que os animais devem ser tratados sem crueldade porque a crueldade para com os animais acaba desaguando na crueldade entre os humanos. Parece então que somente na perspectiva do sofrimento há uma aproximação entre os humanos e os animais, o que foi melhor afirmado pelo famoso recado do cacique americano Seattle [1854]: "Que é o homem sem os animais? Se todos os animais se acabassem, o homem morreria de solidão de espírito. Porque tudo o que acontecer aos animais, logo acontecerá também ao homem. Tudo está relacionado entre si".

Hoje é exatamente a partir do sofrimento dos animais que se começa um caminho novo de relacionamento, dentro de um paradigma novo, não mais antropocêntrico, com o ser

humano no topo de uma hierarquia de valor, mas também não biocêntrico na forma de uma indiferenciação em que qualquer criatura equivale a qualquer outra ou então toda criatura reduzida a espécie, onde o que conta é a espécie. Vamos desenvolver quatro pontos:

1. A situação atual em que vivem os animais; 2. O desenvolvimento de uma ética animal; 3. O recurso a uma teologia bíblica animal; 4. O paradigma franciscano da fraternidade universal.

1. O clamor dos animais

No estágio atual de produção e desenvolvimento, o que temos é uma "produção" animal altamente racionalizada do ponto de vista tecnológico, ou melhor, a "industrialização da carne", ou eufemisticamente, a produção de proteína animal, e isso em grande escala: carne bovina, suína, aviária. As estatísticas em países como o Brasil são assombrosas: das terras agricultáveis no Brasil, 35% são utilizadas para pastagens e 35% para grãos destinados a animais, perfazendo 70%. Sobram 30% para agroculturas de outras produções com finalidade direta ao consumo humano. Há que se considerar, por outro lado, que a maior parte tanto da carne como dos grãos, são para exportação. Isso significa uma cadeia de desequilíbrios crescentes: desflorestamento para pastagens e grãos, depois savanização e risco de desertificação, desequilíbrio meteorológico, crise hídrica. Os cálculos de consumo total de água para a produção de um quilo de carne é de 17 mil litros. No Brasil a média de cabeças de gado bovino é de 215 milhões. Acrescenta-se aos problemas acumulados o gás me-





tano expelido pelo gado, a indústria da carne acaba sendo o primeiro fator no aquecimento global, mais do que os derivados de petróleo, veículos e indústria.

E ainda assim, isso é apenas uma parte dos problemas, que não são somente de ética ambiental. Animais são tais porque tem sensibilidade, são semoventes, tem um ciclo de vida, manifestam níveis de vontade, de inteligência e de afeto, dependendo da complexidade. Na indústria de modo geral sofrem confinamento – permanecem aprisionados – e tem seu ciclo de vida encurtado. Além da industrialização da carne para o prato, eles são utilizados em experiências científicas torturantes, são utilizados para utensílios, enfeites, para entretenimento, jogos, etc. Finalmente, são seduzidos por “amores torturantes”, conforme uma psicanalista que constata na relação com animais de estimação a submissão do animal aos relacionamentos que não são de sua espécie, obrigados a viver uma vida que não é a sua nem, sobretudo, na convivência com os seus mas somente com a espécie humana que busca nos animais uma compensação ao vazio de relacionamentos humanos.

Hoje, com a explosão demográfica de animais na área de criação industrial e com o crescimento de distorções na relação com os animais, nos sentimos cada vez mais constrangidos a fazer as contas com os animais. É possível manter a ética tradicional, que quanto muito aconselha a não praticar crueldades? O problema é bem maior que isso, e, segundo os que estudam a fundo, é o problema principal que afeta o equilíbrio da vida e da ecologia.

2. Ética animal: singularidade e direitos animais

Os animais sofrem e buscam não sofrer. São “sencientes”, tem sensibilidade, e isso os torna diferentes de outros seres vivos, os micro-organismos e as plantas. Por outro lado tem interesses e buscam realiza-los, com doses de inteligência e de afeição, e isso os aproxima de nós. Em nível biológico, depois da leitura do genoma, aprendemos que temos muito em comum com os animais, e que talvez a nossa distinção não esteja no âmbito da ontologia mas no âmbito da missão e da responsabilidade. Portanto, temos aqui uma questão ética das mais importantes em nosso tempo. A afirmação do valor intrínseco dos animais, declarada no Catecismo da Igreja Católica, ganha alto relevo. Isso significa também alguma forma de dignidade, de exigência de respeito, enfim de direitos.

Mas antes de abordarmos os direitos, convém acentuar o aspecto da singularidade de cada animal. De modo geral a reflexão que se voltou para os animais e a preocupação com a sua vida se deu até agora em torno das espécies. É o que faz em grande medida também a *Laudato Si'* do papa Francisco. Para biólogos e ecólogos o que interessa, normalmente, é que a espécie se reproduza e não seja extinta. É o sofrimento e o interesse que tornam cada animal único, singular. A ética tradicional, baseada na racionalidade, não consegue captar as exigências éticas em relação aos animais. Tomando Aristóteles como o grande pensador da ética ocidental, o que temos é a valorização da racionalidade em distinção com





a animalidade. Animais, como escravos, são órgãoon, organismos sem racionalidade suficiente para constituir uma exigência ética. Essa foi a ética dominante: o animal está à disposição do humano, não tendo racionalidade nem alma, e também não tem valor intrínseco ou dignidade como valor em si mesmo. Santo Tomás segue de perto Aristóteles, ainda que aconselhe a não agir com crueldade em relação aos animais para não desbordar em crueldade na relação com seres humanos.

Foi a ética utilitarista que rompeu a tranquilidade da consciência em relação aos animais. É que a ética utilitarista ou prática não parte de valores estabelecidos metafisicamente mas de benefícios, e benefícios para o maior número possível de beneficiados. É no âmbito do benefício que muito da ética médica, hoje, se decide. Ou na ética da política e do governo. Mas também na ética em relação à ecologia e em relação aos animais. Por isso o primeiro nome que aparece é o que perguntou pelo sofrimento do animal, Jeremy Bentham (+1832), e no século XX o filósofo da ética prática Peter Singer, australiano professor nos EUA. Seu livro "Libertação animal" da década de setenta do século passado reforçou o movimento de libertação animal, não só de proteção mas de militância por reconheci-

mento de direitos animais.

Tem direitos, de fato, os animais? Esta pergunta volta em todas as discussões, pois os direitos foram pensados por milênios na esfera dos direitos "humanos", normalmente conquistados a duras penas. Teoricamente devem corresponder a deveres e se fundarem em sujeitos que podem ser imputados de responsabilidades, de méritos e punições. Na verdade,

segundo Luc Ferry, em seu livro O homem, o animal e a planta, a ideia de média conheceu certo nível de responsabilidade animal, tendo relatos de alguns casos de tribunais para os malfeitos dos animais, inclusive com penalidades. Isso significaria reconhecimento do outro lado da moeda, de algum nível de direitos. Mas com Descartes, que retomou vigorosamente

Aristóteles e comparou o animal à máquina vazia de alma, portanto de vontade própria e de busca de realização, foram os últimos séculos os mais danosos para a vida animal sob a hegemonia do Ocidente produtivo e capitalista.

Peter Singer classifica em quatro pontos os direitos dos animais: em primeiríssimo lugar, o direito de não ser submetido arbitrariamente a sofrimentos. Em segundo lugar, o direito a realizar a sua natureza: quem tem asas tem direito de voar, quem tem pernas tem direito de



É exatamente a partir do sofrimento dos animais que se começa um caminho novo de relacionamento.





caminhar, quem busca convivência com seus pares tem direito à convivência, assim como o direito a realizarem a sua fecundidade. É o que Peter Singer chama de “princípio da igual consideração de interesses” para guiar uma ética que contemple os direitos animais. Hoje desrespeitamos esses direitos básicos dos animais na maioria dos casos.

3. Teologia bíblica da libertação animal

As tradições religiosas em geral se posicionam em relação aos animais. No Oriente, do hinduísmo ao budismo há uma progressão na compreensão dos direitos animais baseados ou na reencarnação ou na compaixão em relação a toda criatura viva. No Ocidente o cristianismo se tornou hegemônico e tem por isso a responsabilidade de examinar seus recursos para incrementar justiça em relação aos animais. Sua fonte é a Escritura e a Tradição. Em ambos os casos há uma surpreendente abundância de indicações.

Os animais estão presentes em praticamente todas as páginas da Escritura, tanto em seu estilo narrativo como legislativo. Não são apenas símbolos e metáforas, mas são companheiros de existência do ser humano. Este se distingue dos animais não por uma parte no corpo de si mesmo, pela racionalidade ou pela alma, mas por uma missão específica que é, justamente, a de ser cuidador dos animais, dar nome, ou seja, trazer os animais para a convivência. Isso está no paraíso de Adão e na arca de Noé. Está também nos animais cantados nos salmos como objeto de carinho e de

cuidado de Deus, ou no livro de Jonas como companheiros de penitência dos ninivitas, no livro de Jó como obediência aos desígnios misteriosos de Deus mais do que os humanos. Na legislação, ao decretar o sábado para o trabalhador, Javé exige que o dono respeite o direito ao descanso não só para os filhos e os servos, mas também para o boi e o asno que trabalham para ele. São Paulo compararia os ministros do altar com direito a se alimentarem do altar como os bois que trabalham na moenda tem direito a comer das espigas debulhadas por ele. É assim que Deus cuida do sacerdote como cuida do boi.

A Escritura está também repleta de metáforas animais, inclusive no coração do Novo Testamento, como a serpente do deserto à qual Jesus se compara em duas ocasiões no evangelho de João, e o cordeiro inocente imolado e redimido anunciado por João Batista em Jesus. Mais tarde, na Idade Média, se faria o inventário dessas metáforas, chamado de Bestiário de Cristo. Como o Cardeal Newman explicou bem, se a metáfora é possível, é porque entre o animal e o humano, no caso inclusive o Cristo, é possível reconhecer algo em comum. É o caso da serpente, em que o veneno que se torna remédio, ou da inocência e do sofrimento indefeso do cordeiro. Por isso num célebre sermão de sexta-feira santa o mesmo Cardeal Newman chamou a atenção para o sofrimento dos animais, que é normalmente um sofrimento inocente.

Mas ao longo da tradição cristã encontramos também bestiários de santos, como Santo Antônio, representado pela hagiografia cercado



de animais domesticados pela sua palavra e em convivência pacífica, representando assim no deserto o sonho do reino de Deus que está em Isaías 11: quando o burro e o leão irão pastar juntos e todos serão finalmente vegetarianos como estava no tempo do paraíso de Adão. São Martinho de Porres, em Lima, é lembrado por reunir em torno do mesmo prato animais que são normalmente antagonísticos: o rato, o gato, o cachorro e a pomba. Não faltam nem na Escritura e nem na história do cristianismo, inspiração para uma ética mais justa em relação aos animais.

4. Francisco de Assis e a confraternização universal.

A iconografia em torno da relação de São Francisco de Assis com os animais – com os pássaros ou com o lobo – beira frequentemente o romantismo. As razões para reconhecer o pobrezinho de Assis como patrono da ecologia e padroeiro dos animais, como fez oficialmente João Paulo II, tem uma dimensão antropológica e sobretudo teológica bem sólida, que se pode compreender melhor através da sua biografia.

Francisco de Assis, segundo o medievalista Jacques Le Goff, viveu em um tempo em que os cristãos já tinham resolvido satisfatoriamente

te sua relação com a natureza sem medo à divinização pagã dos elementos e das energias da natureza, mas também sem ainda ter transformado a natureza em matéria disponível para a apropriação e exploração, como aconteceria depois na modernidade. Os tempos eram, pois, propícios. Mas o jovem Francisco, que era um apaixonado pela beleza, segundo o seu primeiro biógrafo, Tomás de Celano, teve uma grande decepção com os ideais juvenis da época e caiu gravemente doente, terminando com uma depressão demorada. Foi a palavra do evangelho e a solidariedade com os marginalizados da época que lhe deram um rumo na vida. A partir daí despontam nele os comportamentos que o tornariam amigo dos animais.

Em primeiro lugar, Francisco passou por um processo de “desapropriação”. Sua subjetividade nasceu da crise sem as ideias de seu pai mercador e de seus contemporâneos cavaleiros. Abraçou a liberdade do despojamento e do desapego mais radical. Não se trata somente de “pobreza” no sentido de redução de propriedade e meios ao mínimo, mas se trata de uma identidade forjada pela renúncia até de pensamentos e sentimentos de apropriação, de renúncia de desejos e fantasias em torno da afirmação de si mesmo. É o que



**Não são apenas símbolos e metáforas,
mas são companheiros de existência
do ser humano..**





se diz na regra de vida franciscana, que faz voto não propriamente de pobreza mas de sine proprium, latim que deveria ser traduzido por “sem próprio”, ou seja, sem propriedade em todos os níveis, inclusive espiritual. É nesse sentido que a regra proibia originalmente os frades de possuírem animais e de andar a cavalo a não ser por manifesta doença.

Em segundo lugar, Francisco, ao contrário da teologia de Agostinho e até de seus dois biógrafos mais célebres, o supradito Tomás de Celano e depois São Boaventura, não via as criaturas numa hierarquia vertical em que algumas valem mais que as outras, tendo o ser humano no topo da hierarquia. Um texto original e estranho à pri-

meira vista, o Louvor às virtudes, Francisco louva pela obediência que é realizada não só em relação ao superior, mas horizontalmente ao irmão, e não só ao irmão, mas também aos animais selvagens tanto quanto Deus prover. Ou seja, na relação com as demais criaturas não há hierarquia, é uma relação de atenção e cordialidade que vai ao encontro da outra criatura, seja ela o animal mais selvagem. Isso contraria a concepção platônica que tinha influenciado a teologia cristã e que consistia em colocar numa hierarquia de valor e importância o conjunto das criaturas. Assim, na relação com os animais, segundo esta teologia, eles obedeciam a Francisco porque ele teria recuperado a ordem hierárquica harmoniosa do

Foto: REPAM Brasil





paraíso. Mas no precioso texto de Francisco trata-se exatamente do oposto: ele está disponível a obedecer até os animais mais ferozes.

Na deliciosa narrativa dos Fioretti em que Francisco aceita fazer o papel de mediador entre os moradores da cidade de Gubio e um perigoso lobo que estava rondando a cidade, Francisco acorda uma aliança entre o animal e os humanos, substituindo a relação de hostilidade mútua pela relação de hospitalidade e de convívio pacífico. Assim, de fato, cada um com sua linguagem própria, Francisco, a cidade e o lobo realizam o sonho de Isaías 11. São essas disposições fraternais de Francisco que o tornam padroeiro dos animais. Mas esta fraternidade não seria possível se não houvesse como condição a desapropriação, a tal "pobreza" franciscana, alegre e cordial.

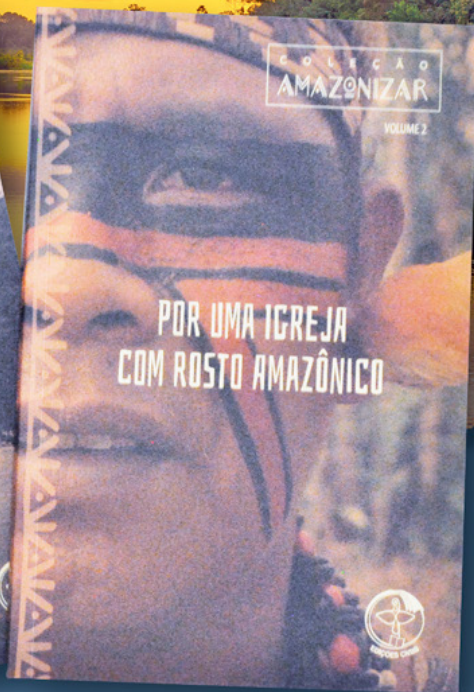
Assim estamos longe das fazendas e do de-

sastre ecológico em grande escala da produção industrial de carne - como se não houvesse um sujeito com interesse de viver bem a sua vida por trás da carne. Estamos longe da apropriação de animal para vaidade e compensação afetiva, do uso puramente instrumental de sujeitos que tem interesses próprios e direito à sua liberdade de realiza-los. Estaríamos aqui longe da atual superpopulação animal que se tornou uma ameaça global, ameaça até mesmo para a diversidade e para a singularidade sem o que a criação fica pobre de vida e de justiça e alegria.

"Na relação com as demais criaturas não há hierarquia, é uma relação de atenção e cordialidade que vai ao encontro da outra criatura, seja ela o animal mais selvagem."



COLEÇÃO AMAZONIZAR



Está Disponível

Acesse o **QR Code**
e adquira a sua!



Revista

ECOTEOLOGIA

Abril | N°. 2 /2022



Ecoteologia e sinodalidade decolonial
na perspectiva dos povos indígenas



Rede Eclesial Pan-Amazônica REPAM-Brasil

Presidente da REPAM-Brasil: Dom Erwin Kräutler

Diretora Executiva: Ir. Maria Irene Lopes

Analistas de Projetos: Arlete Gomes e Jéssica P. de Castro

Assistentes Administrativa/Financeira: Denyse Leite e Teuélia Emelengídio

Analista de Comunicação: Ana Caroline Lira

Projeto Gráfico e Diagramação: Vilma Baldin

Redação: Ana Caroline Lira

Revisão: Renato Thiel

Imagem de capa: BW Press / Shutterstock.com

Comitê Científico

Ari Antônio Dos Reis

Daniel Seidel

Dário Giuliano Bossi

Francisco Andrade

Felício Pontes

Ima Vieira

Márcia Maria De Oliveira

Ricardo Castro

Roberto Malvezzi

Moema Maria Marques

Brasília-DF, abril de 2022

Nº. 2/2022

Publicação Digital Anual

Contato

www.repam.org.br

comunicacao@repam.org.br

(61) 3447-4117 ou (61) 98595-5278



ÍNDICE

EDITORIAL

- 4** **Reconhecer** a sacralidade amazônica para amazonizar a Criação

ARTIGOS

- 7** **Amazonizar** a teologia
- 17** **Amazonizar:** compromissos e horizontes ecoteológicos
- 28** **Ecoteologia** e sinodalidade decolonial na perspectiva dos povos indígenas
- 41** **Amazonizando** a ecologia
- 45** **Amazonizar** a ecoteologia na perspectiva da espiritualidade ecológica
- 54** **A Pedagogia da Escuta:** entre azeites e sabores do pracaxi na Amazônia profunda
- 56** **Para novos** caminhos, novas posturas: à escuta!
- 62** **Desafios** e horizontes para a ecoteologia no mundo contemporâneo

NOTÍCIAS

- 73** **Escuta** e ecologia integral são destaques na abertura do 2º Encontro de Ecoteologia da REPAM-Brasil
- 75** **REPAM-Brasil** encerra 2º Encontro de Ecoteologia com painel sobre os desafios para a Ecoteologia no mundo contemporâneo

OLHARES

- 77** **Veja** o que os participantes falaram sobre o 2º Encontro de Ecoteologia da REPAM-Brasil, que ocorreu entre os dias 18 e 19 de agosto de 2021, de forma online.



Daniel Carvalho da Silva
Comunicação e Incidência

Reconhecer a sacralidade amazônica para amazonizar a Criação

Se existe um labor primordial, uma vocação divina à humanidade, sem dúvida é: ser jardineira da Criação e conviver harmonicamente com ela. As Escrituras Sagradas são principiadas no espaço de um jardim e, do mesmo modo, são concluídas em outro. O jardim é a casa plantada por Deus para seus filhos e filhas. Mas, o fato é que a convivência harmônica entre a humanidade e o meio ambiente durou pouco. A tradição judaico-cristã afirma que foi o pecado o responsável por afastar o gênero humano da intimidade do Criador e da convivência integrada na natureza. Por isso, em face do ecocídio atual, a Teologia cristã contemporânea não pode esquivar-se dos questionamentos sobre como recuperar a humanidade que preserva, cuida e convive em harmonia com a Casa Comum.

As relações tecidas entre a Teologia e a Ecologia a partir do bioma amazônico, por suas vezes, precisam considerar a história de colonização do território e das culturas dos povos originários. Assim, o fazer ecoteológico amazônico precisa ser decolonial. Isto é, deve ser crítico e questionador – tanto política quanto teológica e epistemologicamente – sobre os saberes e os poderes sócio construídos sobre a Amazônia de modo geral. E mais: deve empenhar-se na evidenciação dos saberes e dos modos de vida dos povos indígenas. É incontestável que o *modus vivendi* deles, em relação harmônica com meio ambiente, aproxima-se muito mais do sonho daquele jardim da Criação que os modelos culturais postulados como hegemônicos e globais na atualidade capitalista.

Não por acaso, a palavra-chave assumida pelos pesquisadores que contribuem com nossa reflexão nesta segunda edição da Revista Ecoteologia é *Amazonizar*. Transformar um

substantivo em verbo implica dispô-lo à ação. Reconhecer um substantivo como verbo significa perceber que ele já atua. Amazonizar, aqui, pode ser assumido, em primeiro lugar, como um par de óculos: um modo de enxergar as relações entre a humanidade e a natureza com vistas numa convivência respeitosa na qual a humanidade não se sinta superior, mas, parte integrante de toda Vida que compõe a Criação. Em segundo lugar, amazonizar é um convite à conversão ecológica, à superação do pecado antigo, à transformação de predadorismos em convivência integrada, nesse caso, empenhada à luz das práticas milenares dos povos indígenas.

Os artigos que compõem a revista apontam nessa direção. O teólogo Emerson Sbardelotti identifica alguns exercícios que podem ser assumidos eclesialmente, sob o guarda-chuva do magistério do Papa Francisco, para amazonizar a teologia católica. A pesquisadora de cultura e sociedade na Amazônia, Márcia Maria de Oliveira, indica que amazonizar é um compromisso urgente assumido pelo Sínodo para a Amazônia. E, ademais, que esse compromisso, agora eclesial, efetiva-se na medida em que a Igreja se coloca em diálogo com os povos autóctones. A mesma autora, em parceria com a antropóloga Gilmara Fernandes Ribeiro e com a líder Wapichana e mestre em Letras, Jama Peres, versa sobre a sinodalidade como caminho da Igreja na Amazônia para descolonizar os processos eclesiais e encampar itinerários novos e coerentes com as culturas e os saberes indígenas.

A ecóloga Ima Célia Guimarães Vieira recorda que pensar a Ecologia, hoje, exige considerar o bioma amazônico com suas riquezas e limites. Essa consideração implica substituir as relações de puro consumo por outra sustentável e orgânica. A esse movimento a autora chama: amazonizar a Ecologia. O teólogo Ricardo Gonçalves Castro traz à baila o tema da Espiritualidade Ecológica. Nela, a Criação ocupa um lugar central. Aliás, a Criação e a corporeidade humana são sacramentais. De modo holístico, os ritmos da Terra, da humanidade e do Espírito de Deus confluem e movem-se de maneira interligada. O reconhecimento disso dispõe a humanidade à sensação de que o céu e a terra estão unidos. Noutro artigo, o mesmo autor apresenta uma síntese teórica sobre as Ecológicas desenvolvidas por diferentes correntes epistemológicas. Ao mesmo tempo, Castro elenca os urgentes desafios e possíveis horizontes que se impõem à Teologia Ecológica.

O professor de história Benedito Alcântara, ribeirinho e conhecedor dos segredos medicinais da floresta, apresenta, desde a Amazônia profunda, os caminhos para uma escuta que seja, de fato, mergulho no território e, assim, capaz de impulsionar o percurso eclesial em harmonia com as culturas locais. Em sentido similar, o missionário comboniano Dário Bossi versa sobre a novidade metodológica da escuta eclesial, que, aliás, é prática inerente ao Criador. Escutar exige esvaziamento, despojamento das verdades pré-concebidas. Por isso, escutar é também abrir-se ao Espírito que pode conduzir a história por caminhos totalmente novos, a depender da docilidade

humana e eclesial em face das interpelações apresentadas por aqueles que são escutados.

A edição apresenta ainda alguns comentários dos participantes do 2º Encontro de Ecoteologia organizado pela REPAM-Brasil. Por fim, constam as notícias que situam o leitor sobre a programação realizada. Cada texto que compõe a Revista é como uma meada de linha. Umas são tingidas por cores de pensamentos que acompanham a humanidade a mais tempo. Outras são mais recentes. Alguns fios podem ser compara-

dos às cordinhas de palha de Buriti, tamanha é a capacidade de traduzir em palavras as realidades amazônicas. Enquanto umas partem do local para o global, outras, partem do global em direção ao local. A trama de todas essas meadas – não podemos nos esquecer de que o texto é um produto têxtil – cria o bonito tecido, forjado nos teares da REPAM-Brasil, que é essa revista: resultado das interpelações provenientes da Ecologia e da Teologia cristã em vistas da defesa da Vida na e para a Amazônia.

Amazonizar a teologia



Foto: Marcio Isensee e Sã / Adobe Stock

Emerson Sbardelotti¹

O verbo *Amazonizar* é a mais sincera e profunda contribuição do Sínodo para a Amazônia, para a Igreja Católica Apostólica Romana presente nos países da Região Pan-Amazônica, nos países de língua portuguesa e espanhola, enfim, para todas as pessoas de boa vontade que buscam um outro mundo novo possível, uma relação de encontro, diálogo e respeito para e com o Planeta Terra, nossa Casa Comum.

Na *Laudato Si'*, o Papa Francisco assegura que a ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social. [...] O bem comum pressupõe o respeito

pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral. [...] Nas condições atuais da sociedade mundial, em que há tantas desigualdades, e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra, mas exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que hoje esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum [LS, n. 94-95].

Amazonizar é bem viver. *Amazonizar* é bem fazer.

¹ Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ministro da Palavra e Agente de Pastoral Leigo da paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida – Cobilândia, Vila Velha, arquidiocese de Vitória do Espírito Santo.

Sobre o bem viver, eu e Lula Barbosa² compusemos uma canção em 2017 para o II Encontro Nacional de Juventudes e Espiritualidade Libertadora, que aconteceu entre os dias 7 a 10 de setembro, na paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Poá-SP. Ouvindo-a novamente, neste momento de nuvens sombrias de ódio, retrocessos e fundamentalismos, fico com a grata impressão de que já estávamos antecipando, sentindo alguma coisa no ar; algo que hoje cantamos em sintonia com o verbo *Amazonizar*. Com a mística e espiritualidade que o envolve. Com o compromisso que nos pede com a vida, com sua defesa constante; ao mesmo tempo acrescentamos ao nosso canto o bem fazer, que é a práxis do verbo:

Bem viver, alegria e a mística do bem viver

Bem viver, bem viver

Bem viver é imaginar outros mundos possíveis

Bem viver, bem viver

É aprender, desaprender, reaprender

Na diversidade:

Humanos sensíveis, bem viver, bem viver

Bem viver.

Poeticamente, *Amazonizar* corresponde a vários verbos: *ver, ouvir, descer, viver, lutar, servir, caminhar, conviver, partilhar, respeitar, encontrar, dialogar, nadar, navegar, esperar, germinar, abraçar* e o principal deles: *amar*. Dentro da palavra *Amazonizar* estão as palavras *ama* e *amar*. Deus ama e nos convida a amar

sua criação, por amar demais nos convida a cuidar e a proteger; porém, o ser humano, no afã de querer ser deus, destrói esta relação de confiança. Dentro do verbo *Amazonizar* cabe um outro verbo, quase sinônimo: *reflorestar*. Entendo reflorestar como a ação de restaurar a cobertura florestal de uma área que foi destruída, por meio do plantio de sementes e mudas de árvores de várias espécies.

Uma experiência vitoriosa é a do fotógrafo Sebastião Salgado e de Lélia Deluiz Wainick Salgado: o Instituto Terra³, que há pouco mais de uma década, diante de um cenário de degradação ambiental em que se encontrava a antiga fazenda de gado quando adquirida pela família de Sebastião Salgado, na cidade mineira de Aimorés, tomou uma decisão: devolver à natureza o que em décadas de degradação ambiental foi destruído. Mobilizaram parceiros, captaram recursos, e em abril de 1998, fundaram a organização ambiental dedicada ao desenvolvimento sustentável do Vale do Rio Doce. Em pouco mais de uma década, o sonho do casal já rendeu muitos frutos. Por conta da atuação do Instituto Terra, mais de 21,1 milhões de m² de áreas degradadas de Mata Atlântica no médio Rio Doce estão em processo de recuperação e mais de 6 milhões de mudas de espécies da Mata Atlântica já foram produzidas em seu viveiro para abastecer tanto os plantios na RPPN Fazenda Bulcão quanto os projetos de

³ Cf. INSTITUTO TERRA. Disponível em: http://www.institutoterra.org/pt_br/conteudosLinks.php?id=22&tl=UXVlbSBzb2lvcw==&sb=NQ==#.XkFkHmhKjIU. Acesso em: 10 fev. 2020.

² Músico, compositor e violonista.



restauração que desenvolve na região. A antiga fazenda de gado, antes completamente degradada, hoje abriga uma floresta rica em diversidade de espécies da flora de Mata Atlântica. A experiência comprova que junto à recuperação do verde, nascentes voltam a jorrar e espécies da fauna brasileira, em risco de extinção, voltam a ter um refúgio seguro.

Diante desta boa nova que nos traz o Instituto Terra, fiz um poema, depois musicado por Carlos Papel, ainda inédita em disco, e que tive a alegria de cantar no Ajuri Amazônico, em Manaus-AM, em julho de 2019, para jovens daquela arquidiocese e outras lideranças que estavam ali recebendo uma formação inculturada como pede o Documento Final do Sínodo para a Amazônia. O poema que virou canção, chama-se *Reflorestar*:

*Reflorestar a vida no Planeta
Reflorestar a alma e o coração
A Terra é nossa Casa e uma caneta
Vai escrever as notas da canção
Poetas dão sabor à alegria
A rima sem tristeza espanta a dor
A liberdade abraça a utopia
E o novo ser humano exala amor
Reflorestar é estar interligado
Como se fôssemos um
Reflorestar é estar conectado
Nessa Casa Comum.*

Teologicamente, *Amazonizar* é sentir a criação como resultado da vontade de Deus, que, ao criar todas as coisas, viu que tudo era bom. *Amazonizar* é ao mesmo tempo ser sujeito e objeto de um processo eclesial desencadea-

do pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, principalmente, na busca do *aggiornamento* de São João XXIII, e na recepção conciliar realizada na Conferência de Medellín [Colômbia, 1968]. Seguindo esta tradição, *Amazonizar* é transformar o modo de pensar e de viver a fé na Igreja Católica Apostólica Romana dentro do mundo hodierno em que vivemos hoje, agora mesmo. *Amazonizar* é repensar a Igreja, o mundo e a simbiótica relação entre os dois, com tudo que os aproxima e os afasta; em suas diferenças e igualdades, compõem a realidade desta época. Não é sem confronto e conflito que surge este verbo, mas a ele convergem todas as pessoas de boa vontade que desejam uma profunda conversão, uma profunda mudança de postura.

O Documento Final do Sínodo para a Amazônia argumenta que “Cristo aponta para a Amazônia”. Ele liberta a todos do pecado e outorga a dignidade dos filhos de Deus. Ouvir a Amazônia, no espírito próprio de discípulo à luz da Palavra de Deus e da Tradição, levamos a uma profunda conversão de nossos planos e estruturas a Cristo e ao seu Evangelho [SÍNODO DOS BISPOS - DOCUMENTO FINAL, 2019, p. 13].

Clodovis Boff nos diz que a Teologia tem por objeto material tratar de Deus e tudo o que se refere a ele, isto é, o mundo universo: a criação, a salvação e tudo o mais. E isso está já na palavra mesma de “teologia”: estudo de Deus. Mas como Deus é o “Determinante de tudo”, então, qualquer coisa pode ser objeto de consideração do teólogo. Deus, com efeito, pode ser definido como “a Realidade que





determina todas as realidades". [...] Ela toma como "objeto" aquela dimensão da realidade que diz respeito ao Sentido supremo e por isso totalizante de tudo e de cada coisa. [...] Poderíamos falar, com outras palavras, assim: Deus é o objeto "principal" da teologia; tudo o mais é objeto "consequencial". De fato, a fé diz respeito em primeiro lugar a Deus, e das demais coisas só por consequência, ou seja, por causa de Deus (BOFF, 2018, p. 43-44).

Amazonizar é colocar a Região Pan-Amazônica enquanto lugar teológico: o lugar social dos pobres e marginalizados.

Francisco de Aquino Júnior afirma que a expressão "lugar teológico" tem uma longa tradição na teologia e ganhou muita relevância no contexto da teologia pós-conciliar, particularmente na teologia da libertação. [...] Na América Latina, a expressão "lugar teológico" foi utilizada também e de modo especial para indicar o "lugar social" da revelação da fé e da teologia. Esse sentido que aparece em muitos textos teológico-pastorais foi elaborado e desenvolvido, sobretudo, pelos teólogos salvadorenos Ignacio Ellacuría e Jon Sobrino. "Lugar teológico" diz respeito, aqui, ao "lugar social" no qual o Deus bíblico se revelou e continua se revelando e, consequentemente, ao "lugar social" mais adequado da fé [práxis teológica] e de sua

intelecção [teoria teológica]. [...] Falar de "lugar social" implica reconhecer que "a sociedade tem 'lugares' distintos, ao menos distintos, porque em muitos casos podem ser opostos e mesmo contrapostos". E implica reconhecer o caráter histórico-social do conhecimento, bem como de sua possível e comprovada ideologização. [...] Desde o princípio, os teólogos da libertação se deram conta tanto da

importância do lugar social no fazer teológico quanto do fato de o mundo dos pobres e marginalizados constituir o lugar social fundamental da revelação, da fé e da teologia cristã. [...] A problemática do lugar social da teologia é, certamente, o aspecto mais complexo e mais conflitivo, mas também o mais bíblico, mais profético e mais eficaz da teologia da libertação.

É mais complexo e conflitivo porque toca em interesses bem concretos e desmascara a instrumentalização ideológica da teologia. Não se deve esquecer que a teologia foi e continua sendo usada para legitimar as mais diferentes formas de injustiça: econômica, social, política, cultural, étnico-racial, religiosa, de gênero, sexual, ecológica, etc. É mais bíblico porque recupera a característica mais marcante da ação de Deus e da relação com ele na história de Israel e na práxis de Jesus de Nazaré: o direito e a justiça aos pobres e oprimi-



Amazonizar é colocar a Região Pan-Amazônica enquanto lugar teológico: o lugar social dos pobres e marginalizados.



dos. Mais profética e mais eficaz porque se confronta com situações históricas concretas atuais de injustiça e opressão e favorece teórica e praticamente processos históricos concretos atuais de libertação [AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 61.63.65-66.68].

O Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, tem o sentimento profundo de dar uma grande atenção à Região Pan-Amazônica e aos povos que ali habitam, em especial, os povos indígenas. Com Francisco aprendemos que *Amazonizar* é criar novos caminhos para uma Igreja em saída, missionária, samaritana, com rosto indígena, migrante, jovem, camponês, afrodescendente, e para uma ecologia integral. Mesmo não estando na Amazônia, podemos assumir em nossas Comunidades Eclesiais de Base, em nossas paróquias e dioceses espalhadas pelo país, o clamor da Terra e o clamor dos pobres. Durante o encontro com o Episcopado Brasileiro, na Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco apontou a Amazônia como teste decisivo, banco de prova para a Igreja no Brasil e a sociedade brasileira: “Há um último ponto sobre o qual gostaria de deter-me e que considero relevante para o caminho atual e futuro não só da Igreja no Brasil, mas também de toda a estrutura social: a Amazônia. A Igreja está na Amazônia, não como aqueles que têm as malas na mão para partir depois de terem explorado tudo o que puderam. Desde o início que a Igreja está presente na Amazônia com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos, e lá continua presente e determinante no futuro daquela área[...]”.

E continua o Papa Francisco. “Queria convidar todos a refletirem sobre o que Aparecida disse a propósito da Amazônia, incluindo o forte apelo ao respeito e à salvaguarda de toda a criação que Deus confiou ao homem, não para que a explorasse rudemente, mas para que tornasse ela um jardim. [...] Mas eu gostaria de acrescentar que deveria ser mais incentivada e relançada a obra da Igreja. Fazem falta formadores qualificados, especialmente formadores e professores de teologia, para consolidar os resultados alcançados no campo da formação de um clero autóctone, inclusive para se ter sacerdotes adaptados às condições locais, e consolidar, por assim dizer, o ‘rosto amazônico’ da Igreja. Nisto lhes peço, por favor, para serem corajosos, para terem *parresia*! No modo ‘porteño’ [de Buenos Aires] de falar, lhes diria para serem destemidos. [...] A Igreja não é jamais uniformidade, mas diversidades que se harmonizam na unidade, e isso é válido em toda a realidade eclesial” [FRANCISCO, 2013, n. 106-108].

No momento em que escrevo este artigo, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia* nos convida a sonhar com o Papa Francisco; ele formula quatro sonhos que a Amazônia lhe inspira; afinal, *sonhar* é *Amazonizar*: “Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida. Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana. Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora





beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas. Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos” [FRANCISCO, 2020].

Amazonizar a Teologia, seguindo as intuições do Concílio Ecumênico Vaticano II e do Sínodo para a Amazônia é acolher com imensa alegria e compromisso O Pacto das Catacumbas pela Casa Comum – por uma Igreja com rosto amazônico, pobre, servidora, profética e samaritana:

Catacumbas de Domitila, 20 de outubro de 2019.

Por uma Igreja com rosto amazônico, pobre e servidora, profética e samaritana

Nós, participantes do Sínodo Pan-amazônico, partilhamos a alegria de habitar em meio a numerosos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, migrantes, comunidades na periferia das cidades desse imenso território do Planeta. Com eles temos experimentado a força do Evangelho que atua nos pequenos. O encontro com esses povos nos interpela e nos convida a uma vida mais simples de partilha e gratuidade. Marcados pela escuta dos seus clamores e lágrimas, acolhemos de coração as palavras do Papa Francisco: “Muitos irmãos e irmãs na Amazônia carregam cruzes pesadas e aguardam pela consolação libertadora do Evangelho,

pela carícia de amor da Igreja. Por eles, com eles, caminhemos juntos”.

Evocamos com gratidão aqueles bispos que, nas Catacumbas de Santa Domitila, ao término do Concílio Vaticano II, firmaram o Pacto por uma Igreja servidora e pobre. Recordamos com veneração todos os mártires membros das comunidades eclesiais de base, de pastorais e movimentos populares; lideranças indígenas, missionárias e missionários, leigos e leigas, padres e bispos, que derramaram seu sangue, por causa desta opção pelos pobres, por defender a vida e lutar pela salvaguarda da nossa Casa Comum. À gratidão por seu heroísmo unimos nossa decisão de continuar sua luta com firmeza e coragem. É um sentimento de urgência que se impõe ante as agressões que hoje devastam o território amazônico, ameaçado pela violência de um sistema econômico predatório e consumista.

Diante da Trindade Santa, de nossas Igrejas particulares, das Igrejas da América Latina e do Caribe e daquelas que nos são solidárias na África, Ásia, Oceania, Europa e no norte do continente americano, aos pés dos apóstolos Pedro e Paulo e da multidão dos mártires de Roma, da América Latina e em especial da nossa Amazônia, em profunda comunhão com o sucessor de Pedro, invocamos o Espírito Santo, e nos comprometemos pessoal





e comunitariamente com o que se segue:

- 1.** Assumir, diante da extrema ameaça do aquecimento global e da exaustão dos recursos naturais, o compromisso de defender em nossos territórios e com nossas atitudes a floresta amazônica em pé. Dela vêm as dádivas das águas para grande parte do território sul-americano, a contribuição para o ciclo do carbono e regulação do clima global, uma incalculável biodiversidade e rica sociodiversidade para a humanidade e a Terra inteira.
- 2.** Reconhecer que não somos donos da mãe terra, mas seus filhos e filhas, formados do pó da terra [Gn 2,7-8], hóspedes e peregrinos [1Pd 1,17b e 1Pd 2,11], chamados a ser seus zelosos cuidadores e cuidadoras [Gn 1,26]. Para tanto, comprometemo-nos com uma ecologia integral, na qual tudo está interligado, o gênero humano e toda a criação porque a totalidade dos seres são filhas e filhos da terra e sobre eles paira o Espírito de Deus [Gn 1,2].
- 3.** Acolher e renovar a cada dia a aliança de Deus com todo o criado: "De minha parte, vou estabelecer minha aliança convosco e com vossa descendência, com todos os seres vivos que estão convosco, aves, animais domésticos e selvagens, enfim, com todos os animais da terra que convosco saíram da arca [Gn 9,9-10 e Gn 9,12-17].
- 4.** Renovar em nossas igrejas a opção preferencial pelos pobres, em especial pelos povos originários, e junto com eles ga-

rantir o direito de serem protagonistas na sociedade e na Igreja. Ajudá-los a preservar suas terras, culturas, línguas, histórias, identidades e espiritualidades. Crescer na consciência de que estas devem ser respeitadas local e globalmente e, consequentemente favorecer, por todos os meios ao nosso alcance, que sejam acolhidas em pé de igualdade no concerto mundial dos demais povos e culturas.

5. Abandonar, como decorrência, em nossas paróquias, dioceses e grupos toda espécie de mentalidade e postura colonialista, acolhendo e valorizando a diversidade cultural, étnica e linguística num diálogo respeitoso com todas as tradições espirituais.

6. Denunciar todas as formas de violência e agressão à autonomia e direitos dos povos originários, à sua identidade, aos seus territórios e às suas formas de vida.

7. Anunciar a novidade libertadora do evangelho de Jesus Cristo, na acolhida ao outro e ao diferente, como sucedeu com Pedro na casa de Cornélio: "Vós bem sabeis que a um judeu é proibido relacionar-se com um estrangeiro ou entrar em sua casa. Ora, Deus me mostrou que não se deve dizer que algum homem é profano ou impuro" [At 10,28].

8. Caminhar ecumenicamente com outras comunidades cristãs no anúncio inculturado e libertador do evangelho, e com as outras religiões e pessoas de boa vontade, na solidariedade com os povos originários, com os pobres e pequenos,





na defesa dos seus direitos e na preservação da Casa Comum.

9. Instaurar em nossas igrejas particulares um estilo de vida sinodal, onde representantes dos povos originários, missionários e missionárias, leigos e leigas, em razão do seu batismo, e em comunhão com seus pastores, tenham voz e voto nas assembleias diocesanas, nos conselhos pastorais e paroquiais, enfim em tudo que lhes compete no governo das comunidades.

10. Empenhar-nos no urgente reconhecimento dos ministérios eclesiais já existentes nas comunidades, exercidos por agentes de pastoral, catequistas indígenas, ministras e ministros e da Palavra, valorizando em especial seu cuidado em relação aos mais vulneráveis e excluídos.

11. Tornar efetiva nas comunidades a nós confiadas a passagem de uma pastoral de visita a uma pastoral de presença, assegurando que o direito à Mesa da Palavra e à Mesa de Eucaristia se torne efetivo em todas as comunidades.

12. Reconhecer os serviços e a real diáconia do grande número de mulheres que hoje dirigem comunidades na Amazônia e procurar consolidá-los com um ministério adequado de mulheres dirigentes de comunidade.

13. Buscar novos caminhos de ação pastoral nas cidades onde atuamos, com protagonismo de leigos e jovens, com atenção às suas periferias e aos migrantes, aos trabalhadores e aos desempregados, aos

estudantes, educadores, pesquisadores e ao mundo da cultura e da comunicação.

14. Assumir diante da avalanche do consumismo um estilo de vida alegremente sóbrio, simples e solidário com os que pouco ou nada têm; reduzir a produção de lixo e o uso de plásticos, favorecer a produção e comercialização de produtos agroecológicos, utilizar sempre que possível o transporte público.

15. Colocar-nos ao lado dos que são perseguidos pelo profético serviço de denúncia e reparação de injustiças, de defesa da terra e dos direitos dos pequenos, de acolhida e apoio a migrantes e refugiados. Cultivar amizades verdadeiras com os pobres, visitar as pessoas mais simples e os enfermos, exercitando o ministério da escuta, da consolação e do apoio que trazem alento e renovam a esperança.

Conscientes de nossas fragilidades, de nossa pobreza e pequenez diante de tão grandes e graves desafios, confiamo-nos à oração da Igreja. Que sobretudo nossas Comunidades Eclesiais nos socorram com sua intercessão, afeto no Senhor e, sempre que necessário, com a caridade da correção fraterna.

Acolhemos de coração aberto o convite do Cardeal Hummes para nos deixarmos guiar pelo Espírito Santo nestes dias do Sínodo e no retorno às nossas igrejas: “Deixem-se envolver no manto da Mãe de Deus e Rainha da Amazônia. Não dei-



xemos que nos vença a autorreferencialidade, mas sim a misericórdia diante do grito dos pobres e da terra. Será necessária muita oração, meditação e discernimento, além de uma prática concreta de comunhão eclesial e espírito sinodal. Este sínodo é como uma mesa que Deus preparou para os seus pobres e nos pede a nós que sejamos aqueles que servem à mesa”.

Celebramos esta Eucaristia do Pacto como “um ato de amor cósmico. Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar duma igreja de aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo”. A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo saindo das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico “a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador”. “Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira”.

Que Nossa Senhora da Amazônia, a mãe querida que cuida com carinho e preocupação de toda a Região Pan-Amazônica, se compadeça do sofrimento dos povos crucificados; se compadeça dos seres humanos exterminados pela ganância e pela falta de caráter das elites que desde a conquista usam de todos os tipos de violência para dominar e prosperar

em seus interesses egoístas. Que o seu cântico chegue novamente aos ouvidos e ao coração de Deus: “Agiu com a força de seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias” (Lc 1,51-53).

Que a Teologia seja agora e sempre sinônimo de *Amazonizar!*

Que Deus nos faça sempre felizes e dispostos a conjugar em todos os tempos o verbo *Amazonizar!*

Louvado seja o verbo *Amazonizar!*
Awire!

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas; Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2019.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si’* – Louvado Sejas – sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. *Querida Amazônia* – Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Documentos Pontifícios 43. Brasília: Edições CNBB, 2020.

PACTO DAS CATACUMBAS PELA CASA COMUM. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/190-sinodo/593633-pacto-das-catacumbas-pela-casa-comum-por-uma-igreja-com-rosto-amazonico-pobre-eservido->



ra-profetica-e-samaritana. Acesso em: 22 nov. 2021.

SBARDELOTTI, Emerson; BARBOSA, Lula. *Bem Viver*. In: *Canal Músicas da Caminhada*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UYC3xlaYt70&list=PLm-g0xAFrNYcX3itMOYs5ThSazjCjZ9BHX&index=365&t=0s>.

Acesso em: 10 fev. 2020.

SÍNODO DOS BISPOS. *Amazônia: novos caminhos*

para a Igreja e para uma ecologia integral. Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica – Documento Final. Brasília: Edições CNBB, 2019.



Amazonizar: compromissos e horizontes ecológicos



Foto: Marcos Mello / Adobe Stock

Márcia Maria de Oliveira¹

Neste breve artigo retomamos algumas reflexões apresentadas no 'Painel 02 - Documento Final e Querida Amazônia: Compromissos e horizontes ecoteológicos para os novos caminhos' apresentados no Segundo Encontro de Ecoteologia realizado pela Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM-Brasil, em 17 de agosto de 2021. O artigo retoma o itinerário do caminho sinodal e atualiza os desafios da sinodalidade à luz da Ecoteologia, tema transversal dos documentos que fundamentaram o

Sínodo Especial para a Amazônia. 'Amazonizar representa uma síntese dos antigos e novos desafios da Amazônia apresentados nos documentos sinodais e na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, que nos apresenta um conjunto de caminhos que representam um itinerário de grande importância para a Igreja na Amazônia. Fundamentado em percursos sociais, culturais e ecológicos, o itinerário aponta para uma Igreja que escuta o clamor do povo amazônico, num território ameaçado e marcado pela morte. *Querida Amazônia* reconhece e confirma que o Sínodo para a Amazônia inaugura um novo tempo para a toda Igreja. Tempo do escutar, refletir e agir, pois "a Amazônia arde em chamas e já não pode mais esperar", afirma o documento aprofundado no Segundo Encontro de Ecoteologia da REPAM.

¹ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia; professora e pesquisadora da Universidade Federal de Roraima; assessora da REPAM.





Introdução

O Documento Final da Assembleia Sinodal apresentou um diagnóstico preciso e completo dessa imensa região considerada uma das mais complexas, diversificadas e desafiadoras regiões do mundo, ameaçada pela cobiça e ganância de interesses internos e internacionais. Uma região com seus recursos hídricos, florestais e do subsolo em permanente exploração desde a colonização, culminando com a destruição de povos, culturas e saberes ancestrais.

A sinodalidade [caminhar juntos/as] foi o fio condutor da Assembleia Sinodal e o caminho do discernimento sob a orientação do Papa Francisco, para escutar a realidade, discernir os possíveis caminhos e promover ações que venham ao encontro das necessidades da região, pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta.

A síntese de todo o processo sinodal está sistematizada na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, assinada pelo Papa Francisco, que convida toda Igreja a olhar para a Amazônia com o cuidado que a região exige, num contexto histórico complexo que urge por itinerários de luzes e esperanças. Diante disso, o Papa Francisco apresenta a proposta de um caminho fundado em quatro sonhos profundamente teológicos como aqueles sonhados pelos profetas comprometidos com a luta de seu povo e com a transformação da

sociedade injusta.

São sonhos de libertação em tempos de escravidão, opressão e destruição da Casa Comum. O 'sonho ecológico' [QUERIDA AMAZÔNIA, n. 41-60] é o sonho feito de águas profundas que recolhe os gritos da Amazônia, na profecia da contemplação, que promove uma educação ecológica capaz de mudar nossa relação com a natureza entendendo que "tudo está interligado nesta casa comum" [LS, n. 91].

A crise ecológica, amplamente discutida e aprofundada em todo o processo sinodal é uma crise social, gerada pelas desigualdades sociais, econômicas e de gênero, que representa uma afronta à Casa Comum e conduz milhões de pessoas para a situação de pobreza, miséria e exclusão em todo o mundo.

A crise ecológica é ampla e complexa e exige um processo profundo de conversão ecológica que questione os padrões culturais, econômicos e sociais, o modo de vida capitalista com suas formas de produção, consumismo exacerbado, acumulação do lucro e das riquezas, a obsolescência, o desperdício e a produção descontrolada do lixo material e humano.

A conversão ecológica exige o reconhecimento do pecado ecológico e uma mudança profunda orientada por uma evangelização fundamentada na Teologia da Criação e no compromisso com o cuidado [zelo amoroso] da nossa Casa Comum. A conversão ecológica desafia o reconhecimento da Terra como sujeito de direitos e pede que escutemos o "grito da terra" que clama e espera uma res-





posta ecoteológica a tudo que provoca dor e sofrimento.

O Sínodo para a Amazônia acontece em um momento de grande urgência climática e de uma profunda crise socioambiental. É indispensável uma conversão ecológica, que implica mudanças de mentalidade, de estilo de vida, nos modos de produção e práticas de acumulação, consumo e desperdício. Já sabemos que “mais tarde, será tarde demais”!, afirma o Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si’*.

À luz da Encíclica *Laudato Si’*, a Ecoteologia fundamenta-se numa reflexão permanente do cuidado da Casa Comum e exige uma profunda conversão à Espiritualidade Ecológica com impactos em todas as dimensões da vida (social, política, econômica, cultural, religiosa...). Ao mesmo tempo, representa uma dimensão da Ecoteologia Integral ensinada pela experiência milenar dos povos indígenas, do aprendizado permanente dos camponeses(as), das comunidades quilombolas (afrodescendentes) e demais povos e comunidades tradicionais, com suas vivências e espiritualidades. A Ecoteologia Integral é uma importante referência para o aprofundamento teológico e pastoral, em perspectiva ecumênica e inter-religiosa, tendo em vista o desenvolvimento de uma Doutrina Socioambiental da Igreja. Aliada à opção preferencial pelos pobres, o Sínodo para Amazônia oportuniza uma opção preferencial pela Criação na perspectiva da Ecoteologia Integral, enquanto ainda há tempo, assumindo a missão do cuidado da Casa Comum, propondo linhas de ação institucionais que promovam o respeito pelo meio ambiente.

A Ecoteologia se projeta nos programas de formação formais e informais sobre o cuidado da Casa Comum para agentes pastorais e todos os fiéis, abertos à comunidade inteira’, em “um esforço de formação das consciências”, denunciando a violação dos direitos humanos e a destruição extrativista².

‘Amazonizar’ como convocação à sinodalidade

Em pleno processo sinodal, as escutas realizadas em toda Pan-Amazônia durante a segunda metade de 2018, apontaram muitas novidades. Uma delas foi a pertinência da reinvenção do verbo *amazonizar*³. Trata-se de um novo vocábulo a ser incluído futuramente à gramática da língua portuguesa, graças à sua popularidade a partir do Sínodo para a Amazônia.

Até onde se sabe, o termo *amazonizando* foi usado pela primeira vez em 2005 [HECK; LOEBENS; CARVALHO, 2005] com o sentido de ter a Amazônia como tema indispensável para quem está preocupado com o futuro do planeta. Por sua vez, o termo *amazonizar* foi usado por Dom Moacyr Grechi, em 2005, no

2 Síntese dos documentos: *Instrumentum Laboris*, 214; Encíclica *Laudato Si’* capítulos V e VI; *Instrumentum Laboris*, 56.

3 *Amazonizar* é um neologismo de um verbo de ação que indica primeiramente um extenso e intenso processo de estudo e conhecimento sobre a Amazônia. É preciso conhecer para amar, proteger e defender, evocam os clamores dos povos da Amazônia em praticamente todos os relatórios das Escutas Sinodais realizadas nas pequenas comunidades, nos fóruns amplos de debates nacionais e internacionais, nas assembleias territoriais realizadas em todas as dioceses e prelazias da Amazônia.





artigo “Mutirão pela Amazônia: espírito missionário e sensibilização da sociedade” [GRECHI, 2005]. Neste artigo, o bispo aponta a necessidade de a Igreja *amazonizar* o Brasil com ações de formação para a Ecoteologia, e de uma educação que eduque para a proteção ambiental, para a paz e solidariedade a partir da Amazônia.

Sínodo da Amazônia e os desdobramentos do processo sinodal despertaram a preocupação de muitas pessoas que não estão acostumadas a ser questionadas sobre sua atuação pessoal, social ou institucional com relação a uma temática que realmente incomoda: a questão ambiental. O modelo de sociedade baseado na Ecoteologia Integral desafia a sociedade a se deixar *amazonizar*, para *amazonizar* as cidades, o coração da Igreja e dos governantes, e o mundo inteiro. É o projeto que se contrapõe à internacionalização da Amazônia. Significa garantir os direitos humanos dos povos que vivem e convivem diariamente com as florestas, rios e lagos sem desmatar, queimar ou contaminar. “É preciso haver padres, religiosos(as), leigos e leigas capazes não apenas de falar sobre o meio ambiente, mas de ancorá-lo em problemas reais. Isso não foi feito, e é por isso que a mensagem [da Encíclica *Laudato Si'*] não teve o impacto que

deveria ter tido” [Papa Francisco em Puerto Maldonado, 19 de janeiro de 2018]⁴.

O mundo amazônico pede que sejamos seu aliado [FRANCISCO, 2019b, n. 14]. A Igreja deve reafirmar mundialmente a Pan-Amazônia, com seus aspectos culturais, alta diversidade biológica e a proteção do equilíbrio ecológico, como um órgão vital para o planeta, e que a harmonia com a Casa Comum deve garantir

os territórios para os povos originários e populações tradicionais, de forma a proporcionar a sua integridade física e bem-estar.

É caminhar para declarar [com profecia e audácia] a Amazônia como Santuário Intangível e Imemorial da Casa Comum, e decretar uma longa moratória das atividades extrativas predatórias, petroleiras e mineradoras, e de produção agropecuária extensiva que destroem florestas e rios, assegurando o direito à consulta livre, prévia e informada das populações para todas as atividades econômicas propostas para esses territórios [Convenção 169 da OIT]. “Toda a atividade da Igreja na Amazônia deve começar pela integralidade do ser humano (vida, território e cultura)”



**“O mundo amazônico pede que
sejamos seu aliado.”**

Papa Francisco

⁴ Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2018/03/mensagem-do-papa-amazonia-inspira-esperanca-sera-ira-trazer-aco-es/>. Acesso em: 15 ago. 2021.



[FRANCISCO, 2019b, n. 49]. Nessa perspectiva se amplia a noção de justiça e comunicação intergeracional, que inclui a transmissão da experiência ancestral, cosmologias, espiritualidades e teologias dos povos indígenas, em volta do cuidado da Casa Comum.

A humanidade caminha para o reconhecimento da Natureza como sujeito de direito; assim, os humanos não podem mais submeter os recursos da Natureza a uma exploração meramente comercial ilimitada, que coloca em risco a própria humanidade dependente de uma mentalidade colonialista e utilitarista em busca do lucro. Natureza como sujeito de direito tem no Bem Viver um modelo de sociedade universal [FRANCISCO, 2019b, n. 12].

O Bem Viver reconhece a natureza como sujeito de direito e entende a Amazônia, enquanto território multidimensional e multiétnico, um *lócus* importante para um movimento em prol da Ecoteologia Integral. Na perspectiva do Bem Viver, a sociodiversidade é a base da vida, dos sistemas de trocas e das diversas formas de cooperação, numa permanente inter-relação que reconhece que tudo está interligado.

Ao assumir o Bem Viver como projeto de sociedade, a Igreja se transforma em horizonte de libertação e aponta o caminho para a conversão ecológica, por meio de uma consciência ecológica inserida no processo de formação e iniciação à vida cristã; a vivência da Ecoteologia, que resgata elementos fundamentais da doutrina e da espiritualidade cristãs, com o novo olhar do pensar ecológico; uma ecoespiritualidade que se valorizada, dará destaque às fontes de espiritualidade e à valorização do

patrimônio espiritual cristão.

Reconhecer que a Ecoteologia Integral é capaz de integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra quanto o clamor dos pobres [LS, n. 49].

“Para cuidar da Amazônia, as comunidades originárias constituem interlocutores indispensáveis, pois em geral são precisamente elas que melhor cuidam de seus territórios [LS, n.149], e organizadas defendem seus territórios como fazem os povos indígenas, verdadeiros ‘guardiões da floresta’.

Na resignificação do verbo *amazonizar*, apresenta-se a palavra com muitos significados, dependendo de onde é acionada e dos objetivos que se propõe. No campo político, é uma resposta ao disparate economicista da internacionalização da Amazônia. Ao invés de internacionalizar a Amazônia, propõe-se concretamente *amazonizar* o mundo. Isso significa carregar o mundo de sentido, de sensibilidade, de contemplação, de admiração e comprometimento para com a obra da criação presente na exuberância da Amazônia. Evoca respeito às identidades culturais forjadas a partir da relação de respeito e de convivência com a natureza.

Nessa perspectiva, *amazonizar* é o mesmo que encontrar o *locus* ou o lugar comum de cada um e cada uma na grande Casa Comum, e compreender que a terra, a floresta e os rios simbolizam o *locus* da organização social e política, lugar da produção e transmissão de práticas sustentáveis que se encontram em todos os lugares da Amazônia. Do latim, *locus* significa literalmente “lugar”, “posição”, “local”.





Representa o “lugar”. Para os povos ameríndios, a Amazônia representa a sua casa coletiva, seu lugar por excelência. Para os Povos da Amazônia, a terra não é propriedade, é lugar e espaço vivencial.

A Amazônia da Casa Comum não é terreno nem gleba que se negocia no mercado imobiliário. É *locus* e território imaginado, sentido e vivenciado. Lugar da memória e do respeito aos antepassados. É o lugar da Agroecoteologia, do extrativismo responsável voltado para a sobrevivência, da pesca, da festa, dos jogos e danças tradicionais. Neste sentido, *amazonizar* representa o modo de se conviver com o bioma amazônico. Este é um grande desafio a ser reaprendido com os Povos Tradicionais da região, de maneira especial os povos indígenas, camponeses e ribeirinhos [OLIVEIRA, 2012].

Antecedentes históricos do verbo Amazonizar

Historicamente, em muitos contextos da Amazônia, o verbo *amazonizar* foi sendo evocado como memória de resistência a um processo intenso de violência praticado contra a Amazônia desde a colonização. Os relatos dos cronistas das primeiras viagens de portugueses e espanhóis, ao longo dos rios Solimões e Amazonas, nos séculos XVI e XVII, fazem inúmeras referências à abundância de alimentos que encontraram em todas as povoações ao longo dos rios principais e de seus afluentes, à alta densidade populacional de numerosas “nações” que habitavam a região [DANIEL,

2004, v. 1- 2].

Projeções feitas a partir de documentos e de pesquisas arqueológicas [SOUZA *et al.* 2018] estimam a população indígena, antes da colonização, entre 8 e 10 milhões de indígenas somente na Amazônia. A perspectiva histórica desses povos foi interrompida de forma brusca e violenta pelo projeto colonial [PORRO, 2006] que, valendo-se da guerra, da escravidão, da ideologia religiosa e das doenças, provocou na Amazônia uma das maiores catástrofes demográficas da história da humanidade, além de um etnocídio sem precedentes [DANIEL, 2004, v. 1- 2].

Em debates mais específicos, realizados nos diversos fóruns do Processo Sinodal, o verbo *amazonizar* representou um esforço coletivo para tornar conhecidas as inúmeras experiências de convivência com a Amazônia, tanto no campo como nas cidades. Atualmente, muitas são as instituições preocupadas e empenhadas na busca de meios e possibilidades de uma convivência que retome e dê novos significados à construção de relações humanas baseadas em práticas de cooperação e de participação, buscando alternativas para se viver na lógica da economia solidária pautada na partilha e na solidariedade, nas relações de convivência, respeito e cuidado com a terra, as águas e as florestas.

A reinvenção do verbo *amazonizar* foi acrescida a partir de uma provocação à reflexão do tema da internacionalização da Amazônia, tendo por referência os debates levantados durante o processo de escuta do Sínodo para a Amazônia. De fato, o tema da





internacionalização da Amazônia não é novo e, frequentemente, vem à tona. De acordo com Medeiros [2012], o termo vem sendo acionado desde 1964. Entretanto, de acordo com o autor,

Há momentos específicos de maior ocorrência, como em 1989 [queda do muro de Berlim e, no Brasil, retomada de eleições diretas para presidente] e, com maior intensidade, em 1991 [CPI da Internacionalização da Amazônia; preparativos para a ECO-92; demarcação da terra indígena Yanomami]. Essas relações entre eventos históricos específicos e maior ocorrência da categoria na mídia escrita não são aleatórias, elas indicam que há um vínculo estreito entre leituras específicas sobre a conjuntura internacional e nacional [estratégias militares, mudanças na configuração das potências econômico-militares, crescimento de propostas ambientais] e novos arranjos político-institucionais nacionais. Essas relações impactam diretamente sobre as estratégias de difusão de um modo particular de conceber o território amazônico. [MEDEIROS, 2012, p. 129].

A internacionalização apareceu como alternativa dos governos militares quando nos a dívida externa atingia cifras exorbitantes e as estratégias políticas do entreguismo e da privatização pareciam ser a saída para o país. Nos frágeis processos de redemocratização iniciados em meados da década de 1980, o tema da internacionalização da Amazônia

continuava em pauta em recorrentes pronunciamentos em eventos internacionais. Entretanto, desde os primórdios da colonização, os povos dessa imensa região enfrentam as piores investidas internacionais sobre seu território e procuram resistir de forma coesa e organizada. De maneira especial, os inúmeros povos indígenas têm se posicionado em defesa da Amazônia e enfrentado todo tipo de violência e opressão por causa da luta em defesa da Ecoteologia Integral nesta grande Casa Comum.

A resistência à internacionalização da Amazônia e a defesa da soberania de seus povos se fizeram muito presentes nos relatórios das escutas sinodais em diversos grupos e fóruns de discussão. Em praticamente todos os relatórios das escutas, desde as rodas de conversa, passando pelas Assembleias Territoriais e chegando até os seminários e fóruns temáticos, os clamores dos povos da Amazônia se fizeram ouvir em defesa do ordenamento de seus territórios, especialmente os territórios tradicionais, apelando pela racionalidade do uso dos recursos naturais, de acordo com a proposta da Ecoteologia Integral, comprovada na vivência dos povos tradicionais [OLIVEIRA, 2019].

Nessa conjuntura, os povos da Amazônia propõem a *amazonização* do mundo e não a internacionalização da Amazônia [HECK; LOEBENS; CARVALHO, 2005]. Por isso, *amazonizar* encontra-se estreitamente relacionado com a proposta da Ecoteologia Integral que se faz presente nas práticas de cultivo e coleta de recursos naturais, que são baseadas no cui-





dado e no respeito pela natureza como parte da vivência coletiva. Para os povos indígenas, camponeses, afrodescendentes, quilombolas, seringueiros, ribeirinhos, pescadores, ambientalistas e gente simples das periferias das cidades, a Amazônia representa a casa comum de todos os povos. Na casa comum, todos e todas vivem do resultado do trabalho cotidiano, sem acumulação e sem exclusão. Isso é *amazonizar*.

Amazonizar como verbo do tempo presente no Processo Sinodal

O modelo de sociedade baseado na Ecológia Integral desafia a sociedade a se deixar *amazonizar*, para *amazonizar* as cidades, o coração da Igreja e dos governantes, e o mundo inteiro. Neste sentido, *amazonizar* é o projeto que se contrapõe a um modelo desenvolvimentista. Significa garantir os direitos humanos dos povos que vivem e convivem diariamente com as florestas, rios e lagos, sem desmatar, queimar ou contaminar. Significa um modo de vida que garanta direitos e dignidade para todas as pessoas num modelo de sociedade incluyente, justo e fraterno.

Por tudo isso, *amazonizar* é o verbo do tempo presente assimilado, reconhecido e retomado no processo sinodal. O coração da Igreja deixou-se *amazonizar* pelo texto-base que orientou a primeira etapa do processo sinodal posteriormente sistematizado no *Instrumentum Laboris*, o Documento de Trabalho que orientou a Assembleia Sinodal e a elaboração do Documento Final do Sínodo Especial para

a Amazônia.

Na conjuntura atual, *amazonizar* está estreitamente interligado com a defesa da Amazônia novamente entregue às chamas da destruição capitalista do agronegócio que vem enterrando florestas, rios, animais, peixes e povos inteiros debaixo de imensas plantações de soja, milho e gado sob o domínio do latifúndio que toma conta da Amazônia espalhando a morte em todo o bioma. Nesta perspectiva, *amazonizar* implica em tomada de posição radical no campo político, social, econômico e religioso, pois implica em reconhecer que matar a Amazônia e seus povos é pecado ecológico imperdoável.

O processo sinodal fez ecoar novamente o verbo *amazonizar* e colocou em marcha transformações profundas e necessárias que estão em curso na Amazônia desde os primórdios da colonização. Transformações que exigem mudanças de paradigmas de toda sociedade, de todo planeta na encruzilhada da difícil escolha entre a vida e a morte de toda a criação [OLIVEIRA, 2017].

A Exortação Pós-Sinodal Querida Amazônia se deixou amazonizar?

O processo sinodal culminou com a *Querida Amazônia*, a Exortação Pós-Sinodal assinada pelo Papa Francisco, que continua conjugando o verbo *amazonizar* quando nos convoca para fazer frente às economias destruidoras, como a mineração em todas as suas escalas, os setores madeireiro, energético e fabril, que vão abrindo/deixando rastros de destruição



em toda Amazônia. O documento nos apresenta um conjunto de caminhos que representam um itinerário de grande importância para a Igreja na Amazônia continuar *amazonizar*. Fundamentado em percursos sociais, culturais e ecológicos, o *itinerário amazonizar aponta para uma Igreja que escuta o clamor do povo amazônico* num território ameaçado e marcado pela morte.

Com a *Querida Amazônia* o Papa Francisco convida toda Igreja a olhar para a Amazônia com o cuidado que a região exige, num contexto histórico complexo que urge por itinerários de luzes e esperanças. Diante disso, o Papa Francisco apresenta a proposta de um caminho fundado em quatro sonhos profundamente teológicos como aqueles sonhados pelos profetas comprometidos com a luta de seu povo e com a transformação da sociedade injusta. São sonhos de libertação em tempos de escravidão, opressão e destruição da Casa Comum.

Querida Amazônia nos coloca diante do 'sonho social' que nos desperta e nos desinstala para colocar-nos em marcha de luta que exige coragem para *amazonizar* e denunciar todas as formas de violência que nosso povo sofre por causa da defesa e do cuidado da Casa Comum. O sonho social representa um outro modo de vida possível, baseado no Bem Viver e na participação coletiva. É o sonho que nos desperta e nos convoca para despir-nos do pensamento colonialista e mudar nosso pensamento e nossas práticas sociais apostando nas forças presentes nas comunidades indígenas, camponesas, ribeirinhas, quilom-

bolas, nas periferias das grandes cidades, nos círculos dos migrantes e refugiados, no protagonismo das mulheres e da juventude.

Como quem se deixou *amazonizar*, a Exortação papal *Querida Amazônia* nos apresenta o 'sonho cultural' do Papa Francisco e de todos nós. É o sonho que recobra a esperança guardada por milênios de anos pelos nossos ancestrais, manifestada de forma especial pelos Povos Indígenas, com seu testemunho profundo de luta e resistência histórica que suporta mais de quinhentos anos de colonização. *Amazonizar* neste itinerário cultural implica em reconhecer que os povos indígenas são depositários da diversidade cultural que representa uma grande riqueza para a Amazônia e para o mundo. Saber acolher e interagir com essa diversidade cultural é um caminho necessário para uma Igreja que quer se pautar pelo encontro e pelas trocas interculturais, que toma partido e assume a causa dos pobres e marginalizados, dos povos indígenas, camponeses, quilombolas, migrantes... em que todos e todas têm vez, voz e lugar.

Deixando-se *amazonizar*, o Papa Francisco nos apresenta na *Querida Amazônia* o 'sonho ecológico' semeado em 2015 na Encíclica *Laudato Si'*. Neste sonho, "tudo está interligado nesta Casa Comum" que é a Amazônia com seu bioma exuberante e ao mesmo tempo frágil e ameaçado. Este sonho nos desperta para nos somarmos com as lideranças socioambientais em defesa da Casa Comum, mesmo que tenhamos que pagar com nossas vidas. São muitas as vidas ceifadas na defesa do território. A terra está banhada em sangue e faz germinar





sementes de resistência cultivadas nas rodas sociais e movimentos populares que se deixam *amazonizar* e se encantar pelo mistério da criação na imensidão de nossos rios, pela beleza de nossas florestas, pelo perfume das flores de nossos cerrados e lavrados, pela diversidade de nossa espiritualidade contemplativa que nos permite ouvir o grito de dor que ecoa floresta adentro e rios afora.

Amazonizar, nesta perspectiva, é entender que a criação pede socorro, que as chamadas precisam ser apagadas, a contaminação das mineradoras, dos garimpos e do agronegócio precisa ser interrompida. *Amazonizar* o sonho ecológico é gritar com todos os povos que precisamos das águas puras que nos garantem o peixe nosso de cada dia. Por isso se faz necessário e urgente enfrentar os grilhões da avareza, da economia capitalista que espalha terror e morte ao povo e ao território.

No itinerário dos sonhos do Papa Francisco, a eclesiologia recolhe todos os caminhos percorridos e lança novos caminhos no horizonte da libertação para uma Igreja capaz de se deixar *amazonizar* e gerar vida nova alimentada pelos sacramentos como sinais de esperança, capaz de acolher e cultivar a diversidade de culturas, identidades e espiritualidades.

REFERÊNCIAS

DANIEL, Padre João. *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*. Apresentação de Vicente Salles. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, vol. 1- 2.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO. *Documento Final da Assembleia Sino-*

dal. Brasília: Edições CNBB, 2019a.

FRANCISCO. *Instrumentum Laboris* – Documento de Trabalho do Sínodo Especial para a Amazônia. Brasília: Edições CNBB, 2019b.

FRANCISCO. *Querida Amazônia* — Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Documentos Pontifícios 43. Brasília: Edições CNBB, 2020.

GRECHI, Moacir. Mutirão pela Amazônia: espírito missionário e sensibilização da sociedade. In: MATA, Pe. Raimundo P.; TADA, Ir. Cecília (Orgs.). *Amazônia, desafios e perspectivas para a missão*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 201-206.

HECK, Egon; LOEBENS, Francisco; CARVALHO, Priscila D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, n. 19, v. 53, 2005, p. 237-255.

MEDEIROS, Rodrigo A. L. de. *Decodificando a internacionalização da Amazônia em narrativas e práticas institucionais: governos da natureza no Brasil e nos EUA*. 2012. 319 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

OLIVEIRA, Márcia M. de. A casa de farinha como locus de transformação e alternativas de sustentabilidade. In: TORRES, I. C. (Org.). *O Ethos das mulheres da floresta*. Manaus: Editora Valer / Fapeam, 2012.

OLIVEIRA, Márcia M. de. Ecoteologia na Amazônia à luz da *Laudato Si'* na trilha dos povos ameríndios. *Revista de Ecoteologia*, Brasília, v. 2, 2. ed. nov. 2017, p. 13-20.

OLIVEIRA, Márcia M. de. Desafios e perspectivas do processo de preparação do Sínodo Especial para Amazônia. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, Ano XXVII, n. 94, jul/dez 2019, p. 8-20.





PORRO, João. Um tesouro redescoberto: os capítulos inéditos da Amazônia de Pe. João Daniel. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 2006, n. 43, p. 127-147.

nications 9[1], 2018, p. 1125.

SOUZA, Jonas G.; SCHAAN, Denise P.; ROBINSON, Mark *et al.* Pre-Columbian earth-builders settled along the entire southern rim of the Amazon. *Nature Commu-*



Ecoteologia e sinodalidade decolonial na perspectiva dos povos indígenas

Márcia Maria de Oliveira¹
Gilmara Fernandes Ribeiro²
Jama Peres³

Este breve artigo é uma singela contribuição e uma forma de compartilhar breves memórias do processo sinodal que conduziu a Igreja da Amazônia no processo preparatório ao Sínodo Especial para a Amazônia, intitulado 'Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral'. Ao mesmo tempo, apresentamos alguns resultados no processo pós-sinodal em pleno andamento. Recolhe fragmentos dos principais documentos preparatórios, do Do-



Foto: Wallace Teixeira / Shutterstock.com

cumento Final da Assembleia Sinodal e da Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia*. Traz para o debate a temática da Ecologia Integral que foi o tema transversal do Sínodo, passando, necessariamente pelo debate da Encíclica *Laudato Si'* à luz da ecoteologia. Por fim, apresenta a sinodalidade como caminho e caminhada da Igreja da Amazônia e uma orientação para toda Igreja descolonizar suas práticas e metodologias pastorais à luz da sinodalidade, o que representa importantes rupturas nos itinerários de toda Igreja num processo de aprendizado com os Povos Indígenas.

Introdução

No seu anúncio do Sínodo Especial para a Amazônia, em 15 de outubro de 2017, o Papa Francisco enfatizava o caráter abrangente do sínodo, sua preocupação em apontar novos caminhos para a evangelização e o desafio da escuta aos Povos Indígenas:

1 Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia; Professora da Universidade Federal de Roraima; Assessora da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM);

2 Mestre em Antropologia Social; Coordenadora da Pastoral Indigenista de Roraima; Comitê Roraima da REPAM.

3 Mestre em Letras; Liderança do Povo Wapichana Brasil/Guiana; Eixo Juventudes da REPAM.





Atendendo o desejo de algumas Conferências Episcopais da América Latina, assim como ouvindo a voz de muitos pastores e fiéis de várias partes do mundo, decidi convocar uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. O Sínodo será em Roma, em outubro de 2019. O objetivo principal desta convocação é identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também por causa da crise da Floresta Amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta. Que os novos Santos intercedam por este evento eclesial para que, no respeito da beleza da Criação, todos os povos da terra louvem a Deus, Senhor do universo, e por ele iluminados, percorram caminhos de justiça e de paz⁴.

O anúncio do Sínodo representa um prenúncio da intensa, ativa e efetiva participação dos Povos Indígenas em todo o processo sinodal com importantes logros para a Igreja e para as lutas e resistências desses povos.

Em sua convocatória oficial o Papa Francisco afirmou que o Sínodo deveria “debater temas relacionados à evangelização dos Povos

da Amazônia, as possibilidades de uma Ecologia Integral e as lições de convivência e de cuidado com a criação que os Povos Indígenas ensinam para todo o planeta”, e enfatizava: “é bom que agora sejais vós próprios a auto-definir-vos e a mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos escutar-vos”. É o que expressa o Papa Francisco em Porto Maldonado, na abertura oficial do Sínodo Especial para a Amazônia, em 18 de janeiro de 2018⁵.

A ênfase à escuta aos Povos Indígenas nas suas mais variadas línguas, etnias e experiências culturais, nas florestas e nas cidades da Amazônia, foi constante em todo o processo preparatório, durante a Assembleia Sinodal e no processo pós-sinodal. A frase “precisamos escutar-vos” soou como um verdadeiro mandato do Papa Francisco para toda a Igreja. Nas suas organizações internas e internacionais, os Povos Indígenas participaram ativamente de todo o processo sinodal e revelaram seu entendimento e vivência da Ecologia Integral como projeto de vida e de sociedade baseado no Bem Viver. Também nos ensinaram a prática da sinodalidade, tão cara ao Papa Francisco e a todo o colegiado da Assembleia Sinodal.

A sinodalidade na perspectiva

4 Anúncio do Sínodo Especial para a Amazônia realizado em outubro de 2019. Disponível em: <https://www.cnbbr.org.br/convocado-um-sinodo-especial-para-a-amazonia-a-ser-realizado-em-outubro-de-2019/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

5 O Sínodo da Amazônia começou em Puerto Maldonado. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e por uma ecologia integral. É um tema que contém poucas, mas significativas palavras que expressam o conteúdo e a finalidade que levaram à convocação do Sínodo, e delinearão o primeiro encontro no Vaticano. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-04/sinodo-da-amazonia.html>. Acesso em: 20 jul. 2020.





da descolonização

A sinodalidade, palavra latina que significa caminhar juntos(as), foi o fio condutor da Assembleia Sinodal e o caminho do discernimento sob a orientação do Papa Francisco, para escutar a realidade, discernir os possíveis caminhos a serem trilhados e promover ações que venham ao encontro das necessidades da região pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta. A sinodalidade fundamenta-se na Constituição Apostólica *Episcopalis Communio (EC)* sobre o Sínodo dos Bispos, lançada pelo Papa Francisco em 2018, em pleno processo sinodal na Amazônia.

O Sínodo dos Bispos deve tornar-se cada vez mais um instrumento privilegiado de escuta do Povo de Deus: Para os Padres sinodais, pedimos, do Espírito Santo, antes de mais nada o dom da *escuta*: escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade de Deus que nos chama. Por isso, embora na sua composição se configure como um organismo essencialmente episcopal, o Sínodo não vive separado do resto dos fiéis. Pelo contrário, é um instrumento adequado para dar voz a todo o povo de Deus precisamente por meio dos bispos, constituídos por Deus autênticos guardiões, intérpretes e testemunhas da fé de toda a Igreja, mostrando-se de Assembleia em Assembleia uma expressão eloquente da sinodalidade

de como dimensão constitutiva da Igreja [FRANCISCO, 2018, n. 6].

O processo sinodal, nesta perspectiva da sinodalidade proposta na *Episcopalis Communio*, se baseia numa atitude permanente de escuta e discernimento, especialmente daquela porção do povo de Deus que foi negligenciada nos espaços de fala desde a colonização. A sinodalidade representa uma mudança de paradigmas nas relações de poder da Igreja, na qual o bispo passa a ser ouvinte numa atitude permanente de escuta que dá voz ao povo.

A sinodalidade aponta para uma importante mudança no lugar de fala. Esta mudança foi amplamente experimentada durante todo o processo sinodal por meio dos diversos instrumentos preparatórios que promoveram a escuta de pequenos grupos das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, de grupos de mulheres, jovens, comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas, grupos de terreiro de matriz africana, grupos de outras confissões religiosas, movimentos sociais, universidades, instituições internacionais que atuam na Amazônia como parceiras na defesa dos direitos humanos e das questões ecológicas⁶. Em clima de sinodalidade, foram realizados diversos seminários, inclusive no âmbito acadê-

6 Os relatórios dos diversos grupos, movimentos sociais, organismos pastorais, dioceses e prelazias foram sistematizados pela Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM, num documento denominado Síntese das Escutas do Processo Sinodal. Este documento sinaliza a participação direta de cerca de 100 mil pessoas na primeira fase do processo sinodal de junho a dezembro de 2018. Estão disponíveis para consulta no site da REPAM [http://repam.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Hacia-el-Sinodo-Panamazonico_Libro-digital-Ultimo.pdf].





mico, fóruns de debate, mesas-redondas, rodas de conversas, em todas as instâncias de participação coletiva da Igreja Católica na Pan-Amazônia e em outras regiões.

Enquanto metodologia, a sinodalidade coloca em debate modelos de participação popular capazes de gerar processos profundos de transformação observados nas experiências das Comunidades Eclesiais de Base nas décadas de 1980-1990 em toda Pan-Amazônia. Nesta perspectiva, o sínodo dá continuidade ao processo de descolonização da atuação pastoral da Igreja que passa pelo discurso e pelas práticas religiosas e pastorais. Entretanto, trata-se de uma tarefa difícil porque a descolonização implica também em mudanças profundas no pensamento da Igreja. Acionada inúmeras vezes no Documento Preparatório e no *Instrumentum Laboris*, a descolonização implica renunciar a valores etnocêntricos que não respeitam as demais culturas e seus valores. Implica reconhecer os saberes, as ciências e as espiritualidades de outros povos com suas línguas, costumes e culturas. Em poucas palavras, respeitar o outro na sua diferença e não o nivelar numa cultura hegemônica, como a proposta pelo capitalismo que não se encontra apenas no aspecto econômico, mas, incide também com grande força na produção do

pensamento, da religião, da moral, da ética e da política. Descolonizar as práticas pastorais e o pensamento religioso é um dos grandes desafios a que se propõe o Sínodo da Amazônia.

O n. 56 do *Instrumentum Laboris* pontua:

O desafio que se apresenta é grande: como recuperar o território amazônico, resgatá-lo da degradação neocolonialista e devolver-lhe seu bem-estar saudável e autêntico? Desde há milhares de anos devemos às comunidades aborígenes o cuidado e o cultivo da Amazônia. Em sua sabedoria ancestral cultivaram a convicção de que a criação inteira está interligada, o que merece nosso respeito e responsabilidade. A cultura da Amazônia, que integra os seres humanos com a natureza, se constitui como referente para construir um novo paradigma da ecologia integral. A Igreja deveria assumir em sua missão o cuidado da Casa Comum (FRANCISCO, 2019a, n. 56).

No pensamento neocolonial, não há nenhum entendimento de uma Casa Comum. As casas são privadas. Tudo é propriedade privada e cada um cuida do que é seu, e ninguém se preocupa com a casa de ninguém. Pensar a



Como recuperar o território amazônico, resgatá-lo da degradação neocolonialista e devolver-lhe seu bem-estar saudável e autêntico?





Casa Comum implica em mudar drasticamente o pensamento neocolonialista e passar a pensar e encarar coletivamente os problemas que afetam toda sociedade, como a questão ambiental, a fome, a miséria e o empobrecimento de sociedades inteiras. Pensar juntos e buscar saídas coletivas é o grande desafio. Mas, para isso, é preciso descolonizar o pensamento etnocêntrico. *Instrumentum Laboris* aprofunda o tema da família e seus desafios na Amazônia e afirma:

Na Amazônia a família foi vítima do colonialismo no passado e de um neocolonialismo no presente. A imposição de um modelo cultural ocidental inculcava um certo desprezo pelo povo e pelos costumes do território amazônico, e chegava-se a qualificá-los como “selvagens”, ou “primitivos”. Atualmente, a imposição de um modelo econômico ocidental extrativista volta a atingir as famílias, invadindo e destruindo suas terras, suas culturas e suas vidas, forçando-as a migrar para as cidades e suas periferias (FRANCISCO, 2019a, n. 76).

Nessa perspectiva, a ruptura com o pensamento neocolonial é fundamental para se repensar a Amazônia. Em muitas críticas que se tecem contra o Sínodo, seus arguidores continuam nos chamando de “selvagens”, ou “primitivos”, como o fizeram nossos colonizadores há mais de quinhentos anos atrás. A permanência destes vocábulos comprova que o pensamento neocolonial impede o avanço

das ideias e mantém seus seguidores atrasados no tempo e na história. No n. 103 o *Instrumentum Laboris* apresenta o colonialismo [domínio] relacionado com a

[...]mentalidade economicista-mercantilista, consumismo, utilitarismo, individualismo, tecnocracia, cultura do descartê. Uma mentalidade que se expressou historicamente em um sistema de domínio territorial, político, econômico e cultural que persiste de várias formas até os dias de hoje, perpetuando o *colonialismo*. Uma *economia* baseada exclusivamente no lucro como única finalidade, que exclui e atropela os mais fracos e a natureza, se constitui como ídolo que semeia destruição e morte. Uma mentalidade utilitarista concebe a natureza como mero recurso e os seres humanos como simples produtores-consumidores, violando o valor intrínseco e a racionalidade das criaturas. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários, ofuscando a responsabilidade em relação ao próximo, à comunidade e à natureza. O desenvolvimento tecnológico trouxe grandes benefícios para a humanidade mas, ao mesmo tempo, sua absolutização levou-o a ser um instrumento de posse, domínio e manipulação [cf. LS, n.106] da natureza e do ser humano. Tudo isto gerou uma cultura global predominante, a qual o Papa Francisco chamou “paradigma tecnocrático” (LS, n. 106). O resultado é





uma perda do horizonte transcendente e humanitário, onde se transmite a lógica do “usa e joga fora” [LS, n. 123], gerando uma cultura do descarte [LS, n. 22] que agride a criação [FRANCISCO, 2019a, n. 103].

Em muitas outras ocasiões, o *Instrumentum Laboris* apresenta o desafio da descolonização da Igreja e do pensamento hegemônico para se avançar na proposta do cuidado com a Casa Comum na perspectiva da Ecologia Integral como condição para se repensar os caminhos da “Igreja com rosto amazônico”. A grande maioria dos bispos da Pan-Amazônia têm levado isso muito a sério e vêm aprofundando a temática da descolonização em suas bases pastorais e elaborando propostas para se materializar a descolonização nas suas práticas e no pensamento teológico e eclesial.

Descolonizar o pensamento e as práticas é deixar-se *amazonizar*⁷ com outros valores e conhecer e experimentar outras possibilidades de convivência com a Amazônia, sem necessariamente destruir suas riquezas naturais, fonte de vida e esperança para seus povos e para toda humanidade.

De forma pedagógica, as diversas formas de reflexão e formação proporcionadas durante a

escuta sinodal contribuíram para se conhecer melhor a Amazônia, o modo de ser e de viver de seus povos, com seus recursos de uso coletivo, compartilhados num modo de vida não capitalista adotado e assimilado milenarmente. Desta forma, o processo sinodal reconheceu a espiritualidade e a sabedoria dos povos dessa imensa região, de modo especial dos Povos Indígenas, e entrou num processo de aprendizado mútuo e contínuo de discernimento para uma conversão pastoral e ecológica, apresentada como grande horizonte no *Instrumentum Laboris*, o documento de Trabalho da Assembleia Sinodal que levou a Roma os clamores e a presença viva destes povos em marcha de libertação, tendo em vista os novos caminhos para uma Igreja com rosto amazônico [OLIVEIRA, 2019, p. 10].

A descolonização das metodologias e práticas pastorais na sinodalidade

Reunidos na modalidade rodas de conversa ou círculos populares, os diversos grupos em suas comunidades, pastorais, paróquias ou dioceses, tiveram espaço para conversar, rezar e celebrar suas lutas e identidades culturais. Esta dinâmica contribuiu para reconhecer as lutas e resistências dos Povos da Amazônia que enfrentam mais de 500 anos de opressão e colonização com projetos desenvolvimentistas pautados na exploração desmedida e na destruição da floresta e dos recursos naturais.

No itinerário da sinodalidade, o *Sínodo Especial para a Amazônia* foi uma resposta do

⁷ Amazonizar foi uma expressão ou neologismo recuperada nas escutas sinodais e passou a ser utilizada para explicar a mudança de paradigmas com relação à Amazônia. Amazoniza-te foi tema de uma intensa campanha da REPAM no processo pós-sinodal que mobilizou muitos setores da sociedade em favor da Amazônia e de seus povos. Disponível em: <https://repam.org.br/tag/amazoniza-te/>





Papa Francisco às demandas das conferências episcopais dos países Pan-Amazônicos: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Guiana Francesa. Os bispos destes nove países formaram o Conselho Sinodal, que contou ainda com a presença de outros cardeais convidados pelo Papa Francisco para contribuírem com o debate e com especialistas em temas relacionados às questões centrais do Sínodo. Quem presidiu todo o processo sinodal até a Assembleia foi o Papa Francisco utilizando-se de uma metodologia que é eminentemente participativa baseada na Colegialidade. Nesta perspectiva, Ulloa e Lopes [2019, p. 207] salientam:

A proposta de Francisco amplia a compreensão do Sínodo como participação característica do colégio episcopal na solicitude pastoral universal e empenho missionário [CD, n. 5; AG, n. 29]. Sem desconfigurar a instituição canônico-pastoral do Sínodo dos Bispos, o Papa, com o uso do termo sinodalidade, propõe uma atitude a ser assumida por todo o corpo eclesial, ou seja, uma disposição permanente de sinergia, do esforço de caminhar juntos.

Orientadas pela metodologia da sinodalidade, todas as dioceses dos nove países da Pan-Amazônia realizaram inúmeras atividades em preparação às Assembleias Territoriais que recolheram e sistematizaram, de forma transparente e participativa, inúmeros relatórios das mais diversificadas atividades que promoveram ampla participação de toda co-

munidade católica neste processo denominado pelo documento preparatório de escuta sinodal – “escuta do povo de Deus” – conforme prevê o n. 6 da Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*.

Por isso, embora na sua composição se configure como um organismo essencialmente episcopal, o Sínodo não vive separado do resto dos fiéis. Pelo contrário, é um instrumento adequado para dar voz a todo o Povo de Deus precisamente por meio dos bispos, constituídos por Deus “autênticos guardiões, intérpretes e testemunhas da fé de toda a Igreja”, mostrando-se de Assembleia em Assembleia uma expressão eloquente da sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja [FRANCISCO, 2018, n. 6].

Praticamente todo o quinto capítulo do Documento Final da Assembleia Sinodal dedica-se ao aprofundamento do tema da sinodalidade numa perspectiva de itinerário metodológico e pastoral, que pressupõe instaurar nas igrejas particulares um estilo de vida inspirado na sinodalidade e na Ecologia Integral. Isso significa romper com estruturas rígidas e inaugurar outras metodologias pastorais mais leves e participativas, comprometidas com a revelação de Deus na caminhada do povo. Nessa perspectiva, a sinodalidade experimentada no processo sinodal implica em mudanças profundas na estrutura de toda Igreja, e não apenas na Amazônia. A este respeito, Ulloa e Lopes, assinalam:

A sinodalidade caracteriza-se, segundo





Atos dos Apóstolos, na convicção de que a presença do Ressuscitado é atualizada pelo Espírito Santo no caminho das comunidades desde Jerusalém até os confins do mundo [cf. At 1,8]. É o Espírito que qualifica a vida de todos os batizados para, no exercício da corresponsabilidade e da participação, responderem juntos, fiéis e pastores, com coerência ao chamado do Senhor. Por isso, a experiência da sinodalidade será sempre um caminho aberto que exigirá da Igreja, em todos os tempos, a coragem de viver, na história, um testemunho maduro e dinâmico capaz de ser sinal de comunhão e unidade [ULLOA; LOPES, 2019, p. 218].

De acordo com as características observadas pelos referidos autores, o Sínodo Especial para a Amazônia exercitou a sinodalidade em todo o seu processo preparatório e, de modo especial, durante a Assembleia Sinodal. Ao mesmo tempo, o processo sinodal apresentou elementos concretos de uma Igreja em saída, propostos em Medellín e Puebla. A este respeito, Sbardelotti afirma:

A Teologia Latino-Americana e Caribenha é construída com e por várias mãos, com e por vários rostos; bebendo do poço da Bíblia a partir de uma leitura popular, por um lado, e de uma pesquisa acadêmica abundante e perseguida por outro; bebendo do poço do Concílio Ecumênico Vaticano II, do Pacto das Catacumbas da Igreja Servidora e Pobre, dos Mártires da

Caminhada, da atualização do Vaticano II pela Conferência de Medellín e pela Opção pelos Pobres na Conferência de Puebla. Em sintonia com a Igreja em Saída sugerida e querida pelo Papa Francisco, segmentos estão sendo lançadas neste chão adubado com o sangue de mulheres e homens, que, no seguimento a Jesus de Nazaré, assumem, sem medo, todos os riscos e consequências, são testemunhas fiéis do que pede o Evangelho, são herdeiros de uma pedagogia e de uma prática libertadora [SBARDELOTTI, 2019, p. 7].

Fiel ao itinerário da sinodalidade, a 'Igreja Servidora e Pobre' caracterizada no quinto capítulo do Documento Final da Assembleia Sinodal, caminha com os pobres e vai assumindo na Amazônia o compromisso com as causas indígenas e camponesas, com os pobres das periferias das grandes cidades que concentram cerca de 83% da população, com os migrantes expulsos de seus países e territórios, com as mulheres. A metodologia participativa foi caracterizada pelo debate em torno da busca coletiva dos 'novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral', tema central do Sínodo [OLIVEIRA, 2019, p. 13].

Os itinerários da sinodalidade retomam as orientações de uma ecoteologia encarnada na vida e na história do povo da Amazônia e materializa a experiência da sinodalidade com bases e fundamentos nas Sagradas Escrituras, nas quais "a sinodalidade é expressa por meio de uma construção literário-teológica, que reflete e estimula uma práxis, um modo de ser e





agir. A experiência bíblica, portanto, chama o leitor, individual e coletivamente, a uma inserção progressiva e permanente no caminho, ao longo do qual Deus se revela (ULLOA; LOPES, 2019, p. 207).

A ecoteologia representa parte da materialização da proposta do Papa Francisco na Ecologia Integral apresentada para toda Igreja na Encíclica *Laudato Si'* publicada em 2015. A Ecologia Integral foi o tema transversal do Sínodo da Amazônia, do Documento Final e da Encíclica *Querida Amazônia*. Os “novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral” (FRANCISCO, 2019b) desafiaram e continuam desafiando o povo de Deus na Amazônia a apresentar para toda a Igreja universal um novo rosto que se configura nos rostos diversos dos Povos Indígenas, das mulheres, dos migrantes, dos jovens, dos pobres e excluídos na Amazônia.

A ecologia integral e a Teologia da Libertação possuem algo em comum: ambas partem de um grito. A ecologia do grito da Terra, dos seres vivos, dos ecossistemas agredidos pelo tipo de crescimento material ilimitado que não respeita os recursos limitados da Terra (BOFF, 2019, p. 1).

Na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia* o Papa Francisco reconhece e confirma que o Sínodo para a Amazônia inaugura um novo tempo para toda Igreja. Tempo do escutar, refletir e agir, pois “a Amazônia arde em chamas e já não pode mais esperar”, afirma o documento. *Querida Amazônia* apresenta um diagnóstico preciso e completo dessa imensa região considerada uma das mais complexas,

diversificadas e desafiadoras regiões do mundo, ameaçada pela cobiça e ganância de interesses internos e internacionais. Uma região com seus recursos hídricos, florestais e do subsolo, em permanente exploração desde a colonização, o que culmina com a destruição de povos, culturas e saberes ancestrais.

Didática e pedagogicamente organizada em quatro grandes eixos, **Querida Amazônia debate e propõe quatro sonhos na vida de toda Igreja:**

- “Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida”.

- “Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana”.

- “Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas”.

- “Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos” (FRANCISCO, 2020, n. 7).

Estes quatro sonhos desafiam a um permanente exercício da sinodalidade, que é a dimensão de comunhão participativa de toda a Igreja, atenta e disposta a escutar a realidade, discernir os possíveis caminhos a serem trilhados e promover ações que venham ao encontro com as necessidades da região pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta.





Hoje mais do que nunca precisamos cultivar o paradigma do cuidado, pois tudo, de certa forma, está descuidado. É o cuidado que dá origem a uma cultura da solidariedade contra a competição, da partilha contra o individualismo, da auto-limitação, contra os excessos do poder, do consumo sóbrio, contra o consumismo. Somente a incorporação do cuidado, como paradigma e como cultura, nos pode, segundo a encíclica papal 'Sobre o cuidado da Casa Comum', "alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo... uma mística que nos anima, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária" (n. 216). Para realizar esta diligência a Ecoteologia da Libertação teve que dialogar e aprender com os novos saberes das ciências da Terra e da vida. Especialmente é chamada a contribuir com os valores do respeito, da veneração e do cuidado, próprios da fé, valores fundamentais para uma ecologia integral. Finalmente uma Ecoteologia da Libertação testemunha, contra todas as ameaças, a esperança de que "Deus, o soberano amante da vida" (Sb 11,26) não permitirá que nossa humanidade, um dia assumida pelo Verbo da vida, venha desaparecer da face da Terra [BOFF, 2019, p. 1].

O cuidado da Casa Comum e de toda a vida que ela encerra é o centro da ecoteologia da libertação na perspectiva dos sonhos do Papa Francisco e engendra elementos profundos de transformação do modo de vida de

todas as sociedades.

A inspiração que vem dos Povos Indígenas

Para as lideranças indígenas que participaram do processo sinodal o fato de retomaram o lugar de fala proposto pelo Papa Francisco "veio confirmar a nossa participação nas comunidades e respeitar nossa maneira de ser igreja na Amazônia com nossa espiritualidade de respeito para com a criação, para com os ancestrais, para com as crianças", fala orgulhosa a senhora Madalena, catequista do Povo Indígena Macuxi da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima.

Para muitas lideranças indígenas, uma das maiores vitórias do processo sinodal foi o reconhecimento dos Povos Indígenas que vivem nas cidades da Amazônia. Foi o que constatou Marcivana Sateré-Mawé, a jovem líder indígena que participou da Assembleia Sinodal na qualidade de Auditora. Marcivana reconhece a importância da participação na Assembleia Sinodal para todos os Povos Indígenas que ela representa, mas, de modo especial para a mulheres que atuam como lideranças na linha de frente do movimento indígena, nas organizações locais, regionais e internacionais, e destaca o protagonismo de mulheres como

Sônia Guajajara, liderança da APIB [Articulação dos Povos Indígenas do Brasil], que é mãe, Nara Baré, que está na coordenação da COIAB [Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia





Brasileira), eu que estou à frente atualmente da COPIME [Coordenação dos Povos Indígenas de Manaus e Entorno], tantas outras lideranças mães que estão à frente das nossas organizações locais, mães que se juntam para fortalecer uma luta⁸.

A professora Enestina, do Povo Macuxi, também esteve em Roma durante a Assembleia Sinodal para representar o seu povo nas atividades da Tenda da Casa Comum⁹ e destaca a importância do Sínodo para os Povos Indígenas que “se sentiram acolhidos e respeitados pelo Papa Francisco e por toda a Igreja que historicamente os ignorou”. Ao mesmo tempo, a professora recorda que “muita gente veio de longe, da Alemanha, da Suíça, da Bélgica, da França e de tantos outros lugares, para nos perguntar como é nossa vida nas nossas comunidades. Eu fiquei muito feliz de saber que tem muita gente, especialmente os jovens que querem conhecer nosso modo de viver nas

nossas comunidades”. A professora e catequista lamenta “que ainda tem tanta gente que não reconhece o nosso valor. Mas, o Sínodo reconheceu o nosso valor”¹⁰.

Elves Ramires, do Povo Warao, um dos milhares de indígenas venezuelanos em deslocamento residindo na periferia de Boa Vista, recorda que “durante a preparação para o Sínodo nós participamos de muitas atividades na comunidade e foi bonito como nos deixaram falar. As pessoas da comunidade pareciam curiosas para saber da nossa vida. Pela primeira vez me senti acolhido e respeitado como indígena e como cristão em Boa Vista”. O jovem recorda que a maioria dos warao são católicos e que acreditam que “o Sínodo veio trazer esperança para os povos indígenas da toda a América Latina”. Desta forma, reconhece a abrangência do Sínodo da Amazônia.

Estas e muitas outras narrativas revelam que os Povos Indígenas realmente assumiram o lugar de fala no processo sinodal e que a Igreja passou a ter maior atenção e escuta a estes povos silenciados desde a colonização. Escutar os Povos Indígenas é um passo indispensável num processo importante de descolonização das práticas e discursos pastorais ainda muito marcados pelo neocolonialismo. De modo especial, os Povos Indígenas abriram caminhos importantes para compartilhar suas diversas experiências de espiritualidade, de

8 Ser mãe no mundo indígena. Entrevista concedida ao Padre Modino e a Silvonei José – Vatican News. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2021-05/ser-mae-no-mundo-indigena.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.

9 Espaço inspirado na experiência da Tenda dos Mártires organizada na Conferência de Aparecida (2007). Em Roma, a ‘Tenda Casa Comum’ teve lugar nas imediações da Igreja de Santa Maria em Traspontina (Via della Conciliazione, próximo à Praça São Pedro), em salas colocadas à disposição pelos Padres Carmelitas responsáveis pela paróquia romana. A Tenda não foi um espaço alternativo, mas esteve conectado ao Sínodo, que se realizou de 6 a 27 de outubro, para ajudar os padres sinodais a se manterem em sintonia com a realidade do território amazônico e com toda a reflexão sobre a missão na região. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-06/tenda-casa-comum-apresentada-jaime-patias-consolata.html>.

10 Fala da professora Enestina Macuxi por ocasião da apresentação do Documento Final na diocese de Roraima, no início de dezembro de 2019.





organização social e política, de vida comunitária baseada na simplicidade e na partilha.

Por fim, a sinodalidade experimentada pelos Povos Indígenas abre novos horizontes de compromisso e comprometimento de toda Igreja com a causa indígena. Desde a colonização os Povos Indígenas seguem tão ameaçados, mas, ao mesmo tempo, representam um testemunho de luta e resistência que faz recordar a vida dos primeiros cristãos e dos mártires.

Escutar os Povos Indígenas, conhecer seu modo de vida e reconhecer seu lugar na Igreja representa um convite à conversão ampla e profunda que questiona os padrões culturais, econômicos e sociais, o modo de vida capitalista que vem tomando conta de toda a sociedade com suas formas de produção e consumismo exacerbado, de acumulação do lucro e das riquezas, de obsolescência, de desperdício e da produção descontrolada do lixo material e humano (BAUMAN, 2017).

Num caminho sem volta, o Sínodo Especial para a Amazônia apresentou os Povos Indígenas para toda a Igreja, que se sentiu profundamente interpelada a conhecer seus sofrimentos históricos, a reconhecer sua diversidade cultural e sua espiritualidade como grandes valores a serem compartilhados com toda a Igreja. Ao mesmo tempo, na perspectiva da sinodalidade, a Igreja reconhece e abraça a luta dos Povos Indígenas em defesa da Amazônia e os respeita como verdadeiros “guardiões da floresta”.

Considerações finais

Como Igreja, ainda temos muito que apren-

der e reaprender com os Povos Indígenas nos itinerários da sinodalidade. Entretanto, o Sínodo para a Amazônia foi um passo importante que nos preparou para seguir em passos firmes no sentido de reconhecer e conferir aos agentes pastorais e catequistas, nas mais diversas realidades indígenas, os ministérios que lhes permitam acesso à Eucaristia como um direito, a condução das celebrações, o governo e a coordenação de suas comunidades.

Deveras, o Sínodo Especial para a Amazônia representa um modelo de descolonização em diversos aspectos. Desde o calar-se para ouvir todos os clamores da Amazônia até a participação ativa e efetiva das mulheres, dos leigos e leigas e dos Povos Indígenas na Assembleia Sinodal, o Sínodo se converteu em uma inspiração para toda a Igreja e um itinerário da ecoteologia da libertação de todos os pobres da terra orientados pelos saberes dos Povos Indígenas.

Conclui-se que o processo sinodal não foi apenas um evento eclesial. Representa mais uma etapa importante da história da Igreja na Amazônia e indica que os desafios estão por vir no processo pós-sinodal que implica na aplicação dos resultados das reflexões ecoteológicas e pastorais. Esta nova etapa promete mudanças importantes não somente para a Igreja da Amazônia, mas para a Igreja como um todo. Por fim, o Sínodo reforça a importância da Amazônia para o mundo e, ao mesmo tempo, desperta a sociedade para atuar em sua defesa e assumir as causas de seus povos que a vivenciam na perspectiva da Casa Comum.





REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BOFF, Leonardo. Ecologia e Teologia da Libertação. São Leopoldo: *Revista IHU online*, dezembro de 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594964-ecologia-e-teologia-da-libertacao>.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO. Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*. Documentos Pontifícios 36. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. *Instrumentum Laboris* – Documento de Trabalho do Sínodo Especial para a Amazônia. Brasília: Edições CNBB, 2019a.

FRANCISCO. *Documento Final da Assembleia Sinodal*. Brasília: Edições CNBB, 2019b.

FRANCISCO. *Querida Amazônia* – Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Documentos Pontifícios, 43. Brasília: Edições CNBB, 2020.

OLIVEIRA, Márcia M. Desafios e perspectivas do processo de preparação do Sínodo Especial para Amazônia. São Paulo: *Revista de Cultura Teológica*, Ano XXVII, n. 94, jul/dez 2019, p. 8-20.

SBARDELOTTI, Emerson. De Medellín a Puebla: uma

Igreja em Salda. *Reveleiteo* – Revista Eletrônica Espaço Teológico. São Paulo, v. 13, n. 24, jul/dez 2019, p. 7-21.

SÍNTESE REPAM. AA.VV. *Síntesis general de la red eclesial Panamazónica* – REPAM – Asambleas Territoriales, Foros Temáticos, Contribuciones.

ULLOA, Boris A. N.; LOPES, Jean R. Sinodalidade, caminho de comunhão e unidade, segundo Atos dos Apóstolos. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, Ano XXVII, n. 94, jul/dez 2019, p. 206-220.



Amazonizando a ecologia

Ima Célia Guimarães Vieira¹

Para aproximar-se do tema central deste texto de como amazonizar a ecologia, é relevante contextualizar os aspectos históricos e as diferentes abordagens em ecologia. Sem entrar em considerações científicas muito detalhadas, pode-se dizer que a ecologia como ciência se desenvolveu a partir da história natural no início do século XIX, e em 1866, o biólogo alemão Ernst Haeckel introduziu e deu fundamento ao termo ecologia [*eko+logos*]. Assim, a ecologia como campo de estudo sob a perspectiva biológica, teve grande crescimento e expansão, e veio a abranger todos os tipos de organismos e vários ecossistemas, do local ao global, passando de ciência descritiva para experimental e teórico-aplicada.

¹ Doutora em Ecologia, pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi e perita do Sínodo para a Amazônia.



Foto: Valter Calheiros

No Brasil, até a Independência em 1822, as atividades científicas descreviam a natureza, a fauna, a flora, os minerais e o homem que habitava o Novo Mundo. Na Amazônia, muitos naturalistas embrenharam-se na Floresta Amazônica a fim de coletar e pesquisar a vida dos ribeirinhos e indígenas e a riqueza da fauna e flora. No século XIX, com a Revolução Industrial e a ampliação das fronteiras do capitalismo, o Brasil passa a ser considerado como grande fornecedor de insumos para as fábricas da Europa (HOBBSAWM, 2002), e neste contexto, a Floresta Amazônica emerge como fonte inesgotável de matérias-primas e novos produtos.

Ao longo do século XX, a ecologia foi além dos limites da biologia e passou a transitar em vários outros campos. Ao se aproximar do campo das ciências sociais, desenvolve-se a Ecologia Humana, como um ramo que estuda as relações e as interações entre os seres humanos e o seu ambiente natural ou urbano e contribui com as bases teóricas do desenvolvimento sustentável atual. A sequência histórica





dessas abordagens fez surgir a Ecologia Profunda, que aponta para reflexões de ordem política, filosófica e espiritual, e a Ecologia Política, com abordagem dos conflitos socioambientais travados em torno dos problemas do uso e da apropriação dos recursos naturais e da gestão dos bens coletivos de uso comum.

O padrão sociogeográfico da Amazônia até meados do século XIX se organizava por meio dos rios, mas a partir de 1960 se estrutura um padrão de ocupação por meio de estradas, que inaugura a fase atual de violência e devastação da Amazônia [PORTO-GONÇALVES, 2015]. Com o processo de ocupação pelas estradas, os problemas ambientais amazônicos revelaram-se complexos e diversificados e exigiram novos olhares sobre a região para o entendimento dos impactos dos grandes projetos sobre os territórios e populações, a perda de biodiversidade, a degradação de corpos d'água e, mais recentemente, as mudanças climáticas.

Em uma região tão diversa e objeto de inúmeros interesses transnacionais, as populações tradicionais de extrativistas e de produtores familiares tiveram dificuldade de manter seus territórios e ter acesso à terra, às matas e aos rios, dos quais depende sua sobrevivência, ou são forçadas a conviver com a degradação

ambiental e social produzida por empreendimentos madeireiros, agropecuários e minerais. Essa situação levou a articulações entre os movimentos sociais e o movimento ambientalista, na década de 1980, em torno do socioambientalismo [SANTILLI, 2003], o qual se fundamenta na concepção de um novo paradigma de desenvolvimento que reconhece a diversidade cultural e os direitos culturais e territoriais espe-

ciais das populações tradicionais e promove a sustentabilidade ambiental e social, com reparação justa e equitativa dos benefícios derivados da exploração dos recursos naturais.

Adota-se no âmbito da Ecologia Humana, os enfoques sobre populações indígenas e caboclas, incluindo a ecologia cultural, etnobiologia e modelos de subsistência [ADAMS, 2000], além de outros estudos com colonos, populações afrodescendentes, pescadores e migrantes [MORAN, 1990], e questões ecológicas em um contexto mais social, com enfoque ambiental e conservacionista sobre os povos da Floresta Amazônica.

O debate em torno da questão socioambiental tornou-se, então, pauta na agenda ecológica amazônica. Nessa perspectiva, a participação de atores sociais, a construção de sujeitos coletivos, e a negociação entre interesses individuais e coletivos em torno da apropriação dos bens



Amazonizar a ecologia é garantir os territórios amazônicos para os povos indígenas e populações tradicionais, de forma a proporcionar a sua integridade física e bem-estar.





naturais passou a ser o mote da gestão ambiental na região (MUNIZ, 2010). De outra forma, a “identidade genérica” de povos e comunidades tradicionais propiciou que as populações locais visibilizassem politicamente suas singularidades e demarcassem suas paisagens, relações afetivas, memória coletiva, bens naturais disponíveis, formas de manejo e sistemas de uso comum (SILVA, 2019).

A compreensão de outros mundos, sistemas de vida e saberes estranhos à racionalidade do “cuidado” ou da “conservação biológica” foi fundamental, então, para dar novo sentido à ecologia e amazonizá-la, no sentido de ter a Amazônia como tema indispensável por quem está preocupado com o futuro da região e do planeta (HECK; LOEBENS; CARVALHO, 2005). Mas como amazonizar a ecologia no século XXI em um mundo marcado por dinâmicas econômicas competitivas e globalizadas e por um sistema financeiro cada vez mais insustentável na vida das pessoas e do meio ambiente?

Em uma perspectiva holística, no entrelace das ecologias ambiental, social e mental, Guattari (2012) propõe que se criem novos modos de vida, novas maneiras de se relacionar com o ambiente, com os outros sujeitos e consigo mesmo para o enfrentamento da crise planetária, que inclui também a miséria, a fome, as intolerâncias, as psicopatologias e várias outras tensões sociais e comportamentais que degeneram corpos e subjetividades por todos os cantos.

Sem dúvida, todas essas abordagens são fundamentais para amazonizar a ecologia. Porém, toma-se como primordial, a abordagem

de Ecologia Integral, proposta pelo Papa Francisco em 2015 na Carta Encíclica *Laudato Si'* (FRANCISCO, 2015), ao apelar pela substituição do estilo de vida consumista por um mundo sustentável; o Sínodo para a Amazônia, ao propor que “a única forma possível para salvar a região do extrativismo predatório, do derramamento de sangue inocente e da criminalização dos defensores da Amazônia é a Ecologia Integral” (FRANCISCO, 2019) e a Exortação Apostólica *Querida Amazônia*, com os sonhos do Papa Francisco para uma ecologia integral, que acolhe os sonhos socioambientais seculares dos povos amazônicos.

Essa tríade da ecologia integral coloca a Igreja Católica no campo ecológico de alcance internacional, para ajudar a gerar uma conscientização da sociedade em prol da conservação do meio ambiente e em defesa da vida, das culturas, espiritualidades e direitos.

Amazonizar a ecologia é garantir os territórios amazônicos para os povos indígenas e populações tradicionais, de forma a proporcionar a sua integridade física e bem-estar.

Amazonizar a ecologia é defender um projeto de desenvolvimento que garanta os direitos territoriais e culturais dos povos da Amazônia e que lhes proporcione justiça e dignidade, ao mesmo tempo em que mantenha os seus regimes de uso do território praticados historicamente.

Amazonizar a ecologia é percorrer caminhos novos e encontrar novas formas de desenvolver a região, com justiça social, paz e sustentabilidade.

Amazonizar a ecologia significa dedicar-se



a estudos e ações voltados à Amazônia, escutando os povos amazônicos e, assim, ajudá-los de maneira mais qualificada a resistir e re [existir] a grandes projetos extrativistas predatórios.

Amazonizar a ecologia é indicar a necessidade do respeito e cuidado com a Amazônia, orientar as pessoas a aprenderem as várias possibilidades de vivências coletivas e fraternas.

Amazonizar a ecologia é partilhar dos sonhos do Papa Francisco, e acolhê-los como meta e lição, para se tornarem realidade no território da Amazônia e em todo o planeta.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Revista de Antropologia*, 43(1):145-82, 2000.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO. *Documento Final da Assembleia Sínodal*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 21. ed. Campinas,

SP: Papirus, 2012.

HECK, Egon; LOEBENS, Francisco; CARVALHO, Priscila D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. *Estud. Av.*, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 237-255, Apr. 2005.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MORÁN, Emilio F. *A Ecologia Humana das populações da Amazônia*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1990.

MUNIZ, Lenir M. Ecologia Política: o campo de estudo dos conflitos sócio-ambientais. *Revista Pós Ciências Sociais*. v. 6 n. 12, São Luis, MA, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. Amazônia enquanto acumulação desigual de tempos: Uma contribuição para a ecologia política da região. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 107 [on-line]. 2015.

SANTILLI, Juliana. Biodiversidade e as comunidades tradicionais. In: LIMA A.; BENSUSAN, N. [Eds.]. *Quem cala consente?* Subsídios para a proteção aos conhecimentos tradicionais. São Paulo: ISA/UnB, 2003.p. 89-94.

SILVA, Ana T. R. da. Áreas protegidas, populações tradicionais da Amazônia e novos arranjos conservacionistas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 34[99], 2019. Doi: <https://doi.org/10.1590/349905/2019>

Amazonizar a ecoteologia na perspectiva da espiritualidade ecológica



Foto: Laszlo Mates / Shutterstock.com

Ricardo Gonçalves Castro¹

Introdução

O que significa falar de uma espiritualidade própria para a Amazônia na perspectiva do *amazonizar*?

¹ Doutor em Teologia (PUC/RJ); Diretor do Instituto de Teologia e Estudos Pastorais – ITEPES do Regional Norte I da CNBB. Professor da Faculdade Salesiana Dom Bosco. Sacerdote da arquidiocese de Manaus.

Nossa busca ocorre dentro de um contexto histórico que exige uma retrospectiva não somente para compreender o tempo em que estamos, mas também para nos imbuirmos de um “espírito” para os desafios do tempo presente e do futuro que pairam sobre essa realidade.

Espiritualidade Amazônica é contextual. É um retorno ao próprio poço ou aos poços [cacimbas] de nossas culturas para daí, no diálogo com os elementos espirituais dos povos da Amazônia, saber como discernir, ser, viver e celebrar a fé neste chão. Este é um percurso longo que exige paradas obrigatórias, disciplina e um sen-





so de liberdade. Se nossa busca se norteia pelo contextual, nada mais importante que retomar a questão sobre fé e cultura, sobre espiritualidade e religião. Distinções próprias para nossa discussão, mas nem sempre possíveis de distinguir na realidade da vida de nossos povos.

Uma primeira afirmação importante é que no contexto amazônico somos chamados a elaborar e viver uma Espiritualidade da Criação. Na espiritualidade, centrada na criação, o mundo criado é sacramental. É o lugar em que Deus revela sua divindade. A revelação se dá na vida diária, nas vivências cotidianas, no encontro e no diálogo de pessoas na vida da comunidade. A vida é vivida com espírito e imaginação analógica, que vê uma continuidade entre a existência humana e a realidade divina. Deus está presente na natureza e suas pegadas são visíveis na nossa história.

Espiritualidade Amazônica é vida no Espírito em nossa corporeidade. Centra-se na experiência do Espírito na Criação. Tudo o que é, existe, vive graças ao constante fluxo de energias e possibilidades do Espírito Cósmico. Por isso, toda realidade criada tem de ser compreendida de forma energética e entendida como possibilidade realizada do Espírito divino. Por meio das energias e possibilidades do Espírito, o próprio criador está presente na sua criação. Ele não está somente contraposto a ela de uma forma transcendente, mas entra nela e nela está de forma imanente.

Numa espiritualidade integradora da criação, somos chamados a passar de uma fé cristã apenas interior e subjetiva para uma fé engajada não só social, mas também ecologi-

camente. Amazonizar, neste sentido, significa levar em consideração os resultados de uma nova imagem da natureza e do universo desde as diversas ciências – a física, a biologia, a cosmologia, a psicanálise.

No itinerário do *amazonizar* o caminho do encontro com Deus inclui toda a criação: o mundo mineral, o mundo vivo e o mundo dos humanos. O mundo todo é graça, é sinal da gratuidade, da fidelidade e da ternura de Deus. Todas as coisas, amáveis e gostosas por si mesmas, são caminhos para a contemplação de Deus. São um dom de Deus que tem como horizonte último não a finalidade econômica, mas a gratuidade do doador. Além da gratuidade das coisas existe a gratuidade de quem oferece. Essa é a dimensão da fé. É também o caminho da espiritualidade: saber descobrir a substância espiritual de toda a criação. É ler a Palavra de Deus a partir da chave da criação. Criação compreendida de forma interdisciplinar, valorizando nos textos os contextos históricos e a língua em que o texto foi escrito para o bem interpretar a sua intenção e o seu sentido.

Na construção de uma espiritualidade da criação, queremos *amazonizar*, compreender e viver a criação em sua inteireza, com uma metodologia integradora, mais na forma de relação do que distinção: integrando à criação as realidades “visíveis e invisíveis”, como professa o Credo. *Amazonizar* a espiritualidade, neste sentido, significa, por exemplo, considerar a unidade entre cérebro e espírito, sem reducionismo de um ao outro, de tal forma que as emoções ou o conhecimento não decorram simplesmente do cérebro como base do



que nós chamamos de espírito, nem do espírito humano independente do cérebro, mas do “casamento” e da unidade de ambos, como na aplicação da física quântica aos estudos da mente humana. Nesse sentido, uma boa compreensão não desliza nem para um “cerebrismo” físico nem para um “espiritualismo” a respeito da mente humana.

Amazonizar a espiritualidade da criação significa retorno à compreensão e vivência de que a natureza como criação é originariamente boa, mesmo em suas turbulências e mortes naturais; é compreender o que significa a afirmação de que toda a criação está ferida pelo mal e pelo pecado humano, aguardando com esperança a libertação de toda corrupção. A existência do mistério do mal deve ser encarnada em suas diferentes manifestações, desde o seu mistério jamais inteiramente compreensível e justificável, até as responsabilidades humanas diante dos males.

Na Espiritualidade da Criação compreendemos e vivemos a conexão comunicativa entre a natureza ambiental e o corpo humano, a relação de dom recíproco entre o espírito humano e seu ser-no-mundo como “naturalização do humano e humanização da natureza”, como afirmava Marx, mas não simplesmente na relação de trabalho. Antes, na forma sabática de repouso e gozo da criação na presença do Criador, e na atitude de Francisco de Assis. Ele compreende que mesmo o lobo, o fogo e a pedra, como o muçulmano, o Papa, o Rei e o bandido, eram realmente seus irmãos [SUSIN, 2003, p. 15-16].

Rios, florestas, terra e corporeidade

Antiquíssima e muito espalhada é a ideia da terra como mãe. A terra não produz apenas as plantas, mas também os animais e até o ser humano: não é no ventre da mãe que o feto é formado, mas no da terra, onde é transferido de modo misterioso para o ventre da mãe. O símbolo da mãe-mundo está na base da concepção do mundo como sendo a grande pessoa humana, e a pessoa humana como sendo um pequeno mundo: o mundo é um *macroantropos* — a pessoa humana é um *microcosmos*. Toda a vida humana vem da mãe e é nutrida por ela. Por isso também o mundo tem, no seu todo, a forma materna. Todos os seres vivos são nascidos da mãe e por ela alimentados. Ela é pessoa cósmica original.

Nesta perspectiva, *amazonizar* é reconhecer que a terra, *pachamama* para os ancestrais da Pan-Amazônia, é a mãe de todas as pessoas, dela elas provêm e a ela retornam para, a partir desse ventre materno, nascer para uma outra vida. O círculo vital do “morrer e renascer” desenvolve-se sobre a “mãe-terra” que recebe e faz nascer novamente. A relação entre pessoa e terra também está presente nas tradições bíblicas: Adão foi feito da terra”. Ele é a “criatura terrestre” original, anterior à diferenciação entre homem e mulher [Gn 2,7]. Mas aqui, a terra não é mais a “mãe do ser humano”, mas somente a matéria-prima para a obra do criador.

O monoteísmo patriarcal da religião javista desmantelou o panteísmo matriarcal da terra por meio de um conceito de criação masculino. A simbologia da “mãe-terra” foi quase integralmente transposta para a “mãe-igreja”: o ventre materno da Igreja, o qual exclusiva-



mente torna santo, faz a pessoa crente nascer para uma nova vida, e isso de forma virginal [MOLTMANN, 1993, p. 426-427].

Conforme as tradições bíblicas, corporeidade é o fim da obra da criação de Deus. A terra é o objeto e o palco do amor criativo do criador. Deus criou as pessoas físicas, corporais para serem sua imagem, e seu primeiro mandamento diz: “sede fecundos e multiplicai-vos” [Gn 1,28]. *Amazonizar* o corpo com os elementos da Amazônia evoca a corporeidade teológica. É no seu corpo que a pessoa se conscientiza de si mesma como sendo criatura e imagem de Deus. Corporeidade é seu objetivo. Todos os caminhos do seu espírito e todas as palavras da sua linguagem findam na forma viva de seu corpo. Corporeidade é também o fim da obra conciliadora de Deus: “a palavra se fez carne e habitou entre nós” [Jo 1,14]. Tornando-se carne, o Deus conciliador aceita a carne pecadora, doente e mortal da pessoa e a cura na sua comunhão. Em sua encarnação, os corpos explorados, doentes e destruídos experimentam sua salvação e sua dignidade indestrutível.

Corporeidade é também o fim da salvação do mundo para ser Reino da glória e da paz. A nova terra completa a salvação [Ap 21], e a nova corporeidade transfigurada é a realização da saudade do Espírito [Rm 8]. A salvação começa com a dádiva do Espírito e finaliza com a transfiguração do corpo. Ela começa com a nova justiça do coração e finda no mundo novo e justo. Ela começa na fé e termina na nova experiência física de Deus que é chamada de olhar.

Os habitantes da Amazônia vivem sob os

ciclos dos rios e igarapés. A enchente, literalmente no sentido de encher os lagos da região, é a fase mais prolongada indo de dezembro a abril. As cheias são mais curtas, entre maio e junho, período mais rico na produção de vida desta região. A vazante é um momento intermediário e a seca que é a etapa mais curta destes ciclos, é a mais preocupante para muitas formas de vida ameaçadas tanto pelas secas prolongadas quanto pela predação de pescadores e caçadores comerciais que adentram à região com maior facilidade. Todos esses aspectos exigem uma compreensão cada vez mais profunda e interdisciplinar da questão. Neste sentido, *amazonizar* significa compreender profundamente estes ciclos e sua dinâmica com os povos dessa imensa região.

Na Amazônia não há como não lembrar que somos água, rios. *Amazonizar* é se reconhecer como água e rios, é saber que nossa vida segue sob os ritmos das enchentes e vazantes, que parte de nossa alimentação típica brota dos rios com uma variedade imensa de peixes e frutos das várzeas. Nosso sentido de estética do belo está ligado às águas. Para nossos antepassados indígenas e negros, os deuses, as divindades moram no fundo das águas, como para refletir de modo analógico o mais profundo de nosso interior, as forças das águas inconscientes. Navegando sobre os rios, o modo mais típico de viagens na Amazônia, aprendemos a ser contemplativos(as). Olhar por horas a imensidão dos rios, das águas. Somos água em nossa composição bioquímica e principalmente em nossa elabo-



ração espiritual. Como princípio de maternidade, passamos nela nove meses mergulhados nas entranhas maternas para compreender fundamentalmente que água é vida. Somos banhados na fonte da vida eterna em nosso batismo para morrer e renascer em Cristo para a vida de filiação, dependentes agora do Deus Abbá-mãe-pai.

Amazonizar é compreender a dimensão hídrica de nossa vida, adquirir as sabedorias e fertilidade dos rios que no seu caminho rumo ao mar, nos aponta para a meta fundamental de nossa vida, o mar infinito do amor de Deus. *Amazonizar* nesta perspectiva, é aprender navegar, descobrir o caminho a seguir, aprender a paciência da pesca, aprender a contemplação que se renova em cada fluxo de água do grande rio. É banhar-se, purificar-se constantemente do calor cansativo da vida, da sujeira material e espiritual que se gruda em nós nas labutas e desmandos da vida.

Mitologia da criação, fonte da espiritualidade amazônica à luz do amazonizar

Há pelos menos duas formas, em nossa cultura ocidental, nos últimos 50 anos, de interpretar o mito. Uma advinda da herança cultural

da filosofia grega, em que o mito é sinônimo de *mistificação* e *falsidade*, e outra advinda de diversas tradições orientais e de culturas consideradas arcaicas, nas quais se incluem as indígenas, em que os mitos encerram *verdades*.

Em cada narrativa encontra-se um aspecto, um núcleo que encerra uma verdade estrutural, um arquétipo. Os mitos são de alguma forma o modo como projetamos nossa relação com

a natureza e compreendemos suas múltiplas funções: nascimento, vida, morte, ódio, amor, maternidade, paternidade, relacionamentos, saúde, doença, guerra e paz, enfim, tudo que é típico do ser humano em qualquer tempo e lugar.

Os conteúdos mantêm sua forma básica, o que varia é a roupagem que caracteriza cada época e lugar. Nesses termos a mitologia é universal, comunga entre si os mesmos conteúdos. Mitos são forças arquetípicas naturais e espontâneas, que emergem em nós, sempre que se faz necessário. Se prestarmos atenção em nós mesmos, veremos que o mito não é algo do passado, encontra-se de forma viva e atuante nos sonhos, nas fantasias, imagem, visões, nas artes em geral. Nascem espontaneamente. Mitos são individuais e coletivos. O mito não se opõe ao científico, ao contrário, este seria sua própria mãe. O objetivo do mito assim como da ciência é a explica-



Amazonizar é compreender a dimensão hídrica de nossa vida, adquirir as sabedorias e fertilidade dos rios que no seu caminho rumo ao mar, nos aponta para a meta fundamental de nossa vida, o mar infinito do amor de Deus.



ção do micro e do macrocosmo, tornar os fenômenos da vida compreensíveis. Dar sentido e finalidade aos elementos do universo.

Nessa concepção, por meio de uma linguagem simbólica, o mito leva as pessoas a um centramento, a um eixo, a recuperar sua sacralidade, sua integralidade, ao conhecimento de verdades sobrenaturais e essenciais. É, pois, o mito, como as imagens simbólicas, uma linguagem da alma e, portanto, de um tempo não linear, não histórico, mas que corresponde a uma história primordial, anterior e além da história, e da criação no sentido cosmogônico. Essa parte não contemplada, e que está de alguma forma em todos nós amazonenses, pede realização.

Independente de sermos indígenas ou caboclos, em lugares recônditos de nossa alma está aquilo que somos, mesmo que negado. No contexto amazônico, os mitos possuem a força de dirigir as ações, moldar comportamentos, fundar os costumes e exigir respeito e atenção. Sua função está diretamente ligada ao cuidado com a natureza e a sobrevivência da diversidade das espécies que aqui vivem. Na fundação de uma cosmovisão, os mitos vão impregnar o cotidiano das pessoas com as crenças no sobrenatural, em seres animais ou semi-humanos que se colocam como protetores das matas. Só compreende esta dinâmica quem se deixa *amazonizar* na dimensão dos sentidos.

Há diversos prejuízos ao negar aquilo que somos. Dos povos indígenas perdemos a ligação com a natureza e a possibilidade de sacralizá-la e de conservar um dos bens maiores que temos – a terra; perdemos também seus

mitos e suas verdades. Dos africanos perdemos a energia exuberante, a vitalidade, a força de expansão, o orgulho da raça e sua riqueza mitológica; dos portugueses perdemos uma de suas melhores partes, o lirismo.

A mitologia amazônica é formada não somente por mitos, mas por lendas, contos, crenças, etc. A diferença entre lenda e mito é que a primeira se distancia pela função e confronto. A lenda é um episódio heróico ou sentimental com elementos maravilhosos ou sobre-humanos, transmitido e conservado na tradição oral popular localizável no espaço e no tempo [CASCUDO, 1980, p. 434]. As lendas não narram fatos fundantes ou originais como faz o mito. Lendas narram fatos do cotidiano da história quando os elementos do mundo já estavam constituídos.

Na grande maioria dos mitos amazônicos existe um fundo comum que trata do desequilíbrio das relações de poder e da necessidade de compensação. Como a natureza, tudo precisa conviver com seu oposto, em equilíbrio. Luz demais acarreta problemas e necessidade da noite e da sombra. O dia precisa da noite e vice-versa. A sombra ou a noite não contém somente o que é mau, o incontrolável e desconhecido, mas saindo do fundo do rio a noite pode conter elementos preciosos que compensam aquilo que está desequilibrado.

Os mitos querem trazer a irrupção de uma agressividade sadia. Precisamos resgatar a parte aguerrida de nossos ancestrais índios, que além de dividirem terras brasileiras com brancos e negros, moram também em nós, no fundo de nossa estrutura antropológica. O resgate mito-





lógico deve nos *amazonizar* e conduzir à luta pelos direitos em todos os âmbitos da realidade amazônica. *Amazonizar-se* pelos mitos é aprender e vivenciar a força, a vitalidade e a agressividade sadia das culturas indígenas e afro-brasileiras. A mitologia amazônica denuncia e recorre às nossas origens, se encontra com as necessidades históricas amazônicas e exige realização. A mitologia nos ilumina e nos revitaliza no equilíbrio nas relações de poder com a natureza e com nossos semelhantes.

Nas concepções indígenas, os mitos expressam a ideia fundamental de que o universo deve estar em equilíbrio, uma vez que essa é a razão da existência: conviver o universo em harmonia. As partes mais importantes da natureza são habitadas por seres sobrenaturais. Estes aspectos levam à luta pela sobrevivência, na conservação de suas culturas, no sustento e na resistência a todas as formas destruidoras que lhes são infligidas, desde o extermínio dos séculos passados, até a manipulação de seu saber e mesmo de suas vidas, operada pelas sociedades pós-modernas.

Os mitos ribeirinhos estão diretamente ligados a situações que envolvem a relação do ser humano com a natureza. O mito se funda sobre uma experiência concreta que transforma o agir, o modo de pensar e sua postura frente à vida. Os fatos relatados são verdades vividas pelos narradores [GALVÃO, 1955]. Entre os muitos seres das florestas e das águas, são registrados os curupiras, descritos à semelhança de caboclinhos que habitam a mata; os anhangás, “visagens”, na linguagem regional, que ora surgem sob a forma de um

pássaro, ora como veados de olhos de fogo, ou como simples aparição sem aspecto definido; a cobra grande, que aparece comumente como uma sucuriçu de grande porte, mas que também pode aparecer sob a forma de um “navio encantado”; as matintas-pereira, outra “visagem” que se identifica por um pássaro negro, seu xerimbabo (bicho de estimação); os botos, que acreditam sejam encantados e possam se transformar em seres humanos. Embora tenham fama de sedutores de mulheres, os botos são particularmente temidos por seu poder maligno; os companheiros do fundo das águas, “encantados”, que habitam o fundo dos rios e igarapés; e as mães de bicho, entidades protetoras da vida animal e vegetal [GALVÃO, 1953].

Existem também as visagens. Em geral, estão associados a determinados lugares da natureza: rio, igarapé, ou um trecho da mata. A *malineza* resulta do fato de que as visagens dominam ou controlam uma área do ambiente natural, a mata e os rios. Essas entidades protegem os animais da floresta e das águas e também os seres humanos, sendo conhecidos pelas suas proezas e aparições.

Pressupostos para *amazonizar* uma espiritualidade ecológica inculturada

À guisa de conclusão, apresentamos alguns pressupostos que apontam caminhos de uma espiritualidade ecológica inculturada na Amazônia sob a perspectiva do *amazonizar*:





✓ resgatar elementos integradores das relações perdidas com a terra, como o 'eu', com os outros; da relação com o mundo natural;

✓ para os amazônidas Deus é miscigenado (indígena, ribeirão, caboclo, negro). Deus é pai e mãe, homem e mulher, masculino e feminino. A experiência de Deus engloba toda a vida e por isso a espiritualidade exige resgate da cultura e da alma amazônica;

✓ valorizar a identidade cultural (nossa maneira de ser) sabendo que os e as amazônidas são de poucas palavras, silenciosos, tímidos, difíceis de dizer não;

✓ entender que nossa estrutura antropológica segue o ritmo do rio, que o tempo não é *cronos*, é lunar (*kairos*), é cíclico e ecológico, assim como os rituais da vida;

✓ buscar de harmonia e integração com a natureza/terra/água e buscar harmonizar o ser com a natureza, corpo com a terra, com os ciclos da vida e com uma contemplação integrada na natureza, aberta, cotidiana;

✓ valorizar a festa, celebrar o sagrado da vida em lugares sagrados da natureza (celebrar ao ar livre, junto a rios, florestas, pedras, montanhas) com novas práticas litúrgicas, aproveitando elementos culturais com o resgate dos 'sábios' (pajés, xamãs, benzedeiras, avós, idosos, pais, mães e padrinhos e madrinhas);

✓ aprender a fazer e receber um 'benzimento', abençoar todos os aspectos da vida;

✓ valorizar a cozinha e a medicina tradicio-

nal, natural, holística;

✓ afirmar a própria identidade para dialogar com o 'outro' e afirmar a não violência como um modo de *amazonizar* para viver e resolver os conflitos na conversa dos terreiros, nos apadrinhamentos, na interdependência solidária

✓ não confundir a 'lezeira cabôca' como passividade, mas como forma de resistência e sabedoria ancestral;

✓ valorizar e viver no corpo, não acumular, viver do suficiente;

✓ entender a natureza como reino dos encantos, antropomorfizada;

✓ atravessar e navegar nos rios da Amazônia como paradigma de vida;

✓ fazer memória de nossos antepassados indígenas, mártires da fé com imersão na cosmologia, tradição espiritual da criação e libertação dos pobres;

✓ aprofundar o contexto espiritual e científico do qual se pode adquirir uma visão marcante da Amazônia com princípios da espiritualidade da criação e da libertação;

✓ cultivar a arte de meditar, de dançar, de tecer, de fazer comida;

✓ recuperar a dimensão do sagrado na natureza e a religiosidade popular da libertação (indígena, cabocla e negra);

✓ experimentar outros ritos além do ritual Romano.

Concluimos que todos estes elementos



apontam para o itinerário *amazonizar* que define um jeito de ser na Amazônia na perspectiva da espiritualidade ecológica.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luis da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

GALVÃO, Eduardo. *A vida religiosa do caboclo da Amazônia*. *Boletim do Museu Nacional*, Nova série, An-

tropologia, n. 15, 1953.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo: Nacional, 1955 (Coleção Brasileira).

MOLTMANN, Jürgen. *Deus na Criação: doutrina ecológica da criação*. Tradução: Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

SUSIN, Luiz C. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas Editora, 2003.



A Pedagogia da Escuta: entre azeites e saberes do pracaxi na Amazônia profunda



Foto: Cedida por Benedito de Queiroz Alcântara

Benedito de Queiroz Alcântara¹

Meus pais nasceram no Marajó, eu nasci em Macapá. Estamos na foz do Rio

¹ Mestre em Direito Ambiental e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amapá, com pesquisa em Desenvolvimento Rural. Graduado em Direito pela Universidade Federal do Amapá e em Licenciatura em Estudos Sociais pela Fundação Educacional de Brusque.

Amazonas. Cresci ouvindo a minha mãe, Maria, falando de óleos e azeites, banhas e unguentos, chás e garrafadas. Para cada emergência, geralmente pela noite, a mamãe utilizava a medicina da floresta. O que nunca podia faltar em casa era azeite de andiroba, copaíba e pracaxi.

Quando ficávamos surdos e sem escutar mais nada, além de um zumbido endoidecido na cabeça, muitas vezes até com febre, lá vinha a mamãe com o óleo de pracaxi! Dormíamos





e um novo dia surgia, em que acordávamos escutando tudo e todos ao redor!

Cresci, fui morar fora de minha terra, voltei. E tive o privilégio de estar convivendo com as comunidades ribeirinhas das ilhas entre o Pará e o Amapá. As histórias de minha infância foram sendo recontadas, revividas, confirmadas! Principalmente em torno do pracaxi.

Mas como relacionar tudo o que estou escrevendo com a ecoteologia, em busca de novos caminhos e novas posturas na caminhada da Igreja aqui na Amazônia? Sei lá, sou apenas um leigo de periferia, caboclo ribeirinho, que vou recolhendo e misturando o que falam nas exposições e o que escuto e vejo nas comunidades.

O discípulo missionário do nazareno em terras amazônicas tem que ter a atitude da amêndoa do pracaxi, que cai na água e vai repousar no fundo do rio, repousando silenciosamente por sete dias, deixando-se empapar pelo lodo do leito primordial, até que é impedida a emergir e boiar na superfície das águas, quando então é recolhida calmamente pelas mãos ribeirinhas, secada ao sol, descascada, ajuntada em porções e ser esmagada pouco a pouco, para finalmente doar o seu óleo curativo e restaurador!

A pedagogia do pracaxi oferece esses passos: deixar-se cair nas águas, mergulhar nas profundezas, repousar, empapar-se, emergir-boiar, ser colhida, secar ao sol, abandonar a casca, formar coletivo, e, ato crucial, oferecer a sua melhor essência em processo de esmagamento!

O ato de massagear, esfregar o óleo de pracaxi é ato final! Já é o bem viver, a bonança inebriando a existência, o bálsamo da vida

que ressurge. Queremos chegar aqui, mas os passos anteriores precisam ser pedagogicamente percorridos.

A caminhada eclesial amazônica urge se esfregar solenemente com o óleo de pracaxi, limpando todo o zumbido que nos deixa surdos, para apurar a escuta do pulsar de Deus na criação, com seu ritmo, seu movimento, suas inquietações.

Invocar o sopro divino, que sabe a temporada certa de irradiar nos discípulos missionários os seus dons, que nos pede a zelosa paciência, a sincera proximidade, a humilde aprendizagem. Abandonando pouco a pouco a "oratória" e exercitando cada vez mais a "escutatória".

Discernir e sintonizar o tempo de Deus, acolhendo e aprendendo com o tempo do pracaxi!



Foto: Cedida por Benedito de Queiroz Alcântara

Para novos caminhos, novas posturas: à escuta!



Foto: Riccardo De Luca - Updates / Shutterstock.com

Toda manhã ele faz meus ouvidos ficar atentos para que eu possa ouvir como discípulo. [Is 50,4]

Pe. Dario Bossi¹

Os membros da comissão pré-sinodal haviam chegado a Roma, em sua maioria vindos da América Latina. A expectativa era grande: preparar junto ao Papa Francisco um Sínodo Especial para a Amazônia.

Durante toda a primeira semana de trabalhos, o Papa fez questão de estar com eles e elas, o dia todo. Alegre e acolhedor nos momentos informais e na pausa do café, durante as reuniões, porém, ficava calado. Entrava, abria seu caderno, anotava aten-

tamente tudo o que era falado; no fim da sessão, agradecia, fechava o caderno e se levantava.

“Santo Padre, o senhor nos convocou de tão longe e não vai nos dizer nada?”

No final da semana, Papa Francisco comentou: “É isso que quero da Igreja neste Sínodo: que se cale e, primeiramente, de forma atenta e demorada, se ponha a escutar”.

Mais que uma reflexão teológica, quero resgatar neste texto a experiência viva da presença do Espírito, no longo exercício de escuta antes e durante a Assembleia Sinodal.

A quem escutar?

“Para os Padres sinodais, pedimos, do Espírito Santo, antes de mais nada o dom da escuta: escuta de Deus, até ouvir com ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade de Deus que nos chama”. Foi o discurso de Papa Francisco em preparação ao Sínodo da Família, retomado na Constituição Apostólica *Episcopa-*

¹ Coordenador provincial dos combonianos no Brasil e assessor da Rede Eclesial Pan-amazônica – REPAM-Brasil, Equipe de Ecologia Integral da Conferência de Religiosos/as de América Latina – CLAR e da Comissão Especial para Ecologia Integral e Mineração da CNBB.



lis Communio [EC, n. 6].

A escuta é um dom do Espírito Santo. Não depende de nosso voluntarismo, de nossa capacidade de extrair tesouros ou roubar segredos nas experiências que realizamos; é um estilo de docilidade e confiança, requer paciência e descentralização. Deixar de nos sentirmos sujeitos e mestres, para assumirmos uma posição de aprendizes. Sim, escutar é também questão de posição, como veremos mais adiante.

O Papa destaca dois elementos-chave da escuta: Deus e o povo. Estão compenetrados: Deus nos educa para sairmos da relação intimista com ele e prestarmos atenção ao grito do povo; ao mesmo tempo, nas “palavras do povo” se manifesta a vontade de Deus.

Quais seriam estas “palavras do povo”? Não se trata de uma barata opção populista, como aquela do prefeito de minha cidade, no interior do Maranhão, que declarava “a voz do povo é voz de Deus” e se considerava o único intérprete dela!

Todas e todos experimentamos, muitas vezes, a conversão que provoca em nós a insistência do povo (mais ou menos como na parábola do juiz iníquo). Convencidos de nossas verdades, aprendemos a nos repensar, uma vez que esta insistência nos mostra que, frequentemente, as pessoas intuem melhor que os líderes para onde trilha o melhor caminho.

Também as palavras do povo são expressão de vida real, muitas vezes tão distante de nossos planos e discernimentos, feitos nos escritórios e computadores...

No nível da vida real, precisamos prestar atenção sobretudo às diversidades, escutá-las com respeito dobrado. Antes de tudo, escutar a diversidade das culturas e das religiões; Santiago Villamayor diz: “Escutar todas as músicas do mundo, especialmente aquelas que vêm dos povos sem voz”². Da mesma forma, deixar-se surpreender pelo novo que vem das mulheres, para que finalmente lhes seja reconhecido o direito pleno a voz e vez e à cidadania na Igreja.

Atenção ao mito de uma “escuta equilibrada” de todos os lados: é muito parecido àquela da “justiça cega”, que trata todos da mesma maneira. Numa sociedade cada vez mais desigual, nossa escuta também deve tomar posição, decidir a quem prestar ouvido primeiro, onde procurar a voz das vítimas, como permitir que os sem voz sejam ouvidos.

Na frase tão densa de Papa Francisco em EC, faltou, porém, um terceiro elemento, que ele recupera muito em toda a Encíclica *Laudato Si'*: a escuta da Criação.

“Há um ‘segredo’ sutil em cada um dos movimentos e dos sons deste mundo. Os iniciados chegam a captar o que dizem o vento que sopra, as árvores que se curvam, a água que corre, as moscas que zunem, as portas que rangem, o canto dos pássaros, o dedilhar de cordas, o silvo da flauta, o suspiro dos enfermos, o gemido dos aflitos...”³.

2 VILLAMAYOR, Santiago. “Eso nace y sale” – Aproximación al posteísmo, em Arregi, Magallon, Musset, Ress, Vigil, Villamayor, Después de Dios - Otro modelo es posible. *Nuevo Tiempo Axial*, maio 2021.

3 Citação do mestre espiritual Ali Al-Khawwas, em Eva De





Jesus louva, no Evangelho [Lc 12,54-55], a capacidade humana de observar e colher os sinais da natureza. Mas desafia a ir mais fundo, para sabermos avaliar e discernir o tempo em que vivemos.

É o tempo, definitivamente, de abandonarmos o antropocentrismo desordenado que nos trouxe a este nível de destruição. Não há mais somente nossa voz dando nome às coisas todas, como fez Adão. É o tempo de escutar a voz das criaturas, de cada uma delas, para que sejam elas a nos dizer seu nome, a sugerir seus ritmos e princípios de vida.

Escutar, de maneira ainda mais profunda e total, o “pulsar de Deus na Criação”. Como comenta Diarmuid O’Murchu⁴: “A vida é sustentada por uma energia criativa que começa fundamentalmente na natureza, com uma tendência a se manifestar e se expressar no movimento, no ritmo e nos padrões. A criação é sustentada por uma inquietação sobre-humana e pulsante, uma espécie de ressonância que vibra através do tempo e da eternidade”.

Vitray-Meyerovitch, [ed.]. *Anthologie du soufisme*. Paris, 1978, 200, por sua vez citada na nota 159 da Encíclica *Laudato Si’*.

4 O’MURCHU, Diarmuid. *Quantum Theology*. NY: Crossroad, 1998, p. 197.

Interpretar os sinais da Criação não significa, simplesmente, buscar nela confirmações para nossas teorias, mas reconhecê-la nas condições de sujeito, sujeito de direitos e de expressão. Ao ponto de sentir sua falta, em todas as decisões ou avaliações em que, possivelmente, sua voz não esteja sendo considerada.

Isso muda radicalmente nossas posturas. O que seria um Plano Pastoral Diocesano, por exemplo, em cuja construção exista uma atenção prioritária ao grito da Criação?

A releitura de Gênesis que fizemos pode ecoar também em leituras mais abrangentes de outras passagens bíblicas que estão entre as pedras miliares de nossas referências espirituais. Poderíamos proclamar: “Eu vim para que *tudo* tenha vida”; ou fazer memória em chave mais ampla

da passagem clássica de Êxodo: “Eu ouvi o grito de meu povo e *das minhas criaturas*, e desci para libertá-los”. Não se trata de pobres jogos de palavras, ou de irreverência bíblica, mas de oferecer à espiritualidade popular elementos simbólicos que ampliem a profundidade da Revelação.

Ao abrir espaço para este terceiro elemento em nossa escuta, a Criação inteira, descobrimos também que ela mesma é capaz de escutar bem mais que nós. O campo auditivo



**É o tempo, definitivamente,
de abandonarmos o
antropocentrismo desordenado
que nos trouxe a este nível
de destruição.**



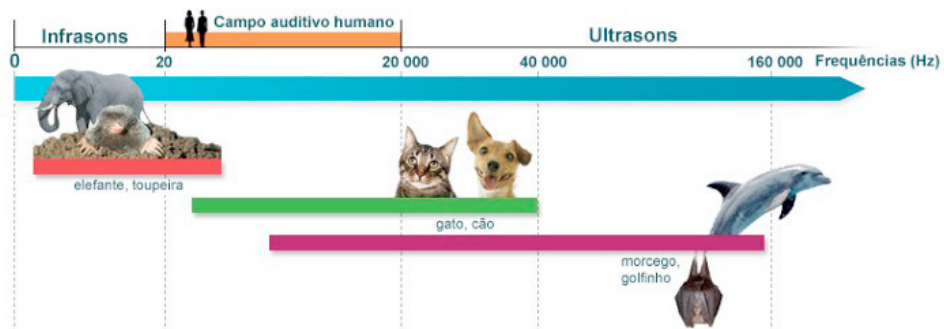


Foto: Divulgação

humano, de fato, é bastante limitado [entre 20 e 20mil hertz de frequência]. Há espécies, porém, capazes de ouvir infrassons, com frequência menor, ou ultrassons, bem acima de nossas frequências. Enfim, precisamos humildemente dimensionar nossa capacidade de escuta e de percepção da realidade, cientes de que não é a única, nem é muito abrangente!

Como escutar?

Além de ampliar o foco de nossa escuta [saber escutar Deus, o povo e a Criação], há o desafio de afinar e reeducar nosso jeito de perceber a realidade. Dom Erwin Kräutler nos ajuda a compreender isso, quando reflete sobre a diferença entre o 'ver' e o 'escutar':

O Ver se complementa por um 'Escutar' dos anseios e expectativas de nossas comunidades. O Ver isolado só pode fornecer-nos uma descrição da conjuntura, permitindo-nos apenas olhar como objeto de estudo o que está se passando, para daí tirar nossas consequências. Uma análise que parte exclusivamente do Ver sempre é fruto de deduções a partir das

observações subjetivas do espectador. O Escutar, no entanto, envolve as comunidades e pessoas no sentido de elas mesmas se tornarem sujeitos participantes do estudo ou análise da realidade em que vivem. O Escutar pressupõe uma série de perguntas que se faz ao interlocutor cuja opinião se indaga. Não se trata, porém, de uma via "sentido único". As comunidades e pessoas ouvidas têm direito a um retorno como resposta às consultas⁵.

Escutar, para Dom Erwin, parece ser um verbo 'mais-que-transitivo', um verbo que nos desloca, que transforma o objeto da escuta em sujeito da narração, sujeito –inclusive – com direito à resposta, à devolução dos frutos daquilo que a escuta transformou em nós!

Ao fazer uma releitura do itinerário do Êxodo, buscando purificar e aprofundar a relação com Deus, também Santiago Villamayor insiste entre uma diferença entre o ver e o escutar: "A

5 KRÄUTLER, Dom Erwin. *Novos caminhos para a Igreja - Reflexões e compromissos em continuidade ao Sínodo para a Amazônia* (texto ainda não publicado).



imagem leva à idolatria; a voz convida à libertação e a pôr-se no lugar dos pobres, que é de onde podemos escutar o eco da divindade”⁶.

Existe um vínculo entre a sinodalidade e a escuta. Como dizíamos anteriormente, escutar é também questão de posição; lembro a surpresa de algumas comunidades no interior de certas regiões amazônicas, quando chegava o padre, ou o bispo, durante o processo de escuta do Sinodo. Sentava e, por uma vez, em lugar de dar formação, informação ou instruções, prestava atenção naquilo que as comunidades tinham a dizer.

Escutar é afirmar uma nova geometria da Igreja: circular, horizontal, “poliédrica”, descentralizada, itinerante e não estática, com o baricentro fora de si...

Isto só funciona se nossa escuta for capaz de sair dos esquemas, de fugir daquilo que gostaríamos de ouvir, ou das pessoas que, por diversos motivos, nos dizem o que queremos confirmar. Por isso, é essencial ousar escutar o diferente, o excluído, o silenciado, mesmo quando isso for incômodo.

Este espírito sinodal parte dos que estão embaixo, dos problemas de cada dia; dialoga com as diversas espiritualidades, especialmente “aquelas que uma falsa altivez espiritualista excluiu ou esqueceu”⁷.

É evidente que nossa capacidade de escuta

adoeceu.

É bem simbólico, neste sentido, o fato que o último gesto de cura de Jesus, no Evangelho de Lucas [22,51], seja exatamente a recomposição da orelha de um empregado do Sumo Sacerdote, cortada pela violenta reação de um companheiro do Mestre. Logo em seguida, a Palavra de Deus traz uma série de episódios em que está escancarada a incapacidade de escutar: Pedro com a criada no pátio do Sumo Sacerdote, o processo no Sinédrio, o diálogo com Pilatos, as perguntas de Herodes...

A primeira evidência, no diagnóstico deste nosso adoecimento, é que para escutar precisa fazer silêncio. Em outras palavras, descolonizar nossas relações: admitir que o encontro pode ser revelador de novidade, que não possuímos a verdade por inteiro, que não temos a fanática missão de convencer o outro.

Realmente, isto é um desafio na sociedade contemporânea educada na base de escutas seletivas e reforços viciados das ideias daquelas que estão na mesma “bolha”.

Uma terapia possível, frente a esta opção explícita pela surdez, seria o exercício de escuta do distante, do diverso, do pequeno. Assumir uma posição de empatia, que não significa relativizar nossas convicções, ou adequar-se àquelas do outro, mas tentar perceber as razões, os sentimentos, os medos do interlocutor. Sempre que possível, não oferecer respostas já construídas, em alternativa frontal; suscitar perguntas, instigar a suspeita, provocar aprofundamento.

O Cardeal Tolentino, refletindo sobre os desafios da crise sanitária e de sentido provocada pela pandemia da Covid-19, considera que

6 VILLAMAYOR, 2021, op cit.

7 PLACER UGARTE, Félix - *Sinodalidad y espiritualidad*. Disponível em: https://www.religiondigital.org/opinion/Sinodalidad-espiritualidad-PLacer-liberacion-camino-espiritu_0_2351464832.html





esta é uma oportunidade para “ouvir o futuro”. Um tempo de intensificação das relações, um tempo precário, de *kenosis*, que exatamente por isso é tempo de Graça, porque surgem as perguntas fundamentais.

É um tempo para vencer a banalidade, reconhecer nossa fraqueza existencial e aprofundar a dimensão mística, que é a capacidade de se surpreender, num assombro radical, e indagar: “por que estamos aqui?”. A existência não é um direito que nos pertence, somos hóspedes...

A socióloga equatoriana Natália Serra desafia a “tornar-nos vazios”, relativizar o paradigma da afirmação e da imposição, típico do estilo colonial e patriarcal, ávido de imediatez, e assumir o paradigma da escuta. Tornar-se vazios, como um útero aberto à fecundação. Resgatar a escuta na forma instigante dos “caracóis”: uma forma comum, na natureza, adotada também por algumas comunidades e movimentos sociais como estrutura base de organização. O caracol, a espiral, é uma imagem bonita da atitude de escuta. Até nosso ouvido tem forma de caracol! Uma escuta aberta, vazia em seu centro, que se deixa habitar. Uma escuta que vai e que vem, não linear, capaz de voltar sobre si mesma, repensar-se, refazer-se a cada aprendizagem, resgatar contatos e relações, elevando-os e trazendo-os cada vez mais para o centro.

Escutar, finalmente, tem a ver com a verdade. Nossa capacidade de escuta é inversamente proporcional à nossa convicção de

conhecermos e possuímos a verdade.

Na Encíclica *Fratelli Tutti*, a verdade é definida como “a busca dos fundamentos mais sólidos que estão na base de nossas opções” (n. 208). No Evangelho de João [14,6], a verdade se encontra entre o caminho e a vida, exatamente como uma busca, um descobrimento coletivo e progressivo, um percurso sedento e nunca acabado.

Em sintonia com esta metáfora, cabe nos perguntar qual seria, então, um símbolo capaz de representar nossa fé, feita de relação com Deus e com os outros: talvez seria mais um cântaro vazio que uma pia batismal...

REFERÊNCIAS

FRANCISCO. *Constituição Apostólica Episcopalis Communio*. Sobre o Sínodo dos Bispos. Documentos Pontifícios 36. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. Documentos Pontifícios 44. Brasília: Edições CNBB, 2020.



Desafios e horizontes para a ecoteologia no mundo contemporâneo

Pe. Ricardo Gonçalves Castro¹

A terra e seus habitantes, vivemos momentos sombrios e somos chamados a habitar e entrar neste tempo. Os desafios atuais desencadeiam em nós dúvidas e angústias. A resposta a esses sentimentos brota da fé no Deus da vida que continua alimentando nossos corpos, nossos espíritos e nossas mentes. O poeta amazonense Thiago de Melo nos adverte em sua poesia: “faz-se escuro, mas eu canto”. O nosso canto é de lamento. Assim como o profeta Jeremias chorou sobre a destruição da cidade santa [Lm 1,16] e Jesus com a incredulidade de seu tempo, nossa resposta é o lamento [Mt 23,36-39]. O lamento é uma reação própria do coração humano frente aos grandes desafios, aos desmandos humanos, à ignorância e à violência.

Lamento é uma forma de tristeza. Mas, o lamento não é somente uma expressão de tristeza e angústia. É também reconheci-



Foto: marcio isensee / Shutterstock.com

to individual ou comunitário de que as relações vitais foram fragilizadas, fragmentadas e infielmente vividas. O lamento é sobre o que aconteceu ou o que está acontecendo, mas no seu interior existe uma semente de esperança, de luz, de cura da dor e do sofrimento. O lamento nos dá consciência da destruição, da fragmentação e das relações quebradas, cria instintivamente um desejo, uma busca de

¹ Possui doutorado em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro [2018-Puc-Rio]. Atualmente é professor da Faculdade Salesiana Dom Bosco, Diretor do Instituto de Teologia, Pastoral e Ensino Superior da Amazônia.



cura. A ligação entre entristecer, curar e consolar, pode produzir o novo, as justas relações, a superação de sistemas opressores e destruidores da vida. O verdadeiro lamento não é ressentido e odioso, nasce da generosidade do coração, do anseio por reconciliação. Torna-se uma oração confiante e silenciosa, um pedido confiante de que o nosso lamento e o nosso grito serão escutados pelo Deus da libertação criadora. O lamento não é utilitarista, nem egoísta, mas necessário, como uma criança que chora pedindo os peitos cheios de vida da mãe, ou simplesmente um carinho-oso abraço aconchegante.

Nosso lamento nasce de uma crescente preocupação com o processo cada vez mais intenso de destruição da criação nos últimos vinte anos. A destruição é tamanha que alguns pensadores consideram o estado ecológico do mundo uma crise de tal grandeza, cujo efeito geral ameaça impactar muitas ou todas as formas de vida do planeta Terra, tão radicalmente, e até mesmo terminalmente. O sistema de vida deste planeta está sob profunda ameaça.

Lamentamos a discrepância que há entre as afirmações a respeito das questões ambientais, que são cruciais e determinantes para os indivíduos e governos, e as efetivas e eficazes ações correspondentes. Os dados, fatos e fenômenos indicam que essas questões ainda estão longe de ser resolvidas de forma eficaz. A deterioração ecológica em todos os biomas do planeta ocorre numa escalada massiva crescente. Essa deterioração é evidente no aumento do consumo de energia, polui-

ção de todos os tipos, incluindo emissões de carbono, crescimento excessivo da população humana, esgotamento de recursos não renováveis e perda da diversidade animal e vegetal. Histórias de sucesso ambiental, como a proibição dos CFCs, que impediu o aumento do tamanho dos buracos na camada de ozônio, são relativamente raras. Em vez disso, acordos ambientais, como restrições às emissões de carbono, são frequentemente ignorados ou subvertidos; quando as restrições são cumpridas por um grupo de países, isso geralmente é desconsiderado por outros grupos de governos.

Lamentamos que neste momento de nossa história nacional e mundial, estamos fracassando em dar uma resposta adequada e eficaz ao que muitas vezes é visto como uma crise potencialmente catastrófica que vem se tornando o problema central de nosso tempo. Não estamos apenas falhando em reverter nossa situação ambiental atual, mas a estamos exacerbando, aumentando a produção e emissões de carbono e elevando, em taxas exponenciais, o contingente da população humana. Podemos comparar nossa situação com a história do Titanic para expressar a posição ecológica de hoje, em que recebemos o aviso da colisão com o iceberg e tomamos a notável decisão de dobrar a velocidade do motor para velocidade máxima, ou seja, aumentamos da inércia de aplicar as orientações adequadas à crise, para aprofundar a destruição planetária. A incapacidade da humanidade de pensar, sentir, imaginar e agir para sair do atual impasse ecológico é debili-





tante, frustrante e preocupante.

Muitas vezes temos a sensação de que sabemos que devemos tomar providências emergenciais e radicais, mas não somos capazes de fazê-lo. Para muitos ecologistas, essa lerteza se aprofunda, por exigir muito altruísmo, muito empenho na transformação de nosso modelo de vida, modelo de sociedade e modelo de ciência. O empenho de tomar decisões para o cuidado da Casa Comum tem sido menos energizado e eficaz do que outros movimentos como o feminismo (na luta pelos direitos das mulheres), como a luta por direitos civis dos negros e LGBTQI+. Estas questões impactaram a vida das pessoas mais pessoalmente e, portanto, fomos capazes de equipar com mais sucesso aqueles e aquelas que participam na transformação social através de uma “autocapacitação direta”. Quanto à deterioração do mundo natural, inexoravelmente, sentimos a urgência do problema, mas a imobilidade ecológica é crescente. O miasma de tédio que caiu sobre a questão ecológica nos últimos anos nos dá a sensação de que, embora importante, ela é uma espécie de tarefa social, uma responsabilidade sombria que esta geração está deixando, cada vez mais pesada, sobre os ombros das gerações futuras.

Ao lamentarmos a paralisia ecológica identificada com uma dimensão trágica e cíclica, somos tomados pela percepção enfraquecedora de que as dificuldades ambientais são intransponíveis, mas também agrava a crise inicial porque não conseguimos conter os atuais altos níveis de consumo, poluição e crescimento e, portanto, acelera a taxa de deterioração

do mundo natural. Uma gama altamente complexa de fatores contribui para a falta de uma resposta eficaz às questões ecológicas. A falta de informação e as informações negacionistas que desmerecem a ciência ecológica (que causa incerteza quanto ao melhor curso de ação). Certa relutância, e jogos de sutilezas políticas mundiais para se tomar decisões globais, consensuais e unitárias, em favor da vida do planeta. Há uma negação nefasta a respeito da extensão (ou existência) da grave situação dos ecossistemas. Mantém-se um comprometimento ideológico e/ou habitual com práticas antiecológicas de longa data. Enfraquecimento da vontade de renunciar aos benefícios e resultados (materiais, psicológicos e ideológicos) do modo de vida consumista.

De alguma forma alimenta-se no imaginário social e político, em torno das questões ambientais, uma ilusória suposição de que existe uma solução (ainda desconhecida) que pode e será, em algum momento implementada de alguma forma, nos permitindo de continuar perpetuando nosso modo de viver que é essencialmente destrutivo da vida na Terra.

Essa perspectiva é às vezes descrita na literatura ecofilosófica como a abordagem ‘superficial’, em contraposição ao que às vezes é descrito como ‘profundo’. A posição ‘superficial’ apresenta a crise ecológica em termos de questões únicas que podem ser resolvidas com relativa facilidade e simplesmente por meio de pequenas mudanças comportamentais (como reciclagem, apagamento das luzes não utilizadas e compra de créditos de carbono) ou por meio do desenvolvimento





e implementação de novas formas de tecnologia. Embora haja definitivamente lugar na ação ambiental para pequenas mudanças de comportamento e inovação tecnológica, elas podem ser insuficientes, por si próprias, para abordar questões globais sem precedentes, como as mudanças climáticas, de forma rápida ou profunda o suficiente.

Soluções superficiais são inadequadas porque a crise ambiental é profunda e altamente complexa. Envolve muitas, senão todas as esferas da atividade humana. E por ser inédita, há inevitavelmente um certo grau de incerteza quanto às melhores maneiras de abordá-lo. Podemos articular a profundidade e a complexidade da crise ambiental enfatizando seu aspecto multidimensional. Primeiramente, é uma crise que impacta os contextos vitais do sistema de vida da terra [intervenções e explorações ao antropoceno estão modificando profundamente os sistemas de vida]. Segundo, é uma crise de consciência [na qual os seres humanos não estão suficientemente conscientes do impacto de seu modo de vida sobre o meio ambiente]. E por fim, é uma crise de consciência humana [que ainda não foi suficientemente estimulada para nos motivar a fazer mudanças fundamentais em nosso estilo de vida e modo de organizar a sociedade]. Esta perspectiva nos convida a uma resposta ecológica que vai além de soluções simples e superficiais. Deverá ir além da suposição de que, se formos informados sobre uma situação, necessariamente responderemos a ela de maneira adequada. Como já se observou, o comportamento ético não emerge necessa-

riamente da aquisição de conhecimento e informação. É uma falácia liberal presumir que a informação e a educação constituem a chave para a justiça.

Neste sentido, presumimos que os problemas ecológicos estão profundamente enraizados nas estruturas humanas. Deste modo, os meios para lidar com esses problemas provavelmente exigirão um modo de vida radicalmente sustentável que não exceda os recursos finitos da Terra e nem impeça a sua capacidade de se renovar. Neste sentido podemos dizer que a questão é essencialmente cultural. Argumentamos que a solução não é principalmente sobre mais conhecimento ou tecnologia; trata-se de desenvolver uma cultura ambiental que valorize e reconheça totalmente a esfera não humana e nossa dependência dela, e seja capaz de tomar boas decisões sobre como vivemos e impactar no mundo não humano.

Trataremos o pensamento e a crença como as categorias que mais fundamentalmente determinam o comportamento ambiental. Quando discutimos a conexão entre as ideias e a decadência ambiental, sugerimos que uma razão importante para a discrepância entre a preocupação ambiental, por um lado, e a incapacidade de mudar o comportamento ambiental, por outro, é que as ideias e as atitudes que deram origem aos danos ambientais não foram ainda suficientemente questionadas e alteradas. O rápido aumento da taxa de deterioração ecológica ocorre como resultado de uma perspectiva intelectual e filosófica. Uma das razões da rápida deterioração da vida no século XXI se





deve, também, às ideias e políticas e econômicas prevalecentes e de uma perspectiva ecológica que pouco se aprofundou e se aplicou. Se as ideias econômicas políticas atuais contribuíram significativamente para a nossa atual situação ambiental, então de certo modo, o declínio ecológico se origina com a ideologia da industrialização e do crescimento econômico.

Nenhuma seita respeitável entre os políticos e economistas poderia explicar a depreciação de ativos naturais. Os verdadeiros hereges, economistas que desafiaram o objetivo fundamental do crescimento e buscaram reconhecer o valor dos serviços ecossistêmicos, permaneceram fora dos limites até o final do século XX. O pensamento econômico não se ajustou às novas condições que ajudou a criar; assim, continuou a legitimar, e na verdade, a causar indiretamente mudanças ecológicas massivas e rápidas. Uma das causas desta situação está na relação estabelecida com o dinheiro, porque aceitamos pacificamente o seu domínio sobre nós e as nossas sociedades. Segundo Papa Francisco: "A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e sobretudo a grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo".

A prioridade abrangente do crescimento econômico foi a ideia mais importante do século XX. Muitos pensadores vão além, ligando a decadência ambiental não apenas com ideias de economia e política, mas com ideias relacionadas à autocompreensão humana e visão de mundo, sugerindo que pode haver

uma conexão entre o fenômeno da decadência ecológica e uma crise existencial percebida na cultura do Ocidente. Assim, é possível considerar que os danos aos biosistemas da Terra resultam de uma profunda patologia cultural. O problema não está fora, mas dentro de nós, não no ecossistema, mas no coração humano, na mentalidade coletiva. A decadência ambiental pode ser vista e analisada como resultado da perda humana de um profundo 'conhecimento' da natureza. A presente situação é principalmente a consequência da perda de um conhecimento sapiencial da natureza e de um conhecimento interior, uma crise espiritual e não simplesmente o resultado de má engenharia.

A crise ecológica pertence ao todo da biosfera. Em termos de humanidade, a crise afeta todos os seres humanos, portanto, é necessariamente um desafio ético-filosófico para todas as religiões e culturas. As preocupações ecológicas afetam a todos os aspectos da vida humana, portanto, mais fundamentalmente, a crise ecológica é uma crise de valores, um problema de atitude, uma preocupação espiritual. Segundo Moltmann, o que chamamos de crise ecológica não é apenas uma crise no ambiente natural dos seres humanos. É nada menos do que uma crise nos próprios seres humanos.

O desafio apresentado pela crise ecológica pode, portanto, ser entendido como profundamente relacionado à forma como o ser humano percebe a realidade em que vive. Nosso entendimento tem um impacto significativo sobre o mundo, e nossa visão de mundo, por sua vez,





afeta o que estamos fazendo com a Terra. Segundo Whitehead, “como pensamos, vivemos”. Nossa visão da realidade [isto é, nossas visões de mundo ou cosmologias] influenciam poderosamente os valores, crenças, motivações, emoções, pensamento e comportamento humanos porque determinam como vemos o outro transcendente, como nos vemos [como indivíduos e como espécie] e como vemos o mundo natural. As atitudes humanas em relação ao ambiente são amplamente determinadas pelas maneiras como entendemos o universo.

O que pode estar por trás do fenômeno contraditório, de um ambiente em rápida deterioração e um ponto crítico da compreensão humana desta realidade, tem a ver com a questão muito complexa de como os seres humanos atualmente percebem a relação entre a humanidade e a natureza, com um desligamento, a quebra de um vínculo que constitui um conflito inerente à humanidade com repercussões religiosas. Principalmente, no campo da compreensão do humano como imagem e semelhança de Deus.

É irônico que a única coisa que todas as religiões reconhecem como algo que nos separa de nosso criador – nossa própria autoconsciência – também é a única coisa que nos separa de nossos semelhantes terrenos. O que resultou de nossa autoconsciência humana, tão aclamada pela subjetividade moderna [penso logo existo], foi o isolamento tanto do Criador quanto dos grupos humanos diversos e do restante da diversidade mineral, vegetal e animal. A distinção intrínseca da natureza humana, sem dúvida, foi aguçada, especialmen-

te na era moderna, à luz de duas fraturas ou deslocamentos adicionais [inter-relacionados]: aquele entre o mundo divino e natural e aquele entre os seres humanos e o divino. Portanto, a crise ecológica pode ser entendida em um nível mais profundo como uma crise de espiritualidade, porque a maneira como os seres humanos entendem sua relação com o mundo natural está intrinsecamente ligada em como entendemos nossa própria relação com Deus, e com nosso entendimento da relação entre Deus e o universo. Este paradigma triangular de relações quebradas [humano-divino, humano-natureza e divindade-natureza] parece, no contexto contemporâneo, ter uma relação significativa com a deterioração ecológica.

Se a maneira como os seres humanos se veem em relação ao universo está intimamente ligada a atitudes e comportamentos ecológicos, então as atuais crises ecológicas e existenciais exigem uma resposta profunda que envolve a maneira como entendemos a nós mesmos, Deus e o mundo natural. As teologias ecológicas sugerem que essa resposta envolverá uma profunda mudança na cosmologia – cosmovisão – que em termos espirituais pode ser entendida como uma conversão ou metanoia, alfabetização ecológica, iniciação a uma vida ecológica cristã.

A luta por vida sustentável que gere vida em abundância para todos e todas nesta terra e a relação com o Deus transcendente, não é um problema novo; as tensões da vida mundana e da vida cristã geraram discussões desafiantes para a ética cristã. Mas as questões que emergem da crise ecológica desafiam as tradições





teológicas de maneiras sem precedentes nos debates sobre as atitudes cristãs, que vão para além das questões éticas sobre a guerra, sexualidade ou pobreza. Pois as questões ambientais apresentam problemas morais que escapam às estruturas aceitas da ética teológica. A perda de espécies e a degradação da biodiversidade obviamente prendem nossa atenção moral, mas como isso importa para a vida cristã? As novas biotecnologias, as nanotecnologias e engenharia genética exercem controle agressivo sobre os organismos vivos e os vegetais, mas que parte da história cristã oferece aprovação ou desaprovação para essas práticas? A globalização do capitalismo mudou tudo, da agricultura às economias locais, mas como isso é medido pela sabedoria teológica? Em um mundo em processo de urbanização galopante, a necessidade de planejamento sustentável, habitação e uso de energia exige novas formas de políticas imaginativas, mas como essas são inteligíveis e podem ser pensadas pelas comunidades cristãs? As mudanças climáticas geram novas problemáticas para a sociedade e para os indivíduos e trazem em si questões morais, mas como isso pode ser feito nas manhãs das celebrações do domingo?

Para os eticistas cristãos essas questões su-

peram a competência das abordagens teológicas tradicionais, forçando novas revisões. Outros acham que podem encontrar novas capacidades nos recursos tradicionais. De qualquer forma, a ecoética cristã deve enfrentar o desafio que a crise ecológica apresenta às tradições teológicas e às práticas morais. Ecoteologias e ecoéticas cristãs têm a tarefa de tornar as questões ecológicas inteligíveis

para as comunidades cristãs e significativas para a experiência cristã. Ativistas, ecologistas, agentes sociais e líderes cristãos podem se valer de suas respectivas tradições e saberes para enfrentar os desafios deste momento da história da vida neste Planeta.

Ecoteologias

Nos últimos cinco anos, se elaborou um conjunto de reflexões teológicas voltadas para um aspecto importante, mas que foi pouco elaborado pelo pensamento cristão, conhecido como teologia ecológica ou "ecoteologia". O caráter da ecoteologia foi percebido de várias maneiras. Pode ser visto como uma preocupação com o mundo natural, baseada no reconhecimento de Deus como criador que chama os humanos para cuidar da terra e de seus recursos de maneira responsável e justa. Também é visto como uma tentativa de recu-



**A luta por vida sustentável
que gere vida em abundância
para todos e todas nesta
terra e a relação com o Deus
transcendente, não é um
problema novo.**





perar a sabedoria ecológica do cristianismo como uma resposta às ameaças e injustiças ambientais, e uma tentativa de reinvestigar, redescobrir e renovar a tradição cristã à luz dos desafios colocados pela crise ambiental. Esta última definição indica que, além de ser um tipo de teologia, a teologia ecológica é também um método de fazer teologia, isto é, de abordar a teologia de forma ecológica; assim, oferece uma crítica cristã dos hábitos culturais subjacentes à destruição ecológica e uma crítica ecológica do cristianismo.

Ecoteologistas observam quatro ênfases na ecoteologia e ecoética cristãs. Primeiramente, a redescoberta de que toda a comunidade terrestre é valiosa para Deus. Segundo, assume a tarefa de repensar a cosmologia cristã, especialmente em relação à espiritualidade e à ética. Terceiro, procura repensar os conceitos, imagens e representações cristãos à luz do desafio ecológico. Quarto, no âmbito da ecoética cristã reflete sobre a justiça ecológica e a relação com a justiça social, que em si é uma fusão de sensibilidade sacramental e compromisso de aliança da humanidade com Deus e de Deus com a natureza.

Para a ecoteologia bíblica, os textos bíblicos podem ser compreendidos a partir seis princípios de ecojustiça:

1. O princípio de valor intrínseco [o universo, a Terra e todos os seus componentes têm valor / valor intrínseco];
2. O princípio da interconexão [a Terra é uma comunidade de seres vivos interconectados que são mutuamente dependentes uns dos outros para a vida e sobrevivência];

3. O princípio da voz [a Terra é um sujeito capaz de erguer a voz em celebração e contra a injustiça];

4. O princípio do propósito [o universo, a terra e todos os seus elementos, são parte de um desígnio cósmico dinâmico dentro do qual cada parte tem um lugar no objetivo geral desse projeto divino];

5. O princípio da responsabilidade mútua [a Terra é um domínio equilibrado e diversos em que os/as guardiães responsáveis podem funcionar como companheiros, em vez de hierarquias de dominação, para sustentar uma comunidade terrestre equilibrada e diversa];

6. O princípio da resistência [a Terra e seus componentes não só sofrem das injustiças cometidas por humanos, mas resistem ativamente a elas na luta pela justiça].

A teologia ecológica se desenvolveu amplamente na década de 1970, e desde a década de 90 se torna uma resposta aos grandes desafios de destruição ambiental, em paralelo com os movimentos ambientalistas, que fazem nascer a epistemologia da ecologização dos saberes. As teologias ecológicas se basearam na tradição cristã para explorar os conceitos teológicos do mundo natural, mas também buscar ir além deles. Era comum para Santo Agostinho... pregar que Deus colocou dois livros à nossa disposição, o livro das Escrituras Sagradas e o livro da Natureza. Se aprendermos a ler o livro da natureza corretamente, ouviremos a verdadeira palavra de Deus e seremos levados ao conhecimento sobre a sabedoria, o poder e o amor de Deus.





O pensamento cristão muitas vezes desconsiderou o 'livro da natureza' de Agostinho e fixou o olhar cristão principalmente no divino e no humano, como consequência, a teologia cristã frequentemente tem ignorado o mundo natural ou o trata simplesmente como palco das ações divinas. Na maioria das tradições cristãs dominantes, a biosfera ainda é percebida como teológica e eticamente trivial, como simplesmente o cenário para o drama divino-humano, que é o único que tem significado salvífico. Contra isso, a ecoteologia intencionalmente desenvolve um novo tipo de teologia da criação que afirma um paradigma triangular que compreende, e mantém juntos integralmente, Deus, a humanidade e o cosmobiótico.

Nesta descrição de ecoteologias podemos ainda apontar para cinco tipos diferentes de ecoteologia que se elaboraram em diversas tradições cristãs e contextos geográficos diversos:

1. A escola reconstrucionista [exemplificada por Matthew Fox], que considera o pensamento cristão tradicional como tendo poucos ou nenhum recurso teológico e, portanto, elabora-se de uma combinação de tradições místicas e espirituais das religiões não cristãs;

2. A escola apologética [como o Conselho Mundial de Igrejas], que busca defender a posição cristã clássica e afirmar seu conteúdo ecológico positivo;

3. A escola revisionista, que trabalha principalmente inserida no interior do pensamento cristão clássico e das Escrituras, mas que acredita que essa tradição precisa ser reformada;

4. A escola libertadora, que articula o grito da terra com o grito dos pobres;

5. A escola ecofeminista torna-se um feminismo com consciência ecológica. As correntes ecofeministas em todas as suas variantes estabelecem uma relação entre o patriarcado e a natureza, e elabora-se a partir dos seguintes pressupostos:

a) existem elementos significativos em comum entre a exploração da natureza e a opressão das mulheres;

b) é necessário entender a natureza dessa relação para poder analisar e combater ambas as opressões;

c) a teoria e a prática feministas devem incluir uma perspectiva ecológica; d) soluções para problemas ecológicos também devem incluir uma perspectiva feminista sobre a desigualdade entre mulheres e homens.

A emergência das ecoteologias faz com que estas se tornem fundamentais para que sejam feitas as reinterpretações, extensões e revisões, bem como um discernimento claro das influências ideológicas, para que se preserve a identidade histórica dos aspectos relevantes das teologias cristãs, e sejam capazes de valorizar as percepções éticas e dados ecológicos atuais.

As ecoteologias assumem também a tarefa de explorar e revisar o corpo dos textos cristãos e da tradição a partir de uma postura do contextual atual. O contexto é necessário para a teologia que se propõe a construção da consciência ecológica. A ecoteologia, como a própria ecologia, é essencialmente baseada na práxis e envolve uma preocupação com o





bem-estar prático e tangível de entidades ou ecossistemas específicos. A contextualidade é parte inerente do fazer ecoteologia, sendo o elemento distintivo das teologias não contextuais. Como a ecoteologia se refere intencionalmente ao seu contexto, é importante que essa reconstrução teológica seja acompanhada de um forte engajamento público, político-social que deixe claro a inter-relação entre a fé e as realidades ecológicas locais. Ecoteologias são também chamadas para elaborar uma crítica teológica das estruturas e processos político-ideológicos (patriarcalismo, hierarquizações, violência e opressão) que geram a fragmentação, corroem os vínculos amorosos e comunitários, a fim de apresentar novamente a inter-relação da humanidade e da natureza como criaturas diante de Deus.

Ao referir-se e relacionar-se com seu contexto ambiental social, político e prático, a ecoteologia dá ênfase ao comportamento transformador, clamando por libertação e justiça para a criação e a humanidade. As marcas da ecoteologia que são relevantes para esse fim, incluem: a noção de que o mundo natural é inerentemente valioso; o princípio da interconexão; a necessidade de repensar e reafirmar a cosmologia cristã; a importância da tradição sacramental; a necessidade geral de revisar a teologia à luz de percepções e preocupações ecológicas. Em particular, o paradigma triangular do divino-humano-cosmos que a ecoteologia articula é afirmado e assumido neste estudo.

Para finalizar, apontamos alguns aspectos significativos para uma Ecoteologia Amerín-

dia, que precisam ser elaborados de acordo com seus contextos. Primeiro, a compreensão dos biomas brasileiros: a Ecoteologia Ameríndia tem como ponto de partida o conhecimento dos biomas, refletir sobre as particularidades, a história e sobre a ação humana nessas realidades naturais, a valorização dos povos originários e de suas culturas ecológicas. Em segundo lugar, compreender a diversidade das culturas ecológicas dos povos ameríndios, das comunidades rurais e urbanas, as particularidades da relação ser humano com a natureza, a compreensão da comunidade cosmobiótica e a ética do bem viver. Por fim, a elaboração, a partir das vivências comunitárias, de uma eclesiologia ecológica, caracterizada por uma ecologia das vivências comunitárias de igualdade, fraternidade e solidariedade com todas as formas de vida. Com forte tonalidade sobre o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural.

REFERÊNCIAS

- CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida*: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad.: Newton Robert Eichemberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- HART, John. *Are They Saying About Environmental Theology?* New York: Paulist Press, c2004.
- PRZEWORSKI, Adam. *Crises da Democracia*. Trad.: Beirilo Vargas. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2020;
- PIKETTI, Thomas. *Capital e Ideologia*. Trad.: Dorothée de Bruchard e Maria de F. O. do Cotto. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- BOFF, Leonardo. *Ética da vida*: a nova centralidade. Rio de Janeiro: Record, 2009;



FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015.

MARQUES, Luiz. *Capitalismo e colapso ambiental*. 3. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2019.

FRANCISCO. *Laudato Si'*, n. 55.

HATHAWAY, Mark ; BOFF, Leonardo. *O Tao da Libertação: explorando a ecologia da transformação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOLTMANN, Jurgen. *Deus na Criação* – doutrina ecológica da criação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

WHITEHEAD, Alfred N. *Modos do Pensamento*. Ontário: Collier-Macmillan Canada, 1968

CASTRO, Ricardo, G. *Amazônia*. Novos caminhos nas relações entre homem e mulher. São Paulo: Edições Paulinas, 2020.

MURAD, Afonso [Org.]. *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus Editora, 2016.

RUETHER, Rosemary R. *Gaia y Dios: una teología ecofeminista para la recuperación de la Tierra*. Tradução cast.: Marta N. de Ferragut y Norma Lascano. Demarc: México D. C., 1993;

CROATTO, José S. *La Vida de la Naturaleza en Perspectiva Bíblica* - apuntes para una lectura ecológica de la Biblia. RIBLA: Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana, n. 21 (1995): 47-55.

FOX, Matthew. *A Vinda do Cristo Cósmico: a cura da Mãe Terra e o surgimento de uma renascença planetária*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

GEBARA, Ivone. *Intuiciones ecofeministas: ensayo para repensar el conocimiento y la religión*. Trad.: Graciela Pujol. Madrid: Editorial Trotta, 2000.





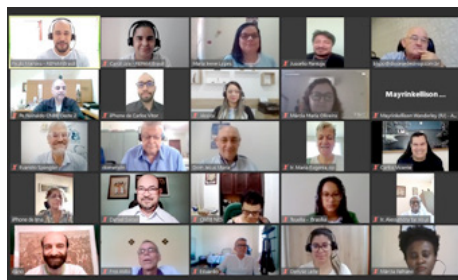
Foto: Tarcisio Schnaider / Shutterstock.com

Escuta e ecologia integral são destaques na abertura do 2º Encontro de Ecoteologia da REPAM-Brasil

A Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM-Brasil realizou na quarta-feira (18/08/2021), o 2º Encontro de Ecoteologia da Rede. Nesta edição, o evento trouxe como temas principais o Sínodo para a Amazônia e a Ecologia Integral, provocando reflexões sobre a espiritualidade da escuta e os compromissos e horizontes ecoteológicos.

Participam do encontro mais de 40 participantes, entre bispos, assessores da REPAM-Brasil, lideranças dos comitês locais e convidados.

Dom Erwin Kräutler, presidente da REPAM-Brasil, abriu o encontro acolhendo os participantes e lembrando a importância de refletir sobre o tema à luz da caminhada do Sínodo para a Amazônia. Durante o evento, Moema Miranda, assessora da Rede, conduziu um momento de memória do encontro de ecoteologia, realizado em 2017, que provocou diversas reflexões sobre o tema a partir da encíclica *Laudato Si*.



Quem escutar? A quem vale à pena escutar?

Essa é uma das provocações que o missionário comboniano e assessor da REPAM-Brasil, Pe. Dário Bossi, destacou no painel “A espiritualidade da escuta: o caminho do Sínodo para a Amazônia”. A apresentação abriu as discussões do primeiro dia do encontro.

Pe. Dário recordou o Papa Francisco durante o Sínodo para a Amazônia, que suscitou uma atitude permanente de escuta pedindo que sejamos sinal duma Igreja à escuta e em caminho. Para o missionário, o chamado do pontífice é uma “provação quase permanente para todos nós”.

‘Pedimos antes de mais nada, do Espírito Santo, o dom da escuta: escuta de Deus, até ouvirem com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade a que Deus nos chama’ [EC 6].

“O papa repete e tenta insistir conosco que a escuta ela é um dom do Espírito Santo, não é simplesmente um voluntarismo nosso, é, sobretudo, um dom do Espírito. Não depende de nossa capacidade ou habilidade, ao contrário, é um dom do Espírito que exatamente por ser dom requer uma postura permanente de docilidade, confiança, paciência e descentralização”, ponderou o assessor.

Ele afirmou ainda que o dom da escuta é um dom pelo qual deixamos de nós sentir “mestre” para assumir uma postura de aprendiz e de discípulo.

Compromissos e horizontes ecoteológicos

Márcia Oliveira, também assessora da REPAM-Brasil, conduziu as reflexões do painel “Documento Final e Querida Amazônia: compromissos e horizontes ecoteológicos para os novos caminhos”, onde apontou elementos do documento final e da Querida Amazônia.

No painel, a assessora afirmou que a sinodalidade foi o fio condutor da Assembleia Sinodal para escutar a realidade, encontrar os possíveis caminhos e promover ações que venham ao encontro das necessidades da região pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta. “Então localizar a Amazônia nessa perspectiva como uma grande Casa Comum me parece que é o grande horizonte nessa perspectiva de novos caminhos, destacou Márcia.

Márcia ressaltou que, apesar da expressão não ser uma insistência no documento, a pro-

posta do diálogo e de aproximar a prosta da Ecologia Integral, que perpassou todo o Sínodo para a Amazônia e que está muito presente na Querida Amazonia, a Ecoteologia e encontrar os pontos comuns.

“Querida Amazônia nos apresenta um conjunto de caminhos que representam um itinerário de grande importância para a Igreja na Amazônia. Fundamentado em percursos sociais, culturais e ecológicos, o itinerário aponta para uma igreja que escuta o clamor do povo amazônico num território ameaçado e marcado pela morte”, afirmou a assessora.

Ampliando a reflexão, Ima Vieira afirmou que o Sínodo veio para reforçar a ecoteologia e sua perspectiva na teologia. Para ela, “a ecoteologia tem muitas perguntas que podem traçar muitos elementos próprios das suas preocupações podemos pensar na ecologia integral como uma reflexão relacionada a todas as dimensões da vida humana, que busca dar uma resposta na perspectiva holística relacional, mas ela também fala de práxis da ética da ecoteologia”.

Daniel Souza, teólogo, membro da Igreja Anglicana e convidado da REPAM-Brasil, compartilhou algumas inquietações e provocou o grupo sobre a “escuta da diversidade”. Segundo Daniel, a escuta da diversidade também pode ser perigosa porque pode-se “criar uma inclusão excludente”.

“Então, eu crio um espaço de totalidade diverso, mas essa diversidade é uma inclusão excludente porque, de fato, não desloca o poder. O poder está mantido e os esquemas de quem diz o mundo, fórmula e estabelece. Então qual é o lugar da diversidade quando estamos falando de ecoteologia?, questionou o teólogo.

REPAM-Brasil encerra 2º Encontro de Ecoteologia com painel sobre os desafios para a Ecoteologia no mundo contemporâneo

Encerrou-se na quinta-feira, 19 de agosto de 2021, o Encontro de Ecoteologia da Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM-Brasil. Na agenda do último dia, a programação trouxe o painel “Fratelli tutti e o Sínodo para a Amazônia: relações e intuições para a ecoteologia”, abordando o cuidado, diálogo e a fraternidade, e “Desafios e horizontes para a Ecoteologia no mundo contemporâneo”, refletindo sobre a crise ecológica.

Ir. Afonso Murad, marista e doutor em Teologia, abriu o evento com o painel “Fratelli tutti e o Sínodo para a Amazônia: relações e intuições para a ecoteologia”, apresentando os elementos do Documento Final e da Fratelli Tutti. “O sínodo para a Amazônia foi um apelo e um compromisso das nossas Igrejas de promover uma evangelização encarnada e coerente, enquanto a Fratelli Tutti tem um apelo para superar o ódio”, ressaltou o assessor.

Durante o diálogo, Murad refletiu sobre o bom samaritano e o estranho no caminho que, segundo o assessor, manifesta a opção fundamental para reconstruir o mundo ferido.



“Francisco diz que o mundo está ferido e para enfrentar esse mundo ferido a única opção é sendo bom samaritano, que são aqueles que mostram iniciativas para refazer uma comunidade que está dilacerada”.

“Incluir, integrar, levantar quem está caído”. (FT 77)

O assessor, recordando a cena do bom samaritano, afirma que “aqueles que são saqueadores, que assaltam e ferem, tem como aliados secretos os que passam pelo caminho olhando para o outro lado. A indiferença é aliada da opressão, por isso, Francisco quer sacudir a gente para o tema da corresponsabilidade”, alertou o assessor.

Ampliando a reflexão, a assessora da REPAM-Brasil, Moema Miranda, trouxe para o debate reflexões sobre tempos apocalípticos e a fraternidade universal e convidou os participantes a “revisitar as imagens desse tempo apocalíptico” e olhar de uma “maneira diferente para a nossa fraternidade universal”.

A assessora sugere olhar para as imagens de Deus a partir do Apocalipse porque revela uma outra imagem de Deus e nos ajuda a se desprender dessa imagem já consolidada. Descrevendo o capítulo 4 de Apocalipse, Moema diz que a imagem de Deus que emerge desse lugar é uma imagem muito mais complexa e diversa e de um Deus muito menos definido.

Para refletir sobre os desafios e horizontes para a Ecoteologia no mundo contemporâneo, Pe. Ricardo Castro falou dos desafios ao pensamento e a praxis do fazer Ecoteologia frente a crise ecológica.

Durante o diálogo, o assessor falou sobre os fatores que contribuem para a falta de respostas eficazes às questões ecológicas. Entre elas o negacionismo, a relutância em tomar uma ação unilateral e o modo de vida consumista.

Dorismeire Vasconcelos, liderança leiga da Diocese do Xingu, agradeceu a oportunidade de diálogo e considerou o evento um espaço de escuta importante. “Que importante ouvir essa solicitude de escuta, diálogo, ternura e potencialidade em comprometer-se em cuidar de nós, do outro e da criação no todo. Encontro Deus em tudo, e Deus está em tudo e em busca sempre em harmonia com toda sua criação conectados e interrelacionando-se”, afirmou.

A diretora executiva da REPAM-Brasil, Ir. Maria Irene Lopes, agradeceu a participação de todos e destacou as palavras “diálogo, ternura e esperança”. “Que esses momentos sejam guardados e que essas falas nos ajudem a amazoninar nossas ações, ressaltou a diretora.

**Confira os materiais disponibilizados
pelos assessores do 2º Encontro de Ecoteologia
da REPAM-Brasil.**

Clique [aqui](#)



Foto: Valter Calheiros

Veja o que os participantes falaram sobre o 2º Encontro de Ecoteologia da REPAM-Brasil, que aconteceu entre os dias 18 e 19 de agosto de 2021, de forma online.

"Precisamos de uma conversão do nosso olhar... Ter o olhar de Jesus de compaixão pela querida AM fonte de vida para todos!!!" **Francisco Nunes**

"Nos tempos atuais, a escuta e o silêncio são tão difíceis porque as pessoas as vezes buscam os sinais dos tempos, mas não silenciam para ouvir verdadeiramente a terra, muitos até tentam, mas não coloca seu ouvido na terra para ouvi-la." **Domingad Martins**

"A espiritualidade da escuta exige que demos um primeiro passo para nos esvaziarmos de nossos conteúdos, preconceitos e verdades absolutas, como um útero pronto para ser fertilizado." **Pedro Sánchez**

“Para que aconteça uma conversão profunda e para uma ecologia integral é necessário que todas as pessoas percebam que temos que tirar as sandálias das vestes e ver, ouvir e sentir, pisar, deitar e escutar para que possamos nos alimentar com sustentabilidade das riquezas da terra em nossa pobreza, porque diante desta mãe terra tão rica ninguém se sente pobre e é um pecado. Jesus Cristo ele nunca se sentiu rico porque ele ouvia sentia e agia.”

Domingad Martins

“Gratidão! Por tão inspiradora, enriquecedora e importante experiência pessoal, comunitária e profundamente nos convoca e reforça a nossa missão em tocar os corações dentro e fora do mundo eclesial na importância da vivência ecoteológica da amplitude das cosmovisões da importância da inculturação, interculturalidade, sinodalidade. Dois dias que marcaram profundamente a nossa fé a vida. Que venha mais iniciativas como essa!” **Dorismeire Almeida Vasconcelos**

A espiritualidade da escuta: o caminho do Sínodo para a Amazônia

Dorismeire Almeida de Vasconcelos – Suscita a importância de estarmos sempre numa contínua conversão e cura da escuta. Aprender desaprender, reaprender a escutar para firmar o caminho interrelacional, intergeracional de cuidar e salvaguardar a casa comum fazendo a realizar-se o projeto de vida de Deus.

Frei Atilio Battistuz - O desafio da escuta é ouvir os que não falam, não se manifestam diretamente, objetivamente. Ouvir os que se afastam da Igreja, que nunca vão dizer qual o motivo. Ouvir o grito de fome dos que já não entram na fila para receber uma cesta básica. Ouvir aqueles que não estão na reunião quando discutimos o horário da celebração. Ouvir as comunidades invisíveis, que dificilmente são visitadas. Ouvir o sofrimento e o gemido dos animais que estão em extinção. Ouvir o lamento da floresta ardendo em chamas. Ouvir o grito dos que estão em silêncio.

Irmã Roberta Lee Spires - Os barulhos e seduções da modernidade com as tecnologias que trazem benefícios, mas também ensurdecem com som constante e muitas mentiras [fakes], o materialismo com a preocupação de ter mais e imitar mais, a indiferença e desatenção com as criaturas - humanas e outras... Tudo isso está contaminando e aumentando até entre os povos indígenas. E há muito falado, gritado e celebrado “em nome de Jesus”. Estas “revelações” das religiões neopentecostais estão deixando nosso povo cada vez mais surdo.

Daniel dos Santos Lima - Faço uma reflexão a partir do elemento ESCUTA, que a meu ver é um dos pontos mais importantes num processo profundo de discernimento. Vejo a escuta, na perspectiva do Sínodo, como um lugar de gestação e de criação de possibilidades de novos passos. Os “novos caminhos” possuem certa complexidade, mas é no ato de ouvir o povo, ouvir a realidade que as luzes vão surgindo e iluminando tudo. Escutar é mais que só ouvir. Ouvir é um processo mecânico referente ao sentido da audição, é além de sua vontade, a não ser que tape os ouvidos. Já escutar é uma ação que depende da sua vontade em prestar atenção, tentar entender o que está sendo dito, refletir, e, depois de assimilado o conteúdo, concordar ou não. O que não devemos fazer é enquanto o outro está falando, já estarmos mais preocupados em elaborar a nossa argumentação para discordar, sem nem ao menos termos escutado. É a famosa expressão: entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Além disso a palavra escuta nos remete à uma outra palavra que possui um significado bem profundo, interessante e importante, principalmente em se tratando da presença eclesial na Amazônia: auscultar. Auscultar, na medicina, [determinada parte do organismo] serve para identificar e diagnosticar os ruídos causados por alguma enfermidade, aplicando o ouvido diretamente sobre a parte adoecida, ou utilizando um aparelho. Na Amazônia ferida pela devastação ambiental e pela exploração do povo, o processo auscultar se faz urgente e necessário. Sigamos escutando e auscultando, procurando saber; inquirindo; investigando. Que este processo de discernimento através da escuta nos faça ousados e ousadas nas terras da querida Amazônia.

Documento Final e Querida Amazônia: compromissos e horizontes ecoteológicos para os novos caminhos

Mayrinkellison Peres Wanderley - Um Sínodo ecumênico e aberto a outras expressões religiosas - é imprescindível para entendemos o quanto cada um pode contribuir para um entendimento correto de nossas convicções religiosas que externalizam-se por nossas ações. Povos originais conhecem e entendem com profundidade da realidade da “floresta”, dos “polos”, dos “desertos” e nem todos são cristãos, na acepção da palavra. Reconhecer o outro e permitir que a alteridade “fale” a todos nós é necessário para um bom e completo aproveitamento.

Jéssica Pereira de Castro - Precisamos escutar os clamores ambientais, para que possamos refletir sobre as necessidades dos povos e seus territórios. É na escuta que refletimos as intervenções na realidade tão sofrida dos povos. Devemos agir com toda nossa força e cuidado, para que possamos trabalhar na Amazônia tão sonhada e que assim, jamais seja esquecida.

Fratelli tutti e o Sínodo para a Amazônia: relações e intuições para a ecoteologia

Eduardo Alencar Lustosa - Enquanto a pecuária é causadora de 80% dos desmatamentos, nossos alimentos são contaminados por agrotóxicos venenosos e destruidores.

Desafios e horizontes para a Ecoteologia no mundo contemporâneo

Eduardo Alencar Lustosa - Ouvir outro dia de um jovem padre de batina: “como posso ser contra o agronegócio, se meus pobres da minha paróquia no sertão do Tocantins, tem emprego depois que o agronegócio chegou”? Há um longo caminho a fazer, começando com as lideranças de nossa madre Igreja. É preciso difundir a ECOTEOLOGIA.



Fotos: Amazônia conservada: Marcos Mello / Adobe Stock
Amazônia desmatada: Marcio Isensee e Sã / Adobe Stock

COLEÇÃO AMAZONIZAR



Está Disponível

Acesse o **QR Code**
e adquira a sua!



Revista

ECOTEOLOGIA

Abril | N°. 3/2023



Ecoteologia Amazônica:
entre conflitos e resistências



Rede Eclesial Pan-Amazônica REPAM-Brasil

Brasília-DF, abril de 2023

Nº. 3/2023



Publicação Digital Anual

Presidente da REPAM-Brasil: Dom Evaristo Pascoal Spengler

Vice-Presidente: Dom Pedro Brito Guimarães

Secretário: Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira

Secretaria Executiva: Irmã Maria Irene Lopes

Comitê Científico

Ari Antônio dos Reis

Daniel Seidel

Dário Giuliano Bossi

Felício Pontes

Ima Vieira

Márcia Maria de Oliveira

Ricardo Castro

Roberto Malvezzi

Moema Maria Marques

Convidados

José Reinaldo F. Martins Filho

Justino Sarmiento Rezende

Luiz Felipe Lacerda

Marie Henriqueta Ferreira Cavalcante

Tea Frigerio

Elaboração: Ana Caroline Lira

Revisão: Elisangela Dias

Diagramação: Raul Benevides

Idioma: Português Brasil

Contato

www.repam.org.br

comunicacao@repam.org.br

(61) 3447-4117 ou (61) 98595-5278

ÍNDICE

ARTIGOS

- 4** **Ecoteologia** Amazônica: entre conflitos e resistências
- 8** **Ecoteologia** ecoespiritualidade: Aspectos ecológicos e socioambientais
- 15** **Violências** e a capacidade de resistir e descortinar a esperança
- 21** **O Sínodo da Amazônia:** perspectivas de continuidade três anos depois
- 28** **Sínodo da Amazônia** e Espírito/Divina Ruah: bloqueios e inércia
- 39** **Conexão das forças boas:** Afugentar os seres das doenças



Ecoteologia Amazônica: entre conflitos e resistências



Cada vez mais a Teologia se torna uma exigência para nossa vida de fé-esperança, trilhada em comunidades, na escuta e na partilha de nossas rodas de conversas, celebrações e rituais que são enriquecidos pelas realidades históricas em que caminhamos. Quando falamos de Eco-teologia, temos como ponto de partida os desafios da crise ecológica desencadeada pelo antropoceno, pelos processos coloniais e imperiais, com sua tecnocracia e a idolatria do mercado. Fazemos Ecoteologia, ecologizando o discurso sobre Deus que é o Deus da Criação e presente em sua criação; ecologizando Jesus Cristo, a sophia de Deus encarnado, que assume nossa corporeidade

terrenal, retirando da contemplação da natureza sua sabedoria para ensinar sobre o Reino de Deus, da vida das mulheres o “parimento” de um novo céu e uma nova terra. Sua carne, sua pessoa transformadora da história é martirizada na cruz, é eucaristizada na partilha do pão e do vinho, alimento para continuar sua revolução de justiça e de paz – o grande “sabat” da Criação plena de Deus.¹

A Ecoteologia Amazônica nasce dessas intuições que são gestadas em suas culturas an-

1 MOLTSMANN, Jürgen, BOFF, Leonardo. Há esperança para a criação ameaçada? – São Paulo: Vozes, 2014.



cestrais, na interculturalização dos encontros e desencontros com o Evangelho, trazido aqui por missionários e missionárias, nas religiosidades nordestinas e ibéricas, de batuques afros, de beberagens indígenas e festas folclóricas. Ecoteologia Amazônica vem também do Encontro de Santarém, onde o Jesus Cristo da Igreja Colonial começa se decolonizar e assumir o rosto de nossos povos e de seus clamores por vida e libertação. A Laudato Si' coloca as bases fundamentais para perceber os processos de destruição do bioma Amazônico, seus povos e a responsabilidade de fazer uma nova história social e natural. O Sínodo e a Querida Amazônia nos ofereceram uma metodologia e uma espiritualidade da criação. Por meio das escutas, aproximamo-nos mais profundamente dos gritos da terra e dos pobres. Com as lutas históricas de seus povos organizados em movimentos aprendemos suas sabedorias, estratégias de revolução e resistências. Palavra e Eucaristia, na Ecoteologia Amazônica, descobrem seus sentidos na hermenêutica intercultural, interagindo culturas, ancestralidade e resistências.²

2 CASTRO, Ricardo, INTERCULTURALIDADE E ECOLOGIA. Disponível em: <https://amazonalatitude.com/2021/04/interculturalidade-e-ecologia-parte-2/>.

Vivemos períodos de conflitos e resistências dentro do contexto Amazônico. Nestes tempos, somos chamados a retornar às nossas fontes, “cacimbas”, poços de nossa espiritualidade ativa que devem discernir e nortear nossas ações em tempos Apocalípticos para a Amazônia e seus povos. Vale a pena uma Hermenêutica Bíblica Ecológica do Apocalipse de João. A narrativa em linguagem simbólica e analógica, vivida pelos cristãos da diáspora, leva a sério a dominação discursiva e física. O texto pode ser organizado em três partes. Na primeira parte, que pode ser nomeado como o Livro da Resistência, a chave da resistência encontra nele a utopia dos explorados que se organizam e, confiando no Deus da liberdade e da vida, lutam para reconquistar o que lhe pertence por direito: a liberdade e a vida.

Na segunda parte, pode ser considerado o Livro da Denúncia que era a ferramenta dos profetas que denunciavam as injustiças nacionais. A perspectiva apocalíptica tem como objetivo organizar o povo para resistir contra as injustiças nacionais e internacionais, tornando-se movimento de resistência.

A terceira parte pode ser considerada como o Livro da Celebração. A Mística Apocalíptica é a vitória de Jesus sobre a



A libertação, por meio da resistência, é o centro das atenções na leitura que podemos fazer do Apocalipse.



morte [Ap 5,6] que projeta a comunidade para o futuro da nossa história: criar com Deus “um novo céu e uma nova terra” [Ap 21,1], uma sociedade de acordo com o projeto de Deus. Ler, escutar [assimilar e discernir], denunciar [profetizar] e praticar [resistir] juntos, movidos pela vitória do Ressuscitado, celebrando desde já, nas pequenas conquistas, a vitória definitiva da vida sobre a morte, da justiça sobre a injustiça.

As comunidades que leem o Apocalipse sentem a certeza de que a vitória do Senhor ressuscita-do irá acontecer. “Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar”³. A nova sociedade tem suas bases na história – não é fim do mundo, mas o modo como Deus quer que a sociedade seja. Esse fato é celebrado a cada pequena vitória. A espiritualidade apocalíptica é de celebração, de festa e exultação.⁴

Para a narrativa apocalíptica, não é suficiente nomear a besta e seus agentes, embora isso seja parte essencial de uma re-

sistência que provoca a conscientização. A intenção é desarmar a fera e suas estruturas de opressão e exploração, por meio de estratégias de resistência que exigem ações. A libertação não é alcançada até que Babilônia caia. As comunidades e cada pessoa que crê no projeto de Deus devem assumir o compromisso com a construção de estratégias de resistência, ou seja, o processo

de decolonização na Amazônia que mostrou pouca, ou nenhuma, preocupação com a justiça e o julgamento que não produziu uma sociedade de amor e perdão, mas perpetuou um legado colonial, de uma forma ou de outra, do neocolonialismo, no qual a besta continua a trabalhar secreta ou sutilmente. A partir de uma análise pós-colonial do

Apocalipse, leva-se a sério a resistência ativa, além da resistência ideológica. Eu quero lutar de volta.

Com esses pressupostos, podemos fazer retornos ao Apocalipse, entendido como literatura de resistência, para produzir uma hermenêutica de resistência atenta às agonias da terra, dos oprimidos silenciados, com atenção especial à resistência tanto ideológica quanto pragmática de nossos ancestrais e mártires. Na linguagem apocalíptica de João, à luz de uma hermenêutica ecológica de resistência,



A nova sociedade tem suas bases na história – não é fim do mundo, mas o modo como Deus quer que a sociedade seja.

3 Canção popular católica [Irá chegar].

4 ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Dias. O apocalipse, a força e esperança. São Paulo: Loyola, 2004.





buscaremos entender o sentido de resistência embutido no texto e nos corpos escritos na história recente da Amazônia. A libertação, por meio da resistência, é o centro das atenções na leitura que podemos fazer do Apocalipse. Revelar significa resistir. Para tanto, recorremos a uma hermenêutica da afirmação e, também, a uma hermenêutica da suspeita. Paul Ricoeur [1994] chama a atenção para uma dupla motivação que anima a hermenêutica: vontade de suspeitar e vontade de escutar.⁵

Segundo Ricoeur [1994], perante a crise, temos uma dupla tarefa: por um lado, “colocar expectativas puramente utópicas em conexão com o presente por uma ação estratégica preocupada em dar os primeiros passos na direção do desejável e do razoável”; e, por outro lado, “resistir ao estreitamento do nosso espaço de experiência, liberando as potencialidades não utilizadas do passado”. O conceito de resistência pode desempenhar essa dupla função: por um lado, a resistência é uma forma de “ação estratégica” que aqueles que esperam a utopia podem realizar, que desestabiliza as estruturas de opressão, para acelerar a inauguração da utopia. Por outro lado, a resistência estratégica é uma potencialidade do passado que aqueles que enenam a utopia podem recuperar para informar as ações destinadas a desestruturar a opressão e engendrar o novo.

Como essas intuições podem nos ajudar na construção de estratégias de resistência a

partir das escutas, da hermenêutica de resistência da Querida Amazônia que ainda necessita de uma devolutiva ecoteológica para as nossas comunidades amazônicas? Qual resposta podemos oferecer ao clamor por uma Ecoteologia a partir do chão histórico e martirizado da Amazônia? Qual é a contribuição da Ecoteologia em tempo de Amazônia disputada e um mundo de conflitos? Qual é o nosso jeito de cuidar da Amazônia e da humanidade em tempos de conflitos? Em tempos de disputas? Somos chamados a resgatar a ancestralidade e força dos mártires dos nossos povos originários, de nossas comunidades que estão cuidando hoje da Casa Comum.

Para o Papa Francisco [2022]: “Juntos podemos e devemos estabelecer gestos de cuidado pela vida humana, pela proteção da criação, pela dignidade do trabalho, pelos problemas das famílias, pela situação dos idosos e dos abandonados, rejeitados e desprezados. Ser uma Igreja que promova uma cultura do cuidado, compaixão pelos fracos e luta contra todas as formas de degradação, inclusive a de nossas cidades e dos lugares que frequentamos, para que a alegria do Evangelho brilhe na vida de cada um: este é o nosso “bom combate”.⁶

5 RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Campinas: Papirus, 1994.

6 Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619931-sonho-de-francisco-uma-igreja-sem-correntes-e-sem-muros-que-nao-accumule-atrasos-diante-dos-desafios-de-hoje>.



Ecoteologia– ecoespiritualidade:

Aspectos ecológicos e socioambientais para a superação dos conflitos na Amazônia

Dr. Luiz Felipe Lacerda¹

Introdução

Um ponto de partida crucial para dialogarmos sobre Ecoteologia e ecoespiritualidade, frente aos conflitos socioambientais, é definirmos de que lugar compreendemos Ecoteologia. Particularmente, só posso dialogar com ela a partir do terreno da justiça socioambiental amparada na Ecologia Integral, a qual temos nos dedicado a apoiar sua construção e difusão, a partir da Encíclica Laudato Si’.

Entendemos por Justiça Socioambiental: “todas as ações que têm como objetivo colaborar para a superação das injustiças presentes em nossa herança histórica e reproduzidas pelo atual modelo de desenvolvimento gerador de desigualdades sociais e agressões ambientais” (JESUÍTAS2, 2021, p. 5).

Aqui duas concepções primárias também são evocadas:

- a) A necessidade de abandonarmos, de uma vez por todas, nossas práticas, nossas racionalidades e nosso vícios de linguagem que insistem em separar social de ambiental; pois são vícios ainda operados pela míope visão cartesiana que oferece apenas um mundo binário.
- b) Segundo, cabe uma reflexão sobre o que compreendemos por justiça. Para nós, o caráter equitativo é fundamental ao ideário de justiça. Nos termos do dicionário, equitativo é “virtude de quem ou do que [atitude, comportamento, fato etc.] manifesta senso de justiça, imparcialidade, respeito à igualdade de direitos” (Aurélio, 2020). Em termos sociológicos, diriam Boaventura de Sousa Santos e Maria Menezes (2009), em Epistemologias do Sul, é o mecanismo que garante à todas as pessoas “o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza.” Assim sendo, a dimensão da justiça na

1 Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida [OLMA]. Cátedra Laudato Si’ [UNICAP].

2 Marco para a Promoção da Justiça Socioambiental [JESUÍTAS, 2021].



prática socioambiental se apresenta sob três grandes dimensões (JESUÍTAS, 2021):

- Estabelecer relações justas consigo;
- Estabelecer relações justas com os outros;
- Estabelecer relações justas com a Natureza/ com os Dons da Criação.

Portanto, são as históricas injustiças socioambientais, em nosso país, que desaguam na gênese dos grandes conflitos que enfrentamos hoje. Para nós do Observatório Nacional

de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida [OLMA], três são os grandes pilares que estruturam as desigualdades socioambientais no Brasil, a saber: o machismo, o racismo e o latifúndio.

Então devemos nos perguntar: a Ecoteologia encarnada a serviço da Amazônia, como desejamos sonhar e fazer, dialoga com as três dimensões de justiça supracitadas? Ela tensiona estes três pilares das desigualdades socioambientais em nossos territórios?





Aqui é prudente recordar também três fatos que destaco do pequeno texto sistematizado por Padre Dário Bossi em seu diálogo com Moema Miranda, para o III Seminário de Ecoteologia da REPAM. São eles:

- Estamos em uma guerra;
- Deveríamos pensar muito mais em uma Ecoespiritualidade do que em uma Ecoteologia, pois esta última, pode ficar à mercê de nossos esquecimentos mentais sobre Deus e religião;
- Em tempos de guerra, em tempos de crise, devemos repensar nossa imagem de Deus.

Ecoteologia do diálogo com as diferenças

Se estamos em guerra, não há mais tempo para uma espiritualidade passiva. Percebam, não me refiro aqui a negação do pacifismo, pelo contrário, os moldes de Ghandi ou Cristo, aprendemos a força transformadora do ativismo pacífico e amoroso. Mas, efetivamente acabou o tempo de dialogarmos entre os mesmos grupos, é necessário abrimos fendas ao diálogo da diversidade.

Eu evoco Ghandi de forma proposital, para dizer que, se devemos ampliar nossa compreensão em direção a uma ecoespiritualidade, devemos superar o monólogo teológico e construir efetivamente espaços locais e cotidianos de diálogos inter-religiosos e inter-espiritual.

Em muitos lugares, temos negligenciado a força desses diálogos entre as diferenças, ao

ponto de torná-la, a diferença, ao olhos do senso comum, algo ameaçador. Uma parte significativa dos conflitos que assolam muitos locais, dentro e fora da Amazônia, é o preconceito religioso, espiritual, geralmente construído por pura falta de diálogo e desconhecimento do outro.

Aqui cabe redesenhar a ideia de ecologia. Ecologia não refere-se ao funcionamento de organismos vivos, seus processos de manutenção da vida, entre outros. Isso está no campo da Botânica, da Biologia. Ecologia é a relação entre esses corpos. Não são os corpos em si, mas a qualidade da relação que estabelecem entre eles é o que interessa. Nas palavras de um dos pioneiros deste conceito, Ernest Haeckel (1834- 1919):

Ecologia é o estudo do inte-retro-re-lacionamento de todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com o seu meio. 'É um saber das relações, interconexões, interdependências e intercâmbios, de tudo com tudo, em todos os pontos em todos os momentos, formando um auto sistema equilibrado e autorregulado (HAECKEL, 1866, p. 133.).

Neste sentido, a Ecoespiritualidade que constrói relações justas, combatendo as discriminações ao apostar no diálogo inter-religioso, só pode ser compreendida como uma Ecologia de Saberes, como diz Boaventura [2002]. Aqui o meu convite é direto: se desejamos fazer mais e melhor, vamos dedicar nossas energias de maneira radical no diálogo inter-religioso.





Incidência na formação humana

Outra boa fórmula da Psicologia fenomenológica ou humanista é esta: apenas temos cuidado com aquilo que temos afeto; apenas temos afeto por aquilo que temos vínculo e apenas temos vínculos com aquilo que convivemos cotidianamente.

Com essa fórmula, pensemos a vida escolar de uma pessoa no Brasil, que, de acordo com o Anuário da Educação Básica [2022], em média fica 10 anos vinculada a uma organização de ensino (no mínimo 05 horas por dia, no mínimo 5 dias da semana): qual convivência cotidiana com a Natureza estamos ofertando para essas crianças e esses jovens, durante estes anos de vida escolar? Como desejamos ter adultos afetivamente vinculados com a Natureza se ofertamos para crianças e adolescentes uma formação materialista e conteudista? Isto está posto ao longo de todo o documento de referência do Pacto Educativo Global (FRANCISCO, 2019): repactuar a educação é repactuar a construção do humano e está repactuação deve ser através da oferta de uma convivência pedagógica com a Natureza.

São centenas de escolas católicas no Brasil, milhares de pessoas em formação. Estamos sendo negligentes com a importância de incidirmos na formação humana por meio de experiências ecopedagógicas. E aqui se engana quem não encontra a Ecoteologia, ou a ecoespiritualidade presente. Nesta seara, existe um chamado explícito para repensar o ensino das ciências da religião em nossas escolas.

Assumamos: parte importante do que está acontecendo, hoje, é porque a nossa educa-

ção foi captada pelo mercado, pela mercadoria, e pelo utilitarismo. Em muitos casos, nossas estruturas educativas são reprodutoras deste antropocentrismo ao qual desejamos fazer frente. Leonardo Boff [2015, p. 9], em *O Grito da Terra e o Grito dos Pobres*, diz:

Essa lógica quebrou o pacto natural com a Natureza e o frágil equilíbrio do Sistema Vida e do Sistema Terra, construído com grande sabedoria por 13 bilhões de anos de trabalho da evolução. Rompeu com a aliança de fraternidade do Ser Humano com a Terra e destruiu seu sentido de reciprocidade, mutualidade e de re-licação, com todas as coisas.

Neste livro, Boff apresenta uma nova síntese da Teologia da Libertação. Ele defende uma Teologia da Libertação amparada na Carta da Terra e na *Laudato Si'*, para a formulação de uma Teologia da Libertação Ecológica. Nesta perspectiva, Boff [2015] defende a existência de mais uma camada da vida na Terra, a Teosfera que une o Panteísmo [Deus está em Tudo] com o Panenteísmo [tudo é Deus, sem diferença].

Então o autor se pergunta: Como sobreviver juntos, Seres Humanos, Natureza e Terra? Como salvaguardar o criado com justiça, participação, integralidade e Paz? Ao responder estas perguntas, aponta-nos o que denominou de Terapias ecológicas, com possíveis caminhos: A Ecotecnologia [E. Turrini – O Caminho do Sol]; a Ecopolítica: a justiça ecológica [H. Leis – Ecologia e Política Mundial]; a Ecologia mental e a Ecologia social [Guatarri]; a Ecologia





da subjetividade coletiva [C. Jung]; a Ética Ecológica e a responsabilidade pelo Planeta [H. Jonas] e a Ecologia profunda e integral [NAES]. Deste conjunto, harmonicamente engajada, surgiria, inclusive, a Ecologia Integral, proposta pelo Papa Francisco.

Que espiritualidade é esta de cunho ecológico?

Como pensar, em termos ecológicos, uma espiritualidade impregnada pela égide da razão? Antropocêntrica? Materialista? A própria ciência moderna já convenceu-se da incapacidade do método fragmentado cartesiano. Maturana e Varela (2001), assim como Fitjof Capra (2012), afirmam que, no paradigma clássico, o universo possui um lado fenomênico [aquilo que pode ser descrito]. E possui também um outro lado, sua interioridade e espiritualidade. Anteriormente, estas duas realidades corriam em paralelo: ciências do espírito de um lado e ciências da natureza do outro. Mas após as abordagens da física quântica, provou-se que não se tratam de dois mundos paralelos, mas de dois lados do mesmo mundo. Pensando quanticamente, cada processo é indivisível, o universo de cada fenômeno são vistos como resultado de uma **cosmogênese** e uma das características centrais da cosmogênese é a autopoiese. **Autopoiese** significa a força da autocriação e da auto-organização presente no universo de cada ser, desde os primórdios da criação.

Um avanço, nesta concepção científica, encontra-se no chamado de alerta que povos das florestas têm nos ofertado sobre o perigo

da Cosmovisão. Nosso sentir-pensar foi docilmente – diria Foucault, domesticado para compreender tudo por meio do circuito visão-cognição. Contudo, estes povos nos ensinam que visão-cognição não é a única e nem sequer a primeira ferramenta necessária para apreender coerentemente o mundo. Cosmovivências ou cosmopercepções são mais adequadas nesta abordagem. Muito povos dos Andes, assim como alguns povos de áreas de várzea da Amazônia venezuelana, têm optado, em vez de pensar, refletir, meditar, em *Corazonar* os fenômenos. Sentir-pensar com o coração. Isto é uma escola, exige treinamento da mesma forma como as práticas religiosas de oração mais exigentes [WEIR, 2022].

Nas palavras de Boff (2015, p. 37):

Junto ao *logos* [razão] está o *eros* [vida e paixão], o *phatos* [afetividade e sensibilidade] e o *daimon* [a voz interior da natureza e da consciência]. A razão não é nem o primeiro nem o último momento da existência. Nós somos também afetividade, desejo, paixão, comoção, comunicação e atenção. Conhecer não é apenas uma forma de dominar a realidade, conhecer é também poder entrar em comunhão. Impõe-se de ecologizar tudo que fazemos e pensamos, rejeitar os conceitos fechados, desconfiar das causalidades unidirecionadas, propor-se a ser inclusivo com todas as exclusões, conjuntivo contra todas disjunções, holístico contra todos reducionismos e complexo contra todas as simplificações.” [37].





Aqui temos outro chamado para esta Ecoespiritualidade: precisamos aprender e ensinar outras formas e outros sentidos de apreender o mundo. Efetivamente, sob esta abordagem, não deveríamos pensar na figura de Deus e de nossa espiritualidade de maneira muito mais imanente do que transcendente? Eu percebo que aqui assenta a ideia de Teosfera de Boff [2015].

O tema é polêmico, o próprio Spinoza [2003], no século XVII, foi perseguido, excomungado e exilado por defender essa perspectiva da imanência de Deus, em seu *Tratado Teológico-Político*, anunciando as três ilusões: A ilusão das causas finais: "Acreditamos que o universo foi feito só para nós. "A ilusão teológica: a tese paralelista de Spinoza nega qualquer ligação de causalidade e recusa a relação hierárquica entre corpo, mente e espírito. A ilusão dos decretos livres: "Acreditar que a consciência e o metalismo pode resolver todas as coisas."

Nosso objetivo não seria o de fazer perceber e sentir que a Natureza é uma das formas encarnadas de Deus?

Quem sabe possamos apreender algo com algumas religiões orientais como o xintoísmo? *Shintô* é o sistema espiritual indígena e animista do Japão, datando de quando as ilhas foram habitadas pela primeira vez por humanos, há mais de 30.000 anos. *Shintô* não tem Teologia e é fundada no animismo baseado na natureza, xamanismo, politeísmo, panteísmo e veneração de espíritos ancestrais. *Shintô* equivale à "crença ou fé em kami", ou "o caminho pelo qual buscamos nos realizar plenamente como seres humanos adquirindo o nobre caráter de kami". *Kami* [plural: kamigami] são divindades

criadoras, alguns são divindades da natureza, e alguns são ancestrais, ou mortais que foram deificados. O conceito de *kan'no* significa responder à natureza como deidade e sentir-se admirado por ela na mente [uma só]. Quando as pessoas sentem a bênção da natureza, sentem que estão em um com *kami*. A existência de *kami*, porque eles são em sua maioria invisíveis, baseia-se mais do que apenas na fé; é uma experiência sentida, perceptível por meio da capacidade de ser sensível às coisas do mundo fenomenal.

Também aqui, nos nossos quintais amazônicos, fecundam, de gerações a gerações, outras formas de viver a espiritualidade, de conviver com a Natureza, dentro e fora de nós. As práticas da imersão, dos retiros ecológicos, por exemplo, são práticas que deveriam ser itinerantes pelo Brasil, ofertando aos interessados e as interessadas, melhores possibilidades de reconectar por meio da imanência. Ao transitar por diferentes territórios, esta ecoespiritualidade encontrará também a possibilidade de dialogar com cultura e ancestralidade. São nelas que residem o esperar dos povos frente a tantas violações.

Enfim, as variações são muitas e podem nos ofertar inúmeros caminhos. Todos eles devem nos levar a viver em nós e ajudar aos demais a viverem em si uma experiência inovadora e inspiradora com a Natureza, deixando-se entrar nesse plano de imanência, justamente para transcender. Aqui, imanência e transcendência não são opostos, pelo contrário, o primeiro mostra-se como caminho ao segundo. O que buscamos fora está em nós e em tudo o que é vivo e nos rodeia, inclusive o próprio planeta.





Referências

ANUÁRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA [2022]. **Anuário da Educação Básica – 2020** Disponível em: <https://www.moderna.com.br/anuario-educacao-basica/2020/brasil-principais-dados-e-indicadores-de-desigualdade.html>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BOFF, Leonardo. [2015]. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres: Dignidade e direitos da mãe terra**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes.

CAPRA, F. [2012]. **A Teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Tradução: Newton Roberval Eichenberg. 1. ed. São Paulo: Cultrix.

DICIONÁRIO AURÉLIO [2022]. Equidade. **Dicionário Aurélio**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

EDUCA MAIS BRASIL. Xintoísmo. Educa + Brasil, 14 dez. 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/xintoismo>. Acesso em: 20 jul. 2022.

FRANCISCO, Papa. [2015]. **Carta Encíclica Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. Tradução da Editora do Vaticano. São Paulo: Paulus/ Loyola.

FRANCISCO, Papa. [2020]. **Pacto Educativo Global**. Tradução da Editora do Vaticano. São Paulo: Paulus/ Loyola.

HAECKEL, E. H. [1866]. *Generelle Morphologie*

der Organismen allgemeine Grundzuge der organischen Formen-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von Charles Darwin reformirte Descendenz-Theorie von Ernst Haeckel: v.2, Verlag von Georg Reimer.

JESUITAS, Brasil [2021]. **Marco para a Promoção da Justiça Socioambiental**. Disponível em: <https://olma.org.br/2022/06/13/lancamento-2a-edicao-atualizada-marco-de-orientacao-da-promocao-da-justica-socioambiental/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MATURANA, H.R. & VARELA, F.J. [2001]. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Pala Athenas.

SANTOS, Boaventura [2002]. **Por uma sociologia das ausências e das emergências: contra a lógica do desperdício**. Petrópolis- RJ: Editora Vozes.

SANTOS, Boaventura; MENEZES, Maria [2009]. **Epistemologias do Sul**. Coimbra – Portugal: Edições Almedina.

SPINOZA, Baruch [2003]. **O Tratado Teológico-Político**. São Paulo: Martins Fontes.

WEIR, José Ángel Quintero [2022]. **Bem-viver e bem-conviver: A ontologia política do pensamento indígena**. Amazônia Latitude. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2022/02/16/curso-online-bem-viver-e-bem-conviver-a-ontologia-politica-do-pensamento-indigena/>. Acesso em: 10 ago. 2022.



Violências e a capacidade de resistir e descortinar a esperança



Marie Henriqueta Ferreira Cavalcante¹

A Amazônia apresenta uma realidade desafiadora no que tange a questão de violação dos direitos humanos. São muitos os problemas sociais a serem enfrentados. No entanto, a violência urbana e rural contra crianças, adolescentes e mulheres tem se destacado, sobretudo em locais onde o Estado não garante a chegada e/ou a efetividade das políticas públicas.

¹ Coordenadora da Comissão Justiça e Paz-CNBB N2. Presidente do Instituto de Direitos Humanos Dom José Luís Azcona.

Aqui tratarei especificamente da realidade da violência sexual contra crianças, adolescentes e mulheres e o tráfico de pessoas, sem qualquer pretensão conclusiva, até porque nunca chegaremos a esgotar, com precisão, uma reflexão que consiga enxergar a realidade como um todo. Quero, apenas partilhar experiências contempladas e vividas em nosso chão amazônico.

Precisamos compreender que há diversidade de manifestações, formas e graus de tolerância quanto à violência. É um fenômeno constante na história das civilizações. Não há sociedade sem violência.



Qualquer tipo de violência:

- Causa negação da cidadania, do amor, da vida;
- Fere a dignidade humana;
- Trata a pessoa como objeto, desumaniza;
- Causa perda de autonomia;
- Gera uma relação de assimetria/desigualdade.

O contato direto com a realidade tem me interpelado continuamente e motivado a não calar, mesmo tendo que sofrer as consequências do compromisso de defender vidas indefesas, maltratadas e violadas em seus direitos, principalmente por meio da utilização e comercialização sexual de pessoas. Choca-me, cada vez mais, o tráfico para fins de

exploração sexual, uma forma de violência na qual o explorador obtém lucro financeiro à custa de uma forma abominável de escravidão. Predominantemente, esse tipo de exploração acontece por meio de redes criminosas que incluem a exploração sexual, o tráfico de pessoas e de drogas. Infelizmente, existe um “silêncio” em relação à situação de prostituição, em meio à carência econômica e social.

Minha atuação direta e constante com a população local me levou a mergulhar na realidade cruel de pessoas que, lamentavelmente, sofreram e sofrem abusos e violações e não há dúvidas da negligência das autoridades quanto à insuficiência de mecanismos de proteção e de direitos para o público infanto-juvenil ribeirinho e quilombola. Assim como a carência de direitos, as limitações materiais e sociais





também são motivações impulsionadoras para muitas crianças e muitos adolescentes trocarem a escola pela convivência com a rotina de violência nas balsas.

Diante dos relatos, da dor das vítimas e de seus familiares e do contexto onde essas pessoas vivem, sem perspectivas, sem a presença do Estado, sem que lhes garantam a implantação de políticas de educação, profissionalização, segurança pública e outras, e, ao ver muitos profissionais e servidores públicos descomprometidos, indiferentes, cresce em mim um forte sentimento de indignação e uma grande sede de justiça.

Apesar da existência de leis que conferem proteção legal a crianças e adolescentes, determinando os parâmetros de sua aplicação, o que constato é que esses direitos são frequentemente negligenciados e seres humanos em formação sofrem inúmeros tipos de violência.

O cenário de violência e de exploração sexual, tão marcante no Estado do Pará, concentra-se em áreas ribeirinhas. Assim como em outros locais, a ocupação desordenada, tanto em âmbito urbano, quanto rural, trouxe impactos desreguladores das estruturas sociais, levou à superpopulação, com insuficiente infraestrutura de serviços públicos básicos, causando a alteração da cultura local e do modelo de produção e consumo. Estas questões, entre outras, levam as famílias, incluindo as crianças e os adolescentes, a que recorram, até com certa naturalidade, ao “mercado do sexo” como alternativa de renda para a sobrevivência e realização do sonho de consumo.

É triste, por exemplo, constatar a realidade

das meninas e dos meninos que sobem nas balsas e que ficam sujeitas aos caprichos dos perversos que, de forma desumana, aproveitam da miséria de verdadeiras crianças para submetê-las a brutal exploração sexual. Esse fenômeno da exploração sexual infanto-juvenil nas balsas do Marajó não é algo distante da nossa realidade ou desconhecido totalmente, uma vez que os veículos de comunicação assumem a responsabilidade de veicular notícias sobre a situação.

A exploração sexual de crianças e adolescentes é uma atividade criminosa, pois está interligada com outras atividades, como tráfico de drogas e tráfico de pessoas, e também a problemas sociais tais como: gravidez precoce, disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, evasão escolar e aumento da criminalidade.

Na verdade, a exploração sexual nas embarcações é também determinada pela própria sobrevivência dessas vidas indefesas e de suas famílias. Não há dúvida de que o fato de muitos meninos e meninas submeterem-se a tal situação traz várias consequências, entre elas o abandono escolar, perpetuando a pobreza e a miséria e seu círculo vicioso medonho.

Diante da destruição da vida é impossível nos calar! É impossível observar todo esse cenário de violência sem defender o que precisa ser defendido, quando a vida de tantas crianças, tantos adolescentes, jovens, homens e mulheres, **é violada** por práticas criminosas, tais como a violência doméstica, o extermínio da juventude, a exploração sexual, o tráfico de pessoas, o tráfico de drogas e outras mazelas presentes em tantas vidas.





Destaco o enfrentamento da violência sexual e do tráfico de pessoas, especificamente na Ilha do Marajó, localizada na foz do Rio Amazonas e que ficou conhecida no noticiário nacional e internacional por atingir o menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) municipal do Brasil, na cidade de Melgaço.

A Região Marajoara, com seus 16 municípios, reflete essa situação de extrema pobreza. Uma realidade comum do cenário paraense dessa localidade com elementos diversos que constituem o imaginário amazônico dentre as casas de palafitas e de edificações mistas. Mas, historicamente, com inúmeras carências de serviços públicos, bem como sem quaisquer condições básicas de saneamento e de energia elétrica.

Parte da população do Marajó vive com renda *per capita* inferior a meio salário mínimo. Essa pobreza trouxe uma realidade de violências, agravada pelo descaso do poder político com pouco comprometimento. Além de que há o anseio da população por melhorias urgentes. Assim como a existência de formas de exploração a partir de redes de tráfico orquestradas e influentes, no que tange a comercialização de drogas ilícitas e, mais preocupante ainda, a exploração sexual de crianças e adolescentes.

Alguns levantamentos de cenário, em localidades no Marajó, apresentaram de maneira grave o envolvimento de crianças e adolescentes, com predominância do sexo feminino, motivados por várias denúncias sobre a circulação de redes criminosas para a exploração sexual, considerando sua pior forma que é o tráfico de pessoas para fins sexuais e comerciais.

Nos municípios do Marajó, é comum encontrar crianças e adolescentes circulando entre as embarcações. Os barcos são locais onde acontecem abuso e exploração sexual, em troca de óleo ou restos de comida, e também são meios de transporte das vítimas do tráfico de pessoas.

A ilha do Marajó, por estar em região fronteira e próxima da Guiana Francesa, apresenta uma situação de fragilização social (COHEN, 2014, n.p).²

Segundo Dom José Luis Azcona, no artigo *Assim é o Marajó real*, de Mary Cohen (2014, n.p): “Marajó está se convertendo num lugar de perversão, de criminalidade, precisamente pela ausência do Estado. O Brasil tem que olhar para toda essa Região da desembocadura do Amazonas”³.

Tráfico para fins de exploração sexual de crianças e adolescentes envolve atividades de aliciamento, rapto, transferência e hospedagem da pessoa recrutada para esta finalidade. É comum esta prática ocorrer, de forma mascarada, por “agências” de modelo, turismo, trabalho internacional, namoro ou matrimônio. Muitos jovens, seduzidos por uma rápida mudança de vida ou sucesso fácil, embarcam

2 COHEN, Mary. *Assim é o Marajó real*. Amazônia Real, 19 jan. 2014. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/assim-e-o-marajo-real/#:~:text=%E2%80%9C9CMaraj%C3%B3%20est%C3%A1%20se%20convertendo%20num,Amazonas%E2%80%9D%2C%20disse%20Dom%20Jos%C3%A9>. Acesso em: 08 ago. 2022.

3 Idem.



para outras cidades maiores, estados ou para outros países, e lá se veem forçados a entrar no mercado da exploração sexual comercial.

Neste contexto de vulnerabilidades acumuladas, o enfrentamento à violência sexual e ao tráfico de pessoas em nossa região transcende o ato de libertar ou socorrer as vítimas, impõem a necessidade de um processo articulado de formação e mobilização social, capaz de eliminar os mecanismos que o reproduzem: Ganância- Miséria e Impunidade.

A Amazônia, historicamente, defende liberdade e dignidade em nome de causas justas. Nessa visão amazônica, incontáveis mulheres invisíveis e visíveis e homens deram e derramam sangue, suor e vida em nome de uma causa. Essas pessoas imaginavam e imaginam um território diferente do que lhes foi e é oferecido. Foram e são tantas causas, tantas resistências, tantas batalhas perdidas, pouco sucesso. Mas algumas festejadas vitórias estimulam e encorajam para que outras causas e outras lutas sejam enfrentadas e vencidas.

É assim que nós, defensoras e defensores de direitos humanos, sentimos-nos motivados (as) para continuarmos em defesa de direitos, embora a pobreza, a desigualdade socioeconômica, o racismo, o preconceito social, e as violências continuem tão presentes em nossa realidade. No entanto, temos a esperança que por meio de nossa resistência e capacidade de descortinar a esperança, dias melhores virão. “Não tenhas medo, continua a falar e não te cales, pois eu estou contigo” [At 18,9].

É importante:

- **RESISTIR E DENUNCIAR** as injustiças, a partir da comunhão e da experiência pessoal com Deus;
- **DESCORTINAR A ESPERANÇA** sem desanimar, mesmo tendo de enfrentar perseguições e ameaças por ter a coragem de levantar a voz em favor da dignidade humana.

O enfrentamento de um problema tão complexo como a violência requer medidas igualmente complexas, adotadas em diversas áreas: educação, saúde, assistência social e direitos humanos. Atualmente, temos programas importantes, mas essas estratégias precisam de ampliação e aperfeiçoamento.

Adotar estratégias de geração de emprego e renda para as famílias das crianças em situação de risco.

Concluo apresentando alguns apelos essenciais para a superação e enfrentamento das violências:

- a) A necessidade de uma articulação mais ampla com as instituições, para poder realizar um trabalho integrado de enfrentamento, uma vez que as redes criminosas são bem organizadas;
- b) Realizar um trabalho de enfrentamento ao tráfico de pessoas, da violência sexual, de formação e sensibilização da sociedade, fazendo com que as pessoas estejam informadas e não caiam na trama das organizações criminosas;
- c) Ampliar a rede de enfrentamento; estar





- mais presentes nas escolas, nas pastorais, nos conselhos e demais organizações da sociedade civil;
 - d) Envolver e fortalecer a população local, oferecendo instrumentos com o objetivo de criar redes sistêmicas de ação;
 - e) Promover a visibilidade do tema por meio de campanhas e mobilizações socioeducativas;
 - f) Ocupar espaço que possibilite o diálogo com os diversos órgãos que integram o Poder Público, em todas as esferas;
 - g) Enfrentamento à pobreza e à desigualdade socioeconômica.
- "É inadmissível deixarmos o mundo tal qual o encontramos."
(Janusz Korczak)*



O SÍNODO DA AMAZÔNIA: perspectivas de continuidade três anos depois



José Reinaldo F. Martins Filho¹

Introdução

Desde 2013, a Igreja testemunha um particular tempo de graça, de conversão e de autoavaliação sobre sua identidade e seu

compromisso com os de dentro e os de fora de seus umbrais. Como epicentro articulador deste movimento, certamente está o processo de construção iniciado pelo Papa Francisco, o primeiro bispo latino-americano eleito para assumir a presidência do colégio apostólico, e, talvez justamente por isso, capaz de praticar um olhar “desde a marginalidade”, desde as periferias existenciais e materiais de um mundo globalizado. Pouco a pouco, os sinais de seu ministério foram [e vão] se fazendo notar, chegando ao marco de nove anos desde sua eleição com uma variedade notável de conquistas, algumas mais sensíveis que outras. Nesse rol, devemos, certamente, dar destaque ao significado e, so-

¹ Pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutor em Filosofia e em Ciências da Religião. Docente efetivo do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: jreinaldomartins@pucgoias.edu.br.





bretudo, ao alcance do Sínodo Extraordinário para a Amazônia, celebrado em 2019, após um frutuoso período de preparação, e cujos resultados ainda se encontram em curso de amadurecimento.

De minha parte, considero tratar-se de uma iniciativa bastante emblemática, servindo não apenas ao seu objetivo mais imediato – isto é, a consolidação de uma rede, de um círculo eclesial orientado para as necessidades e particularidades do rico território amazônico – mas alargando-se rumo a adoção de novos perfis de consideração da eclesialidade de maneira geral; ou, como tive a oportunidade de dizer em outro momento, reverberando como um “grito da Amazônia para o mundo”. Sobre isso, são para mim bastante contundentes as palavras lançadas no n. 105 da Exortação *Querida Amazônia*, documento que, já desde o título [em português/espanhol], demonstra seu ideal de aproximação e de uma inserção mais localizada no coração das vivências eclesiais, no chão amazônico: “[o momento presente] desafia-nos a superar perspectivas limitadas, soluções pragmáticas que permaneceram encasuladas em aspectos parciais das grandes questões, para buscar caminhos amplos e ousados [...]”. Fala-se, então, de superação: de um lado, superação das “perspectivas limitadas” e, de outro, das “soluções pragmáticas”, apressadamente conclusivas e fixadas em aspectos não nucleares das grandes questões. Fala-se, além disso e sobretudo, da proposição de novos caminhos “amplos e ousados”, e é justamente para essa direção que precisamos voltar o nosso olhar.

O texto que segue, limitado à finalidade de inserir-se, como contribuição pessoal, em uma discussão mais ampla, constitui-se apenas como *uma tentativa* de salientar algumas das ênfases que podem estar em jogo no movimento propositivo ansiado por Francisco, com base no que se manifestou a partir do Sínodo da Amazônia. Isto é, a parcela que temos por responsabilidade como corpo eclesial ao qual nos integramos pelo batismo. Cada qual desde a riqueza carismática que possui.

Uma Igreja em constante conversão

O movimento sinodal, protagonizado pelas comunidades amazônicas, deve ser percebido como parte de uma perspectiva mais ampla de conversão pastoral. Nisso toma parte uma variedade de outros sinais vindos à tona ao longo dos últimos anos, como demonstração da necessidade de um novo *aggiornamento*. Trata-se, a meu ver, de uma postura de contínua conversão, como bem realçado ao longo de todo o texto da exortação *Querida Amazônia*, mas que também se desdobra no anseio pela vivência da sinodalidade, que certamente passa por uma nova consideração a respeito dos ministérios eclesiais e da adoção de uma postura que substitua a ênfase nos *jogos de poder* pelo *paradigma do diálogo*, que sempre envolve disposição ao *encontrar-se*, mobilização à *escuta* de todas as partes envolvidas e real *discernimento*.

É o que só pode advir da experiência comunitária, na diversidade dos dons, carismas e ministérios. É o que demanda participação



popular. Desse modo, ainda que a seguir também possamos dar destaque para polos mais circunstanciais como possíveis ressonâncias do processo sinodal, em um primeiro momento, é preciso reconhecer a necessidade de sempre mais adesão ao novo modelo de Igreja querido por Francisco – modelo já vivenciado por várias comunidades (especialmente na Amazônia), mas não completamente assimilado em caráter institucional. Uma Igreja colaborativa, menos “farisaica” e mais “samaritana” (note-se, “samaritana”, e, por isso: feminina, estrangeira, pecadora, e, desde o seu despojamento, disposta ao encontro, à escuta, à conversão, ao anúncio profético).

Ministérios a serviço da comunhão

Dando margem a uma interpretação já praticada por outros teólogos, uma das principais ênfases do processo sinodal, para mim, recai sobre a questão dos ministérios. Mais que isso, do urgente e necessário aprofundamento a respeito da teologia dos ministérios, em muito estagnada a formatos institucionais ligados ao atendimento de necessidades organizacionais de outro momento histórico. Em contraste com uma das mais ressoantes discussões do Sínodo, a questão da ordenação de homens casados ao ministério presbiteral, a recente experiência da pandemia do novo coronavírus trouxe elementos bastante elucidativos. De um lado, a recusa explícita de certos grupos ao que poderia ser uma alternativa à escassa participação de inúmeras populações amazônicas à vida sacramental, cujo ponto de culmi-

nância é a celebração da Eucaristia. De outro, a reivindicação compulsória destes mesmos grupos ante a interrupção das atividades presenciais em tempo de maior emergência pandêmica, pelo que se consideravam “no uso de seu direito”, quem sabe pervertendo o real sentido do batismo, transmutado em nova forma de segregação. Eis porque, deixando de lado uma discussão mais arrojada sobre a teologia dos ministérios, que, de certo, não pode ser encerrada no atual formato institucional, permito-me os seguintes questionamentos, aos quais somos convidados a responder de forma conjunta e honestamente: 1) Os ministérios atualmente disponíveis na dinâmica eclesial são suficientes para garantir a continuidade da evangelização e ação apostólica da Igreja na Amazônia, isto é, o conhecimento e o aprofundamento da mensagem evangélica, o seguimento de Jesus no exercício da vida comunitária e a participação nos sacramentos? 2) Uma discussão sobre a ministerialidade na Igreja estaria restrita ao âmbito dos ministérios ordenados, ou poderia se alargar na composição de um horizonte mais amplo de cooperação, tendo no Batismo a configuração necessária para a legitimidade do exercício ministerial em novos campos de atuação? 3) Haveria na estrutura organizacional da Igreja algum espaço para o exercício de ministérios instituídos a mulheres, com alcance não somente sobre as esferas de ação, mas, sobretudo, de decisão, já que essas representam a principal força em território amazônico? (MARTINS FILHO, 2020c). O próprio Papa Francisco tem dado sinais de grande preocupação conquanto a es-



ses temas, pelo que uma série de iniciativas já podem ser vislumbradas, embora ainda reste um longo caminho pela frente.

A nossa vida em Cristo: a inculturação

Outra grande tônica que pode ser aferida da experiência do Sínodo da Amazônia é a questão da inculturação. Considerada como um tema silenciado ao longo das últimas décadas, desde seu surgimento nas imediações do Concílio Vaticano II, trata-se de um dos grandes eixos que retornaram como força a partir do processo sinodal. Na verdade, já em outras passagens de seu magistério, Francisco havia deixado clara a importância da inculturação da fé, como etapa natural e necessária ao processo de evangelização. É o que encontramos no n. 122 da *Evangelii Gaudium*: “O ser humano ‘é simultaneamente filho e pai da cultura onde está inserido’. Quando o Evangelho se incultura num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação”. Ao falarmos, portanto, de inculturação estamos defronte a um dos principais refrões do pontificado de Francisco, em pleno reconhecimento da situa-

ção de fragmentação das culturas, diluídas no amorfo da imposição capitalista, da crise das comunidades em favor dos individualismos, da consolidação da instantaneidade como o novo paradigma das relações e da violência como resposta a um estado de calamidades de ordem econômica, social, ambiental e humana.

Nesse contexto, falar de inculturação significa reconhecer a via de mão dupla sempre presente ao processo de evangelização e lugar do encontro como condição de acesso à participação na comunidade cristã. Embora a ênfase mais aparente seja a inculturação da liturgia, e realmente se trata de um movimento sumamente necessário [a inculturação de ritos e simbologias, no contato com as culturas autóctones e os costumes locais], há que se falar na adoção de uma postura ainda mais

abrangente, o que envolve a inculturação da evangelização e da construção de uma teologia inculturada [MARTINS FILHO, 2020b]. Os documentos do Sínodo amazônico, por exemplo, tratam a inculturação a partir da contribuição das culturas indígenas, ribeirinhas e quilombolas [entre outras]. Por isso, a composição de uma nova eclesialidade com ênfase amazônica não pode deixar de lado esse aspecto: não apenas inspirar-se nas culturas tradicionais, mas dar-lhes a palavra, ouvi-las no



O movimento sinodal, protagonizado pelas comunidades amazônicas, deve ser percebido como parte de uma perspectiva mais ampla de conversão pastoral.



que têm a ensinar. Essa é a postura de saída, de renúncia à detenção de um polo unidirecional na construção da Igreja e de adoção de um olhar multicêntrico. Assim, reconhecemos também a urgência por se consolidar uma teologia inculturada, amazônica, em que a fé refletida é familiar à fé vivida.

Embora muito já se tenha sido feito, há ainda o que se construir a respeito da formação teológica dos agentes de pastoral na Amazônia. No caso da Amazônia brasileira, parte significativa dos missionários que ali desenvolvem suas atividades foram formados em centros teológicos instalados em outros contextos do país. Ocorre que a realidade vivencial influenciava diretamente a adoção de metodologias e ênfases para a operação da teologia. A realização de uma Igreja com “rostro e coração amazônicos” deve, portanto, passar pela consolidação de centros de estudo e pesquisa, que não prescindam das peculiaridades culturais, influências e dinamismo próprios à Amazônia, sabendo aprofundar a reflexão teológica à luz do diálogo com as diferentes culturas [até a consolidação da tão sonhada “teologia amazônica”, que será de libertação, que será decolonial e que ou estará disposta ao diálogo intercultural, ou restará impossível].

Em fraternidade, habitamos nossa Casa Comum

Existe, enfim, um potencial bastante evidente em todas as construções que permanecerão como legado do Sínodo da Amazônia: a aposta em uma ecologia integral e,

quiçá, no surgimento de um ideal de fraternidade para além dos limites do velho “paradigma antropocêntrico”. Baseado na ideia da primazia do ser humano, como primícia da criação de Deus, em vários momentos da história o próprio cristianismo tomou parte em processos de destruição da biodiversidade. Nosso tempo é, porém, outro; momento de reconhecer o estreito vínculo que nos mantém em sintonia com todos os demais seres, esclarecendo o real alcance e significado de nossa posição: ter precedência, nesse caso, implica em sermos completamente responsáveis.

Isso é o que foi explicitado, de forma bastante contundente, pelo Papa Francisco, em 2015, na encíclica *Laudato Si'* (um dos textos papais de maior impacto sobre o mundo moderno), mas que no Sínodo da Amazônia readquiriu particular importância, tanto numa perspectiva global – da Amazônia para o mundo – como local – da Amazônia para a própria Amazônia. Estamos, pois, no ponto de passagem de uma cosmovisão para outra, na consolidação de um novo formato a partir do qual nos relacionamos com a natureza. Ao contrário de outras épocas, dessa vez, o ser humano tem a oportunidade de participar positivamente das transformações, com consequências que poderão se alastrar até as próximas gerações (e que o vindouro seja promissor!) [MARTINS FILHO, 2020a]. Tal construção exige a articulação com organismos eclesiais e não eclesiais, com agências nacionais e internacionais de proteção e defesa do



ecossistema, mas também a promoção de uma política de vida e não de morte, como infelizmente temos assistido no Brasil. A eleição presidencial de 2022 será decisiva a esse respeito, mas também é preciso que concentremos nossos esforços na construção de uma boa base legislativa, não somente em nível federal, mas regional, que faça frente às investidas do mercado de consumo e exploração e, sobretudo, ao falso cristianismo hipócrita que perverte mentalidades e potenciais, reduzindo nossas comunidades a meros instrumentos de sua manipulação. Deixo, para todos nós, a seguinte pergunta: como estender o legado

ecológico do Sínodo na criação de mecanismos mais incidentes, com impacto para a vivência das comunidades eclesiais, com alcance social, político e econômico, micro e macrocósmico, a serviço de toda humanidade e da vida de maneira geral?

Para concluir

Como prometido de início, as pistas de reflexão que aqui se estenderam almejam tão somente provocar o debate, fomentar a discussão necessária e característica do exercício da sinodalidade. Essa que, por sua vez, deve ser pensada como o único modo

de expressão do ser da Igreja, que não anula a participação e a comunhão, mas, ao contrário, promove e integra todas as partes do Corpo de Cristo. Também quanto a isso o Sínodo da Amazônia permanece sendo uma das mais belas manifestações eclesiais dos últimos tempos, quer pela potente participação das igrejas locais no processo de auscultação, ou, durante sua celebração em Roma, pela presença vibrante de lideranças leigas, mulheres, indígenas e demais representantes do rosto multicultural amazônico, em um rico e fraterno convívio do qual também de longe pudemos participar unidos em coração e espírito. Não me parece aleatório que, justamente após a sua realização, tenha sido formulado pelo Papa Francisco um novo modelo de exercício para o instituto do Sínodo dos Bispos, como mote para a recuperação da vivência da sinodalidade por parte da Igreja universal [MARTINS FILHO, 2022].

Indicações de leitura

Elenco, a seguir, algumas indicações de leitura sobre o Sínodo da Amazônia, em que as intuições apresentadas nesta breve partilha podem ser consideradas de maneira mais detalhada. Os textos de minha autoria constituem apenas uma sinalização e não substituem a leitura integral dos documentos emanados pelo Sínodo, especialmente a exortação Querida Amazônia, do Papa Francisco, e o Documento Final do Sínodo da Amazônia.

FRANCISCO, papa. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia**. Vaticano, 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em: 12 fev. 2020.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. A sinodalidade como refrão: contribuições à identidade eclesial. **Perspectiva Teológica**, v. 54, p. 133-154, 2022.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. Um sonho ecológico para a Igreja: o magistério de Francisco da Laudato Si' ao Sínodo para a Amazônia. **Atualidade Teológica**, v. XXIV, p. 104-126, 2020a.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. O Papa Francisco e o Sínodo amazônico. Novos impulsos para a inculturação. **REB. Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 80, p. 232-261, 2020b.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. Uma Igreja sinodal e ministerial: novos impulsos para a Amazônia e o mundo. **Perspectiva Teológica**, v. 52, p. 755-773, 2020c.

SÍNODO DOS BISPOS. Documento Final. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Assembleia Especial para a Região Pan-Amazônica, [2019]. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazonia_po.html. Acesso em: 20 nov. 2019.

Sínodo da Amazônia e Espírito/Divina Ruah nos desafiam a superar bloqueios e inércias: transbordando novos caminhos para Igreja



Ima Vieira¹
Tea Frigerio²

Iniciemos a conversa parafraseando a apresentação do PNV 382 do CEBI “Escutar o Divino que emana da Amazônia”.

Este Sínodo se desenvolve ao redor da vida: a vida do território amazônico e de seus povos, a vida da Igreja, a vida do planeta. Como refletem as consultas às comunidades amazônicas, a vida na Amazônia se identifica, entre outras coisas, com a água. O rio Amazonas é como uma artéria do continente e do mundo, flui como veias da flora e da fauna do território, como manancial de seus povos, de suas culturas e de suas expressões espirituais. Como o Éden

1 Ecóloga, assessora da REPAM.

2 Exegeta, teóloga ecofeminista.





[Gn 2,6], a água é nascente de vida, na qual tudo está interligado [LS, n. 16, 91, 117, 138, 240]. “O rio não nos separa, mas nos une, ajuda-nos a conviver entre diferentes culturas e línguas [ILSA³ n. 8].

Palavras que nos convidam, ainda hoje, a subir na canoa do Sínodo e fluir juntos as águas do Rio Amazonas. “*E bom que agora sejais vós próprios a autodefender-vos e mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos escutar-vos*”. Assim se expressou Papa Francisco, em janeiro de 2018, em Porto Maldonado (Peru). O Sínodo para Amazônia, nas suas palavras, foi uma convocação a nos colocar em atitude de *escuta*.

Escutar, abrir os ouvidos a Mãe terra nossa casa comum, aos povos originários, quilombola, amazônica, à desafiadora realidade urbana... Escutar... *Escutar* as comunidades cristãs disseminadas ao longo dos rios, embrenhadas na floresta, vivendo e sobrevivendo nas periferias urbanas e que anseiam por uma Igreja com rosto amazônico, em sua pluriformes matizes, procura ser uma igreja em saída [EG, n. 20-23], que deixa atrás de si uma tradição colonial monocultural, clericalista e impositiva, que sabe discernir a assumir sem medo as diversificadas expressões culturais dos povos [ILSA n. 110].

Escutar as grandes culturas originais, depois de quase havê-las exterminadas, e os milhões de africanos escravizados. Escutar e assumir o compromisso que se impõe de contribuir a se refazerem

biologicamente, resgatar sua sabedoria ancestral de verem reconhecidas suas tradições religiosas e espirituais de comunicação com o Divino.

Escutar e acolher o desafio que a comunhão na fé cristã não tem o colorido da uniformidade e assim acolher a busca de sua própria síntese de forma a dar origem a um cristianismo original, sincrético, afro-indígena-latino-americano. *Escutar... Escutar*, verbo fundamental... *Escutar* é atitude do discípulo, da discípula [Is 50,4-5]. *Escutar... A Palavra se faz carne e coloca sua tenda na Amazônia* [João 1,14]. *Escutar... Escutar* a voz da ciência que nos provoca a olhar cara a cara o modelo de desenvolvimento do qual fazemos parte.

Os conflitos socioambientais e a resistência dos povos da Amazônia

Experimentamos, na Amazônia, um modelo de desenvolvimento exógeno, baseado na expropriação de terras, na exportação de matérias-primas e na mercantilização dos bens naturais que é causador de desigualdades e injustiças socioambientais irreparáveis.

Na segunda metade do século XX, um grupo de ativistas, cientistas, ONGs, governos e outros passou a debater o problema de uma crise ambiental planetária e a organizar encontros e produzir vários documentos e acordos internacionais, com a intenção de mitigar os efeitos da degradação ambiental. É nesse contexto que a Amazônia passa a ser compreendida como componente fundamental de um conjunto de megaprocessos ecológicos interligados que ga-

3 Instrumentum Laboris do Sínodo Amazônico.



ranterem o equilíbrio ambiental em escala global.

As intensas mudanças no uso da terra, que implicam em taxas crescentes de desmatamento e de degradação florestal, via extração de madeira, trouxeram para a região amazônica uma nova realidade marcada pelos grandes incêndios florestais. Com isso, a Amazônia está experimentando um novo regime climático, marcado pela ocorrência de secas mais prolongadas e intensas, com maior frequência. O resultado disso são incêndios florestais que são muito prejudiciais às comunidades locais e ameaçam os meios de subsistência locais, queimando áreas de extrativismo, roças e residências.

Podemos dizer, então, que além dos territórios das populações tradicionais serem o alvo principal das disputas na Amazônia, eles estão ameaçados pela degradação ambiental – uma sinergia entre desmatamento, mudanças climáticas e grandes incêndios florestais.

Apesar do cenário de dificuldades vividas pelos povos da região, a união de diferentes grupos tem consolidado uma importante estratégia de resistência para o enfrentamento a um modelo de desenvolvimento que traz conflitos, ameaças ambientais, mortes e viola direitos. Tais atos de resistência têm se mostrado decisivos à permanência e manutenção dos modos de vida desses povos na região. Na “Carta dos Povos da Amazônia”⁴, os movimentos sociais defenderam a Convenção nº

169 da Organização Internacional do Trabalho [OIT], a qual lhes garante direito ao território, o fortalecimento da agroecologia como alternativa ao modelo capitalista de agricultura e o reconhecimento e proteção dos modos de viver e fazer das comunidades tradicionais.

A experiência comunitária de “salvação” do povo da Amazônia surge da esperança, simbolizada pelos que tombaram na luta, iluminada pela ecologia integral da *Laudato Si'*. O grito da Terra e o grito dos povos ecoam na Igreja na Amazônia - a Igreja “se compromete a ser aliada dos povos amazônicos para denunciar os ataques contra a vida das comunidades indígenas, os projetos que afetam o meio ambiente, a falta de demarcação de seus territórios, bem como o modelo econômico de desenvolvimento predatório e ecocida”⁵.

A destruição avança em direção a maior floresta tropical do mundo e, para enfrentá-la, precisamos escancarar as críticas ao modelo de desenvolvimento atual, predatório, que tem favorecido os interesses particulares de poucos, e não o interesse comum. É preciso também olhar para dentro da Amazônia e compreender e reconhecer os saberes das diversas sociedades que habitam a Amazônia para estabelecer relações respeitadas, negociadas, inclusivas, circulares e decoloniais.

O paradigma ecológico deve gestar-se

4 Carta dos Povos da Amazônia. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/Carta-dos-Povos-da-Amazonia.pdf>.

5 Documento Final, Sínodo para a Amazônia. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazonia_po.html.



partir da eco-sabedoria que permita conhecer e compreender os ritmos da oikos e, assim facilitar a convivência... Eco-sabedoria mística baseada na austeridade e não violência, na gratuidade e no serviço, no cuidado e na compaixão, na busca de uma autêntica espiritualidade e ética ecológica. Uma consciência ecológica radical que nos levará às raízes, ajudando-nos a construir uma maneira nova de inter-relacionamento com tudo (FRIGERIO, 2021).

Isso nos convida a colocar em crise nossa imagem de Deus, do Divino. Uma certa imagem de Deus, do Divino legitima o domínio sobre, a destruição, o poder sobre, certa ordem a ser reestabelecida, as hierarquias. O corpo terra, os nossos corpos, a realidade vivida desmontam nossas certezas, provocam-nos à conversão do pensamento, convidam-nos a reinventar a imagem do Divino.

O Sínodo da Amazônia nos convida à conversão, ou poderíamos dizer nos convida a uma revolução sociocultural, ecológica, eclesial, mas, à raiz disso, urge acontecer uma conversão, revolução teológica que possa se reverter numa ecoespiritualidade que seja a seiva que alimenta atitudes e comportamentos éticos transformadores. Seiva de vivência em que nossos corpos já não se relacionam com os outros corpos como separados, mas interligados, interconexos, empaticamente, capazes de ouvir o grito da Terra e dos Povos, escutá-los, assumi-los em nossas práticas.

O corpo se torna um lugar teológico, mul-

tiético, de diálogo inter-religioso cujo os principais interlocutores são os últimos, a quem devemos escutar por um dever de justiça, de quem devemos aprender a cuidar da Mãe terra, conjugando a sabedoria ancestral com a sabedoria dos nossos textos sagrados.

Ecoespiritualidade

A Sabedoria construiu Sua casa,

Ela ergueu Suas sete colunas.

Ela abateu Seus animais,

Ela misturou Seu vinho,

Ela pôs também Sua mesa.

Ela enviou Suas ministras

para chamar desde os lugares mais altos na cidade ...

*– Vinde comer do meu pão
e beber do vinho que eu misturei.*

*Deixai a imaturidade e vivei,
e andai no caminho da Sabedoria.*

(Pr 9,1-3.5-6)

“Durante séculos, os povos amazônicos transmitiram a sua sabedoria cultural, oralmente, através de mitos, lendas, narrações, como sucedia com «aqueles primitivos jograis que percorriam as florestas contando histórias de aldeia em aldeia, mantendo assim viva uma comunidade que, sem o cordão umbilical destas histórias, a distância e a falta de comunicação teriam fragmentado e dissolvido». Por isso, é importante «deixar que os idosos contem longas histórias»



e que os jovens se detenham a beber desta fonte.” [FRANCISCO, 2019, QAm 34]

Os povos das terras amazônicas possuem uma raiz rural. A natureza é sentida como matriz, útero de vida com a qual o ser humano está umbilicalmente conectado. Participar de sua vida exige outra lógica, distinta daquela da materialização e coisificação da natureza que leva a uma concepção de desenvolvimento depredador da *oikos*. A racionalidade científica de conhecimento da natureza tem como finalidade afirmar a superioridade e o domínio humano sobre o mundo criado. Ao contrário, conhecer a natureza é um ato espiritual e embebido de uma compreensão ética do cuidado com aquela que é mãe e a base da igualdade entre todos os seres.

Só poderemos escutar os apelos que brotam da história na Amazônia na medida em que estivermos disponíveis a aprender a resistência, encarnada em seus povos e na sua dinâmica cósmica, ao mesmo tempo em que se busca nas tradições culturais, religiosas e comunitárias o que não foi totalmente desfigurado e destruído pela dominação colonizadora. Resistência, como característica da missão na Amazônia, significa contribuir para eliminação de tudo que nos leva a perpetuar a mecânica avassaladora do império que, hoje, chega nesta realidade com nomes de “desenvolvimento sustentável”: monoculturas, migrações forçadas, polos industriais, barragens, mineração e outros.

Se o cuidado das pessoas e o cuidado dos ecossistemas são inseparáveis, isto torna-se particularmente significativo lá onde «a floresta não é um recurso para explorar, é um ser ou vários seres com os quais se relacionar». A sabedoria dos povos nativos da Amazônia «inspira o cuidado e o respeito pela criação, com clara consciência dos seus limites, proibindo o seu abuso. Abusar da natureza significa abusar dos antepassados, dos irmãos e irmãs, da criação e do Criador, hipotecando o futuro». Os indígenas, «quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuidam», desde que não se deixem enredar pelos cantos das sereias e pelas ofertas interesseiras de grupos de poder. Os danos à natureza preocupam-nos, de maneira muito direta e palpável, porque – dizem eles – «somos água, ar, terra e vida do meio ambiente criado por Deus. Por conseguinte, pedimos que cessem os maus-tratos e o extermínio da “Mãe Terra”. A terra tem sangue e está sangrando, as multinacionais cortaram as veias da nossa “Mãe Terra”» [FRANCISCO, 2019, QAm n. 42].

A compreensão da Amazônia antes de ser científica, biológica, geológica, é indígena. É na compreensão mais profunda da relação entre seres humanos e natureza, captada e vivida pela sabedoria indígena, que se pode perceber a visão da Amazônia. Resgatar a relação humanidade e terra,





corpo e terra, terra sagrada que somos todos, somos presença e dom Divino.

Com as comunidades diversificadas, temos que aprender a nos tornarmos uma sociedade sustentável, ou seja, que produz o suficiente para si e para os seres vivos dos ecossistemas onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão.

Pachamama, Amazônia, *oikos*, casa comum nos leva a refletir sobre a relação entre gênero e Teologia. Conhecer a natureza é um ato espiritual e embebido de uma compreensão ética do cuidado com aquela que é mãe e a base da igualdade entre todos os seres. O cristianismo, como religião e sua elaboração teológica, esteve sempre dominado pela perspectiva do masculino. Sua linguagem, seus símbolos, sua estrutura sociorreligiosa foi e é marcado pela lógica patriarcal. A ausência de uma análise crítica principalmente da masculinidade hegemônica na Teologia cristã, como categoria construída, reforçou a noção de que Deus é masculino. Masculinidade então se tornou normativa para o ser humano. Uma categoria que no cristianismo parece estar imune à análise crítica e a desconstrução.

O pensamento ecológico nos convida a viver a vida como uma rede de relações, rede que forma o ecossistema. Ele aponta para elaboração de novos paradigmas, incluindo os nossos Textos Sagrados.

A compreensão mais espiritual-teológica da Amazônia nos leva a uma mudança de foco. Leva-nos a refletir acerca da sobrevivência das plantas, dos animais e dos seres humanos, conduzindo-nos à construção de “um modo de vida sustentável”, em quatro dimensões: ambiental [preservação da vida], social [integração e convivência], mental [ética e espiritualidade] e integral [vida plena para cada um, cada uma e para todos] [CASTRO, 2018, p. 39].

A enculturação eleva e dá plenitude. Sem dúvida, há que apreciar esta espiritualidade indígena da interconexão e interdependência de todo o criado, espiritualidade de gratuidade que ama a vida como dom, espiritualidade de sacra admiração perante a natureza que nos cumula com tanta vida. Apesar disso, trata-se também de conseguir que esta relação com Deus presente no cosmos se torne cada vez mais uma relação pessoal com um «Tu», que sustenta a própria realidade e lhe quer dar um sentido, um «Tu» que nos conhece e ama:

*«Flutuam sombras de mim, madeiras mortas.
Mas a estrela nasce sem censura
sobre as mãos deste menino, especialistas
que conquistam as águas e a noite.
Bastar-me-á saber
que Tu me conheces
inteiramente, ainda antes dos meus dias»
[FRANCISCO, 2019, QAm n. 73].*



A Mulher na Igreja da Amazônia

“Não podemos deixar de incentivar os talentos populares que deram às mulheres tanto protagonismo na Amazônia, ... Numa Igreja sinodal, as mulheres, que de facto realizam um papel central nas comunidades amazônicas...”

[FRANCISCO, 2019, QAm n. 102-103]

Palavras que testemunham a essencialidade da mulher na Igreja da Amazônia, mas que, ao mesmo tempo, a Teologia eclesial escolhida a colocam a margem e a silenciam, não lhe reconhecendo como sujeito no ‘que fazer’ teológico, nos ritos e sacramentos, nos espaços de decisão. É a este silêncio que precisamos dar voz.

Tecer um arco-íris entre as comunidades espalhadas no interior da Amazônia, na beira de seus rios e igarapés, com as primeiras comunidades cristãs, e encontrar caminhos, ou melhor, ousar reconhecer o que já está sendo vivido e fazer acontecer um salto qualitativo.

No judaísmo da diáspora, as mulheres podiam falar, coordenar e dirigir as liturgias, fora das casas eram silenciadas. Mulheres cristãs aprenderam a realizar reuniões doméstica e, pouco a pouco, elas saíram para as ruas, praças e outras cidades.

Vocês perguntam: temos informações disso no Segundo Testamento? Não, não, não temos informações das mulheres na vida das comunidades pré-paulinas. Não sabemos e o que aconteceu em seu tempo não foi escrito ou, se foi escrito, foi silenciado. Podemos intuir, ao ler e desfiando uns textos. Em muitos lugares, no

ambiente de origem, onde havia referências às igrejas domésticas, os nomes das mulheres são lidos: Priscila e seu marido Aquila aparecem nas cartas aos Romanos e aos Coríntios (Rom 16,5 e 1Cor 16,19). Na casa de Filemón, aparece a irmã Ápia e seu companheiro Archipo (Filemon 1,1-2); na casa de Filólogo e Julia, os nomes de Nereu e sua irmã emergem, e de Olímpias em Romanos (Rom 16,15). Em Laodiceia, é a casa de Ninfá, que recebeu uma carta de Paulo (Col 4,15). Há também a casa de Lídia em Filipos (Atos 16,15). Nas igrejas domésticas, as mulheres encontraram seus espaços para atuar como coordenadoras nas comunidades. Uma comunidade muito amada por Paulo era de Filipos. Duas líderes, provavelmente em luta pela construção da comunidade, tiveram seus inconvenientes. Sobre elas, Evodia e Sinti-que, o companheiro Sicigo recebeu palavras de orientação para apoiá-las, porque Paulo as respeitava, via nelas lideranças valiosas, como dizia ele: *“lutaram ao meu lado pelo evangelho, com Clemente e os outros colaboradores meus, cujos nomes estão no livro da vida”* [Fl 4,2-3].

Na Carta aos Romanos, nas recomendações finais, temos referências interessantes. Em um trecho, ele se referiu a Febe: *“Recomendo a vocês Febe, nossa irmã, diácona da comunidade Cencreia... porque ela também ajudou muitos, até mesmo a mim”* [Rm 16,1-2]. Em outro, Paulo faz alusão a Priscila e seu marido: *“Saudações a Priscila e Aquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que para salvar minha vida expôs sua cabeça.”* [Rm 16,3-5]. Fala também de Maria: *“Saudações a Maria, que fez muito por vocês”* [Rm 16,6]. Em Rm 16,7, lembra Júnias, chama ela e seu marido de “Apóstolos”,



com ousadia Paulo escreve: “*Saudações a Andrônico e Junias, meus parentes e companheiros da prisão, apóstolos exímios que me precederam na fé em Cristo*”. Lembra Trifena, Trifosa e Pérside, companheiras na tribulação: “*Saudações a Trifena e Trifosa, que cuidaram da comunidade. Saudações para a querida Pérside, que tem trabalhado muito no Senhor*” [Rm 16,12]. Em Rm 16,13 refere-se a uma mãe: “*Saudações a Rufo, escolhido do Senhor, e sua mãe, que também é minha mãe*”. Em Rm 16,15 ele se lembra de Júlia, a irmã de Nereu e Olímpias: “*Saudações para Filólogo e Julia, Nereu e sua irmã, e para Olímpias, e para todos os santos que estão com eles*”.

Vemos que, nessas recomendações, Paulo fala naturalmente de mulheres que foram diáconas, colaboradoras em Jesus Cristo, ou apóstolas. Títulos e funções importantes na vida e organização das comunidades! Ele também fala do envolvimento de algumas delas na luta libertadora, dentro da opressão romana. As comunidades, e o próprio Paulo, deviam muito a essas mulheres, pois elas ajudaram e até arriscaram suas vidas para os irmãos. Carinhosamente, Paulo se refere a elas como irmãs, mães, colaboradoras na luta pelo evangelho, companheiras de prisão. Detalhe importante: em dois casos, a comunidade se reuniu na “casa” delas.

Quis trazer esta memória pois ela nos aponta caminhos, convida-nos a ousar: nomear, tirar do silêncio, reconhecer a ministerialidade da mulher nos ritos e sacramentos, no partir o pão eucarístico e da solidariedade, na gestão da autoridade e do doméstico, nos espaços de decisão.

Esta reflexão conduz a uma constatação: o que adianta o diaconato da mulher no atual modelo eclesial?

Eclesiologia Sinodal

No artigo “A Sinodalidade incluirá a Sororidade?”, de Frigerio [2022], vem expressa a reflexão e a utopia que habita muitas mulheres quanto a eclesiologia, aqui apontamos e sublinhamos a utopia da Igreja doméstica que as CEBs querem viver e testemunhar.

Urge redescobrir e valorizar a força eclesio-genético da Igreja na dimensão da casa, inclusiva de mulheres, homens, jovens, crianças, adultos. Redescobrir a Igreja doméstica, da *ekklesia kat' οικον* de Atos 2,46, na qual o pão se parte com alegria e simplicidade de coração ou Atos 5,42, em que não se deixa de ensinar e de anunciar a boa nova de que Jesus é o Cristo, talvez seja o único recurso para desenhar uma outra face da Igreja na crise que atravessam nossas comunidades, dentro das quais, mais do que irmãos/irmãs, somos estranhos e nos encontramos em um todo anônimo, habitual e distraído.

Foram nas casas que nasceu a comunidade cristã. É na casa que Jesus celebra a sua Páscoa. É a *eklesia* que se reúne nas casas que os discípulos e as discípulas do Crucificado Ressuscitado se reconhecem, uns aos outros, umas às outras, como frates (irmãos) e sororas (irmãs), membros da família de Deus. É na casa que a Divina *Ruah*/Espírito irrompe como vento impetuoso sobre homens e mulheres, dando





origem à Igreja, família universal reunida.

A mesma Divina *Ruah*/Espírito nos desafia a experimentar, ousar novas formas de ser Igreja, diversamente ligadas ao território, ousando linguagem nova e antiga, voltando a ser *Laos*, povo laical, povo de Deus. Novas células, reais lugares do acontecimento eclesial, espaços alternativos às formas existentes, não para deixá-las como são, mas para promover uma transformação radical e, quem sabe, substituí-las, uma vez adquiridas autoridade e competência.

Presença da Divina *Ruah*/Espírito que fortalece a consciência profunda de que só começando de baixo, com gestos e atitudes que nascem da vida, na simplicidade e na pobreza de uma casa acolhedora, poderemos voltar a ser um sinal de respeito e atenção. Mas para que isso aconteça, é necessário excluir definitivamente toda forma de clericalismo, toda forma de patriarcalismo, toda hierarcologia indevida. É necessário devolver a boa nova aos pobres, abrir-se à fraternidade, sororidade universal, abandonar toda discriminação de gênero.

Apenas comunidades laicais, no sentido original do termo, em plena reciprocidade de homens e mulheres, incluindo carismas e ministérios, poderão conduzir a Igreja rumo a um presente e um futuro segundo o Evangelho.

Picadas a serem abertas e percorridas: o despontar de uma Igreja com rosto amazônico

O Papa Francisco fez da questão ecológica um ponto chave do seu magistério, mostrando que sofremos uma grave crise socioambiental.

A partir da formulação da perspectiva da Ecologia Integral, o papa vê na ecologia a chance e o sinal mais urgente para encarnar a ação evangelizadora da Igreja e a possibilidade de criarmos uma rede de cristãos para dar uma resposta concreta com atenção aos pobres e marginalizados e no cuidado do planeta.

O Sínodo para a Amazônia inaugura um novo tempo para a toda Igreja. Tempo de escutar, refletir e agir, pois “a Amazônia arde em chamas e já não pode mais esperar”. Mas o papa também nos diz que a reparação socioambiental não pode se limitar em denunciar os problemas que o próximo está criando, mas exige cada vez mais que os mesmos indivíduos que clamam a Deus se tornem protagonistas de mudanças efetivas que impactem a vida da sociedade e do mundo em que vivemos.

A Ecoteologia, ao articular a dimensão social da fé cristã com a emergente consciência planetária, chama a todos para o debate à luz da fé sobre a vida na Casa Comum, em uma perspectiva do respeito e da cooperação com a Criação e traz ao debate eclesial os problemas e as soluções para que haja uma conversão ecológica que transborde em uma ecoespiritualidade.

Nesse contexto, destacamos algumas considerações sobre a importância da Ecoteologia na Amazônia em disputa:

- a) É necessário um trabalho ecumênico e inter-religioso que proponha alternativas solidárias com os mais afetados pela crise ambiental e que se posicione frente à problemática ambiental;



- b) É imprescindível valorizar a sabedoria dos povos ancestrais, para orientar práticas do cuidado com a Terra e despertar uma sensibilidade, espiritualidade e mística amazônicas - Igreja com rosto amazônico;
- c) É importante o acompanhamento da Igreja aos processos de resistência liderados por comunidades indígenas, tradicionais e de agricultores; nesse sentido, deve-se criar espaços ecumênicos para responder aos impactos e às violações dos direitos socioambientais, causados pelas atividades extrativas predatórias;
- d) Oferecer oportunidades de formação às comunidades e apoiar e promover ações voltadas à defesa dos territórios e de vidas;
- e) Romper com a ilusão do desenvolvimento e da mercantilização das terras e da natureza, escutando os territórios e seus povos em busca de agroecologia, soberania alimentar e dignidade.
- f) A Ecoteologia contribui para a Ecologia Integral – “deve ser enraizada e difundida nos cursos de teologia, nos espaços pastorais e na vida cotidiana dos cristãos” [MURAD, 2020].

O Sínodo da Amazônia, por sua vez, representa o compromisso da Igreja na Amazônia no cuidado da Casa Comum, expressão de uma Igreja aliada dos povos da Amazônia, em defesa da vida ecológica e espiritual e a serviço do futuro do planeta.

Nosso Texto Sagrado guardou, para nós, as 10 Palavras de Vida para o Bem Viver na terra de

Canãa. Oferecemos, aqui, como caminho a ser percorrido, cotidianamente, os Dez Mandamentos do Sínodo da Amazônia. Os 10 Mandamentos do Sínodo [VIEIRA; OLIVEIRA; MATA, 2020] sintetizam os caminhos para uma Igreja com rosto amazônico, e que passa pela ecoespiritualidade.

1º Mandamento: Amazonizarás a Igreja de forma a acolher as culturas e tradições amazônicas como expressão do Espírito de Deus que conduz os povos e a vida;

2º Mandamento: Defenderás os direitos dos mais vulneráveis (e da natureza) e fortalecerás a luta em defesa da vida, da justiça e dos direitos humanos;

3º Mandamento: Terás consciência da dramática situação de destruição que afeta a Amazônia e seus povos;

4º Mandamento: Não pecarás contra as gerações futuras em atos e hábitos de contaminação e destruição da harmonia do meio ambiente amazônico;

5º Mandamento: Buscarás mudanças radicais e urgentes em direção a um modelo de existência social e de relação com a natureza que permita salvar a Amazônia, garantir o Bem Viver e a convivência com o Bioma;

6º Mandamento: Reconhecerás com admiração e protegerás aqueles e aquelas que lutam, com grande risco de suas próprias vidas, para defender o território e o povo amazônico;

7º Mandamento: Assumirás o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural como o caminho irrevogável da evangelização na Amazônia.



8º Mandamento: Fortalecerás e renovarás os Ministérios Leigos, a Vida Consagrada, o presbiterato e o diaconato, com identidade amazônica, fortalecendo as vocações autóctones e priorizando uma missão pautada numa presença constante, numa escuta atenta e no compromisso com a libertação;

9º Mandamento: Ouvirás as vozes das mulheres para tomar decisões e contribuir com sua sensibilidade à sinodalidade eclesial, reconhecendo e valorizando o seu protagonismo no cuidado com a Casa Comum;

10º Mandamento: Viverás uma Igreja em saída, pautada na sinodalidade, comprometida com a defesa da vida na Amazônia.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Ricardo Gonçalves. Ecoteologia na Amazônia. Revista Ecoteologia – REPAM Brasil, 2018, p. 36-45. Disponível em: <http://repam.org.br/wp-content/upload/2018/08Ecoteologia-revista-2-edição.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

FRIGERIO, Tea. Amazônia: a página ainda a escrever do Gênesis. Cadernos CEMLA, n. 6, Curitiba, 2019, p. 87-105. Disponível em: <https://www.missiologia.org.br/cemla>. Acesso em: 01 ago. 2022.

_____. Sabedoria... Sonhar... Sabedoria. Cadernos CEMLA, n. 7, Curitiba, 2021, p. 31-56. Disponível em: <http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Tea7.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

_____. Decolonizar o que foi colonizado. Cadernos CEMLA, n. 8, Curitiba, 2021, p. 78-107. Disponível em: <https://www.missiologia.org.br/cemla>. Acesso em: 01 ago. 2022.

_____. A Sinodalidade incluirá a Sororidade? Cadernos CEMLA, n. 9, Curitiba, 2022, p. 91-109. Disponível em: <https://www.missiologia.org.br/cemla>. Acesso em: 01 ago. 2022.

_____. Julgar: horizontes da esperança [Texto-base]. XV Intereclesial das CEBs, Rondonópolis, 2022.

VATICANO. Instrumentum Laboris do Sínodo Amazônico. Roma: Vaticano, 17 jun. 2019. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html>. Acesso em: 01 ago. 2022.

VIEIRA, Ima Célia G.; OLIVEIRA, Márcia Maria de; MATA, Raimundo Posidônio C. da. Os Dez Mandamentos do Sínodo Especial para a Amazônia. Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades. Salvador, v. 45, n. 249, p. 9-33, jan./abr. 2020.



CONEXÃO DAS FORÇAS BOAS:

Afugentar os seres das doenças

Justino Sarmiento Rezendell

Iniciando a conversa

Pensar em uma Ecologia integral, no contexto das espiritualidades indígenas e experiências sociopastorais das Igrejas e dos povos amazônicos, é bastante complexo. Neste momento, eu apresento uma compreensão *tuyuka*, ou seja, não representa outros povos, pois cada povo indígena cultiva a própria espiritualidade, existente antes à espiritualidade cristã. Não é de interesse de muitos povos fazer uma aproximação com a espiritualidade cristã. Alguns indígenas evangelizados sonham com caminhos de interação de suas espiritualidades com a espiritualidade cristã, mesmo assim, não há uma conexão tranquila, principalmente quando o cristianismo quer se sentir melhor do que a prática da espiritualidade indígena.

1 Do povo Utäpinopona-Tuyuka, originário do município de São Gabriel da Cachoeira (AM). Missionário e sacerdote da congregação salesiana. Formação acadêmica: Licenciatura plena em Filosofia, Bacharelado em Teologia, Mestrado em Educação e Doutorado em Antropologia Social. Texto preparado em uma perspectiva de pensar a Ecologia integral no contexto das espiritualidades e experiências sociopastorais das Igrejas e dos povos amazônicos.

1. *Diarige wabokuto, diarige wanoarõ bokuto! Vivemos cercados pelas doenças, vamos afastá-las!*

Os meus parentes são cristãos desde que os missionários salesianos chegaram, na antiga missão salesiana de Pari-Cachoeira [1940]. Desde aquela década, procuram viver o cristianismo e realizam suas cerimônias tradicionais. Em algum tempo, praticavam de forma mais clandestina devido ao controle religioso cristão. Na atualidade, realizam de forma mais visível. As cerimônias *tuyuka* acompanham os ciclos de vida cósmica e muito pouco o ano litúrgico. A cosmovisão mapeia os perigos que podem causar doenças, que provêm dos seres das enchentes dos rios, das piracemas [desova de peixes], tempo de floração e amadurecimento das frutas, preparação de roças, inauguração da maloca nova, início de verão, nomeação de crianças recém-nascidas, primeira menstruação da menina, movimento das constelações. São tempos especiais para a realização das cerimônias de proteção da vida humana, das comunidades, das casas, dos rios, da floresta, dos peixes, da caça e de todos os seres cósmicos.

2. *Proteção com a defumação*

Diarige wabokuto hirã muno basehã tirira nimiwã marĩ ñekusumuapuha! Os elementos materiais cerimoniais são importantes em todas as culturas. Os meus avós utilizam o taba-





co para a cerimônia de proteção, defesa da vida e para tranquilizar os seres cósmicos que podem causar doença. O especialista Kumu é considerado defensor da vida dos humanos, interlocutor, embaixador para negociar benefícios junto aos seres de outros patamares.

A cerimônia de proteção é a expressão da espiritualidade tuyuka, interliga-se aos outros povos indígenas, aos seres-árvores, peixes, animais, pássaros, lagartas, onças, cobras, frutas, constelações, estrelas, sol, lua. Muitos nomes indígenas estão relacionados aos outros seres do cosmo. O Kumu tece a conexão de elementos bons para garantir o bem viver dos povos e de todos os seres cósmicos. Ao utilizar a linguagem e os códigos cerimoniais, costura rede de interligações cósmicas. Torna os

seres de outros patamares como nossos avós, primos, cunhados, irmãs, primas, mães.

Os efeitos de interligação são inseridos pelo Kumu no tabaco. Ele fala baixinho e sopra as forças do bem no tabaco. Ao fumar o tabaco, cada pessoa coloca dentro de si as forças do bem, da proteção e entra em conexão com os seres cósmicos. A fumaça que soltamos espalha-se pelo cosmo e os seres cósmicos fumam o tabaco e ganham os mesmos efeitos do bem.

Os enunciados de proteção nos tornam membros de uma família cósmica. As árvores possuem pais, mães e avós, expressam suas emoções, alegria, tristeza e choro. Elas revoltam-se com os invasores de suas casas e causam as doenças e até podem matar. Muitas vidas estão em conexão com as fruteiras, com





a diversidade de pássaros e animais, como a paca, a cutia, o porco do mato, o macaco, os insetos, as lagartas, o cupim, os peixes, as cobras, as aranhas, as formigas, as abelhas. A cerimônia de proteção evita brigas, guerras e mortes entre todos os seres atingidos pelo sabor e cheiro de tabaco.

Dentro desse mundo complexo, o Kumu transita, por meio de suas cerimônias, para conversar, dialogar, negociar, pedir o respeito às pessoas da parte de todos os seres. Do lado humano, garante o respeito aos seres do cosmo.

Quando o Kumu protege as pessoas que irão coletar as frutas, em uma atitude cerimonial, percorre no interior das florestas, dialoga e pede o respeito pelas pessoas que entrarão naquela casa-floresta. Pede as frutas ao seu dono, pai e mãe das frutas. Por outra parte, as pessoas, devem seguir os tratos que o Kumu fez com os seres da floresta. Do contrário, as doenças causadas pelos seres cósmicos atingirão alguém e podem levar a óbito.

Para finalizar, apresento breve discurso que explica como se realiza a proteção: *“fiz uma cerimônia para livrá-los dos perigos. Mandeí as jararacas para dentro de suas tocas e tranquei a sua porta. Elas ficarão tranquilas dentro da toca, pois eu ofereci a comida cerimonial: deixei uma cuia cheia de ipadu para elas se alimentarem; ofereci o tabaco para elas ficarem fumando; por isso, elas ficarão tranquilas. Fiz a cerimônia para evitar os ferimentos durante as andanças para coletar as frutas. Senti que acusava alguns perigos pequenos, não terá mais, pois já tranquilizei. Realizei a proteção de vocês contra as quedas das árvores durante a coleta das frutas, não correm o risco de cair dos*

galhos das árvores, mas peço que estejam atentos para não distraírem e caírem. Por fim, realizei a cerimônia para manter a vossa tranquilidade, paciência e compreensão um ao outro. Eu senti que surgiria alguma tensão e conflito, é devido às exigências diversas, como por exemplo, quem é mais rápido fica chateado com quem é mais lento. Por isso, eu realizei a cerimônia para tranquilizá-los e vocês farão bem o trabalho”.

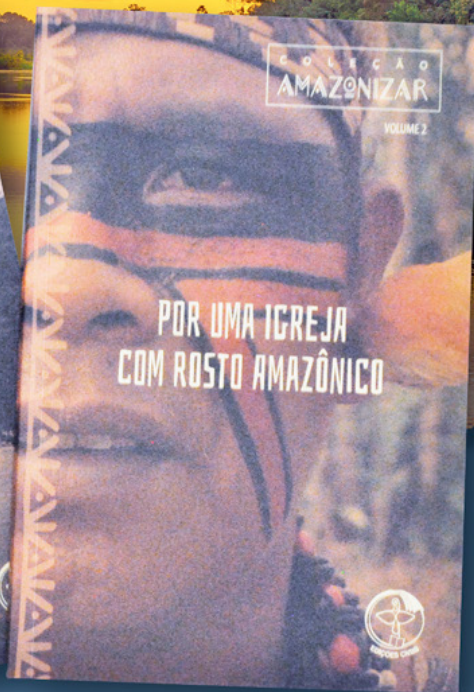
O **Kumu** realiza a cerimônia para o bom andamento do trabalho feminino: *“eu fiz a cerimônia de proteção aos trabalhos que as mulheres realizarão. Pensei e repensei, vocês não correm o risco de serem afetadas por alguma doença. Percorri o caminho de roça por onde vocês andarão, não senti nenhum problema. Pensei e repensei aos vossos trabalhos de limpeza da roça e coleta de mandioca, não me apresentou nenhum problema. Não sofrerão de ferimentos nem picadas de jararacas, escorpiões, aranhas. Para protegê-las, eu deixei todas elas bem tranquilas em suas tocas, ofereci os alimentos cerimoniais: ipadu e tabaco. Pensei e repensei como será vosso trabalho de ralar, espremer a massa de mandioca em casa. Não senti nenhum perigo. Mesmo não sentido nenhum perigo, fiz a vossa proteção”.*

Fechando a conversa

A espiritualidade tuyuka são narrativas de histórias, diálogos com os humanos de diferentes povos e com seres de outros patamares. A conexão das coisas boas garante a boa convivência das pessoas entre si e das pessoas com os seres cósmicos.



COLEÇÃO AMAZONIZAR



Está Disponível

Acesse o **QR Code**
e adquira a sua!



Revista

ECOTEOLOGIA

Novembro | N°. 4/2023



Ecoteologia Amazônica: ecos da esperança



Rede Eclesial Pan-Amazônica REPAM-Brasil

Brasília-DF, novembro de 2023

Nº. 4/2023

Publicação Digital Anual

Presidente da REPAM-Brasil: Dom Evaristo Pascoal Spengler

Vice-Presidente: Dom Pedro Brito Guimarães

Secretário: Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira

Secretaria Executiva: Irmã Maria Irene Lopes dos Santos

Ecônomo: Mons Nereudo Henrique Freire

Comitê Científico

Ari Antônio dos Reis

Daniel Seidel

Dário Giuliano Bossi

Felício Pontes

Ima Vieira

Márcia Maria de Oliveira

Ricardo Castro

Roberto Malvezzi

Moema Maria Marques

Convidados

Afonso Murad

Agnaldo dos Santos

Antônia Roseleide Dantas

Cosmo da Costa Cavalcante

Benedito Alcântara

Ednalva Maria de Melo Silva

Elisângela Maciel

George Alexandre Barbosa de Vasconcelos

Iraíldes Caldas Torres

João de Deus Silva do Nascimento

Joaquim Hudson de Souza Ribeiro

Juan Carlos Castillo Castillo

Juarez Tavares de Vasconcelos

Justino Sarmento Rezende

Lidiane Barbosa Tavares

Maria do Rosário Muniz Normando

Maria Roseane Gonçalves de Menezes

Sueli Silva de Moraes

Elaboração da Revista:

Dorismeire Almeida de Vasconcelos

Ir. Maria Irene Lopes dos Santos

Pe. Hudson Ribeiro

Pe. Ricardo Castro

Prof.ª Drª Elisângela Marciel

Ir Afonso Murad

Ana Caroline Lira.

Revisão: Elisangela Dias

Diagramação: Raul Benevides

Idioma: Português Brasil

Contato:

www.repam.org.br

repambrasil@repam.org.br

comunicacao@repam.org.br

(61) 3447-4117 ou (61) 98595-5278



ÍNDICE

EDITORIAL

- 4 Encontro de Ecoteologia

ARTIGOS

- 6 **A Ecopolítica** no contexto da Amazônia
- 13 **Nós e as árvores:** uma ecoespiritualidade amazônica
- 22 **O Documento de Santarém** e os sonhos do Papa Francisco
- 31 **Educação Ecológica:** os desafios atuais da ecoteologia
- 36 **Fome na Amazônia** e os impactos ambientais
- 42 **Ética da responsabilidade** e ecologia integral





Elisângela Maciel

Dra. em História da Igreja na Amazônia
Manaus, 30 de outubro de 2023.

Encontro de Ecoteologia

Esta edição da Revista Ecoteologia é fruto do IV Encontro de Ecoteologia, que nesta versão, pela primeira vez, Manaus foi o cenário, como forma de aprofundamento e consolidação dos debates ocorridos nos encontros anteriores. Realizar o IV Encontro no coração da Amazônia, deu um tom diferente, por proporcionar um contato direto com múltiplas realidades que compõem o Regional Norte 1 da CNBB. O Encontro teve como tema “Ecoteologia Amazônica: Ecos da Esperança”, sendo realizado em consonância com a I Semana Teológica e Filosófica da Faculdade Católica do Amazonas, de 13 a 15 de setembro de 2023, com o objetivo de refletir, a partir de uma perspectiva Ecoteológica, sobre as estratégias e contribuições da Teologia, convidando a Filosofia para somar nessa luta, para a superação das múltiplas violências, conflitos e disputas que ameaçam a Amazônia e reanimar as resistências pautadas na esperança evangélica. A Arquidiocese de Manaus acolheu o IV Encontro de Ecoteologia, que contou com representantes da Prelazias e Dioceses do Regional CNBB Norte 1, e foi construído em parceria com a Rede Eclesial Pan-Amazônia (REPAM-Brasil) e a Faculdade Católica do Amazonas.

Compondo esta edição encontram-se sete artigos, que nos fornecem um apanhado de debates e apresentam aspectos da caminhada da Igreja na construção de uma maturidade ecoteológica, à luz da perspectiva da Ecologia Integral, ao mesmo tempo que apresentam uma síntese das questões debatidas com intensidade neste IV Encontro de Ecoteologia. A antropóloga, Dra. Iraíldes Caldas Torres, apresenta-nos um artigo sobre A Ecopolítica no contexto da Amazônia, que traz dados sobre a problemática ambiental em contexto de COP 28, reposicionando a política e buscando possibilitar novas estratégias de enfrentamento. O teólogo e ambientalista, Afonso Murad, e o educador ambiental, Benedito Alcântara, trazem o artigo nós e as Árvores: uma ecoespiritualidade amazônica, tecendo comparação entre os traços da ecoespiritualidade ao bioma amazônico, en-

fatizando sua profunda interligação. O psicólogo Joaquim Hudson de Souza Ribeiro, em conjunto com os acadêmicos de Teologia, Joao do Nascimento e Juan Castillo, nos oferecem dois textos, o primeiro intitulado A Carta da Terra e a Doutrina Social da Igreja: contribuições ecoteológicas para a superação da crise socioambiental, que traz à baila a reflexão e a promoção de um rico debate entre a Doutrina Social da Igreja, a Ecoteologia e a Carta da Terra, e o segundo intitulado O Documento de Santarém e os Sonhos do Papa Francisco, conecta-nos com a busca da Igreja por uma evangelização libertadora e a encarnação na realidade amazônica, busca que se entrelaça aos sonhos da Papa Francisco para a Amazônia. O teólogo Ricardo Gonçalves Castro, com um grupo de orientandos, apresenta o artigo Educação Ecológica: os desafios atuais da Ecoteologia, assim em conjunto com Antônia Dantas, Cosmo Cavalcante, Ednalva Silva, Maria do Rosário Normando e Sueli de Moraes, debruçou-se sobre a Ecoteologia e as questões da sustentabilidade. O artigo Fome na Amazônia e os impactos ambientais, tem o caráter interdisciplinar, sendo o tema escriturado pelo teólogo George Alexandre Barbosa de Vasconcelos, a filósofa Maria Roseane Gonçalves de Menezes, o psicólogo Joaquim Hudson de Souza Ribeiro e os acadêmicos de Teologia Agnaldo dos Santos, Lidiane Tavares e Juarez Tavares, enfatizando a questão da insegurança alimentar e os impactos ambientais na Amazônia. Outro artigo traz o tema Ética da Responsabilidade e Ecologia

Integral: um diálogo entre Hans Jonas e a Encíclica Laudato Si frente às questões ambientais da Amazônia, onde mais uma vez estão presentes Joaquim Hudson Ribeiro e Ricardo Castro, em parceria com o acadêmico João do Nascimento, os quais fornecem a reflexão sobre a atual crise ambiental, utilizando o conceito de Ética da Responsabilidade de Hans Jonas e a Ecologia Integral da Laudato Si, de Papa Francisco. No último artigo, intitulado Ecoteologia Profunda Amazônica, também de autoria de Ricardo Castro, somos instigados a pensar na íntima relação da Ecoteologia com a Ecologia, e entender e se posicionar sobre a crise ecológica enfrentada pela Amazônia.

Eis o IV Encontro de Ecoteologia materializado nesta edição da Revista Ecoteologia, que pretende aproximar cada leitora, cada leitor um pouco mais da realidade amazônica, sob o aparato da Ecoteologia, como resposta às questões apresentadas pela Encíclica Laudato Si e exortação apostólica Querida Amazônia, onde o Papa Francisco nos convoca a aprofundar reflexões sobre a beleza da Criação expressa e sentida de forma profunda nesta vasta e impressionante região. Mas esta também é uma convocação para prontidão e vigilância como discípulas e discípulos missionários em defesa da vida na Amazônia, em suas múltiplas dimensões. Que as sementes lançadas durante este IV Encontro de Ecoteologia despertem mais consciência sobre as problemáticas que envolvem a Amazônia, impulsionando as lutas em prol de sua proteção, e suscite mais o sentimento de pertencimento e de empatia, nos tornando ecos de esperança.

A Ecopolítica no contexto da Amazônia



Iraildes Caldas Torres¹

RESUMO

Este texto apresenta o conteúdo de uma palestra proferida no IV Encontro de Ecoteologia e I semana Teológica e Filosófica da Faculdade Católica do Amazonas. Busca-se discutir a problemática ambiental no contexto da COP 28, a partir da visão da Ecopolítica; assinalar as

contribuições da Ecopolítica para a produção de consensos no que diz respeito à questão do aquecimento global e seus desdobramentos com a crise climática, para apontar estratégias de resolução deste problema. Trata-se de um cotejamento de dados teóricos com reflexões interdisciplinares, envolvendo também o aspecto da sustentabilidade. Supõe, por fim, estabelecer um debate para além das bases ecológicas propriamente ditas, e, assim, reposicionar a política no âmbito destas discussões.

¹ Doutora em Antropologia Social e Professora titular da Universidade Federal do Amazonas.

Palavras-chave: Amazônia. Crise ambiental. Ecopolítica.



INTRODUÇÃO

O propósito destas discussões é apontar as contribuições da Ecopolítica para pensar saídas efetivas à questão ambiental. A Ecopolítica é uma perspectiva de conhecimento que busca pensar as relações políticas do homem/mulher com o ambiente natural, visando construir horizontes de saídas para a crise ambiental.

Um desses horizontes é a busca de consensos entre os países, em um debate que envolve a ciência, o Estado, o grande capital, a cidadania e as sociedades em torno da vida do planeta. O debate da Ecopolítica deve ser entendido como um mediador para as tomadas de decisões, mas este debate não deve requerer para si o domínio da verdade no campo da ciência, pois não contribuiria para o avanço das relações de consensos no contexto da crise ambiental.

Este texto encontra-se dividido em duas partes didaticamente articuladas. A primeira parte traz a reflexão da Ecopolítica como um campo de estudo emergente no âmbito da Ciência Política, balizador das relações políticas e mediadora do debate internacional em torno da questão ambiental.

Na segunda parte, apresento o tema da sustentabilidade articulada com a política pública. É no conjunto das relações do Estado com a sociedade e as forças do capital que se constrói o tecido sociopolítico da proteção ambiental. A relevância destas discussões é premente em um momento em que a Amazônia pede socorro do mundo, frente à violência ambiental.

Este é um debate oportuno e necessário sobre os rumos da Amazônia, que é parte constitutiva da crise ambiental da atualidade. A Ecopolítica não vai resolver os problemas ambientais, mas está aberta para discuti-los do ponto de vista da política, apontando possíveis soluções e reflexões que deem resposta à esta problemática.

1 ECOPOLÍTICA: MEDIAÇÃO E NEGOCIAÇÃO DA CRISE CLIMÁTICA

A relação do/da homem/mulher com a Amazônia se dá para além da dicotomia natureza e cultura. Na Amazônia profunda, os povos tradicionais possuem uma relação de afetividade com os elementos terra/água/floresta, uma cultura ancestral que assinala a vida destes povos até os dias atuais. A harmonia entre os humanos e a natureza começa a ruir com o advento do capitalismo, como aponta Batista [1976].

Torna-se difícil separar o/a homem/mulher, a natureza e a sociedade, posto que inexistente o sujeito ou o indivíduo amazônico em si mesmo, como também parece inexistente conceber a floresta e as culturas locais dissociadas das práticas sociais que engendram os estilos de vida na região. Há uma relação simbiótica entre natureza e cultura, intrínseca, uma não vive sem a outra. A política, por exemplo, é uma ação humana que se entrelaça à natureza, para pensar as saídas protecionistas aos biomas e ecossistemas que, ao fim e ao cabo, é para proteger as pessoas e a vida do planeta em geral.

A Ecopolítica desponta nos dias atuais como



um campo de estudo dentro das Ciências Sociais, com grande potencial de análise política dos conflitos e das questões ambientais de modo geral. Trata-se de um campo de estudo emergente que se assenta em um “realismo que não precisa de armas, mas de argumentos e de capacidade, para promover alianças [...] e para impor sua premissa básica: a consagração dos interesses nacionais” (Ribeiro, 2005, p. 49).

Neste sentido, a Ecopolítica se ocupa das relações políticas, seu objeto não é o meio ambiente e sim as relações políticas sobre o meio ambiente.

Não é a Ecologia que tem como objeto de estudo o meio ambiente.

Ela realiza o exame das ações humanas situadas no campo da práxis, as transformações que são processadas advindas de ações políticas. Ou seja, estamos falando do pensar político, das grandes ideias que redundam em ações praxiológicas revolucionárias, transformadoras, inaugurais, que contém capacidade efetiva de mudar os rumos de uma situação ecológica, ambiental, planetária.

A política está circunscrita a um conjunto de ações humanas que exige racionalidade e bom senso, para lidar com situações difíceis, ambíguas, contraditórias, propensas a suscetibilidades e melindres de interesses divergentes. Este campo de conhecimento está asso-

ciado a “la aparición de la consciencia ecológica como el signo más característico de los nuevos tempos. La gran novedad histórica de este fin de siglo es la aparición de la consciencia ecológica” (González, 2010, p. 98).

As relações internacionais e as legislações ordenadoras de condições de preservação do meio ambiente, para frear poluição, desmatamento, aquecimento climático, fauna, flora, enfim, acordos em defesa da natureza, não resolveram a crise ambiental. Não passam de discursos

e boas intenções. A Ecopolítica se propõe a abordar estas questões de forma mais concreta, efetiva, buscando fazer mediações entre as relações de poder, para repositonar os países na resolução da crise.

As mudanças climáticas e as questões ambientais em geral constituem um problema essencialmente político. Le Prestre [2000] aponta quatro argumentos no contexto das negociações climáticas que se constituem em um problema ecopolítico, a saber:

As questões climáticas e as questões ambientais não se resumem apenas à ciência, e nem apenas a interesse estatal. São as duas coisas ao mesmo tempo. A ciência não deve ditar as escolhas políticas, pois, ignorar a dimensão do interesse estatal pode dificultar o consenso. Não se pode ignorar que as mudanças climáticas implicam benefícios e custos para o Estado.



A relação do/da homem/mulher com a Amazônia se dá para além da dicotomia natureza e cultura.





Para enfrentar essas questões é preciso buscar saídas organizadas. O comprometimento dos países é fundamental para alcançar a vitória, um comprometimento global amplo. Isso só pode ser atingido se as partes envolvidas se sentirem satisfeitas com a solução proposta. É preciso buscar uma solução que se aproxime o máximo possível do consenso. A ciência pode encontrar uma situação ideal, mas se os Estados Nacionais não aceitarem, não convém. Uma solução menos perfeita tem mais chance de se concretizar.

É preciso levar em conta que a maior parte dos Estados Nacionais não dispõem de uma infraestrutura econômica e institucional eficiente para lidar com o desafio climático. Então, não adianta encontrar uma solução perfeita, ideal, mas que não é aceita pelos países. Não adianta encontrar uma solução política consensual que não seja executável.

É necessário levar em conta os efeitos dos problemas e das soluções climáticas e ambientais sobre outras esferas como o desenvolvimento, a equidade econômica e social. Levar em conta os direitos dos estados e dos indivíduos.

Essas questões são por excelência objeto da Ecopolítica. Trata-se de negociações que não tratam apenas de questões técnicas como Biologia, Química ou Meteorologia. Elas envolvem a acomodação de forças políticas. E, como toda política, a Ecopolítica é uma “arte do possível” (Le Prestre, 2000).

O poder é da ordem da vida, diz Foucault (1993). A sociedade, enquanto locus da prática política e das relações que se travam no coti-

diano de homens e mulheres, é o espaço privilegiado para o exercício do poder. A esfera pública é o lugar da grande política enquanto ação permanente que dá origem às organizações, ao comportamento das pessoas e a todos os clichês e cânones de convivência. A sociedade deve ser entendida como o espaço onde o humano se produz e se reproduz. Conforme Torres (2001, p. 78), “é o espaço da extensão do conflito, das contendas interpessoais e coletivas, das sangrias desatadas, em que os antagonismos e as forças políticas em presença tornam este espaço um palco de luta”.

As relações de poder se constituem no elemento intrínseco da política, e os governantes encontram na política os sentidos para o exercício do próprio poder. Agem politicamente para governar e para se manterem no poder, como anuiu Maquiavel (1987). A política, enquanto força motriz que move os seres humanos em sua sociabilidade, não pode ser compreendida em uma harmonia, e sim, na extensão dos conflitos e dos paradoxos.

A Ecopolítica, enquanto o estudo dessas relações conflituosas e paradoxais no contexto da crise climática e ambiental, age fazendo mediação. Ao pretender que ocorram mudanças e desejar que se promova a justiça ambiental, é preciso que a Ecopolítica encontre saídas estratégicas razoáveis que possam ser aceitas pelos países. Deve antever medidas possíveis de serem aplicadas efetivamente, encontrando pontos de equilíbrio, entre as relações de poder. Só assim poderemos avançar e sair da discursividade das relações de poder internacionais e do proselitismo verde das organizações não governamentais.





2 AS POLÍTICAS E A SUSTENTABILIDADE

É preciso compreender a Amazônia para além do preservacionismo que marcou a política ambientalista dos anos 1990, única e exclusivamente. É importante e urgente compreendermos a questão ambiental da Amazônia como uma questão social e política alarmante, que parece sair do controle dos poderes públicos. De acordo com Torres (2009, p. 346–347):

Não basta apenas compreendermos a Amazônia em sua importância para a estabilidade termodinâmica, química e climática do planeta. Torna-se urgente colocar em curso a ideia-força do desenvolvimento sustentável, transformando este conceito em ações de políticas públicas e em conduta ética de cuidado com o meio ambiente por parte dos humanos. Abstraídas estas questões, entra-se no vazio alucinado do discurso e da imaginação.

Pensar política pública é pensar em arena política, é pensar em mudança e transformação social. Significa pensar o papel dos pesquisadores e pesquisadoras no desenvolvimento social dos povos, e o lugar dos movimentos sociais dentro do conhecimento. Trata-se de objetivação participante conforme aponta Bourdieu (2012). As políticas ambientais são deslocadas de um projeto nacional de desenvolvimento sustentável, por isso, tornam-se residuais e descontínuas. O Brasil e suas instituições continuarão com o discurso vazio, se não houver um projeto de desenvolvimento sustentável para a Amazônia, capaz de engendrar políticas de Estado sistemáticas e estruturantes.

O mantra do desenvolvimento sustentado, fundado no tripé economia/ecologia/equidade, que entrou em voga com a Rio 92, não

passou de um discurso de boas intenções. A Rio+20, por seu turno, trouxe a política da economia verde com a financeirização do meio ambiente, mas, foi uma política residual e intermitente que teve vida curta.

Os desequilíbrios socioambientais são consequências de processos sociais bifurcados e pouco adequados, inscritos na matriz homogênea do desenvolvimento econômico, preconizado pelo grande capital com a ação colaboracionista dos Estados Nacionais. A sustentabilidade articulada com os princípios da Ecológica poderá servir de balizamento, para instaurar políticas públicas estruturantes, principalmente, por parte dos países em desenvolvimento que têm mais dificuldade em fazer frente aos problemas ambientais.

As relações políticas são percebidas como um ponto de mediação nas relações de poder (Torres, 2002). A política é puro exercício de medição de ações e atos humanos para a efetivação de escolhas e tomada de decisão. Não raro a política se depara com situações conflituosas e paradoxais, como aludimos anteriormente. É este, pois, o solo no qual se assenta a Ecológica, o cenário onde se espalha, para o exame de problemas ambientais.

Mediar as relações de poder, por assim dizer, que personificam os interesses dominantes na constelação amazônica, implica perceber o jogo de articulação existente entre o Estado brasileiro com as forças do grande capital que engendram os grandes projetos amazônicos. As forças políticas da região deixaram de compreender, ou não quiseram compreender, que era preciso renunciar às investidas do capital na região, sua



expansão. A expansão do capital na região com os grandes projetos amazônicos não promoveu o desenvolvimento humano de nossa gente. Ao contrário, contribuíram para a degradação da Amazônia, o aprofundamento das questões ambientais e a ampliação das desigualdades sociais.

O conceito de soberania passou a ser polisêmico no âmbito dos discursos em torno da Amazônia. Esse conceito, como aponta Ribeiro [2005], transita de soberania difusa, no que diz respeito à política dos ambientalistas e de setores do capital privado.

Guardadas as especificidades e bravura das lutas sociais e das experiências revolucionárias que tivemos em defesa da Amazônia, como aquelas protagonizadas por Chico Mendes, podemos dizer que esta região sempre foi órfã de Estado Protecionista. Do lado dos movimentos sociais pode-se dizer que não havia condições propícias para a ação revolucionária mais ampla, grande era o controle externo sobre o país e o continente. Chico Mendes foi executado em razão de sua coragem e ousadia. Cabe, então, neste tempo contemporâneo, que a Ecopolítica compareça neste cenário com novas estratégias de atuação junto à crise ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Amazônia possui um valor inestimável como fator de equilíbrio ecológico e biológico do planeta. Há, nesta região, um mosaico multifacetado de classes de solo, diversificado relevo, variação climática que vai do úmido ao semiárido, grandes e distintos ecossistemas, formas diversificadas de uso do solo e da terra que é vida, natureza e espaço onde habitam os espíritos e as ancestralidades.

O Brasil ocupa uma posição de destaque nas questões ambientais, principalmente porque abriga 60% da floresta amazônica, considerada grande reserva de biodiversidade da terra. So-me-se a isto o fato de que os rios da Amazônia representam o maior reservatório de água doce potencialmente capaz de abastecer o planeta.

Essas constatações se transformaram em um senso comum erudito que tomou forma no imaginário social, levando povos, instituições, organismos internacionais e governantes a voltarem seus olhares para a região com certa preocupação. Esta preocupação, com efeito, não se traduziu em atos e atitudes efetivas para o enfrentamento dos problemas ambientais. A ciência tem feito análises, diagnósticos e prognósticos, apontando a gravidade da crise; os acordos de cúpula têm sido realizados, inclusive sediados no Brasil como a Eco-92, Rio+20 e, mais recentemente, a pré-cúpula [COP] realizada em Belém, no Pará. Medidas são tomadas, compromissos são firmados, mas permanecem na letra, no papel, pouca coisa é feita.

Toda a sociedade, os veículos midiáticos, especialmente a grande mídia televisiva, e a sociedade civil em geral, devem engajar-se nesse empreendimento de manter a floresta em pé e salvar os rios. A floresta amazônica está agonizando, está pedindo socorro e não vemos ninguém fazendo plantio de árvores, salvo raríssimas exceções.

A Ecopolítica não se apresenta neste cenário como a “salvadora da lavoura”, mas pode sim trazer contribuições ao debate que sejam exequíveis. Precisa apresentar estudos que apresentem estratégias negociadas com ênfase na busca de consensos,





para, em curto tempo, conter o avanço da crise climática e ambiental. Talvez, ainda não seja tarde demais para entoar canções de um novo tempo e que as futuras gerações possam usufruir dos bons frutos dessas iniciativas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo.** 9 ed. Traduzido por Mateus S. Soares Azevedo et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Traduzido por Roberto Machado. 11ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

GONZALEZ, Maurício Ostriá. **Aproximación ecocrítica e texto literários.** Quito; Kipus; Revista Andina de Letras, 2010.

LE PRESTRE, Philippe. **Ecopolítica internacional.** São Paulo: SENAC, 2000.

MAQUAVEL, Nicolau. **O príncipe: escritos políticos.** Traduzido por Lívio Xavier. 4ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

RIBEIRO, Wagner Costa. **A ordem ambiental internacional.** 2ed. São Paulo: Contexto, 2005.

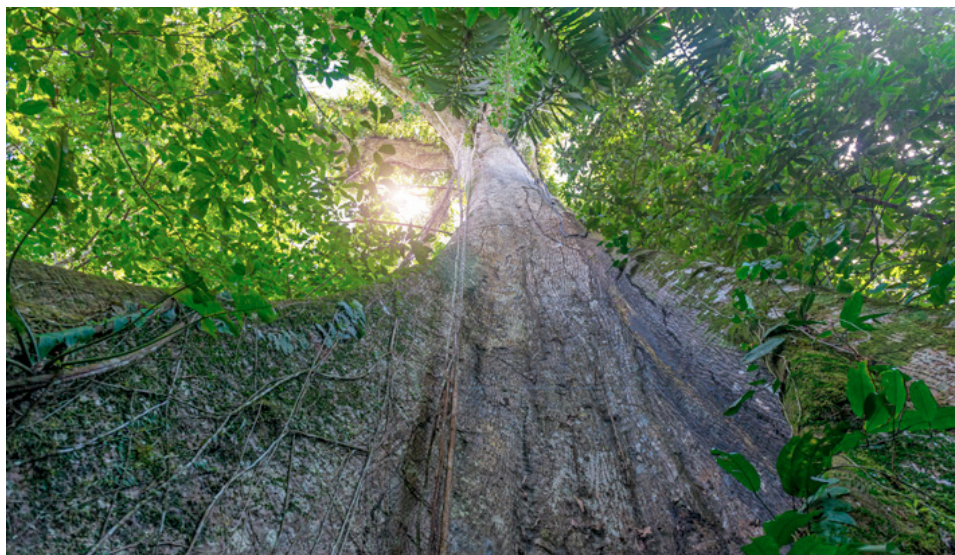
TORRES, Iraildes Caldas. **A perspectiva de Poder em Foucault e suas conexidades com as relações de gênero.** In: Revista Pensamento e Realidade Ano IV N° 9. São Paulo: Laysea, 2001.

TORRES, Iraildes Caldas. **Gênero e meio ambiente na Amazônia: In: TORNQUIST,** Carmen Susana et al [org]. Leituras de resistência: corpo, violência e poder. Florianópolis: Ed, mulheres, 2009.

TORRES, Iraildes Caldas. **Poder e liberdade em Stuart Mill: a inclusão das mulheres nesse debate.** In: Revista pensamento e Realidade. Ano V. n° 10. São Paulo: Loyola, 2002.



Nós e as árvores: uma ecoespiritualidade amazônica



Afonso Murad¹
Benedito Alcântara²

RESUMO

O artigo é um ensaio teológico-pastoral que apresenta cinco características de espiritualidade ecológica, à luz do bioma amazônico: gratidão, encantamento, escuta da Palavra,

profetismo, na força do Espírito Santo. Na tentativa de expressar uma linguagem significativa para os povos amazônidas, comparamos cada traço de ecoespiritualidade com uma árvore do nosso bioma, tendo na mente e no coração que tudo está interligado.

Palavras-chave: Ecoespiritualidade. Espiritualidade Ecológica. Mística. Profecia. Amazônia.

INTRODUÇÃO

A ecoespiritualidade está se desenvolvendo nas nossas comunidades e nos

1 Ambientalista e professor na FAJE, Belo Horizonte.

2 Educador ambiental e membro da REPAM Brasil, Macapá.



grupos. Vamos comparar algumas características da espiritualidade ecológica amazônica às árvores desse nosso fascinante bioma. Como sabemos, as árvores se ligam pelas raízes e se fortalecem umas com as outras, constituindo assim um belo conjunto. Assim também acontece com a nossa experiência de Deus vivida na Amazônia. Seleccionamos aqui os seguintes traços de ecoespiritualidade, que só podem ser vividos e compreendidos de forma interdependente, pois tudo está interligado: gratidão, encantamento, escuta da Palavra, profetismo, na força do Espírito Santo. Não é uma lista completa, e sim uma pequena parte da nossa “floresta mística”. Acreditamos que assim respondemos ao apelo do Sínodo para a Amazônia, de abrir novos caminhos de evangelização na região, estimulando a criatividade na linguagem e no método de fazer teologia.

1. ENCANTAMENTO

Na Amazônia cultivamos a sensibilidade à beleza na natureza, nas pessoas, nas comunidades e na luta do povo. Para Jesus, somente quem desenvolve um coração de criança participa do Reino de Deus [Mt 18,1-4]. A beleza da Amazônia e de cada criatura que habita nela desperta em nós admiração e respeito. Somos chamados a falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo. Se nos sentimos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotam de modo espontâneo a sobriedade e o compromisso, como em Francisco de Assis [LS, n. 11]. A beleza faz parte do plano salvífico de Deus! E ela está ligada à prática do bem e da justiça. As outras criaturas e as pessoas carre-

gam os sinais do Criador. “Sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” [LS 89].

Muitas vezes, estamos tão absorvidos pelas dores do mundo, provocadas pela degradação do meio ambiente e da vida dos pobres, que corremos o risco de nos deixar levar pelo desencanto. Aprender a apreciar o que é belo, com lucidez e gratuidade, nos ajuda a sair da visão dominadora, que considera os seres humanos como donos da criação. Reconhecemo-nos, assim, como filhos e filhas da Terra [LS 2], irmãos e irmãs das outras criaturas. Gratidão e encantamento nos levam a alentar a alegria e o louvor: “Alegrai-vos sempre no Senhor” [Fil 4,4].

Nós nos encantamos com a Amazônia e seus povos como a Samaúma. Ela é considerada a árvore rainha da floresta, árvore mãe, árvore da Vida, que pode chegar aos 70 metros de altura! É muita beleza por fora e por dentro! Sua magnífica copa serve de abrigo e proteção para diversas espécies de plantas, de pássaros e insetos. Suas raízes, chamadas sapopemas, absorvem água do subsolo para a própria hidratação, jorram diariamente mais de mil litros de água para os rios voadores e exercitam a generosidade irrigando outras espécies vegetais que estão ao seu redor. Os povos originários da floresta descobriram o som que ecoa pelas batidas nas raízes, facilitando a comunicação e a localização, além de vivenciarem uma profunda conexão com o mundo espiritual, quando se percebiam tão pequenos diante de tanta grandiosidade e sedutora elegância! Ela é



árvore sagrada e escada do céu, na cosmovisão dos habitantes da floresta!

O que aprendemos com a Samaúma? A superar o pessimismo, o egoísmo e a omissão! Expressar a beleza divina em minha pessoa, tanto interna como externamente. Abrigar a quem de nós precisar, trazendo suas dores e limitações, jorrando uma água que saciará a segura existencial e social. Estender os braços como raiz sapopema, sendo abrigo e acolhida, que ecoa nossos desejos de solidariedade e fraternidade, sintonizando profundamente com a generosidade e a gratuidade do amor sem fim de Deus.

Oração: *Papaizinho querido, fazei-nos instrumentos de tua beleza amorosa, como a Samaúma, sendo abrigo acolhedor para quem não tem onde sossegar; que busquemos em tua profundidade a água restauradora que saciará toda sede, irrigando ao nosso redor a quem desfalece. Transforma-nos em raiz que sustenta aos que perderam as forças na árdua caminhada. Faz que ecoe para além de nossos territórios a boa mensagem de justiça, paz e integridade de tua criação. Assim seja!*

2. GRATIDÃO

Somos agradecidos pelos nossos ancestrais e os parentes mais próximos: os avós, o pai, a mãe, os tios, a madrinha e o padrinho. Fazemos memória daqueles que já morreram e estão na comunhão dos santos e santas. Ficamos felizes com as gerações atuais na família: filhos, sobrinhos e netos. Agradecemos à Terra, que nos dá as condições para viver e, como mãe, nos nutre com flores e frutos. Manifestamos gratidão às pessoas que nos formaram na fé, àquelas com

as quais constituímos comunidade e aos mártires, que testemunham a paixão por Jesus e o Reino até a morte. Saboreamos as pequenas conquistas da luta pela justiça social e ambiental.

Nossa espiritualidade é marcada pelo louvor e ação de graças ao Deus da vida. Como o povo da Bíblia, entoamos salmos e cânticos a Deus (Sl 103, Sl 149). Reconhecemos seu amor na criação (Sl 136,1-9) e na libertação das opressões históricas (Sl 136,10-24; Sl 146). Convocamos as criaturas para louvar e agradecer a Deus, junto conosco (Sl 148; Sl 150, Dn 3,57-88). Como Jesus, louvamos ao Pai porque revela seus segredos aos pequeninos (Mt 11,25). A exemplo de Maria, no Magnificat, cantamos os louvores a Deus e pedimos que ele derrube os poderosos de seus tronos e eleve os humilhados (Lc 1,46-55). A Pracuúba é a árvore que nos inspira a praticar a gratidão.

A Pracuúba é uma árvore de grande porte, presente em algumas partes da Amazônia brasileira, como nos estados do Amapá, Pará, Amazonas e Roraima. É típica da região de várzea e de igapó. Alcança uma altura de 40 a 50 metros, com a presença de raízes sapopemas, exibindo uma copa larga e vistosa. Utilizada na medicina caseira, sua casca possui alto teor de tanino, carrega um sabor ligeiramente amargo e resiste a fungos e insetos. Os povos originários amazônicos, em sua profunda relação com a floresta, descobriram na Pracuúba uma madeira valiosíssima para os seus artefatos de marcenaria, de construção civil e naval, além do artesanato.

Navegar pelas Amazônia das águas em uma embarcação feita de Pracuúba garante segu-



rança para as travessias e dá suporte contra os embates nas correntezas e marés. Para os moradores ribeirinhos, utilizar a madeira de Pracuúba para construir suas casas e artefatos cotidianos provoca sentimentos de gratidão. Ela nos remete à memória dos antepassados, às origens familiares dos que escolheram esse lugar para armar a sua morada. Sentir-se em casa, acolher os parentes e oferecer hospedagem, carregar em suas embarcações de Pracuúba os produtos da floresta e conduzir as pessoas, tudo isso fortalece a atitude de gratidão e de louvor a Deus.

Ainda é comum na vida diária dos caboclos amazônidas, após o almoço, deitar-se pelo chão das casas e de lá iniciar um bom papo, contemplando a paisagem ou “desmaiar em um sono gostoso”. Sente-se na pele aquela madeira que permanece com sua energia primordial da floresta e que hoje abriga e acolhe uma família ribeirinha. Então, acontecem partilhas de memórias, de quem ensina o jeito de cada árvore e suas variadas utilidades, das trajetórias de quem enfrentou tantos desafios e aprendeu a conviver com a floresta, com respeito e cuidado, exercitando, de geração em geração, o princípio da “cidadania”.

Oração: Ó Deus, gratidão porque nos deste uma morada, a tua maravilhosa e encantadora Criação. Obrigado pela existência de nossos ancestrais, que *aqui chegaram e aprenderam a conviver com a floresta, forjando saberes, tecendo artesanias que nos legaram uma rica caminhada histórica. Agradecemos por cada ser vivente e por isso Te louvamos com alegria! Que a resistência e a durabilidade da Pracuú-*

ba se façam presentes em nossas travessias e em cada escolha de nosso viver, no enfrentamento dos conflitos e urgentes desafios socioambientais, na atitude humilde de acolher em nossos corações a tua sabedoria. Amém!

3. OUVINTES DA PALAVRA NA BÍBLIA, NA NATUREZA E NA REALIDADE

Nossa experiência de Deus, que chamamos de espiritualidade, está ancorada na leitura orante da Bíblia. A Palavra de Deus se torna companheira de cada dia, lâmpada para os pés na caminhada de fé e luz do nosso caminho [Sl 119,105]. Ela nos alimenta e fortalece [Dt 8,3]. Dela provamos e por ela somos provados [Sl 34,8]. Sentimos sua doçura [Ez 3,3] e amargor, pois é preciso manter a profecia [Ap 10,8-10]. Nela repousamos e, ao mesmo tempo, ela nos mantém despertos. Assim, meditamos a Palavra de Deus diariamente e a colocamos no centro das nossas celebrações comunitárias.

No entanto, quando se faz uma leitura da Bíblia “ao pé da letra”, fundamentalista, sua luz pode cegar as pessoas. Por isso, acolher a Palavra escrita também exige ouvir os apelos de Deus na realidade e descobrir neles os “sinais dos tempos”. Essa expressão do Evangelho [Mt 16,3] foi retomada pelo Papa João XXIII e pela Constituição Pastoral sobre a Igreja do Concílio Vaticano II. Segundo o Concílio, a Igreja deve descobrir os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para responder de maneira atualizada às interrogações sobre o significado da vida presente e futura. É necessário conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e seus dramas [GS





4). A essas duas dimensões de escuta das interpelações de Deus, na Bíblia e na realidade, a ecoespiritualidade acrescenta uma terceira: acolher o “Evangelho da Criação”, título do capítulo II da Laudato Si’.

Há uma “palavra sem palavras” em cada criatura e na natureza [SI 19,1-4]. Ela é um livro esplêndido, onde Deus nos fala e transmite algo da sua beleza e bondade [LS, n. 12]. Como todas as criaturas estão interligadas, professamos com carinho o valor de cada uma delas. Todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros [LS 42]. Nós cristãos somos ouvintes atentos da Palavra, que se manifesta de maneiras diferentes e complementares na Criação, na Bíblia e na realidade pessoal, social e ecológica. Ouvir essa palavra de Deus, que cura e liberta, nos faz lembrar do Pracaxi.

A árvore do Pracaxi se faz presente na Amazônia em uma longa utilização, na medicina popular ribeirinha e indígena. Ela cresce no clima tropical chuvoso, nas áreas de várzea e beira de rios, atingindo em média 14 metros de altura. O óleo de Pracaxi é considerado o elixir da Amazônia, pois é muito rico em vitamina e ácidos graxos, sendo amplamente utilizado na área de cosméticos, em suas funções nutritivas, cicatrizantes, anti-fúngicas, repelentes de insetos e anti-hemorrágicas. Uma dessas propriedades, que as mães ribeirinhas repassaram para as gerações sucessivas, é a capacidade do óleo de Pracaxi de desinflamar os ouvidos e restaurar a audição, principalmente das crianças, que acordavam na noite gritando de dor de ouvido e amanheciam tranquilas e escutando normalmente, após usar o óleo de Pracaxi.

Ser discípulo-missionário da Boa Nova requer uma atitude de profunda e sensível capacidade de escuta! Escuta atenta da Criação, da realidade e da Palavra de Deus! Apurar a sensibilidade de acolher as interpelações do Criador em sua Criação, nos acontecimentos, na vida dos seres vivos, humanos e não-humanos, à luz da caminhada do Povo de Deus registrada na Bíblia. Assim, a missão se revestirá de bênção, como um óleo portador de cura e restauração, que cicatriza as chagas e alivia as dores da Criação e de suas criaturas.

Oração: *Senhor da Vida Plena e abundante, restaura a nossa capacidade de escutar os gemidos da Criação, as dores de suas criaturas, as feridas abertas por tanto descuido e insensibilidade por tudo que nos doaste. Que sejamos portadores de um óleo puro e perfumado, como o Pracaxi, para abençoar e animar onde não há mais vida, renovando e fortalecendo os que se deixaram abater no caminho, os que foram abandonados e esquecidos e, especialmente, os que foram silenciados e não escutados. Que a tua Palavra nos cure e no liberte. Assim seja!*

4. PROFETISMO

Os profetas bíblicos Isaías, Jeremias, Amós e Oséias se tornam personagens próximas a nós. A partir de suas palavras e gestos, reconhecemos os profetas e as profetizas de hoje. Eles(as) anunciam com coragem a Boa Nova de Jesus, denunciam as injustiças sociais e ambientais e nos convidam a abraçar a esperança.

Os profetas de ontem e de hoje mantêm acesa a paixão por Deus, que nos comove e





nos provoca [Jer 7,20]. Semelhantes a Isaías e aos primeiros discípulos de Jesus, ouvimos a voz do Senhor: “Quem enviarei, quem irá por nós?” e respondemos: “Aqui estou, envia-me” [Is 6,8; Mt 4,19]. Como os profetas da Bíblia, ficamos indignados diante das injustiças e da violência! Denunciamos uma religião vazia e de aparência [Is 1,10-16]. Ajudamos a desmascarar os mecanismos políticos, econômicos e ideológicos que mantêm a pobreza e destroem o berço de vida amazônico. Não podemos deixar de falar aquilo que experimentamos, vimos e ouvimos [Am 7,14-15, At 4,20]! O anúncio profético não é fácil. Ele nos coloca em situações de conflito, incompreensão e perseguições, na Igreja e na sociedade [Jer 20,8-10; Jo 15,20]. E, ao mesmo tempo, como são belos os pés do mensageiro que anuncia a paz e o Reinado de Deus! [Is 52,10]

Aprendemos com os profetas que a fé tem uma forte dimensão social. Experimentamos como nossa a dor da Amazônia e dos seus povos. Provamos a força dos empreendimentos solidários e dos movimentos socioambientais, como também sua fraqueza diante do imenso poder das corporações que comandam o mercado global. Para nós, o profetismo exige a atuação pessoal, política, ambiental e social. Sua raiz está na experiência mística de ser tocado pelo Deus da Vida, que nos ama e nos convoca. Cultivamos também a sabedoria, o conhecimento com sabor, a descoberta da presença de Deus no cotidiano e nas coisas pequenas da existência. Como os profetas do passado, alertamos sobre a fidelidade a Deus e a nossa aliança com Ele, que começou com

o povo da Bíblia e continua nas nossas igrejas. Profetas de hoje, tocamos e cantamos a “melodia de Deus” na realidade, como violeiros e tocadores de tambores e atabaques que fazem ecoar sua presença. O profetismo pode ser comparado à Macacaúba

A árvore do macaco, Macacaúba, está presente na floresta amazônica e pode atingir até 30 metros de altura. É uma madeira de cor castanho-avermelhada, com listras pretas. É resistente aos fungos e cupins. Com essa propriedade e beleza, é utilizada para assoalhos, paisagismos e instrumentos musicais. A Macacaúba expressa a elegância em seus desenhos e contornos, com sua singular cor avermelhada. A gente escuta: “este violão foi meu pai que herdou de meu avô. Ele ajudou a talhá-lo na marcenaria da família e hoje ficou como minha herança, que passarei para os meus filhos”. Como aconteceu com os profetas da Bíblia, as lembranças das origens iluminam os entrelaçamentos do tempo atual e orientam os rumos a serem tomados. Para discernir o presente, que está recheado de problemáticas socioambientais, em muito ajuda recordar o passado, denunciar o que emperra o fluxo da vida em abundância e alimentar a esperança.

Oração: Bendito sejas Senhor, que nos deste por herança a beleza e a ternura que jorram de teu imenso amor, em tua Criação e em cada ser vivente. Como profetas de hoje, animamos a fazer memória de quem doou a sua vida, para que pudéssemos saborear uma vida digna e enfrentar as desigualdades e injustiças. Convoca-nos para o bom combate, apaixonados pelo teu amor zeloso e amoroso, como





instrumentos musicais feitos de Macacaúba, que ecoam de geração em geração a tua Palavra de Vida Eterna. Assim seja!

5. NO ESPÍRITO SANTO

Estamos redescobrimdo o Espírito Santo na nossa vida. A força feminina de Deus é chamada pelos judeus como "Ruah", literalmente "vento" ou "sopro". O Espírito Santo dança sobre as águas no início da Criação (Gn 1,2). Presente na ciranda da vida do nosso planeta, ele sustenta os ciclos de matéria e energia e impulsiona a evolução do cosmos e da humanidade. Promove a colaboração e interdependência de todas as criaturas na nossa Casa Comum. "Vínculo infinito de amor, o Espírito está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos" [LS 238].

O Espírito Santo é o fogo amoroso abrasador, o vento impetuoso que desacomoda e traz o novo (At 2,1-2), a brisa que nos reconforta, o defensor dos pobres e fracos. O Espírito unge os profetas (Is 61,1-2) e Jesus de Nazaré (Lc 4,18-19) para evangelizar e restaurar o mundo ferido. Ele nos ajuda a recordar e atualizar a mensagem de Cristo (Jo 14,26). O Espírito Santo nos remete ao Deus Pai materno, princípio de toda vida. Faz-nos retornar, com um coração renovado, à pessoa e à mensagem de Jesus. Acolher o Espírito de Deus em nós alimenta a esperança e a caridade-solidariedade.

Paulo, na carta aos Gálatas, afirma: "o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, fidelidade, mansidão e domínio de si" [Gl 5,22-23]. O Espírito Santo suscita atitudes e hábitos que se dirigem tanto aos humanos,

quanto às outras criaturas, como a alegria, a paz e a bondade. Ele desenvolve em nós as virtudes para o nosso tempo, tais como a empatia [sentir a dor e o contentamento do outro como nossos], a sobriedade feliz, a simplicidade e o engajamento em causas socioambientais. Podemos comparar essa experiência do Espírito Santo à palmeira do Açaí.

Para expressar a delicadeza e a elegância da floresta, em forma de graciosa presença sobressai a palmeira nativa da região amazônica: o Açaí. Encontrada tanto nas regiões úmidas e de água, como nas matas de terra firme, é uma palmeira que pode atingir de 20 a 25 metros de altura em um tronco delgado e sempre em touceiras. Cada pé produz de 6 a 8 cachos, com 2,5 kg cada. O nome Açaí vem de sua origem tupi YASAI – fruta que chora terra! Seus frutos possuem uma polpa succulenta, altamente nutritivos e energéticos, grande concentração de vitaminas, sais minerais, óleos essenciais e substâncias antioxidantes. O vinho de açaí já ganhou o mundo e está presente praticamente em todo o território brasileiro.

O que o mundo não conhece e não experimentou ainda relaciona-se com a estética da palmeira do açaí. A paisagem cênica de um açailal impressiona por sua densidade de pés de açazeiro em suas touceiras e, ao mesmo tempo, por uma leveza única que desprende da muralha verde que sobe aos céus. Na presença de uma ventania, o açailal imediatamente começa um bailado, levando cada pé de açaí a contorcer-se de um lado para outro, roçando seus vizinhos, ao mesmo tempo que as folhagens vão entoando um som que aler-





ta aos moradores que a chuva está chegando, ou que a maré do rio está subindo.

A dança do Açaí, em sua nobre acrobacia aérea, nos remete à presença da brisa divina, da Ruah sagrada que estende suas asas, assooprando e esparramando as bênçãos e graças do Altíssimo. Ela faz um desenho novo a cada vento que surge, que assombra e encanta, que provoca e impela, que desafia e suscita engajamentos. Tudo é movimento, com seus riscos e incertezas, estimulando a avançar.

Oração: *Vem Espírito Criador, renova nossas vidas, eleva nossos pensamentos e alimenta nosso profundo desejo de voar até o infinito horizonte amoroso da Trindade. Faz-nos bailar, como uma palmeira de Açaí, em tua ciranda de cantigas primordiais, onde há espaço para toda a Tua Criação e para nossos mais puros sonhos de criança. Assopra teu hálito, que faz de nós novas criaturas, que clamam por novos céus e novas terras. Assim seja!*

CONCLUSÃO ABERTA

Concluimos convocando você e sua comunidade a experimentar e cultivar a espiritualidade ecológica, conforme sua realidade local. Esperamos que o ensaio que fizemos aqui sirva de estímulo, para que juntos busquemos esses sinais de Deus na Amazônia. Utilizamos a comparação com as árvores. Você são convidados a usar outras. Importa expressar nossa fé conforme nossas culturas. Com a força divina que nos liga às águas, ao solo, às árvores, aos pássaros e peixes e aos nossos povos, sejamos discípulos e discípulas de Jesus, protegendo e regenerando a vida em toda sua extensão.

REFERÊNCIAS E LEITURAS COMPLEMENTARES

ALCÂNTARA, B.Q. **A pedagogia da escuta: entre azeites e sabores do pracaxi na Amazônia profunda.** *Revista Ecoteologia.* Ano 2. 2 ed. REPAM: Brasília, 2022. Pp 54-55.

BÍBLIA SAGRADA. Edição pastoral. Paulus - São Paulo: Paulus. 1990

BOFF, L. **Ecologia: Grito da Terra, Grito dos pobres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004 [Nova edição revista e ampliada: Vozes, 2015].

FERNANDES DA COSTA, R.; ROCHA SANTOS, F [orgs]. **A mística do Bem Viver.** Belo Horizonte, Senso, 2019.

FREI BETTO; BOFF, L. **Mística e Espiritualidade.** Petrópolis: Vozes, 2010.

MAÇANEIRO, M; MURAD, A. **A espiritualidade como caminho e mistério.** São Paulo: Loyola, 1999.

MURAD, A. Janelas Abertas. **Fé cristã e ecologia.** São Paulo: Paulinas, 2022, capítulo 3.

MÜSSIG, D. **Hacia um cristianismo ecológico. Aportes bíblicos y litúrgicos para el cuidado de la creación.** Cochabamba: Itinerários, 2018.

PAPA FRANCISCO. **Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da Casa Comum.** São Paulo: Paulinas, 2015, cap II e cap IV.



SÍNODO PARA A AMAZÔNIA. Documento Final. Vaticano, 2019. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SUSIN, L.C [org.]. **Mysterium Creationis: um olhar interdisciplinar para o universo.** São Paulo: Paulinas, 1999.

Para partilhar em comunidade:

- Quais dessas características da ecoespiritualidade marcam sua vida pessoal e de sua comunidade? Qual delas necessita ser revitalizada?
- A partir de sua experiência de vida, que outras comparações você acrescenta à espiritualidade ecológica?

Os autores se apresentam

Benedito de Queiroz Alcântara. Irrompeu no planeta Terra em Macapá-AP, na linha do Equador, esquina com a foz do Rio Amazonas. Pai de três tesouros amazônicos. Professor da rede pública amapaense. Licenciado em História, Direito e Mestrado em Direito Ambiental. Integrante do Projeto dos Guardiões Ambientais Ribeirinhos. Inserido na equipe formativa da Escola de Fé e Política da Diocese de Macapá, referencial da REPAM, articulador na Amazônia

da Agenda Latino Americana e membro da Comissão do Núcleo Temático Rito Amazônico da Conferência Eclesial da Amazônia [CEAMA]. Gosta de pedalar, navegar e acordar de madrugada para conversar com as estrelas do céu e as plantas do quintal. É apenas um Poeta socioambiental.

Email: beneditoalcantara54@gmail.com

Ir. Afonso Murad, marista, é pedagogo e doutor em Teologia. Professor da Faculdade Jesuíta [FAJE] e pesquisador em Ecoteologia, colabora em várias instâncias pastorais e organismos eclesiais, como a Associação Nacional de Educação Católica [ANEC], a Rede Eclesial da Panamazônia [REPAM] e a rede latino-americana de Igrejas e Mineração. Articula seu pensamento a partir de distintos saberes, como a Teologia, a educação, a gestão, a comunicação e a ecologia. Autor de vídeos e livros, entre os quais: Maria, toda de Deus e tão humana [Paulinas], Introdução à Teologia, com J.B. Libanio [Loyola], Janelas Abertas. Fé Cristã e Ecologia [Paulinas]. Oferece também breves vídeos sobre Espiritualidade, Maria e ecologia. Disponíveis na sua página do Instagram, Facebook [@afonsomurad] e Youtube.

Email: amurad@marista.edu.br



O Documento de Santarém e os sonhos do Papa Francisco



RESUMO

Juan Carlos Castillo Castillo, CSsR¹
João de Deus Silva do Nascimento²
Joaquim Hudson de Souza Ribeiro³

Um dos atos mais importantes do Papa Francisco, depois da Encíclica Laudato Si', foi o seu olhar para Amazônia com a convocação ao Sínodo. O Sínodo para a Amazônia reconhece o momento presente como a "oportunidade histórica" da Igreja se diferenciar das novas potências colonizadoras e exercer

-
- 1 Bacharel em Filosofia Pela Università Pontificia Salesiana de Roma – UPS/ROMA e Acadêmico do 4º período do Curso de Teologia da Faculdade Católica do Amazonas
 - 2 Bacharel em Filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco – FSDB/AM e Acadêmico do 4º período do Curso de Teologia da Faculdade Católica do Amazonas
 - 3 Pós-Doutorado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - UP; Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo – USP,

Mestre em Cooperação Internacional e Educação pela Università Cattolica del Sacro Cuore – UNICATT-ITALIA, Diretor e Professor da Faculdade Católica do Amazonas.





sua atividade profética com transparência, e apresentar o Cristo com todo seu potencial libertador (cf. DF, n. 15). Com o Documento de Santarém, em 1972, e agora 50 anos depois, reafirma-se a importância das duas grandes diretrizes de 1972: Encarnação na Realidade e Evangelização Libertadora. Santarém já apontava a fundamentação desta diretriz na encarnação do próprio Cristo, convidando a uma conversão ao Verbo Encarnado que exige da Igreja um total entrosamento com a realidade. Mas surge as seguintes perguntas: por que se repetem as diretrizes há mais de 50 anos? Será que nossa humanidade não acredita no bem comum e geramos etnocídio e ecocídio sem pensar no futuro próximo? Ou são reafirmadas porque estão ainda mais presentes na atualidade? Tentaremos responder com esta pesquisa básica de revisão literária, cujas bases principais se buscam nos documentos da Doutrina Social da Igreja, de Moral Social e no Documento de Santarém ante a Crise Ecológica em sintonia com os sonhos do Papa Francisco para Amazônia.

INTRODUÇÃO

Documento de Santarém: Um caminho que foi atualizado na Igreja local, mas que também inspirou “a Igreja de Francisco”. 50 anos depois, os participantes do Encontro de Santarém 2022 ratificaram as diretrizes e prioridades assumidas desde 1972, atualizando-as à luz do recente Sínodo da Amazônia, reafirmando a importância das duas grandes

diretrizes: Encarnação na Realidade e Evangelização Libertadora.

Para enriquecer ainda mais, vem os sonhos de Francisco para Amazônia: Uma Igreja com rostos amazônicos, com uma identidade eclesial construída ao longo do tempo e concretizada nos sonhos nascidos da Querida Amazônia [QA, n.7]. Mas também surge as questões para refletir: Por que se repetem as diretrizes há mais de 50 anos? Será que não acreditamos nos objetivos propostos em 1972 até hoje? Será que nossa humanidade não acredita no bem comum e geramos etnocídio e ecocídio sem pensar no futuro próximo?

Este artigo trata-se de uma pesquisa básica de revisão literária, cujas bases principais se buscam nos documentos da Doutrina Social da Igreja, de Moral Social e no Documento de Santarém ante a Crise Ecológica, dentro do Modelo de desenvolvimento atual [Etnocida e Ecocida].

Nosso objetivo é entender o que é Ecoloteologia e como é sua relação com as demais ciências e sua importância na sociedade atual, além detectar, identificar como o Documento de Santarém propõe novos caminhos de Evangelização e o cumprimento das propostas delineadas e fazer nossos os sonhos do Papa Francisco.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A palavra ecologia foi criada, em 1866, por Ernst Haeckel, biólogo alemão, discípulo de Charles Darwin. Na época, ele definiu assim a ecologia: estudo dos relacionamentos de todos os seres vivos e não vivos entre si e com seu





entorno. Todos moram juntos na Casa Comum que é a Terra e juntos se entreadujam para se alimentar, reproduzir-se e coevoluir. Ecologia é uma palavra composta de duas palavras gregas: oikos, que significa casa; e logos, que quer dizer estudo. Portanto, ecologia quer dizer o estudo que se faz acerca das condições e relações que formam o habitat [casa] do conjunto e de cada um dos seres da natureza [Boff, 2016, p. 530]

Hoje, enquanto conceito, ecologia representa a relação, a interação e o diálogo que todos os seres guardam entre si e com tudo o mais que existe. A natureza [o conjunto de todos os seres], desde as partículas elementares e as energias primordiais, até as formas mais complexas de vida, é dinâmica; ela constitui um tecido intrincadíssimo, com conexões por todos os lados. A ecologia não abarca apenas a natureza [ecologia natural], mas também a cultura e a sociedade [ecologia humana, social etc.] [Boff, 2016, p. 531].

Em uma visão bíblica, podemos encontrar os relatos bíblicos que introduzem a problemática do pecado e as consequências sociais e cósmicas. As referências de inimizades entre a serpente e a mulher [Gn 3,14-16] e a resistência do solo ao trabalho do homem [Gn 3,17-129] intentam explicar a nova condição da relação

entre o homem e as demais criaturas. O relato do dilúvio culmina com a aliança cósmica, celebrada entre Deus e todos os seres vivos e selada com o signo do arco-íris. Apresenta-se a interpretação teológica que o ser humano há introduzido no mundo natural: o que pode-se olhar certa relação muito aprofundada entre o ser humano e o resto do mundo natural, relação que inclui uma extensão do mistério da iniquidade originado no coração humano [Levoratti, 2003].

Desde outra perspectiva, temos o artigo sob a "Ecoteologia e Doutrina Social da Igreja", que faz a reflexão teológica sobre o tema da origem de nosso planeta. Reconta questões vitais, como: qual a participação e o lugar das outras criaturas no projeto salvífico de Deus? Em que consiste a esperança bíblica de

"novo céu e a nova terra"? Consideramos que a teologia é exercício de refletir, elaborar, explicitar, utilizar a razão iluminada pela fé, consiste em pensar fé no horizonte da consciência planetária. Considerar o humano como "filho da terra", e sua expressão autoconsciente, impacta diretamente na Teologia da criação, na Antropologia, na Escatologia. Propiciar novas leituras, superando uma visão antropocêntrica egóica e dominadora [Rice, 2022].



Naturalmente, a Ecoteologia trata de temas explicitamente ecológicos, em âmbito prático, para ajudar os cristãos a constituir uma sociedade sustentável, viável.





Já a Ecoteologia consiste em pensar a fé no horizonte da consciência planetária. O termo “ecologia” é muito amplo e abarca ao menos três âmbitos: ciência da interdependência de todos os seres, ética do cuidado com o planeta e paradigma pós-antropocêntrico. A ecologia apresenta várias vertentes: ambiental, mental, social e integral. Ela visa compreender como os seres se relacionam na biosfera.

Observa-se que a originalidade da Ecoteologia é que ela exerce o papel do saber crítico-construtivo, justificador e sapiencial. Como fala Leonardo Boff (2016) na apresentação do livro “Ecologia: um mosaico”. Vejamos:

Está ficando claro que a ecologia é mais que uma técnica de gerenciamento de bens e serviços naturais. Escassos. Trata-se de uma arte, de um novo paradigma de relacionamento com o sistema-Vida e com o sistema-Terra. [...] todos os saberes estão sendo ecologizados, para que cada um possa trazer a sua colaboração para salvaguardar a Criação [Boff, Apresentação, 2016, p. 9].

Naturalmente, a Ecoteologia trata de temas explicitamente ecológicos, em âmbito prático, para ajudar os cristãos a constituir uma sociedade sustentável, viável. Por isso, assuntos, como água, resíduos sólidos, política energética, biodiversidade, governança global, consumismo e consumo responsável, mobilidade urbana, uso do solo, qualidade do ar tornam-se também matéria-prima para a ciência da fé, como ética teológica. Por fim, apresentam-se as soluções viáveis, compreendendo: atitudes individuais, ações coletivas, ações

institucionais, políticas públicas nacionais e globais. [Boff, 2016].

Já a questão moral contempla a natureza como “expressão de um desígnio de amor e de verdade” (CV, n. 48). O meio ambiente foi dado por Deus a todos, constituindo seu uso uma responsabilidade que temos com os pobres, as gerações futuras e toda a humanidade [...]. Quando falta essa perspectiva, o homem acaba considerando a natureza um tabu intocável ou, pelo contrário, abusa dela. Nem uma nem outra atitude corresponde a visão cristã da natureza, fruto da criação de Deus (CV, n. 48). Em suma, é necessária uma verdadeira mudança de mentalidade que nos induza a adotar novos estilos de vida (CA, n. 36).

No Simpósio de missiologia, o Cardeal Dom Leonardo U. Steiner, na sua conferência: Missão e o cuidado da Casa Comum, comparte-nos que o Papa Francisco ensina em Laudato Si: “Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos [...]. O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.” (LS, n.2) [Steiner, 2023].

Na abertura à Casa Comum, nasce também o horizonte trinitário. Todo o universo é cente-





lha do amor de Deus. Podemos intuir essa grandeza quando Francisco de Assis canta irmão sol, irmã lua, irmão fogo, irmã água... “Enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as criaturas – por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs” (Steiner, 2023).

Em grego, “irmão” se diz “adelphós”, que significa, o que provem do mesmo útero. Jesus Cristo, e, no seu seguimento, também São Francisco, relacionaram-se com todos os homens e com todas as criaturas como irmãos, considerando todos e tudo como provindo de uma mesma origem, o Pai, de um mesmo útero: as estranhas da sua misericórdia (Steiner, 2023).

Em relação ao Documento de Santarém, poderia surgir as seguintes questões: Por que depois de 50 anos, repetem-se as linhas de ação? Será que o ser humano não compreendeu ainda a necessidade de mudança de mentalidade para uma real sustentabilidade da Casa Comum?

Como solução o Papa Francisco, em sua Doutrina Social, convida a mudar de paradigma: decrescimento. A palavra aparece uma vez de forma explícita em “Laudato Si”:

[...] Sabemos que é insustentável o comportamento de aqueles que consomem e destroem cada vez mais, enquanto outros ainda não podem viver de acordo com a sua dignidade humana. Por isso, chegou a hora de aceitar certo decréscimo do consumo em algumas partes do mundo, fornecendo recursos para que se possa crescer de forma saudável em outras partes (Francisco, LS, n. 93).

Em Querida Amazônia, é apresentada a reali-

dade amazônica a ser evangelizada, missionada. São apresentadas quatro dimensões da realidade amazônica, essenciais para uma igreja frutuosa, misericordiosa, consoladora, inculturada, transformadora, libertadora, ilumina o todo da Amazônia ou a Amazônia na sua totalidade. Os sonhos apresentados ajudam a perceber a vida e o ser da Igreja que está na Amazônia (Steiner, 2023):

- Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida;
- Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana;
- Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas;
- Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos. (Francisco, QA, n.7).

Sonho social, sonho cultural, sonho ecológico, sonho eclesial. Cada uma das dimensões está mostrando a totalidade, são parte de um todo. O ser social, o ser cultural, o ser ecológico, o ser eclesial explicitam o ser-no-mundo, o mundo na sua totalidade. Por enquanto, o sonho ecológico acorda para levarmos em consideração a Casa Comum na evangelização, na missão, pois

existe uma relação tão estreita do ser



humano com a natureza, a vida diária é sempre cósmica. Libertar os outros das suas escravidões implica certamente cuidar do seu meio ambiente e defendê-lo⁴ e – mais importante ainda – ajudar o coração do homem a abrir-se confiadamente àquele Deus que não só criou tudo o que existe, mas também Se nos deu a Si mesmo em Jesus Cristo.” [QA, n.41] [Steiner, 2023].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo VI, “Singularidade da ecoteologia”, Alfonso Murad mostra quais são as perguntas centrais da Ecoteologia: qual o lugar do ser humano junto com as outras criaturas (não sobre elas, nem sem elas), no projeto criador, salvador e recapitulador de Deus? Como a fé cristã, na sua tríplice configuração de espiritualidade, formulação doutrinal e prática pessoal e comunitária, contribuirá para superar os equívocos do antropocentrismo dominador e do consumismo, criar uma mentalidade integradora e construir uma sociedade justa, inclusiva e sustentável? São simultaneamente questões de natureza doutrinal, ética (prática) e espiritual. Por isso, a Ecoteologia não se reduz a uma disci-

plina teológica, na área da moral, da Bíblia ou da dogmática. A partir das reflexões desenvolvidas, qual seria a originalidade da Ecoteologia? [Murad, 2016].

Murad [2016] responde que ela é compreendida como uma corrente teológica com um acento na ciência da fé, que em relação com outras teologias contextuais:

- a) Incorpora a contribuição das ciências ambientais, das práticas socioambientais e do paradigma ecológico para reler e reelaborar a auto compreensão da fé e do discurso teológico;
- b) Reflete sobre a contribuição da fé cristã para o cuidado com o planeta, a sustentabilidade e o Bem viver;
- c) Desenvolve uma espiritualidade conectada com o mundo, unificadora, celebrante, alegre, esperançada e lúcida;
- d) Articula a dimensão social da fé cristã com a emergente consciência planetária, ampliando o horizonte da Teologia da Libertação latino-americana e incorporando elementos crítico-construtivos de outras teologias contextuais (como a de gênero, étnicas, culturais, inter-religiosas);
- e) Convoca os cristãos e outros interlocutores para desenvolverem atitudes pessoais, ações coletivas e processos institucionais para manter a terra habitável e promover a inclusão social dos pobres (teologia prática ou da práxis). Tal postura é compreendida com diversos termos, como: cuidado, salvaguarda, integridade da criação.

4 Cf. Bento XVI, Carta enc. Caritas in veritate [CA] [29/VI/2009], 51 [AAS 101 (2009), 687]: “A natureza, especialmente no nosso tempo, está tão integrada nas dinâmicas sociais e culturais que quase já não constitui uma variável independente. A desertificação e a penúria produtiva de algumas áreas agrícolas são fruto também do empobrecimento das populações que as habitam e do seu atraso”.





Referente ao Ecocídio e à crise ecológica, a “desfraternidade” universal é um apelo a conversão interior. A percepção cada vez maior da necessidade de reconciliação. O sentido da conversão e sua necessidade nasce da

consciência de que cada criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem para nos transmitir, ou a certeza de que Cristo assumiu em si mesmo este mundo material e agora, ressuscitado, habita no íntimo de cada ser, envolvendo-o com o seu carinho e penetrando-o com a sua luz; e ainda o reconhecimento de que Deus criou o mundo, inscrevendo nele uma ordem e um dinamismo que o ser humano não tem o direito de ignorar (LS, n.221) (Steiner, 2023).

A relação fraterna, a Casa Comum, desperta para a conversão que deve ser pessoal e comunitária. Ou seja, viver a vocação de guardiões, cuidadores da obra de Deus. Mais que “evitadores” da destruição do meio ambiente, mais que diminuidores da exploração e dominação à Casa Comum, ser cuidadores e cultivadores. Uma abertura de uma nova relação com todas as criaturas e com o mundo que nos rodeia. O cuidado da Casa Comum (Steiner, 2023).

Para identificar e desenvolver novos modelos de sociedade, em sua Doutrina Social da Igreja, o Papa Francisco propõe: a justa distribuição dos frutos da Terra e do trabalho humano que não é filantropia, é dever moral. Para os cristãos, o encargo é ainda mais forte: é mandamento. Devolver aos pobres o que lhes pertence. Segunda tarefa: unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça. Terceira tarefa: defender a Mãe Terra [DSI 3.2].

Que Igreja sonhamos para Amazônia? O ponto quatro do Documento final do Santarém, propõe um modelo de desenvolvimento socioambiental, que promova as economias justas, com igualdade social e equilíbrio ambiental. Para isso, é primordial assegurar o respeito ao direito de autodeterminação dos povos e das comunidades tradicionais da Amazônia (DS 60), o que requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais a partir de sua própria cultura (Francisco, QA, n.40).

Notadamente, as duas grandes diretrizes apontadas no Documento de Santarém (1972) são de uma atualidade incontestável, foram reassumidas com maior compromisso e profundidade que os tempos de hoje exigem: encarnação na realidade e evangelização libertadora (DF, n.4).

Como conclui-se em Santarém 2022, olhamos para frente, contemplando a beleza e vitalidade desta região, mas vigilantes diante das ameaças que se agravam. Como afirmado na carta do Encontro dos Bispos da Amazônia de 2021:

Acompanhamos estarrecidos, mas não inertes, o desenrolar de um arquitetado projeto genocida, que por sua vez revela o devastador agravamento de uma crise que escancara a pobreza diante da escandalosa concentração de riquezas (DF, n.16).

Leonardo Boff (1996) afirma:

O ser humano pode ser o satã da Terra, ele que foi chamado a ser seu anjo da guarda e cultivador zeloso. Ele mostrou que além de homicida e etnocida pode se transformar em biocida e geocida. [...]





Não só os pobres e oprimidos devem se libertar. Hoje todos os humanos devem ser libertados. Todos somos reféns de um paradigma que nos coloca, contra o sentido do universo, sobre as coisas, ao invés de estar com elas na grande comunidade cósmica. [...] Essa aliança é eterna. Ela se atualiza especialmente em momentos de crise como os nossos. Ela funda a esperança de que o futuro comum não se construirá sobre as ruínas do planeta e da humanidade. Assim como do caos originário surgiu a cosmogênese, a litosfera, a hidrosfera, a atmosfera, a biosfera e a antroposfera, surgirá também a noosfera – a comunhão das mentes e dos corações – num centro de vida, de solidariedade e de amorização comum. [...] O novo paradigma que está nascendo – o da religação – fundará uma religião universal que só será verdadeiramente universal se buscar convergências nas diversidades religiosas. As convergências a serem construídas devem concernir à restauração do sagrado de todas as coisas, ao resgate da dignidade da Terra, à redescoberta da missão do ser humano, homem e mulher, chamado à celebração do mistério do cosmos e, finalmente, ao encontro com Deus, mistério de comunhão e de vida, no próprio processo de cosmogênese. Nossas reflexões querem trazer água e húmus para esta realidade seminal. [...] Abraçando o mundo, estaremos abraçando o próprio Deus. [...] O ser mais ameaçado da natureza hoje é o

pobre. [...] Face a este drama, a solidariedade entre os humanos é praticamente inexistente. (Boff, *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, 1996)

A título de conclusão da conferência de Dom Leonardo, Arcebispo de Manaus, tem-se a reflexão de Papa Francisco na Exortação Apostólica [QA, Oração]: “Tudo o que a Igreja possa, pelo testemunho, exercer sua missão de anunciar o Reino de Deus. Fazer nascer vosso Filho nos seus corações, com a luz da sua Palavras, com o conforto do seu amor, com sua mensagem de fraternidade e justiça” [Steiner, 2023].

Para tornar nossos sonhos uma realidade, é importante envolver toda a comunidade. Podemos criar grupos de ação comunitária que se dediquem a projetos de solidariedade e atendimento às necessidades dos mais vulneráveis. Essa atuação prática e concreta é uma forma eficaz de levar a mensagem do Evangelho a todos, mostrando a importância de agir em prol do bem comum.

Na Amazônia, compreende-se melhor as palavras de Bento XVI, quando dizia:

ao lado da ecologia da natureza, existe uma ecologia que podemos designar “humana”, a qual, por sua vez, requer uma “ecologia social”. E isto requer que a humanidade [...] tome consciência cada vez mais das ligações existentes entre a ecologia natural, ou seja, o respeito pela natureza, e a ecologia humana⁵ [QA, n.41].

5 Mensagem para o Dia Mundial da Paz em 2007 [8/XII/2006].



REFERÊNCIAS

BENTO XVI. **Carta Encíclica Caritas in Veritates [CV]**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BOFF, L. [1996]. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres [2 ed.]**. São Paulo: Ática.

BOFF, L. [2016]. **Apresentação. In: A. Murad, Eco-teologia: um mosaico (p. 9)**. São Paulo: Paulus.

BOFF, L. [2016]. **As Quatro Ecologias - Ambiental, Política e Social, Mental e Integral**. In: E. Sbardelotti, *Ecologia, ética e sustentabilidade em Leonardo Boff* (pp. 530-531). Florianópolis: Encontros Teológicos.

GASDA, Élio Estanislau. *Doutrina Social: economia, trabalho e política*. São Paulo: Paulinas, 2018.

LEVORATTI, A. J. [2003]. *Comentario Bíblico Latinoamericano*. Navarra: Verbo Divino.

MODINO, Luis Miguel. Documento de Santarém 2022 – Fazer nossos os Sonhos do Papa Francisco. IHU, 13 jun. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619480-documento-de-santarem-2022-fazer-nossos-os-sonhos-do-papa-francisco>. Acesso em: 28 ago. 2023.

unisinos.br/categorias/619480-documento-de-santarem-2022-fazer-nossos-os-sonhos-do-papa-francisco. Acesso em: 28 ago. 2023.

MURAD, A. [2016]. *Ecologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus.

PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. *Exortação apostólica pós-sinodal Querida Amazônia*. São Paulo: Paulus, 2020.

RICE, Chistopher. O melhor resumo da Laudato Si'. Movimento Laudato Si', 15 jun. 2022. Disponível em: <https://laudatosimovement.org/pt/news/o-melhor-resumo-da-laudato-si>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SÃO JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Centesimus annus*. São Paulo: Paulinas, 1991.

STEINER, D. L. *Missão e o cuidado da Casa Comum*. Simposio de Missiologia, 25 set. 2023, Manaus.

8: Insegnamenti, II/2 (2006), 776.

Educação Ecológica: os desafios atuais da ecoteologia



Ricardo Gonçalves Castro (Orientador)¹
Cosmo da Costa Cavalcante²
Antônia Roseleide Dantas³
Sueli Silva de Moraes⁴

Ednalva Maria de Melo Silva⁵
Maria do Rosário Muniz Normando⁶

RESUMO

Neste artigo, apresentamos algumas reflexões pautadas no 4º Encontro de Ecoteologia e I Semana Teológica e Filosófica, realizados na Faculdade Católica do Amazonas - FCA, entre os dias 13 e 15 de setembro de

¹ Doutor em Teologia das Religiões pela Faculdade de Teologia de Nossa Senhora Assunção. castrocardo@gmail.com.

² Especialização em Ensino Religioso pela Faculdade São Luís. cosmocavalcanteam@hotmail.com.

³ Cursando Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica do Amazonas. rosedantas123@hotmail.com.

⁴ Cursando Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica do Amazonas. suelimoraes1704@gmail.com.

⁵ Cursando Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica do Amazonas. ednalva.cristo@gmail.com.

⁶ Graduada pela Universidade do Estado do Amazonas. rosário.normando@gmail.com.



2023. Este artigo apresenta os desafios da Ecoteologia, tema importante relacionado aos documentos que originaram suas regras básicas para a elaboração da Encíclica Laudato Si'. Organizados em percursos sociais, culturais e ecológicos, o caminho aponta a direção para uma Igreja que escuta o clamor do seu povo, em um ambiente castigado e ceifado pelo fim da vida humana. A Laudato Si' reconhece e confirma o surgimento de uma renovação para a Igreja. Renovação da escuta, da reflexão e do agir pastoral, pois a Amazônia clama e lamenta a sua devastação, realizada pelo homem que deveria cuidar da floresta. O tema da Ecoteologia é de sustentabilidade da vida no planeta, não é apenas uma moda teológica. Ele se revela a cada dia mais crucial para o destino da humanidade. Por isso é preciso enfrentá-lo com modéstia e efetividade. Temos que dar bastante atenção para a dimensão missionária e evangelizadora implicada na Ecoteologia e na sustentabilidade da vida no planeta com uma postura de fé, é preciso desenvolver uma espiritualidade corajosa e, ao mesmo tempo, humilde. Trata-se de assumir uma espiritualidade que sustente as comunidades na sua fé e na esperança para uma caminhada que não se anuncia fácil ou incontroversa. Tal espiritualidade, bebe da fonte do Evangelho e da graça de Deus, presente em Jesus Cristo com uma espiritualidade de desafios.

Palavras-chave: Ecoteologia. Teologia. Filosofia. Reflexão. Desafios Pastorais.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo geral a proposta do diálogo entre a Ecoteologia e a categoria sociológica, refletindo sobre as contribuições que a Teologia pode oferecer à agenda ambiental, em uma sociedade marcada pelo individualismo e pelo consumismo que constantemente agride o meio ambiente. A temática da Ecoteologia tem a visão de iluminar as discussões e os debates que possam contribuir com a luta em defesa da Amazônia e sua biodiversidade. Como metodologia, é utilizado o acolhimento para fortalecer e favorecer o diálogo sobre "a espiritualidade que da força ao trabalho" missionário de religiosos e religiosas, juntamente com a participação dos leigos e das leigas nas comunidades ribeirinhas e indígenas dessa imensidão amazônica. A Faculdade Católica do Amazonas – FCA, em concordância com as pesquisas e estatísticas sobre os desafios atuais da Ecoteologia, no seu campo educacional e acadêmico, aborda a temática em relação a Educação Ecológica, inseridas nos âmbitos: pastoral, educacional, acadêmico, social, cultural e ecológico e das comunidades eclesiais que contemplam um diálogo ecoteológico com a sociedade.

Para Castro (2018, p. 10):

A resposta a esses sentimentos brota da fé no Deus da vida que continua alimentando nossos corpos, nossos espíritos e nossas mentes, são sentimentos que refletem uma visão de futuro da nossa realidade de vida a qual vivemos na atualida-



de, de um planeta em fase de extinção que pede socorro pela sobrevivência de sua biodiversidade [Castro, 2018, p. 10].

Assim como o profeta Jeremias chorou sobre a destruição da cidade santa [Lm 1,16], e Jesus com a incredulidade de seu tempo, nossa resposta é o lamento [Mt 23,36-39]. O lamento é uma reação própria do coração humano frente aos grandes desafios, aos desmandos humanos, à ignorância e à violência. De alguma forma, alimenta-se no imaginário social e político, em torno das questões ambientais, uma ilusória suposição de que existe uma solução, ainda desconhecida, que pode e será, em algum momento implementada de alguma forma, permitindo-nos de continuar perpetuando nosso modo de viver que é essencialmente destrutivo da vida na Terra.

O Meio Ambiente é “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. A mesma lei adota o conceito de recursos ambientais como sendo “a atmosfera, as águas superficiais e subterrâneas, o mar territorial, o solo, o subsolo, os elementos da biosfera, a fauna e a flora”.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como principais resultados e discussões, identificou-se que a Ecoteologia é hoje um desafio pastoral e comunitário, no qual há urgente necessidade de conscientização das comunidades eclesiais. A reflexão teológica pode contribuir significativamente para a questão ecológica, porém podem prescindir do diálogo com categorias sociológicas, fun-

damentais para compreensão das práticas e dos problemas sociais que abrangem o futuro do nosso planeta.

No âmbito internacional, é publicado pelo Papa Francisco um marco político e ético importantíssimo, a Encíclica *Laudato Si'*, um documento que aponta para um novo paradigma societário, pastoral, cultural e ecológico, o cuidado consigo mesmo, com o outro e com o planeta. O ser humano não é o centro da vida e nem pode viver de modo isolado das relações de outros seres e vidas.

Toro [2004, p.2] afirma:

O conceito do paradigma do cuidado vem a esse encontro. Ele é apresentado pelo educador e filósofo Bernardo Toro e defende que as pessoas devem assumir o cuidado como forma de construir um novo mundo, mais justo, mais humano e democrático [Toro, 2004, p. 2].

Para isso, Bernardo Toro [2004, p. 2] tem como uma das inspirações o teólogo e filósofo Leonardo Boff, que escreveu o livro “Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra” [2012]. Hoje, por exemplo, vivemos sob o “Paradigma da acumulação e do sucesso”, em que sucesso se define pelo desenvolvimento individual, principalmente, ao que se refere ao acúmulo de riqueza e poder. Para construirmos uma sociedade equitativa, precisamos mudar nossa forma de pensamento e de organização.

Bernardo Toro [2004, p. 2] defende que, para isso, é necessário: Aprender a cuidar de si mesmos, refletindo, articulando, autoconhecendo e praticando o cuidado próprio. Apre-





der a cuidar dos outros, entrando em contato, dialogando promovendo ações de apoio, redes de trocas e, por meios de uma ação fraterna, cuidar uns dos outros é cuidar do planeta. A Teologia Ecológica ou Ecoteologia foi pouco elaborada pelo pensamento cristão em seu desenvolvimento ao longo do tempo e sobre a maneira como ela é refletida atualmente Toro [2004, p. 2].

A aceitação da reflexão Ecoteológica ganhou impulso com a publicação da “Carta Encíclica Laudato Si”, redigida pelo Papa Francisco. Desde então, há muitos teólogos pesquisando sobre o tema e enriquecendo as reflexões sobre o cuidado com a Casa Comum, a natureza, e o meio ambiente.

Cuidar do planeta Terra, nossa Casa Comum, é urgente; estamos esgotando os seus recursos naturais e explorando de modo irresponsável a natureza. O desflorestamento e a poluição do ar estão acelerando o efeito estufa e o derretimento das calotas polares; catástrofes ambientais nos amedrontam, mas não fomos ainda capazes de frear o desmatamento e as queimadas.

De acordo com Toro [2004, p.2]:

Estamos vivenciando uma destruição gradativa do planeta e da natureza, na qual, por muitas vezes, o que impera no pensamento e atitude dos homens é um desejo em acumular riquezas mesmo que, para isso, sejam necessários extinguir e pilhar. O clamor do povo que vive na floresta não pode continuar sendo ignorado, visto que o latifúndio e os grandes produtores que utilizam

a terra estão colocando em perigo a subsistência de vilarejos e aldeias. As queimadas e o desmatamento estão a cada dia reduzindo a biodiversidade a um pequeno espaço, e a vida na floresta se torna inviável aos pobres que amam e cultivam o solo com respeito.

Os poderes públicos não podem mais ser omissos perante as situações ameaçadoras que o planeta Terra está vivendo. A Ecoteologia nos apresenta uma série de ações pastorais a partir do diálogo entre a Ecoteologia e as categorias sociológicas, nas quais podemos encontrar uma espiritualidade do cuidado, para que continuemos a descobrir os caminhos para uma Ecoteologia Integral. O caráter da Ecoteologia foi percebido de várias maneiras, entre eles, em uma relação de continuidade e ruptura com a grande tradição da Igreja, deve-se necessariamente articular, no interior de seu discurso, a criação em Cristo no Espírito, a história, a encarnação, a redenção e a consumação.

Castro [2018, p. 10] diz:

Os desafios para a Ecoteologia se referem as mudanças climáticas que geram novas problemáticas para a sociedade e para os indivíduos e trazem em si questões morais, que nos levam a refletir sobre a sobrevivência dos seres humanos, de qualquer forma, a expressão “Ecoética” na comunidade cristã deve enfrentar os desafios que a crise ecológica apresenta às tradições teológicas e às práticas morais [Castro, 2018, p.10].





Conviver e cuidar é uma necessidade urgente caso queiramos ter um futuro para a vida na Terra. A convivência integral é possível quando nós, humanos, despertamo-nos para o fato de que é viável estar junto à biodiversidade, sem desejar a sua destruição. Para essa reflexão, recorremos ao teólogo Leonardo Boff e a seus comentários sobre a Carta da Terra. Vale destacar o seguinte:

É apresentado o fato de que nem sempre a Igreja, assim como outras religiões, de ter estado a favor da vida e da natureza. Tristes acontecimentos na história nos revelam a prepotência de colonizadores que iniciaram um ciclo de morte [Castro, 2018, p. 10].

No documento final do Sínodo dos Bispos para a Amazônia, foram apontadas as ideias iniciais dos bispos e do povo da Pan-Amazônia, as quais retratam a sensibilidade do povo e da Igreja, que caminham e buscam juntos uma ação conjunta de soluções para continuarem a evangelizar nas terras amazônicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo identificou que a Ecoteologia é, hoje, um desafio pastoral, eclesial e comunitário. Há a urgente necessidade de conscientização das comunidades eclesiais sobre a questão ecológica, tendo em vista que o problema não é apenas macro; não deve ser preocupação apenas de grandes organismos e governos, mas é um problema individual, tendo em vista uma sociedade de hiperconsumo, marcada pelo egoísmo e pelo individualismo. Identificou-se que a reflexão teoló-

gica pode contribuir significativamente para a questão ecológica, utilizando um diálogo de participação com as pastorais, comunidades eclesiais e categorias sociológicas, fundamentais para compreensão das práticas e dos problemas sociais.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 2012.
- CASTRO, Ricardo. **Revista Ecoteologia**. REPAM, 2018.
- MOLTMANN, Jurgen. **A Ecoteologia**. Ed: Fonte. São Paulo, 2016.
- PAPA FRANCISCO. **Encíclica Laudato Si'**. 2015.
- REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA - REPAM. **Amazônia: novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral**. Brasília: CNBB, 2018.
- TORO, José Bernardo. **Um modelo de construir a democracia e a participação**. Ed. Autêntica, 2004.

Ricardo Gonçalves Castro (Orientador)
Cosmo da Costa Cavalcante
Antônia Roseleide Dantas
Sueli Silva de Moraes
Ednalva Maria de Melo Silva
Maria do Rosário Muniz Normando



Fome na Amazônia e os impactos ambientais

Aginaldo dos Santos¹

George Alexandre Barbosa de Vasconcelos²

Joaquim Hudson de Souza Ribeiro³

Juarez Tavares de Vasconcelos⁴

Lidiane Barbosa Tavares⁵

Maria Roseane Gonçalves de Menezes⁶

RESUMO

O presente artigo, intitulado “Fome na Amazônia e os Impactos Ambientais”, tem por objetivo compreender sobre a Insegurança Alimentar e seus impactos ambientais no mundo e na Amazônia, relacionando às questões ecológica e ecoteológica. Sabe-se que o direito à alimentação é um direito universal reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. No entanto, constata-se que a problemática da fome, desde 2012, tornou-se um tema de bastante relevância, debatida na Conferência Rio+20 das Nações Unidas. Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreu-se ao método bibliográfico. Priorizamos o fichamento dos textos e o diálogo com os autores dos quais se debruçam sobre o tema em voga. Nessa direção, realizou-se reflexões e análise crítica dos resultados a partir do enfoque dos pesquisadores da área. A pesquisa conduziu a compreensão de que a problemática social fome relacionada às questões ecológicas, a preservação do meio ambiente nas suas diversas esferas, os meios de produções sustentáveis, são temáticas de suma relevâncias para o debate acadêmico atual, visto que a questão da fome realmente atinge uma expressiva parcela da população mundial e local da região amazônica.

Palavras-chave: Fome. Amazônia. Ecologia. Ecoteologia. Impactos Ambientais.

1 Acadêmico do 2º período do Curso de Bacharelado de Teologia da Fametro/Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: Agreciclagem@gmail.com.

2 Licenciado em Filosofia pela Faculdade Pan Americana – FPA, Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Equatorial – FATEBE, Belém-PA e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: gabv8479@hotmail.com.

3 Pós-Doutorado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – UP, Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo – USP, Mestre em Cooperação Internacional e Educação pela Univesità Cattolica del Sacro Coure – UNICATTP-ITÁLIA, Diretor e Professor da Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: jhudsonmanaus@hotmail.com.

4 Acadêmico do 2º período do Curso de Bacharelado de Teologia da Fametro/Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: juarezvasconcelos@hotmail.com.

5 Acadêmica do 2º período do Curso de Bacharelado em Teologia da Fametro/Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: lidianebtavares1@hotmail.com.

6 Mestre em Educação, Professora e Coordenadora de Ensino da Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: mariaroseanegm@gmail.com.



INTRODUÇÃO

No Brasil, a escalada da fome segue níveis preocupantes: cerca de 33,1 milhões de brasileiros vivem em situação de fome, 14 milhões a mais que em 2020, o quadro é equivalente ao da década de 1990. O número de pessoas que vivem com fome teve um aumento de 13,8 milhões, a proporção de pessoas afetadas por esta situação encontra-se praticamente inalterada desde 2015. Na Amazônia, essa situação é ainda mais alarmante, visto que a riqueza em biodiversidade da Amazônia não se reflete na alimentação de sua população, pois o mapa geográfico da fome mostra que 18% dos lares na região Norte estão em situação de insegurança alimentar grave. Em junho de 2022, Manaus contava com mais de 160 mil famílias viven-

do em situação de extrema pobreza, correspondendo a cerca de 445 mil pessoas nesta situação [19,7% da população]. Observando esses dados estatísticos, surgiram as seguintes inquietações: Qual a relação da fome com o meio ambiente, com a sustentabilidade, os impactos ambientais, com Ecologia e Ecoteologia? Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo compreender sobre a Insegurança Alimentar e seus impactos ambientais no mundo e na Amazônia, relacionando às questões ecológica e ecoteológica.

Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreu-se ao método bibliográfico e analítico, buscou-se o levantamento de referências, estudo das categorias a serem analisadas e escrita analítica, dialogando com os autores, realizando reflexões e análise crítica dos resultados.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Fome, sustentabilidade e as questões ambientais

O direito à alimentação é um direito universal reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Nessa direção, sabe-se que a problemática da fome, desde 2012, tornou-se um tema de bastante relevância, pois na Conferência Rio+20 das Nações Unidas, sua erradicação transformou-se em um dos 17 objetivos do desenvolvimento sustentável: “Atingir fome zero, a segurança alimentar e boa nutrição e promover a agricultura sustentável. Mas, por que a humanidade enfrenta o problema da fome na atualidade? Tudo indica que: existe produção de alimentos suficiente no mundo para suprir as necessidades de todos os indivíduos desse planeta (FAO, 2022).

Um dos fatores apontados que tem levado a humanidade a essa crise humanitária está relacionada à deficiência do sistema de distribuição desses recursos. A oferta de alimentos fica centralizada nos centros urbanos e países desenvolvidos.

A Fome e os desafios da sustentabilidade

Dadas essas notas acima, é possível destacar que, a partir da Declaração de Roma de 13 de novembro de [1996], entre as possíveis causas da deficiência do sistema de distribuição e da insegurança alimentar estão: “os conflitos, as guerras, o terrorismo, a corrupção, as mudanças climáticas, a degradação do meio ambiente, a pobreza” extinção dos ecossistemas, dos biomas, entre outras atividades contra “a casa comum”. Neste caso, deve-se considerar também as





contrastantes e complexas realidades dos biomas brasileiros, o que implica a sustentabilidade, a qual é considerada “toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, a comunidade de vida e a vida humana, visando ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras” [Boff, 2012, p.107].

Diante das exigências, sem sombra de dúvidas a crise ecológica, ou ambiental, atualmente alcançou proporções inéditas. Essa atual problemática social da fome proporciona reflexões a partir da Ecologia, da Ecoteologia entre outros campos do saber.

A Importância da Ecologia para as questões ambientais

É possível dizer que a Ecologia é uma área da Biologia que estuda as relações entre os organismos vivos no seu meio ambiente [Diana, 2018]. Por esse prisma, Leonardo Boff [2004], ao dilatar essa compreensão, observa que a Ecologia é um saber de relações, interconexões, interdependências e intercâmbios, a qual visa o cuidado do nosso planeta. Assim, o mesmo esclarece: “A ecologia é um saber de relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos [...]” [Boff, 2004, p.17].

De tal modo, por essa ótica, é possível dizer que a Ecologia deve ser fecundada pela proposta da Ecologia Integral, para que possa ressignificar o olhar do homem, de seu agir, de suas relações com a mãe Terra e com todos os ecossistemas, para que consiga viver de maneira equilibrada e comum. Assim, a Ecologia alcançará o sentido de ser, e se tornará “a ciência e a arte das relações entre os seres relacionados” [Boff, 2004, p. 23].

A proposta da Ecoteologia

Nessa atmosfera repleta de discursões e reflexões, na pauta Ecológica e Ecoteológica, é urgente buscar alternativas eficazes que possam romper com a lógica de consumo da sociedade vigente onde seu núcleo é “marcado pela industrialização e a sociedade de consumo – que alterou os

ecossistemas e o funcionamento natural da terra” [Guridi, 2018, p. 35]. Nessa perspectiva, se a humanidade não mudar o modo de sua relação com o meio em que vive e com as demais formas de vidas, a espécie humana se tornará predadora de si mesma, o que levará a extinção da biosfera.

Nesse contexto, é preciso desenvolver uma proposta de espiritualidade ecológica. Compreende-se que não basta apenas defender os biomas e os animais, é preciso tam-



Tudo indica que: existe produção de alimentos suficiente no mundo para suprir as necessidades de todos os indivíduos desse planeta (FAO, 2022).



bém defender a melhoria concreta da qualidade de vida das populações e o alimento na mesa dos necessitados.

Para Almeida [2021], a fome na Amazônia é invisível, pois muitas pessoas acham que não há ausência de alimentos disponíveis para as comunidades, em detrimento da grande biodiversidade que os cerca, evidenciando-se que os municípios mais pobres se encontram na Amazônia, expondo os diferentes níveis de pobreza que assolam a região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa, constatou-se que os temas que envolvem a fome com as questões ecológicas, a preservação do meio ambien-

te nas suas diversas esferas, os meios de produções sustentáveis, são temáticas de suma relevâncias para o debate acadêmico atual, pois atingem uma expressiva parcela da população mundial e local da região amazônica.

Nessa direção, a Faculdade Católica do Amazonas, enquanto Instituição de Ensino Superior, destaca aqui importância e a necessidade de oferecer a Disciplina da Ecoteologia no curso de Teologia, pois o campo é vasto e fértil, além de ser um meio de se promover a conscientização diante dos temas em questão. Vale destacar, também, que umas das saídas sugeridas, pelos que se debruçam sobre o tema, seria criar políticas que valorizem os pequenos agricultores, assim como a agricultura familiar.





REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mário Tito Barros. **Fome na Amazônia: ela é rica, mas não produz riqueza; produz ricos.** Instituto Humanitas Unisinos, 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/610695-fome-na-amazonia-ela-e-rica-mas-nao-produz-riqueza-produz-ricos-entre-vista-especial-com-mario-tito-barros-almeida>. Acesso em: 30 ago. 2023.

BOFF, L. **As 4 ecologias.** Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2012.

BOFF, L. Ecologia. **Grito da Terra, grito dos pobres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

DECLARAÇÃO de Roma sobre a segurança alimentar mundial e plano de ação da cimeira mundial da alimentação. In: WORLD FOOD SUMMIT, 1996, Rome. [Abstracts...] Rome: FAO, 1996. Disponível em: Acesso em: 26 set. 2023.

DIANA, Juliana. **O que é Ecologia.** Toda Matéria, 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-ecologia/>. Acesso em: 26 set. 2023.

GURIDI, R. **Ecoteologia: hacia um nuevo estilo de vida.** Santiago: Ed. Universidad Alberto Hurtado, 2018.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.** ONU, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Conferência Rio+20 das Nações Unidas. Disponível em: www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20.html. Acesso em: 26 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO). Relatório Mundial sobre a Insegurança Alimentar no Mundo. A Agenda Global de Desenvolvimento 2015-2030 e os ODS. **FAO**, 2022.



Ética da responsabilidade e ecologia integral: um diálogo entre Hans Jonas e a encíclica *Laudato Si'* frente às questões ambientais da Amazônia

João de Deus Silva do Nascimento¹

Ricardo Gonçalves Castro²

Joaquim Hudson de Souza Ribeiro³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre os problemas causados pela atual crise ambiental e constituir uma discussão entre os conceitos de Ética da Responsabilidade, de Hans Jonas, e a Ecologia Integral presente na Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco. A metodologia utilizada para esta pesquisa foi a qualitativa, com o procedimento da pesquisa bibliográfica e análise hermenêutica-dialética. O artigo está organizado em três partes: a primeira é uma apresentação do conceito de

Ética da Responsabilidade de Hans Jonas, mostrando como ele constitui esse pensamento ético para se garantir a vida no século XX, tão marcado por uma crise da tecnologia que causou guerras e potencializou a intervenção humana em relação a natureza, pois a mentalidade que imperava era antropocêntrica entre os homens, a qual pertencia esse poder tecnológico. Na segunda parte, apresenta-se o conceito de Ecologia Integral, que o Papa Francisco, ao analisar o atual cenário de crise socioambiental que ameaça a vida do planeta e de seus habitantes, propõe uma nova forma de nos relacionarmos com a natureza, inspirado na vida cotidiana dos povos indígenas, que vivem de forma integral com a terra, sendo parte dela, utilizando-se de práticas sustentáveis para seu bem viver. Para superar essa atual crise, devemos entender que tudo está interligado entre si, adotar práticas sustentáveis e mudar a forma de nos relacionarmos com a natureza. Na terceira e última parte, apresenta-se o cenário de crise ambiental no contexto amazônico e como é importante refletir e constituir meios éticos sustentáveis para mudar esse cenário e para a manutenção da fauna e flora deste belo bioma e a vida dos povos que nele habitam.

Palavras-chave: Ética da Responsabilidade. Ecologia Integral. Crise Ambiental. Amazônia. Sustentabilidade.

1 Bacharel em Filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco – FSDB/AM e Acadêmico do 4º período do Curso de Teologia da Faculdade Católica do Amazonas.

2 Professor Doutor, Curso de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia da Faculdade Salesiana Dom Bosco – FSDB, Manaus – AM e da Faculdade Católica do Amazonas.

3 Pós-Doutorado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - UP; Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo – USP; Mestre em Cooperação Internacional e Educação pela Università Cattolica del Sacro Cuore – UNICATT-ITÁLIA, Diretor e Professor da Faculdade Católica do Amazonas.



ABSTRACT

This article aims to reflect on the problems caused by the current environmental crisis and to constitute a discussion between the concepts of Hans Jonas 'Ethics of Responsibility and the Integral Ecology present in Pope Francis' Encyclical Laudato Si. The methodology used for this research was qualitative, with the procedure of bibliographical research and hermeneutic analysis. The article is organized in three parts: the first is a presentation of the concept of Ethics of Responsibility by Hans Jonas, showing how he constitutes this ethical thought to guarantee life in the 20th century so marked by a technology crisis that caused wars and strengthened human intervention in relation to nature because the mentality that prevailed was anthropocentric among men to which this technological power belonged. In the second part, the concept of Integral Ecology is presented, which Pope Francis, when analyzing the current scenario of socio-environmental crisis that threatens the life of the planet and its inhabitants, Francisco proposes a new way of relating to nature, inspired by daily life of indigenous peoples, who live integrally with the land, being part of it, using sustainable practices for their good living. To overcome this current crisis, we must understand that everything is interconnected and adopt sustainable practices and change the way we relate to nature. In the third and last part we intend to show this scenario of environmental crisis in the Amazon context and how important it is to reflect and constitute sustainable ethical means to change this scenario and to maintain the fauna and flora of this beautiful biome and the lives of the people who inhabit it.

Keywords: Ethics of Responsibility. Integral Ecology. Environmental Crisis. Amazon. Sustainability

INTRODUÇÃO

Passamos, atualmente, por uma grande crise ambiental que assola a vida do planeta. Uma crise causada pelo próprio ser humano, que, por meios das tecnologias de exploração mineral da natureza e motivada basicamente pela obtenção de lucros, retira e não repõe matérias essenciais, causando, assim, degradação sem precedentes na natureza. A destruição dos biomas gera discussões, debates e elaborações de compreensões, em várias instâncias da sociedade que, ao compreender a crise, almejam a preservação por meio de uma vida sustentável.

Os conceitos apresentados e analisados, nesta pesquisa, surgem com grande ênfase nessas discussões sobre a sustentabilidade. Preservar a Amazônia é tão importante quanto se pensa. Esse bioma é responsável pela distribuição de chuvas no continente, regulação da temperatura na terra. Os povos originários desta região mantêm uma vida de equilíbrio com a natureza, utilizam seus recursos sustentavelmente, um modo de viver que deve ser respeitado e aprendido com eles.

Hans Jonas (1903-1993), considerado o último representante do grupo dos filósofos judeus nascidos na Alemanha, viveu durante quase todo século XX, presenciando grandes mudan-





ças e problemas que ocorreram naquele período. Além de vivenciar a crise europeia nas décadas de 1920 e 1930, Jonas presenciou a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, o advento do nazismo, e o triunfo da sociedade tecnológica. Poder presenciar e analisar o estado real dos acontecimentos, fizeram com que Hans Jonas observasse e refletisse sobre a forma com que o desenvolvimento tecnológico, oriundo da técnica, foi decisivo para alargar em grande escala, destruições em grandezas nunca imagináveis. Para Jonas, o impacto que as bombas atômicas causaram, durante a II Guerra Mundial, inaugurou uma reflexão nova e angustiada no mundo ocidental.

Pelo fato de Jonas ser de origem judia, teve o período inicial de sua formação baseada na

leitura dos profetas hebreus; estudou Filosofia e Teologia em Freiburg, enraizado na Fenomenologia e no Existencialismo. No ano de 1921, Jonas frequentou as aulas de Heidegger e Husserl e, em 1924, conhece Rudolf Bultmann, do qual recebe orientação e elabora uma tese sobre a Gnose no Cristianismo. Em 1933, com a chegada dos nazistas ao poder, Jonas migra para a Palestina.

Entre 1940 e 1945, Jonas se alista no Exército Britânico e decide lutar contra Hitler. Nesse período, Jonas estava longe das bibliotecas e universidades, porém inserido em um universo de espanto e reflexão. O sobressalto do estado apocalíptico das “coisas” fez com que ele refletisse sobre a origem do universo, sobre as formas de vida e, acima de tudo, sobre a natureza





e o abuso da técnica. O filósofo alemão publicou, em 1973, uma obra de grande lucidez que pretendia tratar da técnica e propor uma ética que envolvia a natureza, intitulada “O princípio da responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”.

A Ética da Responsabilidade pretende dar uma resposta a essa crise causada pelo homem que, em cada um dos seus atos, ele deve preservar e garantir a vida humana, criando um novo paradigma ético e moral, para que essa preservação da vida seja feita hoje e pensando nas futuras gerações, garantindo essa vida para o futuro. Só é possível mudar seus atos em relação ao meio ambiente adotando práticas sustentáveis.

Para adotarmos práticas sustentáveis temos que entender as nossas relações com o meio ambiente. Um conceito importante proposto pelo Papa Francisco, em sua Encíclica *Laudato Si'*, é o de Ecologia Integral: temos que entender a Ecologia como um todo, a natureza como parte integrante de nós, compreender a relação do meio ambiente com a sociedade em que vivemos. “Tudo está interligado” (Francisco, 2015, p. 113) afirma o pontífice. Uma ecologia ambiental, econômica, cultural e social devem integrar uma verdadeira relação do homem com o meio ambiente para poder protegê-lo.

A atual crise é causada por um comportamento egoísta e consumista, apoiado pela tecnocracia. Os conceitos de Ética da Responsabilidade e Ecologia Integral surgem como parte de uma reflexão importante para frear essa crise. O planeta, a Amazônia que é o nosso lar, são parte de nós, como mudar essas ações devastadoras? Como adotar hábitos sustentá-

veis? Como está nossa relação com o planeta e com a Amazônia? Como garantir vida sustentável para as futuras gerações? Os conceitos de Ética da Responsabilidade e Ecologia Integral que, nesta pesquisa, serão apresentados sugerem vários meios de como responder a essas perguntas e a superar essa atual crise ecológica. Porque “o futuro do planeta e de todas as espécies depende do nível de cuidado que a cultura e todas as pessoas tiverem desenvolvido” (Boff, 2003, p. 86).

1. Ética da Responsabilidade

1.1. Agir modificado do homem, a crise da ética

Em sua principal obra, “O Princípio da responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”, publicado em 1973, Hans Jonas se propõe a analisar o que ele chama de “natureza modificada do agir humano” (Jonas, 1979, p. 27), causada pelo contexto tecnológico que alterou as ações humanas e que trouxe novos desafios ao campo da ética. Jonas (2006) analisa que a técnica causa um novo modo de agir nas pessoas. Nesse caso, faz-se necessário um novo modo de agir nesse cenário tecnológico e os antigos imperativos éticos não são mais suficientes. “Não se trata de reconhecer que os modelos éticos tradicionais não são mais válidos, mas que não são mais satisfatórios para enfrentar o novo cenário tecnológico” (Oliveira, 2014, p. 123).

Esse cenário dos avanços tecnológicos faz esses modelos éticos tradicionais e seus valores ficarem envelhecidos e ineficazes por não atenderem as urgências desse novo tempo.





No primeiro capítulo dessa obra, Hans Jonas aborda os motivos que fazem esses antigos modelos éticos não serem mais suficientes para encarar essa natureza modificada do ser humano pela técnica. Para sustentar essa ideia de que as éticas tradicionais estão envelhecidas para os tempos de avanço tecnológico.

Por mais que as técnicas modificassem a vida humana [a agricultura e o surgimento das cidades são expressões emblemáticas desta modificação], não se pode dizer que elas fossem “conscientemente criadas” [Jonas, 2015, p.34].

A partir de então, “o poder da ciência e da técnica tornou-se autônomo, enquanto sua promessa transformou-se em ameaça e sua perspectiva de salvação, em apocalipse” [Jonas, p.237]. O poder humano foi muito além da capacidade de prever suas consequências:

Jonas a partir dessa perspectiva chama de “programa beconiano” a ideia que os saberes estão voltados a dominar a natureza e para a utilização da vontade do ser humano e a isso ele chama a atenção para uma dimensão temporal da intervenção humana sobre a natureza que envolve não só os impactos de longo prazo da emissão de gases de efeito estufa, mas dinâmicas ecossistêmicas desencadeadas pela ação social sobre as quais a noção tradicional de responsabilidade não se aplica [Abramovay, 2016, p.169].

“Toda ética tradicional contava somente com um comportamento não cumulativo” [Jonas], e assim continua Abramovay:

A Revolução Científica do século XVII transforma a natureza em objeto de conhecimento, em passividade sobre a qual será exercida a atividade cognitiva e transformadora humana. A natureza se torna exterior à consciência. Corpo e alma, matéria e espírito, sociedade e natureza são as formas mais notáveis do dualismo que se torna traço dominante da cultura moderna [Abramovay, 2016, p.170].

O homem se torna aquele que apenas faz, um homem técnico, um ser dotado de racionalidade que o faz estar acima da natureza e a domina, tornando-a objeto em suas mãos. Essa técnica se estabelece no entusiasmo de um progresso evolutivo sem precedentes, causando consequências danosas a natureza e a si mesmo.

Nesse contexto de submissão da natureza ao homem, nascem os dualismos entre “ser e dever, causa e finalidade, natureza e valor” [Jonas, 2006, p. 22].

Para o autor, as antigas éticas estavam voltadas ao relacionamento intra-humano, ou seja, a ação do ser humano para com outro ser humano, era totalmente antropocêntrica, tinham uma total circunstância da ação do aqui e do agora, sem se preocupar com uma relação extra-humana, porque não tinham valores éticos voltados para a relação do homem com a natureza, por exemplo.

As relações éticas e morais da filosofia moderna são restritas as pessoas norteadas pelo imperativo kantiano que diz: “Age apenas de acordo com uma máxima que possas, ao mes-



mo tempo, querer que se torne uma lei universal". É uma lei totalmente restrita aos subjetivismos e limitava, cada vez mais, as relações entre o ser humano e a natureza [Oliveira, 2014].

É por isso que a civilização tecnológica exige uma nova ética em que a natureza seja tratada não como objeto pronto a receber a intervenção social, mas como sujeito da condição básica da existência social, isto é, da própria vida.

Jonas [2006] faz uma crítica a técnica que, segundo ele, é uma ambição de progresso, em sentido de apenas dominar a natureza, e que se torna a meta de todas as ações do homem. De acordo com os autores Oliveira e Borges [2008, p. 51]:

Trata-se portanto, não de uma crítica à técnica em si, mas ao esquecimento niilista de seu sentido, à negação de sua finalidade básica, que deveria ser o bem da humanidade como um todo e a manutenção das possibilidades de sua continuada existência.

Com essa forma modificada de agir, o ser humano acaba causando uma série de fenômenos ambientais e sociais que degradam a natureza e os valores que garantem a vida, porque nem todos têm acesso aos benefícios de tais progressos tecnológicos.

1.2. A heurística do temor

Segundo Oliveira [2014], esse é um dos conceitos considerados polêmicos para sustentar sua ética, é a preferência de um método de prognósticos ruins sobre o possível fim. É um método que se é estabelecido por Jonas [2006] para as consequências das ações do ser huma-

no com relação a natureza, uma abordagem hipotética dos rumos do possível fim da humanidade, esse método é usado para a mudança dessa realidade de crise da ética, causada pela técnica e essencial para o surgimento da ética da responsabilidade.

Como advertência, esse prognóstico tem efeito prático, para reparar um mal desenfreado causado pela técnica moderna. Reconhecer os riscos e as ameaças, segundo o autor, faz-se adotar a heurística como um conhecimento do mal e, assim, causando a possibilidade de uma mudança de atitudes e comportamentos no presente.

O princípio responsabilidade, ao inserir o conceito de heurística do temor, propõe uma regra crucial para lidar-se com a incerteza, isto é, na dúvida é melhor ouvir o pior prognóstico, pois as apostas se tornaram fortemente elevadas para esse jogo [Jonas, 2006, p. 251].

O autor sustenta essa ideia partindo do que ele chama de "futuurologia comparativa", que é a capacidade de previsão do futuro a longo prazo. Isso seria "o primeiro novo valor a ser exercitado hoje para o mundo de amanhã" [Oliveira, 2014, p. 128].

A ética da responsabilidade passa a se apoiar, portanto, nesta futuurologia, porque passa a detectar uma mudança nas emergências que geram valores e identificam nos novos tempos tecnológicos a urgência de um novo valor, o valor da previsão.

Ao contrário da ética tradicional, que pauta e prova seus argumentos no âmbito dos princípios já conhecidos, a ética



da responsabilidade descobre princípios ainda não conhecidos, mas urgentes e necessários. O resultado não é um princípio apodítico, mas heurístico. Não evidente, mas provável. Não definitivo, mas experimental [Oliveira, 2014, p. 131].

A heurística do temor nunca foi tão atual, nem tão urgente para a formulação de uma ética para a civilização tecnológica. Em inúmeras formas de intervenção humana, derivadas da ciência e da tecnologia, o que está em jogo não é a incerteza [que está na base do princípio da precaução], mas as bases éticas da tomada de decisão e de uma reeducação do homem do presente.

Além desta heurística ser um conteúdo teórico, é também carregada de pretensão a aplicação prática, com a finalidade de provocar mudanças no modo de agir do ser humano [Oliveira, 2014]. Aí está a fonte de sua ética, o procedimento heurístico de temor. Para Jonas [2006], temor é elemento condicionado a sobrevivência e autenticidade da vida humana.

O que Jonas nos apresenta é uma mobilização do dever ético de responsabilidade diante do perigo ou até mesmo da ameaça representada pela magnitude e pela ambivalência da técnica moderna. O temor passa a ser próprio da ética da responsabilidade, porque sem essa ideia do temor anova ética não seria possível.

Então com a ideia de heurística do temor, o que Jonas pretende com sua ética é que haja uma consulta aos receios, antes do que os desejos, pois “podemos muito bem viver sem o bem supremo, mas não em companhia do mal supremo” [PINSART, 2002, p. 174].

As realidades catastróficas que o ser humano baseado na técnica pode causar e partindo desse temor que os procedimentos da técnica passaram dos seus devidos limites, faz-se necessário o surgimento de uma nova ética, que abranja todos os âmbitos, principalmente em um eu seja coletivo e para a garantia de vida autêntica para o futuro.

1.3. Ética da responsabilidade: uma ética do futuro

A nova ética proposta por Jonas [2006] pretende recriar a aliança entre o ser humano e a natureza em geral. A partir dessa premissa, Jonas [2006] reformula o imperativo kantiano para esses termos: “age de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra” [Jonas, 2006, p. 47]. Uma ética de dupla responsabilidade: proteger a natureza e, assim, garantir vida para as futuras gerações.

Esse preceito contesta o dualismo metafísico em que se apoia a Filosofia e, mais que isso, a cultura ocidental. O ser da natureza não se afasta do dever ético de sua preservação. Com isso, a natureza deixa de ser apenas um conjunto objetivo de fatos e circunstâncias, mas torna-se um valor capaz de propiciar sentido, significado à própria ação humana.

A nova ética proposta por Jonas é uma “ética da simultaneidade” [Jonas, 2006, p. 45], pois considerava que as atitudes feitas hoje devem levar em conta o presente e o futuro da humanidade.

Ose efeitos finais para a continuidade da atividade humana no futuro precisam estar na pauta atual, seja individual, seja



coletivamente. Ou seja, a preocupação com o futuro não pode ser uma simples hipótese, pois deve tornar-se uma questão “produtiva” no sentido de gerar ações que objetivem a preservá-lo, ou possuindo a característica de universalidade na medida real de sua eficácia [Jonas, 2006, p. 49].

A respeito do que o autor afirma ser o novo valor dado a natureza, também é o mesmo valor que se dá ao ser humano por ser responsável por sua sustentabilidade. Sobre isso Oliveira (2014, p. 142) comenta: “Dadas as formas de valores que formam o horizonte da vida, o ser humano deve ser reconhecido, a um tempo, como o sujeito mais carregado de responsabilidade e o objeto mais respeitável”.

Para Jonas [2006], o essencial de sua ética é a manutenção da vida enquanto tal. O sim constante a vida para si mesma diante de riscos, para a ética é uma demonstração de valor.

Como existe finalidade da vida, então, é preciso reconhecer que existe também um bem-fim e bem que se manifestam conjuntamente no horizonte da vida. Afirmar a vida e buscar sua preservação é uma prova de que, para o organismo vivo, a vida é bem em si mesmo. É assim que para Jonas a vida tem um grau ontológico [Oliveira, 2014].

Essa nova ética passa também a pensar na futura integridade do ser humano que se traduz em imperativos coletivos e não apenas individuais, nos antigos imperativos éticos, como o kantiano, não haviam pensado nesta manutenção da vida humana para o futuro; eis a nova proposta de ética trazida por Jonas.

Para a constituição desta ética, o dever ser do futuro passa a ser constituído em um dever ser do presente, porque “é no agora que se constroem as possibilidades de que no futuro haja uma humanidade autêntica.” [Oliveira, 2014, p. 147]. O referencial primeiro desta nova ética passa a ser o futuro.

O que caracteriza o imperativo de Jonas é a sua orientação para o futuro, mais precisamente para um futuro que ultrapassa o horizonte fechado, no interior do qual o agente transformador pode reparar danos causados por ele ou sofrer a pena por eventuais delitos que ele tenha feito [Siqueira, 1998, p. 81].

Em todo o caso, somos totalmente responsáveis por nossas ações em relação a vida, não somente por atos do passado, mas também no presente e das consequências para o futuro. A responsabilidade acaba por mostrar o caráter ético de cada pessoa. O que Jonas [2006] propõe com essa nova ética não é uma criação de normas e obrigações para as ações do ser humano, mas garantir-lhe a autenticidade de liberdade para as suas escolhas, pois a “possibilidade de que haja responsabilidade é a responsabilidade que precede a tudo” [Jonas, 2006, p. 174].

O homem que se transformou pelo poder da técnica e passou a ameaçar seu meio ambiente, para repensar os cenários de catástrofes, a heurística do temor passa a ser aprendizagem da responsabilidade e olhar a possibilidade de futuro, transformando suas ações no presente, porque nestas realidades de catástrofes faz surgir esta nova ética da responsabilidade para a garantia de vida autêntica sobre a terra.



2. Ecologia Integral

2.1. As ecologias 'rasa' e 'profunda':

Bases para uma Ecologia Integral

A Ecologia Integral surge também neste contexto de preocupação com os rumos que o planeta está tomando, devido aos abusos da técnica que destroem de muitas formas a natureza, visando o lucro. No meio deste cenário, os conceitos de ética da responsabilidade e de Ecologia Integral visam repensar as formas de como o ser humano se relaciona com a natureza, para evitar o seu próprio fim. Hoje, existe uma grande preocupação com o planeta, pois a crise atual é socioambiental e, a partir de uma reflexão da mesma, podemos elaborar meios para superá-la juntamente com esses conceitos a serem apresentados.

A Ecologia é uma área da Biologia que estuda as relações entre os organismos vivos no seu meio ambiente [Diana, 2016]. Mas esse estudo é feito de uma forma fragmentada, distinta e dividida em áreas para seus conhecimentos. Segundo Alves [2015], essa concepção de ecologia surge para defender o ideal capitalista que defende o ser humano como superior a natureza e, assim, a domine, tornando-a um instrumento para se retirar seus recursos naturais de forma exploratória, o que é chamado de ecologia rasa. Diferente é a ecologia profunda que é a base da Ecologia Integral do Papa Francisco, que busca sustentar um valor próprio da natureza na relação com o ser humano.

A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ele vê os seres humanos como situados acima ou fora da

natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de 'uso', à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela vê o mundo, não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida [Capra, 2006, p. 16].

O conceito de ecologia profunda sustenta que a natureza tem seu valor e dignidade a serem respeitados e preservados [Alves, 2015] e que muitos dos elementos que compõem este planeta estão sempre relacionados entre si. Por isso, uma ecologia profunda e integral não poderá ser estudada e compreendida de forma fragmentada [Francisco, 2015].

2.2. Ecologia Integral na Encíclica Laudato Si'

A carta encíclica Laudato Si', de Papa Francisco, como diz Muriel [2016, p. 89], "é uma releitura do cântico das criaturas de Francisco de Assis, é, ademais, um grito de auxílio do Papa Francisco em nome da Igreja, um grito a Deus e ao homem pós-moderno a que cuide, proteja e faça um bom uso dos recursos da Mãe Terra". Neste documento, o Sumo Pontífice lança as bases da Ecologia Integral que sustenta que tudo está interligado no mundo.

O conceito de Ecologia é qualificado de integral, isto é, "tudo está intimamente relacionado. Por isso, os problemas também reque-



rem que se leve em conta todos os aspectos da crise mundial” (Francisco, 2015, p. 113). O ser humano, como parte da natureza, também é como um administrador da Casa Comum que, hoje, vive uma grande crise socioambiental, causada pelo pensamento antropocêntrico e pelas práticas da ecologia rasa que distanciam o ser humano da natureza. Compreender a Ecologia Integral é procurar construir uma ética sustentável para uma boa relação do ser humano com a natureza e assim superar a atual crise (Alves, 2015.)

A Ecologia Integral, na *Laudato Si'* do Papa Francisco, destaca-se desses demais conceitos de Ecologia por incluir em suas reflexões essas dimensões como: ambiental, econômico/social, cultural e da vida cotidiana. O meio ambiente implica a relação entre a natureza, seus ecossistemas e a sociedade. Há uma interação entre os ecossistemas e os diferentes mundos sociais, pois quando se fala em “meio ambiente, faz-se referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e sociedade que a habita” (Francisco, 2015, p.114).

Sabe-se que há, atualmente, uma grande crise socioambiental, causada pela degradação natural por conta de uma economia predatória e consumista que ocasiona inúmeras desigualdades, porque os benefí-

cios do crescimento econômico alcançam uma única parcela da sociedade. “As razões pelas quais um lugar se contamina exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade” (Francisco, 2015, p. 114). Esses problemas econômicos e sociais exigem a busca de soluções integrais para que be-

neficiem todos os sistemas naturais e sociais. “É necessária uma ecologia econômica, capaz de induzir a considerar a realidade de forma mais ampla” (Francisco, 2015, p. 116).

Se tudo está inteiramente interligado, um cuidado com a natureza recai sobre um cuidado também para com o patrimônio histórico e cultural, pois, trata-se de uma ecologia cultural que “faz parte da identidade comum de um lugar, servindo de base para construir uma cidade habitável”, assim, assume-se a “a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas, dos atores sociais e locais a partir de sua própria cultura” (Francisco, 2015, p. 119).

Essa concepção também parte da dimensão da vida cotidiana, conforme diz Francisco (2015, p. 121-122):

da qualidade da vida humana, o espaço onde as pessoas transcorrem a sua exis-



**“o poder da ciência e da técnica tornou-se autônomo, enquanto sua promessa transformou-se em ameaça e sua perspectiva de salvação, em apocalipse”
(Jonas, p.237)**





tência, pois os ambientes onde vivemos influem sobre a nossa maneira de ver a vida, sentir e agir: Em nosso quarto, na nossa casa, no nosso lugar de trabalho e no nosso bairro, usamos o ambiente para expressar a nossa identidade. Essa dimensão nos ajuda a organizar o meio ambiente que quando este aparece desordenado, caótico ou cheio de poluição visual e acústica, o excesso de estímulos põe à prova as nossas tentativas de desenvolver uma identidade integrada e feliz. Modificando os efeitos adversos dos condicionamentos e aprendendo a orientar a sua existência no meio da desordem e precariedade.

Bavaresco (2016, p. 31-32), ao falar dessas quatro dimensões que compõem a Encíclica *Laudato Si'* e a Ecologia Integral, afirma o seguinte:

[...] ecologia integral parte, primeiramente da ideia do todo da natureza que articula as partes do meio ambiente, ecossistemas e povos; depois, evoca-se o princípio do cotidiano da ecologia humana no viver imediato do dia-a-dia, sentir e agir das organizações familiares, comunitárias e sociedades; [...] princípio intergeracional enuncia a contradição entre a lógica da gratuidade e a lógica utilitarista, que encontra a superação no conceito de desenvolvimento sustentável e solidário entre as presentes e futuras gerações. Subjaz a estes quatro princípios um desafio ético para as relações internacionais, a política, a economia, as religiões, as ciências e os movimentos ecológicos.

Com a concepção de Ecologia Integral, pretende-se criar também uma ideia de “bem comum” como uma relação ética e moral com a natureza, pois “a ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificadora ética social” (Francisco, 2015, p. 127). Promover o respeito da dignidade da vida de cada ser humano é uma das funções fundamentais para sua garantia de vida e desenvolvimento integral, aplicando o princípio de subsidiariedade, envolvendo “toda a sociedade – e, nela, especialmente o Estado – tem obrigação de defender e promover o bem comum” (Francisco, 2015, p. 128).

Nesse caso, faz-se necessário a criação e ampliação de políticas que promovam esse ideal de “bem comum” e que supere as desigualdades e a “cultura do descartável” causadas pela economia consumista, porque, hoje, muitos seres humanos se encontram privados dos seus direitos básicos e clamam por solidariedade e por políticas que os atendam, “uma opção preferencial pelos mais pobres. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra”, mas “[...] exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé” (Francisco, 2015, p. 128-129). Esse ideal de “bem comum” também deve levar em consideração as futuras gerações, porque essa “terra que recebemos pertence também àqueles que hão de vir” (Francisco, 2015, p. 129). Tudo que fizermos e deixarmos trará efeitos a todos que virão depois de nós.



Neste documento se destacam linhas de ação face aos cenários de degradação ambiental e do ser humano e o diagnóstico dos problemas e causas da destruição do planeta. As orientações éticas são interdisciplinares pois englobam desde as relações internacionais e nacionais, passando pela política e economia até o diálogo entre religiões e ciências [Bavaresco, 2016, p. 32].

Vemos que, nesta encíclica, a Ecologia Integral procura salvaguardar e garantir os direitos naturais, ambientais e também do ser humano, partindo da ideia que tudo está inteiramente interligado, superando a atual crise e garantindo a vida com práticas e hábitos sustentáveis, principalmente aos mais pobres. O Papa Francisco destaca que, para isso se concretizar, faz-se necessário uma conversão ecológica, ou seja, uma mudança no atual modelo de desenvolvimento global, uma mudança radical de rumos:

[...] que o Papa Francisco situa a noção de conversão ecológica no contexto mais amplo da imprescindível conversão integral. O pressuposto é que alguém só alcançará uma conversão integral na medida em que se fizer capaz de transcender noções de conversão ainda muito mais presas as situações existenciais e intersubjetivas e quem sabe até sociais, mas não sensíveis ainda à dimensão ecológica da vida quotidiana [Tavares, 2016, p. 75].

A Ecologia Integral evoca a responsabilidade do ser humano com seu meio ambiente

em uma relação recíproca, esta “responsabilidade perante uma terra que é de Deus implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo” [Francisco, 2015 p. 56].

A encíclica *Laudato Si'*, com sua proposta de Ecologia Integral, busca resgatar o olhar do ser humano para com a Mãe Terra, com todos os seus ecossistemas e a vivermos de forma comum, sendo que “ecologia é a ciência e a arte das relações entre os seres relacionados” [Boff, 1982, p. 23]. Todos estamos envolvidos neste sistema para mantermos a vida em relação com a natureza em perfeito equilíbrio, hoje e para as gerações futuras.

3. Preservação Ambiental na Amazônia e questões Éticas

3.1. Amazônia: o cenário de uma crise ambiental

A Amazônia é um dos Biomas mais ricos e essenciais para o equilíbrio e a manutenção da vida na terra. Hoje, vem sofrendo uma enorme devastação, movida pela cobiça do sistema capitalista que extrai seus recursos naturais de forma irracional, desmata e queima para manter sua estabilidade econômica na região como criação de pastos e lavouras [Nobre, 2013].

Essa realidade de devastação da Amazônia cria uma grande crise ética de como lidar com a natureza, uma crise ecológica e uma crise do capitalismo. O crescimento econômico, gerado por uma compulsão de consumo, é causador





de grandes desigualdades e se torna uma ilusão, porque reduz os recursos naturais para as necessidades humanas e esses aspectos econômicos geram consequências dramáticas para a humanidade e toda à vida no planeta (CASTRO, 2019).

A Amazônia é mais vista por suas dimensões espaciais e como um território a ser explorado, o que gera ainda um grande desafio que é a construção de grandes projetos de desenvolvimento econômico, como por exemplo: o Polo Industrial de Manaus, as Hidrelétricas e as demais construções tecnológicas que desafiam a sustentabilidade desta região.

A construção desses grandes projetos tecnológicos que visam “crescimento” da região são um reflexo da ambição por um progresso sem limites que leva o ser humano a querer apenas dominar e extrair os recursos naturais e degradar seu meio ambiente em resposta a necessidade do capitalismo. “Uma técnica, portanto, que esquece e nega seus princípios e se estabelece num entusiasmo cego com seu próprio desenrolar pretensamente evolutivo” (Oliveira; Borges, 2008, p. 51).

3.2. Clamores e construção de uma vida sustentável

Seguindo a ideia de que, atualmente, o ser humano não exerce uma relação integral com a natureza, os atuais desafios éticos-ecológicos podem ser superados com um novo modelo de economia política e coletiva. Para haver um cuidado com a vida e com o planeta Terra, deve-se superar a instrumentalização e manipulação dos recursos naturais. Para superar esta crise atual, faz-se necessário ter uma

ideia clara de ética. “Ética é um conjunto de valores e princípios, de inspirações e indicações que valem para todos, pois estão ancorados na nossa própria humanidade. Ela responde à pergunta: Que significa agir humanamente?” (Boff, 2011, p. 9-11). Esse agir humanamente é conviver harmonicamente com o outro, com a natureza e com a vida:

[...] cresce a consciência de que temos somente o planeta Terra como pátria comum, na qual podemos viver. Tanto ele quanto o sistema de vida estão ameaçados pelo princípio de autodestruição. Garantir o futuro da Terra e da humanidade constitui a grande centralidade[...] é imperativo uma ética do cuidado a ser vivida em todas as instâncias (Boff, 1999, p. 93).

Para ser sustentada essa ética, que englobe toda a humanidade em defesa da vida futura na terra, faz-se necessário uma reeducação do ser humano para se relacionar com a natureza (Boff, 1999). Esse processo se dará a partir da compreensão dos termos sustentabilidade e “bem viver”.

O conceito de sustentabilidade tem tomado bastante ênfase em debates sobre os efeitos da intervenção que causam a atual crise ambiental. Neste sentido, é importante o uso deste termo para a construção de ações concretas que visem a melhor relação do homem com a natureza, principalmente na Amazônia (Castro, 2019).

Sustentabilidade representa os procedimentos que se tomam para permitir que um bioma se mantenha vivo, protegido, alimentado de nutrientes a pon-



to de sempre se conservar bem e estar sempre à altura dos riscos que possam advir. Esta diligência implica que o bioma tenha condições não apenas de conservar-se assim como é, mas também que possa prosperar, fortalecer-se e coevoluir [Boff, 2012, p. 32].

Este termo tem muito a contribuir com a ideia de conservar e garantir a vida, a partir de hoje, para as futuras gerações, pois é manter os biomas, principalmente o Amazônico, com suas características de se sustentarem e se manterem em tempos que correm riscos, ou seja, manter firme o ciclo da vida.

Sustentabilidade é atender as necessidades do meio ambiente que se encontra devastado no presente, para não se comprometer os ecossistemas e não se perderem por completo fauna e flora. A sustentabilidade ajuda a reatar as relações do ser humano com a natureza, de forma que não se explore mais os recursos naturais e sim que se mantenha sua capacidade de sustentação de recursos, hoje e para o futuro.

3.3. O “bem viver” dos povos indígenas o qual devemos aprender

Quem entende, vive e pode nos ensinar a ter uma boa relação ecológica e sustentável com o mundo, e especial com a Amazônia, são os povos indígenas, pois: “Na natureza encontram a afirmação de sua identidade étnica e seus etno-conhecimentos” (Razera; Boccardo; Pereira, 2006, p. 40). A sustentabilidade, para os indígenas, está diretamente vinculada a sua sobrevivência.

Nas sociedades indígenas, a lógica das relações éticas se engloba em harmonia e equilí-

brio com o todo, o cosmos, a natureza e o outro. Essa relação é o “Bem Viver”. Ter essa visão de que a natureza é algo fundamental para se garantir a vida de modo sustentável na Amazônia e no mundo, hoje e para o futuro, é a prática ética do “Bem Viver”.

Viver bem é sair da dicotomia entre ser humano e natureza. É despertar para uma consciência de que somos filhos da Mãe Terra[...], e tomar consciência de que somos parte dela, de que dela viemos e com ela nos completamos [Arkonada, 2010, p. 12].

A sustentabilidade e o “Bem Viver” dos povos indígenas são conceitos que ajudam a elaborar os princípios éticos para uma vida sustentável na Amazônia. Segundo Vieira, Kalhil e Ruiz (2012, p. 59-68), as comunidades indígenas, além de buscarem alternativa rentável por meio de práticas sustentáveis, como o artesanato, passam valores às futuras gerações sobre sustentabilidade e manutenção do seu habitat.

Para Castro (2007), nas sociedades indígenas, a natureza é compreendida com sentido global, tudo é natureza, incluindo o ser humano, ou seja, todos se encontram no mesmo patamar de elementos da flora e da fauna, vivendo de uma forma integral com a natureza.

Os desafios de elaborar esses conceitos éticos, na sociedade hodierna, são muito grandes, porém os esforços das inúmeras instituições sociais buscam por reeducar a humanidade para voltarem a se relacionar bem com a natureza, por meio de uma ética sustentável que se torna responsabilidade para todos, que aprendendo com a cosmovi-





são e as ações rentáveis dos povos indígenas nativos, garantir-se-á vida para a Amazônia e para todo o planeta, porque não se é correto eticamente viver destruindo e se distancian-do da natureza [Boff, 2012]. Assim, vemos que é “cada vez mais evidente que a consciência do cuidado com o meio ambiente é muito importante para o equilíbrio do planeta e vital para a defesa e a promoção da vida sobre a mesma” [Silva et al., 2019, p. 216].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi proposto nesta pesquisa, e ao longo dela, foi-se refletindo a atual situação da nossa Amazônia, como ela vem sofrendo com depredação e invasão, em vista de sustentar um sistema desigual que desrespeita a natureza e os povos originários.

Refletimos, juntamente com Hans Jonas [2006], como os avanços da tecnologia e o poder fizeram com que o ser humano se tornasse um ser supremo, pelo seu pensamento antropocêntrico, restando distante da natureza, e isso se tornou cultural, estrutural e ético. As relações eram feitas de homens para homens, de seres “racionais” em espaços construídos para seu habitat.

O seres humanos das cidades, por se considerarem donos do conhecimento racional, achavam que detinham todo o poder para, dessa forma, menosprezar a natureza e os seres que nela habitavam, e, assim, ampliarem seus espaços e crescer economicamente.

O que procuramos destacar, com os conceitos aqui apresentados, é a demonstração de que a natureza tem seu valor. A ética da responsabilidade surge, assim, para chamar atenção

para um possível fim e, dessa forma, mudar os hábitos de relação do homem com a natureza, reconhecendo e constituindo normas e leis morais para essa relação.

Muitas instituições discutem e pensam ações que retomem essa relação do homem com o meio ambiente. Ultimamente, a Igreja Católica, com seu líder maior, o Papa Francisco, vem propondo soluções de meios e práticas sustentáveis para recuperarmos a saúde da Mãe Terra e, assim, construir uma ética do bem viver, com a Ecologia Integral. O Pontífice propõe que tudo deva estar interligado, somos responsáveis pela Casa Comum e com a vida e a natureza, e propõe também que políticas e economias sejam elaboradas de forma integral, levando em conta todos e assim poder superar essa atual crise socioambiental.

Essa situação de crise é bastante pertinente e requer também um olhar filosófico que seja capaz de ajudar, para compor bases éticas para reestabelecer as relações do ser humano com a natureza, de compreender e adotar práticas sustentáveis, para a manutenção, garantia e equilíbrio de vida de muitas espécies, pois: “Anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais, que já não poderemos conhecer, que nossos filhos não poderão ver, perdas para sempre” [Francisco, 2015, p. 28]. Tudo isso dependerá de nós, de tomarmos a consciência de que a forma que hoje vemos e tratamos a natureza tem que ser modificada, para mudar essa realidade de crise e garantirmos um bem viver em nossa “Casa Comum”.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **A heurística do medo, muito além da precaução**. Estudos Avançados. Instituto de Energia e Ambiente, Universidade de São Paulo. 2016.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A Encíclica Laudato Si: Ecologia Integral, gênero e ecologia profunda**. Dossiê: Relações de Gênero e Religião. Horizonte, PUC Minas, v. 13, n. 39, Belo Horizonte, 2015, p. 1315-1344.

ARKONADA, Katu. **Descolonização e Viver Bem são intrinsecamente ligados**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 340. Ed., 2010, p. 11-14.

BAVARESCO, Agemir. **Leituras Filosóficas da Laudato Si. Teocomunicação**. Laudato Si e Dignidade da Vida, v. 46, n. 1, Porto Alegre, 2016, p. 24-38.

BOFF, Leonardo. **Ética da Vida**. Brasília: Letravisva, 1999.

_____. **Sustentabilidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Ética e Espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A natureza em peso: sobre outras práticas de conhecimento**. Revista Mana, v. 12, n. 2, Rio de Janeiro, 2007, p. 115-144.

CASTRO, Ricardo Gonçalves. **Ecoética Amazônica – O bem viver e o Princípio Responsabilidade de Hans Jonas**. Editora CRV. Curitiba, 2019.

DIANA, Juliana. **O que é Ecologia**. Toda Matéria, 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-ecologia/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MURIEL, Fernando Antônio Zapata. **Laudato sí... uma bioética por el cuidado de la casa común: una mediación entre la ecología y la ecotología. Producción + Limpia**. Julio - Diciembre de 2016. Vol.11, No. 2 - 87•101.

NOBRE, Gabriella Machado. **Preservação da floresta Amazônica: primeiras reflexões**. 2013. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/examapaku/article/view/1457/>. Acesso em 08 out. 2020.

OLIVEIRA, Jelson. **Compreender Hans Jonas**. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Jelson; BORGES, Wilton. **Ética de Gaia. Ensaio de Ética socioambiental**. São Paulo: Paulus, 2008.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato si'**. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

PINSART, M. **Jonas et la Liberté: dimensions théologiques, ontologiques, éthiques et politiques**. Paris: J. Vrin, 2002.



RAZERA, Júlio Cesar C. C.; BOCCARDO, Lillian; PEREIRA, Jussara Paula R. **Percepções sobre a fauna e a flora em estudantes indígenas de uma tribo Tupinambá no Brasil: um caso de etnozootologia.** Revista Eletrônica de Ensino de las Ciências, v. 5, n. 3, 2006, p. 466-480.

SILVA, Clemenson Pinheiro da; MOTTA, Clyssem Neltem de Souza; SAMPAIO, Jardson da Silva; RIBEIRO, Joaquim Hudson de Souza. **Reciclagem: Benefícios ao meio ambiente e às pessoas na área central de Manaus- AM. Investigações Filosóficas em chão Amazônico.** Reflexão e Prática, Manaus, 2019, p. 216-221.

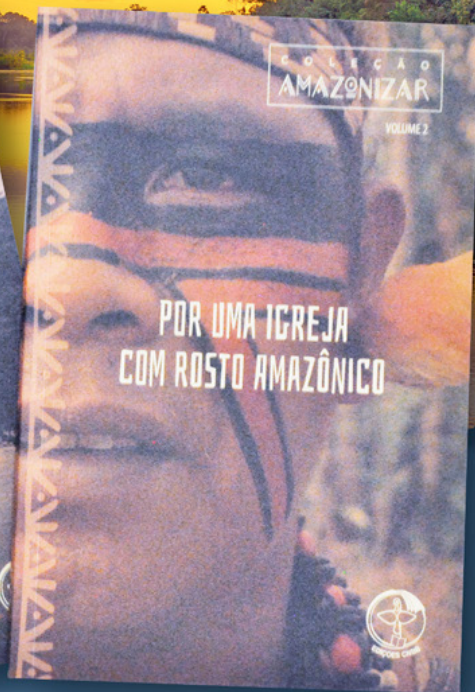
SIQUEIRA, José Eduardo. **Ética e tecnociência: uma abordagem segundo o princípio da responsabilidade de Hans Jonas.** Londrina: Editora UEL – Universidade Estadual de Londrina, 1998.

TAVARES, Sinivaldo S. **Evangelho da Criação e Ecologia Integral: uma primeira recepção da Laudato Si.** Perspectiva Teológica, v. 48, n. 1, 2016, p. 59-80.

VIEIRA, Francisco C. Brito; KALHIL, Josefina B.; RUIZ, M^a. Auxiliadora. **Percepção ambiental: Contribuições e práticas indígenas para o ensino de ciências no baixo Rio Negro.** Revista Científica ANAP Brasil, jul. 2012, p. 59-68.



COLEÇÃO AMAZONIZAR



Está Disponível

Acesse o **QR Code**
e adquira a sua!



Revista

ECOTEOLOGIA

Dezembro | Nº. 5/2024

ECOTEOLOGIA AMAZÔNICA: ECOS DA VIDA

5 e 6

DE SETEMBRO



CAMPUS I DO UNICATÓLICA EM **PALMAS (TO)**

Ecoteologia Amazônica: ecos da esperança



EXPEDIENTE

Rede Eclesial Pan-Amazônica REPAM-Brasil

Brasília-DF, dezembro de 2024

Nº. 5/2024



Publicação Digital Anual

Presidente da REPAM-Brasil: Dom Evaristo Pascoal Spengler

Vice-Presidente: Dom Pedro Brito Guimarães

Secretário: Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira

Secretaria Executiva: Irmã Maria Irene Lopes dos Santos

Ecônomo: Mons Nereudo Henrique Freire

Comitê Científico

Ari Antônio dos Reis

Daniel Seidel

Dário Giuliano Bossi

Felício Pontes

Ima Vieira

Márcia Maria de Oliveira

Ricardo Castro

Roberto Malvezzi

Moema Maria Marques

Convidados

Ricardo Gonçalves Castro

Elisângela Maciel

Gislaine de Andrade Abreu

Kedma Nayra da Silva Marinho Botelho

Ila Raquel Mello Cardoso

Elaboração da Revista:

Arlete Gomes dos Santos

Gabriela da Silva Santos

Dorismeire Almeida de Vasconcelos

Revisão: Renato Thiel

Diagramação: Raul Benevides

Idioma: Português Brasil

Contato:

www.repam.org.br

repambrasil@repam.org.br

ÍNDICE

EDITORIAL

4 Editorial

ARTIGOS

7 **Ecopolítica e Ecoprofecia** –aprofundamentos ecoteológicos

15 **Igreja na Amazônia:** Em busca de uma evangelização encarnada

25 **Relato de Experiência Extensionária** realizada em um
Parque Aquícola localizado em Lajeado Tocantins

28 **Mudanças Climáticas,** o Cerrado e o Tocantins



O termo “eco”, originado do grego oikos, significa “casa” ou “lar”, carrega consigo um profundo significado de cuidado e responsabilidade com o ambiente, nossa Casa Comum. Este conceito, em sua essência, nos chama à reflexão sobre o modo como interagimos com o mundo natural e como nossas ações impactam não apenas o presente, mas também as gerações futuras. Em um cenário global marcado pela crise ecológica, esse princípio reverbera de maneira particularmente forte dentro da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) que, ao longo dos últimos dez anos, tem se dedicado à mobilização e articulação de ações concretas para garantir a proteção da Amazônia, buscando sempre integrar a justiça social e a sustentabilidade em sua agenda de atuação. Ao ecoar as questões ambientais e sociais, a REPAM nos convida a refletir sobre nosso papel como cristãos e cidadãos do mundo, despertando para a necessidade urgente de um novo compromisso com a Terra e com todos os seus habitantes.

Nesse contexto, o Cerrado e a Amazônia, com suas complexidades e contradições, revelam realidades marcadas por dores, angústias, alegrias e esperanças. Esses biomas exigem um olhar atento e sensível que acolha suas histórias e desafios, reconhecendo tanto suas fragilidades quanto suas forças. Propõe-se, assim, uma imersão em uma ecoteologia profunda, que se entrelaça com a ecoespiritualidade, a ecoprofecia e a

ecopolítica, ancorada nos princípios do bem viver, da escuta ativa e nos saberes ancestrais dos povos originários dessas regiões. É um convite a compreender e vivenciar a interdependência entre seres humanos, natureza e espiritualidade, reafirmando a necessidade de uma relação mais harmônica e respeitosa com o meio ambiente, com os povos que nele habitam e com as forças sagradas que nele residem. Cada uma dessas áreas se conecta de maneira profunda com o cuidado e a regeneração da nossa casa comum, e todas têm sido discutidas e aprofundadas em eventos como o V Encontro de Ecoteologia, realizado em setembro de 2024, em Palmas - TO, no coração do Cerrado amazônico.

Este encontro se consolidou como um espaço vital para a troca de saberes ancestrais e científicos, com o objetivo da defesa do meio ambiente. Neste espaço, especialistas, pesquisadores e membros das comunidades locais se uniram para refletir sobre o papel da fé na preservação da Terra, nosso oikos, destacando a importância de uma espiritualidade ecológica que valorize os saberes ancestrais dos povos tradicionais. A partir dessa reflexão, surge o compromisso com a regeneração ambiental, que se traduz em ações concretas de cuidado e proteção ao meio ambiente. Esses temas serão abordados com profundidade nos textos da revista, que trazem uma rica troca de experiências e perspectivas, reafirmando a necessidade de uma espiritualidade e proteção ambiental que se alinha com a preservação da vida em todas as suas formas.

Este compromisso com a preservação da Terra se conecta diretamente com a atuação da REPAM, que em setembro de 2024 comemorou uma década de luta em defesa dos direitos humanos dos povos da Amazônia. Ao longo desses 10 anos, a rede se consolidou como um pilar essencial na resistência das comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas, pescadores e quebradeiras de coco, obtendo vitórias importantes, mas também enfrentando desafios contínuos. A luta pela proteção das culturas e dos territórios amazônicos permanece urgente, e é em momentos como este, de união de esforços, que se fortalece a esperança de garantir a preservação da vida e das culturas na região. Outro ponto de grande relevância neste ano é a preparação para a [Conferência das Partes] COP 30, que ocorrerá em 2025 em Belém, Pará. A REPAM tem se empenhado ativamente na mobilização dos povos da Amazônia para essa conferência, realizando projetos e ações que visam promover um maior entendimento sobre o processo da COP e fortalecer as demandas regionais. A expectativa é que a COP 30 seja um espaço crucial para a defesa da biodiversidade, dos direitos humanos e para a promoção de soluções sustentáveis que respeitem as culturas tradicionais e a integridade ambiental.

Em um contexto global de crise ambiental, as ações da REPAM e as iniciativas como o V Encontro de Ecoteologia reafirmam a necessidade de uma transformação profunda na maneira como nos relacionamos com a Terra. Mais do que nunca é imprescindível que a fé, a espiritualidade e o cuidado com a Casa

Comum sejam vistos como pilares fundamentais para a construção de um futuro mais justo, equilibrado e sustentável. Ao integrar os saberes ancestrais com as práticas contemporâneas de conservação, buscamos um caminho de regeneração e de cura para o Planeta, inspirados por uma visão ecológica que une todos os povos em torno de um bem comum: a preservação da vida em todas as suas formas.

Assim, a ecoteologia e suas diversas expressões se tornam não apenas uma reflexão teológica, mas um chamado prático à ação. O eco que surge dessa reflexão é um convite para que cada um de nós se torne um agente de transformação, contribuindo para a cura da Terra e a promoção de um mundo mais justo e equilibrado. Que pos-

samos, em nossa vida cotidiana, ecoar as palavras de Cristo, que nos ensina a amar e cuidar da criação, reconhecendo que a luta pela justiça social e ecológica é, antes de tudo, uma luta pela dignidade da vida em todas as suas formas.

A verdadeira conversão ecológica passa por uma mudança de mentalidade e de prática, que nos desafia a viver de forma mais consciente e responsável, como bons cuidadores da nossa oikos. Ao abraçarmos esse chamado, que nos transformemos em agentes de esperança, plantando as sementes de um futuro mais harmonioso e respeitoso para as próximas gerações.

Secretaria Executiva – REPAM-BRASIL

Ecopolítica e Ecoprofecia aprofundamentos ecoteológicos



Dr. Ricardo Gonçalves Castro¹

Resumo

O artigo pretende ser um aprofundamento da ecoteologia e suas intersecções com a perspectiva bíblica lida em clave ecológica. O objetivo é compreender a interrelação da ecopolítica com a ecoprofecia, primeiramente buscando definir estes conceitos no âmbito

das discussões da ecoteologia. A metodologia usada para este fim está relacionada com a complexidade que tece uma compreensão a partir da interdisciplinaridade dos saberes, se interligando com as realidades desafiantes do tempo, como a poluição, a monocultura, o martírio de líderes e cuidadoras da terra.

INTRODUÇÃO

Em muitos aspectos, a ecoteologia tem se apoiado e aprofundado com muita frequência na obra da Criação, na perspectiva sabática que compreende o Deus criador/cuidador no centro, superando a perspectiva antropocêntrica e patriarcal. Essas aborda-

¹ Dr. Ricardo G. Castro tem formação em Filosofia e Teologia, com doutorado em Teologia Pastoral pela PUC-Rio; atualmente é professor da Faculdade de Teologia da Amazônia.



gens correm o risco de refletir uma carência, deixando de incluir a tradição profética lida a partir de uma abordagem crítica da ecologia política. A relação entre sociedade e natureza é construída socialmente e a ecopolítica usando de metodologia mais complexa pode melhor interpretar essa dinâmica relacional. Nosso intento é contribuir para uma opção preferencial pelas vítimas das injustiças ambientais, e uma práxis ecopolítica que tenha em seus “topos” os pobres, ao lado de lutas por justiça ambiental. Os resultados obtidos são a abertura de possibilidades de releituras da profecia, a partir dos textos bíblicos, interagindo com as realidades desafiantes vividas por comunidades e movimentos em prol do cuidado da terra.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADO E DISCUSSÕES)

A perspectiva sacrificial, sacerdotal e patriarcal, por muito tempo, estudou a teologia do Antigo Testamento em primeiro lugar como história da salvação. Como Gerhard von Rad [2006] indicou, “a doutrina da criação nunca atingiu o estatuto de uma doutrina relevante e independente” (p. 55). Ela é invariavelmente relacionada, e de fato subordinada a considerações soteriológicas [Rad, 1984]. Gn 1-11 não é mais do que a introdução à história da salvação começando com Abrão em Gn 12. Sobre esse aspecto, brota uma reação iniciada pelo comentário sobre o livro do Gênesis, de Claus Westermann [1974]. Nesta e em outras publicações, ele chamou a atenção para o aspecto muito

importante das bênçãos de Deus dentro da teologia bíblica. Nesta conexão, também é importante notar o crescente interesse pela antiga literatura de sabedoria israelita por causa de seu foco na criação, por meio da qual a humanidade pode aprender sobre o criador e sua vontade.

Essa perspectiva pode diminuir a criação, vendo a história da salvação como mais importante do que a criação, gerando uma tendência a ver toda a realidade na perspectiva da existência humana, produzindo uma teologia política centrada na libertação do humano que ignora o não humano, como resultado uma visão de que Deus destruirá tudo, então ninguém precisa se incomodar; e, finalmente, uma visão patriarcal de Deus que enfatiza seus atos poderosos e negligencia os temas mais femininos da bênção e da criação. Desde modo, o interesse contemporâneo na criação não vem de correntes tradicionais como a igreja ou disciplinas teológicas, mas de uma constatação dos impactos da crise ecológica, das tradições culturais indígenas e do crescimento da consciência ecológica [Castro, 2020].

Profecia em contraste com as tradições sabáticas e da criação, nos leva a perceber que na tradição judaico-cristã os mitos da criação são secundários e dependentes da trajetória de libertação do Êxodo. Von Rad [2006] demonstrou que as escrituras hebraicas só podem ser entendidas por meio da primazia do Êxodo, que é o mito fundador do povo de Israel. O conhecimento do antigo Israel sobre sua criação só foi possível





por causa de sua libertação da escravidão por Javé. Eles precisavam saber que foram libertados antes de poderem saber que foram criados: a libertação vem antes da criação. Embora o antigo Israel provavelmente compreendesse uma série de tribos marginais, rejeitadas, e que viviam nas colinas, além dos escravos libertados, a história do Êxodo parece ter sido central na formação e autocompreensão do povo de Israel.

Assim, o cuidado da criação deve ser visto por meio de uma teologia centrada na libertação. Isso permite uma ecoteologia da libertação, vivenciada e sistematizada, por meio de uma nova percepção da atividade humana em relação à natureza. Ações humanas criativas que não levem à escravização pela exploração patriarcal e capitalista, alienação e mercantilização da vida [Boff, 2015].

As narrativas da Criação são parte de uma trajetória imperial, que é projetada para estabilizar e “naturalizar” relacionamentos sociais existentes, incluindo monarquia, hierarquia social e injustiça. A teologia da criação, portanto, reflete elementos dessa trajetória real. Certamente, parte da linguagem usada é monarquista (façamos o homem à nossa imagem e semelhança). O papel da humanidade na criação é como de um administrador real, não como um proprietário que pode fazer com ela o que quiser [Von Rad, 2006].

ECOPOLÍTICA NO CONTEXTO PROFÉTICO

A Bíblia não é um livro ecológico, nem conta uma história ecológica. A compreensão de um texto não está somente no contexto ou no pré-texto, mas também pelo

que é silenciado, deixado de fora, e não apenas o que inclui. O assentamento de Canaã pelos povos que compunham os israelitas quase certamente envolveu um desmatamento considerável da região montanhosa de Efraim, Judeia e Galileia. O livro de Josué, capítulo 17, sugere que o desmatamento da floresta era parte integrante do assentamento: Josué disse à Casa de José, a Efraim e Manassés [Kaefer, 2012]. Apesar de tais danos generalizados ao que agora é considerado vegetação ecologicamente importante, esse impacto não está entre os muitos condenados pelos profetas. Com o benefício da retrospectiva e do conhecimento arqueológico, podemos agora reconhecer que a Palestina é, e foi, uma região ricamente diversa, sendo uma estreita faixa de terra topograficamente e geograficamente diversa na interface de quatro sistemas de vegetação diferentes. Ao contrário dos cultos panteístas e animistas praticados por muitas sociedades tribais, o culto de Israel, como de seu principal culto rival de Baal, era fortemente divorciado da natureza. A teologia ecocêntrica não é originalmente bíblica.

Um aspecto central para a ecoprofecia é que a criação é parte da história da libertação da escravidão da humanidade. Deus é o Deus de todo o cosmos, o Deus da libertação tem a ver com cada criatura, e cada criatura tem a ver com Deus, quer reconheçam isso ou não. A obra de Deus no mundo deve ser vista em e por meio de uma forma universal de relação. A Bíblia tem





como primeiro livro o Gênesis e não Êxodo, no início de sua leitura está a criação e não a redenção, faz da primeira um fator de importância incomensurável. A chave para uma visão profética sobre a criação é que há um criador relacional que fez um mundo relacional, interligado [Reimer, 2007].

Deus livremente entra em relacionamento com suas criaturas. De fato, um relacionamento que vai além de uma aliança com uma pessoa ou uma nação. O Deus relacional criou um mundo no qual todas as criaturas estão inter-relacionadas. A salvação é experimentada tanto por humanos quanto por não humanos. A providência de Deus no deserto frequentemente levou Moisés e outros a fontes de ajuda que já estão disponíveis no mundo da criação.

Na perspectiva eco-profética, a criação de Deus está em risco, nos comportamentos de Israel. Em Jeremias 12, o profeta vincula a terra à criação. Enquanto Deus responde ao luto de Jeremias, Deus também lamenta a angústia que está chegando sobre a terra e o povo [Sicre, 2008]. Os textos bíblicos falam da dependência total da criação em Deus, mas a Bíblia também nos diz que Deus escolheu livremente estabelecer um relacionamento interdependente com a criação.

Deus escolheu livremente ser dependente tanto de humanos quanto de não humanos na promoção dos seus propósitos no mundo. Esta perspectiva está presente no louvor a Deus feito pela criação. Ele observa que a pecaminosidade da humanidade pode contribuir para a poluição atmosférica e que os céus declararão a glória de Deus com menos clareza em um dia de poluição atmosférica do que em outros dias. O cuidado ecológico está diretamente relacionado às possibilidades de louvor da natureza.

A humanidade pode aumentar ou inibir a vocação da natureza para louvar seu Deus.

Deste modo, poderíamos dizer que há um princípio importante na ecoprofecia, a verdade de que a adoração a Deus, a justiça e a bondade da terra estão conectadas. Neste sentido, podemos dizer que o aquecimento global é o julgamento profético da Terra sobre o império do mercado global e sobre o consumo descuidado que ele promove. Fazendo uma interação entre a tradição profética do Antigo Testamento e as descobertas científicas sobre as mudanças climáticas induzidas pelo antropoceno, podemos ver um paralelo entre a crise geopolítica do antigo Israel e a crise ecopolítica que o mundo moderno enfrenta.



Um aspecto central para a ecoprofecia é que a criação é parte da história da libertação da escravidão da humanidade.





No cerne da patologia da crise ecológica está a recusa dos humanos em se ver como criaturas, contingentemente inseridas em redes de relacionamentos com outras criaturas e com o Criador. Essa recusa é a raiz quintessencial do que os teólogos chamam de pecado ecológico.

O papel dos profetas em Israel era principalmente apontar para as consequências de se afastar da revelação de Deus. Jeremias, a quem se pode caracterizar como o primeiro profeta ecológico na história literária e religiosa, aparece em seu livro, especialmente sua leitura religiosa das lições oferecidas pela própria terra desolada como julgamentos dados por Deus (Shökel; Sicre, 2004).

Textos importantes são também a profecia em Oseias 4,1-3, mostrando a relação entre bênção, maldição e natureza, e textos mostrando respeito pela natureza, especialmente pelos cedros do Líbano, como trata Oseias 14,4-7. Ele também pode apontar o fato de que a descrição da salvação é retratada como a restauração da natureza nas profecias de Isaías 35; 65,20ss., e Ezequiel 47. Um poema como o Salmo 72 mostra a combinação de retidão e bem-estar da natureza (Shökel; Sicre, 2004).

O papel profético maior é endereçado para a própria Terra, quando o Planeta transmite sua mensagem por meio das inundações no sul do Brasil e na seca dos rios da Amazônia. Ela é como um Jeremias dos dias atuais. Como Jeremias, ela interpreta o colapso ecológico e a tragédia humana relacionada como julgamento de Deus. E como

o profeta, ela também oferece esperança de redenção na forma de confissão, restituição e arrependimento.

Dessa forma, na Bíblia, especialmente no Antigo Testamento, a terra desempenha um papel positivo na discussão ecológica. Ela mostra maneiras de resolver os problemas. Da meditação sobre Gênesis 1, aprendemos que não é a humanidade, mas o sábado que é a coroa da criação de Deus. Em Gn 2, conta-se a história da natureza imperfeita, enquanto as leis alimentares são uma referência à criação ideal, como foi pretendida por Deus. As leis nos ensinam respeito ao sangue, nos alertam contra abuso de poder, a buscar pureza e unidade. Uma leitura ecoprofética da Torá também pode ajudar-nos a encontrar a atitude certa, na busca por soluções, e o conhecimento das principais fontes de nossa cultura ancestral, nos permite evitar a arrogância e o cinismo (Von Rad, 2006).

A ECOPROFECIA DO MOVIMENTO DE JESUS – MARCOS

O movimento que se formou em torno de Jesus de Nazaré durante a última parte de sua vida e as décadas seguintes à sua morte também é um movimento profético. O evangelho de Marcos é a documentação mais antiga desse movimento; o escritor do Evangelho busca posicionar o documento dentro da tradição da profecia apocalíptica. Metade de todas as citações em Marcos são de escritos proféticos, excluindo Daniel –





principalmente os profetas posteriores que adotaram a forma apocalíptica [Myers, 1992]. No prólogo introdutório de seu evangelho, Marcos cita uma fusão de Êxodo 23,20 e Mt 3,1a e a atribui a Isaías, em que Jesus é apresentado como o sucessor desses profetas. No evangelho de Marcos, como no livro de Amós, as mudanças nos sistemas ecológicos foram condenadas porque exploravam os pobres que forma a base de uma ecoteologia profética.

Politicamente, a Palestina do primeiro século é complexa, com ocupação romana, governo direto na Galileia, indireto na Judeia, camadas adicionais de bases de poder, níveis de retentores, sumos sacerdotes fantoches, partidos comprometidos, cada grupo tentando equilibrar a complexidade das lealdades em relacionamentos clientelistas. Essa complexidade aumentou a pressão sobre os pobres, cuja carga tributária seria necessária para sustentar uma burocracia mais complexa e corrupta. Ao mesmo tempo, esse período é de intenso conflito político com vários partidos rivais colaboracionistas, reformistas, oposicionistas e revolucionários, levando ao estabelecimento de um governo nacionalista revolucionário em Jerusalém, controlado, após lutas internas de poder, pelo partido Zelota, e finalmente entrando em colapso em 70 com o saque da cidade e a destruição do templo [Meier, 2003].

Voltemos nossa atenção para Mc 2, 23-28, sob à luz da discussão sobre a colheita de espigas de trigo no Sábado. A narrativa é descrita como uma façanha provocativa, uma parábola

encenada, da substituição do Sábado pela humanidade [v. 27], e do Filho de Israel pelo Filho da Humanidade. Atenção deve ser dada para a versão aparentemente mundana de “filho do homem” [da humanidade] no dístico no versículo 27-28, comparado com as referências mais diretas ao “Filho do Homem” de Daniel em outras partes do Evangelho. Também a referência de Marcos a Davi, o rei salvador, é como um fora da lei, desonroso e sacrílego. Além disso, o relacionamento entre o Filho do Homem em Daniel 7 ressoa com aquele entre Jesus e seus discípulos, os instigadores dessa façanha. A apresentação de contradições vividas [Messias fora da lei, Filho do Homem, filho da humanidade, eleito de Israel, discípulos selecionados] é vivida em Jesus e seus discípulos, durante sua vida, durante o tempo de Marcos e hoje. Aqui é possível posicionar o movimento de Jesus ao lado da perspectiva profético-libertadora na controvérsia do Sábado – o Sábado é para a humanidade libertada da escravidão do trabalho, que se beneficia da gratuidade da criação e do descanso [Myers, 1992].

A parábola do semeador [Mc 4, 26-29] segue essa busca por uma ecoprofecia no Jesus histórico que interpreta as parábolas agrícolas como uma lição sobre o papel da criação na dinâmica do Reino de Deus. O processo agrícola serviu como um sinal da atividade divina do Reino de Deus. A espera paciente em oposição ao sucesso instantâneo, o cuidado providencial apesar do desamparo humano e a plenitude contra a pobreza e a fome, testemunham uma reversão das experiências normais de uma comunidade camponesa [Jeremias, 2016].





A relação apropriada entre esforço humano, processos naturais e a obra de Deus teria sido assumida pelos camponeses da Palestina de Jesus/Marcos, e, portanto, poderia ser usada para propósitos metafóricos para ilustrar a natureza contraintuitiva do Reino, essa relação precisa ser enfatizada hoje. A agricultura apropriada deve seguir processos naturais [sementes crioulas] e bênçãos divinas que requerem paciência em vez de intervenção intensiva da humanidade, no uso de agrotóxico e modificação genética das sementes.

Seguindo a crítica histórica, a leitura ecopolítica dos evangelhos argumenta que Jesus usa parábolas como um dispositivo pedagógico oral semelhante à Pedagogia do Oprimido, de Freire [1972]. No caso da parábola do semeador [Mt 13, 3-9], isso se concentra em intervenções violentas na prática agrícola – pássaros devorando, sol queimando, espinhos sufocando. O que brota do contexto desta parábola, em sua originalidade, provavelmente foi a oposição violenta à palavra Jesus, feita pelos seus inimigos. A parábola fornece garantias e vislumbres de esperança de que a “colheita” está nas mãos de Deus. O que se pode deduzir é que as parábolas são usadas por Marcos para seu propósito político para os seus leitores, e faz isso para conectar o movimento de Jesus aos movimentos proféticos, como a crítica política de Ezequiel [Myers, 1992].

CONCLUSÃO

A ecoprofecia de nossos tempos tem que enfrentar a questão da intervenção humana para o aumento e a expansão agrícola, no contexto

das lutas pela justiça ambiental. A maioria das injustiças ambientais que ativistas ecológicos estão enfrentando são resultado da intervenção de tecnologias para se apropriar de recursos e aumentar o lucro para os proprietários, sem levar em conta o rastro de destruição deixado pelo uso desses subsídios. O avanço de monoculturas da soja e avanço da agropecuária no cerrado e nas regiões de floresta do Maranhão e do restante da Amazônia são exemplos disso. No mundo moderno, a parábola não parece funcionar da maneira como refletimos aqui, pois sabemos que pássaros podem ser abatidos, pedras aradas e herbicidas aplicados às ervas daninhas, desde que você possa pagar pela tecnologia e não se importe com um futuro envenenado e industrializado. Hoje, podemos até desconfiar dos altos rendimentos do solo bom! As comunidades tradicionais que lutam por justiça ambiental, podem estar mais inclinadas a reconhecer a apropriação de recursos em nome do “desenvolvimento” implícito nos semeadores sendo forçados a terras marginais; também pode reconhecer e desconfiar da intervenção tecnológica. Em ambos os casos, no entanto, a resposta pode ser recuperar a terra ou pelo menos a colheita da terra que pertence de direito ao semeador, à natureza e a Deus, não aos proprietários de terras com sua tecnologia. Para as Comunidades tradicionais, no entanto, com maior distância das causas e resultados da destruição ecológica, a conexão pode ser mais com a explicação de Marcos, focando nas práticas de discipulado de mudança de estilo de vida, morte e assassinato de lideranças, pessoais, e a esperança de que suas lutas possam dar frutos com a ajuda de Deus.





REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Ecologia, grito da terra, grito dos pobres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CASTRO, Ricardo. **Amazônia, novos caminhos nas relações entre homem e mulher**. São Paulo: Paulinas, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2016.

KAEFER, J. A. **Arqueologia das terras da Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2012.

MYERS, C. **O Evangelho de São Marcos - Grande Comentário Bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1992.

REIMER, I. R. Bíblia e Criação. In: BEOZZO, J. O. [org.]. **Curso de Bíblia, ano XX: Ecologia: cuidar da vida e da integridade da criação**. São Paulo: Ed. Paulus, 2007.

SHÖKEL, L. A.; SICRE, J. L. D. **Profetas I**. São Paulo: Paulus, 2004.

SICRE, J. L. **Profetismo em Israel. O Profeta. Os Profetas. A Mensagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Aste, Targumin, 2006.

WESTERMANN, C. **Genesis**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag [Biblicher Kommentar Altes Testament I/1], 1974.



IGREJA NA AMAZÔNIA:

Em busca de uma evangelização encarnada



Elisângela Maciel¹

RESUMO

O presente artigo apresenta de forma introdutória aspectos da trajetória da Igreja Católica passando do Padroado à Romanização, e se concentra na segunda metade do

século XX, quando o Episcopado brasileiro se manifesta de forma diferenciada, demonstrando mais inserção e consciência em relação às questões referentes à Amazônia.

INTRODUÇÃO

A Igreja se faz presente na Amazônia desde o início da colonização, como um instrumento de evangelização e ao mesmo tempo de domínio, conectada à Coroa Portuguesa pelo Sistema de Padroado, que lhe garantia as benesses de uma aliança que lhe assegurava a catequização, mas também a submetia à autoridade e

¹ Doutora em História Social da Amazônia (UFPA), com ênfase em História da Igreja na Amazônia; Professora e Coordenadora de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade Católica do Amazonas; Associada do CEHILA; Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Religiosidades Pan-Amazônicas, e do GTHI.



vontade da Coroa. Como parte da colonização, os missionários enviados para esta vasta região passaram a cuidar também dos aspectos econômicos, que tinham como principal elemento o uso da mão de obra escrava indígena. Na segunda metade do século XIX, de forma mais efetiva, a atuação da Igreja se deu aos moldes da romanização, europeizando e padronizando o Catolicismo na região, suprimindo a escassez de padres em um imenso território.

Dom Macedo sonhava que a presença do Catolicismo chegasse a toda a região. Idealizou e pôs em prática o Cristóforo, um barco que passou a percorrer todos os rios da Amazônia levando Cristo e semeando a fé. O Cristóforo diagnosticava o vazio espiritual da região, e despertava novas vocações, também denunciava a exploração sofrida pela população, principalmente nos seringais.

O Cristóforo era a Igreja em movimento pela imensidão dos rios [A Reação, 1946]. Para construir uma civilização cristã, Dom Macedo queria solidificar a moral e a intelectualidade, para tanto o fortalecimento dos seminários era fundamental, de onde saíam as lideranças sacerdotais, e, para tanto, ele escolhia os jovens vocacionados e os acompanhava durante a formação. Anos depois, um de seus pupilos, Dom Frederico Benício de Souza Costa, se tornou o 2º bispo da Diocese de Manaus [1907-1913], levou adiante o objetivo de conhecer mais a região para melhor evangelizar; dentre as suas visitas pastorais destaca-se a que foi direcionada para os rios Negro e Solimões, em 1908.

Esses dois bispos, Dom Macedo e Dom Frederico, embora em um contexto de endurecimento da romanização, iniciaram um processo de preocupação e necessidade de uma evangelização que penetrasse mais profundamente na vastidão amazônica, mas que fosse observadora da realidade e denunciasse tudo que ferisse as populações locais, portanto, lançaram sementes de uma evangelização diferenciada. Da década de 1950 em diante, o Episcopado brasileiro entra numa nova fase, como veremos a seguir.

AÇÕES E POSTURA DA IGREJA DOS TEMPOS COLONIAIS À ROMANIZAÇÃO

O Padroado gerou um entrelaçamento de interesses entre Igreja e Coroa, garantindo alma e territórios; com a justificativa de salvação a conquista foi avassaladora. A presença colonizadora da Igreja a partir da ação missionária, marcou, segundo Sarah Araújo, o domínio espiritual das populações, criando uma hierarquia na região, passando por colonos e escravos, que deram o tom da colonização portuguesa na Amazônia [Araújo, 2021, p. 279]. Assim, a Era Missionária [1686-1759] constituiu também uma empreitada comercial e escravista.

No século XVIII a colonização utilizou outras estratégias de consolidação. Em 1719 foi criada a Diocese do Pará, iniciando a estruturação eclesiástica da região. O Diretório Pombalino [1757] estabeleceu, segundo Stephanie Vale [2021, p. 313], um novo ordenamento com a “elevação dos aldeamentos missionários à categoria de vilas com câmaras e seus vereado-





res e juizes ordinários indígenas era parte dessa nova leitura colonizadora”. A autora destaca ainda que o Diretório estabeleceu regras que deixaram marcas profundas da fase colonial: famílias nucleares, casas em padrão europeu, casamentos monogâmicos, aldeia ao redor da praça com igreja e cruz [2021, p. 323]. Importante dizer, ainda, que a imposição da língua portuguesa se faz cada vez mais forte a partir desse contexto, e que todas essas mudanças marcam a expulsão dos Jesuítas desta região em 1759.

O século XIX foi sacudido por transformações mundiais, entre elas o grande embate entre a Igreja Católica e a modernidade, direcionando para a congregação do mundo católico ao redor do Papa, e fortalecimento do Catolicismo como modelo de civilização. Pio IX [1846-1878] promulgou os dogmas da Imaculada Conceição [1854] e da Infalibilidade Papal [1870], convocou o Concílio Vaticano I [1869-1870], mostrando que a Igreja se manteria firme; foi um período de endurecimento e de reforma interna. No Brasil não foi diferente, ocorreu a transição do Padroado para a Romanização, permeado por embates e tensões crescentes [Maciel, 2023].

A romanização primou pela padronização do Catolicismo, europeização e modelo centralizado de devoção. É nesse enquadramento que as novas dioceses, nascidas com a chegada da República, que se inserem as circunscrições eclesiais na Amazônia:

Diocese de Manaus [1892]², Prelazia de Santarém [1903], Arquidiocese de Belém [1906]. Cito aqui apenas as mais próximas do período de transição [Maciel, 2014].

A República acabara de despontar, e, diferentes das previsões negativas dos bispos, os sinais que se apresentavam eram de liberdade para a Igreja Católica, que acabava de ganhar novas dioceses. E, ao longo do século XX, a Igreja soube aproveitar essa liberdade e multiplicou o número de dioceses e prelados pelas regiões brasileiras [Maciel, 2024].

IGREJA DIANTE DA AMAZÔNIA: A VIRADA DE CONSCIÊNCIA

A 16 de fevereiro de 1952, pela bula *Ob Illud*, do Papa Pio XII [1939-1958], Manaus foi elevada à Arquidiocese. A bula inicia dizendo que “[...] a ereção de uma nova província eclesial na amplíssima região do Amazonas, na República Brasileira, pareça de muito proveito para o incremento da religião cristã [...]” [Pio XII, 1952].

A instalação da Segunda Província Eclesial da Amazônia se deu a 2 de julho de 1952, na abertura do II CERA [Congresso Eucarístico Regional da Amazônia]. Durante o II CERA ocorreu o Primeiro Encontro dos Prelados da Amazônia, fortalecendo a espiritualidade, os laços e a articulação entre eles. Esse conjunto de prelados, filhos das gerações do Episcopa-

2 Em 1892, o Papa Leão XIII apresentou para o mundo a bula *Ad Universas Orbis Ecclesias* que configurava o Brasil em duas Províncias Eclesiais, Salvador e Rio de Janeiro, e criava quatro dioceses: Paraíba, Niterói, Curitiba e Manaus.





do que pós separação Igreja e Estado, efetivaram a nova configuração da Igreja no Brasil com a expansão das dioceses, se encontravam em uma nova fase eclesial, que caminhava para a colegialidade expressa na criação da CNBB, em 1952. O Primeiro Encontro dos Prelados da Amazônia aconteceu, com a presença de Dom Hélder Câmara, foi um momento importante de reflexão e de apontamento das questões da Amazônia, alguns meses antes da oficialização da CNBB.

O Encontro marcou o início de um caminhar da consciência sobre a região. Para Dom Cláudio Hummes este foi um momento marcante, quando pela primeira vez “o grito dos Bispos da Amazônia ecoou pelo Brasil e pelo mundo, e, desde então, cresce a consciência de que a evangelização, nesta vasta região brasileira, é responsabilidade de toda a Igreja no Brasil” [CNBB, 2014, p. 7]. Em 1954, a 26 de janeiro, ocorreu o Segundo Encontro, com a presença da CNBB por meio de Dom Hélder Câmara, diante do enfrentamento da realidade amazônica. A Igreja começava lentamente a perceber a diversidade amazônica não apenas em seu bioma, mas especialmente em suas populações. Os projetos do Governo para a região aparecem como principal preocupação dos prelados, especialmente a SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia) e os recursos destinados à continuidade da presença missionária na região [Maciel, 2023].

No Terceiro Encontro dos Prelados aparece a cobrança do recurso da SPVEA que não estava sendo repassado para Dioceses e Prelazias,

a solicitação de criação de novas Prelazias, a formação do clero indígena, e o reforço da solicitação da criação de um Centro Missionário, que já fora proposto no Primeiro Encontro. Nesse contexto, a Província Eclesiástica de Manaus era composta de uma Arquidiocese e nove Prelazias, ocupando metade da Amazônia, e sem os recursos do Governo, aumentaria a escassez de alimentos e transporte para a manutenção das missões [Maciel, 2023].

A década de 1950 representou uma virada na forma de concepção da Igreja sobre a Amazônia e a sua forma de se relacionar com ela. Os Encontros dos Prelados contribuíram para um novo olhar sobre a região. Como um dos resultados das solicitações dos Bispos da Amazônia, foram criadas novas Prelazias, além de outros projetos para a região.

DESAFIO A PARTIR DE SANTARÉM

A década de 1960 foi sacudida pelo Concílio Vaticano II [1962-1965], tendo como ponto de partida o *aggiornamento*, movimentando a Igreja internamente e na sua relação com o mundo. E, a resposta da América Latina veio do II CELAM [Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho], de Medellín [1968], destacando a opção preferencial pelos pobres e as CEBs, na luta por uma identidade latina e uma inserção maior na realidade do povo. A Igreja na Amazônia, que começara a se movimentar na década anterior, enfrentava os desafios da imensa região, que foram ampliados com a introdução dos vários projetos de exploração implantados pelo Estado ditatorial brasileiro, a partir de 1964.





A criação do Regional Norte 1 da CNBB e da CRB [Conferência dos Religiosos do Brasil] ocorreu em 1966; eram tempos de Ditadura Militar, e a Igreja marcava assim sua posição na Amazônia. Os bispos realizaram sua primeira Assembleia em janeiro de 1967, tendo como ponto principal a discussão sobre o Vaticano II e sua aplicação na realidade amazônica, refletindo sobre os inúmeros desafios que se apresentavam na região³. A criação dos Regionais Norte 1 e 2 demonstrava a crescente preocupação com a Amazônia e a busca de uma conexão com todas as faces que compõem a Igreja no Brasil.

O IV Encontro dos Bispos da Amazônia ocorreu em 1972, em Santarém, considerando o marco definitivo da tomada de consciência da Igreja da Amazônia, que levou adiante o lema “Cristo aponta para a Amazônia”, frase do Papa Paulo VI, pronunciada naquele ano, por ocasião do Círio de Nazaré. O Documento de Santarém passou a nortear e impulsionar as Assembleias e as ações da Igreja na Amazônia. O Encontro fez um balanço dos principais problemas que assolavam a região, aprontando as estruturas inadequadas e o desenvolvimento econômico desigual, marginalizações e violação de direitos humanos, como a posse da terra, e propagandas que distorcem a realidade local.

A partir desse diagnóstico as linhas prioritárias foram traçadas: encarnação na reali-

dade, com a exigência de total entrosamento com a realidade das populações locais e com o lugar onde estão inseridas; evangelização libertadora, sempre no exercício do anúncio e da denúncia de tudo que afete a dignidade e a liberdade da pessoa humana; formação de agentes de pastoral; CEBs; pastoral indígena, analisando toda a situação indígena e os rumos das atividades indígenas a partir do CIMI; estradas e frentes pioneiras; serviços; instituto de pastorais. O Documento termina afirmando que Cristo ao apontar para a Amazônia, aponta também para os humildes vigários que são seus instrumentos nessa região [CNBB, 2014].

A Assembleia dos Bispos realizada em Manaus [1974] seguiu as linhas prioritárias de Santarém. Nos anos que se seguiram, a Amazônia entrou ainda mais no circuito do capital internacional, além da exploração empreendida pelo próprio Estado militar brasileiro, com a implementação de projetos industriais, abertura de estradas, disputas de terras, e tantas outras formas exploratórias da região amazônica. A Assembleia de 1974, além de reconhecer a emergência das causas da Amazônia, serviu de preparação para a realização do IX Congresso Eucarístico Nacional, ocorrido em Manaus [1975], que teve por lema “Repartir o Pão”.

Na Assembleia de Icoaraci, 1990, os bispos se posicionaram em defesa da vida na Amazônia, pontuando as questões do meio ambiente e dos Povos Indígenas, denunciando os problemas oriundos dos latifúndios e das hidrelétricas. Em 1997, a Assembleia ocorreu em Manaus, celebrando os 25 anos de Santa-

3 Relatório Encontro de Prelados, 1967.





rém e refletindo sobre os caminhos da Amazônia. O Documento de 1997, “A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia”, pede perdão aos Povos Indígenas e a todos os pobres do campo e da cidade pela omissão e convivência com a violência, e pela agressão à criação. Apesar de a Igreja não se inserir entre os agressores, e ainda não se reconhecer como uma das colonizadoras que tantos males causou nesta região, este Encontro de 1997 representa um grande esforço, um grande passo na luta pela Amazônia, aparecendo pela primeira vez, no documento final, em consonância com Medellín e Santarém, a construção de uma Igreja com rosto amazônico [Oliveira; Guidotti, 2000].

Em 1999, a Assembleia ocorreu em Itaici, SP, tendo como ponto central a missionaridade, e os bispos apresentaram a proposta de igrejas irmãs e reafirmaram que a Amazônia é terra de missão, denunciando o massacre dos Povos Indígenas, a biopirataria e a privatização das águas da Amazônia. Em 2004, em Manaus, os pontos de discussão levantados pelos bispos foram diversidade, migrações, e a preocupação com a extinção dos Povos Indígenas. Em 2007, aos 35 anos de Santarém, mais uma vez em Manaus, os bispos trataram do meio ambiente, dos indígenas, dos ribeirinhos, dos qui-

lombolas. Em 2012, celebrados os 40 anos de Santarém, a Assembleia, realizada em Manaus, tratou do tráfico de drogas, armas, migrações e urbanização. Em 2013, em Manaus, ocorreu o I Encontro da Igreja Católica na Amazônia, para tratar do crescimento de igrejas evangélicas e dos sem religião, dos grandes projetos, da reforma agrária, do tráfico de pessoas e de drogas [CNBB, 2014].

Papa Francisco, expressando preocupação com tudo que afeta e causa destruição à obra da criação, convocou a todos os habitantes do Planeta para ingressarem na luta pela defesa da Casa Comum, em sua Encíclica *Laudato Si'* [2015]. E, a partir dessa imensa reflexão e convocação iniciou-se a preparação para o Sínodo da Amazônia, partindo da inquietação provocada pelo Papa Francisco: “A Igreja está

na Amazônia não como aqueles que têm as malas na mão para partir depois de terem explorado tudo o que puderem” [Hummes, 2018, np.]. A Igreja na Amazônia precisa de fato continuar o processo de encarnação.

O anúncio do Sínodo da Amazônia se deu a 15 de outubro de 2017, com convocação para o primeiro encontro, ponto de partida, em Puerto Maldonado, Peru, em janeiro de 2018. Houve um grande processo de escuta que culminou no *Instrumentum Laboris* [2018],



A década de 1950 representou uma virada na forma de concepção da Igreja sobre a Amazônia e a sua forma de se relacionar com ela.





levado para a discussão dos 283 participantes do Sínodo da Amazônia, em outubro de 2019, em Roma, que foi presidido pelo Papa. Para Celestino Ceretta, que foi um dos participantes, o Sínodo para a Amazônia “[...] foi uma abertura das portas e um acender de luzes para a evangelização e para a sobrevivência humana no planeta [...] um evento de esperança e renovação para a Igreja e para a humanidade [...]” [2021, p. 92].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo fez um rápido balanço da história da presença da Igreja na Amazônia, destacando a atuação dos bispos a partir da década de 1950, com o início da tomada de consciência sobre a Amazônia a partir de Santarém em 1972. Para tanto, menciono nestas considerações finais apenas alguns pontos dos últimos Documentos que tratam da Amazônia, para reforçar o que foi traçado na caminhada das últimas décadas: A Querida Amazônia [Francisco, 2020], Documento resultante do Sínodo da Amazônia; e O Documento de Santarém 50 Anos – gratidão e profecia [CNBB, 2022].

A partir de Santarém [1972], com a exigência da encarnação na realidade e de uma Igreja libertadora, o movimento passa a ser duplo, ao mesmo tempo que a Igreja se conscientiza que precisa ser parte da Amazônia e lutar por ela, precisa, também, se desprender de sua perspectiva colonizadora e clericalista, algo tão enraizado que requer um tempo longo e contínua luta para romper. E, a Igreja se move de forma lenta, nem sempre acompanhando

ou percebendo as necessidades da região no tempo devido. O movimento interno é tão importante quanto o de inserção na região, aliás um depende do outro.

Por ocasião do Encontro de Santarém, a CNBB já contava com o Regional Norte 1 e Norte 2, ambos iniciando suas atividades oficiais em maio de 1967. Com o avançar das necessidades e fruto de muitos debates, nasceram as demais circunscrições eclesiais da Amazônia: o Nordeste 5, em janeiro de 1991; o Noroeste 1, em junho de 2001; e o Regional Norte 3, em abril de 2013. Este último com uma configuração muito específica, pois abarca Tocantins, Pará e Maranhão.

Inúmeros são os desafios da Igreja em uma imensa região, cada vez mais impactada pela cobiça e exploração desenfreada. E, diante desse cenário, implantar o projeto de sinodalidade requer uma longa caminhada, que passa primeiramente pela compreensão das inúmeras realidades constitutivas da região e a busca efetiva da sintonia no interior da Igreja, entrelaçada com o sentimento de pertencimento e luta pela Amazônia. Em 50 anos, muito se refletiu e muitas ações foram propostas, mas ainda há um longo caminho a percorrer. Os sonhos do Papa Francisco expressos na Querida Amazônia, nos convocam a darmos passos mais incisivos, num processo de conversão da própria Igreja: sonho social; sonho eclesial; sonho cultural; sonho ecológico.

O Documento de Santarém 50 Anos, assume os sonhos apresentados na Querida Amazônia, falando de rostos amazônicos, para fazer valer





a inculturação e a interculturalidade. Ocorrida dois anos após o Sínodo para a Amazônia, a Assembleia comemorativa dos 50 anos de Santarém, cobra a implantação dos encaminhamentos pós-sinodal e, dentre as linhas prioritárias aparece a preocupação com as dimensões amazônicas, suas múltiplas realidades, com a diversidade de povos e culturas, e com uma Igreja que não consegue estender seus braços a todos os cantos da Amazônia, por isso, aponta para a urgência de repensar os ministérios e seus membros, trazendo novamente, como uma das questões, a reflexão sobre o lugar das mulheres na Igreja da Amazônia (CNBB, 2022).

Portanto, urge a continuidade da busca por uma evangelização encarnada na realidade amazônica, e que a Igreja demonstre de forma concreta como pretende caminhar com aqueles que vivem e travam diariamente lutas pela preservação, a luta pela vida, em suas variadas formas, a luta pela dignidade. E que se torne cada vez mais uma Igreja irmanada com todos os povos amazônicos, uma Igreja com rostos amazônicos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Sarah dos S. **Imaginário e medo na catequese indígena – análise a partir da ação missionária na Amazônia portuguesa**. 2021. In: FERREIRA, A. da S.; MACIEL, E. História, Cultura, trabalho e Instituições na Amazônia. Manaus: Valer, 2021.
- CERETTA, Pe. Celestino. **Sínodo para a Amazônia: reflexões de um participante**. Santa Maria: Biblos, 2021.
- CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Desafio Missionário – Documentos da Igreja na Amazônia – Coletânea**. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Documento de Santarém 50 Anos: gratidão e profecia**. Brasília: Edições CNBB, 2022.
- FRANCISCO, Papa. **Encíclica Laudato Si', sobre o Cuidado da Casa Comum**, 2015.
- FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Querida Amazônia. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Documentos da Igreja**. São Paulo: Paulus Editora, 2020.
- HOORNART, Eduardo. **O Cristianismo Amazônico**. In: MACIEL, E. História da Igreja na Amazônia [org.]. Vozes/CEHILA, 2024.
- HUMMES, Cláudio. **Desafios evangelizadores na Amazônia**. Vida Pastoral, ano 59, n. 320, abr. 2018.
- MACIEL, Elisângela. **Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926)**. Manaus: Valer, 2014.
- MACIEL, Elisângela. **Do Tibre ao Amazonas: a romanização serpenteia a Igreja de Manaus (1916-1958)**. 2023. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, UFPA, Belém, 2023.
- MACIEL, Elisângela. **História da Igreja na Amazônia: presença e encarnação**. In: PERETTI, C.



[org.]. **A Amazônia e o Futuro da Humanidade: povos originários, cuidado integral e questões ecossociais**. São Paulo: Paulinas, 2024.

OLIVEIRA, José A. de; GUIDOTTI, Pe. Humberto [orgs.]. **A Igreja arma sua tenda na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2000.

PIO XII, Papa. **Bula Ob Illud do Santo Padre o Papa Pio XII, criando a Nova Arquidiocese de Manaus**. 16 de fevereiro de 1952.

RELATÓRIO ENCONTRO DE PRELADOS, 1967.

VALE, Stephanie L. do. **A ocupação urbana na capitania do Pará: planejamento dos territórios portugueses no período pombalino**. In: FERREIRA, A. da S.; MACIEL, E. História, Cultura, trabalho e Instituições na Amazônia. Manaus: Valer, 2021.



Relato de Experiência Extensionista realizada em um Parque Aquícola localizado em Lajeado Tocantins



Gislaine de Andrade Abreu, Kedma Nayra da Silva Marinho Botelho, Ila Raquel Mello Cardoso, Marcio Ferdinando de Figueiredo Gonçalves, Andrea Carla Alves Borim e Mariana Lacerda Barboza Melo¹

RESUMO

A bacia do rio Araguaia sustenta os ecossistemas e algumas atividades econômicas, como a pesca artesanal, essenciais para

a renda e a identidade cultural de muitas famílias, porém o Cerrado e a Amazônia enfrentam graves desafios socioambientais relacionados à sustentabilidade. Este trabalho refere-se a um relato de experiência de um projeto de extensão desenvolvido no Parque Aquícola de Lajeado - TO, que foi apresentado no V Encontro de Ecoteologia, cujo tema foi: "Olhar para o Cerrado-Amazônico". O evento buscou promover o diálogo entre saberes ancestrais e as realidades socioambientais que impactam os biomas do Cerrado e da Amazônia. Este projeto extensionista teve como objetivo

¹ Centro Universitário Católica do Tocantins - UniCatólica, Curso de Zootecnia.





realizar atividades práticas no Parque Aquícola do município de Lajeado do Tocantins, por meio de dia de campo dos pescadores na Fazenda Escola, na Unidade II do UniCatólica e capacitação dos piscicultores locais, com foco na produção sustentável de peixe em tanques elevados e sistemas de circulação fechada. Durante as oficinas, a acadêmica e bolsista do curso de Zootecnia teve a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula na sua própria comunidade pesqueira, lembrando que a mesma, além de ser acadêmica, é pescadora do Parque Aquícola de Lajeado. Com estas atividades práticas a população ribeirinha recebeu orientações técnicas de professores e especialistas, por meio de compartilhamento de conhecimentos teóricos e práticos sobre piscicultura sustentável, uma abordagem essencial para a preservação ambiental e o fortalecimento econômico da região. Os resultados obtidos neste projeto foram apresentados em uma Oficina do V Encontro de Ecoteologia. Neste evento a acadêmica e seus pais apresentaram os benefícios adquiridos, tais como: orientação técnica aos piscicultores, disseminação de práticas produtivas mais ecológicas e resilientes frente aos desafios socioambientais enfrentados pelo Cerrado e Amazônia. Este projeto demonstrou ações de promoção do bem-viver dos pescadores, de melhoria da produtividade e de aumento de renda, devido à interface entre comunidades acadêmicas e as necessidades da população

local. Este projeto extensionista demonstrou o potencial transformador da extensão universitária na promoção de práticas produtivas sustentáveis.

INTRODUÇÃO

A bacia do rio Araguaia abriga ecossistemas e atividades econômicas que se desenvolvem entre os biomas Cerrado e Amazônia. Ao longo de seu curso, a pesca artesanal garante trabalho, renda, segurança alimentar e preserva a identidade cultural de milhares de famílias [Prysthon et al., 2022]. O Cerrado e a Amazônia enfrentam ameaças socioambientais que desafiam a sustentabilidade dos seus biomas.

O rio Araguaia, localizado na região Norte, concentra cerca de 40% dos pescadores artesanais do Brasil. No entanto, a produção pesqueira do Tocantins é pouco significativa no cenário nacional. O estado ocupa a 24ª posição na produção por pesca extrativa, sendo que em 2012, o Tocantins registrava 7.033 pescadores, representando apenas 0,7% do total no país [Brasil - MPA, 2013].

O nível tecnológico nas pescarias artesanais tem sido historicamente limitado, em grande parte devido à baixa renda dos pescadores e à insuficiência de políticas públicas adequadas para atender às necessidades desse setor. Como resultado, há um elevado índice de desperdício ao longo da cadeia produtiva e um conhecimento limitado sobre o impacto da atividade nos estoques pesqueiros [Prysthon et al., 2022].





Este trabalho refere-se a um relato de experiência de um projeto de extensão desenvolvido no Parque Aquícola de Lajeado - TO, que foi apresentado no V Encontro de Ecoteologia, realizado com o tema: “Olhar para o Cerrado-Amazônico”. O evento buscou promover o diálogo entre saberes ancestrais e as realidades socioambientais que impactam os biomas do Cerrado e da Amazônia. Este projeto extensionista teve como objetivo realizar atividades práticas no Parque Aquícola do município de Lajeado do Tocantins, por meio de dia de campo dos pescadores na Fazenda Escola, na Unidade II do UniCatólica e capacitação dos piscicultores locais, com foco na produção sustentável de peixes em tanques elevados e sistemas de circulação fechada.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

Durante as oficinas, a acadêmica e bolsista do Curso de Zootecnia pôde aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula diretamente em sua comunidade pesqueira. Além de estudante, ela é pescadora no Parque Aquícola de Lajeado, sendo que sua família depende da pesca para sustento.

Por meio dessas atividades práticas, a população ribeirinha recebeu orientações técnicas de professores e especialistas sobre piscicultura sustentável, promovendo a preservação ambiental e o fortalecimento econômico da região.

Os resultados obtidos neste estudo foram apresentados em uma Oficina do V

Encontro de Ecoteologia. As atividades realizadas no projeto proporcionaram aos piscicultores uma compreensão mais aprofundada sobre os métodos de produção de peixe respeitando o meio ambiente, ao mesmo tempo em que potencializam a produção. Durante a visita técnica ao Parque Aquícola, os pescadores puderam observar o funcionamento do sistema de tanques elevados, destacando-se a importância de práticas sustentáveis e economicamente viáveis.

O dia de campo na Fazenda Escola, Unidade II do UniCatólica, foi uma oportunidade para demonstrar a aplicação prática dessas técnicas, o que gerou uma rica troca de conhecimentos entre acadêmicos, professores, especialistas e os piscicultores.

As oficinas práticas fortaleceram o entendimento sobre a importância da circulação fechada na mitigação dos impactos ambientais, especialmente no uso racional da água. Outro ponto de destaque foi a valorização dos saberes locais e o diálogo contínuo com os pescadores da região, o que contribuiu para a formulação de soluções mais integradas às realidades socioambientais do Cerrado e da Amazônia.

Neste evento a acadêmica e seus pais apresentaram os benefícios adquiridos neste projeto de extensão, como orientação técnica aos piscicultores, disseminação de práticas produtivas mais ecológicas e resilientes frente aos desafios socioambientais enfrentados pelo Cerrado e a Amazônia.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto extensionista demonstrou o potencial transformador da extensão universitária na promoção de práticas produtivas sustentáveis. As oficinas e visitas técnicas proporcionaram aos piscicultores locais um novo olhar sobre a piscicultura, alinhando produção econômica e sustentabilidade ambiental.

A participação no V Encontro de Ecoteologia evidenciou a importância do diálogo entre o saber acadêmico e o conhecimento tradicional, fortalecendo o compromisso do UniCatólica com o desenvolvimento regional e a preservação dos biomas do Cerrado e da Amazônia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MPA. **Ministério da Pesca e Aquicultura. Boletim do registro geral da atividade pesqueira – RGP 2012.** Disponível em: <https://www.gov.br/mpa/pt-br/assuntos/cadastro-registro-e-monitoramento/painel-unificado-do-registro-geral-da-atividade-pesqueira>. Acesso em: 10 out. 2014.

PRYTHON, Adriano et al. **A pesca artesanal no rio Araguaia, Tocantins, Brasil: aspectos tecnológicos e socioeconômicos.** Editora e-Publicar, 2022. Doi: 10.47402/ed.ep.b202211590252



Mudanças Climáticas, o Cerrado e o Tocantins



Paulo Rogerio Gonçalves¹

Pan-Amazônica [REPAM-Brasil] e Universidade
Católica de Palmas [UniCatólica].

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar as mudanças climáticas que estão afetando o Cerrado, bioma presente no estado do Tocantins, com alterações nos padrões de temperatura e precipitação pluviométrica. Provocando secas intensas, afetando a agricultura e os recursos hídricos do estado. Este estudo foi apresentado no V Encontro de Ecoteologia organizado pela Rede Eclesial

Aqui chovia muito, quando era em setembro já tinha chuva, antes de São Miguel né, quando era pelas novenas já tinha muita chuva, córrego já cheio, tinha vez que algum ano desse daí falhava, mas chovia o tempo todo, as chuvas, os corgos era cheio, cheio, cheio mesmo. De 2000 pra cá deu pra secar, e foi secando².

¹ Técnico - Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins/APATO - TO.

² Constantino Fernandes Pinheiro, liderança da comunidade quilombola Baião, estado do Tocantins.





INTRODUÇÃO

O clima vem mudando no mundo, no Brasil e no estado do Tocantins. Um dos principais motivos é a emissão de gases de efeito estufa. O Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG), que é uma iniciativa do Observatório do Clima, apresentou no relatório “Análise das Emissões de Gases de Efeito Estufa e suas implicações para as metas climáticas do Brasil, 1970-2020”, lançado em 2023. De acordo com este Relatório,

O Brasil emitiu 2,4 bilhões de toneladas brutas de gases de efeito estufa em 2021, um aumento de 12,2% em relação a 2020, quando o país havia emitido 2,1 bilhões de toneladas. É o maior aumento de emissões em quase duas décadas, superado apenas por 2003, quando as emissões cresceram 20% e atingiram seu pico histórico. A aceleração é mais do que duas vezes superior à média mundial estimada para o mesmo ano. A alta do desmatamento, sobretudo na Amazônia, foi a principal responsável pelo aumento de emissões. Em 2021, a poluição climática causada pelas mudanças de uso da terra subiu 18,5%. A destruição dos biomas brasileiros emitiu 1,19 bilhão de toneladas brutas de CO₂ equivalente [GtCO₂ e] no ano retrasado – mais do que o Japão inteiro –, contra 1 bilhão de toneladas em 2020. No setor de energia, a alta de emissões também foi de 12,5%, o maior salto em 50 anos. Foram emi-

tidas 435 milhões de toneladas, contra 387 milhões em 2020. A alta se deve à retomada da economia no pós-Covid, mas também a uma seca extrema que prejudicou a geração das hidrelétricas e a uma queda no uso de etanol. O setor de processos industriais e uso de produtos também registrou alta, de 155,4 milhões de toneladas de CO₂ equivalente [MtCO₂ e] em 2020 para 169,9 MtCO₂ e em 2021. No setor de agropecuária, a alta de emissões foi de 3,8%, chegando a 601 milhões de toneladas de CO₂ equivalente, contra 579 milhões de toneladas em 2020. É o maior incremento percentual desde 2004 (aumento de 4,1%) e representa emissões maiores que as da África do Sul. O setor de resíduos registrou uma oscilação para baixo em suas emissões pela primeira vez na história: em 2021, o setor foi responsável pela emissão de 91,12 milhões de toneladas de CO₂ e, uma queda de 0,12% em relação ao ano anterior. Essa discreta redução está, em grande parte, relacionada com o aumento da queima ou recuperação energética de metano (CH₄) em aterros sanitários. As mudanças de uso da terra responderam por 49% das emissões brutas de gases de efeito estufa do país em 2021, contra 46% em 2020. Em seguida vêm agropecuária, com 25%, energia e processos industriais, com 22%, e resíduos, com 4% (Potenza et al., 2023).





Ao somar as emissões de gases de efeito estufa relativas a mudanças de uso da terra [49%] com as da agropecuária [25%], constata-se que 74% das emissões são provenientes do agronegócio. Os dados demonstram que o Agronegócio é o principal responsável pelas mudanças climáticas no Brasil.

Na busca de soluções o Brasil construiu várias políticas direcionadas para o enfrentamento das mudanças climáticas: Política Nacional sobre Mudança do Clima (PNMC), Plano de Ação Climática [PAC 2050], Plano de Adaptação e Resiliência Climática (PEARC), Lei 14.904, de 2024 e Plano Clima; infelizmente, os resultados obtidos não estão sendo satisfatórios até o momento.

BIOMA CERRADO

É importante perceber que todos os Biomas do país vêm sofrendo com os impactos das mudanças climáticas. O Bioma Cerrado é um deles. O Cerrado foi formado no período cenozoico, há aproximadamente 40 milhões de anos, infelizmente nos últimos 50 anos perdeu metade da sua cobertura original. Essa situação é o resultado de um conjunto de políticas governamentais federais que incentivaram a expansão das monoculturas do agronegócio sobre o Bioma. Um dos primeiros programas foi o “Programa de Desenvolvimento dos Cerrados – POLOCENTRO”, criado pelo decreto nº 75.320, de 29 de janeiro de 1975, com o “objetivo de promover o desenvolvimento e a modernização das atividades agropecuárias no Centro-Oeste e no Oeste do Estado de Minas Gerais, mediante a ocupação racional de áreas selecionadas, com características de cerrado” (Brasil, 1975).

Depois de alguns anos, em 1979, foi criado o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados – PRODECER, que foi um acordo bilateral entre o Brasil e o Japão. O PRODECER teve como objetivo aproveitar o potencial da região dos Cerrados. Foram implantadas 3 etapas do programa:

PRODECER I - Estabelecido a partir de 1979 nos municípios de Irai de Minas, Coromandel, Paracatu e Paracatu-Entre Ribeiros, no estado de Minas Gerais. Foram incorporados 70 mil hectares do cerrado para o desenvolvimento de tecnologia para a produção de grãos, principalmente milho, soja e trigo. O valor do investimento foi de US\$ 50 milhões. PRODECER II - O projeto foi iniciado em 1985, abrangeu uma área de 200 mil hectares de cerrado nos estados de Minas Gerais, Goiás, Bahia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Os investimentos japoneses foram de US\$ 350 milhões.

PRODECER III – Iniciou sua implantação em 1995, cobre uma área que corresponde a 80 mil hectares nos estados do Maranhão e Tocantins. Foram destinados US\$ 850 milhões, 60% do custeio do programa do governo japonês e o restante do governo brasileiro.

Esse conjunto de políticas e programas direcionados ao Cerrado (POLOCENTRO e PRODECER) acarretaram um intenso conflito agrário e um forte desmatamento, ocasionando grandes mudanças sobre o clima e os estoques de água doce. Segundo o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) do governo Lula, Amazônia e Cerrado concentram a maior parte dos conflitos fundiários no país em 2023. Os conflitos se concentram principalmente em quatro estados – Bahia, Maranhão,





Pará e Rondônia – e estão ligados ao avanço do agronegócio e do garimpo ilegal.

Em relação às mudanças ambientais, destaca-se: aumento de temperatura, alterações no regime de chuvas e, por consequência, do abastecimento de lençóis freáticos e aquíferos, resultando no secamento de nascentes e diminuição da vazão dos rios que têm sua origem no Cerrado.

Segundo dados do INPE/Prodes, o desmatamento no Cerrado aumentou 21% no primeiro semestre de 2023, sendo o maior índice dos últimos cinco anos na comparação com o mesmo período (2.133 km²). Cerca de 80% dos alertas de desmatamento têm origem na fronteira agrícola da região MATOPIBA.

Conforme estudos recentes do MapBiomas, a Bacia do Rio São Francisco, cujos afluentes oriundos do Cerrado correspondem a 80% da sua vazão, perdeu metade da sua superfície de água entre 1985 e 2016. Estudos realizados pelo Instituto Cerrados em 81 bacias hidrográficas do Cerrado, entre 1985 e 2022, constataam que 88% delas tiveram redução da vazão.

Estudos similares desenvolvidos pelos pesquisadores José Almir Cirilo, professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e coordenador da Câmara Técnica de Águas Subterrâneas do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, e Chang Hung Kiang, professor titular da UNESP e coordenador do Laboratório de Estudos de Bacias, apontam para um rebaixamento do nível do aquífero Urucuia.

O desmatamento promovido nos chapadões, que constituem justamente as áreas de recarga do Aquífero, provoca dois efeitos no-

civos que se retroalimentam: de um lado, a tendência de diminuição do volume de chuvas; de outro, uma maior dificuldade de infiltração das águas para os lençóis e aquíferos.

Em relação ao impacto nos rios e aquíferos subterrâneos, diversos estudos apontam que estamos numa situação crítica. A Rede Integrada de Monitoramento das Águas Subterrâneas (RI MAS) criada em 2009 no Serviço Geológico do Brasil (SGB), uma autarquia vinculada ao Ministério de Minas e Energia, identificou que o Urucuia, no Cerrado, e o Bauru-Caiuá, que abrange o Cerrado e a Mata Atlântica, perderam, respectivamente, 31 km³ e 6 km³ de volume de 2002 a 2021. Os gráficos abaixo demonstram essa drástica situação:

No aquífero Urucuia, a irrigação de monoculturas contribuiu para a redução de 31 km³ de volume de 2002 a 2021.

O aquífero Bauru-Caiuá perdeu 6 km³ de água no mesmo período, em uma região de elevado uso para agricultura e abastecimento humano, no oeste de Minas Gerais.

Essa crise da redução dos aquíferos atinge grande parte do mundo. Estudo recente divulgado pela CNN Brasil registra um rápido esgotamento das reservas subterrâneas de água no mundo. Neste estudo foram analisadas milhares de medições do nível das águas subterrâneas de 170 mil poços em mais de 40 países e os resultados obtidos afirmam que os níveis das águas subterrâneas diminuíram entre 2000 e 2022, 71% em 1.693 sistemas aquíferos incluídos na pesquisa, com os níveis das águas subterrâneas diminuindo mais de 0,1 m por ano em 36%, o que corresponde a 617 dos locais analisados.





Essa crise ambiental atinge todos os estados brasileiros. O estado do Tocantins nos últimos 10 anos passou por profundas mudanças, com um forte avanço do desmatamento, o que acarretou grandes impactos ambientais. Segundo o TSE, INPE e IBGE, entre 2010 e 2021, o estado do Tocantins teve um desmatamento de 521 km², um dos estados brasileiros que teve um dos maiores índices de desmatamento.

O desmatamento está conectado à redução das chuvas e ao rebaixamento dos lençóis freáticos e, em consequência, a redução do volume de água dos rios. Segundo o mapa de precipitação média anual do estado, a região sudeste apresenta os menores índices pluviométricos, entre 1.300 e 1.500 mm anuais³, sendo assim a região que fica mais prejudicada com o desmatamento. Tal situação nos últimos anos obrigou o governo do estado do Tocantins a tomar medidas emergenciais. No ano de 2015 foi decretada situação de emergência em 27 municípios da região sudeste do estado por falta de água, conforme notícia do G1 - TO⁴.

Municípios em situação de emergência					
Almas	Arraioas	Aurora do Tocantins	Brejinho de Nazaré	Chapada da Natividade	Taguatinga
Combinado	Conceição do Tocantins	Dianópolis	Ipueiras	Jatã do Tocantins	Taipas do Tocantins
Lavandeira	Monte do Carmo	Natividade	Novo Alegre	Novo Jardim	-
Palmeirópolis	Paraná	Pindorama do Tocantins	Ponte Alta do Bom Jesus	Porto Alegre do Tocantins	-
Rio da Conceição	Santa Rosa do Tocantins	São Salvador do Tocantins	São Valério da Natividade	Silvanópolis	-

Essa situação já vem preocupando os pesquisadores do estado. Em recente pesquisa publicada, “Cenários Prospectivos de Mudanças Climáticas para o Estado do Tocantins”, os autores concluem:

Considerando os resultados de todos os modelos climáticos e cenários analisados, tanto do relatório AR4 e AR5 do IPCC, percebe-se que deverá ocorrer aumento da temperatura média anual e redução da precipitação anual no Estado, no período de 2021 a 2050. Essas alterações dos padrões de temperatura e precipitação, considerando os distintos cenários de mudanças climáticas, refletiram nas simulações dos balanços hídricos, gerando um incremento médio significativo da deficiência hídrica, mas com variações de intensidade regionais no Estado. Nesse contexto, essas projeções poderão afetar negativamente ecossistemas, recursos hídricos e atividades econômicas, bem como regiões produtoras atuais, podendo provocar consequências negativas na produção agrícola no Tocantins.

As pesquisas realizadas convergem com os depoimentos de lideranças do Quilombo Baião, município de Almas, na Nova Cartografia Social de Tocantins.

“Poises aí foi secando, de 2000 pra cá deu pra secar, e foi secando, em 2009 teve até uma chuva, mas foi diminuindo, foi diminuindo em 2014, 2015 a chuva foi pouca, pouca em 2016 aí tornou a continuar” [Constantino Fernandes Pinheiro].

3 Em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/463063/>
4 Fonte: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2015/07/decreta-situacao-de-emergencia-em-27-municipios-por-falta-de-agua.html>





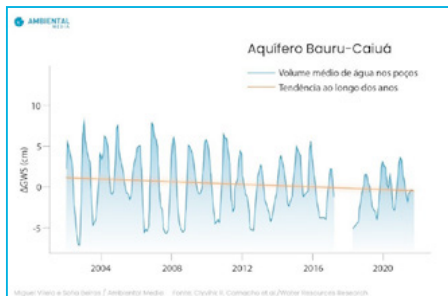
“A gente alguns anos atrás ainda tinha olho d’água, que era o tempo que chovia mais era menos dia de desmatamento na região, as nascentes ainda conservavam mais um pouco, mas ultimamente, de 5 anos 7 anos pra cá isso foi mudando totalmente. Hoje você tem que ter de arcar com poço artesiano, porque a cisterna não segura mais água, o solo já tá muito seco” [Adelmides Nunes de Sousa].

“Em 2007 veio de novo aí uma seca que eu me lembro que para nós aqui o inverno que teve foi do dia primeiro de fevereiro até o dia 5, ...Os olho d’água começou a secar ainda em 83... a cisterna que era boa aqui na região também acabaram tudo, se não fosse um mini poço ou poço artesiano a gente não conseguia mais água” [Antônio Cardoso de Almeida].

“Hoje a gente vive na subsistência de mini poços artesanais para sobrevivência da água no quilombo, para não ter que sair, e outros dependem de água de caminhão pipa que vem pela prefeitura” [Eliene Fernandes Crisóstomo de Almeida].

“Inclusive agora o gado, os animais ficam com sede porque há falta de água, se não fosse ajuda de algumas pessoas que já abriu poço aí, não tinham água pros bicho beber, nem mais assim pra nós” [Oseias Ribeiro Pinto].

O desmatamento, as emissões de gases de efeito estufa, a seca dos rios e aquíferos subterrâneos tudo isso está diretamente relacionado com as lógicas produtivas adotadas pelos grupos que detêm a posse das terras no Brasil. A expansão das monoculturas do agronegócio se dá a partir do desmatamento, queimada e utilização de insumos químicos em grande escala, sendo esta a principal causa da crise ambiental brasileira. Segundo estudos do MapBioma, mais da metade de toda a área desmatada no Brasil em 2023 ocorreu no Cerrado, principalmente na região do MATOPIBA, entre Bahia, Piauí, Tocantins e Maranhão. Juntos, quatro estados do Cerrado – Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, que formam a região conhecida como MATOPIBA – ultrapassaram a área desmatada nos estados da Amazônia e responderam por quase metade [47%] de toda a perda de vegetação nativa no país no ano passado. Foram 858.952 hectares – um aumento de 59% em relação ao ano de 2022, que já havia registrado aumento [36%] em relação a 2021. Três em cada quatro hectares desmatados no Cerrado em 2023 [74%] foram no MATOPIBA. Dois terços [33] dos 50 municípios que mais desmataram no Brasil em 2023 ficam no Cerrado,





sendo que todos os 10 municípios com maior área desmatada no Cerrado em 2023 estão localizados no MATOPIBA.

Por outro lado, estudo realizado pelo ISA demonstram que os Povos Indígenas e Tradicionais são responsáveis, juntos, pela proteção de um terço das florestas no Brasil. Nos últimos 35 anos, somente as Terras Indígenas protegeram 20% do total de florestas nacionais. Atualmente, 40,5% das florestas brasileiras estão protegidas no sistema nacional de áreas protegidas, que engloba Terras Indígenas, Territórios Quilombolas e Unidades de Conservação.

Por sua vez, as áreas protegidas com presença de Povos Indígenas e populações tradicionais – Terras Indígenas, Territórios Quilombolas, Reservas Extrativistas e Reservas de Desenvolvimento Sustentável – protegem um terço, cerca de 30,5% das florestas no Brasil.

Desta forma, a regularização dos territórios dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais é uma das estratégias mais acertadas para o enfrentamento das mudanças climáticas. Infelizmente, no estado do Tocantins, o governo segue em direção contrária: a Lei nº 3.525, de 2019 (Tocantins, 2019), permite que títulos de propriedade privada da terra sejam validados em cartório sem que a cadeia sucessória dominial completa tenha tido origem em venda ou destaque do patrimônio público estadual. Em vez de regularizar os territórios dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais, o governo regulariza os grileiros que invadiram esses territórios. Contrapondo-se a essa situação, no dia 05/12, a CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Famí-

liares), com apoio da Articulação de Resistência ao Plano de Desenvolvimento Agropecuário do MATOPIBA, que integra a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, protocolou junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) um pedido de Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) contra a Lei nº 3.525 de 2019, do estado do Tocantins.

O argumento principal da ação é que a destinação das terras públicas devolutas deve ser prioritária para agricultores familiares, reforma agrária, indígenas e quilombolas, como determina a Constituição Federal. As leis estaduais, ao permitirem que os estados reconheçam o domínio de propriedades ilegais, sem cadeia sucessória e sem o destaque do patrimônio público, ferem os direitos dos trabalhadores e a própria Constituição Federal. Primeiro porque isso não é compatível com a política agrária da Constituição Federal e, segundo, porque os estados não são autorizados a legislar sobre direito fundiário e registros públicos. Isso é competência da União.

Existe ainda um novo Projeto de Lei (PL) nº 1.199/2023, do senador Eduardo Gomes (PL/TO), que tramita no Senado, e que tem como objetivo transferir terras públicas federais para o estado do Tocantins (Gomes, 2023). Estimativas variam entre 9 e 15 milhões de hectares sem destinação no Tocantins, o que representa praticamente metade do Tocantins.

O que está por trás da Lei nº 3.525/2019 do Tocantins, do PL 1.199/2023, e de leis semelhantes do Maranhão, Piauí e Bahia é a implementação, pelos estados, de ações de “governança fundiária” para facilitar o processo de legalização da grilagem e, assim, garantir maior segurança jurídica fundiária para a expansão do agronegócio.





CONCLUSÃO

Os dispositivos federais que disciplinam a propriedade da terra têm sido relegados em prol dos interesses do agronegócio, criando mecanismos para facilitar a transferência de domínio de terras públicas para particulares. Para atender a demanda por terras na esteira da expansão da fronteira agrícola, vão se abrindo brechas a partir de mudanças legislativas, em especial nas leis ambientais e de terras estaduais. Essas mudanças já vinham se dando no tempo da expansão da fronteira [Bahia em 1972 e 1975; Maranhão em 1991] e têm se intensificado no ritmo desta [Bahia em 2011; Tocantins e Piauí, 2019; Projeto de Lei em tramitação no Maranhão], continuamente 'legalizando o ilegal' e facilitando a expansão e consolidação da grilagem no MATOPIBA⁵.

O enfrentamento das mudanças climáticas no Brasil, no Cerrado e no Tocantins depende de um grande conjunto de ações na esfera da política internacional, nacional e estadual. Para que se consiga avanços concretos é necessário uma forte política de reforma agrária e de regularização dos territórios dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais, e de políticas ambientais que garantam a proteção dos Biomas, conservando terra, água e vegetação.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto nº 75.320 de 29 de janeiro de 1975 / PE - Poder Executivo Federal. **Dispõe sobre a criação do Programa de Desenvolvimento**

dos Cerrados (POLOCENTRO). Diário Oficial da União - Seção 1 - 30/1/1975, Página 1382 [Publicação Original]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-75320-29-janeiro-1975-423871-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 24 out. 2024.

GOMES, Eduardo. Projeto de Lei [PL] nº 1.199/2023. **Transfere para o domínio do Estado de Tocantins as terras pertencentes à União nele localizadas – de 24 outubro de 2023**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/156319>. Acesso em: 24 out. 2024.

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO TOCANTINS - Trajetória e Resistência do Quilombo Baião.

ND. Disponível em: <https://www.apato.org.br/publicacao/cartografia-social-da-comunidade-quilombola-baiao/>. Acesso em: 24 out. 2024.

POTENZA, Renata F. et al. **Análise das emissões de efeito estufa e suas implicações para as metas climáticas do Brasil 1970-2021, (2023)**.

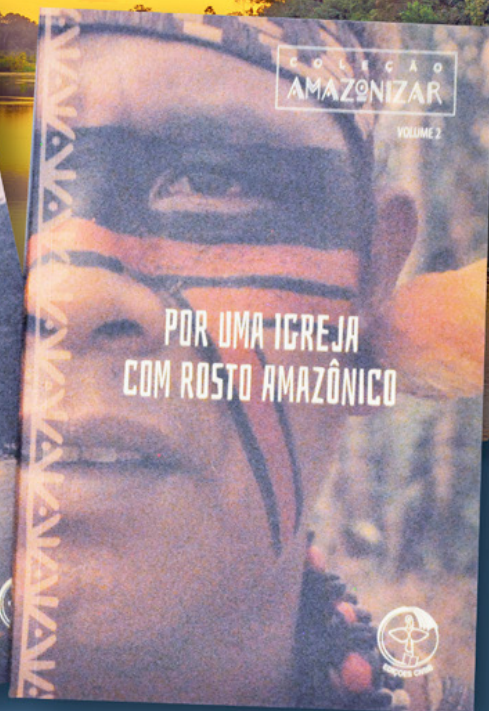
Disponível em: <https://energiaeambiente.org.br/wp-content/uploads/2023/04/SEEG-10-anos-v5.pdf>. Acesso em: 24 out. 2024.

TOCANTINS. Lei nº 3.525, de 8 de agosto de 2019. **Dispõe sobre o reconhecimento e a convalidação dos registros imobiliários referentes a imóveis rurais no Estado, na forma que especifica, e adota outras providências**. Publicado no Diário Oficial nº 5.415, de 08/08/2019. Disponível em: https://www.al.to.leg.br/arquivos/lei_3525-2019_60006.PDF. Acesso em: 24 out. 2024

5 Em: <https://www.campanhacerrado.org.br/noticias/445-adi-grilagem-matopiba>



COLEÇÃO AMAZONIZAR



Está Disponível

Acesse o **QR Code**
e adquira a sua!





IV Encontro da Igreja Católica na
AMAZÔNIA LEGAL
50 anos do Encontro de Santarém
1972 - 2022

MEMORIAL

**A AMAZÔNIA e a IGREJA:
Encontros, caminhos, missão (Memorial)**

1º EDIÇÃO – 2022

Comissão Episcopal para a Amazônia

Membros da CEA -CNBB

Dom Leonardo Ulrich Steiner

Dom Erwin Kräutler

Dom Roque Paloschi

Dom Evaristo Spengler

Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira

Ir. Maria Irene Lopes dos Santos

Elaboração

Felício Pontes

Francisco Lima

Ima Vieira

Márcia Oliveira

Raimundo Possidônio da Mata

Roselei Bertoldo

Vanthuy Neto

Revisão

Renato Thiel

Diagramação

Raul Benevides

www.repam.org.br

Brasília, junho de 2022.





ÍNDICE

VER-SE: A IGREJA NA AMAZÔNIA QUE SE OLHA	7
Um pouco de história	7
A MISSÃO DA IGREJA NA ATUALIDADE.....	9
I Encontro - Bispos/Prelados:	10
Documento:	19
VER AO REDOR:	
ANÁLISE DE CONJUNTURA.....	27
Ecologia	27
Povos Indígenas.....	28
Migração e transformação.....	30
JULGAR, DISCERNIR E ILUMINA.....	33
Santarém 1972: o transbordar de uma Igreja que vai delineando seu rosto a partir do Vaticano II e de Medellín.....	33
Avancem para águas mais profundas..	34
É necessário perguntar-nos sobre a qualidade e sistematicidade desta presença hoje.....	35



Centenas de milhares de irmãs e irmãos leigos e religiosos, presbíteros e bispos embrenharam-se nas matas, navegaram rio abaixo, rio acima, viajaram pelas estradas desse mundo desigual, levando a Palavra de Deus, fundando e organizando as comunidades eclesiais, vivas e participativas, proféticas e missionárias, numa grande rede de solidariedade que as fez enfrentar as precariedades existenciais, manter viva a chama de sua fé e sua esperança e valorizar sobretudo sua religiosidade popular expressada nas festas religiosas, em novenas e procissões...

No caminho de “Santarém” lançamo-nos novamente nas estradas e rios, nas aldeias e quilombos, nos interiores e periferias das cidades, nos grandes centros urbanos desta imensa Amazônia, abraçando a missão que nos foi confiada, comprometidos com toda a criação e na busca de sermos autênticas comunidades de fé alimentadas pela Palavra e pela Eucaristia.

Bispos da Amazônia, 2013.





VER-SE: A IGREJA NA AMAZÔNIA QUE SE OLHA

Um pouco de história

Fala-se muito da Igreja na Amazônia hoje, mas essa presença remonta há mais de 400 anos atrás. Desde 1612, temos a presença de missionários – os Capuchinhos bretões – que vieram com os franceses colonizar o assim denominado Maranhão (São Luiz).

Mais tarde, a partir de 1616, com o início da colonização portuguesa cujo marco é a fundação da cidade de Belém do Grão-Pará, começaram a chegar outros missionários: os Franciscanos (1617, 1692 e 1703), os Carmelitas (1626), os Mercedários (1639/40) e os Jesuítas (1652), que levaram a pregação do Evangelho aos mais extremos rincões da região, por meio das missões ou aldeamentos missionários, atuando sobretudo em meio aos povos indígenas. Além deles, embora em pequena quantidade, esteve presente o clero secular, pois a criação da 1ª Paróquia em 1617 (N. S. da Graça) foi entregue a um sacerdote não religioso. A criação do Bispado do Maranhão (1677) e a do Bispado de Belém (1719), que abrangia todo o então Grão-Pará e a presença dos bispos caracterizam a institucionalização da Igreja. Também podemos dizer que o catolicismo se espalhou pela região por meio dos leigos,





além das irmandades, confrarias e ordens terceiras, demarcando um catolicismo tipicamente leigo, às vezes até em confronto com o catolicismo oficial. A devoção aos santos e a Nossa Senhora, de modo especial a Senhora de Nazaré, são uma marca desse catolicismo.

A partir de 1670, 1682 e no século XVIII houve a entrada de africanos para o trabalho escravo na Amazônia, através do Maranhão e de outras áreas de escravidão, como o Vale do Guaporé (Rondônia). Para os africanos não houve o mesmo empenho de evangelização como houve para os povos indígenas, no entanto, aconteceu, como para quase todo o Brasil, um processo biológico de miscigenação ou caldeamento, que tem como resultado a mestiçagem diversificada da região. A cultura e a religião foram profundamente influenciadas por essa nova realidade étnica.

Não obstante as mudanças ocorridas ao longo do tempo em termos políticos, econômicos, sociais e culturais, como a Independência do Brasil e a instauração da República, a Igreja manteve até recentemente uma postura de colaboração com o processo colonizador – enquadrada que estava no sistema do Padroado –, pois sua organização dependia completamente de fora, seja de Portugal, seja de Roma embora, em alguns momentos, conflitos acontecessem em virtude de posicionamentos contrários à legislação vigente no que diz respeito às questões indígenas e/ou à defesa da ortodoxia. Em geral, com exceção de alguns membros do clero secular ou diocesano, a grande parte do efetivo dos quadros da Igreja vinha de fora da região.





A MISSÃO DA IGREJA NA ATUALIDADE

A partir da década de 1950 podemos afirmar que acontece uma lenta, mas significativa mudança na presença da Igreja na Amazônia: uma volta maior aos problemas internos da região.

Para situar um pouco mais a questão: Desde o governo Vargas, passando por JK (Juscelino Kubitschek) e os militares, os planos econômicos começaram a ser aplicados na região, visando a integração e valorização da Amazônia, que não produziram o desenvolvimento esperado: foi criada a SPVEA (Superintendência para o Plano de Valorização Econômica da Amazônia), foi ampliada a área da Amazônia: a Amazônia Legal (06/01/1953) que passou a abranger 5.033.081 km² (59,15% do território nacional). Institutos de pesquisa, bancos, aeroportos, estradas, usinas hidrelétricas, os grandes projetos, a Zona Franca, os garimpos, as madeireiras, o gado, os grileiros, o latifúndio, “homens sem-terra para terra sem homens”, o tráfico de drogas e de armas, a prostituição infantil, o tráfico humano, além das doenças e a falência de políticas voltadas para a educação, habitação, segurança... provocaram muitos problemas, sendo o mais doloroso a exclusão social, o empobrecimento crescente e a violência institucionalizada: provocou expulsão da terra, mortes, êxodo rural, inchaço urbano com





todas as sequelas¹. Mais uma vez os povos indígenas sofreram, como sofrem ainda hoje, as consequências de uma política de extermínio².

É dentro desse contexto que os grupos protestantes e novos movimentos religiosos se espalham rapidamente por toda a região, arrebanhando ovelhas do redil católico, com uma proposta de religiosidade atraente e sem compromissos, para uma multidão de necessitados, excluídos e desacreditados das soluções de ordem política e econômica, fato que preocupou a Igreja regional.

Alguns acontecimentos eclesiais foram importantes para essa mudança, embora não tocassem diretamente em questões amazônicas, mas influenciaram, pela participação dos bispos locais, uma nova tomada de posição frente à realidade a partir dos trabalhos pastorais: criação da CNBB (1952), criação do CELAM (1955), a realização do Vaticano II (1962-65), encontros de Medellín (1968), e de Puebla (1979), fizeram surgir uma nova configuração de Igreja mais participativa, colegial, mais comprometida com os problemas humanos e com a transformação da sociedade.

I Encontro - Bispos/Prelados:

Em 1952, em Manaus, por ocasião do II Congresso Eucarístico do Amazonas, pela 1ª vez (antes da criação da CNBB), os bispos amazônicos (de 2 dioceses e 39 prelazias) se reúnem para debater esses problemas e organizar sua corresponsabilidade diante deles.

- As questões tratadas: Necessidade de reunir-nos... unir forças – problemas complexos: plano de valorização econômico/saneamento e saúde (malária, tuberculose e mortalidade infantil), educação (ensino técnico – Povos Indígenas - missão reconhecida e amparada, missionários amigos...);
- Migração e colonização (condições, recuperação das terras, povoamento.)...

1 Texto complementar: MATA, Possidônio da. *A Igreja no mundo urbano e o jeito de ser Igreja na Amazônia* (apostilado). A Igreja e a Questão Urbana: Um dos problemas mais sentidos na Amazônia nos últimos anos é o crescimento da população urbana amazônica. Em 1940, a população urbana representava ¼ da população total. Em 1980, já era mais da metade. Em 2000, constitui 70% da população. Esse fenômeno é verificado não só no inchaço populacional das grandes e médias cidades, mas na multiplicação de novas cidades na região, revelando um movimento migratório interno que está mudando completamente o panorama sociocultural da região, de modo especial o religioso. Em 1960 eram 165 cidades; em 1980 o número passou para 212; em 1991 chegou a 264; em 2000 atingiu o número de 449 cidades: nos últimos 10 anos foram criadas 185 cidades (mais do que havia em 1965!). Questão que precisamos analisar com mais profundidade.

2 Ler: KLÄUTER, Erwin (Bispo-prelado do Xingu). *Os povos da Amazônia e a voz dos seus pastores*. CNBB Norte 2, Belém, 2005



- Igreja pioneira – formadora e civilizadora – ritmo novo e impulso maior.

Precisa-se de novos missionários... (aculturação e assimilação...)

- Educandários, assistência social, enfermagem...;
- Problemas da terra e das águas – seringalistas e seringueiros – justiça e direitos... transportes fluviais ...
- SONHO – “Cristóforo” – Basílica flutuante... (Dom Macedo Costa preconizava essa ideia no século XIX).
- Apostolado dos leigos – Ação Católica: adaptada à Amazônia... com quatro centros de formação... Grandes problemas sociais, corrupção nas classes média e abastada.
- Rádios no interior, o problema do domingo.

Os bispos afirmaram na ocasião: “Trabalhemos juntos... Se não cairemos na tentação do isolamento”³.

- De 12 a 16 de junho de 1953 – Realização do VI Congresso Eucarístico Nacional, em Belém (PA).
- De 17 a 20 de agosto de 1953, realizou-se a primeira Assembleia Geral da CNBB em Belém (PA). Na ocasião, o encontro reuniu 20 arcebispos do Brasil e ocorreu simultaneamente ao 6º Congresso Eucarístico Nacional, tratando de dois temas: Plano Nacional de Combate ao Espiritismo e a Igreja e a Reforma Agrária.
- O II ENCONTRO DOS PRELADOS DA AMAZÔNIA aconteceu entre 25 e 29 de janeiro de 1954, em Belém, que contou com a presença de Dom Helder Câmara, secretário da CNBB.
- Os temas discutidos foram:
- A situação jurídica e territorial das prelaças: o que significa Prelazia nullius? A resposta encontrada foi: “São dioceses em formação, com características missionárias”.

3 REB, set 52. Vozes, 700s (pareceu ref imprecisa, incompleta...dessa forma não foi possível localizá-la em busca de internet...ver)

- 
- 
- Outro assunto foi o apostolado entre os índios: discutiu-se a proposta de aproximação entre a atividade missionária da Igreja junto aos índios e a colaboração com o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), mas os bispos não aceitaram o cerceamento de suas atividades diante da autoridade do órgão governamental que trazia os índios sob seu controle.
 - O apostolado entre os civilizados (sic): os bispos fizeram um apelo ao apostolado exercido pelos leigos, tendo em vista a escassez do clero, embora ainda não se tivesse claro o papel do leigo na missão. Só mais tarde é que o Concílio definirá esse papel.
 - A questão do avanço do protestantismo na região: para isso os bispos recomendam a realização das Semanas Bíblicas.
 - Formulação de pedido à Santa Sé para a concessão de algumas faculdades ou privilégios para as terras de missão:
 - ✓ a faculdade de celebrar missas vespertinas e a abreviação do ritual do Batismo nas “desobrigas”.
 - Outra questão grave tratada foi o problema financeiro: os bispos declaram a insustentabilidade financeira das prelazias.
 - O relacionamento da Igreja com o governo, especialmente com a SPVEA. Este tema não foi muito aprofundado porque o órgão governamental era ainda muito recente.
 - O III ENCONTRO DOS PRELADOS DA AMAZÔNIA realizou-se entre 5 e 8 de novembro de 1957, em Belém, com o objetivo de concretizar a colaboração entre as prelazias e a SPVEA. Com a presença do Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi, e do então Presidente da República Juscelino Kubitschek, foram assinados decretos e convênios entre essas instituições. Temas intereclesiais também foram tratados, pois entrou em debate também a imensidão das tarefas para tão poucos recursos humanos e materiais.

Para isso:

Pedir à Santa Sé o desdobramento das prelazias, a motorização das prelazias, a criação da radiodifusão para cobrir toda a Amazônia, a fim de proporcionar a educação de base e a formação cristã, a formação do clero indígena, ‘para



que quanto antes, os filhos da Amazônia respondam pelos destinos espirituais da Amazônia’.

O documento é concluído com pedidos de oração, ante uma realidade que desafia:

...a integração da Amazônia ao Brasil e da relação deste país como grande potência material e espiritual, faltando o principal – orvalho de bênçãos divinas que nos virão através das mãos boníssimas de Nossa Senhora da Amazônia (sic ver nota).

- O IV ENCONTRO DOS PRELADOS DA AMAZÔNIA foi realizado em Belém, em fins de agosto de 1964. Os bispos, a caminho da terceira sessão do Concílio Vaticano II⁴, reuniram-se para discutir o *Plano de Emergência* da CNBB, de 1962, que havia criado o Secretariado Regional para toda a Região Norte, com sede em Belém. Abordando a situação das prelazias, os bispos concluíram apontando a necessidade urgente de uma ação pastoral vinculada à CNBB, porém com características amazônicas. Por isso decidiram propor à Assembleia da CNBB que se reuniria em Roma, o pedido de criação de um Secretariado Nacional para as Prelazias (SNAP) e o desmembramento do Regional Norte em dois secretariados, o Norte I, com sede em Manaus, e o Norte II, com sede em Belém, visando favorecer uma maior vinculação à CNBB adaptada às características da Amazônia.

Os dois Regionais, o Norte I, em outubro de 1967, em Manaus, e o Norte II, em novembro de 1967, em Macapá, realizaram encontros para definir seu papel diante da CODEAMA e da SUDAM, criada recentemente pelo governo militar em substituição à SPVEA:

- Perguntavam: *Qual o papel que lhes cabia nesse longo e doloroso processo?*
- Lançou-se o desafio: *A evangelização da Amazônia é um problema inadiável!*

4 O Concílio Vaticano II (1962-65) e as encíclicas sociais (MT, PT e PP) provocaram um impulso renovador nos bispos. Novos encontros dos bispos marcam a preocupação da Igreja com a realidade amazônica, que aos poucos vai se tornando complexa. A chamada “Era Amazônica”, concepção cantada e decantada em verso e prosa a partir do lançamento da “Operação Amazônia”, em maio de 1966, falava da *mística do desenvolvimento e da integração*, começava a se tornar algo complexo e a expor seus mais claros sinais de contradição.

Na Assembleia do Regional Norte II de 1966, os bispos expressaram sua profunda comoção “ante a situação de insalubridade em que vivem muitas de nossas populações do interior e dos subúrbios” e exortavam a todos para uma “atitude de responsabilidade e participação”. Solicitavam a ajuda de “juristas católicos para impedir que os pobres posseiros fossem esbulhados das terras que vêm cultivando e que poderosas companhias provenientes de outras regiões, pela pressão econômica ou pelo prestígio, não respeitam os direitos adquiridos pelos primitivos moradores”.





Os documentos dos bispos dos Regionais foram contundentes em dizer que os bispos tomam consciência da marginalização da Amazônia no processo do desenvolvimento brasileiro, e querem assumir uma posição que revele as preocupações da Igreja universal, ou seja, uma postura pastoral que promova o homem e a região, a partir das exigências da Carta Encíclica *Populorum Progressio* (de Paulo VI - recém-lançada). Lamentam os bispos que a educação seja deficiente, que não haja uma política definida de colonização, o que existe explora os colonos pela intervenção de aventureiros, e a falta de uma política de preços para os produtos agrícolas que não espolie os pequenos agricultores.

Muito contribuiu para uma nova postura dos bispos diante da realidade amazônica a realização da Conferência de Medellín (1968). Alguns bispos participaram e ao voltar vão mudar sua visão da realidade, as relações com o Estado e assumir uma postura mais profética.

Em 1968, num “Memorial dos Bispos e Prelados da Amazônia ao Governo Federal e ao povo amazônico”, os bispos descrevem: Problemas sociais da Pan-Amazônia: índios, analfabetismo, moléstias tropicais, minérios, petróleo, integração econômica, grandes estradas, o atraso da Amazônia brasileira... extrativismo, má distribuição de renda entre os grupos sociais, problema alimentar, problemas sanitários e de saúde pública, habitação e moradia, subemprego, desemprego, isolamento, debilidade política... A ação estrangeira, aquisição de terras, extração de minérios, Zona Franca de Manaus, desconfiança em relação ao capital estrangeiro....

Enquanto isso, o Poder Público concretizava um projeto de integração/ ocupação da Amazônia: Operação Amazônia - ‘Integrar para não entregar’: grandes estradas, Sudam, bancos, comunicações... Governo retira os 3% da renda da União destinados à Amazônia. Promove a suspensão do convênio com o MEB (Movimento de Educação de Base) – 920 escolas radiofônicas são fechadas. Restrição à liberdade de associação, sindicatos... O problema da posse e propriedade da terra – latifúndio, grilagem...

Os bispos se dizem “abertos ao diálogo franco”, e que “... a Amazônia brasileira é como se fosse uma porção de terras expostas ao mundo, sem defesa... Daí a urgência de um trabalho para salvar a Amazônia...”.

Proclamam que “[...] se a Amazônia é um desafio, nós o aceitamos”.

Em 1971 (julho) foi realizado o PRIMEIRO SEMINÁRIO SOBRE A PASTORAL DA AMAZÔNIA, promovido pela CNBB, na casa Nossa Senhora da Paz, no Rio de Janeiro. Oito prelados amazônicos participaram. Os temas tratados foram:



- 
- 
- O visível crescimento dos problemas na Amazônia devido à realização do Plano de Integração Nacional, com a construção das estradas e suas consequências;
 - A coordenação dos organismos das pastorais que atuam na região;
 - A carência dos agentes de pastoral;
 - A elaboração de um Plano de Pastoral articulado, chamando a atenção para a corresponsabilidade de toda a Igreja;
 - A urgente necessidade de formação para os leigos: Operação Anchieta – preparar leigos/as para atuar entre indígenas e classes marginalizadas.

Este seminário preparou o Encontro de Santarém.

Em outubro de 1971: Mensagem do Papa Paulo VI à Amazônia⁵

- ... O senhor nos quer dar a conhecer (Lc 2,15). E Maria, agradecida, recomenda-nos maternalmente: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). E O QUE NOS DIZ O SENHOR HOJE? ELE, APONTA-NOS A AMAZÔNIA! ... Cristo, aí presente, em nova “humanidade”, pobre e marginal...
- Membros da Igreja, sensíveis aos imperativos da caridade... fiéis ao dever missionário... temos de ouvir um clamor da multidão, que sobe das plagas amazônicas: “vem em nosso auxílio”. Vem como homem-irmão, com caridade efetiva ...
- Urge voltar um grande interesse missionário e de solidariedade em Cristo à imensa Amazônia.

Ainda em outubro de 1971 Dom Pedro Casaldáliga publica a carta pastoral: Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social⁶, o que significou a tomada de posição da Igreja diante da realidade amazônica.

Em janeiro de 1972: visita da presidência da CNBB (Dom Aloisio Lorscheider, Dom Avelar Vilela, Dom Ivo Lorscheiter) à região: Belém, Marabá, Belo Monte, Altamira, Transamazônica, Santarém e Manaus. Na visita

5 SEDOC, fev 72/954

6 SEDOC, fev 72/956



constatou-se: programas e projetos governamentais, migração, questão dos índios, poucos agentes de pastoral.

Em 1972 surgiu o projeto “Igrejas-Irmãs”, que visava sensibilizar as dioceses do Brasil sobre as carências da Igreja no Norte do Brasil, sobretudo a falta de sacerdotes para cobrir todas as necessidades e demandas pastorais. O projeto visava, por conseguinte, despertar a solidariedade e ajuda por meio de recursos humanos e materiais, o que significou a vinda de muitos missionários e missionárias de outras regiões do Brasil, sobretudo para as áreas das novas fronteiras agrícolas e populacionais.

Em maio de 1972 – Criação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), a serviço das missões indígenas.

Em maio de 1972 - V ENCONTRO DOS BISPOS/PRELADOS, em Santarém - um dos encontros mais significativos à época para a Igreja amazônica, que projetou um Plano de Pastoral de grande repercussão na região: Os bispos estabeleceram as LINHAS PRIORITÁRIAS DA PASTORAL DA AMAZÔNIA⁷.

A Igreja da Amazônia... Manifesta sua crença e esperança no futuro desta região, hoje em trepidante processo de transformação...com as antigas e novas marginalizações, estruturas inadequadas, importadas ou opressivas...violação dos direitos básicos, como a posse da terra... .

- Foram destacadas duas diretrizes: Encarnação na realidade e Evangelização Libertadora;
- E estabelecidas quatro prioridades pastorais: Formação de Agentes de Pastoral, Comunidades Cristãs de Base, Pastoral Indígena, Estradas e outras frentes pioneiras;
- Os bispos propõem a criação de Serviços, Institutos de Formação para Agentes de Pastoral formados na Região: CENESCH (N1) e IPAR (N2), além de assessoria jurídica e técnica e meios de comunicação...

Esse encontro foi um marco histórico da caminhada da Igreja na região amazônica, que deu à luz um significativo documento, e se tornou, como disse um bispo na ocasião, a certidão de batismo da Igreja na Amazônia, dado que a partir desse momento, mudanças substanciais e fundamentais

⁷ CNBB. *Desafio Missionário*: Documentos da Igreja na Amazônia (coletânea). Brasília: Edições CNBB, 2014. Este livro contém documentos desde a Assembleia de Santarém até 2013.





começaram a acontecer na missão evangelizadora da Igreja, e que teriam um longo alcance. Poderíamos dizer que a partir daí temos uma eclesiologia tipicamente amazônica: UMA IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO!

Em 1974, de 15 a 22 de maio, os bispos da Amazônia se reuniram em Manaus para o VI ENCONTRO INTER-REGIONAL, com a finalidade de avaliar e, se necessário, reformular as Diretrizes Básicas da Pastoral da Amazônia, adotadas em Santarém, o que de fato aconteceu, com o acréscimo de uma nova prioridade, a Juventude.

Parte da Igreja passou a solidarizar-se com os mais pobres e oprimidos: indígenas, posseiros, sem-terra, migrantes, desempregados, etc., rompendo os vínculos históricos tradicionais; por isso, como no resto do Brasil e da América Latina, ela sofreu as retaliações dos poderosos: prisões, ameaças de morte, assassinatos... passaram a fazer parte da vida da Igreja regional. A Igreja da Amazônia passa pela experiência do martírio.

Entre 16 e 20 de julho de 1975: realização do IX Congresso Eucarístico Nacional, em Manaus, com o tema: O AMOR EXIGE PRESENÇA, e o lema: REPARTIR o PÃO. Marcos do Congresso: a simplicidade (o altar, o ostensório), a V Oração Eucarística, estabelecendo diálogo entre o presidente e a assembleia. Eucaristia e questões sociais: pobreza, fome, migração, cultura.

Em 1975 foi criada a CPT (Comissão Pastoral da Terra): nasceu por causa da violência sofrida pelos posseiros devido aos conflitos pela posse da terra e pelo avanço dos grandes projetos agropecuários e latifúndios.

Primeiro Encontro Pan-Amazônico de Pastoral Indigenista em Manaus:

- Objetivos fundamentais da Pastoral Indigenista na Amazônia;
- Prioridade imediata: apoiar decidida e eficazmente os direitos que têm os povos indígenas a assegurar ou recuperar a prioridade de seus territórios...

Em 1980 (julho) – Visita do Papa João Paulo II à Amazônia (Belém e Manaus) – Destaca-se o Encontro com os Povos Indígenas da Amazônia. Disse o Papa na ocasião: *Confio aos poderes públicos e outros responsáveis... que a vocês cujos antepassados foram os primeiros habitantes desta terra... seja reconhecido o direito de habitá-la em paz e na serenidade, sem verdadeiro pesadelo de serem desalojados em benefício de outrem..., mas do espaço vital que será a base não somente da sobrevivência, mas da preservação de sua identidade como grupo humano, como povo (Manaus, julho/1980).*





Em fevereiro de 1990, houve um novo Encontro de Bispos e Coordenadores de Pastoral dos Regionais Norte I e Norte II, em Icoaraci, Belém – OVII ENCONTRO INTER-REGIONAL - refletindo a partir de dois temas-eixos: a ECOLOGIA e a IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO. Desse Encontro resultou um documento: Em defesa da Vida na Amazônia, e a proposta de um Manifesto Ecológico, que foi realizado em Assis, nos dias 23 e 24 de maio de 1990, chamado o “Grito da Igreja em defesa da vida na Amazônia”.

Nós, bispos e coordenadores de pastoral... partilhamos uma preocupação que nos atinge a todos: a Destruição do meio ambiente na Amazônia... Devastação e depredação alcançaram dimensões alarmantes. Milhares de quilômetros de mata virgem foram queimados e transformados em pastagens... Milhões de árvores tombaram... Centenas de mineradoras lotearam a Amazônia – 300 mil garimpeiros correram na busca do metal precioso... Povos inteiros... como os Yanomami, assaltados em suas terras e vitimados pela doença e etnocídio... Projetos faraônicos de construção de barragens e hidrelétricas... Na falta de uma reforma agrária, o latifúndio é favorecido ... Adorar o Pai “em espírito e verdade” (Jo 4,23) também é engajar-se para que a obra do Criador seja respeitada em sua grandeza, beleza e harmonia. “Praticar a verdadeira religião” (Tg 1,27) é solidarizar-se com os últimos, é hoje assumir a defesa do meio ambiente e comprometer-se com a defesa da vida e viver o Plano do Pai.

Em 1991, João Paulo II voltou ao Brasil, e em Cuiabá, no encontro com mais de 37 Povos Indígenas, volta ao tema da demora nas demarcações de suas terras, e dá grande enfoque ao tema da ecologia na Amazônia.

Em 1992, na Conferência do CELAM, em Santo Domingo, estavam presentes os bispos da Amazônia: Dom Antônio Possamai, Dom Luiz Soares Vieira, Dom Moacyr Grechi, Dom Alberto Ramos e Dom Alano Pena.

Em 1994 - Os Regionais Sul 1 e Norte 1 selam um projeto de entreaajuda e cooperação missionária.

Em setembro de 1997, em Manaus, celebrando os 25 anos do Encontro de Santarém, realizou-se o VIII ENCONTRO DAS IGREJAS DA AMAZÔNIA, com o tema: A Igreja se fez carne e arma sua tenda na Amazônia. Antevendo o III milênio, cujo sol já nos ilumina, cheio de esperança.

- O Seminário sobre a Amazônia que antecedeu o encontro, revelou-nos antigos e novos desafios, que atingem a vida do povo... buscamos um caminho que dê resposta a estes desafios...
- Grande análise sobre a Amazônia: os últimos 25 anos, geopolítica





brasileira e internacional, migração, desenvolvimento sustentável, Zona Franca, 3º ciclo, SIPAM /SIVAM, dívidas sociais, urbanização, conflitos agrários, perspectivas para a Amazônia....

- Ao apresentar o livro do seminário⁸, Dom Antônio Possamai e Dom José Vieira da Costa Lima, respectivamente presidentes dos Regionais Norte I e Norte II, proclamaram: *E porque progredimos na compreensão de sermos uma Igreja no mundo, amando o mundo amazônico, temos a certeza que estamos dando à sociedade amazônica nossa contribuição histórica de alta qualidade para o resgate das dívidas sociais tão pesadas neste Norte do Brasil... Em nossas prela-zias e dioceses existem sinais de alegria e esperança, próprias de uma Igreja que, mesmo tendo muitas dificuldades, está viva e responde com coragem aos desafios que se lhe apresentam.*

A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia ... O documento que escrevemos e assumimos. Ele nos indica caminhos de fidelidade ao Criador, ao homem e à mulher amazônida ... e a lutar pela evangelização desta terra, defesa e proteção da criação... Para construir uma Igreja inculturada e viva na Amazônia...

Documento:

- I. Memória: De Santarém a Manaus – a Igreja busca a comunhão, pede perdão, louva e agradece a Deus.
- II. Rosto Amazônico da nossa Igreja – Atitudes fundamentais: Igreja discípula da Palavra, testemunha do diálogo, servidora e defensora da vida e irmã da criação.
- III. Perspectivas evangelizadoras - a inculturação, a cidadania, a formação e anúncio central da boa nova.

Cremos numa Amazônia justa, solidária, fraterna, geradora da vida ...

✓ ALGUNS DESDOBRAMENTOS POSTERIORES: A Igreja e a questão amazônica:

- Em 1998, na Assembleia da CNBB em Itaiç, SP, foi tratado o tema “Missionariedade e Solidariedade” entre as Igrejas no Brasil. Dom Erwin Kräutler, com forte apelo, relançou o tema da Igreja na Amazônia.

8 OLIVEIRA, J. Aldemir; GUIDOTTI, Humberto (orgs.). *A Igreja arma sua tenda na Amazônia*, Manaus: EDUA, 2000.



- *No Brasil estamos diante de desafios missionários específicos, a missão é uma só, mas na pluralidade das culturas... A solidariedade entre os irmãos bispos...deve tornar o sinal que é a igreja que evangeliza.*
- *Amazônia continua TERRA de MISSÃO, povo ávido de evangelização, faminto do pão eucarístico, sedento da palavra. Nós não estamos mais em condições de saciar a fome e a sede de todos! ... As prelaças e dioceses da Amazônia vastíssimas... A Amazônia exige de bispos, padres, religiosas, de todos os agentes de pastorais um empenho fatigante e penoso... Os senhores hão de compreender o quanto nos aperta o coração ver o nosso povo sem o memorial da Páscoa... Só nos resta repetir: dai-nos de vossa pobreza! A Amazônia representa a realidade mais gritante em situação missionária.*
- *Proposta concreta: Reler o corajoso projeto Igrejas-Irmãs e revitalizá-lo!*
- *Em 1999, em Itaici, durante a 37ª Assembleia da CNBB, os bispos da Amazônia lançaram um apelo dramático a toda a Igreja do Brasil e publicaram uma mensagem ao povo de Deus e ao Brasil: "A IGREJA E A QUESTÃO DA AMAZÔNIA": A Amazônia não pode ser esquecida, marginalizada e excluídas dos planos, dos projetos e do coração de todos. A Amazônia também é Brasil! A Amazônia também é Igreja no Brasil!*
- *A declaração destacou entre outras questões:*
 - ✓ *A Amazônia sempre foi olhada, pensada e explorada a partir de interesses externos à região, e contra a vida dos amazônidas.*
 - ✓ *A exploração realizada ignora a existência dos povos da Amazônia, polui os rios, destrói a mata, (seringais e castanheiras), afugenta e subjuga os povos da região.*
 - ✓ *Os bispos denunciam a ilegalidade da exploração da madeira, o crescimento do latifúndio, a erradicação de espécies como a seringueira, a castanheira e o açaí.*
 - ✓ *Alertam para a privatização das águas e a dilapidação da riqueza mineral, chamando atenção para a biopirataria.*
 - ✓ *Destacam o papel de quase omissão do governo federal.*





✓ *Apelam para a construção de um governo justo com a participação da população por meio de suas organizações.*

✓ *Pedem apoio às iniciativas dos próprios povos da floresta em vista de sua sustentabilidade.*

- Neste documento aparece pela primeira vez a questão da água, como fonte de vida e riqueza que está sendo ameaçada.
- Em 2002, a Campanha da Fraternidade sobre os Povos Indígenas lança um novo olhar das Igrejas do Brasil sobre a Amazônia, sua pluralidade de povos e culturas. Prelazias e dioceses são apoiadas na ação pastoral e as comunidades católicas do país redescobrem a beleza e o bem que vêm dos Povos Indígenas.
- Neste mesmo ano é criado o Regional Noroeste, sendo assim dividido o Regional Norte 1; a sede foi estabelecida em Porto Velho - RO.
- Em 2003 foi criada a COMISSÃO EPISCOPAL ESPECIAL PARA A AMAZÔNIA: os apelos dos bispos da região sensibilizaram a presidência da CNBB nacional que, depois de visitar a região, criou uma Comissão Episcopal para a Amazônia⁹. Entre as suas realizações concretas cabe destacar:
 - ✓ Celebração do Mutirão pela Amazônia, realizado em Brasília, em 2005, com a presença de representantes de todos os Regionais do Brasil¹⁰.
 - ✓ Revitalização do Projeto Igrejas-Irmãs, envolvendo os Regionais e a CRB.
 - ✓ Escolha do tema da Campanha da Fraternidade de 2007 sobre a Amazônia: VIDA E MISSÃO NESTE CHÃO¹¹.
 - ✓ 2002: Criação do Regional Noroeste, com sede em Porto Velho.

9 Destaque-se a figura de Dom Jaime Chemello, que visitou a região na condição de presidente da CNBB. Depois se tornou o 1º presidente da CEA/CNBB.

10 Do mutirão resultou o livro: MATA, Possidonio da; TADA, Cecília (orgs.). *Amazônia, desafios e perspectivas para a missão*. São Paulo: Paulinas, 2005. Para os 50 anos de Santarém seria interessante reler alguns artigos deste livro, de modo especial os artigos dos Padres Zenildo e Luiz Pinto. Anteciparam em alguns anos as preocupações que viriam depois aflorar no Sínodo da Pan-Amazônia.

11 Texto-Base da Campanha da Fraternidade 2007: Vida e Missão neste chão, CNBB 2007.



Em outubro de 2004 foi realizado o ENCONTRO DOS BISPOS DA AMAZÔNIA CONTINENTAL, promovido pelo CELAM, em Manaus. Em uma carta os bispos declararam: *...A Amazônia é o maior conjunto de ecossistemas úmidos do planeta, mega diversidade que existe nestes bosques e rios, 400 povos indígenas, ribeirinhos, caboclos, agricultores, colonos...*

- ✓ É preciso novos caminhos para uma pastoral complexa e unitária e em rede... Pedimos ao CELAM um serviço dedicado a comunhão das Igrejas amazônicas... Sentimos a necessidade de nos unir, de realizar uma ação evangelizadora mais integrada... Que a V Conferência do CELAM inclua a Amazônia como uma das temáticas...
- ✓ Em setembro de 2007, logo após a Assembleia de Aparecida¹², foi realizado, em Manaus, o IX ENCONTRO DE BISPOS DA AMAZÔNIA. Deste encontro resultou um significativo documento intitulado DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS NA AMAZÔNIA.
- ✓ *...Dias maravilhosos, nos debruçamos sobre as alegrias e as tristezas, as derrotas e vitórias, as esperanças e desesperanças dos povos que habitam os espaços da Amazônia e que ocupam nossas mentes e corações. O Documento de Aparecida ajudou-nos a melhor entender os desafios atuais da Evangelização, num mundo globalizado e urbano. Para ser autêntica a Evangelização deve insistir no anúncio da pessoa de Jesus e ao mesmo tempo na promoção humana. Nossa missão tem dois movimentos: ir até as mais distantes aldeias e povoados, e convocar os que estão nos últimos lugares para formar comunidades...*
- ✓ O Documento destaca aspectos da caminhada da Igreja e propõe ações concretas no enfrentamento dos problemas: 1) A Amazônia hoje; 2) Amazônia e meio ambiente; 3) A Igreja na Amazônia e os povos indígenas, os quilombolas e os ribeirinhos; 4) A Igreja na Amazônia e seu relacionamento com o Estado; 5) A Igreja na Amazônia, suas estruturas e sua missão; e 6) A Igreja na Amazônia e as Igrejas-Irmãs.
- ✓ Em julho de 2012, foi realizado em Santarém, mais um encontro dos pastores da Igreja na Amazônia para fazer memória e celebrar os 40 anos da Assembleia de Santarém (e do célebre docu-

12 APARECIDA propõe um projeto de coordenação pan-amazônico: *Estabelecer entre as Igrejas locais de diversos países sul-americanos, que estão na bacia amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum.*



mento). Contou com a presença do Cardeal Cláudio Hummes, presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia, e Dom Leonardo Steiner, secretário-geral da CNBB, bispos de outros Regionais da Amazônia Legal e representantes de diversas entidades que apoiam a Igreja na região. Fruto desse encontro foi uma Carta ao Povo de Deus na Amazônia com uma mensagem dos bispos e as conclusões e principais decisões da Assembleia, intitulado IGREJA NA AMAZÔNIA: MEMÓRIA E COMPROMISSO. ...*Reunidos para celebrar os 40 anos do Documento de Santarém, cuja contribuição foi decisiva para pôr em prática o Vaticano II e Medellín... Lembramos os 60 anos do I Encontro dos Prelados em 1952 e os 50 anos do Concílio Vaticano II. Apesar das mudanças... muitos desafios perduram, outros se agravaram e novos afloraram. Nestes 40 anos, com fragilidades nossa Igreja tem anunciado Jesus Cristo, ela tem marcado presença junto ao povo sofrido, sendo voz dos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, seringueiros e migrantes, nas periferias e centros urbanos...animando as comunidades... A vida destes povos, seu viver, simplicidade, protagonismo e fé nos encantam! Não faltou o testemunho, a entrega da vida até o derramamento de sangue...*

- ✓ Motivados pelas palavras do Papa Francisco na mensagem dirigida aos bispos durante a Jornada Mundial da Juventude (JMJ)¹³, a CEA convocou os bispos da Amazônia Legal e representantes das dioceses/prelacias de toda a Amazônia Legal (N1, N2, NO, NE5 e O2) para o I Encontro DA IGREJA CATÓLICA DA AMAZÔNIA LEGAL, que foi realizado em Manaus (28 a 31 de outubro de 2013), e contou com a participação de cerca de 60 bispos. Destaque-se a criação do Regional Norte 3, como expressão da integração das Igrejas da Região da Amazônia Legal. Algumas declarações do Encontro: *Ao longo de seis décadas... a Igreja tem demonstrado sua vitalidade e posicionamento profético e solidário... Queremos formar uma ampla rede integradora de nossas ações pastorais e evangelizadoras e convocar os irmãos e irmãs a empenharem-se em favor de um mundo justo, fraterno e solidário...doloroso problema das comunidades sem celebração do Memorial da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor: valorizar o trabalho dos leigos e leigas, considerado “insubstituível”; constituir o Ministério do Pastoreio de comunidades, investir na formação de presbíteros de acordo com a*

13 “Teste decisivo, banco de prova para a Igreja e a sociedade brasileiras... A Igreja está na Amazônia, não como aqueles que têm as malas na mão para partir, depois de terem explorado tudo o que puderam. Desde o início a Igreja está presente na Amazônia com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos e lá continua presente e determinante no futuro daquela área” (Papa Francisco - 27 de julho de 2013).



realidade amazônica e investir nos meios de comunicação, nos jovens, e no combate ao tráfico da pessoa humana.

- ✓ Em setembro de 2014 foi criada a REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA (REPAM), visando assentar as bases de uma rede em toda a região a partir do diálogo, articulação e construção de consensos sobre a missão eclesial na Amazônia. O encontro foi realizado em Brasília, e contou com a participação das Igrejas que compõem a Pan-Amazônia, com apoio do CELAM, CNBB, CLAR, Cáritas. A REPAM nasce como: 1. Confluência da Igreja em nove países: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana Inglesa, Guiana Francesa e Suriname; 2. Serviço de Comunicação e Integração; 3. Ação Conjunta e Eficaz; 4. Lugar de Encontro, Comunhão e Vida Plena.
- ✓ Missão da REPAM: potencializar de maneira articulada, a ação que a Igreja realiza no território pan-amazônico, atualizando e concretizando opções apostólicas conjuntas, integrais e multiescalares no quadro da doutrina e das orientações da Igreja.

O Papa Francisco publicou a Carta Encíclica *Laudato Si'* - Sobre o cuidado com a Casa Comum, em 24 de maio de 2015. *O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral* (LS, n. 13). O documento ensejou que fossem realizados os seminários *Laudato Si'* em todos os Regionais da CNBB na Amazônia, e um seminário geral.

No mês de agosto de 2016, entre as celebrações dos 400 anos de evangelização na Amazônia, foi realizado, na Arquidiocese de Belém, o XVII CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, com o tema “Eucaristia e partilha na Amazônia missionária”, e o lema: “Eles o reconheceram ao partir o pão”.

No período de 14 a 18 de novembro de 2016, em Belém (Icoaraci), bispos, padres, diáconos, religiosos, religiosas, assessores e lideranças pastorais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dos Regionais Norte 1 (Norte do Amazonas e Roraima), Norte 2 (Pará e Amapá), Norte 3 (Tocantins), Nordeste 5 (Maranhão), Oeste 2 (Mato Grosso) e Noroeste (Acre, sul do Amazonas e Rondônia), se reuniram para o II ENCONTRO DA IGREJA CATÓLICA NA AMAZÔNIA LEGAL E O ENCONTRO DAS IGREJAS-IRMÃS. A assembleia definiu as prioridades para nortear os compromissos da Igreja na Amazônia: Atenção e incentivo à demarcação e proteção de terras indígenas, quilombolas e a defesa de seus direitos;



formação de ministros e ministras instituídos para o pastoreio em cada comunidade; Escola de Fé, Política e Ecologia para a formação de lideranças, a partir de uma espiritualidade encarnada e da ecologia integral e, por fim, relançar o programa Comunidade de Comunidades Missionárias.

ENCONTRO DAS IGREJAS-IRMÃS DA CNBB. O projeto Igrejas-Irmãs, nascido em 1972, propõe a ‘adoção’ de dioceses mais carentes, especialmente com o envio de missionários e ajuda financeira. Este intercâmbio de experiência de vida cristã torna-se uma ajuda fundamental para que o povo da Amazônia seja melhor assistido e evangelizado pela Igreja. É o que sugere o Projeto.

SÍNODO PARA A AMAZÔNIA: Conforme o anúncio do Papa Francisco, no dia 15 de outubro de 2017 é convocada a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para refletir sobre o tema: *Amazônia, Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*, a realizar-se em outubro de 2019. O principal objetivo deste Sínodo é *encontrar novos caminhos para a evangelização deste povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também devido à crise da Floresta Amazônica, pulmão de importância capital para nosso planeta.*

À REPAM foi confiado formalmente o apoio à Secretaria do Sínodo e ao Conselho Pré-Sinodal, presidido pelo Papa Francisco, no processo de escuta ativa e direta em toda a extensão do território pan-amazônico.

Entre os dias 21 e 23 de agosto de 2018 foi realizado, em Manaus, o III ENCONTRO DA IGREJA CATÓLICA DA AMAZÔNIA LEGAL, que contou com a participação de 58 bispos de todos os Regionais. O assunto central foi o Sínodo Extraordinário para a Amazônia, convocado pelo Papa Francisco tendo como tema: *Amazônia – novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral. Seguimos os rumos traçados pelo processo sinodal na firme esperança de que o Espírito que conduz a Igreja nos animará e sustentará em nossa caminhada nesta Amazônia...*

O SÍNODO PARA A AMAZÔNIA foi realizado em outubro de 2019, no Vaticano, em Roma, uma grande assembleia da qual participaram todos os bispos da Pan-Amazônia, além dos membros da Cúria Romana e convidados. Mas contou também com a participação de inúmeras pessoas que representaram os mais diversos segmentos da sociedade, e de modo especial da Região Amazônica, e que proporcionaram um dos mais ricos e expressivos momentos da vida da Igreja Católica que teve repercussão em todo o mundo.





Em fevereiro de 2020, o Papa Francisco publicou a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia: Desejo apenas oferecer um breve quadro de reflexão que encarne a realidade amazônica e uma síntese de algumas grandes preocupações já manifestadas por mim em documentos anteriores... Quero de modo oficial apresentar o citado Documento, que nos oferece as conclusões do Sínodo e no qual colaboraram muitas pessoas que conhecem melhor do que o Papa e do que a Cúria Romana a problemática da Amazônia, porque são pessoas que nela vivem, por ela sofrem e que a amam apaixonadamente.*

COMUNICADO OFICIAL DA ASSEMBLEIA DO PROJETO DE CONSTITUIÇÃO DA CONFERÊNCIA ECLESIAL DA AMAZÔNIA (CEAMA) - 29 de junho de 2020, na solenidade de São Pedro e São Paulo:

A proposta dos Padres sinodais de ‘criar um organismo episcopal que promova a sinodalidade entre as Igrejas da região, que ajude a delinear o rosto amazônico desta Igreja e que continue a tarefa de encontrar novos caminhos para a missão evangelizadora’ (DF, n. 115), e o pedido do Papa Francisco, unido a seus quatro sonhos para este território e para toda a Igreja, em sua Exortação Pós-sinodal Querida Amazônia, ‘que os pastores, os consagrados, as consagradas e os fiéis leigos da Amazônia se empenhem na sua aplicação’ (QA, n. 4), encontrou uma resposta na Assembleia do Projeto de Constituição da Conferência Eclesial da Amazônia, realizada virtualmente nos dias 26 a 29 de junho de 2020.

Esta Assembleia... continua o caminho sinodal para abrir novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral na região Pan-Amazônica.





VER AO REDOR: ANÁLISE DE CONJUNTURA

Ecologia¹⁴

A Amazônia é coberta pela maior floresta tropical do mundo e contém mais da metade da biodiversidade do Planeta. Desempenha um papel vital na disponibilidade de água para consumo humano por meio de “rios voadores”, capacidade de retenção de água, e evapotranspiração. Representa, ainda, uma área potencial para o sumidouro de carbono, com relevância à escala regional e global.

Os principais motores de mudança identificados para esta região são a alteração do uso da terra e as alterações climáticas. O primeiro relaciona-se com o desmatamento e degradação, por meio da produção agrícola em larga escala e seu escoamento por meio das infraestruturas de grandes rodovias e portos, seguindo-se a indústria madeireira (quase toda ilegal!), com as grandes derrubadas e queimadas, a pecuária extensiva, e os garimpos poluindo rios, fontes e nascentes, em sua maioria também ilegais. O segundo motor é a mudança climática, que envolve a possibilidade de secas e a morte progressiva da floresta. O desmatamento vem crescendo nos últimos anos, após um período

14 Ima Vieira. Pesquisadora do Museu Emilio Goeldi-MPEG e assessora da REPAM-Brasil





de dez anos de estabilidade, tendo atingido 13.235 km² de destruição florestal em 2021, e mais recentemente, vem se estendendo para áreas intactas de floresta localizadas no sul do Amazonas. O relatório do IPCC, lançado em 28 de fevereiro de 2022, mostra que os impactos da mudança climática estão ficando cada vez mais complexos e difíceis de administrar, destacando que na Amazônia, em que a mudança do clima se soma ao desmatamento e às queimadas, produzirá perdas severas e irreversíveis de serviços ecossistêmicos e biodiversidade com 2° C de aquecimento.

É muito claro que a agropecuária é a principal atividade que tem modificado a região e causado muitos danos socioambientais. A agropecuária está diretamente relacionada ao aumento do desmatamento e das queimadas na Amazônia; agudizam-se as desigualdades sociais em razão do modelo de monocultura adotado e a alta concentração de terras, além do baixo nível de empregabilidade, e dos estimulantes benefícios jurídicos, como a isenção fiscal; integra a maior parte da lista suja de trabalho análogo à escravidão; está envolvida no cometimento de assassinatos de lideranças indígenas, defensores dos direitos humanos e de ativistas ambientais; além disso, produz inúmeros danos à saúde, em decorrência do uso de agrotóxicos e da adoção de transgênicos na monocultura.

A extensão dos territórios indígenas e áreas protegidas representa quase 45% da Amazônia e podem ser as últimas reservas de florestas e biodiversidade (e os benefícios que os acompanham). Quanto aos agricultores familiares, sabe-se que a Região Norte é a que apresenta a maior participação da agricultura familiar do país, mas com um cenário de cortes nos investimentos estatais e o avanço do agronegócio, a tendência é que as políticas direcionadas à produção de alimentos por esse grupo de produtores se tornem ainda mais escassas. As consequências da destruição desses territórios de vida, entre outros, são o aumento da grilagem facilitada pelos agentes do próprio Estado/governo, a intensificação da fome, o recrudescimento da violência no campo, acompanhada por outras violações de direitos.

Povos Indígenas¹⁵

O *Instrumentum Laboris*, documento preparatório do Sínodo para a Amazônia, é fruto de um inédito processo de escuta de seu povo. Nele já se denunciava a *violação sistemática dos direitos humanos elementares da população amazônica, de modo especial, a violação dos direitos dos povos originários* (LS, n. 14).

Passados três anos, a violação desses direitos se agravou. Nenhuma terra indígena foi homologada. As demarcações deveriam ter sido concluídas

15 Felício Pontes. Procurador do Ministério Público -MPF e assessor da REPAM – Brasil





no prazo de cinco anos, contados da promulgação da Constituição de 1988 (ADCT, art. 67). Na Amazônia Legal, são 93 Terras Indígenas sem processo de demarcação concluído.

Além de não demarcar, a União editou atos administrativos com o objetivo de “revisar” demarcações em curso; não incluir terras indígenas não homologadas nos sistemas de identificação de terras públicas; não fornecer serviços públicos a comunidades cujas terras não estivessem homologadas; mudar o critério da autoidentificação para heteroidentificação de povos indígenas; e retirar a proteção territorial de terras indígenas não homologadas.

Todas essas medidas governamentais enfrentaram ações judiciais que impediram sua concretização, sobretudo no Supremo Tribunal Federal. Porém, não impediram o aumento do desmatamento nesses territórios, ainda que em pleno período pandêmico. A TI Apyterewa (PA) foi a líder do ranking em 2021:

TI	ESTADO	DESMATAMENTO (ha)
TI Apyterewa	PA	6.771,21
TI Trincheira/Bacajá	PA	3.552,79
TI Kayapó	PA	2.573,96
TI Cachoeira Seca	PA	2.345,38
TI Munduruku	PA	2.212,30
TI Piripkura	MT	2.151,98
TI Sete de Setembro	RO/MT	1.478,70
TI Marãiwatsédé	MT	1.039,89
TI Kayabi	PA/MT	842,75
TI Karipuna	RO	669,72
TI Ituna/Itatá	PA	440,87
TI Roosevelt	RO/MT	345,15
TI Arara do Rio Branco	MT	331,88
TI Tenharim Marmelos	AM	282,39
TI Manoki	MT	252,65
TI Sai Cinza	PA	251,45
TI Bacurizinho	MA	242,65
TI Sarauá	PA	206,55
TI Sissaíma	AM	202,73
TI Jauary	AM	201,90





Quanto aos Povos Indígenas Isolados ou de Recente Contato, mais vulneráveis epidemiologicamente, há 114 comunidades indígenas, algumas delas alvo de invasões recentes, como as TIs Ituna/Itatá (PA) e Piripkura (MT), incluídas no quadro acima.

O orçamento da FUNAI vem caindo sistematicamente. O programa “Proteção e Promoção dos Direitos dos Povos Indígenas” tem para 2022 apenas R\$ 45 milhões. Em 2013, o valor era de R\$ 87,8 milhões.

A mineração em TI apresenta números elevados. Em 2020, a atividade ilegal promoveu a destruição de 2.400 ha na TI Yanomami (RR/AM), 2.137 ha na TI Kayapó (PA/MT) e 1.925 ha na TI Munduruku (PA). O efeito imediato foi a contaminação de indígenas por mercúrio. No Médio Tapajós, nove em cada dez indígenas apresentaram níveis do metal acima do nível de segurança. A malária assolou as TIs invadidas por garimpeiros, além da violência, culminando com incêndio de casas indígenas (TI Munduruku) e tiros contra aldeias (TI Yanomami).

Por fim, entre os projetos de infraestrutura que impactam os Povos Indígenas, destaca-se o ressurgimento da Hidrovia Araguaia-Tocantins (TO/PA), da Usina Hidrelétrica Tabajara (RO) e da BR-319. Todos antigos projetos do período militar com drásticos impactos sobre povos e comunidades tradicionais, cujo licenciamento se reiniciou nos últimos anos.

Migração e transformação¹⁶

O debate sobre as migrações esteve muito presente durante todo o processo de preparação para o Sínodo Especial para a Amazônia, e o Documento Final apresenta o migrante como um grande desafio pastoral.

Dado seu aumento e volume, o fenômeno da migração tornou-se um desafio político, social e eclesial sem precedentes (cf. DAp, 517, a). Diante disso, muitas comunidades eclesiais têm recebido os migrantes com grande generosidade, lembrando que: “Eu era migrante, e me recebestes em casa” (Mt 25,35). O deslocamento forçado de famílias indígenas, camponesas, afrodescendentes e ribeirinhas, expulsas de seus territórios por pressão e asfixia por falta de oportunidades, exige uma pastoral conjunta na periferia dos centros urbanos... Para isso, será necessário criar equipes missionárias para acompanhá-los, coordenando com as paróquias e outras instituições eclesiais e extraeclesiais as condições de acolhida, oferecendo liturgias inculturadas e nas línguas dos migrantes; promovendo espaços de intercâmbio cultural, favorecendo a integração na comunidade e na cidade e motivando-os neste trabalho a serem protagonistas. (Documento Final, 2019, n. 29).

16 Drª. Márcia Oliveira. Universidade Federal de Roraima (UFRR) e assessora da REPAM-Brasil





Atualmente os migrantes e os refugiados representam um terço da população mundial, e que experimenta toda sorte de sofrimentos, e uma resiliência com uma capacidade incrível de superação e adaptação aos novos desafios. Nos passos dos migrantes circulam importantes mudanças sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas. Na Amazônia, as migrações, caracterizadas por deslocamentos internos e internacionais, são intensas desde os processos colonizatórios. Para o Papa Francisco, isso representa um grande desafio pastoral.

Quero lembrar que nem sempre podemos pensar em projetos para comunidades estáveis, porque na Amazônia há uma grande mobilidade interna, uma migração constante, muitas vezes pendular, e a região transformou-se efetivamente num corredor migratório. A migração na Amazônia não foi bem compreendida nem suficientemente elaborada do ponto de vista pastoral. Por isso desafia as nossas comunidades urbanas, que deveriam cultivar com inteligência e generosidade, especialmente nas periferias, várias formas de aproximação e acolhida às famílias e jovens que chegam ao território. (Querida Amazônia, 2020, n. 98).

Os migrantes são portadores da fé e levam consigo suas vivências comunitárias para fazer circular saberes, conhecimentos, arte, culinária, cheiros, ritmos, canções e temperos. Carregam saudades, lembranças, memórias de sofrimentos e alegrias que ressignificam sua existência em outros territórios. Muitos deslocamentos são causados pelas mudanças climáticas que provocam eventos ambientais de grande impacto, como o que ocorreu com o terremoto no Haiti em 2010. Outros deslocamentos marcados pela violência e expulsão, são resultado da ganância, das desigualdades, das injustiças e de toda forma de exploração. Ao mesmo tempo que a Amazônia acolhe migrantes dos países vizinhos nas relações transfronteiriças, também envia para outros países uma quantidade imensa de pessoas que partem em busca de melhores condições de vida, de oportunidades de trabalho ou de estudos.

O número 30 do Documento Final apresenta os migrantes como um dos rostos da Igreja na Amazônia:

Entre os diversos rostos da realidade pan-amazônica, destaca-se o dos jovens presentes em todo o território. São jovens com rostos e identidades indígenas, afrodescendentes, ribeirinhos, extrativistas, migrantes, refugiados, entre outros. Jovens moradores de áreas rurais e urbanas, que diariamente sonham e buscam melhores condições de vida, com o profundo desejo de ter uma vida plena.

Por isso, é possível afirmar que acolher e integrar os migrantes e refugiados não é uma questão de opção. É uma atitude evangélica que exige coerência, coragem e abertura para mudanças pessoais e estruturais. No atual contexto migratório da Amazônia, avançar para além do atendimento emergencial e





criar políticas públicas que promovam a inclusão econômica e sociocultural dos migrantes, refugiados, recorrentemente ignorados nos planos nacional, regional e local, são tarefas da gestão do território que os governos precisam assumir segundo os protocolos internacionais e os marcos constitucionais do Brasil. Mas, é também tarefa de toda a sociedade que ao participar desses processos de acolhimento e inclusão se dispõe a experimentar mudanças profundas e a libertar-se de todas as formas de egoísmo, de intolerância, de racismo, de xenofobia e de discriminação.





JULGAR, DISCERNIR E ILUMINA

Santarém 1972: o transbordar de uma igreja que vai delineando seu rosto a partir do vaticano ii e de medellín1718

Para os que participaram do Sínodo para a Amazônia ainda ecoa a inquietação do Papa Francisco para que as propostas que se apresentavam não se resumissem a pequenos “remendos” em nossa ação pastoral, mas constituíssem um verdadeiro “transbordar”. Esta intervenção do Papa, de um lado, nos questionou sobre uma visão muito abreviada da realidade e a busca de soluções que não irrompiam como verdadeiros novos caminhos; por outro lado, nos impulsionou a retomar a ousadia, atitude tão característica da caminhada da Igreja na Amazônia.

É nesta perspectiva que retomamos o Encontro de Santarém de 1972: não se trata aqui tão somente de verificar a atualidade das prioridades pastorais ali delineadas, mas nos revestirmos novamente daquela atitude fundamental que hoje podemos chamar de estado permanente de missão, “Igreja em saída”... Santarém o chamou de ENCARNAÇÃO E LIBERTAÇÃO! Podemos então afirmar que o *rosto amazônico da Igreja vai se tornando evi-*

17 Ir. Roselei Bertoldo . Secretária Executiva Regional Norte 1

18 Francisco Lima – Assessor da REPAM -Brasil





dente num primeiro momento a partir de sua opção profética, que, por sua vez, vai se desdobrando nas suas expressões e configurações estruturais.

Em Santarém foram aprovadas quatro prioridades: formação dos Agentes de Pastoral (incluindo os futuros padres), estradas e frentes pioneiras, Pastoral Indígena, e Comunidades Cristãs de Base. Em 1974, em outro encontro, em Manaus, foi acrescentada como prioridade a Juventude. Tivemos como desdobramentos processos importantes: a criação de institutos de formação, em Belém o IPAR – Instituto de Pastoral Regional, em Manaus o CENESCH – Centro de Estudos do Comportamento Humano (hoje ITEPES – Instituto de Teologia Pastoral e Ensino Superior da Amazônia), que tinham a missão de atuar na formação dos diversos agentes de pastorais na região.

Em 1997, quando foram celebrados os 25 anos de Santarém com um Encontro inter-regional, foi afirmado que *a Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia* – reescrevemos uma eclesiologia amazônica, e as notas conceituais sobre a Igreja fundamentavam seu agir comprometido, no caminho traçado por Santarém. Em 2012, ao fazer memória dos 40 anos de Santarém, foi reafirmada a necessidade e um “projeto de Igreja”, mais do que um projeto pastoral.

Estas reflexões até aqui levantadas chamam atenção para necessidade de um olhar abrangente e de atitudes mais profundas. O Sínodo para a Amazônia confirmou esta caminhada da Igreja que está nesta região. Acolheu as inquietações já refletidas neste longo caminho e as reapresentou nas categorias da conversão (projeto de Igreja) e dos sonhos (Projeto de Reino).

Avancem para águas mais profundas...

Desta caminhada destacamos elementos que já fazem parte da identidade eclesial amazônica, que poderiam, no entanto, ser atualizados em vista das novas interpelações que a realidade apresenta:

a. Igreja e defesa da vida

Nesta identidade eclesial e agir profético, a Igreja teve a capacidade de marcar presença junto às populações ameaçadas e com elas enfrentar os conflitos mais ameaçadores. Populações tradicionais e espaços em disputa: indígenas, ribeirinhos e quilombolas, migrantes, mulheres, adolescentes e jovens, estradas e outras frentes pioneiras, demarcação de terras indígenas, preservação de lagos, tráfico de pessoas...

A presença eclesial foi assegurada de modo institucional por meio





de *organismos* e vale ressaltar o CIMI e a CPT, e de *lideranças*, e destacamos aqui o *martírio* como característica do processo de encarnação.

É necessário perguntar-nos sobre a qualidade e sistematicidade desta presença hoje.

a. Igreja e questão socioambiental

Sempre ligado à defesa da vida, esta perspectiva foi enriquecida com a compreensão da *Laudato Si'* de ecologia integral. A defesa da vida não é pautada por um lançar-se em uma fileira de lutas como quem busca apaziguar os conflitos sempre mais emergentes. Mas fundamenta-se na concepção da casa comum em que tudo está interligado.

b. Uma Igreja que se organiza em comunidades

A questão das comunidades eclesiais é crucial para a vida da Igreja na Amazônia. Falamos agora da comunidade como sujeito no processo evangelizador (*comunidades eclesiais missionárias*). O cenário questiona nossa real opção por este dinamismo eclesial. Elementos de subjetivismo e de urbanização têm provocado uma guinada em nossa pastoral, influenciada por modelos midiáticos, busca-se uma relação com o sagrado sem mediação comunitária.

c. Ministérios numa igreja que caminha na sinodalidade

Desde Santarém, a *visão da ministerialidade da Igreja é claramente compreendida na perspectiva do corpo eclesial*. O Documento de Santarém fala da formação dos “agentes de pastoral”. Com o passar do tempo fomos fragmentando os processos e concentrando esforços na formação do ministério ordenado distanciado do dinamismo ministerial da Igreja. Hoje emerge a presença do *diaconato permanente*. Precisa verificar em qual perspectiva este se encontra. Já é clara a opção ainda não efetivada de *um ministério revestido de autoridade conferido aos cristãos leigos e leigas*. O ministério do *catequista* merece particular atenção.

É importante ter presente a Assembleia Eclesial da América Latina, na qual a questão do clericalismo foi amplamente debatida.



Nosso caminho deve ser o do protagonismo de todos os batizados como uma ruptura com o clericalismo em suas mais variadas expressões.

d. As mulheres e o rosto feminino da Igreja na Amazônia

Temos todas as ferramentas para passos significativos. A “diacônia” das mulheres na Igreja da Amazônia aguarda rompermos com estruturas caducas, e envolvê-las nos espaços de decisão e “poder” na Igreja. O aceno com o leitorado e acolitado conferido às mulheres pode ser um ponto de partida que a Igreja da Amazônia precisa para passos mais avançados.

e. Igreja com o rosto amazônico: inculturação e interculturalidade

O fortalecimento de uma Igreja com rosto decolonial latino-americano e caribenho, definido também como um rosto indígena, negro e feminino. Da mesma forma a fé professada, celebrada e testemunhada deve revestir-se das expressões próprias dos nossos povos. Temos pela frente um caminho a avançar quanto à liturgia e os processos de iniciação à vida cristã.

f. A Igreja discípula da Palavra

A expressão do documento de 1997 (*A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia*) evoca uma Igreja que se articula e age a partir da Palavra, mas também uma Igreja ouvinte; que proclama e que escuta. Isto implica nossos dinamismos de comunicação. Uma Comunicação Popular libertadora, com cidadania eclesial para todos, como confronto com a manipulação das narrativas de muitos meios de comunicação, verdadeiros “promotores de sagrados influenciadores digitais”; investimento nas comunidades eclesiais de base (CEBs) como superação do cristianismo de massa.

(Este texto não é uma síntese nem necessariamente um esquema propositivo de questões pastorais. Quer ser mais uma dinâmica de leitura para que os participantes do Encontro percebam o dinamismo de Santarém e identifiquem os dinamismos necessários para a Igreja na Amazônia hoje: transbordar.



ENCARNAÇÃO E LIBERTAÇÃO: AS DIRETRIZES DE SANTARÉM 1972 PARA OS TEMPOS DE HOJE

1. O caminho eclesial de Santarém, 1972, proporcionou frutos de fecundidade profética na evangelização junto aos povos desta imensa Amazônia. Somos profundamente gratos aos “operários da primeira hora”, os bispos das Igrejas particulares amazônicas, e junto a eles, mulheres e homens que foram tornando possível o caminho então traçado. Até hoje nos fascina a extraordinária lucidez e audácia profética recolhidas no expressivo Documento de Santarém, que nos últimos 50 anos vem inspirando a Igreja no seu modo de ser e de agir: uma Igreja com rostos amazônicos. Deles herdamos uma mística de quem “não arreda o pé” e não deixa seus filhos padecerem abandonados na cruz.
2. As inúmeras formas de recepção da riqueza deste Encontro, além da acolhida das Igrejas locais, foram atualizadas em sucessivos processos sinodais nos quais o Documento de Santarém foi revisitado, como em Manaus (1997) e Santarém (2012). As intuições traçadas há 50 anos vêm sendo confirmadas no atual pontificado, seja na consciência socioambiental a partir da perspectiva da Ecologia Integral (*Laudato Si*), na eclesialidade de uma Igreja em saída que se encarna no chão amazônico (*Evangelii Gaudium*), na busca de uma sociedade mais fraterna (*Fratelli Tutti*) e num compromisso evangelizador que abrange a totalidade da vida (*Querida Amazônia*).
3. Neste documento jubilar, os participantes do Encontro de Santarém em 2022 ratificaram as diretrizes e prioridades assumidas há 50 anos, atualizando-as à luz do recente Sínodo para a Amazônia. Assim como Santarém 1972 constituiu uma criativa recepção do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, o atual encontro dá prosseguimento ao caminho do Sínodo para a Amazônia assumindo suas inspirações a partir da Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia* e avançando ousadamente nas indicações programáticas de seu *Documento Final (DF)*. Neste sentido, ao percorrer o caminho de Santarém chegando ao Sínodo para a Amazônia, há um profundo senso de gratidão ao Papa Francisco, que, pela escuta ao apelo da Igreja na Amazônia para que se desse mais eco aos seus esforços e suas lutas, surpreendeu-nos com a convocação do Sínodo do qual foi empenhado participante e por nos ter apresentado a Exortação *Querida Amazônia*.
4. Notadamente, as duas grandes diretrizes apontadas no Documento de Santarém (1972) são de uma atualidade incontestável, e aqui foram reassumidas com maior compromisso e profundidade que os tempos de hoje exigem: encarnação na realidade e evangelização libertadora.

Encarnação na Realidade

5. Santarém já apontava a fundamentação desta diretriz na encarnação do próprio Cristo, convidando a uma conversão ao Verbo Encarnado que exige da Igreja um total entrosamento com a realidade, uma superação de modelos de evangelização importados e um permanente testemunho realista, corajoso e repleto de esperança, fundado exclusivamente no Evangelho.
6. Em 1997, ao celebrar os 25 anos do Documento de Santarém, a Igreja assume com mais clareza esse ministério e diz de si mesma: “A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia”. Este armar a tenda manifestou-se como um irrenunciável anúncio central da boa nova: anunciar aos povos o Evangelho de Jesus Cristo e de seu Reino como fonte de sentido e de libertação. Anúncio do *núcleo do querigma*: Jesus Cristo morto e ressuscitado, “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6) para todo homem e mulher. Mas também, “Armou sua tenda no meio do povo de tal modo que apareceu um rosto eclesial bem amazônico na diversidade sociocultural, na defesa do lar que Deus criou para toda a humanidade e na promoção da Vida em todas as suas dimensões, sobretudo quando é ameaçada pelos impactos causados por um equivocado conceito de progresso que confunde desenvolvimento

com crescimento meramente econômico, multiplicação de riqueza material, incremento do PIB, expansão do agronegócio, aumento de produção de biocombustíveis, [...] deixando de promover a justiça e o bem-estar de todos e para todos.” (Carta do I Encontro da Igreja Católica da Amazônia Legal, 2013).

7. O Sínodo para a Amazônia nos enriquece como indicado em seu Documento Final: estes caminhos de encarnação são também caminhos de inculturação e interculturalidade. Neste sentido, a encarnação não pode acontecer sem que os povos amazônidas, acompanhados por seus agentes e pastores, sejam os protagonistas. Encarnação tornou-se também e primeiramente um processo de escuta! (cf. DF, n. 51). Ao mesmo tempo que anuncia sem cessar o querigma a Igreja não para de moldar sua própria identidade na escuta e diálogo com as pessoas, realidades e histórias do território (cf. QA, n. 66).

8. Comunidades encarnadas constituem o núcleo do sonho eclesial na *Querida Amazônia*: “Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e de se encarnar na Amazônia, a tal ponto que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.” (QA, n. 7).

9. Hoje, mais do que nunca, a Igreja na Amazônia não pode furtar-se deste processo, enquanto por outro lado, a lógica de um projeto neoliberal vai se encarnando sustentado em uma teologia da prosperidade. Cabe a nós estarmos enraizadamente presentes junto ao povo alimentando a esperança.

Evangelização Libertadora

10. Sempre à luz do Mistério de Cristo e de sua Páscoa, o Documento de 1972, retomando a Conferência de Medellín, assume um modelo de evangelização integral e libertadora, em que anúncio e conscientização sobre a dignidade da pessoa humana em sua condição de filho e filha de Deus constituem pressupostos indispensáveis para a libertação do homem e da mulher, de tal modo que a Igreja esteja implicada em tudo aquilo que atinge a dignidade e a liberdade da pessoa humana e da família.

11. Esta sempre foi uma marca da atuação da Igreja na Amazônia. E na medida em que estes sinais de ameaça à dignidade avançam, a resposta de uma evangelização libertadora faz-se mais urgente e explícita. Ao longo destes últimos 50 anos, por diversas ocasiões, esta diretriz básica foi reafirmada. Em 1974 já se escrevia com nitidez esta compreensão: “De nada serviria a Encarnação na realidade, se não soubéssemos enxergar a finalidade que lhe é própria [...]: quebrar as cadeias da escravidão espiritual, psicológica e socioeconômica em que o nosso homem se encontra; superar a condição de estaticidade e inferioridade em que ele vive, ao ponto de nem suspeitar a sua vocação a uma vida ressuscitada.” (Documento de Manaus, 1974).

12. O Encontro inter-regional de 1997 reafirmava: “Em tempos onde é forte a tentação de ‘bastar-se a si mesmo’, a Igreja da Amazônia retoma a decisão de ser mais do que tudo servidora. Toda a sua ação, tanto nas pastorais explicitamente sociais, que expressam mais diretamente o serviço libertador aos excluídos e o apoio aos diversos movimentos populares, como nos setores de pastoral mais interna e de sustentação das comunidades eclesiais, a meta fundamental é buscar e servir ‘ao Reino de Deus e à sua justiça’, compreendendo que ‘tudo o mais virá por acréscimo’ (Mt 6,33).” (A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia, n. 32).

13. O Sínodo para a Amazônia reconhece o momento presente como a “oportunidade histórica” da Igreja se diferenciar das novas potências colonizadoras e exercer sua atividade profética com transparência, e apresentar o Cristo com todo seu potencial libertador (cf. DF, n. 15).

14. As ameaças de perspectivas ou modelos eclesiológicos que se distanciam do Evangelho vão minando a força profética de nossas comunidades e reduzem a Evangelização a experiências subjetivistas, permeadas de autorreferencialidade e clericalismo, ignorando que existe “uma conexão íntima entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora” (EG, n. 178). Tal situação impede dinâmicas sinodais que se comprometam com a libertação integral da pessoa humana. Este nunca foi e nunca será o caminho da



Igreja que está na Amazônia.

50 anos depois

15. Passados 50 anos do Encontro de Santarém em 1972, sentimos a necessidade de reafirmar esse jubileu para Amazônia: “Mais do que em outras épocas de sua história, a Amazônia necessita urgentemente da proclamação de um jubileu que seja um novo tempo de justiça e signifique a libertação da terra e das águas, o direito à cidadania das populações da região e o resgate das dívidas sociais para que haja vida e justiça para todos.” (A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia, n. 8).

16. Olhamos para frente, contemplando a beleza e vitalidade desta região, mas vigilantes diante das ameaças que se agravam. Como afirmado na carta do Encontro dos Bispos da Amazônia de 2021, “Acompanhamos estarecidos, mas não inertes, o desenrolar de um arquitetado projeto genocida, que por sua vez revela o devastador agravamento de uma crise que escancara a pobreza diante da escandalosa concentração de riquezas”.

I. A QUERIDA AMAZÔNIA

Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é chão sagrado (Ex 3,5).

17. “A Querida Amazônia”, assim nossa região foi chamada pelo Papa Francisco no início da Exortação Apostólica fruto do Sínodo de 2019, convidando-nos a contemplá-la com todo seu esplendor, seu drama e o seu mistério (cf. QA, n. 1). Assim o fazemos recordando o intenso processo de escuta em preparação ao Sínodo para a Amazônia, que nos proporcionou perceber com maior nitidez como a Amazônia é vista a partir de seus povos, a partir da Igreja e como esta contemplação é geradora de alegria e compromisso, gratidão e profecia.

18. Esta visão compartilhada no *Instrumentum Laboris* (cf. n. 8-43) deste Sínodo de 2019 nos faz contemplar a Amazônia como lugar de vida, fonte de vida pelas suas dádivas naturais: o ciclo das águas, as dinâmicas naturais de regulação do clima, a biodiversidade, os povos amazônidas e seu modo de relação com a casa comum. É lugar de novas dinâmicas de vida, do bem viver, de uma vivência harmoniosa “consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o Ser supremo, dado que existe uma intercomunicação entre o cosmo inteiro, onde não há excludentes nem excluídos, e que entre todos nós podemos forjar um projeto de vida plena” (IL, n. 12). É lugar sagrado em que Deus se revela, lugar de beleza em que tudo está interligado. Lugar de esperança e de cura para o mundo. Lugar de diálogo e aprendizagem, diálogo e resistência.

19. A beleza e o fascínio destes territórios nos lançam em uma relação sponsal, a Amazônia nos une e “o que Deus uniu o homem não separe” (Mt 19,6). Por isso mesmo, não se trata de uma contemplação bucólica e desencarnada, mas uma relação de cuidado diante das ameaças sempre crescentes. Assim, de 50 anos para cá, assistimos ao agravamento violento de processos de agressão à casa comum nos territórios amazônicos.

20. Nos últimos 50 anos, a região amazônica ficou mais perto da destruição irreversível. O modelo de desenvolvimento predatório se implantou na Amazônia em cinco atividades básicas: exploração ilegal de madeira, pecuária extensiva, mineração, monocultura e energia. E criou consequências desastrosas que atingem o coração da floresta amazônica e a alma de seu povo. As mudanças climáticas, por sua vez, podem levar à morte progressiva da floresta com perdas severas de serviços ecossistêmicos e de biodiversidade e alterar drasticamente a economia da sociobiodiversidade que sustenta milhares de famílias na Amazônia. Este desequilíbrio climático gerado pela depredação da floresta amazônica não fere apenas seu próprio bioma, mas incide diretamente em todo o continente e no mundo, pois “tudo está interligado”.

21. Em função da abundância de terras e de recursos naturais, concebeu-se a região amazônica como uma “fronteira tropical”, ideia refletida nos programas de estímulo às atividades voltadas para a exportação, em benefício das grandes companhias agroindustriais e a produção agropecuária associados aos investimentos em infraestrutura e em extração de minerais. Esse modelo de desenvolvimento tem levado à alta concentração de terras, trabalho escravo, assassinato de lideranças indígenas, de defensores dos direitos humanos e de ativistas ambientais. Os danos socioambientais relacionados a isso tudo agudizam as desigualdades sociais e a destruição de territórios indígenas, quilombolas e populações tradicionais.

22. As consequências da destruição desses territórios de vida, entre outras, são a intensificação da fome, o recrudescimento da violência no campo, acompanhada por outras violações de direitos. Aliado a isso, a destruição da floresta alimenta uma cadeia de ilegalidades, que começa pela invasão das terras públicas e se estende a fraudes, homicídios e ao comércio de armas e drogas – uma simbiose entre destruição da floresta e crime organizado em várias esferas.

O papel da Igreja nesse cenário

23. Diante deste cenário, a Igreja que está na Amazônia tem um papel histórico: a partir de sua capilaridade, sua capacidade de articulação e atuação regional, fiel ao seu processo de encarnação e libertação, esta é chamada urgentemente a promover uma trégua diante destas agressões e proporcionar uma pacificação nos territórios. Esta Igreja que buscou consolidar-se a partir do Concílio Vaticano II, acolhido em Santarém 1972 e se compreende como discípula missionária, servidora da vida, testemunha do diálogo e irmã da criação, não pode omitir-se diante da convocação e do apelo que o tempo presente lhe impõe. Renova-se o apelo: “Cristo aponta para a Amazônia”, e a mão que aponta é a mão de um crucificado ressuscitado.

II. A IGREJA COM ROSTOS AMAZÔNICOS

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas (Ap 2,7).

24. O caminho da Igreja na Amazônia nos últimos 50 anos é motivo de ação de graças. De fato, assim se expressou o Papa Francisco em mensagem enviada aos participantes deste encontro: “[...] é ocasião de intensa ação de graças ao Altíssimo pelos frutos da ação do Divino Espírito Santo na Igreja que está na Amazônia – durante estas últimas cinco décadas – e porquanto a mesma inspira”. Neste período, quantos avanços experimentados na vida das Igrejas locais desta região: fortalecimento das Igrejas, a multiplicação de comunidades eclesiais, novas prelazias e dioceses, o episcopado da região com bispos autóctones, crescimento do clero local, a atuação encarnada da vida religiosa feminina, como corresponsáveis na ação evangelizadora, das primeiras rádios ao avanço de recursos de comunicação, diversos centros de formação, dentre tantos outros.

25. Muito nos alegra a consciência de uma identidade eclesial que foi se sedimentando a partir de Santarém, em 1972, até o Sínodo de 2019. Nesta perspectiva, resgatamos traços da nossa identidade de Igreja com rosto amazônico, assumindo os sonhos da Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia*:

a) Igreja discípula missionária e sinodal: o sonho eclesial

26. A Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe (2021) retomou a Conferência de Aparecida e o dinamismo do discipulado missionário em chave de Igreja em saída. A Conferência de Aparecida, por sua vez, foi acolhida e “amazonizada” no IX Encontro de Bispos da Amazônia (2007), cujo documento final expressou esta consciência eclesial: “Com o título: ‘Discípulos Missionários na Amazônia’ queremos deixar em evidência nosso modo de entender a fé como um processo (discipulado) e a evangelização como uma grande missão, na certeza de que há muito por fazer se

quisermos ser fiéis ao Senhor que nos enviou para evangelizar a todos” (Discípulos Missionários na Amazônia - Apresentação). Falamos da missionariedade como fundamento do ser da Igreja. Esta missionariedade foi construída num caminho de comunhão das nossas dioceses e prelazias, de modo que comunhão, participação e missão sempre foram as marcas da sinodalidade historicamente vivenciada na Igreja que está na Amazônia.

27. No Sínodo para a Amazônia, a Igreja em saída missionária apresenta-se como samaritana, misericordiosa e solidária, que serve e acompanha os povos amazônicos e se constitui um Igreja com rosto destes mesmos povos (cf. DF, n. 21-22.26-33). Trata-se, portanto, da vida das nossas Igrejas que vão se moldando em caminhos de inculturação da espiritualidade, da liturgia, do ministério, da vida comunitária (cf. QA, n. 66-103).

b) Igreja servidora, profética e defensora da vida: *o sonho social*

28. “A Igreja, discípula do Espírito de Deus, se torna parecida com Jesus Cristo em sua vida, palavra e ação. Assume a misericórdia e a compaixão do Cristo, em relação a todo ser vivo e à vida ameaçada, como princípio de toda a ação evangelizadora, e retoma a convicção fundamental de que Deus não a quis para si mesma, mas em função do Reino da vida, da justiça e da paz.” (A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia, n. 30).

29. A luta pelo direito dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos (cf. QA, n. 7), torna-se um imperativo para a Igreja que não pode estar menos comprometida, chamada a escutar os clamores do povo e exercer com transparência seu papel profético (cf. QA, n. 19). Na história da Igreja na Amazônia, esta postura sempre permeou as suas opções fundamentais e quando em tempos recentes se escuta um clamor para resgatar a profecia, reconhecemos que nem sempre algumas de nossas Igrejas particulares percorreram este caminho.

c) Igreja testemunha do diálogo: *o sonho cultural*

30. No Documento de 1997, este traço da Igreja referia-se mais especificamente ao diálogo ecumênico, caminho sempre mais desafiador na medida em que as denominações de acentuada expressão neopentecostal promovem modelos de evangelização marcados pelo proselitismo, por discursos de juízo em vez de misericórdia, por agressões às culturas autóctones e por concepções religiosas pautadas na teologia da prosperidade. Contudo, a realidade em que se insere a Igreja na Amazônia, não somente é de diversidade de igrejas cristãs, mas multirreligiosa, multicultural e multiétnica, conseqüentemente, o diálogo é ecumênico, inter-religioso e cultural (cf. DF, n. 23).

31. O caminho que o Sínodo delineou para a Igreja foi o de uma Igreja inculturada e intercultural (cf. DF, n. 51-61). Neste caminho, identidade e diálogo não são conceitos que se opõem ou se excluem, antes, se exigem. Este sonho cultural implica num particular cuidado com as raízes, em atitude de encontro e no compromisso com as culturas ameaçadas.

d) Igreja irmã e cuidadora da criação: *o sonho ecológico*

32. “Para a nossa Igreja, é um privilégio viver a missão nessa região repleta de belezas, onde a aliança do Criador com o universo aparece tão fortemente, seja na tradição bíblica, seja nas culturas indígenas. Ao mesmo tempo, nos desafia a devastação e a exploração desenfreada que desumaniza e destrói o equilíbrio da própria natureza.” (A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia, n. 34).

33. A Igreja se faz solícita ao clamor da criação. “Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou” (LS, n. 2). Hoje, este engajamento se faz com maior lucidez na perspectiva da ecologia integral. Não se trata de uma pauta pastoral em meio a outras, mas um novo modo de compreender a abrangência do cuidado com a casa comum, conscientes de que tudo está interligado. O Sínodo para a Amazônia apresentou esta compreensão na exigência de uma conversão ecológica.



e) Igreja de mártires

34. A fecundidade e o engajamento profético da Igreja na Amazônia fazem desta uma Igreja obediente até a morte, e morte de cruz. A referência aos mártires é, ao mesmo tempo, um louvor orante e uma denúncia aos níveis de violência a que chegam os enfrentamentos nos territórios amazônicos. Quanto mais irmãos e irmãs tombam por causa do Reino, mais a Igreja tem a consciência de estar sendo fiel à missão recebida e vivenciando com radicalidade seu processo de encarnação na realidade e evangelização libertadora.

35. No altar da terra manchada de sangue se oferece o pão do martírio, pois numa região em que a Eucaristia é tão escassa, a Igreja se faz eucarística no corpo doado, fazendo da vida pão partido e sangue derramado por amor aos irmãos e ao Reino.

Caminhando juntos

36. Nos últimos anos, temos experimentado a alegria de caminhar juntos ao descobrir que outros estão dispostos a partilhar conosco esta caminhada, mas também ao descobrir que outros já estavam conosco nesta estrada. No Brasil, a Comissão Episcopal Especial para a Amazônia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil tem alavancado, desde 2003, um pacto de apoio solidário e fraterno para com a Igreja na Amazônia; esta articulação se ampliou ao alargarmos os horizontes e percebermos os desafios em perspectiva pan-amazônica e a possibilidade de construção de caminhos em rede, por meio da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), desde 2014. Mais recentemente, esta abrangência pan-amazônica ganhou suporte estrutural por meio da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA), como fruto do Sínodo de 2019.

37. Consciente de sua identidade, respaldada por estas novas modalidades de articulação, apesar de suas fragilidades, a Igreja da Amazônia reafirma linhas prioritárias que possam dar seguimento as indicações do Sínodo para a Amazônia sempre sob à luz das diretrizes básicas de encarnação e libertação.

III. NOVOS CAMINHOS DE EVANGELIZAÇÃO: LINHAS PRIORITÁRIAS

Avancem para águas mais profundas, e ali lancem suas redes para a pesca (Lc 5,4).

38. “Sejam corajosos e audaciosos, abrindo-se confiadamente à ação de Deus que tudo criou, nos deu a si mesmo em Jesus Cristo (cf. QA, n. 41), e nos inspira através do Espírito a anunciar o Evangelho com novo empenho e a contemplar a beleza da criação, ainda mais exuberante nessas terras amazônicas, onde se experimenta a presença luminosa do Ressuscitado (cf. QA, 57).” (Carta do Papa Francisco aos participantes do Encontro de Santarém, 2022).

39. Deixamo-nos guiar, entusiasmar, encantar e impulsionar por este afetuoso encorajamento que o Papa Francisco no início deste encontro. Somos desejosos de que coragem e audácia se traduzam em opções pastorais transbordantes e não “pequenos remendos”. Os desafios são muitos, mas acompanhando a opção metodológica de 1972, escolhemos também priorizar algumas linhas de atuação, o que não faz com que outras demandas pastorais sejam menos importantes.

40. As indicações, sobretudo do Documento Final do Sínodo para a Amazônia, confirmadas na Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia* são abraçadas em sua totalidade por nossas Igrejas particulares. Não nos faltam inspirações de compromissos e formas de atuação, basta recuperar o Pacto das Catacumbas firmado em 2019, os pronunciamentos posteriores dos encontros dos Bispos da Amazônia. Estamos conscientes de nossa tarefa de levar a cumprimento as propostas delineadas no Sínodo para Amazônia e fazer nossos os sonhos do Papa Francisco.



41. Não podemos ignorar outros elementos que atingem diretamente as dinâmicas pastorais da Igreja e à vida comunitária, que são facetas de um cenário em que se desenvolve nossa ação evangelizadora: o contexto urbano e as dinâmicas das grandes cidades e o crescimento de Igrejas neopentecostais na Amazônia.

Em meio a tantas interpelações que exigem um empenho pastoral, priorizamos:

1. FORTALECIMENTO DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

42. Ressaltamos a importância das Comunidades Eclesiais de Base, que constituem uma dinâmica muito própria da Igreja em nossas dioceses e prelazias. Reconhecemos nelas a força missionária de nossa ação evangelizadora e o sujeito eclesial da missão neste chão. Elas estão intrinsecamente implicadas no anúncio e na vivência da fé, na presença profética que torna evidente o Reino de Deus, no cuidado da casa comum.

43. Nestas comunidades, surpreende-nos a força da Palavra de Deus e, conseqüentemente, a importância das experiências de leitura popular da Bíblia, experiências que ajudam o povo a fazer a descoberta na expressiva piedade popular da experiência mais profunda de encontro com Jesus e descoberta do Reino de Deus.

Carecemos de um verdadeiro relançamento destas comunidades, e nelas, das pastorais e movimentos eclesiais mais vinculados à vida comunitária. Salientamos dois aspectos:

a) Ministerialidade

44. A *Querida Amazônia* nos convida a uma inculturação do Ministério (QA, n. 85) como uma forma de encarnada organização eclesial e uma exigência do processo de encarnação. Ao mesmo tempo, assegura a presença eclesial nas periferias territoriais e existenciais. Particular preocupação apresenta-se com o sacramento da Eucaristia. Se a admissão de pessoas casadas ao ministério de presidência da Eucaristia pode causar escândalo, afirmamos que escândalo maior é a privação que as comunidades sofrem sem acesso à Eucaristia.

45. Além da possibilidade de promover o ministério da Palavra e da Eucaristia já presentes nas comunidades, de despertar e promover as vocações para o ministério presbiteral, reconhecemos as seguintes necessidades:

- ✓ *Solicitar à Santa Sé a Ordenação Presbiteral daqueles que já exercem o diaconato permanente de modo frutífero como propõe o Documento Final do Sínodo, n. 111;*
- ✓ *Solicitar à Santa Sé, com o parecer favorável da CNBB, para que cristãos leigos e leigas das Igrejas particulares da Amazônia possam receber da própria Igreja local a permissão para o exercício do ministério de Testemunhas Qualificadas do Matrimônio;*
- ✓ *Os presbíteros que deixaram o exercício do ministério e constituíram família, sejam valorizados e envolvidos nas ações de evangelização junto às comunidades;*
- ✓ *Instituir uma nova figura ministerial: um ministério conferido pelo bispo aos cristãos leigos e leigas, com mandato oficial e reconhecimento nas instâncias locais, para exercer serviços da Palavra e da Eucaristia, de introduzir os irmãos e irmãs na fé, de administrar o Batismo, testemunha qualificada do Matrimônio, de responder oficialmente pela comunidade, e ainda outras atribuições de acordo com a realidade da comunidade;*
- ✓ *Implementar o Ministério do Catequista instituído pelo Papa, bem como o Leitorato e Acolitato conferido às mulheres;*
- ✓ *Criação dos ministérios especiais para o cuidado da Casa Comum.*

b) A participação das mulheres

46. As comunidades eclesiais são animadas na sua grande maioria pelas mulheres. São elas que estão nas coordenações, nos ministérios da Palavra e da Eucaristia, na animação litúrgica, no cuidado com



os pobres, nos enfrentamentos mais acirrados. São as mais numerosas nos serviços e menos presentes nas instâncias de decisão.

47. A Igreja na Amazônia quer ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva (cf. EG, n. 103). Que a voz das mulheres seja ouvida, sejam consultadas, participem da tomada de decisões e possam contribuir com sua sensibilidade para a sinodalidade eclesial (cf. DF, n. 101).

48. Na Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia* o Papa Francisco não se refere à questão do diaconato permanente para mulheres. No entanto, apresenta “oficialmente” o Documento Final votado pelos bispos participantes do Sínodo e explica que nestas conclusões “colaboraram muitas pessoas que conhecem melhor [...] a problemática da Amazônia porque são pessoas que nela vivem, por ela sofrem e que a amam apaixonadamente” (n. 3), donde podemos subentender que se pode dar seguimento às propostas ali apresentadas:

- ✓ *Reconhecer os serviços e a real diaconia do grande número de mulheres que hoje dirigem comunidades na Amazônia e procurar consolidá-los com um ministério adequado de mulheres dirigentes de comunidade;*
- ✓ *Reconhecer, promover, fortalecer a participação das mulheres nos conselhos de pastorais de paróquias, dioceses, incluindo instâncias de decisão;*
- ✓ *Reafirmamos a legitimidade da ordenação diaconal de mulheres e solicitamos este ministério para a Igreja na Amazônia.*

2. A FORMAÇÃO DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS NA AMAZÔNIA

a) *A Iniciação à Vida Cristã*

49. É necessário superar uma compreensão fragmentada da formação dos batizados e batizadas na Amazônia, somente a partir da formação permanente ou específica para ministérios, carisma e serviços. É preciso compreendê-la, sim, desde a Iniciação à Vida Cristã.

- ✓ *Investir na formação de discípulos/as missionários/as amazônidas, num processo que compreenda desde a Iniciação à Vida Cristã inculturada até a formação inicial e permanente das lideranças leigas, da vida religiosa consagrada, sobretudo feminina, e dos padres autóctones, daqueles vindos de igrejas irmãs e missionários de fora da Amazônia.*

b) *Formação e articulação do laicato*

50. Reafirmamos a importância da valorização do laicato em sua participação nas assembleias, nos conselhos pastorais em todas os âmbitos eclesiais, assim como nas equipes de coordenação dos diversos serviços pastorais e nos ministérios confiados aos leigos. Reconhecemos a necessidade de investir mais recursos na formação dos cristãos leigos e leigas, nos campos humano, bíblico, teológico, pastoral, espiritual, com ênfase na Doutrina Social da Igreja, e em áreas específicas como a formação para atuação na política e no exercício da cidadania ativa.

Sabemos que os investimentos na formação laical estão abaixo do necessário e infinitamente menores do que o se investe na formação presbiteral e urge um equilíbrio nesses investimentos.

- ✓ *Fortalecer e ampliar os espaços de participação do laicato, tanto na consulta como na tomada de decisões, na vida e na missão da Igreja;*
- ✓ *Investir na formação de leigos missionários, para respondermos às exigências missionárias do momento atual na Amazônia;*
- ✓ *Intensificar o apoio na organização própria do laicato para aprofundar sua identidade, vocação, espiritualidade e missão, por meio do Conselho do Laicato em nível paroquial, diocesano e nacional (cf. DAp, n. 213).*
- ✓ *Formar e incentivar a participação nos Conselhos Paritários e nos processos de construção de políticas públicas.*



c) Formação presbiteral e vida consagrada

51. O ministério presbiteral sempre teve muito apreço e acolhida na vida das comunidades. Muitos dos que exercem este ministério nas Igrejas da Amazônia o fazem de modo simples, pobre e comprometido. É preocupante, no entanto, a emergência de um clericalismo que destoa da identidade de nossas Igrejas, e padres autóctones recém-formados desconectados da caminhada da Igreja na Amazônia, de suas lutas e de seu dinamismo missionário. Preocupa-nos ainda o perfil que vem sendo moldado nos seminários e casas de formação. Urge que a formação seja permeada pelo espírito da sinodalidade.

- ✓ *Rever a estrutura e o conteúdo tanto da formação inicial como da formação permanente dos presbíteros, de modo que adquiram a atitude e capacidades necessárias para dialogar com as culturas amazônicas (cf. QA, n. 90);*
- ✓ *Que os seminários e casas de formação sejam escolas da vida prática de uma Ecologia Integral, fomentando o estilo de vida sóbrio e o cuidado com a Casa Comum;*
- ✓ *Garantir na grade curricular disciplinas de Ecoteologia, Ecologia, Sociedade e Povos da Amazônia, História da Evangelização na Amazônia e o fortalecimento do estudo da Teologia da Criação;*
- ✓ *Socializar experiências alternativas que conciliem o aspecto acadêmico e pastoral.*

d) Vida Consagrada Religiosa

52. Somos agradecidos pela presença significativa da Vida Consagrada em nossa Amazônia. Homens e mulheres da vida monástica e apostólica, que a partir de seus Carismas estão presentes em comunidades onde ninguém quer estar e procuram estar com quem ninguém quer estar (cf. DF, n. 97).

- ✓ *Apoiamos a inserção e a itinerância das consagradas e consagrados junto aos mais pobres, excluídos e marginalizados (cf. DF, n. 98), sinal de uma Vida Consagrada com identidade amazônica, fortalecendo as vocações autóctones.*

e) Institutos de Pastoral

- ✓ *Propomos a reestruturação orgânica, articulada e progressiva dos Institutos de Pastoral já existentes nos Regionais, de modo que possam servir à implantação destas Linhas Pastorais e corresponder aos desafios socioeclesiais de hoje;*
- ✓ *Que se promova intercâmbios desses Institutos de Pastoral e de outras insituições e experiências formativas das arquidioceses, dioceses e prelazias.*

f) A Pastoral da Educação e o Pacto Educativo como caminho de formação

- ✓ *Valorizar o Pacto Educativo Global na Amazônia;*
- ✓ *Retomar processos de educação popular.*

3. A DEFESA DA VIDA DOS POVOS DA AMAZÔNIA

55. É primordial a *demarcação dos territórios indígenas, quilombolas, das populações tradicionais e os assentamentos de trabalhadores rurais sem terra*. Trata-se, em verdade, de *direito alicerce*. Ele sustenta os demais direitos, como saúde, educação, segurança alimentar, cultura, entre outros. Deve-se respeitar também o *direito à consulta prévia, livre e informada*. Ele é o meio pela qual se exerce um verdadeiro *diálogo intercultural*. (Convenção 169/OIT, art. 6º, 1, a).

56. Especial atenção deve ser dada aos *Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato*. Há, na Amazônia, 114 registros da presença desses povos. E a estes “deve-se garantir o respeito à sua autodeterminação e à livre decisão sobre o tipo de relacionamento que eles desejam estabelecer com outros grupos” (DF, n. 50).

57. Reconhecemos os *direitos da natureza*, visão nata dos povos originários, que “desenvolveram um tesouro cultural em conexão com a natureza, com forte sentido comunitário” (QA, n. 36), pois, “a Bíblia não dá lugar a um antropocentrismo despótico, que se desinteressa das outras criaturas” (LS, n. 68).

Propomos:

- ✓ *Continuar assumindo “a opção preferencial pelos povos indígenas, com suas culturas, identidades e histórias” (DF, n. 27), apoiando o trabalho do Conselho Indigenista Missionário e das organizações indígenas da sociedade civil;*
- ✓ *Fomentar uma aliança de defesa dos povos tradicionais que fortaleçam suas lutas, suas economias de sociobiodiversidade, seus territórios e o bem viver coletivo;*
- ✓ *Ser presença junto aos quilombolas, ribeirinhos, pescadores artesanais, seringueiros e demais povos e comunidades tradicionais, para defenderem suas terras, territórios, águas, mediante o fortalecimento da Comissão Pastoral da Terra, do Conselho Pastoral dos Pescadores, da Pastoral dos Afrobrasileira;*
- ✓ *Valorizar e apoiar ações comunitárias e territoriais em torno de práticas sustentáveis na agricultura familiar e do intercâmbio intercultural de saberes e conhecimentos tradicionais.*

58. Acrescentamos aqui a preocupação com as lideranças que vivem sob situações de ameaça, que nem sempre têm a quem se dirigir, ficam acuadas e por vezes são vitimadas:

- ✓ *Apoiar e fortalecer as redes de proteção e autoproteção das lideranças e territórios ameaçados;*
- ✓ *Incidir sobre políticas públicas e programas de proteção aos defensores de direitos humanos e ambientais;*
- ✓ *Fomentar redes de articulação de ações sócio evangelizadoras que agilizem as iniciativas em favor da vida.*

4. O CUIDADO COM A CASA COMUM: MIGRAÇÃO, MINERAÇÃO E MEGAPROJETOS DE INFRAESTRUTURA

59. Não podemos persistir no modelo de desenvolvimento atual, que vem resultando em piora dos indicadores sociais e aumento da violência e de crimes ambientais na Amazônia. Trata-se de um modelo etnocida e ecocida.

60. Propomos um *modelo de desenvolvimento socioambiental*, que promova as economias justas, como a Economia de Francisco e Clara, com igualdade social e equilíbrio ambiental. Para isso, é primordial assegurar o respeito ao direito de *autodeterminação* dos povos e comunidades tradicionais da Amazônia. (cf. Convenção 169/OIT, art. 7º, 1).

61. Portanto, não cabe impor modelos de desenvolvimento sobre as minorias étnicas ou culturais, sob pena de um *neocolonialismo*. “Em qualquer projeto para a Amazônia, é preciso assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas, dando assim provas de compreender que desenvolvimento de um grupo social [...] requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais a partir de sua própria cultura.” (QA, n. 40).

a) Migrantes

62. Os novos contextos migratórios na Amazônia apontam que os caminhos pastorais passam pela articulação em redes com novas modalidades de colaboração entre as Igrejas locais, as Conferências Episcopais, institutos missionários e pastorais, entidades de cooperação fraterna, o diálogo e parceria com as agências nacionais e internacionais dedicadas aos migrantes, sem perder de vista o protagonismo dos migrantes nos diversos processos e modalidades de inserção.

63. Propomos:



- ✓ *Articular um serviço de acolhimento em cada comunidade urbana que permaneça alerta àqueles que chegam de forma imprevista, com necessidades urgentes, e poder oferecer proteção face ao perigo das organizações criminosas;*
- ✓ *Exercer pressão como comunidade eclesial perante os poderes públicos, para que respondam às necessidades e direitos dos migrantes;*
- ✓ *Fomentar a inclusão e integração entre migrantes e comunidades locais, respeitando a própria identidade cultural;*
- ✓ *Articular um trabalho pastoral em rede para o enfrentamento do tráfico humano ligado às migrações.*

b) Mineração e megaprojetos de infraestrutura

64. A mineração, “a construção de hidrelétricas e o projeto de hidrovias têm impacto sobre o rio e sobre os territórios [...] Somos uma região de territórios roubados” (IL, n. 45). A Igreja é chamada a uma relação de cuidado com a casa comum, e diante destas ameaças de destruição se se vê interpelada a:

- ✓ *Denunciar a violação dos direitos humanos e a destruição extrativista;*
- ✓ *Apoiar, assessorar e defender as comunidades atingidas pelo extrativismo minerário e pelos megaprojetos de infraestrutura (ferrovias, hidrovias e hidrelétricas);*
- ✓ *Projetar programas de formação sobre o cuidado da Casa Comum para os agentes pastorais e fiéis, abertos à comunidade inteira em “um esforço de formação das consciências da população” (LS, n. 214).*

5. EVANGELIZAÇÃO DAS JUVENTUDES

65. O Documento Final do Sínodo resgata a diversidade das juventudes amazônicas: indígenas, quilombolas, afrodescendentes, ribeirinhos, extrativistas, migrantes, refugiados, entre outros. Jovens moradores de áreas rurais e urbanas, que diariamente sonham e buscam melhores condições de vida, com o profundo desejo de ter uma vida plena. Jovens estudantes, trabalhadores e com forte presença e participação em diversos espaços sociais e eclesiais. O Documento também chama atenção dos enfrentamentos: pobreza, violência, doença, prostituição infantil, exploração sexual, uso e tráfico de drogas, gravidez precoce, desemprego, depressão, tráfico de pessoas, novas formas de escravidão, tráfico de órgãos, dificuldades de acesso à educação, saúde e assistência social, aumento significativo do suicídio bem como um aumento da população prisional juvenil e de crimes entre e contra os jovens, especialmente afrodescendentes e das periferias (cf. DF, n. 30).

66. Aqui, em particular, a Igreja é chamada a ser uma presença profética entre os jovens, oferecendo-lhes um acompanhamento adequado e uma educação apropriada:

- ✓ *Retomar um caminho de aproximação dos jovens, refazendo por eles uma opção preferencial;*
- ✓ *Promover uma especial atenção ao acompanhamento dos jovens em todos os contextos e em suas diversas expressões: formando líderes, incentivando o protagonismo, estimulando o voluntariado, reforçando a catequese, desafiando os jovens à missionariedade;*
- ✓ *Apoiar e acompanhar a Pastoral da Juventude, cuja história e dinâmica de evangelização dos jovens sempre foi próxima da identidade da Igreja na Amazônia.*

SERVIÇOS:

- CAMINHOS DE PARTILHA

67. A sustentação das ações de evangelização na Amazônia sempre excede a capacidade dos recursos das pobres Igrejas particulares na Amazônia. Muito se fez com a ajuda de benfeitores, e ainda hoje, sem investimentos internos, não conseguimos fazer frente diante das gigantescas ameaças. Já possuímos um mínimo de estruturas que nos permitem um processo de partilha a começar de nós



mesmos:

- ✓ *Articular mecanismos de entreejada a partir das próprias Igrejas da Amazônia;*
- ✓ *Intensificar o projeto de cooperação missionária Igrejas-Irmãs da CNBB;*
- ✓ *Apresentar, por meio de articulações que contemplam as Igrejas da Amazônia (Comissão Episcopal Especial para a Amazônia, REPAM, CEAMA), a proposta da criação do fundo para evangelização na Amazônia, apresentado no Sínodo de 2019.*

- A COMUNICAÇÃO

68. Nesta perspectiva da identidade eclesial, da tarefa evangelizadora da Igreja na Amazônia diante dos apelos que se lhe apresentam, a questão da comunicação é fundamental, não somente como uma questão de uso eficiente dos meios, mas a partir das próprias dinâmicas de relação, na Igreja e desta com a realidade que a cerca.

69. Na Amazônia queremos promover uma cultura comunicativa que favoreça o diálogo, a cultura do encontro e o cuidado da Casa Comum. Para isso:

- ✓ *Motivados por uma ecologia integral, desejamos fortalecer os espaços de comunicação que já existem na região, a fim de promover urgentemente uma conversão ecológica integral (cf. DF, n. 60);*
- ✓ *Investir na formação de agentes de comunicação autóctones, principalmente indígenas;*
- ✓ *Valorizar e melhor formar os agentes da comunicação católica, sobretudo nas redes digitais e nas rádios, em vista de uma evangelização encarnada na Amazônia.*

A Mãe da Amazônia cuida dos pobres

70. Queremos concluir agradecendo a presença materna e intercessora de Maria, Mãe de Jesus, nossa Mãe, Mãe da Amazônia. Por sua intercessão pedimos que este IV Encontro da Igreja Católica na Amazônia venha a produzir muitos frutos, tornando-nos cada vez mais uma Igreja com rosto amazônico, em saída missionária, servidora, solidária, cuidadora da vida e defensora da natureza, nossa casa comum.

A ela nos dirigimos com a súplica do Papa Francisco na *Querida Amazônia* (QA, n. 111):

Mãe da Vida, no vosso seio materno formou-se Jesus,
que é o Senhor de tudo que existe.

Ressuscitado, Ele vos transformou com a sua luz e vos fez Rainha de toda a criação.

Por isso vos pedimos que reíeis, Maria, no coração palpitante da Amazônia.

Mostrei-vos como Mãe de todas as criaturas, na beleza das flores, dos rios,
do grande Rio que a atravessa e de tudo o que vibra em suas florestas.

Pedi a Jesus que derrame todo o seu amor nos homens e mulheres de nossa Querida Amazônia,
para que saibam admirá-la e cuidar dela.

Fazei nascer vosso Filho Jesus nos seus corações,
para que Ele brilhe na Amazônia, nos seus povos e nas suas culturas,
com a luz de sua Palavra, com o conforto do seu amor,
com a sua mensagem de fraternidade e justiça.

Mãe, olhai para os pobres da Amazônia! Amém!

Santarém, 09 de junho de 2022.
Memória de São José de Anchieta



PRELAZIA DE ITACOATIARA-AMAZONAS

Decreto n° 006/2022

Dispõe sobre recebimento de recursos de terceiros.

Considerando a afirmação do Papa Francisco na Querida Amazônia n° 25, de que "não podemos excluir que membros da Igreja tenham feito parte das redes de corrupção, por vezes chegando ao ponto de aceitar manter silêncio em troca de ajudas econômicas para as obras eclesiais":

Considerando a recomendação que o Papa Francisco faz na Querida Amazônia n° 25, de que devemos "prestar uma atenção especial à procedência de doações ou outro tipo de benefícios";

Considerando o que nos exorta o Papa Francisco na Querida Amazônia n° 14, de que "às operações econômicas, nacionais ou internacionais que danificam a Amazônia e não respeitam o direito dos povos nativos do território e sua demarcação, autodeterminação e ao consentimento prévio, há de se chamar com o nome devido: injustiça e crime.

Considerando a denúncia profética do Papa Francisco na Querida Amazônia n° 14, de que "as autoridades deixam caminho livre a madeireiros, a projetos minerários ou petrolíferos e outras atividades que devastam as florestas e contaminam o ambiente;

Considerando o que nos diz a Palavra de Deus por meio da carta de Paulo aos Romanos 13, 13: "Andemos honestamente como em pleno dia" e o que nos ensina o Profeta Isaías 33, 15 de que precisamos caminhar na justiça, falar a verdade, recusar a lucrar com o roubo, não aceitar suborno:

DECRETAMOS, por tempo indeterminado, que nas Paróquias, Comunidades, Pastorais, Organismos, Grupos e Movimentos da Prelazia de Itacoatiara, não receberemos recursos financeiros, em moeda ou outros bens, de políticos, de madeiras, de empresas de mineração, de exploração de petróleo e gás, que contribuem para o desmatamento e a expulsão de suas terras dos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e pequenos agricultores.

Determinamos que os Padres Párocos, Vigários e Administrador de nossas treze (13) Paróquias entreguem uma cópia deste Decreto aos Coordenadores e Coordenadoras de Comunidades, Pastorais, Organismos, Grupos e Movimentos e postem nas redes sociais da paróquia.

Itacoatiara, 05 de maio de 2022

Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira, SDV – Bispo

Fonte: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/geral/6027-decreto-da-prelazia-de-itacoatiara-orienta-o-nao-recebimento-de-recursos-de-empresas-que-desmatam-e-expulsam-os-povos-dos-seus-territorios>.





BANQUETAÇO POR UMA AMAZÔNIA SEM FOME

Guia Orientativo para
comunidades e dioceses



Que tal reunir sua comunidade, sua família, a vizinhança ou sua organização e organizar um banquetaço para celebrar o Dia da Amazônia?

A Amazônia tem fome de quê?

Respeito das culturas, demarcação das terras indígenas, agroecologia, reflorestamento, políticas públicas para escoamento dos produtos agrícolas...

Por uma Amazônia com comida no prato, vamos juntos realizar um banquetaço?!

O que é o Banquetaço por uma Amazônia Sem Fome? É uma mobilização para mostrar quantos alimentos saudáveis são produzidos pelas comunidades da floresta e das cidades amazônicas. Frutos da terra e do trabalho ofertados como sinal do compromisso por uma Amazônia sem agrotóxicos, com justiça socioambiental e alimentos saudáveis para todas as pessoas.

Veja as sugestões deste Guia Orientativo e celebre o Dia da Amazônia, no dia 05 de setembro de 2023.



1. **Faça uma convocatória para o seu coletivo** para que juntos possam organizar um banquetaço público na semana em que se celebra o Dia da Amazônia, entre os dias 03 e 10 de setembro.
2. Na reunião, é importante **apresentar a Campanha Amazônia Sem Fome**, realizada pela REPAM Brasil. Vocês podem acessar as informações da campanha no site da REPAM-Brasil.
3. Outro passo necessário é **escolher o local onde será realizado o banquetaço**. Fiquem atentos para as questões como visibilidade, acesso fácil, estrutura básica, se é necessário informar alguma autoridade antecipadamente.
4. **O Banquetaço pode ser realizado também durante uma ação que já esteja sendo programada por seu coletivo naquele período**. Por exemplo, nesse período, próximo o Dia da Amazônia, acontecerá em muitas dioceses da Amazônia o Grito dos/as Excluídos/as.
5. **Preparem uma grande mesa para acolher os alimentos** que serão postos nela. Ornamentem esta mesa com elementos de nossa natureza amazônica, com tecidos coloridos. A criatividade é de vocês!
6. No ambiente do banquetaço, **ornamentem também com instrumentos** da lida do trabalho no campo, da pesca, do plantio e da colheita.
7. Para esta ocasião, vocês podem **convidar as associações e demais coletivos que trabalham a questão da segurança alimentar e nutricional**, em suas diversas expressões, o tema da agroecologia na Amazônia. Muitos são os aliados que podem somar para garantir uma alimentação limpa de agrotóxicos e de modo sustentável.
8. Com as juventudes, pode-se **preparar um espaço para oficinas de cartazes uma hora antes do banquetaço**. Os cartazes poderão fazer parte da ornamentação.
9. Antes da partilha, vocês **podem fazer uma oração bem bonita de ação de graças pelos bens que estão à mesa** e que representam a luta de muitas mulheres e muitos homens por comida no prato, com dignidade e sem veneno.
10. E por que não uma **apresentação cultural** enquanto o povo faz a partilha do banquetaço?

Se você e seu coletivo ficaram animados para realizar este banquetaço na primeira semana de setembro, vejam quantas ideias possíveis e quantas outras poderão surgir por meio da troca de saberes entre vocês.

BANQUETAÇO POR UMA
AMAZÔNIA SEM FOME

Vão organizar o banquetaço?

Não esqueçam de fazer o registro com fotos e escrever para a equipe de comunicação da REPAM-Brasil, informando a data, o local e compartilhando as fotos. A memória de nossos passos comunitários são como raízes das árvores que crescem: são resistência e esperança.



Igreja que se fez carne, alarga sua tenda na Amazônia: Memória e Esperança.

O Verbo se fez carne e habitou entre nós. E nós vimos a sua glória...” (Jo 1,14)

1. Reunidos em Manaus, de 19 a 22 de agosto de 2024, nós, bispos, presbíteros, religiosos e religiosas, cristãos leigos e leigas, representando os regionais da CNBB que compõem a Amazônia Brasileira, na dinâmica sinodal que marca a história de nossas Igrejas Locais, nos encontramos pela quinta vez como Igreja Católica na Amazônia Legal para reafirmarmos a caminhada que nossos antecessores começaram de modo colegial e, hoje, somos nós que prosseguimos como peregrinos da esperança. Este encontro, articulado pela Comissão Episcopal Especial para a Amazônia (CEA) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), contou com a presença do Secretário Geral da CNBB e a participação de irmãos e irmãs da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) e da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA).
2. A memória da caminhada sinodal da Igreja na Amazônia nos iluminou e nos impulsionou. Sem esta perene consciência do agir de Deus, que nos precede, e da atuação dos primeiros evangelizadores, perderíamos a capacidade de uma fé histórica, encarnada, e do comprometimento profético diante dos desafios de hoje. Desde 1972, em Santarém, os pastores de nossas Igrejas nos convidaram a *uma conversão ao Verbo Encarnado que exigiu da Igreja um total entrosamento com a realidade, um armar a sua tenda. Este armar a tenda manifestou-se como um irrenunciável anúncio central da boa nova: anunciar aos povos o Evangelho de Jesus Cristo e de seu Reino como fonte de sentido e de libertação. Anúncio do núcleo do querigma: Jesus Cristo morto e ressuscitado, “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6) para todo homem e mulher. Mas também, armou sua tenda no meio do povo de tal modo que apareceu um rosto eclesial bem amazônico.* (cf. Santarém, 2022, n. 5-6).
3. Nesses dias, na docilidade ao Espírito que sempre fala às Igrejas, principalmente pelos empobrecidos, nos deixamos interpelar pelos apelos que emergem da difícil realidade em que vivem os nossos povos, marcada por alegrias e esperanças. Essa escuta que nos educa cada vez mais a viver o caminho sinodal, se fez também pela acolhida dos avanços e desafios trazidos pelas Igrejas locais em seus processos evangelizadores, enriquecida pela ressonância dos participantes nas sessões de trabalho.
4. O Encontro dos 50 anos de Santarém, em 2022, acolheu de modo criativo e programático as indicações do Sínodo da Amazônia, onde os sonhos do Papa Francisco foram assumidos por meio de linhas prioritárias para os nossos dias. Essas mesmas linhas foram, agora, retomadas como caminhos de encarnação na realidade e evangelização libertadora. *Notadamente, estas duas grandes diretrizes apontadas em Santarém (1972) são de uma atualidade incontestável, e aqui foram reassumidas com o maior compromisso e profundidade que os tempos de hoje exigem* (cf. Santarém, 2022, n.4)

Caminhos de Evangelização

5. Compromissos assumidos no V Encontro da Igreja Católica na Amazônia - 2024.
 - **Caminhos da formação**
 - a. Criar uma Comissão Inter-regional para acompanhamento da formação presbiteral.
 - b. Articular Encontro de Formadores das Casas de Formação da Amazônia.
 - c. Continuar o diálogo entre as Faculdades Católicas e Institutos de Formação Presbiteral.
 - d. Promover o intercâmbio entre Escolas e Experiências de Formação do Laicato.
 - e. Assumir o Nortão de Catequese (IVC) em Castanhal, em 2025.

- **Caminhos da ministerialidade**
 - a. *Instituir Ministérios de Lideranças eclesiais.*
 - b. *Elaborar Instrumento de Reflexão sobre a Ministerialidade para a Amazônia.*
- **Caminhos de participação das mulheres**
 - a. *Aprofundar a reflexão sobre o Ministério do Diaconato às Mulheres.*
 - b. *Conferir Ministérios de Leitorato, Acolitatos e Catequistas às mulheres.*
 - c. *Garantir a participação das mulheres em instâncias de decisão e nas equipes de formação presbiteral.*
- **Caminhos do cuidado com a casa comum**
 - a. *Criar a Pastoral da Ecologia Integral.*
 - b. *Assumir as propostas da Comissão da COP 30 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025).*
 - c. *Celebrar o Jubileu da Terra durante a COP 30.*
 - d. *Instituir o Ministério do Cuidado da Casa Comum.*
- **Caminhos da coresponsabilidade e sustentabilidade**
 - a. *Criar o Comitê de Captação de Recursos.*
 - b. *Fomentar a partilha entre Igrejas Locais.*
 - c. *Retomar a ajuda da Caridade do Papa.*
 - d. *Favorecer a Formação para a gestão eclesial.*
- **Caminhos da caridade e profecia**
 - a. *Criar a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos, Justiça e Paz.*
 - b. *Favorecer a formação de agentes para participação nos Conselhos Paritários.*
 - c. *Apoiar os povos indígenas nas lutas pelos seus territórios e culturas.*
 - d. *Acolher, Promover, acompanhar e integrar os Migrantes.*

6. Sentimos a necessidade de ferramentas que nos permitam um acompanhamento sistemático de nossa ação evangelizadora por meio de planejamento participado, estratégias de atuação e avaliação de processos. Meios que nos ajudem a bem ler os sinais dos tempos, que nos abram a novos horizontes e que nos permitam identificar a presença do Reino: “O Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,21).

O que o Espírito está dizendo às Igrejas

7. O Espírito está nos dizendo que não podemos mais pensar apenas em novos temas a serem tratados pela Igreja, mas, sim, num novo jeito de ser Igreja, em pequenas comunidades inseridas no chão da Amazônia, que evangelizam pelo testemunho, pelo serviço e pelo anúncio do Evangelho.
8. O Espírito nos pede para desencadearmos processos, mais do que multiplicar eventos, repensando com urgência a transmissão da fé às novas gerações, de modo a acolher, ouvir, acompanhar e discernir.
9. O Espírito nos conduz a um pastoreio de maior abertura. A Amazônia não precisa de pastores indiferentes ao seu povo, que andam longe do rebanho, indiferentes às suas dores e aos seus sofrimentos, mas homens e mulheres sensíveis e comprometidos capazes de dar a vida até o fim.
10. O Espírito sustenta nossa identidade de Igreja que está junto do povo e luta com o povo por seus direitos. Ele exige de nós coragem para que não nos deixemos intimidar e não compactuemos com o sistema opressor, que só visa o lucro e o bem-estar individual.

11. O Espírito nos leva a uma adesão livre e madura de fé para o discipulado missionário que encarna na vida e nos valores do Evangelho.
12. O Espírito continua animando a vida das comunidades por meio de mulheres fortes, generosas, missionárias, exercendo a diaconia na animação e coordenação dessas comunidades. Sentimos o forte apelo para que a ministerialidade que é exercida de fato tenha reconhecimento oficial.
13. O Espírito nos abre à necessidade de inculturação litúrgica para os povos da Amazônia. Uma forma de celebrar a fé, acolhendo a riqueza das diferentes culturas presentes em nosso território, nos compromete na construção do Rito Amazônico como forma de reconhecimento dessa diversidade.
14. O Espírito que paira sobre as águas e que sopra onde quer nos envolve na grande rede de cuidado com a Casa Comum, na defesa da vida dos povos e, sobretudo, dos pobres da terra e das águas, dos migrantes, os mais atingidos com as mudanças climáticas. Somos interpelados a uma resposta corajosa e profética por ocasião da COP 30, lançando um grito em favor da terra e dos povos.
15. O Espírito que falou primeiro aos nossos antepassados, avós e avós dos nossos povos originários, lança seus gemidos pela vida e territórios ameaçados diante da falácia do marco temporal e nos une como irmãos e irmãs, habitantes desta grande Amazônia, para resistir e denunciar essa realidade de morte: “Vós sois todos irmãos e irmãs”! (cf Mt 23,8)

A esperança não confunde (Rm,5,5)

16. De esperança em esperança, nossos povos caminham. A eles, nos somamos!
17. “Podem roubar-nos tudo, menos a esperança” (D. Pedro Casaldáliga). Nesta hora da história, o nosso coração às vezes se angustia por causa de tantas dificuldades que nos desafiam, aparentemente insuperáveis. No entanto, continuamos a ser chamados e enviados como missionários e profetas para alimentar a esperança, como âncora firme e segura de um mundo novo inaugurado por Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado. Em nome d’Ele, clamamos uma trégua que permita o chão da Amazônia descansar: basta de tanta agressão à terra, aos povos, à natureza!
18. A esperança nos impulsiona a alargar a nossa tenda e os nossos horizontes. As interpelações que brotam incessantemente desse chão amazônico nos colocam em comunhão com a realidade de toda terra. Nossa disponibilidade de resposta aos desafios locais nos faz dispostos, também, aos desafios que ecoam nos lugares mais distantes: da Igreja Local aos confins do mundo!
19. Ao concluirmos esse encontro, na memória de Nossa Senhora Rainha, somos iluminados pela força do Evangelho que gera em nós a alegria do chamado e nos fortalece para assumir respostas ousadas e sem medo. Rogamos à Maria, Nossa Senhora Rainha da Amazônia, peregrina da esperança, que nos acompanhe nesse caminhar em favor da vida na Amazônia, na esperança da aurora da ‘terra sem males’ e na certeza do “Reino da verdade e da vida, Reino da santidade e da graça, Reino da justiça, do amor e da paz.” (Prefácio Nosso Senhor Jesus Cristo, rei do Universo).

Manaus, 22 de agosto de 2024
Memória da Virgem Maria Rainha

Participantes do V Encontro da Igreja Católica na Amazônia Legal





repambrasil@repam.org.br



repambrasil



RepamBr



repambrasil



REPAMBrasil

ISBN: 978-65-988024-1-7



9 786598 802417